



## Universidades Lusíada

Belo, Albertina Marques Pires, 1947-

### **As Ordens Terceiras de São Francisco na Zona da Mata : implantação da Província Franciscana de Santo António do Brasil ao longo dos séculos XVII e XVIII**

<http://hdl.handle.net/11067/621>

#### **Metadados**

|                           |   |
|---------------------------|---|
| <b>Data de Publicação</b> | 2013-12-04  |
| <b>Resumo</b>             | Os espaços ocupados ou construídos pelas Ordens Terceiras de São Francisco nos conventos da antiga Província Franciscanos de Santo António do Brasil, entre os finais dos séculos XVI e XVIII. Inventariação e análise dos programas construtivos e das soluções tomadas. Padrões de construção e articulação com os cenóbios. Singularidades, persistências, continuidades construtivas dos modelos adoptados. Cotejo das fábricas edificadas na zona da Mata Nordestina e no Reino. O conjunto de soluções de tr... |
| <b>Palavras Chave</b>     | Ordem Franciscana Secular (Brasil) - História, Arquitectura franciscana - Brasil - Século 17, Arquitectura franciscana - Brasil - Século 18   |
| <b>Tipo</b>               | doctoralThesis  |
| <b>Revisão de Pares</b>   | Não   |
| <b>Coleções</b>           | [ULL-FCHS] Teses  |

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-06-20T17:26:00Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Doutoramento em História

Área Científica de História da Arte

**As Ordens Terceiras de São Francisco na Zona da  
Mata: implantação da Província Franciscana de Santo  
António do Brasil ao longo dos séculos XVII e XVIII**

**V. 2**

**Realizado por:**

Albertina Marques Pires Belo

**Orientado por:**

Prof. Doutor Luís Manuel Aguiar de Morais Teixeira

**Constituição do Júri:**

|                     |  |
|---------------------|--|
| Presidente:         | Prof. Doutor Eng. Diamantino Freitas Gomes Durão   |
| Orientador e Vogal: | Prof. Doutor Luís Manuel Aguiar de Morais Teixeira |
| Arguente e Vogal:   | Prof. Doutor Nuno de Carvalho Conde Senos          |
| Vogal:              | Prof. Doutor Rafael de Faria Domingues Moreira     |
| Vogal:              | Prof. Doutor Carlos César Lima da Silva Motta      |
| Vogal:              | Prof. Doutor Horácio Manuel Pereira Bonifácio      |

Tese aprovada em: 2 de Dezembro de 2013

Lisboa

2011



**UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA**

**AS ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO  
NA ZONA DA MATA**

**Implantação da Província Franciscana de Santo António do Brasil  
ao longo dos séculos XVII e XVIII**

**Volume II**

**Anexos 1, 2, 3**

**Albertina Marques Pires Belo**

**Dissertação para obtenção do grau de Doutor em História : alínea de  
História da Arte**

**Lisboa  
2011**

**UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA**

**AS ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO  
NA ZONA DA MATA**

Implantação da Província Franciscana de Santo António do Brasil  
ao longo dos séculos XVII e XVIII

Volume II

Anexos 1, 2, 3

Albertina Marques Pires Belo

**Dissertação para obtenção do grau de Doutor em História : alínea de  
História da Arte**

**Orientador: Professor Doutor Luís Manuel Aguiar de Morais Teixeira**

Lisboa  
2011

## **Anexo 1**

### **Os Conventos Franciscanos da Zona da Mata**

## 1. Convento de São Francisco da Baía

### 1.2 A chegada dos frades menores a terras de Vera Cruz

O assento de três ordens religiosas, beneditinos e carmelitas para além dos franciscanos, em terras de Vera Cruz, na oitava década do século XVI, veio alargar a presença exclusiva dos inacianos que tinham chegado à capitania da Baía em 1549<sup>1</sup>.

Quando da divisão da colónia brasileira em capitanias, no ano de 1534, a existência de alguns religiosos franciscanos na Baía tinha já sido assinalada<sup>2</sup>. Segundo alguns cronistas da Ordem, um frade menor que teria construído algures uma capela em honra de São Francisco percorreria, em 1549, o território da Baía na doutrinação de índios tupinambás<sup>3</sup>. No entanto, só após a saída do Decreto de 13 de Março de 1584, conseguiram os franciscanos estabelecerem-se ali a título definitivo; este documento permitiu ao Ministro Geral da Ordem Franciscana instituir a Custódia de Santo António do Brasil, conferiu ao Superior Frei Melchior de Santa Catarina autorização e licença para fundar conventos onde lhe aprouvesse e receber noviços para a Ordem. Nos nove anos passados à frente da Custódia brasileira, este Superior conseguiu fundar cinco

---

<sup>1</sup> Precedidos pelos beneditinos e carmelitas, os frades menores instalaram-se em 1585, na cidade de São Salvador, então sede do governo-geral do Brasil.

<sup>2</sup> Constan sacramentos administrados em 1534 pelo franciscano Frei Diogo de Borba (f. 1555?), às duas filhas naturais de Diogo Álvares Correia, em uma passagem pela Baía (cf. Frei Venâncio WILLEKE, Prefácio e Notas. *Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Baía, 1587-1862*. Rio de Janeiro : Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, 1978, [prefácio]) antes de se retirar para Lisboa a caminho da Índia para onde partiria em 1539 na companhia de Martim Afonso de Souza, antigo Capitão da capitania de São Vicente.

<sup>3</sup> Frei ODULFO in *Revista Santo António*, Baía, 1942, p. 18; J. do Carmo BARATA. *História Eclesiástica de Pernambuco*. Recife : Imprensa Industrial, 1922, p. 11; José de Anchieta (1534-1597) afirmou que no ano de 1583, se teria dado sítio e casa a uns dois frades de São Francisco que tinham sido enviados pelo rei; todavia, nada se conseguiu apurar de verídico a esse respeito (cf. ANCHIETA, SJ, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1933, p. 314).

conventos<sup>4</sup>, de entre os quais, o da Baía, no ano de 1587, ainda fora dos muros da cidade<sup>5</sup>. Os primeiros franciscanos instalaram-se em casinhas anexas a uma capela muito humilde dedicada a São Francisco<sup>6</sup>, no local onde hoje funciona a portaria do convento franciscano. As construções definitivas para acolher a comunidade religiosa que assentou arraiais em Salvador, só se iniciariam passados quatro anos<sup>7</sup>.

### 1.3 As instalações conventuais

#### 1.3.1 Surgimento

O chamado “conjunto arquitectónico do Pelourinho” situado no centro histórico de Salvador congrega um grupo de templos<sup>8</sup>, do qual se destaca o conjunto franciscano, Igreja e Convento de São Francisco<sup>9</sup> [figs. 832, 833]. Anteriormente, existiu uma

---

<sup>4</sup> Para além do Convento da Baía, fundou, em 1585, o Convento de Nossa Senhora das Neves em Olinda, em 1588, o Convento de Santo António em Igaracú, em 1589, o Convento de Santo António na Paraíba, em 1591, o Convento de São Francisco em Vitória.

<sup>5</sup> Cf. WILLEKE. *Op. cit.*, 1978, Prefácio.

<sup>6</sup> As instalações foram doadas pela Câmara como consta da escritura feita em 8 de Abril de 1587 e coube ao Bispo D. António Barreiros (1575-1600) indemnizar com 200 cruzados o proprietário das ditas casinhas (cf. Frei Basílio RÖWER, OFM. *A Ordem Franciscana no Brasil*, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1947, p. 55; ainda WILLEKE. *Op. cit.*, 1978, [Introdução, p. 3]).

<sup>7</sup> No tempo em que frei António da Ilha (1587-1590) foi primeiro Superior na Baía coube-lhe reunir o material necessário à construção do convento, enquanto ao seu sucessor Frei Francisco dos Santos (1591-94) coube a tarefa de levantar a planta e dirigir as obras de edificação, de 1590 a 1596, nos dois últimos anos, já sob a guardiania de Frei António de Insoa (de acordo com Pedro SINZIG, OFM. “Maravilhas da Religião e da Arte na Igreja e no Convento de São Francisco da Baía”, in *RIHGB*, n.º 165, Rio de Janeiro, 1934, separata de 1933, p. 12); os trabalhos prosseguiram nas guardianias que foram sucedendo, havendo indicação da instalação de uma enfermaria conventual durante a administração de Frei Vicente de Salvador (1612-14); entre 1621 e 1624, com direcção de Frei Bernardino de São Tiago foi ampliada a igreja (cf. Frei Venâncio WILLEKE, OFM. “Os Livros dos Guardiães”, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 306, Janeiro-Março, 1975. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1976, p. 11 e 12, ref. ao *Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Baía (LGB)*, Salvador, 1943, separata da RIGH-BA n.º 69, p. 4).

<sup>8</sup> A Praça 15 de Novembro, conhecida como Terreiro de Jesus, mostra ainda, a Catedral Basílica (antiga igreja dos jesuítas), construída no século XVII, a Igreja de São Pedro dos Clérigos e a Igreja da Ordem Terceira de São Domingos, construídas no século XVIII.

<sup>9</sup> Existe um projecto de trabalho que foi o vencedor do Prémio Clarival do Prado Valladares, do início do ano de 2007, para investigação a ser levada a cabo sobre a igreja e o convento de São Francisco da Baía, desenvolvido por uma equipe de pesquisadores coordenados por Maria Helena Ochi Flexor, professora emérita da Universidade Federal da Baía (UFBA), e por Frei Hugo Fragoso, doutor pelo Pontifício Ateneo Antoniano, de Roma, Itália. A organização responsável pela pesquisa de todo o Brasil é a Organização Odebrecht. Os premiados recebem apoio financeiro para viabilizar um ano de trabalhos no Brasil, Portugal e nos arquivos do Vaticano, além da edição de um livro. O projecto tem como objectivo pesquisar a história dos franciscanos na Baía, levantar o histórico das obras de arquitectura e de artes agregadas implantadas em Salvador e associar o histórico do edifício do convento à actuação dos Irmãos Terceiros de São Francisco.

edificação de grande precariedade construtiva que teria sido concebida pelo traço do mestre arquiteto Frei Francisco dos Santos<sup>10</sup>, e ficaria em grande ruína com as incursões de holandeses em 1624, como noticia Jaboatão<sup>11</sup>; em 1686, sob a administração de Frei Vicente das Chagas, deu-se início à reconstrução do novo complexo<sup>12</sup>.

Ainda com trabalhos a decorrer, o Convento da Baía, subiu a sede do Provincialado no ano de 1689. Quatro anos mais tarde, com as galerias do convento em obras, os frades receberam novos terrenos para alargamento do seu espaço [doc. 9], o que permitiria, em 1708, o avanço para a edificação da nova igreja que seguiu a traça de Francisco Pinheiro<sup>13</sup> [figs. 81 e 82]. O templo foi consagrado em 3 de Outubro de 1713<sup>14</sup> e dado por concluído apenas em 1723<sup>15</sup>, tendo, contudo, decorrido obras até 1782, a cargo e sob orientação de várias guardianias<sup>16</sup>.

---

<sup>10</sup> Frei Francisco dos Santos chegou à Custódia do Brasil no ano de 1607, tendo sido o primeiro prelado de Olinda e companheiro do Padre custódio Frei Melchior, tendo ainda sido escolhido para dirigir as primeiras casas fundadas na Custódia brasileira; depois de quatro anos passados em Olinda, foi com o primeiro guardião da Paraíba, Frei António de Campo Mayor, fazer a planta daquela casa, em Junho de 1590; voltou a Olinda e passou para a Baía, como segundo Guardiã, até 1596; tornando para Olinda ainda como Guardiã até 1598, voltaria pela segunda vez para a Baía com o mesmo cargo, até 1603. Na sua época não se assistiu a mais fundações, mas nas casas que já existiam, as obras executadas seguindo a sua traça iam progredindo (cf. Fr. António de Santa Maria JABOATÃO, 1695-1763?, OFM. *Novo Orbe Seráfico Brasílico, ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro : Typografia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, Rua do Sabão n.º 114, 1856-61, 2 vols. (edição original do primeiro tomo. Lisboa, 1761), pt. 1.ª, § 206, p. 228).

<sup>11</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.ª, vol. I, Digressão V, p. 231. O convento foi ocupado pelos invasores, foi abandonado pelos religiosos que cederam à pressão dos ocupantes (cf. Frei Basílio RÖWER, OFM. *Op. cit.*, 1947, p. 56) havendo a indicação específica da destruição, dos retábulos dourados que, ao tempo, já tinham sido colocados no templo. Da vida do convento decorrida durante a ocupação estrangeira, entre 1624-1625, não ocorrem informações no respectivo Livro dos Guardiães (cf. WILLEKE, OFM, 1975. *Op. cit.*, p.12, ref. *LGB, cit.*, 1943, p. 5).

<sup>12</sup> As obras de construção acabariam por sofrer atraso, pois os anos que mediarão 1669 e 1683, foram conturbados para a Província independente de Santo António, criada em 1657, envolvida em constantes distúrbios que a Santa Sé tentou sanar por mais que uma vez, como é referido por WILLEKE. *Op. cit.*, 1975, p. 12 e 13, referindo o *LGB*, 1943, *cit.*, p. 7 e 8. Há ainda referência a acrescentos levados a cabo no convento e na igreja no ano de 1697 (cf. SINZIG. *Op. cit.*, 1934, p. 287).

<sup>13</sup> Cf. VALLADARES. *Op. cit.*, p. 216. Coube ao Arcebispo Metropolitano da Província, D. Sebastião Monteiro da Vide, na presença do então Guardiã Fr. Vicente da Chagas, presidir às cerimónias religiosas do lançamento da primeira pedra da edificação da nova igreja (cf. WILLEKE. *LGB cit.*, 1978, p. 15).

<sup>14</sup> Consagração que teve lugar durante a presidência de Frei Hilário da Visitação, 1710-1714, e durante cerca de 150 anos assistiu-se a acabamentos e restauros da igreja, segundo informação colhida por WILLEKE. *Op. cit.*, 1975, p. 14.

<sup>15</sup> Podemos considerar a primeira construção decorrida entre as datas de 1587 e 1686. Apenas, então, teve início a segunda construção, na forma ampliada chegada até nós. A fachada existente hoje é do ano de 1723. A transferência da sede do governo provincial, abrangendo o Nordeste, da Paraíba à Baía, para as instalações do convento, no ano de 1691, acrescentar-lhe-ia importância (cf. [Em linha]. [Consult. em 20-06-2007]. Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_041.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_041.html) 20).

<sup>16</sup> Acerca das obras realizadas depois da invasão dos holandeses, leia-se SINZIG. *Op. cit.*, 1934, p. 12 e sgs. Outros trabalhos de construção foram depois realizados, já no século XVIII e XIX e início do XX, tanto na igreja como no convento, sobre as quais não nos deteremos, pois podem ser conhecidas com



O cruzeiro que lhe fica fronteiro [fig. 81] pertence ao conjunto arquitectónico franciscano, assim como as edificações da Ordem Terceira de São Francisco<sup>17</sup> [figs. 36, 37], construídas em paredes-meias com edifício da Ordem Primeira, à sua esquerda, que abordaremos adiante. Este complexo converteu-se num dos mais grandiosos conjuntos arquitectónicos de Salvador, como tem sido assinalado pelos autores.

### 1.3.2 *O convento : morfologia*

A mole conventual articula volumes paralelepípedicos, tanto no corpo principal, como nos que a ele se adossam [figs. 832-833]. Construído no flanco de um monte, localizado na Praça Anchieta, no chamado Terreiro de Jesus [fig. 81], o Convento desenvolveu-se em torno de um claustro de planta quadrangular, ocupado em um dos lados pela igreja, pela sacristia que aparece no seu prolongamento e, nos outros três lados, por celas [fig. 833], o que, aliás, era usual nas construções franciscanas, como se observará ao longo deste estudo. A morfologia arquitectónica do convento começou por ser muito simples, traduzindo-se numa edificação modesta, que se foi desenvolvendo aos poucos. A primitiva igreja daria lugar a uma construção de grande porte, cuja aparência imponente [fig. 82] impressionou os críticos<sup>18</sup>.

### 1.3.3 *A Igreja*

Pertencendo a um edifício cuja monumentalidade é frequentemente sublinhada, ainda assim, a igreja não deixa de ostentar uma fachada de grande severidade de traço<sup>19</sup>

---

bastante pormenor em o SINZIG. *Op. cit.*, 1934, p. 31 e sgs.; a partir de 1939, os trabalhos de reparação, reconstrução e adaptação foram já da responsabilidade do Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Assistiu-se ainda, em 1966, à adaptação de uma das alas do convento à funcionalidade de uma Faculdade de Teologia que aí foi criada (*vide* Maria Elisa CARRAZZONI. *Guia dos bens tombados*. Rio de Janeiro : Expressão e Cultura, 1980, p. 109).

<sup>17</sup> VALLADARES. *Op. cit.*, p. 50. O edifício localiza-se na Praça Anchieta, é propriedade da Primeira Ordem de São Francisco de Assis da Baía; é um monumento tombado incluindo todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN constante no Livro de Belas Artes, fls. 14, processo n.º 0089-T, com inscrição n.º 78, de 25 de Maio de 1936, referente ao Processo Administrativo n.º 13/85/SPHAN; tem culto religioso e é sede da Irmandade. Actualmente tem culto religioso e englobou a Faculdade de Teologia (cf. CARRAZZONI. *Op. cit.*, 1980, p. 95).

<sup>18</sup> Como intitulou Robert C. Smith referindo-se às grandiosas construções religiosas do 2.º período estilístico, dos três a que subordinou as construções católicas da metrópole brasileira do período colonial, que englobavam as construções de 1655 a cerca de 1760 (cf. Robert C. SMITH. “Arquitectura Religiosa Colonial do Brasil”, *in Revista de História*, vol. XXX, ano XVI, n.º 61, Janeiro-Março, p. 3, 4, São Paulo, 1965).

<sup>19</sup> Para uma maior compreensão da modelação desta fachada e das outras dos conventos em apreço, leia-se a tese de doutoramento de Nuno Senos (SENOS. *Op. cit.*, 2006). Este autor faz uma abordagem

[fig. 82]; nomeadamente, se comparada com o fausto do seu interior tornado esplendoroso pela riqueza de adornos em madeira, folheados a ouro e pinturas de tecto, num conjunto de grande diversidade [figs. 84-87], própria das artes do barroco e do rococó, tantas vezes utilizadas a par, no século XVIII<sup>20</sup>; e, por tudo isto, a igreja do convento franciscano de Salvador é considerada, pelos historiadores da Arte que a observaram e fizeram incidir sobre ela alguns estudos, para além de monumental, uma das esplendorosas *igrejas de ouro* da época colonial existentes no Brasil<sup>21</sup>, afirmações que também subscrevemos.

Do conjunto conventual, destaca-se o frontispício da igreja desenvolvido de modo esbelto, com a verticalidade que duas torres sineiras de quatro pisos imprimem – em grande envergadura – rematadas por cobertura em coruchéu piramidal azulejado<sup>22</sup>; as torres flanqueiam uma fachada de dois pisos onde assenta um alto frontão de grandes proporções e artifício, nos seus orelhões de volutas de curvas e contracurvas; esta frente articula-se com sobreposição de espaços e organização em esquadria que duas ordens de pilastras sobrepostas, rematadas por cornijas lhe conferem [fig. 82]. No corpo da igreja, no piso térreo, abrem-se três portadas dispostas à maneira clássica dos arcos de triunfo romanos<sup>23</sup>; a iluminação interior é estabelecida através dos vãos de janelas altas rasgadas ao nível do coro; também as torres ostentam aberturas em cada um dos pisos, sendo portas de acesso, as do nível térreo. O frontão ostenta um nicho com imagem e pedra de armas.

---

inovadora aos frontispícios das igrejas franciscanas, onde baseia a sua evolução em guerras políticas, seguindo uma linha de racionalização que nos parece plausível (cf. neste anexo, Vol. I, Cap. II, ponto 3.2.2.1, nota 134) e que preenche as lacunas deixadas por Bazin, como salienta (SENOS. *Op. cit.*, 2006, p. 51 a 53).

<sup>20</sup> A grandiosidade do plano e a falta de financiamento levariam a interrupções várias, que seriam sempre ultrapassados pelo surgimento de novos mecenas ou reforço de dádivas, segundo nos informa VALLADARES. *Op. cit.*, p. 50.

<sup>21</sup> “Igreja de Ouro”, assim chamada devido à profusão da sua talha dourada, onde ressaltam mais de uma centena de figuras de anjos alados, uma grande variedade de elementos da fauna e da flora brasileiras, folhas de acanto, pelicanos, flores, e figuras mitológicas, sereias, atlantes, tudo recoberto a folha de ouro, reproduzindo de um modo profuso a simbologia configurada no barroco português. Para uma noção mais detalhada da plástica do convento e igreja, veja-se, SINZIG. *Op. cit.*, 1934, p. 41-185.

<sup>22</sup> Para esclarecimento sobre a azulejaria deste complexo franciscano, consulte-se J. M. dos Santos SIMÕES. *Azulejaria Portuguesa no Brasil : 1500-1822*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1965, p. 125 a 143.

<sup>23</sup> Feição que remete para os tratados italianos de arquitectura de Palladio, Serlio e outros, e que lembra, ainda que executadas em escalas diferenciadas, trabalhos lusos anteriores executados nas cabeceiras das igrejas dos colégios jesuítas, de São Roque (1553), de Évora (1567), de Angra do Heroísmo (1570) e da Catedral da Baía – antiga igreja do colégio Jesuíta de Salvador (séc. XVII), como podemos constatar no nosso estudo sobre a arquitectura jesuítica (cf. Albertina BELO. *A Arquitectura do Colégio jesuíta de Olinda dos séculos XVI e XVII*. Lisboa : Edições Universidade Lusíada, 2000, p. 105, 113, 114).

O interior do templo revela uma planta rectangular, onde se insere uma nave central ampla, na continuidade da qual foi construída a capela-mor alongada com tribunas laterais [figs. 84-86]; a nave central conjuga-se com as duas laterais onde se rasgam capelas profundas detentoras de arcos triunfais, intercomunicantes<sup>24</sup> [figs. 85, 86], num espaço mais rebaixado que o central, o que, aliás, a prévia leitura da fachada por um observador atento deixa perceber de antemão<sup>25</sup>. Ressaltamos neste, tal como seremos levados a avultar em outros exemplares congéneres, um interior com profusão de riquíssima talha cinzelada a folha de ouro a recobrir todo o espaço, paredes, altares, colunas e arcos e, ainda, a riqueza dos trabalhos de jacarandá negro [figs. 86, 87], de que destacamos a grande balaustrada do cruzeiro, para além dos balaústres dos varandins, em fantasiosas formas de grande sinuosidade; na capela-mor, separada do corpo da nave por um arco triunfal<sup>26</sup>, verifica-se a existência de um altar barroco com um Cristo em marfim, evidenciando-se, nas paredes laterais, quadros com cenas da vida de São Francisco que conferem sacralidade franciscana ao ambiente; no corpo da nave, distinguem-se dois púlpitos fronteiros, talhados e folheados a ouro, exibindo simbologia litúrgica, com folhas de videira, pássaros e frutos; mostram, ainda, esculturas do santeiro baiano Manuel Inácio da Costa (1763-1857)<sup>27</sup>; as abóbadas que cobrem a capela-mor e a nave mostram forros com pinturas ilusionistas, numa ornamentação que deslumbra, dentro de caixotões apainelados, em almofadas com rebordo fortemente relevado, articulando-se de forma muito complexa, de que destacamos o revestimento da nave com talha geométrica, onde se alternam octógonos, quadrados, e estrelas de oito pontas, interligados, imprimindo a este interior sacro, fantasia, brilho e cor, em policromia festiva [fig. 84]; o muro do portal é cortado por um coro-alto sobrejacente às arcadas laterais da igreja.

---

<sup>24</sup> O que a distingue das construções franciscanas do Nordeste, de nave única. Os arcos de um dos lados teriam sido executados ainda na guardiania de Frei Vicente das Chagas, entre 1708 e 1710 (cf. WILLEKE. *Op. cit.*, 1975, p. 14).

<sup>25</sup> Esta disposição parece seguir o padrão da monumental Igreja do Antigo Colégio de Jesuítas da Baía, hoje Catedral-Basilica, construída anteriormente, entre 1657 e 1672, como refere Robert C. SMITH, 1965. *Op. cit.*, p. 4. A propósito, tivemos oportunidade de verificar, em pesquisa efectuada anteriormente, que apesar das Constituições Jesuíticas não terem contemplado qualquer forma, estilo ou método para as suas futuras construções, foram as Congregações de 1558 e de 1565 que determinaram um conceito de arquitectura conveniente ao seu projecto evangélico, limitando-se, todavia, a normas gerais (cf. BELO. *A Arquitectura do Colégio jesuíta de Olinda dos séculos XVI e XVII.*, 2 volumes, (policopiado), vol. I, p. 103).

<sup>26</sup> Durante a guardiania de Frei Gomes de São Damião, 1627-1628, procedeu-se à construção de um arco e uma abóbada que Willeke apontou como os existentes hoje na capela-mor (cf. WILLEKE. *Op. cit.* 1975, p. 14, referindo o *LGB, cit.*, 1943, p. 6).

<sup>27</sup> De que ressaltamos a bela imagem esculpida de São Pedro de Alcântara.

Por de trás da capela-mor abre-se um átrio-corredor, a chamada via-sacra que outrora deu passagem para a área da Ordem Terceira [fig. 91] e liga-se hoje com o presbitério e com o claustro, servindo de antessala à igreja e à sacristia [fig. 833]; ali ressaltam as paredes com painéis azulejares, historiados com passagens bíblicas [figs. 90, 91] e o tecto com uma pintura representativa de um Cristo Ressuscitado.

#### 1.3.4 A Sacristia

A sacristia, de grandes dimensões e com igual interesse artístico, mostra decoração faustosa, destacando-se tanto os panos murários como o tecto, mais, a imaginária esculpida, a talha dourada, o entalho de mármore de um sumptuoso lavabo de espaldar com frontão [figs. 93, 94], e de madeira de jacarandá preto [figs. 92, 93]; do mobiliário, sobressai um sumptuoso arcaz, obra do irmão “torneiro” frei Luís de Jesus<sup>28</sup> [fig. 92] e, ainda, número alargado de painéis pintados a óleo sobre a vida de santos [fig. 92], a maioria, sobre a do Patriarca São Francisco de Assis<sup>29</sup>.

#### 1.3.5 Os corpos conventuais

Os corpos conventuais organizados em dois pisos<sup>30</sup> desenvolvem-se em galerias de arcaria clássica, sobrepostas em torno de um pátio interno, formando um claustro, com um dos lados adossado ao templo [figs. 87, 88]; as paredes claustrais encontram-se decoradas com notável revestimento azulejar, figurativo, historiado, em azul e branco, de fabrico português, de meados do século XVIII, obra apontada a Bartolomeu Antunes de Jesus, que reproduz o nascimento e vida de São Francisco<sup>31</sup> [fig. 89], que anima e prodigaliza brilho luminoso à atmosfera sacra.

De entre as dependências do convento, assinala-se ainda a portaria [fig. 86] que remonta a meados do século XVIII, construída no tempo do guardião Frei Manuel de

<sup>28</sup> Frei Luís de Jesus foi também o autor das grades da igreja e do cadeiral do coro (cf. WILLEKE. *Op. cit.*, 1975, p. 14).

<sup>29</sup> Particularmente, para um conhecimento da importância artística deste espaço sagrado e da via-sacra, leia-se a descrição de Pedro Simzig (SINZIG. *Op. cit.*, 1934, Separata de 1933, p. 105 a 164).

<sup>30</sup> Os dois pisos teriam sido levantados durante o ano de 1689, durante a guardiania de Frei Tomás da Apresentação (cf. WILLEKE. *Op. cit.*, 1975, ref. em LGB, 1943, *cit.*, p. 11).

<sup>31</sup> O pátio do convento foi o último espaço do convento a ser decorado e transformado em verdadeiro claustro conventual, tendo-se dado primazia às construções da igreja e cómodos de necessidade imediata ao funcionamento desta casa franciscana (cf. SINZIG. *Op. cit.*, 1934, p. 168 a 177).

Santa Maria (act. 1749-52), tendo sido terminada durante a guardiania seguinte de Frei Francisco Frigueiros (act. 1752-55), com características artísticas de grande mérito<sup>32</sup>.

A capela do Capítulo surge numa das galerias do claustro como uma “jóia de particular valor” nas palavras empolgadas daquele cronista franciscano<sup>33</sup>, com as quais não podemos deixar de concordar.

Abriram-se ainda outras pendências para o cabal funcionamento do convento, das quais destacamos a biblioteca<sup>34</sup>, indispensável numa casa de formação que foi este convento durante séculos e que se converteria em sede de estudos especializados – particularmente estudos teológicos e filosóficos<sup>35</sup> –, espaço que recebeu igualmente decoração e ornamentação de mérito, em talha e pintura; converter-se-ia em mais um dos recanto sacros do complexo, com a inserção de um espaço de oração com altar. Igualmente o longo refeitório foi alvo de preocupação artística com ornamentação azulejar.

O cemitério interno é obra da segunda metade do século XVIII, situa-se na ala em ângulo recto com o refeitório; nas suas paredes jazem os restos mortais de grande número de religiosos<sup>36</sup>, sendo mais um espaço a que os frades atenderam aos aspectos artísticos.

Referenciamos ainda a construção entre os anos de 1705 e 1707 de uma nova enfermaria<sup>37</sup> e o cárcere, instalados no piso térreo<sup>38</sup>.

---

<sup>32</sup> Características que podem ser apreendidas com a leitura do artigo de Pedro Sinzig (*Idem. Ibidem*, p. 165 a 168) que nos tem vindo a servir de referência ao longo deste capítulo.

<sup>33</sup> *Idem. Ibidem*, p. 223 a 280.

<sup>34</sup> É construída no ponto mais elevado do convento, tendo em vista o arejamento indispensável à conservação de livros e documentos.

<sup>35</sup> Decorrendo da ocupação holandesa em Pernambuco, no ano de 1630, e da impossibilidade de aí continuarem a decorrer cursos de formação de religiosos, Frei Vicente de Salvador instalaria os cursos de filosofia e de teologia no convento de São Francisco da Baía, com a abertura nele do Colégio de São Boaventura construído no tempo de Fr. João da Assunção de Lisboa (1633-1635) (*vide*, a propósito, WILLEKE. *Op. cit.*, 1975, p. 12, referenciando o *LGB, cit.*, 1943, p. 6, n.º 21; ainda, *Idem, LGB*, Introdução, p. 7). Após o governo Imperial decretar o fecho de noviciados em 1855, seguiu-se o declínio paulatino da vida religiosa no Brasil, tendo-se assistido à entrada do último frade no noviciado do Convento de São Francisco de Salvador, Frei Custódio de Santana, no ano de 1845. Foi o início da ruína do convento, que seria interrompida com a entrada dos Franciscanos alemães, já no século XX, para restauro da vida franciscana no Nordeste, a partir da Baía (cf. Frei Hugo FRAGOSO, OFM [Em linha]. *Biblioteca do Convento de São Francisco – Baía*, [Consult. em 20-06-2007]. Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_041.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_041.html)).

<sup>36</sup> Cf. SINZIG. *Op. cit.*, 1934, p. 281 a 285.

<sup>37</sup> A antiga sacristia tinha sido mandada fazer entre 1612 e 1614 no tempo da segunda Custódia de Fr. António da Estrela (1612-1614). A nova enfermaria ficou concluída na guardiania de Fr. António de Santo António Bexiga (1705-1707) (cf. WILLEKE, *LGB cit.*, 1978, p. 6 e 14).

<sup>38</sup> Cf. WILLEKE. *Op. cit.*, 1975, p. 14, ref. *LGB, cit.*, 1945, p. 12s.

## 2. Convento de Santo António de João Pessoa da Paraíba

### 2.1 Os frades franciscanos na Paraíba

Os frades menores foram autorizados a fixarem-se na sede da capitania, na então Felipeia de Nossa Senhora das Neves<sup>39</sup>, onde acabariam por erguer um convento (cf. neste capítulo, ponto 2.3) ainda em finais do século XVI. Essa casa converteu-se em centro nevrálgico da actuação franciscana ao norte de Pernambuco, auferindo boas contribuições dos residentes enriquecidos com o açúcar que se plantava e comerciava na zona<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Os religiosos franciscanos foram parte importante no processo de conquista de território pelos colonos e instalação da Capitania da Paraíba. O Cardeal Alberto – Arquiduque da Áustria e sobrinho de Filipe II de Espanha – governava nessa época o Reino de Portugal, demonstrando interesse na catequese dos Potiguaras da Paraíba. Este facto facilitou na decisão favorável à solicitação do então governador da capitania da Paraíba, Tortuoso Barbosa, para que nela fosse fundado um convento franciscano. Em fins de 1588 ou início de 1589, o primeiro custódio do Convento de Olinda, Frei Melchior de Santa Catarina, fora pessoalmente à recém formada cidade Felipeia de Nossa Senhora das Neves, a fim de estudar a viabilidade da fundação de um convento, por força de insistentes apelos da Câmara e do povo da Capitania (cf. Wilson P. S. ROCHA, Dir. *Quatro Séculos de Arte Sacra* – “A Igreja de São Francisco, O Convento de Santo António e a Capela da Ordem Terceira”, p. 82). Durante a permanência holandesa a cidade tomaria o nome de Frederickstädt, em homenagem ao príncipe de Nassau, Frederico de Orange. A presença franciscana revelou-se importante na pacificação dos indígenas, pela acção catequética eficiente levada a cabo, dirigida, especificamente a eles, trabalho partilhado com os jesuítas; de início, assentaram arraiais em diversos aldeamentos do litoral e do sertão, disputando espaços e influência com aqueles e com beneditinos.

<sup>40</sup> A cidade nasceu junto às margens do rio, mas desenvolveu-se rapidamente pelas colinas tomando a direcção do mar, tendo por base de sustentação e enriquecimento a cultura e o comércio do açúcar. No século XVIII a Paraíba era já um centro açucareiro de grande prestígio.

## 2.2 O convento : fundação e construção

Fundado em 1589<sup>41</sup>, o convento franciscano da Paraíba não tardaria a emergir numa elevação, com vista sobre a margem direita do rio, não muito distante da sua foz<sup>42</sup>.

As obras de construção tiveram início no ano seguinte, com traça de Frei Francisco dos Santos<sup>43</sup> e supervisão do Guardiã, depois de Frei Melchior de Santa Catarina, então Custódio da Província no Brasil, ter considerado previamente as condições do terreno oferecido, aceitáveis. A supervisão da construção foi entregue ao Guardiã frei António de Campo Maior pelos dois anos que aí desempenhou a sua guardiania<sup>44</sup>.

O convento foi erguido inicialmente em taipa, mas com amplitude suficiente para abarcar além da igreja, doze celas e um claustro. A primeira edificação foi considerada finalizada, nas suas partes essenciais, em 1591; mas, logo no último lustre do século XVI, os frades por força de desentendimentos havidos com o Governador à época, Feliciano Coelho de Carvalho (act. 1592-1600), tinham abandonado estas instalações<sup>45</sup>. No entanto, durante a guardiania de Frei Francisco dos Santos (entre 1602 e 1606) houve mais construções que ficariam concluídas em 1608.

---

<sup>41</sup> De acordo com o Cartório da Província de Santo António de Portugal (cf. Frei Apolinário da CONCEIÇÃO, 1692-1755, OFM. António Isidoro da FONSECA, fl. 1728-1760? impr. *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas : expoem-se sua origem, e estado presente. A dos seus conventos, e mosteiros, annos de suas Fundações, numero de Hospicios, Prefecturas, Recolhimentos, Parroquiaes, e Missoens, dos quaes se dá individual noticia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas, Terceiros, e Terceiras, que vivem Collegiadamente, tanto em Portugal, como em Suas Conquistas...* Lisboa Occidental : na Off. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740, p. 77; ainda, Wilson ROCHA. *Op. cit.*, p. 82); Jaboatão dá a sua fundação no ano de 1590 (cf. JABOATÃO, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. I, § 188, p. 199).

<sup>42</sup> Actualmente, acede-se ao convento pela Praça/Largo de São Francisco s/n.º, Cidade Alta.

<sup>43</sup> Frei Francisco dos Santos teria ido de Portugal para a colónia em companhia de Frei António de Campo Maior que viria a ser o primeiro guardião da Paraíba (*vide*, ROCHA. *Op. cit.*, p. 82). Aquele religioso, foi considerado pelos cronistas como arquitecto, tendo-lhe sido dada a autoria não só da traça do convento da Paraíba como ainda de outras casas da Ordem na região Nordeste. Depois de quatro anos passados em Olinda, foram ambos, em Junho de 1590, à Paraíba para traçar a planta do novo convento, tornando o Guardiã para Olinda; indo pela segunda vez para a Baía como Guardiã, até 1603, foi então mandado como Guardiã para Paraíba, cargo que exerceu até 1606, sendo juntamente Comissário dos Conventos Pernambucanos, por ausência de Frei Braz de São Jerónimo.

<sup>44</sup> Cf. “Livro dos Guardiães do Convento de Santo António da Paraíba” in *Revista do Património Histórico e Artístico Nacional*, n.º 16, 1968, p. 254.

<sup>45</sup> Cf. ROCHA, *Op. cit.*, p. 82; acrescenta ainda este autor que “Essa época ficou marcada por desentendimentos com jesuítas e com missionários franciscanos, por razões de competência de ordem temporal, representado pelo Governador, sobre os indígenas. O conflito com o Governador teve o seu auge em 1596, tendo terminado em 1600.” (*Idem. Ibidem*, p. 83).

A ocupação holandesa entre 1634 e 1651 provocou, também nesta capitania, interrupções nas construções de espaços religiosos e estragos físicos nos já construído<sup>46</sup>. No ano de 1636, devido à boa localização estratégica, no alto de uma colina frente ao porto, dominando a planície, o convento foi escolhido para residência e quartel-general do invasor, à semelhança do que sucedera em Olinda, com o Colégio jesuítico<sup>47</sup>, forçando a retirada dos religiosos. Após a expulsão do invasor, os frades iniciaram obras de restauro e de substituição das antigas fachadas de taipa por outras em alvenaria de pedra calcária<sup>48</sup>; o convento com a sua igreja foi, então, ampliado. Estes trabalhos que começaram pelo ano de 1655, sob a guardiania de Frei Manuel dos Mártires<sup>49</sup>, deram uma feição sumptuosa ao complexo franciscano.

### 2.2.1 O convento : morfologia

Também na Paraíba, o complexo franciscano cresceu em blocos, com obras que se arrastaram por dois séculos até tomada da forma definitiva<sup>50</sup> [fig. 830]; os trabalhos partiram da construção da igreja conventual, e das primitivas celas do convento desenvolvidas ao longo da sua ilharga direita, determinando um dos lados da quadra do claustro.

<sup>46</sup> A primeira tentativa de invasão dos holandeses deu-se em 1631, mas a defesa da Paraíba conseguiu repelir o invasor, numa luta de defesa, com os franciscanos presentes a darem apoio aos soldados. A segunda invasão foi em 1634, com o domínio do Forte de Santa Catarina, que antes havia resistido. Os holandeses permaneceram de 1634 a 1655.

<sup>47</sup> A propósito, cf. BELO. *Op. cit.*, 2000, p. 43.

<sup>48</sup> Durante a invasão, os frades continuaram ainda por algum tempo, as obras. Convertido em quartel-general, e numa primeira fase de ocupação, os holandeses construíram uma trincheira em redor dos edifícios conventuais e colocaram uma bateria estrategicamente frente à igreja; depois cercaram-no por muralhas com revelins nas quatro faces (*vide*, a este propósito, Adriaen van der DUSSEN, *in Relatório*, referenciado por BURITY, *Op. cit.*, p. 15). As obras de ampliação e melhoramento do conjunto franciscano foram, tal como aconteceu em outros locais, feitas de acordo com as vicissitudes históricas, levando em conta os problemas económicos provocados pelos altos e baixos do comércio do açúcar, pelas insurreições índias – a que as investidas francesas não eram alheias –, pela já conhecida invasão holandesa e, ainda, pelas próprias intrigas religiosas.

<sup>49</sup> Cf. “Livro dos Guardiães do Convento de Santo António da Paraíba” *in Revista do Património Histórico e Artístico Nacional*, n.º 16, 1968, p. 254.

<sup>50</sup> Para um conhecimento pormenorizado deste espaço franciscano leia-se principalmente José Luís Mota Menezes, “O Convento Franciscano de Santo António (João Pessoa-Pb)”, *in Revista Universitas*, publicação do Núcleo de Publicações do Centro editorial e Didáctico da Universidade Federal da Baía, n.º 17, Baía, 1977; o artigo “Conjunto do Convento de São Francisco, uma História do Século XVI”, *in Jornal do Commercio*. Recife, 05-0-1779; ainda, Glauce Maria Navarro BURITY, *A Presença dos Franciscanos na Paraíba através do Convento de Santo António*. Rio de Janeiro : Edição de Lincon Martins, 1988.



Os trabalhos realizados, no início do século XVIII, deram a feição barroca que hoje apresenta a igreja conventual<sup>51</sup> [figs. 1-3], bem como o espaço então criado pela Ordem Terceira, constituído por capelas e sacristia [fig. 831], além dos arranjos decorativos dos exteriores, nomeadamente, do adro [figs. 2-4] e do claustro [fig. 16] construído entre 1720 e 1730<sup>52</sup>, do lado da Epístola da igreja conventual; o claustro dá acesso, entre outras divisões, ao refeitório e à casa do Capítulo, e a um mirante [fig. 830] localizado na extremidade da ala principal, a confinar com as celas.

A porta direita do frontispício da igreja dá entrada para o claustro do convento, através de uma Portaria [figs. 2 e 5] de configuração simples.

O claustro está organizado em pátio com cisterna ao centro, envolto por quatro galerias, cujas paredes se encontram revestidas com painéis de azulejos de padrão policromo de grande repetição<sup>53</sup>; as celas exíguas e sóbrias abrem-se para ele; as arcadas de pedra são formadas por arcos assentes em colunas toscanas, que sustentam o piso superior também com o mesmo tipo de suporte [fig. 16-17]; os dois pisos articulam-se por escadaria de pedra calcária, onde ressalta a pedra de arranque do corrimão, com carranca esculpida [fig. 18].

Completa o conjunto, um amplo adro que se estende frente à igreja, em plano inclinado, de planta trapezoidal, ladrilhado, que se desenvolve entre dois paredões encimados por um ondulado talhado na pedra<sup>54</sup> [figs. 1-2]; teve início no século XVI e remodelação no seguinte; avultam nele seis nichos, colocados simetricamente em ambos os lados, revestidos de painéis azulejares de padrão azul e branco, representando os passos da Paixão de Cristo, exibindo sobre os nichos, cartelas com corações com as “cinco chagas de Cristo”<sup>55</sup> [fig. 3]; no topo dos arranques dos muros poisam dois leões

<sup>51</sup> Com o trabalho decorativo de talha dourada recobrimo altares e paredes, com a pintura de tectos em *trompe l'oeil* e com a aposição de painéis de azulejos figurativos, numa decoração, que no seu conjunto, pelas características patenteadas, se constituiu síntese da cultura luso-brasileira de então.

<sup>52</sup> “Convento de Santo António, de João Pessoa – Paraíba” Documentos do Arquivo de Obras do IPHAM do Recife - PCM 155 – 16 de Maio de 1984.

<sup>53</sup> Cf. J. M. dos Santos SIMÕES. *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1965, p. 212.

<sup>54</sup> Os “ESSES” referidos por Frei Venâncio WILLEKE. *Op. cit.*, 1966, p. 195.

<sup>55</sup> Os muros teriam sido construídos no ano de 1788, pois, não só e essa a data aposta em medalhão no próprio muro, como há referência a ela no referido “Livro dos Guardiães do Convento de Santo António da Paraíba”, *cit.*, p 195, havendo ainda referência à colocação dos azulejos nos muros. A esse respeito, cf. SIMÕES. *Op. cit.*, 1965, p. 211, onde o autor apresenta a sua análise sobre o seu revestimento integral a azulejaria.

de Fó (Fu ou Foo)<sup>56</sup> de pedra e, sobre eles, ornatos também de pedra, com dois mascarões, combinação simbólica da guarda do complexo<sup>57</sup> [fig. 4]; destaca-se na praça fronteira ao frontispício da igreja<sup>58</sup> um imponente cruzeiro pétreo, em pedra calcária, o Cruzeiro de São Francisco, armado com cruz monolítica sobre pedestal, animado por figuras esculpidas de pelicanos<sup>59</sup> e águias bicéfalas ao redor<sup>60</sup>, encimados por um bloco em forma de livro onde se inscreveram as iniciais INRI<sup>61</sup> [fig. 1].

À imagem da maioria dos complexos conventuais franciscanos, no da Paraíba, existe uma cerca, cujo muro envolvente teria sido elevado entre os anos de 1613 e 1614<sup>62</sup>, que resguarda o pomar e uma mancha de verdura tropical delimitada, igualmente pelo rio. A cerca integrou, ainda, um palmar<sup>63</sup> e a indispensável horta para fornecimento da casa<sup>64</sup>.

<sup>56</sup> São leões guardiães de pedra de origem chinesa (o que mostra a chegada à colônia do conhecimento da arte oriental e o interesse nela).

<sup>57</sup> Sobre a decoração de todo o adro com seus muros plenos de decoração simbólica, leia-se Glauce BURITY, *Op. cit.*, 1988, p. 72 e 73 e Germain BAZIN. *L'architecture religieuse baroque au Brésil*. S. Paulo : Museu de Arte ; Paris : Plon, imp., 1956-1958, 1.º vol. "Étude historique et morphologique", p. 126 e 127.

<sup>58</sup> A partir do início do século XVIII (entre 1702 e 1703, durante a guardiana de Frei Hilário da Visitação), deu-se início a uma construção de decoração barroca que viria a mostrar-se de grande esplendor artístico, especialmente no interior dos espaços sagrados (cf. ROCHA, *Op. cit.*, p. 83). O regionalismo está presente na figuração de frutas tropicais, o exotismo na decoração indo-chinesa, síntese do tradicionalismo do barroco europeu, como bem observou Burity, remetendo para os trabalhos de outros historiadores que trataram de modo profundo o barroco brasileiro nordestino, como José Luís Mota Menezes, Rubens Franca, J. Santos Simões entre outros (BURITY. *Op. cit.*, 1988, p.14).

<sup>59</sup> Sobre a representação e a possível simbologia destes elementos há Opiniões discordantes que foram abordadas por BURITY. *Op. cit.*, p.71 e 72, ref. Humberto Carneiro da Cunha NÓBREGA. *Arte Colonial da Paraíba - Igreja e Convento de Santo Antônio de João Pessoa*. João Pessoa : Editora: UFPB, 1974, p. 102).

<sup>60</sup> A propósito, Frei Venâncio Willeke (WILLEKE. *Op. cit.*, 1966, p. 201 e 202) noticia que, na guardiana de Frei Antônio de Santa Ana (1840-41), entre outras obras, foi feita uma águia de pedra para o cruzeiro por se ter quebrado a outra. Pensamos que têm por simbologia a união entre as duas igrejas cristãs, a do Ocidente e do Oriente, cada uma com o seu dirigente.

<sup>61</sup> Letreiro com as iniciais de "Jesus Nazareus Rex Judeorum". Sobre a aparência deste cruzeiro temos o esclarecimento dado por Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. II, vol. II, cap. X, p. 362, § 362.

<sup>62</sup> O levantamento do muro decorreu durante a guardiana de Frei Cosme de São Damião (JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. II, vol. I, cap. XXII, p. 145, § 107; ainda, WILLEKE. *Op. cit.*, 1966, p. 177, nota 7).

<sup>63</sup> Ref. WILLEKE, *Op. cit.*, 1966, p. 203.

<sup>64</sup> *Idem. Ibidem*, p. 198.

### 2.3 A igreja dos frades

O orago do templo foi Santo António<sup>65</sup>, apesar de ter ficado conhecida por igreja de São Francisco<sup>66</sup>. A torre, datada de 1783<sup>67</sup>, é coroada por um coruchéu bulboso; aparece em plano recuado em relação à igreja, alinhada com a parede interior da galilé, do seu lado esquerdo; impõe-se pela sua verticalidade, dividida em três secções; é revestida de azulejos brancos, com janelas de arco-pleno, enquadrada por cunhais de pedra coroados por pináculos bulbosos de arestas, que enquadram uma imponente cobertura formada por sobreposição de coruchéus também bulbosos, revestidos a faiança azulejar em azul e branco, em composição enxaquetada, de finais do século XVIII<sup>68</sup> [fig. 2].

O frontispício é de construção simétrica e dividido horizontalmente em três secções; a inferior corresponde à fachada da galilé, com cinco arcadas de arcos plenos assentes em forte pilastras; os três do meio correspondem ao corpo da igreja; o da direita dá passagem para a Portaria do Convento e, o da esquerda, para as instalações da Ordem Terceira [fig. 2]; portadas de folhas de madeira torneada dão acesso à galilé [fig. 6]; nesta, a fachada recuada revestiu-se de cantaria de arenito com baixos-relevos de formas geométricas, em estilização de frutos e folhagem tropicais; dos três portais, o central é o mais imponente com portada de madeira de jacarandá, muito trabalhada [fig.

<sup>65</sup> Verificámos que, por diversas ocasiões, foi pedido por vários guardiães de conventos praça de diversas patentes para Santo António, para que fosse estabelecida uma tença pelo governo, a ser entregue ao convento consagrado a esse santo, com *imagem patente*; assim, patente de Tenente para a imagem do convento da Paraíba (cf. AHU\_ACL\_CU\_015, Rolo 83, doc. 5402), e a de Capitão para a do convento de Olinda (cf. AHU\_ACL\_CU\_015, Rolo 93, doc. 5977).

<sup>66</sup> No entanto, em João Pessoa, desde há muito, é denominado como “de São Francisco”. Possivelmente, isso teria acontecido devido ao facto de as cenas alusivas aos milagres de Santo António terem sido encobertas por tinta azul numa reforma que substituiu o velho altar-mor barroco muito danificado por xilófagos, por outro, de carácter neoclássico, na primeira década do século XX; o “equivocado só foi corrigido na restauração do prédio pelo IPHAN, concluída em 1989. Em 1935, o Cónego Florentino Barbosa ainda se referia à Igreja como “de Santo António” e citava com pesar a reforma do altar-mor e a pintura sobre as imagens do forro, em artigo publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano” [Carla Mary S. OLIVEIRA (Historiadora, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba). *Arte Colonial e Mestiçagens no Brasil Setecentista: Irmandades, Artífices, Anonimato e Modelos Europeus nas Capitânicas de Minas e do Norte do Estado do Brasil*, p. 5, 2006 [Em linha]. [Consult. em 29-03-2009]. Disponível em [http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/V\\_mesticagens\\_2010.pdf](http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/V_mesticagens_2010.pdf)].

<sup>67</sup> “Convento de Santo António, de João Pessoa – Paraíba” Documentos do Arquivo de Obras do IPHAM do Recife - PCM 155 – 16-05-1984.

<sup>68</sup> A construção da torre teria sido iniciada na guardiania de Frei Manuel de Santa Clara (1780-83) e terminada durante a presidência *in capite* de Frei João de Santa Maria (1783) que durou até 18 de Fevereiro do ano seguinte (cf. WILLEKE, *Op. cit.*, 1966, p. 193 e 194). Cf. SIMÕES. *Op. cit.* 1965, p. 212, para conhecimento da tipologia dos azulejos aí colocados.

5]; no segundo piso, rasgam-se as três janelas do coro, de verga levemente arqueada, com guarda-corpo de balaustrada de cantaria talhada; a ornamentação da pedra estende-se às tabelas emolduradas por cunhais e cornijas; na terceira secção, ladeando os cunhais externos, existem volutas com ornamentos de contorcidos, datados de 1779; coroa o frontispício, acima da segunda cornija ondulante, um frontão barroco com ornatos de cantaria no centro, com simbologia franciscana na figura de dois braços que se cruzam e nas volutas sinuosas, sendo tudo rematado por cruz<sup>69</sup> [fig. 2]. Na galilé há, ainda, destaque para o silhar de azulejos que guarnece a parede central a as dos corpos laterais, com policromia azul-forte, amarelo e verde, em cercadura de acantos, trabalho do século XVII, para além dos azulejos figurativos que se encontram nos nichos abertos nos topos laterais, provavelmente da mesma época<sup>70</sup>.

O templo tem planta longitudinal, com nave única que se articula com a capela-mor mais estreita por arco cruzeiro<sup>71</sup>; na parede fundeira da capela-mor rasga-se um arco cego onde se insere um altar policromo de finais do século XVIII, com um nicho para imaginária, ornamentado com pinturas florais<sup>72</sup> [fig. 830]; na nave, do lado do Evangelho, o muro é rasgado para dar lugar à capela dos Terceiros que se abre na perpendicular, e a uma capela exígua, a Capela de São Benedito<sup>73</sup>, com acesso pelo templo conventual e pelo dos Terceiros; do mesmo lado, tem um púlpito; o forro em madeira tem 40 m de extensão, recoberto com pintura a óleo, em *quadratura* [fig. 10], da temática franciscana; o vestíbulo no sub-coro apresenta também a cobertura com o mesmo tipo de pintura figurativa; o coro exhibe um guarda-corpo de madeira em treliça, mostrando ao meio uma moldura entalhada dourada com um Cristo crucificado com resplendor [fig. 9], e um cadeiral de pesada madeira entalhada, muito ornamental<sup>74</sup>. Este

<sup>69</sup> Germain Bazin considerou este frontispício uma das mais belas composições arquitectónica da América Latina (cf. BAZIN. *Op. cit.*, 1.º vol, p. 152).

<sup>70</sup> Santos Simões diz não ter encontrado em Portugal padrão semelhante ao que encontrou na galilé (cf. SIMÕES. *Op. cit.* 1965, p. 211).

<sup>71</sup> Do espaço que foi ocupado pelo altar-mor, só resta a pintura do tecto.

<sup>72</sup> Há algumas referências à construção e desta capela in JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.ª, vol. II, p. 387.

<sup>73</sup> A capela foi pertença da irmandade de São Beneditino, instalada para os escravos do convento de Santo António, com compromisso aprovado, em 1866, actualmente desactivada. Fora criada para receber leigos escravos que pretendiam seguir vida secular religiosa. Com grande repercussão em toda a colónia, ficavam na dependência religiosa dos conventos que os incitavam à fundação destas ordens que ficavam a receber orientação dos frades (cf. Tânia de SANTANA. [Em linha]. “O Culto a Santos Católicos e a Escravidão Africana na Bahia Colonial : Catholic Saints Cult and African Slavery in Colonial Bahia, in Karina K. Bellotti e Mairon Escorsi Valério, Org. *Revista Aulas, Dossier Religião*, n.º 4, Abril 2007/Julho 2007 [Consult. em 09-05-2009]. Disponível em [http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4\\_24.pdf](http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_24.pdf).

<sup>74</sup> O cadeiral, onde é possível detectar influências da arte indígena [asserção ref. também em Arquivo Noronha Santos. *Livro do Tombo de Belas Artes. Convento e Igreja de Santo António e Casa de Oração e claustro da Ordem Terceira de São Francisco* (João Pessoa-Pb)]. In *Idem. Ibidem* há a referência ao

interior ostenta decoração com ornamentação exuberante, dada pelo entalhamento da madeira revestida a folha de ouro, de altares, de colunas torsas e, igualmente dada pela azulejaria dos silhares do corpo da igreja<sup>75</sup> [figs. 7-11]; este guarnecimento é composto por 18 painéis, trabalho português, figurativo de passagens bíblicas<sup>76</sup>; nas pinturas ilusionistas dos diversos forros [fig. 9].

## 2.4 A sacristia

Por de trás da parede fundeira da capela-mor da igreja dos frades abre-se a sacristia (construída entre 1751 e 1752<sup>77</sup>), com comunicação directa entre os dois espaços; ressalta nela um altar retabular decorado com sanefas de talha dourada; o tecto é de madeira, com pintura que continua o estilo usado na nave.

---

cadeiral ter sido considerado pela UNESCO como único no mundo, sem indicação da data dessa apreciação. Foi durante a guardiania de Frei Joaquim da Purificação (1793-1795) que houve encomendas para o levantamento das tribunas e a abertura dos óculos da igreja, como se pode constatar *in* WILLEKE. *Op. cit.*, 1966, p. 196, onde ainda são relatados os trabalhos de decoração do presbitério, da via-sacra, da sacristia, entre outros espaços.

<sup>75</sup> Em 1908, foram destruídos e substituídos, o altar-mor e o arco que haviam sido armados em talha de madeira de lavor rico.

<sup>76</sup> Santos Simões apresenta também análise sobre o conjunto azulejar desta igreja (Cf. SIMÕES. *Op. cit.* 1965, p. 211, 212). Este azulejamento teria sido levado a cabo na guardiania de “Frei do Espírito Santo” [*sic*] entre 1792 e 1793 (cf. WILLEKE. *Op. cit.*, 1966, p. 196).

<sup>77</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XI, p. 371, § 318.

### 3. Convento de Santa Maria dos Anjos do Penedo

#### 3.1 A chegada dos frades menores ao Penedo

Um pequeno grupo de franciscanos, presidido por Frei Luiz da Visitação<sup>78</sup>, vindo de Pernambuco, desembarcou no dia 19 de Março de 1659, iniciando a construção de um recolhimento. Passado pouco mais de um ano, em 3 de Agosto de 1660, a Câmara Municipal doou terreno para a construção conventual definitiva<sup>79</sup>.

No dia 4 de Outubro de 1682, data da festa de São Francisco, foi lançada a primeira pedra<sup>80</sup> da nova casa franciscana, composta por Convento e Igreja Nossa Senhora dos Anjos<sup>81</sup>, construção que se prolongou pelos séculos XVII e XVIII<sup>82</sup>. Em 2

---

<sup>78</sup> Natural da cidade de Lisboa, foi prelado no convento de Penedo, tendo ido em 1665, já doente para o de Olinda onde veio a falecer (JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XXXV, p. 419, § 428)

<sup>79</sup> O cronista Fr. Apolinário da Conceição informa a data de 1660 como a da sua fundação.

<sup>80</sup> BAZIN. *Op. cit.*, 1.<sup>o</sup> vol., p. 116.

<sup>81</sup> Nossa Senhora dos Anjos (ou Santa Maria dos Anjos) é um dos muitos títulos de devoções à Virgem Maria. Esta constituiu-se na Santa de Devoção de São Francisco de Assis junto de São Miguel Arcanjo, sendo tomada como protectora da Ordem Franciscana. Em Assis existe a Basílica de Santa Maria dos Anjos, que abriga no seu interior a capela da Porciúncula, local onde o Santo de Assis se teria organizado em Ordem e aonde viria a acabar os seus dias. Nos arquivos da Província de Santo António (Recife) o nome oficial da igreja é o de Nossa Senhora dos Anjos, já consagrado, como informa CANTALICE (*in Presença Franciscana em Penedo - Uma Caminhada de 345 anos : Convento de Nossa Senhora dos Anjos, Penedo-Al, 2004*, p 40, ainda que o frontispício apresente a inscrição “Santa Maria dos Anjos”).

<sup>82</sup> Como comprovam as várias inscrições de datas apostas nas pedras da construção. As datas encontram-se fixadas, na portaria, no claustro, entre outros, como verificámos e informou Fr. P.<sup>o</sup> Arnaldo Motta e Sá (mottaesa@ig.com.br) [Em linha]. *Convento Santa Maria dos Anjos : Para conhecimento e valorização do nosso grande património cultural e religioso*, 04-12-2008 [Consult. em 03-09-2009]. Disponível em <http://blig.ig.com.br/conventosantamariadosanjos/>. O convento é igualmente conhecido por *Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, Convento dos Franciscanos e Residência Maria dos Anjos*. O complexo arquitectónico foi tombado pelo IPHAN, Processo 0310-T; consta do *Livro Histórico*, com inscrição n.º 185 de 29 de Dezembro de 1941, tendo passado a constar na mesma data, ainda do *Livro de Belas Artes*, com inscrição n.º 252-A. (no Art. 2.<sup>o</sup> - O Conselho de Preservação do Património Histórico e Artístico do Estado de Alagoas tinha promovido esse tombamento do imóvel mediante inscrição no Livro próprio; o imóvel ficou, então, sujeito ao regime de preservação previsto pela legislação federal supletiva, especialmente o Decreto-Lei n.º 25 de 30 de Novembro de 1937; actualizado pela Lei n.º 4156, de 08 de Agosto de 1980, pela Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13 de Agosto de 1985, referente ao Processo Administrativo n.º 13/85/SPHAN (cf. Frei Apolinário da CONCEIÇÃO, 1692-1755, OFM. António Isidoro da FONSECA, fl. 1728-1760?, impr. *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa*

de Fevereiro de 1689, foi celebrada a primeira missa na capela-mor da igreja conventual e, passados cinco anos os frades puderam, com os dormitórios já terminados, mudar-se para o convento; em 1717, alargaram a aérea do cenóbio, com a benfeitoria de “50 braças de terra”, doação de um casal de penedenses<sup>83</sup>.

A *Proibição Régia de 1764*, seguida do *Aviso Régio/Lei de Pombal*, interditaram a entrada de novos noviços e conduziram à diminuição do número de religiosos e ao declínio da vida religiosa conventual na Província de Santo António do Brasil<sup>84</sup>. Entre os anos de 1883 e 1893, perdidos os efectivos religiosos, foi encerrado o Convento Nossa Senhora dos Anjos que, entretanto, seria ocupado como Hospital Nossa Senhora da Conceição, da Irmandade de São Gonçalo do Amarante, entre Março de 1886 e Junho de 1893. A revitalização do convento como casa de religiosos, deveu-se à chegada ao Penedo de Frei Camilo de Lellis<sup>85</sup> (1820-1904) que conseguiu atrair frades da Província Alemã da Saxónia para o Brasil, para a restauração da antiga Província Franciscana<sup>86</sup>.

Actualmente, o Convento mantém-se sob a direcção dos frades franciscanos<sup>87</sup> que são os responsáveis pela sua conservação incluindo obras de restauro e manutenção, sob orientação do IPHAN de Maceió.

---

*Portuguesa, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas : expoem-se sua origem, e estado presente. A dos seus conventos, e mosteiros, annos de suas Fundações, numero de Hospicios, Prefecturas, Recolhimentos, Parroquiais, e Missoens, dos quaes se dá individual noticia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas, Terceiros, e Terceiras, que vivem Collegiadamente, tanto em Portugal, como em Suas Conquistas...* Lisboa Occidental : na Off. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740, p. 76).

<sup>83</sup> Cf. CANTALICE. *Presença Franciscana ...*, p. 7 e 26.

<sup>84</sup> Pela *Proibição Régia de 1764*, a Província de Santo António do Brasil esteve inibida, por 14 anos, de receber noviços nas Ordens Religiosas, enquanto a *lei de Pombal* impediu, de modo geral, a entrada, de noviços nas Ordens.

<sup>85</sup> Tinha sido o último Ministro da antiga Província de Santo António do Brasil.

<sup>86</sup> Este convento foi pensado para recolhimento de frades, mas, igualmente, para casa de instrução, fosse de crianças pobres, fosse de noviços; inclusive, teve uma aula de Santeiros, e ensino de música sacra e erudita, como nos esclarecimento em CANTALICE. *Presença Franciscana ...*, p. 19 e 24, tendo-se convertido em núcleo fundamental na educação das letras e da cultura do Estado de Alagoas.

<sup>87</sup> No que respeita ao curioso complexo arquitectónico franciscano de Penedo, tivemos o nosso trabalho de reconhecimento local facilitado, pois deparámo-nos com uma pequena comunidade de frades franciscanos consciencializados do valor patrimonial que representa o convento que têm à sua guarda, muito interessados na sua preservação, divulgação e aprofundamento do conhecimento que há dele e que faz a sua história. Tem havido demonstração de interesse no estudo da instituição, particularmente da parte de Marcelino Cantalice, pesquisador da História / jornalista, ex-frade, que, tendo procedido a longa procura documental, coligiu dados, analisou-os e apresentou-os numa pequena obra documentada, publicada e editada pelo convento, e amavelmente cedida para nossa consulta, de que está a preparar uma nova edição melhorada (CANTALICE. *Presença Franciscana ...*). Sendo o Convento de Penedo uma casa de formação e de acção social que mantém as instalações abertas, foi fácil logarmos a disponibilidade daquele pesquisador e dos Guardiães do Convento, Frei Arnaldo Motta e Sá (Quinxadá / Ceará, 1930-), na nossa primeira visita à cidade de Penedo, e Frei José Teixeira Rodrigues (1961-) (Frei Zezinho) na Guardiania, quando renovámos a visita no ano seguinte, que, no âmbito da normal actividade

### 3.2 O convento : surgimento e morfologia

Após dez anos de construção, o Convento Franciscano de Penedo ficou com parte das suas principais instalações prontas a serem usadas pelos frades, sendo oficialmente inaugurado em 1689. Foi implantado no alto da povoação, não longe do casario que tinha começado a organizar-se na parte baixa dela, junto à margem do Rio de São Francisco [fig. 167], com uma cerca que se estendeu até perto da sua borda [fig. 166]. Uma das decisões que levou os frades à escolha daquele lugar foi a possibilidade de acesso fácil a um curso de água, de que todos, incluindo os moradores da povoação, puderam retirar benefício, pela viabilidade de navegação, para deslocações e mercancia, e para abastecimento de água, preocupação que de um modo geral foi tipo pelos religiosos de um modo geral, como observámos com os franciscanos e já tínhamos verificado com os jesuítas.

Como aconteceu em vários cenóbios franciscanos da Zona da Mata, o Convento de Nossa Senhora dos Anjos adquiriu uma feição arquitectónica complexa [figs. 834-836]. Obedecendo a uma funcionalidade observada comumente nas casas franciscanas, o seu prospecto derivou de um processo de construção por etapas –, numa grande extensão de terreno, que se alongou igualmente no tempo, conformes às necessidades e possibilidades dos religiosos. O conjunto arquitectónico compreende, para além da área conventual com carneiro para enterramento dos religiosos, e da igreja

---

impulsionadora de acções várias levadas a cabo junto da comunidade penedense, nos acompanharam em visitas comentadas às instalações do Convento e da igreja conventual, e da Ordem Terceira. Do arquivo conventual, soubemos que desapareceu grande parte, estando outra em mau estado. Assim, recorreremos à obra de Ernani Otacílio MÉRO, historiador nascido no Penedo e Terceiro franciscano formado no Seminário de Ipuarana na Paraíba (cf. Ernani Otacílio MÉRO. *Crónicas do Convento de Penedo*, Livros, I, II, e III : Sergasa, Maceió, 1982; *Idem. Os Franciscanos em Alagoas* : Sergasa, Maceió, 1982; *Idem. Penedo: templos, ordens e confrarias* : Sergasa, Maceió, 1991). Além de termos recorrido aos cronistas franciscanos que já referenciámos para outras casas da Ordem (Frei Manuel da ILHA. *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil – 1584/1621* : Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil / Vozes, Petrópolis, 1975; ainda, JABOATÃO. *Op. cit.*), acedemos a trabalhos académicos válidos e outra bibliografia histórica que nos auxiliaram a entender de que jeito se deu a presença franciscana na cidade de Penedo e que feição aquela lhe conferiu e porquê: Convento Nossa Senhora dos Anjos [Em Linha]. [Consult. em 03-02-2009]. Disponível em <http://blig.ig.com.br/conventosantamariadosanjos/>; também, Mónica Costa SANTOS; Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação, *Missionários de Letras e Virtudes: A pedagogia Moral dos Franciscanos em Alagoas nos séculos CVIII e XIX* : Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Maceió, Junho de 2007; Maria Angélica da SILVA (Programa de Pós Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado / Fau / Universidade Federal de Alagoas/ Ufal), Ana Cláudia V. MAGALHÃES (Professora do Centro de Estudos Superiores de Maceió/Cesmac). *Anais do II Encontro Internacional de História Colonial*. “O Barroco como Horizonte e a Paisagem vista do Particular, Uma Prática dos Conventos Franciscanos do Nordeste?”, in *Mneme – Revista de Humanidades*. UFRN. Caicó-RN, vol. 9. n.º 24, Set./Out. 2008, [Consult. em 02-01-2009]. Disponível em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais).



dos frades com torre recuada adossada a meio da sua ilharga esquerda [fig. 133], uma igreja e carneiro da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência / São Francisco das Chagas; faz ainda parte desse complexo o Cruzeiro de Santo António erguido num amplo adro fronteiro à igreja conventual sobre um pedestal de base quadrangular, com degraus escalonados<sup>88</sup> [fig. 136].

As instalações organizaram-se com traça irregular, articulando as suas partes, alas e torreão, ora à volta do claustro encostando-se à ilharga direita da igreja conventual – no caso dos espaços usados pelos frades franciscanos –, ora a partir da ilharga esquerda da igreja nos espaços da Ordem Terceira. Estes criaram uma capela ampla erguida em plano perpendicular à nave da igreja dos frades, aberta para ela [figs. 834-835]; ainda, as instalações que nasceram numa longa ala anexa à zona conventual – logrando independência física dela – com entrada privada por portão aberto no muro gradeado a ferro que nasce à esquerda da igreja dos frades. Os espaços a céu aberto são vários, formando pátios de convívio a partir dos recantos criados pelos vários módulos conventuais construídos, como horta e pomar que foram organizados em torno da ala direita do convento e do seu torreão de três pisos [figs. 135, 164-165]; junto destes, adossado à cozinha, destaca-se o corpo saliente do forno, de onde ressalta uma expressiva chaminé alta e ampla, em forma de cone truncado [figs. 135, 163-164].

O acesso à portaria é feito através de vão aberto na ala direita do convento, junto à igreja, guarnecido com cornija de pedra em arco abatido e sobreposição de cornija ornamental com a inscrição *1811* [figs. 134-135, 138]. Do exterior entra-se na cozinha, na zona de jardim e pomar a partir de um portal rasgado no muro da cerca que arranca a meio da ala direita [fig. 134].

---

<sup>88</sup> Este pedestal foi ali mandado colocar pelo perfeito da cidade, em 1963, para substituir o primitivo (provavelmente da época da igreja) que tinha sido apeado em 1941, no mesmo local onde se tinha erguido o primitivo, frente à igreja (cf. BAZIN. *Op. cit.*, 1.º vol, p. 126; ainda. CANTALICE. *Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Anjos – Datas e dados de sua História* : Convento de Nossa Senhora dos Anjos, Penedo-Al, [s. d.], p. 10, com ref. a Ernani MÉRO. *Crónicas do Convento de Penedo*, Livro III, p. 22 e 68).

### 3.2.1 *Espaços conventuais*

O claustro, segundo Bazin, data de 1783<sup>89</sup>; é espaçoso, tem aparência distinta – aspecto que nos parece ser despertado pelos membros e modinaturas que o definem – e está organizado ao modo comum que tinha sido usado desde o tempo antigo franciscano, em dois pisos de galerias que se sobrepõem, organizadas em volta de um pátio em céu aberto, onde os frades criaram um jardim de canteiros geométricos, atravessados por percursos empedrados; avulta, ao centro, um mausoléu com uma figura alegórica<sup>90</sup> [figs. 146-147]. As galerias têm forros em madeira [figs. 147], abrindo-se, as inferiores, sobre o pátio através de arcadas assentes em colunas elegantes de ordem toscana e, as superiores, com uma colunata arquivada de suporte do telhado em plano oblíquo, ostentando ornamentação discreta na base dos fustes [figs. 146-147].

No interior do convento, merecem destaque: os corredores para onde abrem diversas divisórias; no piso térreo riscaram-se o refeitório, adossado a si, o *de profundis* com um atraente lavabo de pedra talhada [fig. 162] e, entre outros espaços, o ossário [figs. 151, 152]; acede-se ao piso superior e aos corredores das celas dos frades [figs. 159, 160, 161] por escadaria de pedra, erguida ao lado da sacristia conventual, de feição erudita – cujas peças de arranque do corrimão nos dois topos das escadas, evidenciam um interessante trabalho de labor em pedra [figs. 153, 155] –, sendo a cobertura em abóbada de arco de asa de cesto [figs. 154-155]; no piso superior, as paredes são rasgadas por grande número de vãos de janelas com emolduramentos em pedra e conversadeiras a guarnecê-las [fig. 157], o que permite o desfrute dos espaços verdes da cerca e o longo alcance das vistas sobre o rio e as terras da outra margem [figs. 129-130, 157]; sobe-se ao piso do sub-forro por escada simples [fig. 156], para encontrar o salão da biblioteca, também ele de traça elementar, [fig. 158], mas com boa iluminação e arejamento que lhes advêm das janelas.

<sup>89</sup> Cf. BAZIN. *Op. cit.*, 1.º vol., p. 121.

<sup>90</sup> O mausoléu foi erguido aí, em 1902, para acolher os restos mortais de um casal benemérito do Convento.

### 3.3 A Igreja

A igreja de Nossa Senhora dos Anjos<sup>91</sup> apesar de se encontrar hoje num plano rebaixado em relação ao largo para onde dá [fig. 135] surge em destaque de modo cenográfico. Dos vários corpos que se lhe adossam, avolumam-se, à direita, uma ala do convento [fig. 135], e à esquerda, à face do frontispício, adossado ao flanco esquerdo da igreja, um corpo que inclui duas capelas subsidiárias, por trás do qual ergue-se a torre com campanário, terminada por coruchéu conforme [figs. 100, 133].

Mostrando um frontispício imponente, muito ornamental nos seus baixos-relevos, rematado por um frontão que se recorta no firmamento de modo cativante [fig. 134], a fachada principal da igreja desenvolve-se em três planos organizados em dois pisos e um frontão. Exibe uma horizontalidade imprimida pelos frisos da cornija que estabelece a divisão entre o piso térreo e o superior, e do entablamento de remate superior; tal horizontalidade, no entanto, é contrariada pela verticalização emprestada pela traça alteada dos vãos das portas e janelas [fig. 99], perpetuando uma das características do barroco severo português, o jogo de forças direccionais distintas. No piso térreo, rasgam-se três arcadas de volta-inteira, com portais de madeira almofadados e bandeiras vazadas com desenho radial<sup>92</sup> que iluminam a nave da igreja; sobrepõem-nas os três janelões do coro, com molduras muito ornamentais, com baixos-relevos esculpidos, avultando no avental do central, a relevação de uma concha que acolhe uma figura alada falante, através da filacteria que segura, com a inscrição 1759<sup>93</sup> – certamente referência a uma empreitada de obras; o pano único da fachada é rematado superiormente por uma cornija e entablamento, onde assenta um frontão, de perfil triangular formado por duas grandes volutas na base e enrolamentos escalonados até ao topo, de traços vigorosos, encimado por uma cruz em pedra; o pano é vazado no centro por óculo, a que se sobrepõe um brasão suportado por duas figuras aladas, relevados. A

---

<sup>91</sup> Foi um trabalho que se desenvolveu ao longo de 99 anos.

<sup>92</sup> As portas da igreja situavam-se sob o coro-alto, numa galilé, que desapareceu em 1915 (tendo sido retiradas as suas grades), acrescentando mais de 25 metros à nave; foram, igualmente, substituídas as antigas colunas que sustentavam o coro por outras de madeira, e, na sequência destes trabalhos, foram construídos as duas capelas adossadas, abertas em corpo saído, na ilharga esquerda da igreja dos frades (cf. *Crónicas do Convento de Penedo*, Livro I, p. 21v.º; CANTALICE. *Igreja e Convento ...*, p. 10).

<sup>93</sup> É esta a data que Bazin considera para dá para a organização desta fachada da igreja de Penedo (BAZIN. *Op. cit.*, 1.º vol, p. 152, 167).

decoração e ornamentação de gosto rococó são esculpidas em pedra ocre que sobressai estrategicamente da alvura do pano murário; este aspecto, juntamente com o jogo de abertos e fechados criados pela abertura de vãos de portas, janelas e óculo, imprime a ilusão de dinamismo da matéria, aparência própria do período estético que vai atingindo o barroco/rococó.

Nossa Senhora dos Anjos inscreve-se numa planta longitudinal, composta [fig. 834], que abrange uma capela-mor alteada dividida da nave única por arco triunfal [figs. 139, 140]. A capela-mor é longa, com presbitério; adossado à parede fundeira exhibe um altar retabular de talha da época joanina, com colunas helicoidais que flanqueiam um trono [fig. 140], num trabalho artístico em madeira de cedro talhada, folheada a ouro e pintada, obra do século XVIII<sup>94</sup>; lateralmente, os muros são rasgados ao nível do registo superior por duas tribunas de cada banda [fig. 140]; a cobertura é em abóbada de berço, com pintura em *tromp'oeil* arquitectural, assente em cornija com avoamento pronunciado [fig. 140], exibindo uma clarabóia<sup>95</sup>. A relação entre a capela-mor e a nave é estabelecida pelo arco de triunfo assente em plintos altos, de gosto toscano, igualmente em talha de madeira folheada a ouro e pintada, encimado pela escultura de um brasão com as insígnias da Ordem Franciscana, sustentado por duas figuras aladas em suspensão aparente [fig. 140]. De cada banda da nave, adossados ao arco, avultam os altares colaterais<sup>96</sup>, que repetem a riqueza de ornamentos do altar-mor [fig. 140]. A nave desenvolve-se em dois registos, com portas no térreo que ligam de um lado, ao claustro e, do oposto, ao corredor que acompanha o comprimento da nave [figs. 139, 141]; no superior, rasgam-se, do lado do claustro, quatro tribunas com resguardo e frontaleiras, uma já na zona do coro-alto e um púlpito, com guarda-voz em baldaquino e balcão com base em bacia, tudo em madeira, com ornamentação de talha com revestimento a ouro [figs. 116, 139]. À esquerda, frente ao púlpito abre-se o grande arco que liga este espaço ao da capela da Ordem Terceira [fig. 113], dividido por um gradil em madeira de jacarandá com portadas, de feição rococó [figs. 116, 128]. A cobertura da nave é em abóbada de berço rasgada lateralmente por uma série de quatro lunetas

---

<sup>94</sup> No trono avulta um calvário, com as imagens de Cristo crucificado, ladeado pelas da Virgem e de São João Evangelista; na base, flanqueiam o sacrário dois nichos com a imaginária da Senhora dos Anjos e São José; no arco retabular, dentro de dois nichos, estão representados Francisco de Assis à direita (segundo estudo do IPHAN, verdadeira obra-prima do século XVIII), e, à esquerda, São Bernardino de Sena (também do século XVIII);

<sup>95</sup> No ano de 1909, foi aberta uma clarabóia sobre a capela-mor, para permitir a entrada de mais luz, conforme CANTALICE. *Igreja e Convento ...*, p. 46.

<sup>96</sup> Altar da Senhora da Conceição (obra do século XVIII), do lado do antigo evangelho e, do lado oposto, de Santo António (datado do final do século XVII),

iluminantes que dão sobre o claustro<sup>97</sup>, com pintura ilusionista onde avulta a imagem da santa de veneração da igreja [figs. 141-144], trabalho de 1784, do artista Libório Lázaro Leal<sup>98</sup>. O coro-alto, com guarda-corpo de madeira, assenta em quatro colunas de madeira; tem acesso directo para o corredor das celas dos religiosos [figs. 139, 140-142]. No flanco esquerdo do nártex, abrem-se dois arcos de volta-perfeita, acesso a duas capelas profundas, com altares devocionais, protegidas por gradil de madeira, cobertas por abóbadas de berço [fig. 145]. A igreja tem pavimento de mosaicos cerâmicos<sup>99</sup> [figs. 139, 145].

### 3.4 A sacristia

A sacristia conventual, de planta rectangular e volumetria paralelepipedica, foi construída por detrás da capela-mor [fig. 834], em 1722<sup>100</sup>; é coberta por tecto plano de madeira; é iluminada por uma série de janelas de peito [figs. 148, 150] cuja luz realça a decoração das várias talha e cor do seu interior; incrustado no pano murário, destaca-se um lavabo decorativo policromo, em talha de pedra local, de gosto rococó, assente em base que integra uma águia bicéfala esculpida<sup>101</sup>; no espaldar, destaca-se um escudo português coroado, suportado por duas figuras aladas [fig. 149]. Defronte do lavabo, entre dois arcazes de espaldar, em madeira entalhada, sobressai um altar adossado à parede, com retábulo arquitectónico, pintado de branco com ornamentação dourada<sup>102</sup>.

<sup>97</sup> Essas janelas foram rasgadas já no ano de 1906, para melhorar a iluminação pelo superior do convento, definidor Frei Casimiro Brochtsup (único sacerdote residente no convento) que “abriu uns óculos do lado do convento, na parede da igreja conductores de luz e ventiladores” com ajuda das irmandades (cf. Ms. *Convento Franciscano - Crónicas de Penedo* – Livro I : 1903-1930, fl. 23).

<sup>98</sup> Documentado por fonte escrita: *Requerimento de Libório Lázaro Leal*, in AHU\_ACL\_CU\_004, Cx.4, doc.312, de 1801-05-05; ainda, Juseppina RAGGI. *Arquitectura do engano* [Texto policopiado] : *a longa conjuntura da ilusão : a influência emiliana na pintura de quadratura luso-brasileira do século XVIII / Architetture dell'inganno : il lungo cammino dell'illusione : l' influenza emiliana nella pittura di quadratura luso-brasiliana del secolo XVIII*; orient. Tese Vítor Serrão, Anna Maria Matteucci. Lisboa : Dep. de História da Arte, Fact. de Letras, Univ. de Lisboa [S. n.], 2004, vol. II, pt. III, p. 944.

<sup>99</sup> Este piso de 1912, foi substituir um antigo em madeira, tendo-se ainda nivelado o piso da capela-mor até à grade da comunhão, como vimos in *Crónicas do Convento de Penedo*, Livro I, p. 27; ainda, CANTALICE. *Igreja e Convento ...*, p. 9).

<sup>100</sup> Cf. Fundação Educacional do Baixo São Francisco – Dr. Raimundo Marinho. *Penedo*. [Em linha]. [Consult. em 20-12-2008]. Disponível em [http://www.frm.edu.br/?pag=penedo&s=pontos\\_turisticos](http://www.frm.edu.br/?pag=penedo&s=pontos_turisticos).

<sup>101</sup> Este elemento decorativo é referido por Bazin como um elemento de utilizado no Brasil colonial (BAZIN. *Op. cit.*, 1.º vol, p. 263 (1); nós podemos também comprová-lo, pois encontrámo-lo no cruzeiro do convento franciscano de Paraguaçu.

<sup>102</sup> Onde avulta um Cristo crucificado [fig. 148].

Vê-se ainda, na parede oposta à igreja, uma capela rasa devocionária, com imaginária, em arco de volta inteira [fig. 148].

### 3.5 Particularidades tipológicas e artísticas

Não havendo certeza da época de construção, o cronograma 1759 apostado ao frontispício tem sido tomado, com fortes probabilidades, como o do ano da sua conclusão. Quanto a nós, a feição arquitectónica do convento remete-nos para o final da centúria de Seiscentos e início do Setecentos, do barroco severo de influência portuguesa, de muros “Chãos” decorados com elementos do barroco clássico, cortados por forte entablamento, com um frontispício animado pela abertura dos arcos da galilé e dos janelões que os sobrepõem que criam, com o pano murário, um jogo de abertos e fechados que, juntamente com os elementos ornamentais do frontão, incutiram na frontaria uma dinâmica viva, indiciadora do período em que foi construída (barroco/rococó), num trabalho que seria já luso-brasileiro [fig. 99]; relevam-se também evidências consideráveis do trabalho de restauro do século XIX<sup>103</sup> [figs. 99-100, 138].

Este modo peculiar de projecção cenográfica levou Germain Bazin, em 1956, a afirmar tratar-se da “mais bela composição de conjunto”<sup>104</sup>; quanto a nós, será, não a mais bela pois apresenta ornamentação de traço rude e ingénuo, contudo, uma das belas peças que a arte colonial brasileira deixou inscrita em pedra, valorizada pela feição do frontispício de presença imponente e sumptuosa, mas também pelo modo como se

---

<sup>103</sup> A título de exemplo, referimos as alterações ao nível da abertura de vãos de iluminação – clarabóias e lunetas –, nos templos do convento, levados a cabo, no início do século passado, que hoje causam alguma perturbação a quem os observa.

<sup>104</sup> BAZIN. *Op. cit.*, 1.º vol, p. 124.

impõe na envolvente, com a mole construída a projectar-se no horizonte num modo barroco cenográfico luso/brasileiro<sup>105</sup>.

Esta arte que se contempla na ampla fachadas sacra continua-se e recria-se em semelhante esplendor no interior da igreja penedense, onde se tornam visíveis decorações e ornamentos de grande majestade e delicadeza, de inspiração áulica [figs. 108, 113, 131, 140, 143]; este invólucro acompanha o cariz festivo e teatral do exterior, desabrochando em forte sensação de claro/escuro dado pelas paredes brancas que contrastam com a cor e os dourado de altares, arcos e púlpito, animado ainda pelo imaginário das pinturas dos tectos ilusionistas arquitecturais, em esfusante colorido de gosto rococó.

No entanto, verifica-se que, se a fachada principal da igreja ressalta pela artificialidade dos ornatos fitomórficos e concheados, mostrando figuras humanas algo disformes de rostos infantis, de traço popular, como sublinhou José Luiz Mota Menezes (1970)<sup>106</sup>, em oposição, temos a sobriedade de traços das fachadas das alas conventuais [figs. 134-135], que nos remete para a tradicional *parede tipo armazém* comum entre partes de edificações menos nobres da construção lusa, encontradas em muros de instalações conventuais em Penedo menos visíveis, que seguem a linha das demais alas conventuais franciscanas da Zona da Mata do Brasil da época colonial [e.g. Serinhaém: figs. 522, 544, 551, 554; Marechal Deodoro: 514, 516 518], repetindo os traços simples da arquitectura “chã” portuguesa [e. g., Lisboa: fig. 562; Guimarães: figs. 564, 567, 575].

---

<sup>105</sup> A dinâmica viva referida é indiciadora do período estilístico em vigor no reino do Brasil em que foi construída (barroco/rococó), num trabalho que seria já luso-brasileiro, pois, se a tendência artística era ainda a levada pelos portugueses, as formas, alguns dos elementos ornamentais, as necessidades de adaptação ao novo espaço tropical em que se inseriu, e a técnica do fazer, eram já brasileiros.

<sup>106</sup> A feição que tomou o frontispício da igreja de Nossa Senhora dos Anjos, levou ao comentário de José Luiz Mota Menezes “O desenho do ornato é magnífico, mistura de talha erudita e improvisação ingênua, em que a decoração fitomórfica se une a figuras humanas de proporções atarracadas, infantis, constituindo uma fantasia barroca de grandiosa criatividade”, comentário que aceitamos, mas que nos leva a particularizá-lo como “fantasia rococó”. [cf. MENEZES. *Levantamento Preliminar dos Monumentos Tombados Artísticos de Alagoas* (mimeografado), Maceió, 1970, p. 34]

## 4. Convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda

### 4.1 Chegada de frades Franciscanos a Pernambuco : organização da primeira Custódia no Brasil

A data do primeiro desembarque dos frades menores no porto do Recife é incerta<sup>107</sup>. Porém, de um modo geral, os historiadores têm apontado o ano de 1585, como o da radicação destes religiosos no Brasil, de acordo com as referências notificadas pelos cronistas Apolinário da Conceição e Jaboatão<sup>108</sup>. Porém, já para o ano de 1580, foram noticiados frades Franciscanos em Olinda<sup>109</sup>.

---

<sup>107</sup> Sobre este assunto não encontramos outra qualquer informação; todavia, Jaboatão reporta-se a um religioso que ali teria chegada com o donatário Duarte Coelho em 1534, ou poucos anos mais tarde, que teria fundado uma fraternidade da Ordem Terceira da Penitência, que se tornaria, assim, na primeira associação religiosa para leigos no Brasil; no entanto, quando da chegada dos jesuítas a Olinda em 1551, estes afirmam não terem encontrado ali o dito religioso e nada mais de concreto terá sido encontrado até hoje sobre o assunto; de certo, sabe-se que, por volta de 1576, existiam Irmãs Terceiras franciscanas em Olinda, que viviam em recolhimento (*vide*, a este propósito, JABOATÃO. *Op. cit.*, pt.1.<sup>a</sup>, vol. I, p. 53). Quanto aos esclarecimentos provindos de Jaboatão, deve ser levado em conta a credibilidade de uma tradição veiculada por um franciscano setecentista a querer enaltecer a sua Ordem na sua capitania.

<sup>108</sup> Cf. Frei Apolinário da CONCEIÇÃO, OFM., António Isidoro da FONSECA, fls. 1728-1760?, impr. *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas : expoem-se sua origem, e estado presente. A dos seus conventos, e mosteiros, annos de suas Fundações, numero de Hospícios, Prefecturas, Recolhimentos, Parroquiais, e Missoens, dos quaes se dá individual noticia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas, Terceiros, e Terceiras, que vivem Collegiadamente, tanto em Portugal, como em Suas Conquistas...* Lisboa Occidental : na Off. de António Isidoro da Fonseca, 1740, p. 77 (que se respalda no Cartório Da Província de Santo António de Portugal, como em outros autores que não referencia); ainda, JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XV., p. 282, § 290; *IDEM*. pt. 2.<sup>a</sup>, vol. I, Digressão V, Estância I, p. 223; ainda, Frei Basílio RÖWER, OFM. *A Ordem Franciscana no Brasil*, 2<sup>a</sup> edição. Petrópolis, Rio de Janeiro : Editora Vozes Lt., 1947, p. 31; e para um maior esclarecimento sobre o assunto, leia-se *Idem. Ibidem*, pp, 37 a 39; também Bazin aponta a data de 1585 (4 de Outubro) como a da chegada de franciscanos a Olinda para aí se fixarem (cf. BAZIN. *Op. cit.*, p. 135). Porém, não há certeza do dia exacto (cf. a este propósito, também, RÖWER. *Op. cit.*, 1947, p. 51 e 52);

<sup>109</sup> Cf. MÜLLER. “Uma data três vezes secular”. *Santo António – Órgão d Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado, 1947, ano 5, n.º 1, p. 3, *apud* Lukas WADDING (16-10-1588 – 18-11-1657). *Annales Minorum*, t. XXL, n.º L, p. 269.



Após as insistências do segundo donatário e governador de Pernambuco Jorge de Albuquerque<sup>110</sup> junto dos poderes religioso e político do reino (Cardeal Alberto em nome de Filipe II de Espanha) foi celebrado, em 1584, um Capítulo Franciscano em Lisboa<sup>111</sup>, com a finalidade de serem enviados religiosos franciscanos para o Brasil, tendo ficado decidida a criação de uma nova Custódia da Província de Santo António de Portugal (de Reformados ou Capuchos) no Brasil, a qual só foi aceite apenas no ano de 1589<sup>112</sup>. A Carta Patente que a criou nomeou-a de Santo António do Brasil e indicou como seus fundadores, Frei Melchior de Santa Catarina<sup>113</sup>, como Custódio, e Frei Francisco de São Boaventura, como seu substituto, além de mais quatro religiosos da mesma Província de Santo António, os sacerdotes Frei Francisco dos Santos, Frei Afonso de Santa Maria e Frei Manuel da Cruz e, ainda, o corista Frei António dos Mártires<sup>114</sup> [doc. 1].

Para viabilizar esta fundação, o monarca munuiu o governador com a disposição de obrigação de prestação do apoio possível aos religiosos, por parte daquele e dos seus oficiais públicos<sup>115</sup>.

Os fundadores da Custódia partiram para a colónia no dia 1 de Janeiro de 1585, tendo desembarcado a 12 de Abril<sup>116</sup>. Instalaram-se primeiro provisoriamente em casa do um morador, Filipe Cavalcanti, até ser concluído o seu próprio Recolhimento, ainda provisório, de construção precária, erguido junto das instalações da Santa Casa de Misericórdia<sup>117</sup>. Aí ficaram por cinco meses até se mudarem para as instalações próprias. Tiveram, como já expusemos antes (Vol. I, Cap. I, ponto 4., nota 57), a dádiva de uma residência com capela com as respectivas alfaias e terrenos anexos que se estendiam até ao mar, propriedade de D.<sup>a</sup> Maria da Rosa, Irmã Terceira de São

---

<sup>110</sup> Jorge de Albuquerque, com a finalidade da fundação de uma missão franciscana no Brasil, tinha vindo a interpolar o Reino nas pessoas do Prelado da Província de Santo António de Portugal e do próprio monarca Filipe II de Espanha (no governo de Portugal desde 1580), sem que até então os seus objectivos tivessem sido concretizados (cf. RÖWER. *Op. cit.*, 1947, p. 45 e 46).

<sup>111</sup> Em 12 de Outubro de 1583, Felipe II concedeu por alvará doações ao futuro convento franciscano cuja fundação foi decidida ser em Olinda.

<sup>112</sup> Foram várias as vezes que se levantaram contra essa decisão, que acabaria por ser efectivada (vide a propósito desta questão, JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, cap. VII, p. 154 a 170).

<sup>113</sup> *Idem. Ibidem*, pt. I, vol. II, livro II, cap. I, p.199, § 188.

<sup>114</sup> *Idem. Ibidem*, pt. II, vol. I, p. 126; ainda, cf. RÖWER. *Op. cit.*, 1947, p. 47.

<sup>115</sup> Por Provisão de 12 de Outubro de 1584, o monarca concedeu ao primeiro convento a ser fundado no Brasil, uma pipa (425 litros) de vinho, duas arrobas de cera lavrada, um quarto de azeite, e outro de farinha, pago na Alfândega de Pernambuco (cf. RÖWER. *Op. cit.*, 1947, p. 49).

<sup>116</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, cap. IV, p. 132, § 116.

<sup>117</sup> *Idem. Ibidem*, p. 132, 136, 137.145,146.

Francisco<sup>118</sup> [doc. 1], cuja escritura de doação teria sido lavrada em Olinda, a 27 de Setembro de 1585<sup>119</sup>.

#### 4.2 O primeiro Convento Franciscano no Brasil : fundação

O primeiro convento franciscano no Brasil tomou o nome de Nossa Senhora das Neves de Olinda<sup>120</sup>, com Frei Francisco dos Santos como primeiro Superior e responsável pelo debuxo das próprias instalações<sup>121</sup>. A construção levou em conta um espaço destinado a seminário e noviciado para recolhimento e ensinamento das crianças indígenas e dos filhos de alguns moradores ilustres<sup>122</sup>.

Foi sede de Custódios e Provinciais, posição que se prolongou até à transferência do centro de poder político para o Recife, já no século XX, em 1940.

O conjunto franciscano situa-se num dos morros da cidade<sup>123</sup>, “em hum meyo razo” [fig. 168] – palavras de Jaboatão<sup>124</sup> – na Ladeira de São Francisco, no centro histórico de Olinda<sup>125</sup>, sendo pertença hoje da Arquidiocese de Olinda e Recife; mantém culto religioso, conservando-se como casa de noviciado<sup>126</sup>. O interesse deste

<sup>118</sup> *Idem., Ibidem*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. I, p. 375; pt. 2.<sup>a</sup>, vol. I, p. 132, 134 a 137). Conforme anotou o cronista, a referida senhora já anteriormente tinha mostrado vontade de oferecer a sua capela com terreno anexo aos religiosos franciscanos que viessem a radicar-se em Olinda, tendo mesmo, com esse fim, estabelecido troca de correspondência com os Provinciais do reino.

<sup>119</sup> Cf. BAZIN. *Op. cit.*, 2.<sup>o</sup> vol. p. 135. Para a elaboração deste capítulo serviu-nos de grande ajuda, o trabalho do Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI) resultante dos trabalhos de recuperação e restauro que a organização levou a cabo no Convento franciscano (CECI. [Em linha]. *O Convento Franciscano de Olinda : a significância do conjunto*. [Consult. em 03-08-2007]. Disponível em <http://www.ceci-br.org/ceci/en/o-convento-franciscano/a-significancia-do-conjunto.html>). Pudemos comparar os aspectos históricos constantes dele com informações recolhidas dos escritos de cronistas da ordem, nomeadamente de Frei António de Santa Maria JABOATÃO. *Op. cit.*; ainda, Frei Basílio Röwer (RÖWER. *A Ordem Franciscana no Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed. Petrópolis-Rio de Janeiro : Editora Vozes Lt., 1947; ainda, com dados adquiridos nas observações efectuadas *in situ*.

<sup>120</sup> JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, p. 147, 167.

<sup>121</sup> *Idem. Ibidem*, p. 146; RÖWER. *Op. cit.*, 1947, p. 53. Os espaços surgiram com grande coesão e, de início, construídos de modo contido e em moldes muito simples, reflexo da atitude de vida natural nos frades franciscanos, mas também da precariedade geral em que os religiosos viviam na colónia brasileira e que também afectou outras ordens, como os jesuítas que se implantaram também na vila de Olinda pela mesma época (*Vide*, a este propósito, BELO. *Op. cit.*, 2000, p. 40).

<sup>122</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, p. 148.

<sup>123</sup> Tem uma altitude média de 16 m.

<sup>124</sup> *Idem. Ibidem*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, p. 145.

<sup>125</sup> Foi tombado pelo Governo Federal em 1968.

<sup>126</sup> *Idem. Ibidem*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, p. 148. O conjunto franciscano de Olinda é propriedade da Província Franciscana de Santo António do Brasil que administra os bens móveis e imóveis dos franciscanos nos

complexo de arquitectura religiosa está atestado na protecção que lhe foi atribuído, juntamente com o tombamento a que foi sujeito, pelo Serviço Público Federal, em 1968<sup>127</sup> [doc. 81].

### 4.3 O convento : construção

O Convento<sup>128</sup> ergueu-se numa pequena plataforma sobre um dos morros da cidade, num sítio em declive acentuado que corre em direcção ao mar, em meio natural – sendo ainda hoje visíveis vestígios abundantes da antiga Mata Atlântica que circundava o sítio franciscano. Os acidentes locais ter-se-iam convertido aqui, como em outros locais do Brasil, em elementos dinamizadores de uma volumetria irregular, que verificamos existir singularmente neste convento na sua adaptação ao terreno; porém, o que daí resultou foi um aspecto geral harmonioso, em que a cidade, o edificado e a natureza se entrosaram num todo de verdadeira coesão plástica<sup>129</sup>.

Dá sobre uma rua principal da cidade, desenvolvendo-se ao longo dela; do conjunto destacam-se, reentrantes, as fachadas de dois edifícios adossados lateralmente, o da igreja e o da antiga portaria, que juntamente com o das celas, contribuíram para um processo dinâmico de construção urbana; as frontarias apresentam um tratamento

---

Estados da Baía, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará e da Ordem Franciscana Secular do Brasil. Tem ainda hoje uso religioso, com alguns frades a residir nele, está presentemente aberto a visitas turísticas, abriga o curso de teologia do Instituto Franciscano de Teologia de Olinda (IFTO), mantendo para isso funcionários suficientes para os serviços gerais.

<sup>127</sup> O conjunto Franciscano foi tombado pelo Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 22 de Julho de 1938, com inscrição no Livro Belas-Artes, fls. 33, cujo processo tem o n.º 143-T., sob a égide da legislação federal, instituída a partir do Decreto-Lei n.º 25, de 30/Novembro/1937. Foi reconhecido, pela UNESCO, como Património Cultural da Humanidade em 1982.

<sup>128</sup> O complexo conventual tem hoje “uma área de projecção construída de 3.349 m<sup>2</sup> em um terreno com 28.190 m<sup>2</sup>, portanto, com uma taxa de ocupação de 11,87%. A área total construída é de 6.294 m<sup>2</sup>, contabilizando os anexos. O conjunto edificado antigo, excluídos os anexos recentes, tem uma área construída de 5.935 m<sup>2</sup>, sendo 3.009 m<sup>2</sup> no pavimento térreo, 1.751m<sup>2</sup> no primeiro pavimento e 1.172 m<sup>2</sup> no segundo pavimento. A Ordem Terceira tem uma área construída correspondente a 14,8%, enquanto a Ordem Primeira fica com os 85,2% (cf. CECI [Em linha]. *Plano Director de Conservação, do Conjunto Franciscano de Olinda, Relatório Intermédio, 4.1.* [Consult. em 03-08-2007]. Disponível em [http://ceci-br1.locaweb.com.br/convento\\_1\\_6-9](http://ceci-br1.locaweb.com.br/convento_1_6-9)).

<sup>129</sup> Esta hipótese de trabalho tem vindo a ser abordada por vários historiadores da Arte; em capítulo apropriada, analisá-la-emos para daí tirarmos as nossas próprias conclusões. Este aspecto foi de algum modo abordado por CECI (CECI. [Em linha]. *O Convento Franciscano de Olinda ..., cit.*) onde recolhemos indicação de medidas interessantes para o conjunto arquitectónico em referência, como a área de projecção construída de 3.349 m<sup>2</sup> numa área envolvente de 28 190 m.<sup>2</sup>, com uma área construída de 6 294 m<sup>2</sup>.

plástico nobre e simples, com fachadas chãs, rasgadas por janelas emolduradas a cantaria, embasamento de pedra acompanhando a linha do piso desses blocos, e remates laterais destacados com cunhais de pilastras [fig. 169]; verificou-se o estabelecimento de relação espacial entre o conjunto arquitectónico e o adro que se estende fronteiro ao templo, com o respectivo cruzeiro em pedra trabalhada – arenito retirado dos recifes; e ainda, que este todo – o edificado arquitectónico, conjunto de edifícios, adro e cruzeiro, e o espaço que medeia entre eles – contribuiu de modo relevante para o aspecto orgânico do espaço urbano que integra [figs. 168, 193].

Apesar de seguir a matriz partilhada pelos conventos franciscanos da Zona da Mata (cf. Vol. I, Cap. III, ponto 3.1), particulariza-o, porém, as adições de corpos, reconstruções e reformas. As edificações que vemos hoje – igreja dos frades e convento<sup>130</sup>, e as instalações da Ordem Terceira – são o espelho da sequência de variados momentos construtivos ora de fausto ora de decadência que se sucederam até à sua finalização no século XVIII. Com grande flexibilidade de volumetrias adaptaram-se aos acidentes do terreno.

Das várias etapas que os historiadores salientam na construção do complexo, destacamos as que se efectivaram no período de tempo que pretendemos estudar – que identificámos, igualmente, de um modo geral, nas outras edificações franciscanas construídas na Zona da Mata Nordestina: uma primeira que respeita à fase de construção decorrida entre a chegada dos franciscanos em 1585 e a chegada do invasor holandês, com conseqüente abandono do convento em 1630; uma segunda fase que teria decorrido a partir de 1654, ano da expulsão holandesa, e ter-se-ia prolongado por todo o século XVIII, época na qual o convento teria atingido a sua forma actual<sup>131</sup>. Apesar das obras que posteriormente se empreenderam no convento, a autenticidade do conjunto quanto à sua forma arquitectónica, à implantação paisagística e à ornamentação, teria sido mantida<sup>132</sup>.

---

<sup>130</sup> Porque a Ordem Primeira não é o tema da nossa tese, leia-se, para um conhecimento mais aprofundado sobre o conjunto franciscano de Olinda, entre outros, o artigo CECI. [Em linha]. *O Convento Franciscano de Olinda ...*, cit.

<sup>131</sup> Já no século XIX, em 1855, o Império Brasileiro proibiu a admissão de noviços nas casas religiosas conventuais, o que levou a que no final do século o convento tenha sido abandonado e a sua estrutura arquitectónica tenha iniciado um período de natural declínio; problema que foi ultrapassado quando da criação no Brasil do Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional, em 1937, que conduziu no ano seguinte ao tombamento do convento, que daria início a um processo de conservação e restauro deste monumento.

<sup>132</sup> Isto apesar de, em 1901, após a chegada de frades estrangeiros ao convento franciscano de Olinda, ter sido iniciado um período de reparos e alterações internas, criando novos espaços e edificando novos

Os espaços ocupados inicialmente pelos frades logo se tornariam exíguos devido ao grande afluxo de religiosos à vila, originando um alargamento da área com novas construções<sup>133</sup> com obras que foram abruptamente interrompidas, em 1630, com a invasão holandesa<sup>134</sup>. Durante a ocupação estrangeira, o conjunto franciscano foi abandonado<sup>135</sup>, tendo sofrido muitos danos causados principalmente pelo incêndio provocado pelos invasores que arruinou sobretudo a igreja conventual<sup>136</sup>. Todavia, aquando da Restauração Pernambucana, os frades retomaram a casa, lançaram mãos a obras não só de restauro, mas ainda de reconstrução, expansão espacial e decoração, o que se alongaria desde meados do século XVII ao XVIII<sup>137</sup>.

Apesar das obras dos anos de Setecentos, o convento manteve grande singeleza de traços, realçando a lógica de crescimento dentro dos parâmetros serenos de uma escala muito humana e clássica que mais tarde sofreria a interferência do Barroco<sup>138</sup>. Com a introdução deste novo gosto artístico, assistiu-se ao enriquecimento dos

---

edifícios anexos ao convento, como pode ser visto em pormenor (*Idem. Ibidem*). A partir de 1952, foram iniciadas uma série de obras no templo, como a “fixação de todos os painéis de azulejos do claustro e da portaria, e revisão dos da nave; limpeza e envernizamento das pinturas do forro dos caixotões da nave, cujas molduras foram repintadas; restabelecimento do adro, em ladrilhos de barro cozido; instalação eléctrica com reflectores; restauração da fachada principal e restabelecimento dos beirais antigos de beira, sobeira e bica; recuperação da cobertura do convento; limpeza do forro e restauração da talha da biblioteca” (*Idem. Ibidem.*).

<sup>133</sup> Em 1606, chegou ao Brasil o Padre custódio Frei Leonardo, eleito um ano antes para, pela segunda vez ficar à cabeça da Custódia; durante a sua presidência, para além de eleger os prelados locais, deu início às necessárias obras de alargamento do espaço que os religiosos ocupavam em Olinda, aumentando as casas e acrescentando parte ao já edificado.

<sup>134</sup> Jaboatão informa que os frades deixaram o convento quando da entrada dos holandeses e foram para um Oratório que os prelados edificaram para acolherem os religiosos, no engenho de Santo André, distrito da cidade de Paraíba (cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. I, §111, p. 274 e 275).

<sup>135</sup> *Idem. Ibidem*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, p. 88, .

<sup>136</sup> A devastação foi grande, provocando faltas de todo o género como a que decorre, por exemplo, da Consulta datada de 6 de Junho de 1654, do Conselho Ultramarino ao rei D. João IV, sobre a necessidade de acudir com ornamentos às igrejas da capitania de Pernambuco que estiveram em poder dos holandeses, como se infere in AHU\_ACL\_CU\_015, Cx. 6, doc. 480.

<sup>137</sup> Bazin informa que não havendo documentos escritos que apresentam alguma cronologia para as obras efectuadas, achou indícios materiais delas (BAZIN. *Op. cit.*, vol. 2.<sup>o</sup>, p. 135, 136). Por essa época, o conjunto arquitectónico franciscano de Olinda foi considerado, pelos forasteiros que por ele passavam, como uma construção de muito elevada arte e de prestígio para o Brasil, na forma que, de um modo geral, visualizamos ainda hoje, patenteando no seu interior as partes antigas que os frades mantiveram, numa solução “bem franciscana e vista em outras casas da ordem”, como acentuou Menezes (*Vide*, José Luiz Mota MENEZES. “Olinda”, *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico – Pernambuco*, n.º 60. Recife : Companhia Editora de Pernambuco, 2002, p. 45), referindo-se, quanto a nós, à singeleza de traçado dos espaços conventuais, próprios dos tempos iniciais da Ordem, que podemos constatar nas visitas efectuadas. A capela-mor da igreja conventual, por exemplo é tida como correspondendo à parte primitiva do templo, o que pode servir de cotejo com as construções franciscanas brasileiras, mais tardias.

<sup>138</sup> No Brasil Nordeste, e assim, no caso de Pernambuco, a riqueza levada pelo ciclo do açúcar deu possibilidade à aristocracia de mudar a feição artística dos seus templos que sofreram a influência da arte perturbadora do barroca que chegava do Reino que também enriquecia com a chegada das mercadorias de além mar.

interiores dos templos já construídos em Olinda, onde a profusão das várias artes acabaria por se fazer sentir<sup>139</sup> [doc. 4].

#### 4.4 Instalações conventuais

O edifício da portaria conventual continua, à direita, a igreja; desenvolve-se alinhado com ela, em composição simétrica e ortogonal austera, com volumetria cúbica [figs. 194-195]. A sua fachada é dividida em três pisos; no térreo abre-se a portada de verga recta enquadrada por colunas e encimada por monograma da ordem, janelas rectas gradeadas e encimadas por ornatos de cantaria; no segundo, rasgam-se três janelas rectas e, no terceiro, uma sacada centrada com gradil de ferro e janelas envidraçadas, de guilhotina; a cobertura é em telhado de quatro águas com beiral a toda a volta, do tipo cimalha de beira e sobeira<sup>140</sup>.

No térreo abre-se a primitiva portaria conventual<sup>141</sup> que acolhe a chamada *capela da portaria*, a Capela de Santa Ana [fig. 219], padroeira, cuja evocação está presente no altar em talha barroca e nos silhares azulejares hagiográficos que revestem os seus muros e na pintura do forro do tecto.

A biblioteca principal do convento abre-se por cima da capela da Portaria, com um tecto forrado com painéis de pintura a óleo.

A ala conventual arranca, em avançamento, da ilharga esquerda do edifício da antiga portaria [fig. 195]. É de planta quadrangular, desenvolve-se em três pisos, em alas em torno de um pequeno pátio<sup>142</sup>; as galerias são cobertas por telhado em duas

<sup>139</sup> Fez-se sentir, então, a renovação espacial que os painéis de azulejos encomendados ao Reino permitiram, e a possibilidade de um novo modo de conhecimento da vida mística dos santos padroeiros e devocionais, narrada nos silhares que se foram apondo aos muros construídos nos espaços conventuais. Também se fez sentir a invasão da talha dourada nesses interiores que a descoberta de minas de ouro brasileira, acicatóu.

<sup>140</sup> Cimalha com duas ordens de telhas, denominada no Brasil *cimalha de boca de telha* (cf. Maria Paula ALBERNAZ, Cecília Modesto LIMA. *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. São Paulo, Brasil : ProEditores, 1997, p. 150).

<sup>141</sup> A construção deste trecho do convento finalizou-se em 1754 e, a partir de então, a entrada principal do convento franciscano passou a ser feita por aí.

<sup>142</sup> Tendo sido construído primeiramente em forma de U, viu uma ala acrescentada no século XVIII (cf. CECI. [Em linha]. *Op. cit.*; ainda, Maria Elisa CARRAZZONI. *Guia dos Bens Tombados*, 1987, p. 332 e 333).

águas, com beiral; na fachada principal, rasgam-se, no térreo, uma série de óculos e, nos andares superiores, janelas de verga rectas, estreitas e altas.

À esquerda, está a Portaria actual em sala alongada [fig. 196], continuada por outra idêntica<sup>143</sup>.

Este compartimento, o presumível *de profundis*, dá para o claustro e para um corredor que termina na cerca, com arcaria que abre para um terraço/miradouro [figs. 198-197]. O miradouro de onde se avista o oceano é elemento que se repete em outros conventos que vamos indicando. Este é um espaço aberto nascido do aproveitamento da cobertura da cisterna, sendo confinado por duas paredes altas. Destaca-se, ao centro, o poço com anteparo em redor.

O claustro de feição barroca<sup>144</sup> é o espaço principal do complexo, encontra-se à direita do templo, com uma das galerias adossada ao flanco direito da sua nave [figs. 205, 215]; um corredor de circulação estabelece a ligação à sacristia e à nave da igreja conventual; ao redor dele gravitam as várias unidades arquitectónicas estruturadas de acordo com o provimento que se foi dando às necessidades conventuais e em contexto topográfico particular – ladeira com grande declive –, obrigando a aterros e à construção de muros de suporte; é formado, no térreo, por galerias com arcadas suportadas por colunas de pedra da ordem toscana que se ergueram à volta da quadra, tem as paredes revestidas por painéis de azulejos, e o pavimento é formado por pequenas lajes [fig. 216]; no segundo piso, abre-se uma varanda com telhado sobre estrutura de madeira apoiada em colunas desleigantes, largas e baixas [fig. 215], assentes em murete de pedra.

O claustro dá acesso à pequena Capela do Capítulo que tem janelas sobre o corredor que vem do parlatório e da cerca. Manteve a traça primitiva<sup>145</sup>, ostentando a decoração do século XVII [figs. 217, 218]; serviu de local de enterramento, como indicia laje tumular aí existente, com inscrição e brasão no pavimento. A estrutura

---

<sup>143</sup> Tida por *parlatório* pelos técnicos da conservação e restauro (cf. CECI. [Em linha]. *Ibidem*). Porém, o nosso conhecimento dos espaços conventuais franciscanos, leva-nos a indiciá-la como tendo sido o antigo *de profundis* [fig. 197]. Baseamo-nos na existência nele de um lavabo embebido num muro da zona da cozinha, na articulação directa com o que nos parece ter sido o antigo refeitório, pela localização e área e, ainda, na articulação com o piso superior (o das celas) por escadaria que ali desemboca [fig. 837], aspecto que se repetem neste espaço específico em outros conventos brasileiros

<sup>144</sup> Bazin diz que depois de examinado o seu aspecto, a sua datação não poderá ser posterior a 1700, facto com que concordamos inteiramente, tendo em conta os membros arquitectónicos, ainda que a azulejaria das galerias inferiores sejam mais tardias.

<sup>145</sup> JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, cap. VIII, p. 173, § 155.

arquitectónica da sala quase é apagada pela decoração que forra o interior, composta pela talha dourada de um retábulo<sup>146</sup>, pelos silhares azulejares e pela pintura a óleo aposta ao forro de madeira da cobertura [figs. 217-219]. São trabalhos de decoração e ornamentação, cujas datas de produção serão presumivelmente do período pós-holandês, o que nos parece plausível, pois há indicação de terem sido retomadas obras aquando do regresso dos frades a casa, e porque a análise artística aponta para características dos finais do século XVII e início do XVIII.

#### 4.4.1 A Igreja

A igreja actual destaca-se do conjunto pela altura do seu corpo, apresenta elementos arquitectónicos à época pouco utilizados na região, como a abertura em galilé e arcada, elementos que eram mais vulgares nas construções das igrejas de três naves [fig. 194].

O frontispício<sup>147</sup> está dividido em três planos [fig. 169]; o térreo organiza-se em galilé com as três arcadas de arco pleno, sustentadas por colunas, a que correspondem três portas de madeira almofadadas, com bandeiras gradeadas, com uma porta lateral de verga recta, e uma cruz em pedra colocada entre esta porta e a última da arcada; o plano intermédio é o do coro rasgado por três janelas de verga com ornatos entre aletas de volutas sobre os cunhais, numa construção decorativa que estabelece ligação ao frontão, parecendo fazer parte dele; superiormente, ergue-se então o frontão de remate, igualmente de volutas, com nicho central com imagem, encimado por pináculo e cruz. A torre do campanário, localizado na ilharga esquerda do templo, destaca-se pela sua verticalidade num plano recuado, com a sineira em arco pleno, coroada por cúpula de arestas com pináculo piramidal, formato que iguala os outros quatro que se erguem na continuidade dos cunhais da torre [fig. 193].

O interior, de uma só nave de planta rectangular causa intenso impacto artístico, pela decoração e ornamentos [figs. 200, 211]; tem é de dois registos, está separada da capela-mor mais estreita por um arco cruzeiro de talha simples e traço linear [figs. 200,

<sup>146</sup> Com as imagens de São Francisco e de Santo António em nichos.

<sup>147</sup> Foram notadas duas fases de construção na fachada principal do conjunto franciscano de Olinda: a correspondente à construção do espaço reentrante da galilé teria sido acrescentada à primitiva fachada e, a outra, seria fruto de uma reforma ou modernização posteriores e corresponderia aos andares superiores. Tratar-se-ão de obras levadas a cabo no século XVIII que lhe teriam imprimido a feição actual (cf. CECI. [Em linha]. *Op. cit.*)



204]; a capela-mor assume um altar retabular com nichos entre colunas, ornadas por motivos florais [fig. 201], com tecto abobadado; o arco triunfal [fig. 201] do lado da nave é flanqueado por dois altares colaterais colocados em chanfro [figs. 203-204]; as paredes laterais da nave são rasgadas por tribunas laterais [figs. 204-205 211] e expõem decoração azulejar, constituída por painéis de azulejos com cenas hagiográficas, em azul e branco [figs. 200, 205, 210-211], trabalho do século XVIII<sup>148</sup>, encomendados em oficinas do reino; destaca-se um púlpito de balcão e consola em pendente, animado por talha com ornamentação delicada e colorido [figs. 209-210]; o forro da nave é em gamela, com caixotões, cujos painéis ostentam pintura figurativa [figs. 200, 202, 206]. Por cima da galilé, com tecto de caixotões [fig. 214], no início da nave, encontra-se o coro apoiado em estrutura moderna [fig. 213], com varanda de barriga, em madeira [fig. 211] e arco recoberto com pintura de quadratura [fig. 212].

É um espaço amplo que desfruta da luz natural e não sendo uma igreja de barroco pesado, tem um ambiente mais denso que o encontrado na capela de Terceiros que lhe está adjacente, devido ao revestimento azulejar, que, embora estimulante da atmosfera espiritual, corta os alçados alvos, em cerca de um terço do seu pé-direito, adensando o meio.

#### 4.4.2 A sacristia

A sacristia abre-se por detrás da capela-mor e é acedida por duas portas abertas no topo de dois corredores laterais que correm ao longo das ilhargas da igreja. O interior é dos espaços franciscanos onde se encontrou decoração e ornamentação mais excepcionais em riqueza artística, conseguida com a articulação das artes da faiança azulejar, da talha da madeira e da pedra, de douramentos, da pintura a óleo, que metamorfosearam o interior de paredes chãs, num espaço arquitectónico de grande valor artístico e patrimonial, testemunho de uma época de primor das artes do barroco Setecentista, num trabalho luso-brasileiro<sup>149</sup>.

<sup>148</sup> In Renato WANDECK. *Convento de São Francisco*, Olinda-Pe. [Em linha]. [Consult. em 03-09-2007]. Disponível em [www.ceramicanorio.com](http://www.ceramicanorio.com).

<sup>149</sup> Para uma leitura de pormenor da riqueza deste interior, leia-se o relevante trabalho de Cleide Santos Costa BIANCARDI (directora da FAAC (Faculdade de Arquitectura Artes e Comunicação) / UNESP (Universidade Estadual Paulista). “Liturgia, Arte e Beleza : o património móvel das sacristias barrocas no Brasil”, in Percival Tirapeli. Org. *Arte Sacra Colonial : barroco memória viva*. São Paulo : Editora da UNESP, 2006, p. 52 a 54.

Tem as paredes revestidas a quadros azulejares, historiados com cenas da vida santificada de São Francisco e Santo António, a que encosta, na parede adossada à igreja, um grande arcaz em madeira de jacarandá esculpido em relevos copiosos e minuciosos, de alçado quadripartido decorados com pináculos, onde ressaltam dois quadros pintados a óleo e dois espelhos de forma arredondada; ao centro existe um pequeno altar em lavor revestido a folha de ouro, com imagem devocionária por de trás de vidro; no lado da epístola da igreja conta com um lavabo trabalhado em pedra portuguesa, mármore e lioz; o tecto está recoberto de caixotões oitavados e em forma de losango, com pinturas do século XVIII, florais e episódios da vida de Santo António. O chão é revestido a mosaicos de cerâmica; a iluminação é natural e faz-se através das janelas que se abrem sobre a cerca, de onde se avista o mar [fig. 220].

## 5 Convento de Santo António do Recife

### 5.1 Os frades franciscanos no Recife

Para o assento de frades franciscanos no Recife, às razões apontadas, o incremento do porto e o da povoação, acresceu ainda a distância considerável para a época, a que ficava de Olinda. Para o cronista setecentista Manuel da Ilha, a nova edificação dos frades menores, destinou-se ao apoio religioso a prestar aos moradores locais bem como às gentes que ali aportavam<sup>150</sup>, o que nos parece plausível.

A fundação de convento<sup>151</sup> decorreria da concordância dos frades quanto à localização da doação de terreno para seu implante<sup>152</sup> [fig. 840] e, ainda, de acordo estabelecido com os religiosos do Convento franciscano de Olinda. A escritura de doação perpétua da testada de terra, de planta quadrangular, que se estendia nos sentidos Norte/Sul e Leste/Oeste, ao longo do areal, na chamada Ilha dos Navios, posteriormente conhecida por António Vaz, foi celebrada em 14 de Dezembro do referido ano.

---

<sup>150</sup> Cf. ILHA, SILVEIRA. *Op. cit.*, 1975, p. 76

<sup>151</sup> Frei Leonardo de Jesus chegara ao Brasil em 1606, tendo tomado posse da Custódia a 14 de Julho. Logo a 28 de Outubro desse ano, reuniu o Capítulo para a eleição de Prelados Locais, aproveitando para dar provimento à tão desejada fundação de convento no Recife e, também, ao de Rio de Janeiro; voltaria a Portugal, tendo sido eleito Provincial no Convento de Santo António de Lisboa, a 14 de Janeiro de 1617 (cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. I, Digressão V, p. 227 e 230; *Idem. Ibidem*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. I., Cap. XXIV, p. 438, § 388, 389).

<sup>152</sup>. No ano de 1548, quando do falecimento do capitão pernambucano Jerónimo de Albuquerque, um seu filho, vendeu parte das terras que lhe couberam em herança a um rico colono local, o senhor de engenho Marcos André (que daria o nome a uma das ilhas aí existentes) e sua mulher Domingas Jorge. Foram estes proprietários que, em 28 de Outubro de 1606, fizeram doação de “56 braças” dessa terra aos religiosos de São Francisco para ali fundarem um convento, de acordo com a relação das *Tábuas Capitulares da Província de santo António de Portugal* (cf. CONCEIÇÃO, FONSECA. *Op. cit.*, p. 77). As terras situavam-se na “outra banda”, fora do povoado que se organizara na parte peninsular da vila, ao longo da margem do rio Capibaribe (cf. Frei Bonifácio MÜLLER, OFM. *Convento de Santo António do Recife – 1606-1956, Esboço Histórico*. Recife, 1956, p. 4).

Curiosamente, a visitação de 1724, de Frei João da Apresentação Campelly<sup>153</sup>, natural do Recife, indica que, onde então se erguia o convento franciscano [figs. 839-840] não seria o local da sua primeira fundação; este ficaria mais para Sul e para junto do “lugar da Barreta”, espaço, que não pertencendo aos frades, tinha vindo a ser usado até então por eles, com o beneplácito dos donos, Manuel Francisco e Isabel Gomes, e que acabou por lhes ser dado. Seria esse o local do primitivo espaço conventual, ainda como simples oratório com casa, com capacidade inicial para 6 a 8 religiosos, como informa Frei Bonifácio Müller, na sua monografia *Convento de Santo António do Recife*<sup>154</sup>. Este mesmo espaço foi, mais tarde, entregue para a construção das instalações da Ordem Terceira de São Francisco do Recife, igreja e hospital<sup>155</sup> [doc. 10].

## 5.2 A construção do convento

Ainda que na fachada principal da igreja conventual [fig. 264] se leia a data de 1606, os cronistas têm opinado que este cronograma não referirá o início da construção, mas sim o ano da doação (ou da sua aceitação como tal pela Ordem), como o alvitre Müller na sua crónica<sup>156</sup>, o que nos parece provável. A corroborar esta opinião, o cronista setecentista Frei Jaboatão salienta ser costume dos frades franciscanos construir provisoriamente as primeiras instalações – residências ou recolhimentos com oratório –, até terem a certeza da situação que lhes seria mais propícia para a

<sup>153</sup> Fr. João da Apresentação Campelly, em 1721, leu Artes no convento, no tempo em que era Provincial Fr. João do Dezerto (cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. I, § XXVI, p. 344)

<sup>154</sup> Hoje apenas se conhece o aspecto exterior do primitivo espaço franciscano do Recife, através de dois desenhos que o representam, tirados do natural, trabalhos de artistas holandeses, um de 1630 e outro de 1645.

<sup>155</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, p. 439; ainda, MÜLLER. *Op. cit.*, p. 95 e 96. Os Terceiros sentiram a necessidade de construir um hospital, para apoio dos Irmãos doentes e indigentes; o provimento para a sua edificação foi conseguido com o interesse revelado por essa causa, quando foi Ministro o Irmão José Peres Campelo, sendo a pedra fundamental lançada a 2 de Janeiro de 1725, com a bênção do Padre Guardião Frei Clemente da Natividade. Em 1723 tinha sido contratado para fazer a planta o Engenheiro João de Macedo Corte Real (Vera Lúcia Costa ACIOLI. *A identidade da beleza : Dicionário de Artistas e Artífices do século XVI ao XIX em Pernambuco*. Recife : Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2008, p. 271 col dt<sup>a</sup>, ref. *apud* Ordem Terceira de São Francisco. *Livro da Cronologia e tombamento dos bens imóveis da venerável Ordem Terceira de São Francisco da cidade do Recife*, 1874, p. 228). Existe ainda um requerimento anterior a 1779, datado de 1 de Fevereiro, dos Irmãos da Ordem Terceira da Penitência da Vila de Santo António do Recife, à rainha (D. Maria I), pedindo licença para construção de uma enfermaria, o que nos leva a ponderar que o auxílio aos necessitados foi um dos fins a alcançar pelos irmãos Terceiros (*Vide*, AHU, ACL, CU 015, Cx. 132, doc. 9937).

<sup>156</sup> MÜLLER. *Op. cit.*, 1984, p. 4.

edificação definitiva: procedimento que seria seguido no Recife, no cenóbio que veio a tomar o nome de Convento de Santo António<sup>157</sup>. A data da entrada dos primeiros frades também não é conhecida. A notícia da abertura de uma sepultura em chão sagrado franciscano<sup>158</sup> leva a inferir a existência, em 1609, de um espaço franciscano com instalações provisórias, talvez um oratório e cômodos para os frades.

A primeira construção com traça do mestre pedreiro Manuel Gonçalves Olinda<sup>159</sup> foi confiada à gestão de Frei António de Boaventura – que, entretanto, alcançaria o posto administrativo de Presidente<sup>160</sup>; estaria terminada, entre 1612-1613, já no tempo do Superior Frei Bernardino São Tiago, com guardiania iniciada em 1609<sup>161</sup>. Constou apenas da edificação de um hospício com oratório, chamado de Santo António, por ser este o Santo patrono da povoação. A grande simplicidade da edificação do primitivo conjunto conventual franciscano avulta nas gravuras existentes no Museu do Estado de Pernambuco<sup>162</sup> – uma de Claes Janz Visscher, de 1630, e outra de Post, de 1644 –, constantes no livro já referido de Kaspar Baerle (Barleus)<sup>163</sup>, ambas tiradas do natural, deduzivelmente com o auxílio de uma câmara-clara, aquando da conquista e instalação dos holandeses na povoação do Recife<sup>164</sup>, mostrando ainda o complexo religioso erguido junto às águas da praia<sup>165</sup> [fig. 839].

<sup>157</sup> Cf. JABOATÃO, *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, p. 439; ainda. MÜLLER. *Op. cit.*, 1984, p. 5.

<sup>158</sup> Ref. F. A. Pereira da COSTA. *Anais Pernambucanos*. Recife, vol. II, p. 138; MÜLLER. *Op. cit.*, p. 5 e 6, com referência ao manuscrito de Frei Manuel da Ilha. *Op. cit.*, À margem do documento existe a data de 1608 que frei Lucas Wadding (*apud* WADDING. *Annales Ordinis Minorum*, t. XXIV, p. 276, ref. por MÜLLER. *Op. cit.*, 1984, p. 6 e 7) indicou como probabilidade de ser alusão às fundações dos conventos de Ipojuca e do Recife. É de notar ainda por vezes a alusão a um convento de São Francisco no Recife, mas como não existe senão o de Santo António, serão ambas menções a uma mesma instituição.

<sup>159</sup> (JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II p. 480). A construção primitiva do convento franciscano do Recife serviria de paradigma ao congénere de Ipojuca, que teria a traça do mesmo mestre pedreiro, pelo que, não difere muito na arquitectura do corpo da obra, como refere Jaboatão.

<sup>160</sup> Acompanharam-no nesse trabalho o sacerdote Frei Bernardino das Neves, o corista Frei Manuel de Santo António e o religioso leigo Frei Gaspar de Santo António – o primeiro brasileiro a ser aceite na ordem, no recolhimento de Olinda, antes de tomarem posse do convento (MÜLLER. *Op. cit.*, 1984, p. 8).

<sup>161</sup> Sem outro qualquer dado cronológico, sabe-se que este religioso foi guardião do Convento de São Francisco da Baía, em 1623 (cf. Lucilene REGINALDO [Em linha]. *Irmandades e devoções de africanos e crioulos na Bahia setecentista: histórias e experiências atlânticas*. Stockholm Review of Latin American Studies, n.º 4 de Março de 2009 [Consult. em 01-02-2010]. Disponível em [http://www.lai.su.se/gallery/bilagor/SRoLAS\\_No4\\_2.%20Irmandades%20e%20devoc%CC%A7o%CC%83es%20de%20africanos.pdf](http://www.lai.su.se/gallery/bilagor/SRoLAS_No4_2.%20Irmandades%20e%20devoc%CC%A7o%CC%83es%20de%20africanos.pdf).

<sup>162</sup> Museu do Estado de Pernambuco está situado no Bairro das Graças no Recife, Pernambuco e instalado num casarão do início do século XIX, desde 1929; o museu expõe permanentemente um acervo de quase 12 mil peças.

<sup>163</sup> Kaspar van BAERLE, 1584-1648, trad. Brandão Cláudio, 1894-?, pref., José Antônio Gonsalves de Mello, 1916-2002. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Recife : Fundação de Cultura da Cidade, 1980.

<sup>164</sup> Os holandeses, após terem tomado Olinda a 17 de Fevereiro de 1630, conseguiram no mês seguinte, a 3 de Março, apoderar-se da Ilha de António Vaz, onde se situava o Bairro de Santo António, que incluía o convento franciscano, então, já vazio de religiosos, tendo-o de imediato abaluartado e equipado com

A evolução do espaço franciscano no Recife não está cabalmente documentada. Resultou, como era usual, da expansão espacial que foi acontecendo à medida das necessidades, mas também, em conformidade às esmolas recebidas. Embora Jaboatão considere que a dimensão do convento, na área ocupada em planta, parecia ter-se mantido constante ou quase inalterada, é possível balizar uma significativa campanha de obras certamente iniciada pouco depois de finalizado o seu livro, contendo informação colhida apenas até 1763<sup>166</sup>.

A edificação actual, no respeitante ao aspecto exterior, difere da descrita por Jaboatão. A indicação da inscrição “1773 anno” num dos leões de pedra [figs. 265-266] do adro fronteiro ao templo, mencionada nos cadernos de Alfredo do Vale Cabral<sup>167</sup>, levou Frei Bonifácio Müller<sup>168</sup> a relacioná-la com a data de reforma do convento, ressaltando, ainda assim, a possibilidade de o algarismo das unidades poder ser um “5” em vez de um “3”<sup>169</sup>. Acresce dizer que não foram, até hoje, encontrados outros

---

canhões, com a fortaleza a receber o nome de *Forte Ernestus* (vide, a propósito, Sebastião Vasconcelos GALVÃO. *Revista do Instituto Histórico Pernambucano*. Recife, 1899, n.º 52, p. 237, ref. por MÜLLER. *Op. cit.*, p. 13 a 16). Os invasores permaneceram nesta povoação até à sua rendição, a 27 de Janeiro de 1654, às mãos dos portugueses (idem. *Ibidem*, p. 22). Em 1640 o convento voltou à função religiosa, ainda que anglicana, dirigida aos soldados que falavam a língua inglesa e trabalhavam para a Companhia das Índias Ocidentais (holandesa). Os frades franciscanos de Pernambuco ao abandonarem os conventos rumaram ao Engenho de Mussurepe (Paudalho-Pe), onde se encontravam já os Beneditinos. O fazendeiro Bernardo Gonçalves Lobo doou-lhes terras e material com fim à construção de um hospício e capela, que seria consagrada a São Francisco, conjunto que é hoje conhecido por *Mosteirinho de São Francisco* ou *Mosteirinho de Paudalho*. Em 1654, terminada a invasão, os religiosos retornaram aos seus conventos deixando vazio o Mosteirinho que voltaria à posse do seu doador e herdeiros, integrando-se na propriedade; sofreu obras que o modificaram no século XVIII, contudo, foram mantidas intactas as talhas primitivas. Mantém o culto, pertencendo, actualmente à Diocese de Nazaré da Mata. Foi tombado com inclusão do acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo n.º 13/85/SPHAN, com o Número de Processo – 0774-T-66, Inscrição n.º 484 no *Livro de Belas-Artes*, fls. 88, 8-9-1966.

<sup>165</sup> O convento foi ocupado pelas guarnições do forte construído ao seu redor, pelo que sofreu remodelações no seu interior, de adaptação às necessidades dos militares. No caso do Recife o governador, Maurício de Nassau, construiu instalações próprias para residência (o palácio de Friburgo na Praça da República), também fortificadas, perto do convento, com ligação exterior a ele (cf. MÜLLER. *Op. cit.*, 1984, fig. p. 17).

<sup>166</sup> Vide, JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.ª, vol. II, p. 439, §391.

<sup>167</sup> Alfredo do Vale Cabral nasceu no dia 17 de Novembro de 1851, na cidade de Salvador, foi. Historiador, bibliógrafo, publicou diversos livros sobre vários temas, sendo especializado na área de Folclore, faleceu no dia 23 de Outubro de 1849, na cidade do Rio de Janeiro. Exerceu funções na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foi colaborador do ilustre historiador Capistrano de Abreu. (cf. MÜLLER. *Op. cit.*, p. 9, nota 13) remete para o manuscrito do Rio de Janeiro, “Mss. da Biblioteca Nacional - Rio, II, 31, 26, 3”, onde o autor que cita teria encontrado a informação que fornece.

<sup>168</sup> *Idem. Ibidem*, Recife, 1984, p. XI.

<sup>169</sup> Os leões de ornato são dois e apresentam-se como guardiães do convento. Parecem ser elementos de inspiração oriental, feitos à semelhança dos de “FÔ” chineses. A palavra “FÔ” significa o Buda da Índia em linguagem chinesa, como informa Germain Bazin (BAZIN. *Revista do Arquivo Histórico Pernambucano*, Recife, 1945-1951, p. 173 e 174, ref. de MÜLLER. *Op. cit.*, 1984, p. 26.

documentos relativos aos trabalhos executados nesse frontispício, cuja reforma a análise histórico-artística permite enquadrar no período 1763-75 [fig. 264].

Müller, na sua monografia *Convento de Santo António do Recife*, fornece informação detalhada sobre o aspecto físico exterior e interior do convento e dos seus anexos (como os cómodos dos escravos - moradias e capela), sobre a forma e articulação dos seus membros arquitectónicos, sobre a conexão das partes constitutivas entre si e a sua interligação com a envolvente, assim como sobre a decoração, no que se refere a azulejaria, pintura e talha; aborda igualmente o aspecto das vistas que dele se desfrutam, como a cidade de Olinda, o mar – o Oceano Atlântico -, o ancoradouro e o Rio Beberibe que corre perto<sup>170</sup> [fig. 839]. Expressa ainda a preocupação tida pelos religiosos em guardar a ala mais bem exposta para a instalação da enfermaria dos frades doentes dos cinco conventos franciscanos de Pernambuco – os do Recife, Olinda, Ipojuca, Igarau e Serinhaém –, construção já da época da Restauração, demonstrando que a salubridade faria parte do conjunto de perspectivas de vida destes religiosos<sup>171</sup>.

Podemos afirmar que o convento de Santo António do Recife é um complexo edificado com dimensões médias, cuja monumentalidade deriva certamente da feição que o barroco lhe começaria a emprestar, apenas, a partir da primeira década do século XVIII [fig. 280].

### 5.3 A igreja

No que se refere à igreja, esta apresenta uma fachada grandiosa com cinco arcos de pedra lavrada num plano avançado em relação ao do frontispício da igreja [figs. 242, 264]: os três arcos centrais sustentam o frontispício da igreja e, um dos laterais, o do lado Norte, dá acesso à portaria e, o outro, a Sul, fica do lado das instalações da Ordem Terceira [fig. 838]. O indispensável cruzeiro que em tempo recuado teria sido elevado junto à praia, em sítio afastado da entrada, hoje, ergue-se em pedra de cantaria, no adro, frente ao portal principal [fig. 264], como relata Müller<sup>172</sup>.

<sup>170</sup> *Idem. Ibidem*, 1984, p. 8 a 10, 25 a 71.

<sup>171</sup> *Idem. Ibidem*, p. 9 e 79.

<sup>172</sup> *Idem. Ibidem*, p. 9.

Destacam-se, neste pátio franciscano, como também no congénere de João Pessoa, dois leões pétreos [fig. 4], que no Recife se apresentam deitados [figs. 265, 266] como guardiães do cruzeiro que aí se eleva [figs. 242, 264].

O interior do templo sofreu algumas remodelações ao longo do tempo, como a que registámos já em meados do Século XIX [figs. 270, 271]; da autoria de Francisco Manuel Béranger (natural de Nantes) chegado ao Brasil em 1816<sup>173</sup>, apontados e ressaltados por F. A. Pereira da Costa<sup>174</sup>, e o revestimento de azulejaria vinda do Reino – execução entre os anos de 1735 e 1750<sup>175</sup> [figs. 271, 272]. Neste interior destacam-se ainda telas pintadas a óleo, de um modo geral, alusivas à “Chronica Seraphica”, datadas igualmente do século XVIII<sup>176</sup>.

#### 5.4 Outras instalações : articulação

A zona conventual encontra-se organizada com adossamento à Igreja a que se anexou a Capela da Ordem Terceira e a Casa dos Exercícios desta [fig. 838].

O grande claustro desenrola-se à volta do pátio, em dois piso de galerias abertas sobre o pátio e um recuado fechado com algumas janelas de peito abertas; no inferior – o de maior riqueza artística –, as arcadas assentam os arcos de volta inteira em colunas de pedra lavrada [fig. 273]; o tecto é de abóbada de berço e o chão é ainda o original em pedra; há entrada directa para a igreja dos frades, por porta aberta na ilharga direita desta; na galeria superior, vêm-se colunas do mesmo tipo das do pavimento térreo, mas mais baixas e de menor elaboração, assentes em parapeito; o tecto é em vigas de madeiramento que suportam um telhado que corre ao longo das fachadas da

<sup>173</sup> Da sua autoria é, por exemplo, o púlpito, para além de mobiliário, conjuntos de canapés e cadeiras de braço que deram origem ao conhecido estilo Pernambucano ou de “Béranger”, ao tomar o nome do artista.

<sup>174</sup> COSTA. *Anais Pernambucanos*. Recife : Arquivo Público Estadual, 1950-51, p. 383 e 385.

<sup>175</sup> Tanto para a igreja como para o espaço conventual foram feitas encomendas de painéis de tapete, e de quadros historiados para revestimento de paredes, como os que descrevem a vida de Santo António encomendados para a igreja conventual, os colocados na sacristia e referenciados por JABOATÃO, para além dos do claustro, com a história da criação do mundo, os da capela do capítulo e da portaria, para além de outros espaços de menor relevância que foram ornados igualmente com barras azulejares (*vide*, a este propósito, MÜLLER. *Op. cit.*, 1984, p. 34-41).

<sup>176</sup> A este propósito, e sobre os outros quadros existentes em todo o convento, leia-se MÜLLER. *Ibidem*, p. 43-48. Sobre a descrição da igreja do século XVIII, leia-se JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XXV, p. 443, 444, § 394.



quadra; sobre este, em plano recuado, vêm-se as paredes dos edifícios que envolvem este claustro, com rasgo de janelas de peito e em capialço na ilharga da igreja.

A sacristia é hoje repositório de diversas peças de culto e obras de arte, de valor artístico. De planta rectangular, tem uma câmara anexa revestida a silhares azulejares historiados, azuis e brancos, que recortam superiormente as paredes laterais; exhibe na parede de fundo um lavabo pétreo de em talha artística, de alçado com bacia larga assente em mísula; janelas laterais dão-lhe iluminação e proporcionam arejamento. Do mobiliário setecentista, trabalho do mestre José Gomes de Figueiredo<sup>177</sup>, ressalta um comprido arcaz de jacarandá, de três fiadas de gavetas sobrepostas que formam um longo corpo em talha, sobrepujado por um alçado sexpartido com um nicho central com um Cristo crucificado; cada uma das porções do alçado, com frontão recortado e pináculos nos extremos, exhibe uma painel com pinturas a óleo figurativas do imaginário franciscano; ainda, um repositório de sacristia, de pequenas gavetas, adossada à parede, semelhante aos dois que se encontram na sacristia dos Terceiros.

Por trás da sacristia, com passagem por ela foi construído um cemitério de pequenas dimensões.

### 5.5 Aspectos patrimoniais

A partir das primeiras décadas do século XVIII, a feição de grandiosidade artística do complexo franciscano prevaleceu, conferida não só pelo revestimento de azulejaria<sup>178</sup> [figs. 269, 271-276], como pela colocação de telas pintadas de conteúdo religioso nas paredes da igreja, do claustro, do refeitório e de outros recantos conventuais.

---

<sup>177</sup> Semira Adler VAINSENER. *Convento Franciscano de Santo António (Recife, PE)*. [Em linha]. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 22-07-2003 (actualizado em 22-10-2009). [Consult. em 19-12-2009]. Disponível em <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>.

<sup>178</sup> Os muros claustrais, são revestidos, em silhar, por painéis azulejares, historiados, que mostram episódios do Génesis (a criação do mundo) assinados por António Pereira (cf. J. M. Santos SIMÕES. *Azulejaria em Portugal no século XVII*, t. I, 2ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, p. 227). Este autor afirma ter verificado a existência de azulejos holandeses de figura avulsa – apenas azuis – no claustro do convento, provavelmente transferidos para ali – depois de reconquista da vila do Recife, em 1654 – idos do palácio construído por Maurício de Nassau, entre 1640 e 1642, introduzidos por mercadores holandeses com temas florais e animalistas.

## 6 Convento de Santo António de Cairu

### 6.1 Os frades menores em Cairu

Há notícia de franciscanos em Cairu no ano de 1650, ainda sem assento próprio, pois eram acolhidos em um engenho com capela, e aí celebravam esporadicamente o culto.

O convento franciscano de Santo António de Cairu teve o seu início no início da década de cinquenta do século XVII<sup>179</sup>, com o apoio financeiro da população local que os favoreceu com prodígios donativos<sup>180</sup>. No final do século ainda se fazia sentir a falta de verbas, a ter em conta o pedido de ajuda ao Estado do Brasil<sup>181</sup> [docs. 11, 12, 14].

Levada a obra por diante, os frades e a povoação viu a mole conventual elevar-se no topo de uma colina com vista sobre vasto estuário [fig. 326], onde as águas correm por entre mangues em direcção ao Oceano Atlântico. A centúria seguinte, no entanto, levou a pobreza à cidade e a sua decadência, o que se repercutiu na vida conventual, assistindo-se a um quase esvaziamento de religiosos deste Convento de Santo António<sup>182</sup>.

<sup>179</sup> O cronista Fr. Apolinário da Conceição aponta o ano de 1650 para a sua fundação (cf. CONCEIÇÃO, FONSECA. *Op. cit.*, p. 76). Este cronista remete a informação para a Relação do Arquivo da Província, por ele consultada; Germain Bazin indica o de 1654 [cf. BAZIN. *Op. cit.*, vol. 1.º, p. 116].

<sup>180</sup> Em 25 de Dezembro de 1654, Frei Sebastião dos Mártires recebeu de Bento Salvador e Isabel Gomes, a dádiva de um terreno situado junto à ermida de Santo António, o que lhe permitiu dar início à execução do projecto de construção da nova casa franciscana em Cairu [cf. Ignácio ACCIOLI, B. AMARAL. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Baía* : Imprensa Oficial (1919-1940), Salvador, 1937, vol. 5, p. 148 a 153].

<sup>181</sup> Há notícia de, no ano de 1696, D. Pedro II (Lisboa, 26 de Abril de 1648 – Alcântara, 9 de Dezembro de 1706) dispor por mais cinco anos o recebimento por parte do convento de uma Ordinária de 30\$000, por Provisão do Real, para ajuda da construção conventual.

<sup>182</sup> Há referência à diminuição do número de frades no convento, no ano de 1801 (*Idem. Ibidem, loc. cit.*) ao abandono dos frades no ano de 1894 [cf. *Inventário de Protecção do Acervo Cultural* (IPAC-Ba), n.º BR, vol. 5, *Litoral Sul* : Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, Baía, 1988, com ref. a Informação oral de Frei Lambert Kanzs], e à reocupação do convento pela Ordem, no ano de 1907, com simultaneidade de obras de conservação (*idem. Ibidem.*).

## 6.2 O convento : surgimento e morfologia

A congregação dos franciscanos da Baía, reunida em 21 de Novembro de 1650, presidida pelo Custódio frei João Baptista, então o Guardião da Baía, resolveu dar provimento ao pedido que lhe tinha chegado de acrescentar mais três conventos aos já construídos na Província de Santo António do Brasil, que incluía o de Cairu<sup>183</sup>.

O Convento de Santo António teria sido construído sobre as ruínas de uma pequena ermida de invocação a Santo António que remontaria às primeiras presenças franciscanas na região. Frei Daniel de São Francisco, na época, um dos promotores da separação da Província do Brasil da de Portugal, teria sido o seu projectista<sup>184</sup>. O convento foi construído no alto da cidade, com vista para o estuário [fig. 326], em destaque na paisagem, por entre outros prédios que se erguem próximo, igualmente de monta histórica. Vindo de barco [fig. 293], aportados ao rudimentar cais da cidade de Cairu, chega-se ao convento, subindo a partir da zona baixa, pela Rua Direita e avançando na sua continuação, ladeira a cima [fig. 294].

Quatro anos depois do seu início, a população assistiu à colocação da pedra fundamental do convento, lançada a vinte e cinco de Agosto de 1654, cuja estrutura arquitectónica ficaria concluída em 1661, concretizando-se a fundação oficial passados mais quatro anos. A igreja em alvenaria mista de pedra e tijolo foi iniciada na guardiania de Fr. Miguel da Conceição que substituiu a que teria sido erguida em taipa com a traça de Fr. Daniel de São Francisco, Custodio provincial<sup>185</sup>. Apenas em 1854, a construção do convento foi dada por finalizada.

O Convento de Santo António de Cairu é uma construção em dois pisos [fig. 295], virado para o braço de mar que separa as ilhas de Tinharé e Boipeda [fig. 686],

<sup>183</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. I, Estância II, p. 242; pt. 2.<sup>a</sup>, vol II, cap. VII, p. 564.

<sup>184</sup> Cf. °. *Op. cit.*, 1956-1958, vol. 2, p. 13. Frei Daniel de São Francisco era português (Penafiel ?, 1606/1610-1692, Recife) e foi ordenado sacerdote no Convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda, de onde saiu devido à ocupação holandesa; foi superior e Custódio em Salvador e aí leccionou as disciplinas de Filosofia e Teologia; foi considerado pela sua cultura arquitectónica, tendo sido, igualmente, dado como autor da traça do coevo Convento de Paraguaçu; a traça do frontispício em Cairu é barroca, sendo da mesma década de duas das obras-primas do barroco italiano (igrejas de S. Andrea al Quirinale e S. Maria della Pace), projectadas por Bernini e Cortona, muito antes daquela linguagem estética arquitectónica se ter difundido no Brasil [*vide*, a este propósito, Alberto de Sousa. *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu* : EDUFPB (Editora da Universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, 2005 [Em linha]. [Consult. em 30-01-2009]. Disponível em [http://www.papamel.org.br/painel\\_cairu%2001.html](http://www.papamel.org.br/painel_cairu%2001.html)].

<sup>185</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt.2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. VII, p. 565, §515.

que veio a tomar, também ele, feição barroca. É amplo, com uma área de 4,2 mil metros quadrados. O frontispício da igreja é precedido por um vasto adro onde se ergue o tradicional cruzeiro de pedra [fig. 296], simbólica da Paixão de Cristo usual nestes conventos. Está envolto, em três das suas fachadas por uma vasta quinta em parte murada que constitui a cerca conventual [fig. 326].

O conjunto arquitectónico é constituído por igreja e Convento, desenvolvido em dois pisos, com claustro de galerias dispostas à volta de um pátio a céu aberto [fig. 841], com o interior em arcos de asa de cesto no piso térreo, e pilares monolíticos de arenito, no piso superior [figs. 300, 301]. Fazem parte dele, ainda, as instalações da Ordem Terceira, que nunca foram concluídas, e se apresentam como ruínas, num amplo espaço vazio e aberto ao firmamento [figs. 281-289], à esquerda do templo dos frades, separadas fisicamente dele, tendo apenas como parte comum a parede da torre a que se adossa, mantendo idêntica orientação à da igreja dos frades<sup>186</sup> [fig. 841].

O claustro [fig. 301] surge adossado à ilharga direita da igreja, como foi prática entre os religiosos conventuais franciscanos<sup>187</sup>. O acesso às instalações conventuais, faz-se a partir da arcada à direita do frontispício do convento para a portaria [figs. 298, 300] que revela um forro de madeira com pintura delicada [fig. 299] e, daqui, directamente para o claustro; no piso térreo, dão para as galerias, a Casa do Capítulo, várias arrecadações, o *de profundis* [figs. 319, 320] com o imprescindível lavabo [fig. 322], o refeitório [fig. 321], as copas e a cozinha [figs. 323, 324], destacando-se aqui um amplo forno de base circular, em coifa rematada superiormente por cúpula em meia-laranja e lanternim<sup>188</sup> [figs. 324, 325]; as celas dos religiosos e a biblioteca encontram-se no piso superior, dando sobre os corredores que contornam o claustro, e na ala contínua à galeria perpendicular à igreja [fig. 301]; aproveitando a natureza que envolve o convento, os frades construíram varandas/mirantes que lhes permitiu a aproximação física e espiritual da natureza preconizada por Francisco de Assis.

<sup>186</sup> Para conhecimento alargado da morfologia do convento consulte-se ARGOLO. *Op. cit.*

<sup>187</sup> O claustro, tal como a sacristia da igreja conventual ainda conserva os azulejos do tipo tapeçaria e figurativos dos séculos XVII e XVIII, que estão ainda a necessitar de intervenção de restauro.

<sup>188</sup> Esta chaminé é idêntica às dos conventos franciscanos de São Cristóvão e Penedo. A propósito do seu formato, Albrechet Haupt (HAUPT. *A Arquitectura da Renascença em Portugal*. Lisboa : J. Rodrigues, 1924, p 138) refere que no convento franciscano de Cairu, a chaminé enorme que termina em pescoço fino, é um modelo arquitectónico que pode ser considerado com origem árabe na Baía. Acrescentar a esse exemplo as dos conventos que referimos acima, pois são de compleição semelhante, mas talvez desconhecidos do autor. Quanto a nós, este é um assunto que parece merecer uma investigação mais apurada, pois dizer que podem ser de origem árabe é intrigante, pois lembramos que o povo Árabe é proveniente de regiões desérticas e que as dificuldades de vida aí os converteu em povo nómada, não nos parecendo caber aqui tais chaminés.

As galerias do claustro no piso térreo são limitadas do lado exterior por arcadas em asa de cesto assentes em pilastras toscanas de base quadrangular, enquanto no piso superior, a arquitrave assenta em pilares monolíticos de arenito com fuste em entase, com base e ordem semelhante àquelas, mas de menor envergadura [fig. 301]; internamente as paredes do piso térreo são animadas por silhares azulejares [fig. 300], destacando-se um registo azulejar de um Senhor Crucificado [fig. 315].

A Casa do Capítulo<sup>189</sup> [fig. 316] surge no piso térreo a meio de uma ala claustral, virada para a frontaria do convento, contígua ao espaço da Portaria<sup>190</sup>; não sendo ampla distingue-se por expor uma decoração copiosa que tira partido da boa iluminação que os vãos de duas janelas abertos para o adro, avistando o braço de mar entre ilhas, lhe proporcionam; as paredes têm revestimento de silhares de azulejos e o tecto em gamela impõe-se de modo marcante pela geometria exótica de caixotões em formatos variados, de estrelas de oito pontas, hexágonos e triângulos, com emolduramento muito relevado, onde avultam pinturas do século XVIII, mostrando uma paleta de cores fortes e vivas, em figurações alusivas à glorificação da Virgem em *trompe l'oeil*<sup>191</sup> e elementos ornamentais do rococó, como cartelas falantes suportadas por *putti* envoltos em panejamentos serpenteantes, conchas e escudos [figs. 316-318].

Junto à sacristia, destaca-se uma escadaria de dois lances opostos, com degraus em madeira, cujo guarda-corpo do primeiro lance é em alvenaria, com arranques em madeira em forma de aletas com volutas [fig. 303]; o guarda-corpo do segundo lance é em madeira em balaustrada; no cimo surge um pequeno altar de estética barroca<sup>192</sup>.

---

<sup>189</sup> A capela da Casa do capítulo foi construída pertença de Manuel de Góis por escritura de 4 de Abril de 1704, que mandara construir para sepultura própria e dos seus entes, para o que deixou proventos aos frades para zelarem pelo cumprimento de sua vontade (cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XXVI, § 403-404, p. 452]

<sup>190</sup> A conclusão das obras da portaria do convento teria ocorrido no ano de 1739 [cf. *Inventário de Protecção do Acervo Cultural* (IPAC-Ba), n.º BR, vol. V, Litoral Sul : Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, Baía, 1988].

<sup>191</sup> As pinturas da Casa do Capítulo fazem parte da segunda etapa de restauros previstos para o convento, juntamente com telas e imagem que essa sala comporta.

<sup>192</sup> Com a imagem da Senhora do Rosário.

### 6.3 A Igreja

A igreja, de acordo com Jaboatão, teve o lançamento da pedra fundamental no ano de 1654<sup>193</sup>; ergue-se fronteira a um adro riscado em declive para fora, onde avulta um cruzeiro em pedra. É complementada por torre sineira que surge recuada, à esquerda [fig. 295].

Ostenta uma fachada de grande monumentalidade, com atarracamento de algum modo contrariado pelos elementos em verticalização que a compõem<sup>194</sup> [fig. 295]; está articulada em três registos escalonados, divididos ou rematados lateralmente por pilastras toscanas; o primeiro está organizado em galilé, ao segundo e ao terceiro justapõem-se lateralmente aletas de volutas de curva e contracurva a que se encostam grandes pináculos colocados no prumo dos cunhais de pilastras, sendo o conjunto rematado superiormente por um pequeno frontão de contracurvas, encimado por cruz. A torre sineira eleva-se com três registos, cujos cunhais são rematados superiormente por cornija continuada, onde assentam pináculos, na continuidade daqueles, e termina em coruchéu piramidal em tijolo, revestido de azulejos policromos. Cada uma das faixas superiores assenta na que lhe está inferior, recuando e evidenciando uma redução na escala dos membros arquitectónicos, numa composição que empresta dinamismo à fachada, aspecto que é reforçado pela sobranceria do edifício em relação à envolvente, e pendor do adro para fora, a que se junta a colocação do cruzeiro em plano inferior ao do templo. A galilé de tramos é suportada por cinco arcos de volta inteira assentes em pilastras toscanas, gradeadas [figs. 292, 297]; os três arcos centrais correspondem às portas<sup>195</sup> de acesso ao templo; o da direita [fig. 298] dá entrada para a portaria do convento e, o da esquerda, para a torre [fig. 297]; nas extremidades, existem duas capelinhas dedicadas a São Benedito e à Senhora da Conceição, que estão protegidas por portadas de madeira almofadada [figs. 297, 298]. No segundo registo, prumados com os arcos inferiores, rasgam-se os três janelões do coro rematados superiormente por cornijas sobrepostas por frontões encurvados. O terceiro registo é composto por um

<sup>193</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. VII, § 515, p. 565.

<sup>194</sup> Os últimos acabamentos na fachada da igreja correspondem ao finalizar da porta lateral da Galilé [cf. *Inventário de Protecção do Acervo Cultural* (IPAC-Ba), n.º BR, vol. V, Litoral Sul : Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, Baía, 1988].

<sup>195</sup> As portadas exibem as inscrições 1661/1750, que se reportam presumivelmente à conclusão de obras conventuais.

frontão cenográfico onde se evidencia um grande dinamismo de formas, com nicho central para imaginária.

É de planta longitudinal, com os espaços diversificados em capela-mor mais estreita, e nave única precedida por uma galilé, com coro-alto [figs. 312, 841]. A capela-mor de um só registo apresenta um altar-mor retabular de um só eixo, neoclássico, de corpo único, com camarim onde é exposto sobre plinto um crucifixo; o ático em arco pleno é suportado por colunas triplas coríntias; o remate superior é em friso e cornija; sobre a mesa está o sacrário com nicho central para imaginária; a talha é pouco relevada com motivos vegetalistas folheados a ouro apostos em fundo branco [fig. 309]. As paredes da capela apresentam silhares azulejares figurativos monocromáticos, datados de 1740, que mostram cenas da vida do patrono do convento<sup>196</sup> [fig. 309, 311]; as paredes são vazadas por três vãos de portas e janelas rasgadas por inteiro, em arco-abatido com cornijas, que dão para os corredores laterais que fazem a ligação com a sacristia transversal; o forro e o pavimento são em madeira [fig. 309]; articula-se com a nave por amplo arco triunfal, pleno, assente em pilastras toscanas de pedra pintada, unidas por grade de balaústres, em madeira de jacarandá esculpida em torneados, com porta<sup>197</sup> [figs. 308, 310]. Nos panos colaterais ao arco triunfal, rasgam-se dois altares laterais<sup>198</sup>.

A nave é de dois registos, a nível térreo abrem-se duas portas, logo a seguir ao arco triunfal; a da direita dá o acesso directo ao claustro e, a da esquerda, para o corredor que leva à sacristia [figs. 302, 304]; as paredes são igualmente decoradas com silhares azulejares em azul e branco com o padrão das albarradas; do lado do evangelho,

<sup>196</sup> O lado do evangelho descreve “O milagre da mula” e “A pregação aos peixes”, enquanto o lado oposto, aparece “A ceia na casa do incrédulo” e “A cura da criança paralítica” segundo informação fornecida no convento e como descrito por José Spínola, 2 de Fevereiro de 2007, [Em linha]. [Consult. em 03-02-2009]. Disponível em <http://www.cidteixeira.com.br/site/projetos.php?id=3>.

<sup>197</sup> A conclusão da decoração da igreja hoje cingida a pouco mais que aos silhares azulejares das paredes, foi dada ao ano de 1742 [cf. J. M. S. Simões. *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*, Lisboa, 1965, p. 60 a 74].

<sup>198</sup> Devido às obras que se desenrolavam na igreja quando da nossa visita, não nos foi possível ter uma visão detalhada dos pormenores, porque estavam parcial ou totalmente tapados ora por andaimes ora por panos protectores. Na falta, deixamos a descrição do encontrado: “Na lateral direita do altar, a imagem de São Francisco. No lado oposto, a de Santo António, ambas confeccionadas em madeira. Nos lados colaterais ao arco cruzeiro, vemos altares com colunas clássicas gregas, com a parte inferior do fuste em caneluras, guirlandas na parte superior das pilastras (estilo D. Maria I). Na parte superior do frontão, destaca-se um jarrão de flores. E, nas extremidades do entablamento, palmas douradas. No altar do lado direito, vemos a Nossa Senhora da Conceição. No nicho inferior deste mesmo lado, a imagem de São José de Botas. Do altar do lado esquerdo, vemos Cristo Crucificado e a Nossa Senhora das Dores” (cf. José SPÍNOLA. [Em linha]. 2 de Fevereiro de 2007 [Consult. em 03.02-2009]. Disponível em <http://www.cidteixeira.com.br/site/projetos.php?id=3>).

a meio da parede, abre-se o arco de entrada para uma capela profunda de devoção a Santa Rosa de Viterbo [fig. 313], que teria constituído a primitiva capela da Ordem Terceira; assim, no registo superior, abrem-se três vãos de janelas à direita e apenas dois à esquerda; superiormente apenas encontrámos madeiramento de sobrado<sup>199</sup>.

O coro-alto constitui-se em sala ampla de planta em U, com guarda corpo alto, dando sobre a nave da igreja, em gradeado de madeira em trabalho rendilhado, numa composição de cinco panos em treliça com separadores verticais rematados por pináculos, destacando-se sobre o pano central um frontal em maquineta / dossel muito decorativo em talha dourada, onde se recolheu, em tempos, um Cristo crucificado<sup>200</sup> [fig. 312].

O pavimento é em pedra de arenito e, no local das campas, em madeira.

### 6.3.1 *Controvérsia sobre a procedência do padrão do frontispício da igreja dos frades em Cairu*

A afirmação de Alberto de Sousa que o convento de Santo António de Cairu será “uma das primeiras manifestações de uma arquitectura genuinamente brasileira, segundo a Escola Franciscana do Nordeste”<sup>201</sup> parece-nos controversa<sup>202</sup>. Quanto a nós,

<sup>199</sup> O forro foi retirado, mas deixamos a descrição do representado nele: “cenas da vida de São Francisco, Santo António e São Domingos, com intersecção de figuração de visões de Cristo e da Virgem, e com a inscrição da data 1875, presumivelmente assinalando a data da sua execução”; da mesma autoria encontrámos a descrição do forro da galilé: “a parte central tem um medalhão em forma de octógono com a imagem de Nossa Senhora da Conceição portando uma coroa de estrelas” (idem. *Ibidem*. [Em linha].).

<sup>200</sup> Aqui se vê o antigo ambão em madeira entalhada e torneada (*Idem. Ibidem*. [Em linha]).

<sup>201</sup> Colhido em Alberto de Sousa (professor adjunto da UFPB, Doutor pela Universidade de Paris) [Em linha]. “Arquitectura neoclássica brasileira: um reexame”, revisão de um trabalho, publicado em Sonia Gomes PEREIRA, org. *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro, CBHA/PUC-Rio/UERJ/UFRJ, 2004, vol. 1, p. 39 a 49, e onde explana sobre a particularidade do carácter barroco do frontispício do Convento Franciscano de Cairu, de Março, 2006 [Consult. em 05-02-2009]. Disponível em [http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc070/arc070\\_02.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc070/arc070_02.asp).

<sup>202</sup> Quanto a nós, a feição piramidal que vemos no frontão de Cairu (de 1666) que tem sido dado como criação própria da “Escola Franciscana do Nordeste” deverá créditos às Jesuíticas. Bazin aponta para seu cotejo a feição da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do antigo Colégio Jesuíta de Santarém, cujo frontão será do início da década de setenta do século XVII. Quanto a nós, confrontado este frontão com o da Igreja do Colégio da Baía, notam-se indiscutíveis semelhanças que Bazin também aponta. Ora, sabendo-se que a data de lançamento da primeira pedra da nova igreja jesuíta da Baía, a que Bazin se refere, é 1657, sendo que a finalização do tosco está dado ao ano de 1672 (datas corroboradas pelo próprio Bazin) (cf. BAZIN. *Op. cit.*, 2.º vol., p. 19 e 20), poder-se-á inferir que a Igreja franciscana de Cairu deverá, plausivelmente, influência à jesuíta da Baía. Aceite este facto, fica levantado mais um senão às características que historiadores relacionam com a dita “Escola Franciscana do Nordeste”. Pensamos que será sua precursora, em primeira mão, a fachada da Igreja do Gesù de Roma – a primeira igreja da Companhia de Jesus no mundo – (da segunda metade do século XVI), saída do traço do italiano Giacomo della Porta (Porlezza, 1532-Roma, 1602) –, que foi inovadora quando surgiu, tendo contribuído para a introdução em Itália de uma nova feição arquitectónica que ficaria conhecida por arte do Barroco.



a feição piramidal que vemos no frontão de Cairu (de 1666) que tem sido dado como criação própria daquela “Escola” deverá créditos às Jesuíticas. Bazin aponta para seu cotejo a feição da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do antigo Colégio Jesuíta de Santarém, cujo frontão será do início da década de setenta do século XVII. Quanto a nós, confrontado este frontão com o da Igreja do Colégio da Baía, notam-se indiscutíveis semelhanças que Bazin também aponta. Ora, sabendo-se que a data de lançamento da primeira pedra da nova igreja jesuítica da Baía, a que Bazin se refere, é 1657, sendo que a finalização do tosco está dado ao ano de 1672<sup>203</sup>, poder-se-á inferir que a Igreja franciscana de Cairu deverá, plausivelmente, influência à jesuítica da Baía. Aceite este facto, fica levantado mais um senão às características que historiadores relacionam com a dita “Escola Franciscana do Nordeste”. Pensamos que será sua precursora, em primeira mão, a fachada da Igreja do Gesù de Roma – a primeira igreja da Companhia de Jesus no mundo – (da segunda metade do século XVI), saída do traço do italiano Giacomo della Porta (Porlezza, 1532-Roma, 1602) –, que foi inovadora quando surgiu, tendo contribuído para a introdução em Itália de uma nova feição arquitectónica que ficaria conhecida por arte do Barroco. Assim, as fachadas semelhantes às de Cairu que foram construídas no Brasil, a nosso ver, serão continuadoras da feição de *Il Gesù*, a que, novo tempo, local e contexto histórico, levaram mutações locais arrojadas.

#### 6.4 A Sacristia

A sacristia, construída em 1661<sup>204</sup>, foi desenhada transversal à igreja, por detrás dela, adossada à sua parede fundeira, alcançada através dos dois corredores laterais (caminho da via-sacra) à capela-mor [fig. 302], cujas paredes estão revestidas com silhares de azulejos datados entre 1760 e 1770 [fig. 304]. Consta de uma ampla sala profusamente decorada e ornamentada, com a contribuição do revestimento de azulejos decorativos, da pintura ilusionista a óleo do forro, do retábulo, do lavabo e do

---

Assim, as fachadas semelhantes às de Cairu que foram construídas no Brasil, serão continuadoras da feição de *Il Gesù*, a que, novo tempo, local e contexto histórico, levaram mutações locais arrojadas.

<sup>203</sup> Datas corroboradas pelo próprio (BAZIN. *Op. cit.*, 2.º vol., p. 19 e 20).

<sup>204</sup> *Idem. Ibidem*, vol. 2, p. 14; *Inventário de Protecção do Acervo Cultural (IPAC-Ba)*, n.º BR, vol. V, Litoral Sul : Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, Baía, 1988.

mobiliário constituído por arcaz e armários embutidos [figs. 305, 306]. Os pés direitos das paredes são totalmente revestidos até à sanca, por azulejos de decoração arquitectónica decorados com figuras da imaginária cristã envoltos por elementos do rococó, enquanto o revestimento do tecto exhibe em *trompe l'oeil* uma exuberante pintura arquitectural que cinge uma cena historiada alusiva à vida do patrono do convento<sup>205</sup> [figs. 305, 306]; dois grandes arcazes de espaldar, em jacarandá e vinhático, artisticamente desenhados e trabalhados, com inclusão de tabelas pintadas<sup>206</sup>, ladeiam um altar retabular arquitectónico, exemplar da talha baiana da primeira metade do século XVIII (de características barroco / rococó), com nicho para imaginária sacra, centralizado, com dossel recortado<sup>207</sup>, muito ornamental onde aparece o brasão da Ordem Franciscana [fig. 305]; destaca-se, ainda, num compartimento rasgado para fora, incrustado na parede que dá para o exterior, envolto com grande mestria por decoração azulejar, um imponente lavabo com bacia e espaldar muito ornamentais, assente em pedestal, feito em pedra lioz e mármore de Estremoz<sup>208</sup> [fig. 307] que aproveita as águas recolhidas da chuva, em cujo respaldo avultam as armas reais de Portugal; fazem igualmente parte da decoração da sacristia, dois armários verticais embutidos, entalhados, de pequenas gavetas, rematado superiormente por frontões.

### 6.5 Características tipológicas e artísticas

A fachada da igreja conventual, independentemente de possuir ou não carácter arquitectónico inovador no Brasil, a sua importância, do ponto de vista artístico, é incontestável. Apesar da degradação física a que chegou hoje, o convento de Cairu

<sup>205</sup> No centro da pintura arquitectónica evidencia-se a representação de um milagre atribuído a Santo António, com o Menino a sair do colo da Virgem para ser recebido por São Francisco de Assis. Raggi faz alusão a este tecto em pintura de quadratura entre outros que menciona em ambiente franciscano do Recôncavo Baiano (cf. RAGGI. *Op. cit.*, 2004, vol. II, pt. III, p. 916).

<sup>206</sup> As pinturas das tabelas representam cenas da vida da Virgem Maria, pintadas em 1786 (cf. SPÍNOLA. [Em linha]. *Op. cit.*, 02-02-2007).

<sup>207</sup> Durante o restauro da sacristia, os técnicos descobriram uma pintura artística do século XVII no alto do altar de Nossa Senhora do Rosário, mostrando dois anjos segurando os escudos de Portugal e da Ordem Franciscana (cf. Sérgio ADEODATO [Em linha]. [Consult. em 05-02-2009]. Disponível em [http://www.horizontegeografico.com.br/index.php?acao=exibirMateria&materia%5Bid\\_materia%5D=103](http://www.horizontegeografico.com.br/index.php?acao=exibirMateria&materia%5Bid_materia%5D=103)).

<sup>208</sup> Os restauros das diversificadas artes que constam da sacristia, azulejaria, pintura figurativa do forro do tecto, painéis, talha, foram grande desafio para os técnicos do IPHAN, pois encontravam-se em adiantado estado de degradação.

impressiona a quem se abeira dele e o visita. Os seus muros e espaços ainda patenteiam o cunho artístico antigo e o cuidado de artistas que neles imprimiram o seu génio nas diversas formas de arte.

Quem, subindo a ladeira a partir do mar encara a vasta fachada barroca, sente-se de imediato atraído pelo carácter dinâmico e festivo que a riqueza plástica que a determina, lhe empresta. No interior do convento, encontram-se ainda belos exemplares de escultura, pintura, retábulos, tectos e mobiliário dos séculos XVIII e XIX, além do monumental conjunto de azulejaria portuguesa, dos séculos XVII e XVIII.

A azulejaria recobre grande parte das superfícies dos muros dos corredores claustrais [fig. 300], igreja [figs. 309, 311], incluindo a capela de Santa Rosa de Viterbo [fig. 307], sacristia [figs. 304, 306], sala do capítulo [fig. 316] e refeitório [fig. 321], recriando nas superfícies planas dos muros uma enganadora tridimensionalidade. No claustro, na parede comum à igreja, destaca-se a singular composição azulejar em azul e branco, de um Cristo crucificado, datado de 1654 [fig. 315], remontando ao início da construção do claustro. No corredor lateral à igreja de acesso à sacristia [fig. 304] e na parede do guarda-corpo de uma escadaria, existem silhares em azul e branco com friso em manganés, com motivos do rococó português do terceiro quartel do século XVIII (de influência da Regência francesa<sup>209</sup>), com cenas historiadas da vida de frades franciscanos – os chamados “Eremitas” – em cenário campestre emoldurado com concheados assimétricos, delimitados por frisos [fig. 303]. Na galilé [figs. 297-298], nas galerias do claustro [fig. 300, 315], na sala do capítulo [fig. 316] e na igreja, surgem silhares joaninos (da primeira metade do século XVIII) em azul e branco, revestindo as paredes até meia-altura do seu pé-direito; mostram albarradas floridas inseridas em composição barroca com golfinhos, separadas por palmitos, cingidos por cercadura de enrolamentos de folhas de acanto, sobre friso em cordão. Na igreja, a capela-mor apresenta silhares Setecentistas, datáveis dos anos quarenta<sup>210</sup> e a capela de Santa Rosa de Viterbo, apresenta interessante enquadramento azulejar característica do joanino / rococó. Os painéis da sacristia<sup>211</sup>, da primeira metade do século XVIII (do início da fase

<sup>209</sup> Como avisadamente refere José Meco (MECO. “Azulejaria Portuguesa na Baía”, *Oceanos - Azulejos Portugal e Brasil*, n.ºs 36/37 : Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Outubro 1998 / Março 1999, p. 68).

<sup>210</sup> *Idem. Ibidem. Op. cit.*, Outubro 1998 / Março 1999, p. 68.

<sup>211</sup> *Idem. Ibidem*, p. 68. Meco recorda que J. M. Santos Simões (SIMÕES. *Azulejaria portuguesa no Brasil – 1500-1822* : Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1965, p. 74) considerou esta sacristia “a mais notável de quantas vimos no Brasil e sem Paralelo no Brasil”; parece-nos, no entanto, algo excessivo ao compararmo-la com a exuberante imponência artística da de Ipojuca.

rococó), que aquele investigador data de c. de 1750, revestem totalmente as paredes, em azul e branco, em galante trabalho cenográfico, cingindo janelas e portas, arcaz, e fonte da dependência do lavabo, em modo de cortinado, numa decoração de recriação do espaço, assim desmaterializado e aberto, o que o revitaliza, ao gosto barroco<sup>212</sup> [figs. 305-306]. No refeitório, vêm-se silhares com o padrão “maçaroca” em azul e amarelo [fig. 321] que, ainda segundo o mesmo distinto estudioso de azulejaria, teriam provindo do desmantelamento da primitiva capela-mor do convento de São Francisco de Salvador, de 1650-1653<sup>213</sup>. Na galilé, avultam silhares constituídos por painéis de figura avulsa – exibindo variedade de flores e pássaros –, emoldurados por frisos de enrolamentos de folhas de acanto, para além de um painel isolado, igualmente de figura avulsa, mas cingido por friso.

Salientamos, ainda, a particularidade da transversalidade da sacristia em relação à igreja, que aqui se afirma, e que vai constituir-se num dos traços comuns a vários conventos franciscanos Nordestinos; ainda, a relevância artista plástico baiano, Mestre José Joaquim da Rocha, que aqui trabalhou em alguns dos forros.

## 6.6 Aspectos patrimoniais

Apesar de considerado monumento nacional e de existir, por parte dos religiosos conventuais, a consciência da necessidade da sua preservação, o final da centúria de novecentos encontrou a casa franciscana de Cairu em estado de degradação profunda; foi nesse sentido que, em 1997, foram alertados o Instituto de desenvolvimento do Baixo-Sul da Baía (IDES) para o necessário restauro de peças móveis<sup>214</sup> (móveis do

---

<sup>212</sup> Meco diz ser ao estilo do mestre pintor Valentim de Almeida ou da sua oficina *Idem, Ibidem*, p. 12 e 68 a 70. Valentim de Almeida (act. 1740-1750), pintor português, é um dos expoentes da azulejaria joanina, sendo o segundo quartel do século XVIII, o período melhor conhecido da extensa carreira do artista.

<sup>213</sup> *Idem. Ibidem*, p. 54.

<sup>214</sup> Este projecto de recuperação, que tinha sido estabelecido no final de 2005, foi reestruturado mais tarde após estabelecimento de um convénio com a Petrobras. A sua concretização teve início em Janeiro de 2007, tendo como orçamento R\$ 6,9 milhões, (*vide* [Em linha]. [Consult. em 05-02-2009]. Disponível em [http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2007/01/06/Baía\\_Nacional/Petrobras\\_inicia\\_restauracao\\_de\\_c.shtml](http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2007/01/06/Baía_Nacional/Petrobras_inicia_restauracao_de_c.shtml)).

século XVIII e XIX de jacarandá e imagens sacras<sup>215</sup>), o IPHAN e o Ministério da Cultura brasileiro, dando conta da precariedade estrutural em que se encontrava o próprio edifício conventual. Estes alertas tiveram resposta das autoridades responsáveis e, os primeiros anos do século XXI, acarretaram o início dos trabalhos de recuperação de forma faseada<sup>216</sup>, na esperança de que o convento possa vir a converter-se num pólo de atracção para a população local e visitantes<sup>217</sup>. Para viabilizar esse projecto o IPHAN recomendou reutilizações possíveis que pudessem associar-se à normal função religiosa do convento, tendo em vista a sua imprescindível sustentabilidade económica<sup>218</sup> e arrostando a inviabilidade de a diminuta congregação religiosa aí residente o alcançar só por si<sup>219</sup>.

---

<sup>215</sup> Algumas dessas imagens provisoriamente guardas na Casa do Capítulo: a de Santo António de Pádua (de pedra), a Senhora de Brotas (século XVII), Cristos na Cruz, a Santa Rosa de Viterbo e a Senhora da Lapa [cf. *Inventário de Protecção do Acervo Cultural* (IPAC-Ba), n.º BR, vol. 5, Litoral Sul : Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, Baía, 1988; ainda, vide José SPÍNOLA, Fevereiro de 2007 [Em linha]. [Consult. em 03-02-2009]. Disponível em <http://www.cidteixeira.com.br/site/projetos.php?id=3>.

<sup>216</sup> Trabalhos que foram efectuados com recurso ao Conselho Gestor do Fundo de Direitos Difusos, do Ministério da Justiça Brasileira.

<sup>217</sup> Em 2002 assistiu-se ao restauro de peças móveis e integrados, incluindo três retábulos e, na transição dos anos 2004 / 2005, foram iniciados os trabalhos de recuperação da Casa do Capítulo e da Sacristia, incluindo a sua azulejaria. A madeira no convento foi um dos materiais que mais tinha sofrido deterioração devido aos xilófagos e à água das chuvas (para uma abordagem específica sobre os métodos de restauro utilizados, vide [Em linha]. [Consult. em 05-02-2009]. Disponível em <http://www.abracor.com.br/novosite/congresso/resumos%20em%20pdf/Restauro%E7%E3o%20de%20ret%E1bulos,%20pinturas%20e%20esculturas%20do%20convento%20.pdf>).

<sup>218</sup> O projecto de resgate do convento levou em conta a integridade física do edificado, mas também o tratamento de elementos da decoração, pictóricos, mobiliário e imaginária de arte sacra. Este trabalho iniciou-se com o importante altar de Santa Rosa de Viterbo, “palco de baptizados e casamentos das famílias nobres nos tempos da colonização” (cf. ADEODATO. *Op. cit.* [Em linha]). A segunda etapa de restauros, levou os trabalhos até à Sala do Capítulo do convento.

<sup>219</sup> A comunidade franciscana aí residente já hospeda, actualmente, jovens estrangeiros que ali chegam para exercer trabalhos voluntários no convento quer na manutenção quer nos vários trabalhos diários do convento, internamente ou na horta da cerca (idem, *Ibidem.* [Em linha]). Poderá, a partir da conclusão das obras, vir a hospedar visitantes e a alargar o programa cultural, com introdução de estruturas adequadas.

## 7. Convento de Santo António de Ipojuca

### 7.1 A chegada dos frades menores a Ipojuca

Segundo o Livro dos Guardiães do Convento de Santo António de Ipojuca, as primeiras notícias da existência deste convento remontam ao ano de 1605, que foi aceite como o da aceitação de fundação, e o segundo semestre do ano de 1606, como o da chegada dos primeiros franciscanos à região, enviados por Frei Leonardo de Jesus<sup>220</sup>.

Frei António da Estrela, padre custódio da Ordem Franciscana do Brasil, enviou, em 1606, uma pequena comunidade de frades franciscanos<sup>221</sup> para a então denominada povoação de São Miguel de Pojuca, com o fim de aí estabelecerem mais um convento franciscano. Hospedados primeiramente numa casa de um morador local, João Dias de Lyra, logo iniciaram a construção de um pequeno oratório, ainda na parte baixa junto à povoação aí existente, a qual, com o tempo, se espraiou colina acima. Aí permaneceram, por curto espaço de tempo, tendo-se retirado para Olinda, sem motivo conhecido. Apenas, após o Capítulo de 28 de Outubro desse mesmo ano, tendo sido nomeado o superior frei António da Ilha que juntou os companheiros, Frei João da Esperança, pregador, Frei Melquior da Magdalena, sacerdote e Frei João da Magdalena como corista, foi iniciada a construção de instalações provisórias, ainda em taipa, para a nova comunidade franciscana de Ipojuca, no cimo da colina, enquanto se edificava o convento, junto<sup>222</sup>.

---

<sup>220</sup> O padre Leonardo de Jesus, na sua segunda custódia desempenhada na Província Franciscana no Brasil, teria promovido ainda a construção dos conventos franciscanos do Rio de Janeiro e do Recife (cf. WILLEKE. *Op. cit.* 1938, p. 21 e 22).

<sup>221</sup> A primeira comunidade de frades franciscanos a estabelecer-se em Ipojuca foi composta por dois confessores, frei António de São Boaventura e frei António da Assumpção, e do corista Frei António dos Anjos.

<sup>222</sup> *Idem. Ibidem.* p. 21.

## 7.2 O Convento : surgimento e morfologia

O convento de Santo António de Ipojuca foi fundado em 1606<sup>223</sup>, tendo sido construído durante a segunda Custódia do padre Leonardo de Jesus na Província Franciscana do Brasil<sup>224</sup>; dois anos passados, o assento da pedra fundamental do convento integrou os festejos religiosos do dia 6 Janeiro<sup>225</sup>. Pertence hoje à paróquia de São Miguel, e é considerado o convento franciscano do Brasil que mais conservou da sua feição primitiva.

Surgiu implantado no cimo de um monte [fig. 327], da generosidade dos abastados senhores de engenhos, esmolas de outros beneméritos locais e do poder de operacionalidade dos frades seráficos, num empenho conjunto na concretização dessa construção<sup>226</sup>. A comunidade científica tem aceitado que Manuel Gonsalves de Olinda, na qualidade de Mestre pedreiro, tenha tido intervenção nos traçados dos Conventos franciscanos do Recife e de Ipojuca, na qualidade de pedreiro, tendo surgido, no entanto, alguma polémica acerca dessa viabilidade, a qual não conseguimos aclarar<sup>227</sup>.

Assim, no início do segundo quartel do século XVII, a mole conventual evidenciava-se já no cimo dum monte, com seus muros, alcandorado sobre o casario, casario que tendo nascido a seus pés, o tempo levou ladeira acima [fig. 328], ao encontro do adro fronteiro à igreja [fig. 330] com seu cruzeiro muito simples [fig. 329].

<sup>223</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. II, p. 200.

<sup>224</sup> O padre Leonardo de Jesus teria promovido, então, a fundação simultânea dos conventos franciscanos do Rio de Janeiro, Recife e Ipojuca (*Idem. Ibidem*, pt. II, vol. II, cap. XXXI, p. 477 a 479).

<sup>225</sup> Cf. Frei Manuel da ILHA. *Narrativa da Custódia de Santo António do Brasil*. Petrópolis : Editora Vozes / Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1975, p. 75.

<sup>226</sup> De entre aqueles senhores de engenho, destaca-se Francisco Dias Delgado (dono do engenho Trapiche), que subvencionou a edificação de parte da casa franciscana (*idem. Ibidem*, p. 75).

<sup>227</sup> Jaboatão viu semelhanças entre a arquitectura e a disposição do Convento do Recife (com início em 1606) e o de Ipojuca [(inaugurado e recebendo os primeiros religiosos, em 1609, ainda com obras a decorrer, tendo a sua finalização ocorrido, apenas, dez anos mais tarde (informação nossa)], deduzindo, que o motivo seria terem saído ambos da traça daquele mesmo Mestre (cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. II, vol. II, p. 477 e 480); questão posta depois por Frei Bonifácio Müller (MULLER. *Op. cit.*, 1984, p. 9, nota 12 e, também, Semira Adler VAINSENER (pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco) *Sé de Olinda, Pernambuco*, [Em linha] [Consult. em 01-08-2008]. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=1999&date=currentDate>), acrescentando que Manuel Gonçalves Olinda está referenciado como tendo participado das obras de reconstrução do convento de Ipojuca, iniciadas após a saída dos holandeses de Pernambuco, por ter sido o projectista dele; no entanto Germain Bazin refuta a ideia da co-autoria, por não se referirem a construções de edificação coeva; ideia que nos parece estranha partindo do princípio que a datação que temos para essas construções estarão correctas, sem contudo, termos conseguido encontrar explicação para tal asserção (BAZIN. *Op. cit.*, vol. I, p.113).

A construção do complexo franciscano de Ipojuca teve início em 1608<sup>228</sup>, seguindo o plano geral que encontramos nas outras casas congêneres no Brasil colonial, em que o claustro é o centro de irradiação dos espaços comunitários necessários à vida dos religiosos e, também, dos de São Francisco, ainda que haja particularidades em alguns deles, como o caso da igreja deste convento que se apresenta singularmente disposta à direita do claustro [fig. 330].

O convento de Ipojuca agrega, ainda, uma cerca onde imperam espaços verdes [figs. 351-353] e os sítios de contemplação com vistas para a exuberante paisagem que tem em redor, como é o caso de um alpendre [fig. 352] construído numa galeria adossada à ilharga esquerda da capela-mor.

É controversa a datação do claustro seiscentista ipojucano<sup>229</sup>; é de dois pisos, arquitectado com um pátio aberto e galerias à sua volta, cujas paredes interiores, no piso térreo, são abertas em pórticos de arcos de volta-inteira, sobre colunas toscanas assentes em plintos de base quadrangular, enquanto, no superior, erguem-se no mesmo eixo daquelas, colunas de aspecto atarracado sobre muro de resguardo da galeria, que suportam a arquitrave da cobertura<sup>230</sup> [fig. 336]; as paredes externas das galerias são lisas, hoje sem decoração, onde avultam as portas de acesso aos diversos aposentos: portaria [fig. 333-335], cozinha, refeitório – destacando-se aqui um conjunto de barro, composto por pote com purificador de água e seu apoio [fig. 347] –, o *de profundis* – onde se vê, incrustado na parede, um pequeno lavabo em pedra [fig. 348], e de onde parte uma escadaria de ligação com o piso das celas [fig. 349] –, carpintaria, sacristia [fig. 345] e via-sacra, entre outras, no piso térreo; no superior, foram riscadas as celas e outras salas de apoio aos frades [fig. 350], além da divisão do coro.

<sup>228</sup> Um ano depois, o templo e duas alas do convento estavam completados (cf. Frei Venâncio WILLEKE, OFM. *Resumo Histórico do Convento de Santo António e do Santuário do Senhor Santo Christo de Ipojuca*. Ipojuca-Pe : Editores Religiosos Franciscanos, 1938, p. 22 e 23).

<sup>229</sup> Enquanto Bazin aponta a data de 1660, na continuidade da campanha de obras em curso no convento (cf. BAZIN. *Op. cit.*, 1.º vol., p. 120), Senos aponta a data 1612, como limite da sua finalização, por motivos históricos e por análise directa à compleição arquitectónica (cf. SENOS. *Op. cit.*, 2006, p. 105, 106). Quanto a nós aceitamos a hipótese levantada por Senos, pois também a nos pareceu estar-se perante um claustro mais antigo que qualquer dos outros franciscanos que apreciamos na Zona da Mata, para além de verificarmos uma semelhança grande entre a galeria superior deste e a do pátio pequeno do Colégio de Jesuítas de Olinda (de data também imprecisa, mas próxima desta); ainda que de menores dimensões tem o mesmo tipo de suporte atarracado e duplo nas intercepções dos muros (cf. BELO. *Op. cit.*, (policopiado), 1997).

<sup>230</sup> No claustro de Ipojuca vêem-se colunas geminadas nos ângulos interiores nos encontros das galerias.



### 7.3 A Igreja

A igreja conventual foi construída durante o século XVII, no entanto, meio século passado, foi-lhe anexada uma capela – com acesso pela mesma, por seu arco de pedra lavrada aberto na parede principal –, iniciada em 4 de Novembro de 1663, segundo a traça de Francisco Dias Delgado<sup>231</sup>. Este templo abriga a imagem de um Cristo crucificado, a que o povo proclama de milagreira, e que se tornou alvo de romarias desde o século XVII.

A frontaria de Igreja de Santo Cristo de Ipojuca é constituída pelos corpos do templo com pórtico de arcaria e de uma torre sineira que se apresenta recuada em relação ao plano daquele, no prolongamento da parede interior da galilé [fig. 330]. É de pano único que remata lateralmente por cunhais apilastrados terminados em urnas de coroamento sobre plintos; e de dois registos divididos por cornija, sendo encimada por um frontão angular assente em entablamento; o registo inferior é formado por um pórtico<sup>232</sup> constituído por de três arcos plenos de pedra com fecho e lavor muito simples, cujo intradorso é formado por arcos duplos [figs. 331, 332], assentes em pilastras toscanas, que formam uma galilé aberta também lateralmente por um arco que repete a traça dos fronteiros, com janela supra [fig. 330]; o registo superior é marcado pelas janelas rectangulares de iluminação do coro e do templo, colocadas nos eixos dos arcos; o frontão angular sem retorno mostra um pequeno nicho para imaginária sacra por sobre uma tabela simples com a inscrição “1606”; as empenas oblíquas são rematadas por ornamentação de enrolamentos rampantes que encontram a cruz de pedra no vértice; na parede interior da galilé abrem-se três portas de entrada no templo, emolduradas com pedra, com modinaturas de traço erudito, clássico, coroadas por frontões interrompidos, com enrolamentos; lateralmente, uma porta inscrita em arco dá acesso à portaria conventual [figs. 332, 333]; o revestimento superior é em tecto plano e, o do chão, em lajes de pedra [figs. 332, 333]. A torre recuada é de três registos marcados pela abertura de vãos sobrepostos nos mesmos eixos, tem os panos rematados

<sup>231</sup> JABOATÃO. *Op. cit.* pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, Cap. XXXIV, p. 489 e 490; Adrien Van der Dussen noticia-o como tendo sido escolhido, pelos ipojuicanos, na vigência do poder holandês, para “escabino” (cargo holandês comparável ao de membro da Câmara Municipal em Portugal (cf. DUSSEN, trad. e notas de José A. Gonsalves de Mello. *Relatório sobre as Capitâneas Conquistadas no Brasil pelos Holandeses – Suas condições económicas e sociais* : Instituto do Açúcar e do Alcool, Série História III, Rio de Janeiro, 1947, nota 226).

<sup>232</sup> O pórtico foi construído depois de 1645.

lateralmente por cunhais apilastrados, com o registo da sineira assente em cornija de pedra; o remate superior do corpo é em arquitrave com pináculos, sendo a cobertura em cúpula oitavada assente em tambor [fig. 330].

A Igreja do Senhor Santo Cristo tem planta longitudinal, regular, formada pelos espaços diferenciados da capela-mor, nave única [fig. 338], duas capelas profundas laterais [figs. 340-343], baptistério e nártex [fig. 334]. A capela-mor é longa e mais estreita que a nave, é de dois registos, marcados, no térreo, pelos vãos de duas portas, uma de cada lado e, no superior, por três janelas de cada lado, duas de sacada com anteparo e uma de peito [fig. 338]; o altar-mor tem retábulo talhado em madeira encostado à parede da cabeceira, é de eixo único, com ático em arco assente em colunas coríntias flanqueadas, a que se sobrepõe um brasão com as armas dos franciscanos; ao centro, ressaltam no vazado, a imagem de um Cristo crucificado e, lateralmente, duas peanhas com as imagens de São Francisco de Assis e do padroeiro do convento, com o Menino; as paredes laterais estão divididas por pilastras de plintos altos (tal como ocorre na nave) onde pousa a cornija de coroamento que suporta a cobertura em abóbada de asa de cesto [fig. 338]; o pavimento é em ladrilho cerâmico<sup>233</sup>. O arco de triunfo que serve de ligação à nave é em arco de meio-ponto assente em pilastras coríntias [figs. 338-340]. Na nave, do lado da Epístola, ao nível do térreo, abrem-se os vãos de passagem para a capela do Sagrado Coração de Jesus [figs. 342, 343] e, junto ao nártex, para a pequena sala do baptistério; em ambos os lados abrem-se arcossólios, na espessura dos panos murários [fig. 334]; no registo superior, entre cada pilastra colossal, rasgam-se os vãos de janelas de sacada com balcões [figs. 340, 342, 344] semelhantes às da capela-mor [fig. 338], que proporcionam uma boa iluminação da igreja, juntamente com os janelões abertos na fachada principal, que dão para o coro [fig. 330]. Este assenta em pilares toscanos, tem guarda-corpo em balaustrada de madeira [fig. 344], e tem ainda um cadeiral e estante em madeira, de talha simples; a cobertura é em abóbada de arco em asa-de-cesto sobre cornija de coroamento, mostrando quadros com temas franciscanos, pintados já no século passado [fig. 344].

A Capela dos Milagres / Santuário, cujo acesso se faz pela capela-mor e pela nave, mostra um Senhor Morto, em tamanho natural, deitado sob um estandarte de procissão, protegido por teia em madeira lavrada [fig. 341].

---

<sup>233</sup> Com as obras levadas a cabo após o incêndio, a capela-mor ficou coberta em 15 de Agosto de 1935, e dois anos depois, em 29 de Agosto, foi concluído o altar-mor e colocada a imagem de Santo Cristo que fora salva das chamas.

A Capela do Sagrado Coração de Jesus ocupa o espaço do antigo Santuário [figs. 342, 343], construída em 1663, a esmolas de Francisco Dias Delgado, para acolher a imagem do Santo Cristo, tida como milagreira; a decoração é de época recente, avultando um altar em sarcófago, por detrás do qual se ergue um retábulo em pedra com imagem sacra colocada em capela profunda com cabeceira em meio-círculo [fig. 343].

O baptistério é um recinto de pequena área, com entrada por vão em arco de meio-ponto, com grade de ferraria, onde avulta, a meio, uma pia sobre pedestal e, na parede, um brasão da Ordem Franciscana inscrito em cartela, muito danificado pelo fogo.

#### **7.4 A Sacristia**

Tendo desaparecido a antiga sacristia riscada transversal à capela-mor, como era uso nas igrejas destes conventos, a nova surge numa das alas do claustro, com ligação directa à Via Sacra e, através dela, à capela-mor da igreja, pela banda do Evangelho; abriga, para além de mobiliário adequado [fig. 345], um lavatório com espaldar, em mármore português, trabalho de gosto barroco [fig. 346].

#### **7.5 Aspectos artísticos**

O Convento de Santo António de Ipojuca apesar de ser um dos que mais guardou da traça antiga, assistiu ao total desaparecimento da sua decoração primitiva, devido ao incêndio já referido.

É uma peça típica do período barroco de classicismo geométrico, ligado ainda à arquitectura chã nacional com grande severidade de traços – que glosam, no entanto, o maneirismo –, realçados nas modinaturas clássicas evidentes nas fachadas, onde predominam superfícies planas e linhas rectas, evidenciando o gosto que o Brasil colonial transportou de Portugal para as suas construções do século XVII,

prolongando-as pelo XVIII<sup>234</sup>. O frontispício da igreja é bem exemplo disso, com um frontão angular em voga em Portugal na segunda metade do século XVI, de grande simplicidade de traços. O partido da igreja segue as de planta rectangular de nave única, com incorporação da galilé [fig. 344], marca singular nas construções de grande número das igrejas franciscanas; é interessante a compartimentação dos panos murários no interior, definida por pilastras colossais [figs. 338-340], que denunciam o barroco clássico de influência italiana que viajou de Portugal para a colónia.

Quanto à decoração, esclarecemos que quase nada restou do incêndio que deflagrou na igreja; restaram os lavatórios da sala *de profundis* [fig. 348] e da sacristia, ambos em pedra, sendo o último um exemplar com exuberância de formas, presumivelmente, da primeira metade do século XVIII, com bacia trilobado e espaldar recortado, com frontão de lanços encurvados com ornamentação de conchas, enrolamentos, em cartela [fig. 346] esculpida ao gosto do barroco final, não clássico; o brasão com as armas dos franciscanos, encimado por uma coroa real portuguesa é uma peça tipicamente do rococó, com silhueta caprichosa emprestada pelos elementos esculpidos em perfil sinuoso. Encontrámos referência a azulejos que teriam existido primitivamente em algumas das paredes das áreas sacras, mas não vislumbrámos nenhuns exemplares<sup>235</sup>.

## 7.6 Aspectos patrimoniais

O distrito de Ipojuca desfrutou, ao longo do século XVII, de uma economia próspera à custa da importante produção de cana-de-açúcar que se tornaria a base da sua riqueza, durante o “ciclo do açúcar”; essa lavra que decaiu no século XVIII, não desapareceu, e ainda hoje se mantém com fim à extracção açucareira, mas que tem vindo a ser substituída pelo fabrico do álcool.

<sup>234</sup> Sendo excepção as construções de gosto “borromínico” curvilíneos, como as de Ouro Preto (Minas Gerais), cujo exemplo mais relevante é a igreja do Convento Franciscano, com superfícies onduladas.

<sup>235</sup> Leia-se, a este propósito, WILLEKE. *Op. cit.*, 1938, p. 54. Diz o autor que, o pouco que sobejou dos antigos azulejos, encontra-se espalhado pelo claustro e será obra do século XVII, contudo, infelizmente, não os vimos. Na verdade, Santos Simões relata a existência de seis azulejos do tipo vaso florido do tipo “aranhão” que formam os braços e o pé de uma cruz que se encontra á entrada do claustro (cf. João M. dos Santos SIMÕES. *Azulejos Holandeses no Convento de Santo António do Recife*. Recife : Amigos da DPHAN, 1959, p. 21 e 22).

Numa visita rápida à cidade de Ipojuca fica-se com a noção de alguma precariedade a todos os níveis urbanos; no entanto, avultam aspectos que indiciam algum desenvolvimento. O município tem vindo a investir na educação com recuso ao estado, sendo hoje detentor de um pólo universitário, a Faculdade José Lacerda Filho (FAJOLCA), fundada em 28 de Outubro de 1999, que dá acesso ao ensino de cursos virados para o desenvolvimento económico da região, da Universidade Aberta do Brasil e parcerias com Universidades de Pernambuco e Paraíba, com a finalidade particular do desenvolvimento rural. Também do ponto de vista industrial, e relacionada com o investimento que tem sido feito pelo Estado com a educação da juventude, as fábricas vão sendo alvo de renovação<sup>236</sup>.

Hoje, em Ipojuca, a par do desenvolvimento rural estabelecido<sup>237</sup>, a exuberante beleza natural primitiva que ainda mostra bastante desse seu esplendor, tem sido alvo das acções políticas para o desenvolvimento regional, o que tem ajudado na sua preservação, permitindo que concorra já para a riqueza regional, dentro do espírito de consciencialização da importância da natureza como património que deve ser, não só assegurado, mas também, aproveitado, num conceito de sustentabilidade regional. Dessas paisagens naturais que avultam por entre a grande diversidade dos pequenos focos já urbanizados, ressaltam os aproximadamente 31,77 km de litoral com belo areal, o rio Ipojuca pontilhado de ilhas, lagoas, mangues e quedas de água, hoje, alvos de utilização para turismo de veraneio, o que se tem repercutido no desenvolvimento urbanístico local.

As autoridades locais têm vindo a tentar um desdobramento do interesse turístico balnear existente, incentivando o gosto pela cultura através de uma atitude séria e firme frente ao relevante património cultural, histórico e arquitectónico que a região possui, chamando a atenção para a necessidade do seu usufruto digno; com essa finalidade, iniciou um longo caminho para o despertar do interesse por um turismo cultural que se

---

<sup>236</sup> Há fábricas locais a tomarem a iniciativa de programas que levem ao incremento regional, como o caso da *Usina Seresta* que desenvolveu o Programa de Educação Ambiental (PEA) (de apoio e desenvolvimento de actividades relacionadas com o ambiente), com início em 2002, em parceria com o IPMA - Instituto para Preservação da Mata Atlântica.

<sup>237</sup> Segundo dados de 2000 (*in Estratégia de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife – 2003 / 2005*, Versão Técnica, Recife, Agosto de 2002 [Em linha]. [Consult. em 11-01-2009]. Disponível em [http://www.citiesalliance.org/cdsdb.nsf/Attachments/brazilrecife1/\\$File/versao1929.pdf](http://www.citiesalliance.org/cdsdb.nsf/Attachments/brazilrecife1/$File/versao1929.pdf)), o município de Ipojuca é considerado como tendo o maior contingente populacional no espaço rural, com uma taxa de urbanização de aproximadamente 55,4%); sendo a sua área agrícola considerada o seu forte, com grande parte da safra da cana-de-açúcar destinada a destilaria, conta igualmente com a “fertirrigação” (presente em praticamente toda a lavoura).

pode transformar em economia lucrativa, levando em conta os séculos de história que esta região tem para revelar, presentes nas suas edificações coloniais e lugares.

Deste património, destacamos o conjunto franciscano construído no início do século XVII, constituído pelo Convento de Santo António de Ipojuca e pela Igreja do Senhor Santo Cristo que, desde finais do século XVII, é alvo de grandes romarias e, por isso, também chamada de Santuário do Senhor Santo Cristo de Ipojuca, aspecto relevante no povoamento do município<sup>238</sup> e na decisão estatal de recuperação desse imóvel da decadência a que as vicissitudes da história o tinham conduzido<sup>239</sup>.

O interesse real que foi demonstrado pelas autoridades pelo património cultural histórico na região de Ipojuca, a tentativa de o tornar economicamente sustentável, a par do interesse de dar a conhecer a natureza exuberante das matas que ali avultam do remanescente da Atlântica ainda abundante no início do século XIX – e assim referenciada por Tollenare<sup>240</sup>, no ano de 1816 –, tem levantado algum interesse pela região, para passeantes, o que terá concorrido para que avulsem na cidade de Ipojuca indícios de desenvolvimento urbano, que não existiriam ainda há muito pouco tempo<sup>241</sup>.

---

<sup>238</sup> Um dos motivos que levou à atracção popular por este espaço sagrado é a existência nele da imagem de Cristo crucificada que ganharia fama ligada a lendas antigas, juntando ao facto de que essa imagem se salvou das chamas do incêndio que lavrou no interior da igreja, destruindo-a em grande parte, em 1935.

<sup>239</sup> Uma parceria celebrada entre o IPHAN de Pernambuco e a Prefeitura Municipal levou à realização de obras de conservação e recuperação do imóvel, que mantiveram os traços originais, e à desinfestação geral de xilófagos, tendo sido concluídas no início de Janeiro de 2007 (cf. *Convento e Igreja de Santo António* [de Ipojuca] [Em linha]. [Consult. em 13-01-2008]. Disponível em [http://www.cultura.gov.br/noticias/noticias\\_do\\_minc/index.php?p=22162&more=1&c=1&pb=1](http://www.cultura.gov.br/noticias/noticias_do_minc/index.php?p=22162&more=1&c=1&pb=1)).

<sup>240</sup> Cf. Luís François TOLLENARE. *Notas Dominicanas Tomadas durante uma residência em Portugal e no Brasil nos annos de 1816, 1817 e 1818, Parte Relativa a Pernambuco*. Recife : Empresa do Jornal do Recife, rua 15 de Novembro n.º 47, 1905, p.104 e 105. São vários os relatos que falam da existência de Mata Atlântica em Ipojuca, no tempo da colonização pelos portugueses, a do começo da sua devastação com o plantio da cana-de-açúcar, encontrando-se restos dessa mata na praia de Cambôa, em Cupe e nos Outeiros.

<sup>241</sup> Com dados de 2008, São Miguel de Ipojuca é considerado um núcleo urbano consolidado (cf. Alberto Sousa “Igreja franciscana de Cairu: a invenção do barroco brasileiro”, in *Portal Vitruvius* [Em linha] [Consult. em 01-08-2008]. Disponível em [http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg070/arg070\\_02.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg070/arg070_02.asp)).

## 8. Convento de São Francisco de São Francisco do Conde

### 8.1 A chegada dos frades menores

Os franciscanos estabeleceram-se na que viria a ser a futura Vila de São Francisco do Conde, no ano de 1618, durante a Custódia de Frei Paulo de Santa Catarina<sup>242</sup>. A primeira residência dos religiosos franciscanos localizou-se no lugar de Marapé, situado a uma légua da povoação, sendo que a construção posterior e definitiva do convento, se fez no sítio da actual *Cidade Alta*, com desfrute de vista deslumbrante sobre os arrabaldes e da exuberância natural que constituí a Baía de Todos-os-Santos<sup>243</sup>.

Com a ocupação da Baía pelos holandeses (1624-1654), e porque a casa franciscana fora construída sem permissão específica, os frades de São Francisco do

---

<sup>242</sup> Cf. Carlos OTT. *Monumentos Históricas e Artísticas do Município de São Francisco do Conde*, Baía : Administração Claudemiro Oliveira Dias, 1984, p. 9. Existindo já uma classe detentora de riqueza ligada à produção da terra, foi possível a concretização material dessa aspiração popular, através de ofertas e cedência de terreno aos religiosos franciscanos, com relevância para a doação do Conde de Linhares. A construção de uma residência provisória junto a uma capela de engenho e, a partir de 1619, o seu desfrute com a viabilidade de prestação de serviço religioso aos moradores marcam o início da presença franciscana na periferia do aglomerado urbano. A tal propósito, vide, JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XXXVII. p. 500 a 503.

<sup>243</sup> Para a feitura deste capítulo foram várias as fontes primárias e secundárias, monografias levantadas por historiadores e técnico do património local, de que nos servimos para alicerçar a compreensão que resultou da nossa observação das peças arquitectónicas em questão e das morfologias das suas envolventes: “Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco do Conde (fonte histórica, para o período de tempo que vai desde a origem, 1589, até finais do séc. XIX – livro de existência obrigatória nos conventos) restaram apenas fragmentos [cf Wilson P. S. ROCHA, Dir. *Quatro Séculos de Arte Sacra - A Igreja de São Francisco, O Convento de Santo António e a Capela da Ordem Terceira*. Rio de Janeiro : Bloch Editores S. A., 1989 / 1990, p. 82; ainda, Fernando L. FONSECA. *O Convento de São Francisco do Conde*, Colec. A Baía e o Recôncavo 1, Série Arte e Monumentos. Salvador : Publicações do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, 1973 (este autor refere que, para escrever esta obra, recorreu a um manuscrito existente no convento, que teve oportunidade de aceder e a que faz referência por diversas vezes na sua obra – *Livro da Crónica do Convento de Santo António de São Francisco do Conde*, Salvador, 1629-1974, Convento de São Francisco (Manuscrito)].

Conde abandonaram-na e refugiaram-se no sertão, juntamente com as populações que fugiam da guerra, e aí permaneceram até à reconquista da Capital<sup>244</sup>.

O Convento de Santo António foi construído em molde definitivo e certificado pela Congregação de 1650 para servir como Noviciado provisório, prevendo-se que fosse transferido para Paraguaçu, quando a construção deste estivesse concluída; ficou a depender do Capítulo Franciscano de Salvador até 31 de Dezembro de 1707, ano em que se deu a sua elevação a Casa Capitular<sup>245</sup> [doc. 16].

## 8.2 O convento : edificação e morfologia

O convento de Santo António em São Francisco do Conde, juntamente com os terrenos da cerca numa natureza verdejante [fig. 354] com vista sobre a Baía de Todos-os-Santos, aqui pontilhada de ilhas e mangais, ressalta no alto da cidade [fig. 355], espreitando-a por entre altas palmeiras imperiais<sup>246</sup> [fig. 356].

Parece ter havido uma primeira fundação, presumivelmente ainda em edifício provisório em 1619, pelas indicações deixadas pelo cronista setecentista Fr. Apolinário da Conceição<sup>247</sup>. Já Jabotão fala-nos de uma de 1629 que se teria concretizado após uma doação de terrenos, por parte de Gaspar Pinto dos Reis e sua mulher Isabel Fernandes, para a devida instalação dos frades<sup>248</sup>. Os trabalhos iniciaram-se com recolha

<sup>244</sup> Cf. FONSECA. *Santo António do Paraguaçu e o Convento de São Francisco do Conde*. Salvador : Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

<sup>245</sup> As obras de construção do Convento de Paraguaçu desenvolveram-se entre 1654 e 1660 [cf. WILLEKE, OFM. *Actas Capitulares*, p. 98, ref. FONSECA (2), 1973, p. 27]. A partir do Capítulo de 1979, o Convento franciscano de São Francisco do Conde que anexava as Paróquias de Madre de Deus e Candeias, passou a pertencer ao Convento Regional de Salvador (cf. Frei Milton COELHO. *Província Franciscana de Santo Antonio : Conspecto Histórico da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil* [Em linha]. Ipojuca, 23-06-2009 [Consult. em 10-01-2010]. Disponível em <http://www.ofmsantoantonio.org/provincia.php>).

<sup>246</sup> A Palmeira Imperial – *Roystonea oleracea* (*Palmae*) – é uma palmeira originária das Antilhas, que pertence ao género botânico *Roystonea* da família *Arecaceae*. Foi aclimatada pelos franceses no jardim botânico “La Gabrielle”, instalado na Guiana Francesa, e depois transferida para o *Jardin de Pamplemousse*, situado na Ilha Maurícia (Arquipélago Mascarenhas). No Brasil o primeiro exemplar de *Roystonea oleracea*, a *Palma Mater*, foi plantada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro pelo príncipe regente D. João VI, em 1809 (cf. entrada “Palmeira-imperial” [Em linha]. [Consult. em 11-01-2009]. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Palmeira\\_imperial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Palmeira_imperial)).

<sup>247</sup> De acordo com O Cartório da Província de Santo António de Portugal (cf. CONCEIÇÃO, FERREIRA. *Op. cit.*, 1740, p. 76).

<sup>248</sup> A doação foi lavrada em escritura passada em 1629.



de materiais, a que seguiu o lançamento de fundações e o levantamento do complexo. O actual convento teria sido dado por terminado em 1649<sup>249</sup>; todavia, só meio século volvido (entre os anos de 1718 e 1722) foi construída a igreja definitiva que substituiu o primitivo e pequeno templo<sup>250</sup>; mais um ano passado, foi acrescentado um novo frontispício (o actual) que incorporou uma galilé com cinco arcos sob um coro, e o copioso frontão.

Este foi o último convento a ser construído no Nordeste Brasileiro sob a Custódia da Província Franciscana de Portugal<sup>251</sup>.

É constituído por igreja, cenóbio e estruturas da Ordem Terceira, com o respectivo pátio e cerca [figs. 842, 843]. A sua distribuição espacial segue, de modo lato, a traça dos conventos franciscanos construídos no Brasil colonial, como, aliás, destaca Fernando Luiz Fonseca<sup>252</sup>.

Singularmente em São Francisco do Conde, o espaço claustal, adossado à ilharga esquerda da igreja dos frades, inscreve-se em planta quadrangular, projectando-se em dois pisos, em torno de um pátio aberto [figs. 380, 381]; em cada um dos pisos rasgam-se dois corredores paralelos à nave da igreja, cujas paredes externas se abrem em arcaria de arcos abatidos sobre colunas toscanas, assentes em murete; no piso superior, ainda que o motivo se repita, os membros das arcarias têm metade da medida em altura dos do térreo; superiormente, as paredes rematam em cornijas continuadas e beirais [figs. 380, 381].

Na zona da Portaria do convento sobressai um altar retabular escultórico [fig. 397], deslocado do primitivo local de implantação, eventualmente, durante obras de reconversão de espaços conventuais. Apresenta uma compleição barroca do “estilo nacional” dos anos de entre o terceiro quartel do século XVII e primeiro do XVIII, com arquivoltas concêntricas de meio-ponto assentes em colunas pseudo-salomónicas, onde se enrolam os símbolos eucarísticos, com abertura de espaço ao centro para ser colocada imagem sagrada.

<sup>249</sup> Cf. FONSECA (2). *Op. cit.*, 1973, p. 17.

<sup>250</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XXXVII, p. 503.

<sup>251</sup> É um imóvel tombado pelo IPHAN, constando no Livro de Belas Artes, com inscrição: 249-A, n.º de Processo: 0257-T, incluindo todo o acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo n.º 13/85/SPHAN (cf. [Em linha]. [Consult. em 15-06-2007]. Disponível em <http://www2.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>).

<sup>252</sup> Cf. FONSECA (2). *Op. cit.*, 1973, p. 27 e sgs. O autor aborda, com algum pormenor, a distribuição do espaço conventual, pelo que não nos deteremos nesse aspecto e remetemos para o seu texto.

### 8.3 A Igreja

A igreja é precedida por um longo e amplo adro murado lateralmente, com vereda centralizada [figs. 355, 375], criando, a quem dela se aproxima, um espaço físico/temporal de transição entre o profano e o sacro, cuja vereda guia o olhar ao longo dela até ao eixo principal da igreja, até à imagem sagrada do nicho e, depois, até à cruz que encima o templo [fig. 376], cujo portal, convidará então ao ingresso [fig. 378].

O frontispício [fig. 376] é constituído por cinco eixos verticais, que correspondem a cinco panos divididos por pilastras toscanas; é organizado em dois pisos divididos por cornijas rectilíneas continuadas; os três panos centrais rematam superiormente por frontão curvilíneo com aletas de volutas; no piso térreo abre-se uma galilé [fig. 377], cuja parede exterior é composta por uma arcaria de cinco arcos de volta inteira, assentes em pilastras toscanas, com pedra lavrada; os dois panos laterais correspondem à massa de duas torres que surgem no mesmo plano do corpo da igreja, sendo o remate superior em coruchéus piramidais revestidos por cerâmica azulejar [figs. 354, 356].

Na parede interna da galilé abre-se , em arco de volta inteira, com moldura relevada em baixo-relevo e portas de madeira almofadada o portal de acesso à igreja [fig. 378]; nos extremos do nártex dois arcos dão acesso aos corpos das torres, existindo em cada um dos lados uma porta, dando, a da esquerda, para a portaria do convento e, a da direita, acesso ao pátio da Ordem Terceira [figs. 359, 360]; a arcaria é formada por arcos de volta inteira com pedra de fecho ornamental, assente em pilastras toscanas [fig. 377]; o revestimento do forro é em madeira, apresenta uma pintura de grande singeleza, onde avulta um brasão com as armas franciscanas [figs. 377, 378 ]. O piso superior apresenta, em cada um dos três panos centrais, um vão de janelão de guilhotina, enquanto os laterais são rasgados por duas janelas sobrepostas: os vazamentos destacam-se pela exuberante ornamentação em baixo-relevo que avulta em torno de si, entre cercaduras, molduras, cornijas e frontões com enrolamentos. O corpo da igreja remata superiormente por cornija de coroamento e frontão escalonado de curvas e contracurvas, com aletas de volutas e altos fogaréus, assentes em plintos; destaca-se no

frontão, um óculo a que se sobrepõe uma edícula com a imagem do padroeiro do convento com o Menino<sup>253</sup>.

As torres são organizadas em três registos divididos por cornijas continuadas, com abertura de vãos de janelas iluminantes e de ventilação, e sineiras no último, com cobertura superior em coruchéus piramidais, com revestimento de azulejaria em azul e branco, e pináculos como remate das pirâmides [fig. 376].

A igreja tem planta longitudinal, formada por capela-mor, nave única [figs. 382, 383] e coro sobre a galilé [fig. 385]. A capela-mor é profunda e estreita, com altar-mor sobre plataforma elevada, com escadaria central de cinco degraus contracurvados, tudo em pedra mármore [fig. 382]; é de dois registos, com duas portas de cada banda ao nível do chão, abrindo as da esquerda para a zona conventual e as da direita sobre o corredor de acesso à sacristia [fig. 382]; no registo superior, rasgam-se quatro janelas altas com guarda-corpo de ferraria e pedra de assento em ressalto, duas de cada lado [fig. 382]; o altar-mor é arquitectural retabular, em madeira esculpida e pintada com apontamentos de cor azul celeste sobre branco, com três edículas com imaginária sagrada [fig. 382]; é de confecção recente, como o são os laterais que se encostam às paredes do arco triunfal<sup>254</sup>; a cobertura é em falsa abóbada de clérigo em planta rectangular, com concha de três panos, com forro de madeira, onde se vê um medalhão central de pintura ilusionista [fig. 382], de tema sagrado, e o piso é revestido a pedra mármore policroma, com ladrilho em decoração geométrica; a ligação com a nave é feita através de um arco triunfal de meio ponto, em pedra, com fecho ornamental [fig. 383]. A nave é de dois registos marcados por abertura de portas ao nível térreo e por janelas de sacada da mesma feição das da capela-mor [fig. 383]; avultam, ainda, quatro óculos hexafoliados, dois de cada lado, abertos no topo dos panos murários [fig. 383]; do lado do Evangelho, frente a um arco cego (que estabeleceu ligação com a capela da Ordem Terceira), há um púlpito de varandim com guarda-voz [fig. 385]; as paredes da nave, assim como as da capela-mor, estão revestidas com sumptuosos silhares azulejares em azul e branco com

---

<sup>253</sup> Segundo o paraibano José Alberto de SOUSA (1951), [licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (Recife, 1973), mestrado da Universidade de Edimburgo (1979), doutoramento do Universidade de Paris I (1990), pós-doutoramento da Universidade Nova de Lisboa (2001)], essa fachada foi pioneira na introdução do gosto barroco nas fachadas brasileiras [cf. Autor citado. *A variante portuguesa do classicismo imperial brasileiro*. Paraíba : Editora Universitária/Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2007, p. 93 a 96].

<sup>254</sup> Fonseca anotar que os primitivos retábulos deveriam ser de talha dourada, com decoração e ornamentação muito ricas [cf. FONSECA (2). *Op. cit.*, 1973, p. 33].

cenar hagiográficas<sup>255</sup> [figs. 385-389]; a cobertura é em abóbada de berço rebaixado em arco de asa de cesto, assente em cornija de coroamento, com forro de madeira com pintura de quadratura<sup>256</sup> [figs. 383-385]; o piso da nave é hoje em ladrilho hidráulico, que substituiu o antigo com pedras sepulcrais. O coro-alto aparece sobre a reentrância do nártex, assente em quatro colunas toscanas sobre plinto alto, sendo as duas laterais embutidas ou meias colunas, com guarda-corpo em madeira com torneados, com duas portas laterais [fig. 385].

#### 8.4 Características arquitectónicas e artísticas

O Convento de Santo António em São Francisco do Conde apresenta várias singularidades, quando comparado com as características arquitectónicas dos similares construídos pela Província Franciscana do Brasil. Embora algumas delas já tenham sido apontadas por Germain Bazin, em 1956, e posteriormente por Fernando L. Fonseca, outras passaram despercebidas.

Uma das características deste convento franciscano que se repete no congénere de João Pessoa, é o longo pátio/adro murado que o arrosta [fig. 354] e parece replicar, ainda que modestamente, o projecto barroco italiano setecentista – que se continuou posteriormente, com magnificência, na Europa Imperial –, em expressões sagradas e palacianas, emprestando grande importância à integração dos espaços exteriores na envolvente do edificado.

Dos aspectos que então foram experimentados, destacamos, o que agora a nós interessa, a criação de um eixo perspético, promotor de uma interacção dinâmica entre interior/exterior. Aqui, em São Francisco do Conde, foi construída uma vereda ao longo

---

<sup>255</sup> Fernando Luiz Fonseca faz a narração das cenas relativas a Fernon Martin di Bulhon y Tavera Azeyedo, que a Igreja glorificou [FONSECA (2), 1973, p. 33 e 35 a 40].

<sup>256</sup> Por quanto seja uma pintura com autoria não atribuída, o autor que temos vindo a referir, chama a atenção para a semelhança que existe com a obra de José Joaquim da Rocha (?), 1737 — Salvador, 1807, pintor, encarnador, dourador e restaurador brasileiro), ideia que não nos repugna, tendo nós tido oportunidade de cotejá-la com trabalhos atribuídos a esse mestre pintor, como, por exemplo, a pintura representativa da *Glorificação dos Santos Franciscanos* na Igreja do Convento de Santo António em João Pessoa, de cerca de 1766, e a do forro da nave da igreja do Convento de Santo António em Recife, de 1769. RAGGI menciona e analisa esta pintura na sua obra já referida (RAGGI. *Op. cit.*, 2004, p. Vol. II, pt. III, p. 916).

do adro, agente de ligação entre a urbe e a igreja, direccionando quem se dirige ao templo, por um eixo que se prolonga pela fachada até ao frontão, onde está exposta a imagem da veneração conventual e, finalmente, até à cruz (elementos que se constituem em agentes de doutrinação visual), desenvolvimento que se continua no interior da igreja.

Ressalta em São Francisco do Conde a ausência do cruzeiro, como sinal franciscano identificador comum das suas casas, facto que não vimos abordado e para o qual não encontramos explicação, e não vislumbrámos quaisquer hipóteses que o explique.

O frontispício da igreja do Convento de Santo António em São Francisco do Conde afasta-se dos seus homólogos na Província Franciscana de Santo António do Brasil, erguidos em tempos anterior ou posterior a ele; o seu debuxo remete, mais, para o esquema da fachada da igreja Jesuíta de Salvador, hoje a Sé (séculos XVII/XVIII), que parece ter tido eco na feição dos frontispícios de diversos templos baianos coloniais, de outras Ordens<sup>257</sup>.

Assim, em São Francisco do Conde, temos uma igreja de duas torres construídas no enfiamento do corpo central da igreja, e não a torre construída recuada em relação ao plano da fachada, aparência esta, mais usual nas casas franciscanas da Zona da Mata<sup>258</sup>. No conjunto, sobressai neste frontispício a grande harmonia de formas e delicadeza de ornatos, que pressupõe um edifício franciscano de um período maduro da sua construção, indicador dos domínios da arte e estética de arquitectar e um conhecimento da tratadística clássica.

---

<sup>257</sup> Em Salvador, com idênticos planos, temos a antiga Sé de Salvador (século XVII/XVIII), já demolida, e a igreja do Convento do Carmo (16.../1795); no que respeita aos frontispícios da igreja de São Francisco do Conde (1718-1722), identificamos a sua semelhança com a da igreja do Convento de São Francisco de Salvador (1708-1723); aspecto artístico que foi abordado por Vilmar Francisco MAYER. in “Aspectos Gerais da Arquitectura Religiosa Colonial Baiana”, *ARQTEXTO* 3-4 [Em linha]. [Consult. em 02-02-2009], p. 147. Disponível em [http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_3-4/15\\_Vilmar%20Francisco%20Mayer.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_3-4/15_Vilmar%20Francisco%20Mayer.pdf); corroboramos inteiramente essa opinião, pelo que nos foi dado observar aquando da investigação e périplo que realizámos nessas paragens, para a elaboração de Dissertação de Mestrado, sobre a formação dos Colégios Jesuítas, editada (BELO. *Op. cit.*, 2000).

<sup>258</sup> De que são exemplo a Igreja dos frades de Cairu (1654) e a de Paraguaçu (1660/1697), que mostram frontões de execução bastante mais elaborada.

No que concerne ao claustro, deparamo-nos com um espaço distintamente singelo, sem os ornatos que encontrámos nos seus congéneres do Brasil Nordeste<sup>259</sup>; há, ainda, outros aspectos específicos deste convento, aliás, reportados igualmente por Fernando Luiz Fonseca<sup>260</sup>; a sobreposição dos arcos do claustro, com os arcos inferiores a apoiarem dois dos superiores, fugindo à sobreposição de suportes, como foi comum nos outros claustros; ainda, os arcos abatidos, que nos parecem de obra pouco erudita, se comparados com o que se encontra nos claustros de outros conventos da Zona da Mata Nordeste, e que poderá ser consequência de possíveis intervenções sofridas não assinaladas; também o arco que dá passagem entre o claustro e o corredor para a sacristia, arco trilobado, não nos parece trabalho da época de construção, fugindo à feição estética geral do convento.

Na decoração interior, predomina o trabalho de arte do século XVIII, incluindo o conjunto azulejar Joanino, a pintura dos forros e a talha do retábulo que se encontra hoje numa dependência da Portaria do Convento; ficam de fora desse esplendor, os actuais retábulos do altar-mor da igreja dos frades e os laterais do início da nave, exemplares de construção moderna, sem a qualidade artística dos primitivos. Os azulejos do templo referenciados por Santos Simões, e descritos pormenorizadamente na monografia sobre este convento, que temos vindo a referir, pertencem ao período Joanino (1725-1750), onde é evidente a exuberância de formas, sublinhadas por recortes dos silhares azuis e brancos que ressaltam da alvura das paredes lisas, onde o exercício do catecismo é praticado ao longo da sequência de quadros figurativos que narram os aspectos relevantes da vida do padroeiro do convento e santo fundamental da devoção baiana, Santo António. Quanto à pintura ilusionista do tecto da nave da igreja, ela remete-nos para a pintura quadraturística do barroco, transfigurador de um espaço interior que permanece, no entanto, estruturalmente ligado à espacialidade arquitectural “chã”, em expressão e influência da velha tradição Lusa.

---

<sup>259</sup> Este aspecto terá a ver com o facto de ter mantido até aos dias de hoje inalterada a sua traça, e ser considerado o mais antigo claustro franciscano construído no Brasil, pois o de Salvador, de edificação anterior, de finais do século XVI, já desapareceu (OTT. *Op. cit.*, 1984, p. 9).

<sup>260</sup> Cf. FONSECA (2). *Op. cit.*, Salvador, 1973, p. 32.

### 8.5 Aspectos patrimoniais

O convento franciscano de São Francisco do Conde, apesar de apresentar uma fachada em razoável estado de conservação, ostenta um interior, há muito a precisar de vários cuidados. Ainda assim, juntamente com o acervo, imaginária sacra, mobiliário, telas, painéis de azulejos e documentos, alguns ainda inéditos, representa um relevante conjunto da cultura e arquitectura baiana e brasileira com necessidade de preservação e pronta a ser explorada a muitos níveis<sup>261</sup>.

---

<sup>261</sup> Fazem ainda parte integrante do património construído de São Francisco do Conde, a própria igreja da Ordem Terceira do Convento Franciscano, a Igreja Matriz de São Gonçalo, exemplar do barroco arquitectónico com vestígios no seu interior de decoração já do rococó, a Casa da Câmara Municipal e a Cadeia (construída entre 1693 e 1750). A propósito da azulejaria referenciamos, J. M. dos Santos SIMÕES (1907-1972). *Convento de Santo António, São Francisco do Conde* [Material gráfico] (9 provas fotográficas a preto e branco) na Biblioteca das Artes da Gulbenkian em Lisboa, cota: CFT009.3200-3203.4, referentes à Capela-mor e sacristia do Convento.

## 9. Convento de Santo António de Igarauçu

### 9.1 Surgimento e construção

Mota Menezes, referenciando Jaboaão, e por nós corroborado, indicou a localização do convento em Igarauçu, em terreno doado, numa área plana ao fundo da rua principal, “defronte da descida da ladeira da matriz dos Santos Cosme e Damião, ficando seu muro da parte de trás, sob as margens do rio,...” [figs. 391, 403], no município de Iguaraçu.

Este foi o terceiro Convento Franciscano fundado no Brasil, e o primeiro sob a invocação de Santo António<sup>262</sup>. Frei Manuel da Ilha<sup>263</sup>, informa que foram cedidas terras aos frades para a sua edificação em 1588, ano em que teria igualmente ocorrido a fundação, sendo Guardião o irmão Frei António de Campo Maior<sup>264</sup>; no entanto, Frei Apolinário da Conceição aponta o ano seguinte na datação da instituição<sup>265</sup>.

---

<sup>262</sup> Em 1754, a figura de Santo António recebeu o título de protector da câmara da Vila de Igarauçu e, em 1951, a Câmara Municipal, através da resolução n.º 17, restituiu ao *glorioso Santo António de Pádua* o título de vereador perpétuo, com pagamento de um salário anual que é convertido para compra do “pão dos pobres” (cf. [Em linha]. [Consult. em 30-04-2009]. Disponível em <http://www.Igarauçu.pe.gov.br/>). No século XVII, o convento foi ampliado e transformado na Escola de Noviços e, em 1848, converteu-se em quartel-general das tropas do coronel Manuel Pereira de Moraes, durante a chamada Revolução Praieira. Hoje, funciona na antiga sala de noviços o Museu Pinacoteca, inaugurado em 1957, mostra de importante acervo expressão pictórica da fase colonial.

<sup>263</sup> ILHA. *Op. cit.*, 1975, p. 46.

<sup>264</sup> Sabe-se através de frei Manuel da Ilha (ILHA. *Op. cit.*, p. 46) – primeiro cronista a tratar do convento de Igarauçu –, que, em 1588, o padre frei Melchior de Santa Catarina, primeiro Custódio do Brasil (1585-1594), foi procurado por alguns vereadores representantes da Câmara, juntamente com algumas pessoas influentes da vila de Igarauçu, os quais rogaram ao dito padre que visitasse a vila e lá escolhesse o terreno que melhor conviesse para a fundação de um convento. O irmão frei António de Campo Maior – fundador da casa, dispõe sobre a fábrica e obra do convento, criando, também, os aldeamentos de Itapissuma e Pontas de Pedra, iniciando o processo de catequese do gentio, na região.

<sup>265</sup> Assentando em dados recolhidos no Cartório da província de Santo António de Portugal (cf. CONCEIÇÃO, FONSECA. *Op. cit.*, 1740, p. 77).



O primeiro conjunto conventual foi construído em moldes muito simples e rapidamente, como é descrito por Jaboatão<sup>266</sup>, cuja singeleza é mostrada nas pinturas do holandês Frans Post (Leyden, 1612-Haarlem, 1680) produzidas durante a sua estada em Pernambuco entre 1648 e 1652, enquanto acompanhou a expedição de Maurício de Nassau. No entanto, a sua traça logo foi abandonada após a saída dos holandeses, sendo o edificado submetido a restauros e grandes acrescentos, dando-lhe a feição que mostra modernamente<sup>267</sup> [fig. 393, 844]<sup>268</sup>.

Em 1662, iniciaram-se os trabalhos de ampliação e reconstrução do convento, que contava já desde o ano anterior com casa de noviçado<sup>269</sup>. Os trabalhos começaram pela igreja, alvo de novo projecto que a viria a ampliar<sup>270</sup>. Seguiram-se as obras de ampliação das instalações conventuais levadas a cabo no tempo do Guardião Frei Daniel da Assunção<sup>271</sup>.

As obras de restauro e ampliação proporcionaram à Igreja o estilo barroco predominante nas obras desta província franciscana, no século XVII [fig. 404], ainda que nos deparemos no seu interior com decoração mais tardia, do rococó.

---

<sup>266</sup> A este respeito é interessante a análise das várias pinturas de Frans Post, por Mota Meneses [MENEZES. *Igreja e Convento de Santo António – Igarajú* (Policopiado). [S. l. : s. d.], p. 3 e 4].

<sup>267</sup> Diz “(...) Conhecemos seu aspecto primitivo por uma estampa do livro de Kaspar van Baerle (Barleus) sobre a expedição de João Maurício de Nassau [a Pernambuco] e um quadro de Frans Post (...) Estes documentos permitem observar que a construção já apresentava todas as características de um convento franciscano. O Convento de Igarajú [*sic*] foi atacada e saqueado pelos holandeses no 1.º de Maio de 1632 na hora da missa (...). A reconstrução do convento começou pouco depois de sua libertação (...) outros trabalhos foram realizados entre 1705 e 1718. O estilo do claustro corresponde exactamente à primeira parte dos trabalhos, enquanto que o frontispício da igreja, à segunda. (...)” (cf. BAZIN. *Op. cit.*, 1º vol. p. 149. Por ocasião destas invasões, o convento de Igarajú, como sucedeu com muitos outros, foi atacado e pilhado, tendo ficado deserto de religiosos entre os anos de 1639 e 1654, década e meia que teria gerado alguma ruína nos edifícios, mas que não impediu a sua reabilitação quando da restauração do poder português (JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.ª, vol II, cap. III, p. 335 e 336, § 282; ainda MENEZES. ... *Igarajú* (Policopiado), *cit.*, p. 5). O Padre Custódio Frei Daniel de São Francisco deu início, logo em Janeiro de 1655, ao restauro dos conventos que haviam sido abandonados, assim, para além deste de Igarajú, os de Olinda, Paraíba, Recife e Ipojuca, colocando neles responsáveis prelados com o título de Presidentes.

<sup>268</sup> Na visita que fizemos ao Convento, ainda que acompanhados por este reconhecido arquitecto e historiador alagoano, com base na falta imponderada por nós de uma autorização para o efeito, não nos foi dado recolher imagens de qualquer interior, o que nos impossibilita fazer a análise criteriosa deste espaço. No entanto, porque o nosso interesse são as Ordens Terceiras, e não podemos lá voltar, remetemos para a obra referenciada de MENEZES que trata o convento de modo muito abrangente.

<sup>269</sup> Em 1846 deixaria de ser sede do noviçado, iniciando-se, então, um período de decadência e posterior abandono do convento pelos padres que o recuperaram no final do século XIX.

<sup>270</sup> Vide MENEZES. ... *Igarajú* (Policopiado), *cit.*, p. 5, para os pormenores sobre estas remodelações, tanto para a igreja como para o convento, e Jaboatão como referência base do autor citado.

<sup>271</sup> Não encontramos qualquer referência ao seu período de vida.

Abriam-se quatro corredores à volta da quadra conventual<sup>272</sup> onde se articulariam as celas, oficinas e outras acomodações diversas, constituindo-se um adossado à igreja conventual [fig. 844]; o primeiro a ser construído arrancou da capela-mor da igreja. Em 1689 os corredores do claustro continuariam em construção e, estando um concluído, foi ocupado pelos frades e por oficinas e, o outro, continuando a construção do oposto à igreja até ser coberto, assoalhado e também repartido em celas<sup>273</sup>.

No ano de 1689, as obras prosseguiram com a construção de uma casa de pedra e cal com duas portas, uma que dava para o rio e a outra para o convento, que serviria de lavatório. Informa o cronista que aí, no seu tempo, era onde se recolhia o sal, que era tirado, de esmola, para o Convento de Itamaracá<sup>274</sup>. As obras de reconstrução foram dadas por terminadas apenas em 1693<sup>275</sup>.

Em 1705, ainda segundo Jaboatão, o convento teria pouca amplidão para o número de religiosos que o procurou, porém, as obras de acréscimo, seriam iniciadas apenas no ano de 1722; incluíram trabalhos de decoração que foram prolongadas até fins do século XVIII, proporcionando ao convento a renascida aparência que tem actualmente<sup>276</sup>. Essas obras foram encetadas com a edificação de um corredor de cerca de trinta e três metros de comprimento e seis metros e meio de largura, aberto no topo

<sup>272</sup> Meneses esclarece que a designação de *quadra* é decorrente da organização do partido conventual em torno de um pátio ou “crasta”, claustro, cuja origem é muito antiga (*Idem. Ibidem*, p. 6).

<sup>273</sup> Cf. JABOATÃO, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. III, p. 333; ainda, MENEZES. ...*Igaraçú* (Policopiado), *cit.*, p. 6 e 26. Menezes (*Idem. Ibidem*, p. 7) esclarece que não encontrou informações sobre as construções do claustro e da fachada da igreja, dando a sua própria opinião sobre a continuidade dessas obras e da construção da galilé que surge na frontaria da igreja. Segundo Bazin “(...) Nessa série [de claustros de conventos franciscanos], o mais antigo é o de Igarauçu [*sic*]; deve fazer parte da série de trabalhos iniciada por Frei Eusébio da Expectação em 1661-1665 e terminada em 1693 (...)” (cf. BAZIN. *cit.*, 2.<sup>o</sup> vol., p. 122 e 123).

<sup>274</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. I, p. 326, § 272; ainda, MENEZES. ...*Igaraçú* (Policopiado), p. 7.

<sup>275</sup> Segundo Jaboatão ouvira dizer a alguns religiosos, o mestre pedreiro Frei João Machado Meirelles que teria falecido em 1693, depois de ter concluído o convento, fizera-o todo à sua custa; no entanto, esclarece haver documentos onde é referenciado o trabalho de construção de todo o convento pago àquele frade na quantia de duzentos mil reis [cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. III, p. 334, 335; ainda, MENEZES. ... *Igaraçú* (Policopiado), p. 6 e 7]. Porém, continua a ser afirmado pelos historiadores, que o pedreiro João Meirelles teria feito as obras às suas custas, sem que apresentem documentação que o confirme (verificou-se isto mesmo em F. A. Pereira COSTA. *Anais Pernambucanos*, vol. I, p. 608, repetido por ACIOLI. *Op. cit.*, Recife, 2008, p. 281 col. esq.). Quanto a nós, não tivemos como deslindar o assunto e limitámo-nos a expor a questão tal como é posta pelos autores.

<sup>276</sup> Durante a Revolução Praieira decorrida no ano de 1848, teria servido de quartel para as tropas revolucionárias comandadas pelo coronel Manoel Pereira de Moraes (Tracunhaém, 20 de Janeiro de 1803 - Recife, 20 de Abril de 1858) foi um político brasileiro – político brasileiro e senhor do engenho Inhamã.

da quadra que vinha da capela-mor, correndo para o interior da horta, para o lado do Nascente<sup>277</sup>.

este convento

O convento com a igreja pertence hoje à arquidiocese de Pernambuco.

## 9.2. A igreja

A fachada abre-se para um vasto adro estremado por muros que delimitam a cerca conventual que emboca num largo onde se eleva o reconhecível sinal franciscano, a cruz em cruzeiro de pedra sobre pedestal<sup>278</sup> [figs. 393, 394].

A frontaria franciscana de Igarauçu é exemplar da construção capucha do século XVII, na feição pós-abandono do território pelos holandeses; mostra uma galilé aberta em três arcos, cujo muro exterior se prolonga por aletas laterais decorativas [fig. 394]; o traço é simples, mas denotando feição do barroco português em arquitectura “chã”, com frontão contracurvado, com decoração que se continua nos remates superiores das aletas de enrolamentos que flanqueiam a fachada [fig. 393]. A torre, construção do século seguinte<sup>279</sup>, segue também o preceito figurativo franciscano no seu recuo em relação ao frontispício [fig. 394]. O acesso ao interior da igreja é feito por três portais rasgados na parede interior, existindo mais duas portas abertas nos muros laterais do nártex [figs. 395, 396]; a da esquerda resguarda um oratório incrustado no muro e, a da direita, dá entrada para a portaria conventual; salienta-se o seu entalhe em almofadas de médio relevo [fig. 398]; o tecto é plano, revestido a caixotões apainelados com molduras estreladas, com pintura simbólica, havendo realce para o brasão franciscano ao centro<sup>280</sup> [figs. 396, 397]. Na parede do lado do Evangelho, junto ao antigo arco de ligação entre a nave da igreja e a capela dos Terceiros, existe uma porta travessa de acesso lateral à igreja.

<sup>277</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. III, p. 336, § 283; ainda, MENEZES. ... *Igarauçu* (Policopiado), p. 7 e 8.

<sup>278</sup> Este cruzeiro é uma réplica do original que tinha sido construído em 1786 e que ruiu na década de noventa do século XX.. O que resta do original foi exposto na sacristia conventual.

<sup>279</sup> Está referenciada a construção do actual campanário da igreja dos frades, por volta do ano de 1753, provavelmente na mesma época em que se iniciou a fábrica da capela da Ordem Terceira.

<sup>280</sup> Modernamente a igreja conventual foi palco de importantes restauros a cargo da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) de Pernambuco em parceria com a Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva de Portugal e Xavier de Sallas de Espanha; integraram, também, o projecto de Igarauçu, a Fundação Roberto Marinho e o Ministério da Cultura, através da lei Rouanet, no projecto apresentado à Comissão Europeia pela Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, aprovado em Outubro de 1996, na área de salvaguarda e valorização do património barroco, do Programa de Acção Comunitária Rafael (cf. Diana Moura BARBOSA [Em linha]. “Passado dourado volta ao Convento de Santo António”, *Jornal do Comércio*, 31-10-1999 [Consult. em 18-05-2009]. Disponível em <http://www2.uol.com.br/JC/1999/3110/cc3110a.htm>).

### 9.3 Aspectos patrimoniais

O município de Iguaraçu conta com o complexo franciscano como mais valia do seu “Sítio Histórico” em pequeno núcleo urbano, pela relevância arquitetural e artística que adquiriu, apesar de coarctado das instalações da Ordem Terceira que, presumivelmente, a ter em conta todas as outras que estudámos, acrescentar-lhe-ia importância. É ainda de salientar o aspecto do envolvimento natural do conjunto e de sua cerca, vegetação onde são visíveis vestígios da Mata Atlântica que particularmente interage com as instalações construídas<sup>281</sup> e enriquece a acanhada cidade de casario colonial dos séculos XVII, XVIII e XIX.

---

<sup>281</sup> O conjunto Igreja e Convento de Santo António em Iguaraçu foi tombado pelo IPHAN em 17 de Maio de 1938, enquanto o conjunto arquitectónico com os restos da Mata Atlântica acrescentados de culturas de coqueirais e a paisagem de mangues, e terrenos alagadiços de Iguaraçu foi inscrito no livro arqueológico, etnográfico e paisagístico do IPHAN através do processo 359-T-45, em 10-10-1972.

## 10. Convento de São Francisco de São Cristóvão

### 10.1 Os Frades Menores em São Cristóvão

Não há muita informação, para estabelecer a história de mais este convento. Da nossa pesquisa concluímos que, para além da contribuição de Jaboatão, pouco foi adiantado; apenas encontramos uma recolha de dados históricos no IPHAN de Sergipe que colige umas poucas de notícias recolhidas pelos seus serviços de pesquisa histórica, que abarcam o período entre 1584 e 1715 [doc. 2].

Quando os Franciscanos chegaram a São Cristóvão para aí exercerem as suas funções religiosas, após as guerras tidas com as tropas do Conde de Nassau, já tinham aí sido implantadas outras ordens religiosas<sup>282</sup>, à volta das quais se tinha organizado a vida urbana da região. Os trabalhos de construção do convento ter-se-ão desenvolvido no contexto da reconstrução da cidade, após a saída dos holandeses, e do desenvolvimento sergipiano<sup>283</sup>.

No Capítulo de 26 de Agosto de 1657, foi dada autorização para a instituição de um Convento Franciscano em São Cristóvão [doc. 2]. Determinada a fundação franciscana, no ano de 1660<sup>284</sup>, foi, com essa finalidade, enviado de Portugal um grupo de religiosos dirigido pelo frade franciscano português, Luís do Rosário, Superior da Ordem, que, acompanhado por um irmão leigo, aí encetou a preparação dos trabalhos de construção de mais uma casa franciscana no Brasil Nordeste [doc. 2]. Contudo, o convento que tomaria o nome de Bom Jesus de São Cristóvão – comumente

---

<sup>282</sup> Antes do invasor holandês ocupar Sergipe, os Jesuítas fixaram-se em 1597; logo de seguida, em 1609, chegaram os Beneditinos e, depois, os Carmelitas em 1618. Aí levantaram as suas primeiras casas ainda construções de grande precariedade construtiva.

<sup>283</sup> O que aconteceu já depois de 1649, ano em que a Custódia de Santo António do Brasil se tornou Província independente de Portugal [doc. 6].

<sup>284</sup> De acordo com notícia tomada na *Relação das Tábuas Capitulares* da Província de Santo António de Portugal (cf. CONCEIÇÃO, FONSECA. Op. cit., 1740, p. 76).

conhecido por convento de São Francisco – só ficaria terminado na 2.<sup>a</sup> metade do século XVIII, devido à falta de recursos e à pobreza em que viviam, nesse tempo, não só a Ordem como, igualmente, a sociedade local<sup>285</sup>; seria, ainda, em época de recursos económicos que os frades iniciariam as obras no ano de 1693, com lançamento simbólico da pedra fundamental, no dia 12 de Setembro de 1693 [doc. 2].

A legislação promovida pelo Império proibiu os novos ingressos nas ordens religiosas, o que implicou o abandono progressivo dos conventos de religiosos e das Ordens Terceiras e outras Irmandades religiosas. Com a proclamação da República em 1889 e a Programação da Constituição de 1891, a liberdade religiosa foi restabelecida.

Após um período de abandono, a chegada dos frades reformadores alemães levou ao início de uma fase de reconstrução do complexo arquitectónico conventual, para o qual, mais uma vez se fez sentir a escassez de verbas para lhe acudir; mas, de novo, a cooperação do povo foi de grande ajuda. No início do ano de 2005, ao fim de 347 anos na comunidade sergipiana, os religiosos do convento receberam uma carta do Governo Provincial dos Franciscanos do Nordeste que determinou o fim dos trabalhos religioso e social realizado por esse Convento de São Francisco.

## **10.2 O convento :surgimento e morfologia**

Nos meados do século XVII, a pequena comunidade franciscana chegada a Sergipe daria início à construção, na povoação de São Cristóvão, de um espaço provisório para se acolher, e desenvolver a obra religiosa, dando origem à edificação (ainda em materiais precários) de uma capela e uma residência exíguas para as necessidades já então sentidas. O terreno para a construção definitiva do convento seria doado por um casal de moradores locais, o Sargento-Mor Bernardo Correia Leitão e sua

---

<sup>285</sup> O Professor Luiz Fernando Ribeiro Soutelo esclarece que a obra autorizada pelo Capitulo Provincial em 1657, demorou mais de um século a ser concluída, devida à falta de meios pecuniários dos frades e da região; o autor apresenta uma descrição física do convento, incluindo os aspectos decorativos, ressaltando que a capela dos Terceiros é perpendicular à igreja dos (SOUTELO. *Convento de Santa Cruz e a Igreja Conventual: a presença franciscana* [Em linha]. [Consult. em 02-05-2008]. Disponível em [http://thiagofragata.blogspot.com/2008\\_02\\_01\\_archive.html](http://thiagofragata.blogspot.com/2008_02_01_archive.html)).

mulher Vitória de Sousa, tendo a escritura sido assinada em 29 de Janeiro de 1659<sup>286</sup>. Ainda nesse ano, por morte do referido Superior da Ordem, os trabalhos pararam e assim se mantiveram até à nomeação do novo Superior do Convento, Frei Sebastião dos Mártires, o que sobreveio em Capítulo de 5 de Novembro desse ano, o que permitiu a finalização dos trabalhos de edificação do recolhimento provisório. Apenas em 12 de Setembro de 1693, foram lançados os alicerces para a construção definitiva, com cerimónia de colocação da pedra fundamental, a que esteve presente o Provincial Frei Estêvão de Santa Maria<sup>287</sup>; tês décadas mais tarde, o morador André Pinto de Souza faria uma doação de terrenos que conduziu ao alargamento da cerca do convento<sup>288</sup>. Não tendo vista directa para uma via fluvial, dista pouco de troço do rio Paramopama, que corre ao fundo de uma ladeira, o que permitiu, por certo, alguma mobilidade aos frades e a quem ali quisesse chegar de terras próximas [fig. 464].

A construção do complexo conventual teve uma evolução lenta, não havendo notícias específicas sobre o decorrer das obras ao longo da primeira metade do século XVIII<sup>289</sup>; no entanto, Jaboaão, na sua crónica (finda em 1761) informou que a igreja ainda não estava terminada devido à ausência de ofertas por parte dos senhores de engenho da região.

Ao longo dos anos, principalmente nas últimas décadas do século XX, o complexo sofreria inúmeras restaurações, por intervenção do IPHAN. Presentemente o convento actua como sede para encontros religiosos, podendo os participantes fazer uso das suas instalações modernizadas.

Surge implantado em destaque numa praça no topo de uma colina [fig. 406], implantado no meio de um cerca verdejante [fig. 462]. Orientado a Sul, apresenta uma mole de planta quadrangular, onde se articulam o corpo central da igreja conventual, em avanço, com torre lateral adossada à sua ilharga direita<sup>290</sup> [figs. 444, 845, 846]; de um e

<sup>286</sup> Cf. IPHAN, *Livro de Tombo*, 1941. Desta construção apenas terão chegado até aos nossos dias, pequenos troços de muro.

<sup>287</sup> Isso só foi possível após os religiosos terem reunido uma determinada soma em esmolas que a população bastante carenciada lhes confiou para aquele fim, o que se reflectiu na lentidão com que o convento foi construído e na grande simplicidade e austeridade das suas linhas ainda hoje patentes (*vide*, a este propósito, Maria Thetis NUNES. *Sergipe Colonial II*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1996, p. 171).

<sup>288</sup> Com escritura assinada em 3 de Março de 1730.

<sup>289</sup> O frontão, a sacristia, o claustro e os retábulos são trabalho do século XVIII. O convento foi dado por concluído já na segunda metade do século XVIII. Obras complementares foram efectuadas já no decorrer dos dois séculos seguintes.

<sup>290</sup> A torre que vemos hoje não é a primitiva. Na década de 1840 começou a saga desta torre, pois estava em perigo de derrocada. Em 22 de Outubro de 1847 tinha sido entregue à Directoria das Obras Públicas

do outro lado da igreja desdobram-se as alas de dois pisos, em horizontalidade e justaposição de corpos paralelepípedicos e plantas rectangulares; afiguram-se de modo escalonado [figs. 407, 441, 442, 845], a Este a ala ocupada pelos frades, e a Oeste a ala onde se encontra a Ordem Terceira de São Francisco<sup>291</sup> [figs. 407, 845, 846]. O claustro formado por quatro galerias em cantaria despona em dois pisos, adossado numa das ilhargas ao flanco direita da igreja conventual, ao correr da nave, em torno de um pátio a céu aberto, ajardinado [figs. 459-461]. No piso térreo erguem-se as arcadas assentes em pilastras, de arenito, entalhadas com motivos florais [figs. 459, 460], para onde dão diversos compartimentos [fig. 846]; sobrepõem-se quatro corredores cobertos por telhados de uma água [figs. 461, 847]. No piso inferior organizaram-se a sala de reunião dos monges, o refeitório, a cozinha de sabor mediterrânico – construída avançada para o exterior, exibindo uma ampla chaminé cónica de base circular [fig. 457] –, a despensa e diversas oficinas<sup>292</sup>; no superior, ao longo de três dos corredores de circulação abriram-se as celas, hoje transformadas em pequenos apartamentos de grande singeleza, cada um com seu sanitário; existe ainda a rouparia, o coro-alto e um auditório construído modernamente sobrepujado à sacristia, para além de uma biblioteca<sup>293</sup>.

---

com a finalidade de ser reconstruída, acabando por desabar antes da conclusão dos trabalhos, tendo-se procedido à sua demolição, e à entrega do sino ao cuidado do Guardião do Convento (*Vide*, a este propósito, IPHAN. *Programa das cidades Históricas, Plano Urbanístico de S. Cristóvão*, vol. 2 – “Estudo da evolução Urbana” cit., p. 101 e sgs.). No início do século XX, já com a restauração da Província Franciscana no Brasil, os frades alemães recém chegados, mandaram construir uma pequena torre de madeira forrada a zinco, para acolhimento de dois sinos que tinham sido encomendados na Alemanha, obra que depois de finda não agradaria devido ao impacto estético demasiado negativo que provocou na época (*Vide, Idem. Ibidem*, p. 180). Entre 1937 e 1938 procedeu-se então à construção definitiva de uma torre construída de raiz, segundo o gosto moderno, da traça de Frei Ildefonso Raffant, que também dirigiu as obras que, depois de terminadas, seriam contestadas pelo Governo estadual, por as achar ofensivas ao património histórico onde se inseriu (*vide*, a este propósito, *Idem. Ibidem*, p. 191 e ). Esta torre seria depois demolida, por não ter qualquer filiação estética com o monumento onde se implantava. Por volta de 1975 o IPHAN restaurou a torre, removendo as partes consideradas inapropriadas, removendo cunhais e volutas. Como não foi encontrada qualquer documentação sobre o traço da primitiva torre, foi resolvido mantê-la com o aspecto de inacabada que apresenta hoje (cf. UFBA. *Plano Urbanístico de São Cristóvão* – n.º 1. Salvador, 1980, p. 106, 180, 194; também, Clodomir SILVA. *Álbum de Sergipe*. Aracaju : Gov. do Estado de Sergipe, 1925, p. 280).

<sup>291</sup> Desde 1974, funciona aí o Museu de Arte Sacra de Sergipe, Governo do Estado de Sergipe / SEED – SEC, cujo acervo é composto por fotografias, imaginária, numismática, armaria, mobiliário e jóias, na sua maioria proveniente de doações de famílias sergipianas.

<sup>292</sup> O acesso a esta área fazia-se tanto pelo interior do convento como por uma entrada de serviço, a partir de um amplo pátio aberto, com ligação ao exterior do convento, que servia de apoio logístico e para abastecimento dos residentes. Em 1934 foram reformados no convento o refeitório, o salão dos Padres, a Portaria e o salão anexo.

<sup>293</sup> Foi constituída uma Biblioteca já em 1911, que possibilitou a colocação de cerca de 3000 livros que se encontravam dispersos, por diversos espaço conventuais com o aproveitamento de duas celas, perto do coro-alto e, em 1937, foi mudada para um salão sobre a sacristia, por ser considerado um espaço com mais arejamento (cf. IPHAN. *Programa das cidades Históricas, Plano Urbanístico de S. Cristóvão*, vol. 2 – “Estudo da evolução Urbana”, p. 189 e 190).



### 10.3 A igreja

O frontispício da igreja eleva-se fronteiro a um espaçoso adro que se incorpora no próprio Largo de São Francisco, vasta praça quadrangular incluída no núcleo histórico da cidade [fig. 463]. No adro, de tradição franciscana, assoma-se um imponente cruzeiro, armado com uma base barroca, onde avulta uma cruz moderna em cimento armado<sup>294</sup> [fig. 406].

A fachada da igreja, concluída em Setecentos, é organizada em dois panos desenvolvidos entre pilastras e cunhais toscanos [fig. 406]; o pano principal é dividido em dois registos separados por entablamento, abrindo-se, no inferior, um pórtico de galilé constituído por três arcos frontais e um arco lateral aberto no flanco [fig. 446], em cantaria, fechados por gradil em ferro<sup>295</sup>, com pavimento em mosaico<sup>296</sup> [fig. 447]; da galilé (onde assenta o coro-alto) acede-se à igreja por um único portal; no registo superior rasgam-se três janelões de ombreiras decoradas e verga curva que, iluminam o coro-alto e proporcionam o arejamento da igreja [fig. 453]; superiormente, o entablamento apresenta forma mista, com um fragmento semicircular ao centro que acoita um pequeno óculo e se prolonga para cada uma das bandas em segmentos lineares; o frontispício culmina com um frontão de volutas, de entorno de curva e contracurva, com um nicho centralizado, onde avulta a imagem do patrono [fig. 406]; adossado a este pano, à direita, a torre sineira não ultrapassa a altura do frontão e organiza-se em três registos marcados pela continuidade das cornijas da fachada da igreja [fig. 444], onde se rasgam, no térreo, a porta principal do convento (ligação entre a portaria e o claustro), no piso mediano, um janelão (de arejamento e iluminação da torre) e, superiormente, uma janela de arco de meio ponto que alberga o sino, sendo a cobertura em telhado de quatro águas.

A volumetria de corpos escalonados da igreja<sup>297</sup> anuncia uma planta longitudinal onde se inscrevem dois rectângulos contínuos; o maior corresponde ao corpo da nave e o outro à capela-mor estreita e longa, por trás do qual se abre a sacristia [fig. 846]. De cada um dos lados da capela-mor existe um corredor; o da via-sacra que permite a

<sup>294</sup> Trabalho efectuado no ano de 1906, pelo Mestre Sabino (Idem. *Ibidem*, p. 179).

<sup>295</sup> O gradeamento da autoria de Frei Diogo Las Kovski foi colocado a fim de evitar a habitual entrada de animais no espaço sagrado, sendo obra da empreitada efectuada a partir de 1904 (Idem. *Ibidem*, p. 178).

<sup>296</sup> O átrio da igreja recebeu mosaico e forro novos em 1930 (idem. *Ibidem*, p. 188).

<sup>297</sup> A igreja principal, situada entre a Igreja da Ordem Terceira e o Convento, continua em funcionamento para algumas celebrações religiosas.

circulação entre a sacristia<sup>298</sup>, a igreja e o claustro [fig. 458] e, no do lado oposto, o que liga a sacristia à igreja dos frades e também ao espaço da Ordem Terceira [fig. 846].

Em destaque no cimo de degraus, a capela-mor ostenta um altar de composição invulgar, com dossel alteado sustentado lateralmente por oito colunas torsas em talha dourada, que abriga o nicho onde avulta um crucifixo centralizado sobre pedestal e mais imaginária [fig. 448]; os muros laterais apresentam no registo superior três tribunas de cada lado sendo a cobertura de abóbada de berço com medalhão figurativo pintado ao centro<sup>299</sup>, assente em cornija [figs. 448, 449]; a capela-mor demarca-se da nave de espaço único por um arco triunfal de volta perfeita assente em pilastras toscanas sobre soco alto, em madeiramento pintado, com talha dourada [figs. 450, 451], avultando nele um escudo das armas franciscanas centralizado; de cada um dos lados, encostados ao arco e à parede lateral da nave, em diagonal, foram apostos dois altares<sup>300</sup> decorados com colunas torsas, onde dominam, a talha dourada em grande profusão de motivos fitomórficos e, em nichos, as imagens de Santo António e da Senhora da Conceição<sup>301</sup> [figs. 450, 451]; uma teia de madeira de jacarandá em balaustrada [figs. 450, 451] demarcava o espaço ocupado pelos religiosos, separando-o daquele ocupado pelos fiéis que ali acorriam; no registo superior dos muros laterais rasgam-se duas tribunas, uma de cada lado e, do lado da Epístola, um púlpito; da outra banda abriu-se arco de comunicação com a capela da Ordem Terceira com uma varanda superior, correspondente ao coro-alto dos irmãos [figs. 451, 452]; à entrada, destaca-se o coro-alto em madeira, com balcão avançado em barriga, com um interessante resguardo de balaustradas pintadas, com dourados, assente em arco de madeira de curva e contracurva [fig. 453]. O forro em masseira de madeira detém um medalhão pintado ao centro<sup>302</sup> [fig. 453]. O pavimento encontra-se revestido por mosaicos cerâmicos industriais<sup>303</sup>.

<sup>298</sup> A sacristia possui um precioso lavabo, de 1725, sendo da mesma época todo o resto da ornamentação e decoração do espaço. Em 1924 recebeu novo ladrilho mosaico (*Idem. Ibidem*, p. 189).

<sup>299</sup> A capela-mor foi pintada de novo, e ladrilhada com mosaicos de cimento 1904 (*Idem. Ibidem*, p. 189).

<sup>300</sup> Os altares são do estilo Joanino o que os indica como do século XVIII, no entanto são reconstrução de 1904

<sup>301</sup> Em 1919/1920 foi restaurado o altar de Nossa Senhora da Conceição (*Idem. Ibidem*, p. 182, 183)

<sup>302</sup> O forro levou muitas emendas e novas pinturas a óleo a partir dos restauros feitos desde 1904.

<sup>303</sup> Trabalho dos anos 20 do século XX, que obrigou à utilização do espaço da Ordem Terceira para a celebração dos actos religiosos conventuais enquanto as obras se prolongaram (*Idem. Ibidem*, p. 185)

#### **10.4 A sacristia**

A sacristia da igreja conventual foi construída por detrás da capela-mor, na transversal, com ligação aos corredores da via-sacra por aberturas que flanqueiam o arcaz [fig. 454], e deles, para a capela-mor. É uma sala ampla e alongada, que abarca a largura da capela-mor e a dos corredores laterais que correm ao longo dela, com iluminação dada por uma série de janelas que se abrem nos três muros e dão sobre a cerca [fig. 846]; destaca-se pelo curioso, um cubículo aberto no muro oposto ao da cabeceira da capela-mor, frente ao arcaz, com arco de volta plena assente em pilastras de feição toscana, com ligeiro desenho entalhado [fig. 455], onde se encontra um lavabo pétreo embebido na parede, com iluminação zenital [fig. 456] que, também neste convento, tem posição estratégica para receber as águas que vêm de fora, do lado da cerca. Do seu mobiliário destaca-se um decorativo arcaz duplo com espaldar muito ornamental com dois grupos de quatro pinturas a óleo, de hagiografia franciscana, enquadrados por molduras com pequenos frontões, que flanqueiam um altar retabular de talha de cariz rococó, com edícula com um Cristo crucificado assente em resplendor [fig. 456]. O pavimento é de tijoleira e o tecto é plano, de tabuado.

#### **10.5 Particularidades tipológicas e artísticas do convento**

O convento franciscano de São Cristóvão tem características decorativas menos exuberantes se o compararmos aos construídos nos grandes centros urbanos brasileiras da época, como os de Salvador e Olinda. Contudo, o seu barroco iniciado a partir da segunda metade do século XVII, é reconhecidamente importante e detém marcos significativos na história de Sergipe. Constitui-se um dos complexos mais relevantes no panorama artístico do século XVIII em Sergipe, sendo obra de um tempo que se alongou do século XVII ao XVIII, tendo sofrido marcantes alterações, já em tempo mais recente.

Ao considerarmos as fachadas dos corpos conventuais, dos finais de Seiscentos, destacamos a ala conventual, onde avultam as marcas incontestáveis do estilo “chão”

português utilizado então na colónia, nas paredes rasgadas por duas fiadas sobrepostas de vazamentos de janelas exíguas de traçado muito simples, emolduradas a pedra, sendo o remate superior dos panos em beiral singelo. Em contraponto, os interiores mais tardios – do século XVIII – do claustro em cantaria e da igreja, talvez porque executados em tempos mais prósperos ou submetidos a outras orientações internas mais exigentes, são testemunhos já da afirmação do barroco e rococó / classicismo, de que os dois altares laterais da nave da igreja dos frades são o seu expoente máximo.

A fachada centralizada da igreja conventual, formada pelo corpo avançado em relação aos laterais, da ala do convento e da Ordem Terceira, apresenta nítidos aspectos do barroco; tem feição muito simplificada, se a compararmos com outras suas congéneres Nordesteiros; no que respeita ao frontão, são visíveis as influências do final do barroco, com passagem para um gosto do rococó, nas linhas de curvas e contracurvas quebradas, em que a suavidade se contrapõe à grande sinuosidade do rebordo.

De destacar é, ainda, a disposição de cada um dos registos em recuo em relação ao que lhe está inferior, o que confere ao frontispício algum dinamismo plástico, mais uma característica do barroco [fig. 406]. Embora seguindo as particularidades predominantes das edificações franciscanas, esta fachada sofreu algumas modificações e, ao invés de uma galilé de cinco arcadas que já tinham sido experimentada [fig. 376], apresenta apenas três arcos frontais e um lateral.

## 11. Convento de Franciscano de Marechal Deodoro

### 11.1 Surgimento

Do ponto de vista urbanístico, verificamos que os frades franciscanos em Marechal Deodoro mostraram a preocupação habitual com a implantação da sua casa. Tendo sido construído em terrenos doados, estes só teriam sido aceites, porque preencheram as perspectivas da Ordem em relação à sua actuação junto à população local e às necessidades próprias. Assim, instalaram-se na planície com a igreja virada para a cidade, encarando-a [figs. 465, 500, 504], ainda que não no seu coração, junto a uma lagoa que lhes serviu de meio de abastecimento e de comunicação com o território, com terreno fértil para a sua cerca [figs. 502-504, 519] e com água suficiente para provisão da comunidade.

Ana Magalhães, salienta, curiosamente, o facto de ser a orientação solar dos conventos franciscanos um dos motivos de peso nas suas construções, aspecto aqui verificado, com o frontispício da igreja virada a Sul, tendo a área das celas e mirante, sido construídos entre o Norte e o Sul, com grande número de vãos do convento aí abertos, beneficiando da direcção dos ventos aí costumeiros<sup>304</sup>.

O convento, com a imprescindível cerca que contornava a Lagoa Manguaba [fig. 504] organizou-se à volta de um claustro, tendo encostado à igreja uma das suas galerias [fig. 849]; destacamos um mirante, na continuação de uma das alas conventuais, virado para a lagoa. Junto à igreja da Ordem Primeira, mas independente dela, cresceu a capela

---

<sup>304</sup> Ref. Ana Cláudia Vasconcelos MAGALHÃES. *Frades, Artistas, Filósofos: O Convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza – ontem e hoje* : Universidade Federal de Alagoas, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitectura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado, Maceió, 2005, 2.º Capítulo, p. 1 [Em linha]. [Consult. em 20-07-2008]. Disponível em [http://btdt.ufal.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=69](http://btdt.ufal.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=69), p. 124.

da Ordem Terceira de São Francisco de Assis<sup>305</sup> e, frente às duas igrejas, foi aberto um amplo adro, onde se edificou um cruzeiro em pedra, formado por pedestal bulboso sobre o qual se ergue uma cruz de pedra<sup>306</sup> [figs. 465, 505].

Este conjunto não segue a componente mais comum desta Ordem franciscana na sua fixação em terras brasileiras – as excelentes relações directas com a paisagem natural e urbana – como verificámos, por exemplo, em Paraguaçu, em que o convento se ergueu afastado do centro urbano; em Marechal Deodoro, se no início teve existência fora do centro urbano, o passar dos tempos, levou-lhe alterações, não só na envolvente mas na sua feição e uso; modificou a função inicial como a própria relação do edifício com o espaço natural e o urbano envolvente

## 11.2 Morfologia do Convento

Não há conhecimento de qualquer documento que identifique os autores da planta e do desenho do complexo. Igreja e convento desenvolvem-se numa planta quadrangular, segundo os planos comuns aos conventos franciscanos, com a igreja adossada a uma das quatro alas que envolvem o claustro de dois pisos, organizado em torno de um pátio interior aberto [fig. 849], de desenho austero com pendor classicizante. No térreo, as galerias apresentam arcos de cantaria de volta inteira, sustentados por colunas singelas de ordem toscana, de planta quadrangular, duplas nos cantos, com parca ornamentação, a que correspondem, no piso superior, colunas do mesmo tipo, mas de escala inferior, onde se apoiam as vigas rectilíneas que sustentam a cobertura de telhados de uma água<sup>307</sup> [fig. 516].

---

<sup>305</sup> Não se conhece explicação documental para o facto destes dois espaços de culto estarem construídos apartados um do outro, ainda que próximos. Olhando para os dois edifícios, vê-se hoje que existe uma capela lateral que teria ocupado a posição que usualmente as Ordens Terceira de São Francisco tomavam para si. Assim, podemos alvitrar que, quando se pretendeu edificar a capela dos Terceiros, houve que optar-se por deslocá-la mais para fora e construí-la isolada.

<sup>306</sup> O espaço do antigo adro encontra-se actualmente subvertido, tendo dado lugar a uma zona ajardinada, que anulou o primitivo vínculo que o adro estabelecia com o convento, depois da obras do final dos anos noventa do século passado, como lembra Ana Cláudia Vasconcelos Magalhães (*Idem. Ibidem*, [Em linha] *cit.*, p. 62 e 63).

<sup>307</sup> Para mais pormenores sobre o arranjo deste espaço, leia-se, *Idem. Ibidem*, [Em linha], *loc. cit.*

À volta do claustro no piso térreo, as suas três alas albergam a Sul a portaria com acesso pelo arco da torre, a cozinha e áreas de serviço, o *de profundis*, a que se segue o refeitório e, na ala a Norte e a sacristia – onde se destaca um interessante lavabo de gosto maneirista, de pedra lavrada, incrustado no muro, com bacia quadrangular assente em mísula, com espaldar e frontão, com duas saídas de água da boca de carrancas, com aproveitamento de água pluviais; permitindo ainda o acesso à igreja através de um corredor lateral [fig. 516]; no piso superior, com acesso por escadaria [fig. 517], desenvolveram-se as celas que se abriam para as galerias e um mirante de onde se avistam os terrenos da cerca e a lagoa.

Ana Magalhães inferiria que esta é particularmente uma arquitectura onde foi muito utilizada a pedra calcária, “extraída das abundantes jazidas locais”; foi, principalmente, aplicada nas partes nobres do edifício, como podemos verificar: nos frontispícios, com destaque para os emolduramentos de vãos; nos remates laterais e superiores dos seus panos, marcando-lhes com notoriedade os perfis; no interior em elementos decorativos, de que são exemplos de vulto, a escadaria, as pilastras do claustro e os lavabos das sacristias [figs. 490, 506, 508, 516, 517].

### 11.3 A igreja

A fachada principal é constituída por dois panos, sendo um o da igreja de dois registos rematados superiormente por frontão e, o outro, no mesmo plano, o da torre sineira de três registos<sup>308</sup>, apresentando os remates laterais em pilastras e cunhais apilastrados assentes em altos plintos, de características toscanas; a demarcação dos registos na horizontal é feita por friso continuado, discreto, em ressalto, que cria alguma horizontalidade aos panos [figs. 505, 506]; o piso térreo foi rasgado em pórtico de quatro arcos de pleno centro, fechados por portais de madeira vazadas em balaustradas, encimadas por bandeiras de trabalho rendilhado em abertos e fechados [fig. 507]; três dão acesso a uma galilé estreita construída sob o coro, com os portais de acesso à igreja, cerrados por portas em madeira, almofadadas e, o quarto está aberto no corpo da torre,

---

<sup>308</sup> As igrejas pagavam impostos para a Coroa portuguesa de acordo com o número de torres que construía.

de entrada no convento [fig. 508]; no segundo registo abrem-se três janelões de arco abatido emoldurados e com guarda-corpo esculpido, em pedra, rematados superiormente por cornijas em ressalto de lavor delicado; o central é sobrepujado por uma luneta ovalada [fig. 507]; a acompanhar as linhas curvas quebradas do friso continuado superior, evidencia-se o frontão com nicho para imaginária ao centro, esculpido em abertos e fechados onde se evidenciam pináculos e duas volutas harmoniosas, com cruz latina no topo [fig. 506]. Sobre o arco térreo da torre rasga-se um janelão similar aos da igreja, a que está sobrepujado uma luneta aberta no registo intermédio e, no último piso, abre-se um outro janelão; a cobertura é em cúpula bolbosa, com cruz no topo [fig. 505]. Para Este, estende-se uma das alas conventuais onde se destaca um mirante alteado.

Toda a escultura desta fachada remete-nos para um gosto da estética do rococó [fig. 506], já muito utilizado a partir do meio do século XVIII, no Brasil.

A igreja é de planta longitudinal [fig. 849], composta por capela-mor<sup>309</sup> longa e estreita e nave única que se articulam entre si por um arco triunfal pleno de gosto toscano, em pedra calcária da região, com talha dourada e policroma [figs. 509-511]; o altar-mor assente sob uma plataforma elevada, com acesso por degraus, é de decoração retabular, com camarim de degraus, em requintado lavor de madeira dourada, trabalho do século XIX [fig. 510]; as paredes brancas e lisas são rasgadas no segundo registo por duas tribunas de cada lado [fig. 509]; são rematadas superiormente por uma cornija que suporta a cobertura em abóbada de berço de arco pleno, onde avulta o forro de grande expressão decorativa e ornamental, em caixotões de madeira dourada, com pinturas figurativas do imaginário religioso franciscano [figs. 509, 510], proveniente de oficina igualmente do Oitocentos português. A nave é muito simples, de paredes lisas, decorada com duas capelas laterais encostadas em viés ao ângulo formado por aquelas paredes e a do arco triunfal, com altares com guarda-pó [fig. 509]; a meio da parede do lado do Evangelho, abre-se uma capela colateral profunda, com altar esvaziado<sup>310</sup>, com um rasgo no piso, que dá para lance de escadas de entrada para um carneiro [fig. 513]; na parede oposta abre-se um arco para capela rasa, com altar [fig. 515]; no registo superior

<sup>309</sup> No início do ano de 1689, teria sido concluída a construção da capela-mor (cf. Juliana ANDRADE. *Marechal Deodoro* [Em linha]. [Consult. em 20-07-2008]. Disponível em <http://www.tudoalagoas.com.br/cultura040.htm>).

<sup>310</sup> Em 2 de Julho de 1692, foram abertos os alicerces para mais um corpo da igreja, cuja construção durou mais de um século. O retábulo de talha dourada do altar desta capela está, presentemente, em restauro de oficina; quando do seu desmonte, foi descoberta na parede uma pintura mural de características muito simples, de temática religiosa, anterior ao retábulo (*Idem. Ibidem*, [Em linha]).



avulta um púlpito em madeira e pedra, rasgando-se uma série de três tribunas de cada banda [fig. 515], que imprimem, juntamente com as da capela-mor, pelo ritmo, alguma viveza ao ambiente. O revestimento superior da nave é em forro de madeira em arco abatido, tendo ao centro a pintura ilusionista em medalhão, com figuração pictórica<sup>311</sup>; o revestimento do chão apresenta-se em restauro<sup>312</sup> [fig. 509-513]. O coro-alto colocado sobre o nártex é todo em madeira com guarda-corpo alto em gradil entalhado [fig. 511]; o forro do nártex apresenta uma inscrição com o nome do autor e data da obra<sup>313</sup>; os frades seguiam directamente das celas no piso superior do convento para o coro, por lance de escadas.

Do ponto de vista artístico, analisando a decoração do interior da igreja da Ordem Primeira, realçamos a riqueza da talha dourada e policroma dos seus dois retábulos, o da capela-mor (do Santíssimo) e o da capela lateral (que apenas visualizámos em fotografia, por se encontrar em restauro oficinal), ambos representativos do *Estilo Nacional Português*<sup>314</sup>, da primeira fase do Barroco português, com profusão de elementos da simbologia católica romana ligada à Eucaristia e á a Ressurreição de Cristo, cachos de uva, folhas de parreira e aves com representação da Fénix [figs. 510, 515]. Já menos opulentos, mas muito ornamentais pela policromia, os dois altares colaterais ao arco de triunfo, o da Virgem Maria e o de Santo António, evidenciam características neoclássicas [fig. 509].

#### 11.4 Aspectos patrimoniais

Nos últimos anos, tem havido estímulo político por parte das entidades estatais brasileiras na divulgação das coisas do património histórico e cultural edificado em

<sup>311</sup> Figurando São Francisco de Assis e a Virgem Maria, ladeados por querubins, e de Jesus subindo ao firmamento [figs. 511, 512].

<sup>312</sup> Quando do trabalho de prospecção no piso da igreja, foi encontrado, subjacente um outro mais antigo, lajeado a cerâmica, em bom estado de conservação (cf. [Em linha]. *cit.* Disponível em: <http://www.tudoalagoas.com.br/cultura040.htm>).

<sup>313</sup> “Fr. Manoel de S. Joaquim mandou fazer a presente obra de madeira e pintura sendo guardião, ano de 1817 José Eloy a pintou no mesmo ano”, leitura de MAGALHÃES. *cit.*, 2.º Capítulo, [Em linha]. Disponível em [http://bdtd.ufal.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=69](http://bdtd.ufal.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=69), p. 82.

<sup>314</sup> Esta denominação segue a metodologia utilizada por Robert C. Smith para o trabalho de talha portuguesa do último quartel do século XVII ao primeiro quartel do século XVIII (*vide*, a este propósito, “Talha” in *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, dir. José Fernandes PEREIRA, coord. Paulo PEREIRA. Lisboa : Editorial Presença, 1989, p. 467).

Marechal Deodoro para fora das fronteiras regionais, com fim ao incrementado do crescimento urbano.

Pelo que observámos em Marechal Deodoro, parece-nos lícito afirmar que o contexto religioso, directamente relacionado com o apogeu da afirmação religiosa católica em Alagoas, se converteu em elemento fundamental de agregação na formação do município, particularmente, no que respeita ao complexo franciscano; desde a centúria de seiscentos, faz parte integrante do cenário urbano e cultural da antiga vila de Santa Maria Madalena, facto que se prolongou até aos dias de hoje, ao ter-se imposto, não apenas fisicamente na paisagem com a sua mole imponente, mas igualmente junto da comunidade, com um papel dinamizador de natureza religiosa e cultural. Este facto é comprovado pelo interesse turístico que se faz sentir ao longo de todo o ano, pelas diferentes belezas naturais de Alagoas, mas também cada vez mais pela curiosidade que os bens culturais, inclusive os monumentos, despertam em quem visita o município.

Após as obras em curso, o conjunto conventual em vez de frades recolherá o rico acervo museológico, estabelecido em parte das suas instalações, no Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas (MASEAL)<sup>315</sup>.

---

<sup>315</sup> O Museu abriga um valioso acervo histórico e artístico composto por arte sacra, esculturas, mobiliário, indumentária, pinturas, livros, documentos, fotografias e objectos de culto, havendo a intenção não só expositiva no próprio local, como também de cedência de peças para exposições exteriores, sempre que a sua relevância seja reconhecida, como foi o caso do valioso contributo na Mostra *Redescobrimto – Brasil 500 Anos, em São Paulo - SP*.

## 12. Convento de Santo António de Paraguaçu

### 12.1 Contextualização histórica

O Convento de Santo António de Paraguaçu constitui um monumento a vários níveis singular no panorama da edificação Nordestina dos frades seráficos, embora o estado de ruína em que chegou à actualidade, dificulte muito o estudo e avaliação histórico-artística deste cenóbio. A abordagem que efectuamos para este convento, tem por base alguma pouca documentação, fontes e obras escritas<sup>316</sup>.

Localizado na vila de São Francisco de Paraguaçu, pertence ao município baiano de Cachoeira<sup>317</sup> e integra a área do chamado Recôncavo da Baía [figs. 867, 869]. Parcialmente em ruínas, ergue-se na margem esquerda do Rio Paraguaçu, no Distrito de Santiago de Iguape, na Baía com o mesmo nome<sup>318</sup>, no Vale de Iguape; dista 110 km do Salvador por via terrestre, sendo a distância por via fluvial-marítima de 30 km. Esta é mais uma região brasileira de grande beleza natural, onde se espraia a típica flora ribeirinha com intrincados mangais e o que resta na zona, da primitiva frondosa Mata

---

<sup>316</sup> Para a história do Convento de Santo António de São Francisco do Paraguaçu destacamos a análise de Jaboatão (cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. II, 536 a 543); entre estudos, a obra de Frei Hugo Fragoso dada à estampa em 2004 (FRAGOSO. *São Francisco do Paraguaçu: Uma História sepultada sob ruínas*); ainda, Fernando L. FONSECA. *A Baía e o Recôncavo* - 1, “Santo António do Paraguaçu”. Salvador : Publicações do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, 1973; para além de dados presentes no *Inventário de Protecção do Acervo Cultural*, IPAC, vol. III, “Monumentos Artísticos do Recôncavo”, pt. II : Governo do Estado da Baía, Secretaria da Indústria e Comércio, Coordenação de Fomento ao Turismo, Salvador, 1982; alguns poucos documentos que iremos referenciando oportunamente.

<sup>317</sup> A prosperidade da região no século XVII levou ao aumento populacional e à constituição da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Em 1837, esta a vila foi elevada à condição de município, denominado simplesmente Cachoeira. Apesar de ter sofrido algum declínio industrial, viveria um período longo de grande prosperidade económica entre o final do século XVII e início do XVIII; subsistindo um período de maior desenvolvimento, a cidade assistiu à construção de um conjunto arquitectónico ainda preservado hoje e considerado Monumento Nacional pelo Instituto do Património Histórico Artístico e Nacional.

<sup>318</sup> A Baía do Iguape situa-se na região banhada pelo rio Paraguaçu, justamente onde o rio deixa de correr margeado por montanhas, após passar pelas cidades de Cachoeira, São Félix e Brasil antes de atingir a sua foz na Baía de Todos os Santos.

Atlântica [fig. 520]; a completar a excelência da beleza deste local, os braços de mar entram por terra e as suas águas misturam-se com as do rio Paraguaçu, bordejando as suas margens e criando pequenas ilhas. Hoje, as povoações de suas margens sobrevivem, em grande parte, da pesca artesanal e da pequena agricultura familiar<sup>319</sup>.

O Vale do Paraguaçu começou a ser ocupado pelos colonizadores portugueses, a partir da segunda metade do século XVI, durante o governo de Mem de Sá. Foi um território de índios Maracás que ainda tentaram resistir ao invasor, numa guerra longa e devastadora, após a qual os portugueses conseguiram instalar-se nessa área do Iguape em agrupamentos - núcleos populacionais de interior - de casario com seus pequenos quintais entre muros, tudo muito rudimentar. A luta travada entre colonizadores e índios, reacendeu por diversas vezes, para grande prejuízo dos povos locais, que voltariam a sofrer, ainda, grandes revezes durante as invasões dos holandeses.

Esta zona teria sido escolhida pelos colonos porque estes entenderam que, para além de ser uma região de grande beleza natural, ela permitiria uma fácil ligação fluvial entre as povoações ribeirinhas, sendo testemunho disso as *entradas* que se deram a partir daí, para o interior do território.

Também aqui a principal cultura foi a da cana-de-açúcar, que adquiriu grande importância económica, devido a um solo muito fértil, que incluía terras de massapé, designação dada a partir de Oitocentos aos terrenos férteis, argilosos, de cor escura, propícios àquela plantação e à da cultura do tabaco. O ciclo açucareiro irá marcar desde o seu início a paisagem e a economia. A primeira metade do século XVII, foi de desenvolvimento para a região, proporcionou o nascimento da próspera Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. A segunda metade do século, assistiu ao declínio da economia agrícola, com o abandono de grande número de engenhos, o que levou à formação de quilombos pelos escravos que neles tinham trabalhado, e correspondeu a uma concentração populacional em pequenos novos núcleos, tendo os

---

<sup>319</sup> Os moradores desta vila consideram-se *quilombolas* (descendentes dos escravos dos quilombos). No auge da actividade agrícola, dos séculos XVI e XVII, foi instalado na região um grande número de engenhos de açúcar; a indústria canavieira dependeu, no período colonial, do uso de grande número de mão-de-obra escrava. De um modo geral, foram os escravos que fugiram ou se rebelaram que formaram os quilombos, onde viveram comunitariamente até à abolição da escravatura no Brasil, em 13 de Maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea (Lei Imperial n.º 3 353), pela Princesa Isabel.

quilombolas aproveitado a riqueza local de fauna terrestre e marinha, como fontes de renda e de alimentação<sup>320</sup>.

O final do século XVII e o início do XVIII levou a um novo período de algum florescimento e sentimento religioso por parte dos senhores de engenho, comprovado pelas largas doações pecuniárias e de terrenos para a Igreja, o que permitiu a construção do notável conjunto arquitectónico franciscano de Paraguaçu<sup>321</sup>.

No entanto, com a transformação económica que a época industrial induziu, o Recôncavo baiano recrudescer economicamente, ao mesmo tempo levando ao afastamento dos grandes senhores de engenho e das suas famílias que eram o sustento principal do convento<sup>322</sup>; acabaria, então, o Noviciado, e as instalações conventuais foram entregues ao poder clerical, no Capítulo de 1878, a pedido do Arcebispado da Baía, na pessoa do Arcebispo D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, tendo sido abandonado passados dez anos.

Com a restauração da Província de Santo António do Brasil, a partir 1892, chegaram religiosos alemães à Baía, após um compromisso juridicamente assumido entre as partes e, assim, também ao convento do Paraguaçu, que recebeu novos religiosos, no ano de 1896; todavia, o convento entrara já em processo de ruína devido à saída dos religiosos, pelo que, de vez, foi abandonado. No dia 19 de Fevereiro de 1915, o Arcebispo Dom Jerónimo Tomé da Silva, após ter mandado proceder a um levantamento do estado físico do convento, deu autorização para a sua demolição e venda das terras em que estava inserido para financiamento, reparos e manutenção da Igreja, sacristia e corredores<sup>323</sup>.

Todavia, o imóvel permaneceu, ainda que em ruína, e foi tombado em 1941 pelo IPHAN; a partir de então, o imóvel tem vindo a ser palco de trabalhos de vulto que visam a sua conservação e consolidação das estruturas, entre outros trabalhos.

---

<sup>320</sup> As principais actividades dos quilombolas foram, a agricultura de subsistência, a pequena criação de gado, a pesca, a colecta de marisco e a extracção da piaçaba e do óleo de palma.

<sup>321</sup> Hoje considerado Monumento Nacional pelo Instituto do Património Histórico Artístico e Nacional, foi tombado pelo SPHAN sob o n.º 173 do *Livro de História*, fls. 29, em 21/3/1941 e p. 139 do *Livro de Belas Artes*, fls. 53, em 25-09-1941.

<sup>322</sup> Ao chegar a meados do século XIX, o Convento do Paraguaçu entrou em declínio. Frei António da Puríssima Conceição que tinha sido eleito Presidente, de 1846 a 1849, foi o último Guardião (cf. FRAGOSO. *Op. cit.*, 2004, p. 154).

<sup>323</sup> Por ofício do Arcebispo da Baía, de 12 de Julho de 1887, os franciscanos passaram a dever obediência aos bispos.

## 12.2 A chegada dos Frades Menores a Paraguaçu : fundação e surgimento do convento

De entre as razões que teriam levado à construção do um Convento Franciscano em Paraguaçu, destaca-se a necessidade sentida pela Ordem de um novo noviciado, na época conturbada da ocupação holandesa em Olinda, onde até então tinha funcionado uma casa de ensino para os futuros religiosos de São Francisco no Nordeste Brasileiro; também teria pesado a vontade das gentes moradoras na freguesia do Iguape de terem junto a si, religiosos franciscanos.

A fundação do convento ocorreria no cumprimento do estabelecido numa sessão capitular reunida no dia 24 de Fevereiro de 1649<sup>324</sup> [doc. 6], pelo custódio Frei João Baptista<sup>325</sup>, após ter sido feita uma doação de terreno para a construção do complexo franciscano<sup>326</sup>. Vários foram os Definidores eleitos, encarregados da direcção das obras de construção do convento do Paraguaçu. Antes do lançamento da pedra fundamental que apenas teve lugar passados nove anos, durante a guardiania de Frei Ângelo Nascimento<sup>327</sup>, foram nomeados: Frei António de Santa Clara, entre 1649 e 1650; Frei Gaspar da Conceição, entre 1650 e 1651; Frei Francisco dos Santos II<sup>328</sup> entre 1651 e 1652; e Frei Manuel das Neves, entre 1652 e 1653<sup>329</sup>.

<sup>324</sup> De acordo com a Relação de Tábuas da Província de Santo António de Portugal (cf. CONCEIÇÃO, FONSECA. *Op. cit.*, 1740, p. 76).

<sup>325</sup> Depois da separação de Lisboa, foram construídos, para além deste convento, um grande número de outros, enumerados *e.g. in* FONSECA. *Op. cit.*, 1973, p. 7.

<sup>326</sup> O primeiro benfeitor que contribuiu para a construção deste convento foi o Padre Pedro Garcia que fez a doação de terrenos para a sua realização (cf. FRAGOSO. *Op. cit.*, 2004, p. 31). Foi o primeiro convento franciscano construído após a Custódia do Brasil ter ficado independente do ponto de vista religioso da de Lisboa; facto que foi alcançado pelo *Decreto de Independência*, assinado a 12 de Abril de 1647, e com a confirmação do Papa Inocêncio X, no Breve Pontifício *Circumspectuo Sedis Apostolicae*, assinado a 18 de Abril de 1647.

<sup>327</sup> Este convento foi substituir as instalações diminutas que os franciscanos primeiro tinham construído na zona, compostas por um pequeno recolhimento, e pela Capela de Nossa Senhora da Glória e um pequeno cruzeiro levantados no Pontal, hoje já desaparecido, onde permaneceram até 14 de Setembro de 1653 (cf. Hugo FRAGOSO. *Op. cit.*, p. 31).

<sup>328</sup> Na obra de Hugo Fragoso (FRAGOSO. *Op. cit.*, 2004, p. 41) encontramos uma rectificação à opinião de Germain Bazin sobre a autoria da traça do convento do Paraguaçu. Este historiador tinha aventado ter este convento seguido a orientação do mesmo autor dos conventos de Olinda, Recife e Paraíba, ou seja Frei Francisco dos Santos, falecido em Viana do Castelo, em Portugal, no ano de 1625. Segundo Frei Fragoso o desenho para o convento do Paraguaçu seria da lavra de um outro religioso de nome igual que ele passou a diferenciar daquele, denominando-o *Frei Francisco dos Santos (II)*, nascido na Província, e falecido em 1670 (*vide*, a este propósito, AT/TT, *Santo António dos Capuchos*, mç. 8, fl. 1). Frei Francisco dos Santos (II) teria nascido por volta de 1588 na Baía, foi professor de Teologia nos conventos de Olinda e Salvador e guardião dos conventos de São Paulo e Salvador (Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. II, p. 536, 537; ainda, *Arquivo da Província Franciscana de Santo António – AP, XXXI, apud*, ref. FRAGOSO. *Op. cit.*, 2004, p. 42). Não teve formação académica na arte da construção, mas

Para a construção, houve arranque de blocos de pedras de pedreiras próximas, corte de madeiras nas matas ali existentes e, da Vila de Marogogipe, situada na margem oposta ao Iguape, fabrico de tijolos e as telhas, tendo os materiais sido recolhidos e guardado nas imediações, até ao início das obras.

Construído para ser casa de ensino e, assim, acolher um Noviciado<sup>330</sup>, funcionou nele, ainda, um hospital de pequenas dimensões com enfermaria, o Hospital de Nossa Senhora de Belém<sup>331</sup>.

### 12.3 O convento : morfologia

O convento<sup>332</sup> ergue-se com grande destaque na paisagem [fig. 523], em total harmonia e disputando imponência com ela, junto à orla da Baía do Iguape, sobre plataforma desafogada, a partir da qual se desce por amplas escadarias até à ao terraplano inferior que as águas calmas do Paraguaçu bordeja [figs. 524, 525].

É contornado e limitado por muros que envolvem a pesada mole arquitectónica [figs. 521, 526, 541, 542], ainda cerca com horta, quintal e pomar [fig. 541] com poço e um aqueduto que levava a água para o convento<sup>333</sup> [fig. 850]; a excepção vai para o frontispício que dá livremente sobre a plataforma do cais de atracação que foi de uso do convento [figs. 521-524].

---

tinha experiência adquirida no Convento de São Paulo, onde deu mostras de competência ao delinear e presidir às obras de construção do seu claustro (cf. FRAGOSO. *Op. cit.*, 2004, p. 41, 42, 87 e 88).

<sup>329</sup> *Idem. Ibidem*, p. 85 a 87.

<sup>330</sup> Esta casa fora construída para acolher os futuros sacerdotes, muitos deles tornados figuras importantes, como o cronista Frei António de Santa Maria Jaboatão. As vicissitudes do tempo levaram à redução do número de religiosos residentes no convento; sendo o número inferior ao que os estatutos definiam para haver Noviciado, este foi transferido para o convento do Salvador no ano de 1825. Este convento deixou de ser noviciado a partir de 1824, antecedendo a proibição imperial de admissão de noviços.

<sup>331</sup> O Hospital funcionou em Paraguaçu por 43 anos, após os quais foi transferido para a cidade da Cachoeira, que mais tarde passaria para a Santa Casa da Misericórdia.

<sup>332</sup> Para a história da construção do Convento do Paraguaçu os historiadores da Arte continuam a ter por única fonte a cónica de Frei Jaboatão. No que se refere a este convento o conhecimento que o cronista transmitiu foi adquirido pela grande proximidade que com ele teve, pois ingressou nele como noviço logo em 1717 e acabaria por passar muito tempo recolhido no convento de Salvador.

<sup>333</sup> Entre as inovações arquitectónicas da época, destaca-se a construção de um aqueduto construído sobre arcos que ligava a cozinha ao poço, fazendo o transporte da água por gravidade, “uma característica renascentista criada por Leonardo Da Vinci” (ref. [Em linha], [Consult. em 09-09-2008]. Disponível em [http://www.setur.ba.gov.br/roteiros/baia/cachoeira\\_atrativos.asp](http://www.setur.ba.gov.br/roteiros/baia/cachoeira_atrativos.asp)).

Na construção definitiva, o claustro foi iniciado seguindo a traça de Frei Francisco dos Santos (II), que presidiu à sua construção pelo período de um ano; a finalização da obra foi dada ao cabo de dois anos de trabalhos, já sob uma guardiania, a de Frei Mauro das Chagas (1653-1655?), deixando, o complexo, de ser apenas Residência, para passar à categoria de Convento<sup>334</sup>. Contudo, apenas passados mais quase três décadas, as obras de construção do complexo franciscano seriam dadas por findas, levando em consideração que a data de 1686 inscrita na pedra do frontispício da igreja, seja a referente à finalização da obra da igreja, como refere Bazin<sup>335</sup>.

O complexo conventual é modelar, com as partes inscritas numa planta rectangular, construídas à volta do claustro e do pátio [fig. 850], em dois e três pisos, com os superiores abertos em galerias ou avarandadas com arcos de volta inteira ou verga recta [figs. 536-538]; a ala do Noviciado que avança sobre o rio tem subsolo [fig. 542]. À direita, existe ainda algum do arvoredo que restou do jardim e pomar antigos [fig. 541]. Do claustro, apenas ficaram os pilares e muito poucos vestígios de azulejaria que teria forrado parte das suas paredes<sup>336</sup> [fig. 537].

## 12.4 A Igreja

Jaboatão dá o ano de 1658, como o do lançamento da pedra fundamental; no entanto, houve historiadores que levantaram alguma controvérsia sobre a datação, para a qual, também nós não conseguimos, por ora, maior exactidão<sup>337</sup>. Sabe-se, todavia, que a igreja foi erigida em dois anos.

A Igreja ergue-se recuada em relação ao convento cuja estrutura desce até alcançar a beira-rio [figs. 523, 524]; antecede e articula-se espacialmente, com o adro

<sup>334</sup> Apenas a partir de 1653, a residência dos Franciscanos do Paraguaçu passou a gozar da categoria canónica de convento, como nos informa Hugo Fragoso (FRAGOSO. *Op. cit.*, Salvador, 2004, p. 88).

<sup>335</sup> BAZIN. *Op. cit.*, 1.º vol. , p. 107, 124, vol. 2, p. 15.

<sup>336</sup> Não nos detivemos sobre pormenores da técnica construtiva deste convento, pois a obra de Fernando L. Fonseca (FONSECA. *Op. cit.*, Salvador, 1973 p. 34 a 38) dá-nos uma panorâmica bastante interessante do conjunto, esclarecendo sobre cada “opus” utilizado, sobre o tipo de pedra usada em cada elemento.

<sup>337</sup> Leia-se a esse propósito Hugo Fragoso (FRAGOSO. *Op. cit.*, p. 42) que fala das hipóteses levantadas por Carlos Ott (OTT. *A Fachada da Igreja Franciscana de Santo António de Paraguaçu*) após a leitura de Jaboatão; teria entendido que entre os anos de 1651 e 1653 (A Fachada da Igreja Franciscana de Santo António de Paraguaçu)



que se desdobra em terraços que partem de baixo, da plataforma à beira-rio [fig. 524], do cais de pedra [figs. 521, 522, 524]; as partes entrosam-se numa elaboração artística adquirindo unidade arquitectónica; da plataforma inferior parte uma escadaria ampla que leva a um dos terraços base de outro em barriga, que acolhe o cruzeiro [figs. 523, 524]; este é constituído por um frondoso pedestal bolboso poligonal, com decoração em baixo-relevo de grande exotismo<sup>338</sup>, com uma cruz simples; de cada uma das bandas, arranca uma escadaria que leva à plataforma de implante da igreja. Tudo se encontra cercado por muro rematado por volutas e pináculos e, de igual modo, o muro que envolve o pátio que se abre do lado do Noviciado [fig. 523, 526, 540]; à esquerda, inscrita entre a igreja e o convento, e recuada em relação à fachada daquela, eleva-se a torre sineira de base quadrangular, com remate superior em cúpula oitavada que termina em pequeno pináculo [fig. 525].

O templo mostra uma frente escalonada inscritível num triângulo, com um frontispício de três registos bem demarcados por forte cornijamento entre as partes; a unidade entre os corpos está artisticamente organizada pela sequência de grandes aletas de volutas escalonadas com os respectivos pináculos proporcionais, mas muito altos [fig. 525]; a base do triângulo é formada pelo pórtico de uma galilé de cinco arcos de volta inteira, equipados por grandes portões de duas folhas, em gradeamento, correspondentes às cinco portas de acesso ao interior [fig. 525, 527]; pelas três centrais entra-se na igreja, pela da esquerda na torre sineira e, pela da direita, no corredor lateral [fig. 850]; o corpo sobre a galilé tem três janelas de iluminação que dão sobre o corralto; o remate superior é feito por um frontão de dois registos, vendo-se no de baixo um nicho com a imagem do orago e, no superior, um pequeno frontão muito relevado, com cruz cimeira.

A galeria apresenta nas suas paredes alguns poucos vestígios do antigo revestimento azulejar parietal; é coberta por abóbadas de aresta [figs. 527, 528], destacando-se na central a aposição de um brasão real. A porta à esquerda dá acesso a um vasto pátio, à portaria [fig. 535] e às acomodações do antigo Noviciado [fig. 536]. Por detrás do frontispício, do lado esquerdo, ergue-se a torre sineira coberta por um domo.

---

<sup>338</sup> Os motivos esculpidos são fitomórficos; entre palmetas e espécies de frutos, tropicais, destacam-se mascarões de olhos amendoados, com línguas à mostra, semelhantes a máscaras Gorgóneas [*Górgona* “criatura da mitologia grega apresentada como um monstro feroz, de aspecto feminino”] que se encontram como decoração de portais na arquitectura civil da cidade do Salvador, como nos dá conta Fernando L. Fonseca (FONSECA. *Op. cit.*, 1973, p. 28 e 29).

Hoje encontramos o interior da igreja espoliado de quase toda a ornamentação e decoração que ostentou outrora<sup>339</sup> [figs. 529-531]: para desfrute de quem aí entra agora, resistiram os silhares de azulejos ornamentais, azuis e brancos, de albarradas, emolduradas por enrolamentos de folhagem de acanto [fig. 532], obra portuguesa do século XVIII; na estrutura do arco triunfal, permanecem também restos da ornamentação pictórica [figs. 529, 530], de épocas anteriores aos revestimentos azulejares.

O templo de dois registos é de planta rectangular [fig. 850]; nela insere-se uma nave articulada com a capela-mor mais estreita e longa que aquela por arco triunfal [fig. 529]; a zona do altar-mor está alteada, sobre plataforma; no térreo há ligação com os corredores laterais à igreja por duas portas rasgadas junto ao arco triunfal [fig. 529], uma de cada lado, que dão para o corredor que leva à cerca, de um lado [fig. 533] e, do outro, para corredor que corre ao longo do claustro [fig. 534]; hoje não existe já a ligação umbilical com a sacristia construída no seguimento e transversalmente à capela-mor; nas paredes do templo ressaltam as marcações e aberturas rasgadas ao nível do segundo registo correspondentes às antigas tribunas e púlpitos [figs. 529-531]; encostado à fachada principal está o coro-alto em sobrado, modernamente, com acesso pela igreja por escada de madeira [fig. 531], numa reconstrução moderna do antigo espaço dos frades coristas. A cobertura encontra-se assente em vigaria de asnas em madeira sem forro [figs. 529-531]; no chão de pedra destacam-se as aberturas das antigas sepulturas, hoje fechadas com madeira [fig. 531]; persiste uma única sepultura coberta por pedra lavrada.

---

<sup>339</sup> De entre as preciosidades que desapareceram do interior desta construção religiosa, destacamos o Lavabo do Convento que, segundo descrição do tombo (Livro das Belas Artes, Inscrição n.º 515, em 25-4-1974, com Processo n.º 0895-T-74), ficava na sacristia e teria sido construído logo após a expulsão dos holandeses, nos alvares do século XVII. Foi posteriormente transferido para o Solar Mojope, no Rio de Janeiro, que foi demolido na década de setenta do século passado. “Segundo fotografia do acervo particular do arquitecto Francisco Santana, o lavabo mede aproximadamente 31,6 cm x 53,5 cm, sendo lavrado em pedra lioz, com bacia curva com bordo entalhado, formando desenhos florais. Possui parte inferior da bacia também entalhada. Seu espaldar é recortado em curvas e contracurvas com decoração floral e concha, possuindo dois elementos entrelaçados em forma de golfinhos, de onde saem as gárgulas e ainda cartela com inscrição. Possui frontão recortado em curvas, decorado com ramalhete encimado por elementos decorativos”. No Museu da Baía os elementos de talha barroca, montados como corrimão da escada, são originários da antiga Igreja do Convento de Santo António do Paraguaçu.

### 12.4.1 *O impacto de Paraguaçu nos frontispícios Nordestinos*

A construção do Convento de Santo António, no Paraguaçu, marcou o início de um estilo de fachada que se imporia na região do Nordeste. O seu frontispício evidencia uma abordagem ao barroco na linha do primitivo barroco romano, que se iniciara em Itália no século XVI, com uma composição de elementos arquitectónicos habituais no classicismo romano. O projectista demonstrou dominar o espírito barroco na traça que idealizou. Numa tentativa de alcançar nesta obra um impacto visual forte, e mostrando já saber como largar os laços que cingiam a arte do final do Renascimento, utilizou ainda, mas já fora dos cânones clássicos Europeus, as suas formas básicas, arcadas, pilastras de sustentação de arquivadas, dentro do impressionismo barroco. Experimentou, na nossa opinião, com sucesso, a solução inovadora que Giacomo Della Porta (1541? - 1604) utilizara, desprezando os cânones da arquitectura clássica do início do Renascimento, mas alcançando a harmonia de formas na fachada escalonada da igreja jesuítica de Roma, *Il Gesù*, ao ligar o andar inferior aos superiores, com orelhões de volutas. O que levaria Robert Smith a ver nesta fachada reminiscências maneiristas<sup>340</sup> [fig. 525], quanto a nós este frontispício será apenas a expressão de uma época alargada do classicismo que aqui tomou a feição do barroco romano da arquitectura sacra.

## 12.5 Aspectos artísticos

Destaca-se a importância dos restos da decoração azulejar que existe neste convento, sobre que o especialista José Meco se debruçou<sup>341</sup>. São peças da fase policroma do século XVII, que se encontram na que foi a Casa do Capítulo, com

<sup>340</sup> Vide, Robert SMITH (Universidade da Pensylvania). “The seventeenth-and eighteenth-century Architecture of Brazil” in *Atas do Colóquio Internacional de estudos Luso-Brasileiros*. Washington, 15/20-10-1950, p. 109-116. Nashville : The Vanderbilt University Press, 1953, p. 111. Quanto a nós, o maneirismo está presente aqui como na quase totalidade das fachadas coevas das igrejas brasileiras, pois era o modo nacional de construir que se continuou até meio do século XVIII. Os motivos de *Il Gesù* estão aqui presentes e são tratados de modo semelhante, originando um movimento de forças contraditórias dadas pelo membros arquitectónicos, num movimento ilusório que advém, da contraposição da verticalidade emprestada pelas pilastras sobrepostas em três registos e pela horizontalidade conseguida com as cornijas suas divisórias.

<sup>341</sup> Aspectos que são mencionados e comentados por José Meco (professor investigador) (MECO. “Azulejaria Portuguesa na Baía”, *Oceanos - Azulejos Portugal e Brasil*, n.ºs 36/37 : Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses, Lisboa, Outubro 1998 / Março 1999, p. 56 e 67).

revestimento de tijoleira rectangular disposta artisticamente misturando fragmentos quadrados de azulejos de padronagem, e no refeitório a revestir o espaldar do banco envolvente, de feição similar àquela. Existem, ainda, exemplares barrocos da época Joanina, com albarradas na nave, e nas galerias do claustro; também algumas figuras avulsas do revestimento do pórtico da igreja e da portaria.

## **12.6 Aspectos patrimoniais**

Importantes instituições brasileiras e internacionais na área de preservação cultural têm mostrado preocupação com o estado de ruína a que chegou este complexo franciscano, intentado algum modo de intervenção que evite a continuação da deterioração, se não mesmo, alguma recuperação dos espaços conventuais. Destacamos, de entre elas, a atenção exercida pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal da Baía mediante a formação regular de Cursos de Especialização em Conservação e Restauro de Monumentos e Conjuntos Históricos (CERCE ) efectuados de dois em dois anos desde 1981. Este trabalho universitário respalda-se no Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Ministério da Cultura brasileiro e, também, na UNESCO. Converteu-se em um serviço de grande relevância, não apenas pela sua intervenção directa em trabalhos específicos, mas ainda por ter passado a haver a ideia de que conduziram a um processo de implantação de políticas de preservação onde elas mal existiam.

Desde meados de 1980 que a 7ª Sub-Região do IPHAN, deu início a obras de conservação e restauro a partir das ruínas existentes do que foi o complexo franciscano do Paraguaçu. No entanto, do que se pode ver, a intervenção teve mais a ver reconstrução e não tanto com acções de conservação e restauro, uma vez que foram utilizadas inserções de técnicas construtivas diferentes das antigas, com utilização, por exemplo de argamassas à base de cimento e concreto armado, como pode ser visto nas vergas de alguns vãos de janelas e em alguns revestimentos de paredes, intervencionados. Alguma coisa foi feita, todavia, as obras de reconstrução do antigo

Convento Franciscano do Paraguaçu encontram-se paralisadas desde Outubro de 2004, segundo o zelador daquele monumento<sup>342</sup>.

Ainda na sequência da implementação da ideia da necessidade de revitalização a nível da Nação Brasileira, nomeadamente, de espaços religiosos que se apresentam hoje em degradação, o Ministério do Turismo do Brasil criou estratégias de desenvolvimento turístico com diversas parcerias. Nessa sequência foi implementado o *Programa Monumenta*. Foi então elaborado um projecto que tivesse viabilidade económica com a criação de um circuito de pousadas a serem constituídas em centros históricos, com a garantia de sustentabilidade económica<sup>343</sup>. Contudo, do que nos fomos apercebendo de conversas tidas em alguns dos conventos franciscanos que estão ainda ocupados por comunidades religiosas daquela ordem, o consenso não tem imperado. Os seus habitantes sentem-se excluídos dos lugares que ocupam há eras; entendem, no entanto, que algo deve ser feito para a preservação arquitectónica dos complexos, pois, para além de se tratar de suas casas e seus postos de acção religiosa, são também sítios históricos e culturais que devem passar para o conhecimento das gerações futuras.

O Estado da Baía, para viabilizar este projecto, e para que possa o convento do Paraguaçu fazer parte de um roteiro histórico-cultural, tem em vista, igualmente, a recuperação da Estrada Vicinal BR 420, hoje em estado muito precário entre o vale de Iguape e São Francisco do Paraguaçu, onde se localiza o convento, com ligações melhoradas às cidades de Cachoeira e Santo Amaro, beneficiando, destarte, igualmente as povoações locais.

Não podemos deixar de chamar a atenção para o facto deste convento para além de ser um ícone muito específico da arte barroca franciscana da Zona da Mata, pelas razões acima abordadas, deveria ser tomado como “sítio”, seguindo a definição saída da Lei de base do Património Cultural Português da AR, Lei, n.º 153/85 SÉRIE I, DR: 1866 a 1874, de 6 de Julho de 1985, artigo 8.º onde se lê que sítios são “obras do homem ou obras conjuntas do homem e da natureza, espaços suficientemente característicos e homogéneos, de maneira a poderem ser delimitados geograficamente,

---

<sup>342</sup> Fomos informados que um conjunto de técnicos integrados na 4.ª edição do *Curso de Gestão de Restauro* teve oportunidade, em Maio de 2004, de visitar o canteiro de obras sob a responsabilidade do arquitecto Francisco Santana da 7.ª SR/IPHAN, o que mostra que a recuperação deste imóvel estará na vontade dos técnicos e entidades estatais (cf. [Em linha], [Consult. em 20-06-2008]. Disponível em <http://www.ceci-br.org/novo/www/site/index.php?com=pagina&id=647>).

<sup>343</sup> O plano de acção foi definido como *PRODETUR NE-II, PDITS – Pólo de Salvador e Entorno*. Plano de Acção que seguiu os passos que Portugal tem vindo a implementar com sucesso, já há algum tempo – ainda que também envolto por vezes em polémicas.

notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico ou social, itens que este convento, quanto a nós, preenche”.

## 13. Convento de São Francisco de Serinhaém

### 13.1 Contextualização histórica

Serinhaém é hoje a sede do Município e da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Serinhaém. Teve começo como povoação no princípio do século XVII e foi crescendo à custa da instalação de engenhos açucareiros, à sua volta, tendo sido considerada por Jaboatão como o lugar mais fértil de Pernambuco<sup>344</sup>, devido às boas águas do rio que lhe emprestou o nome que a baptizou. Foram os donos das plantações que providenciaram as construções dos primeiros pequenos templos construídos na decorrência da década de vinte daquele século, a igreja de São Roque e a da Nossa senhora da Conceição.

Entre 1620 e 1621 foi elevada à categoria de freguesia e o quarto donatário da capitania de Pernambuco, Duarte de Albuquerque Coelho, deu-lhe foral de Vila a 1 de Junho de 1627<sup>345</sup>, com a denominação de Vila Formosa de Serinhaém, com a prerrogativa da titulação de “muito nobre e sempre leal Vila de Serinhaém”<sup>346</sup>; no primeiro dia do mês seguinte, deu-se o acto de instalação da Vila. A criação do município autónomo data de 3 de Agosto de 1892.

---

<sup>344</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 1.<sup>a</sup>, vol. I, Estância III, p. 398, 399, § 293.

<sup>345</sup> *Idem. Ibidem, loc. cit.*

<sup>346</sup> O acto de instalação da Vila deu-se a 1 de Julho do mesmo ano (cf. Sebastião GALVÃO. “Serinhaém” in *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, 2.<sup>a</sup> ed. Recife : Governo de Pernambuco, vol. 4, 2006, p. 102-116).

### 13.2 Os Franciscanos em Serinhaém e a interposição dos holandeses

Tendo havido pedidos para a fundação em Serinhaém de um convento de franciscanos por parte dos seus moradores, eles foram aceites<sup>347</sup>; logo ocorreu uma doação de terreno por parte de D. Madalena Pinheiro, viúva. Estava situado numa baixa de Serinhaém, à beira rio; a escritura foi lavrada em 7 de Maio de 1630, ficando essa data considerada como a da fundação<sup>348</sup>, tendo o convento recebido o nome do padroeiro da Ordem, São Francisco<sup>349</sup>. Porém, no ano seguinte, o filho da benemérita prescindiria do direito sobre um terreno situado no alto de um outeiro, em benefício dos franciscanos, que tomaram posse dele por escritura de 17 de Julho; em 20 de Janeiro de 1633, D. Madalena acrescentou as terras dos franciscanos por nova doação oficializada em 20 de Janeiro de 1633<sup>350</sup>. Assim, os frades deixaram o local onde já tinham feito as construções de um recolhimento, dando início às obras de construção do que viria a ser o seu Convento Novo, em local mais de seu agrado, em destaque na paisagem, como era usual no Brasil situarem-se as casas franciscanas, envolto por uma cerca verdejante [figs. 555, 556].

O convento foi edificado com vista sobre a povoação, não prescindindo da sinalização exterior, de lugar sacro, sob os auspícios da Cruz de Cristo, simbologia da mística franciscana, configurada por um cruzeiro, com cruz sobre pedestal alto em pedra [fig. 543]. A sua edificação foi efectuada durante a jurisdição do prelado Frei António dos Anjos (1627-1630)<sup>351</sup>.

<sup>347</sup> JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol II, cap. XXXIX, p. 505, § 459..

<sup>348</sup> BAZIN. *Op. cit.*, 1.<sup>o</sup> vol. , p. 113,

<sup>349</sup> *Idem. Ibidem*, t. 2, p. 150. O convento de São Francisco de Serinhaém não mereceu cuidados de investigação tão profundos como os restantes que tratámos pois, à partida, percebêramos que não teriam existido Irmãos Terceiros na sua dependência espacial ou na espiritual, para além de ser uma peça arquitectónica que sofre grandes modificações ao longo dos tempos. Sendo o nosso tema as Ordens Terceiras, ficou, para já, fora da nossa investigação. Pensamos que depois de terminados os trabalhos de prospecção arqueológica previstos, haverá um interesse mais alargado nele, ainda que apenas como espaço franciscano que pertenceu ao conjunto de conventos erguidos na antiga Província de Santo António do Brasil (*vide*, a este propósito, Tânia PASSOS. “Relíquia franciscana em obras : Restauração de convento tombado pelo Iphan vai custar R\$ 2,7 milhões e movimentar o turismo local” in *Diário de Pernambuco.com.br : Vida Urbana*, 29-08-2010 [Em linha]. [Consult. em 21-02-2010]. Disponível em [http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/08/29/urbana1\\_0.asp](http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/08/29/urbana1_0.asp).

<sup>350</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XXXIX, p. 505 e 506, § 459..

<sup>351</sup> Cf. F. A. Pereira da COSTA. *Anais Pernambucanos*. Recife : FUNDARP, Directoria de Assuntos Culturais, 1983, vol I (1591-1634), p. 44 (certamente por lapso, BAZIN, considera erradamente vol. II dos *Anais Pernambucanos* como o tomo da época 1591-1634, que na verdade se refere ao vol. I, cf. BAZIN. *Op. cit.*, 2.<sup>o</sup> vol., p. 150).



Delineou a traça do convento Frei Bernardino de São Ago, conforme o texto de Jaboaão<sup>352</sup>.

As obras de início do convento tiveram lugar já em tempo da ocupação de uma parte de Pernambuco pelos holandeses. Quando estes entraram em Serinhaém, o convento deveria ter uma aparência simples, levando em conta os desenhos que ficaram dessa época, mesmo que nenhum respeite à casa franciscana, como é opinião de Bazin, que assim contrapôs a sua convicção à de M. Joaquim de Sousa Leão que afirmou, lhe parecer ser a representação do convento pintado em aguarela por Prost<sup>353</sup>. A casa franciscana teria estado até ao ano de 1635 a salvo de qualquer investida do invasor holandês; no entanto, nesse ano, os frades sentiram-se ameaçados e retiraram para o convento da Baía<sup>354</sup>. Apesar de, a 11 de Abril de 1635, Matias de Albuquerque ter defrontado e vencido, nesse território, as hostes holandesas chefiadas pelo General Segismundo Von Schkoppe, os religiosos só retornaram ao convento com carácter definitivo, no ano de 1649<sup>355</sup>; em 1749 estão identificados frades residentes em número de dezoito [doc. 21].

### 13.3 Morfologia do convento

Regressados á sua casa, os frades retomaram as obras. Em meados do século XVIII, o convento praticamente atingiu a forma actual. A planta segue o formato tradicional dos conventos franciscanos, com a igreja adossada ao quadrilátero formado pelo claustro com as suas galerias em redor, assemelhando-se ao do Recife e Ipojuca, na sua primitiva traça, com uma galilé fechada por três arcadas, sobre a qual se instalou o

---

<sup>352</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XXXIX, p. 505 e 506, § 459.

<sup>353</sup> De acordo com M. Joaquim de Sousa LEÃO, a pintura de Frans Post “Serinhaém” com uma paisagem campestre, deixará ver à direita do casario, o convento (cf. Joaquim de Sousa LEÃO FILHO. *Frans Post*. Editora Civilização Brasileira, 1948, pls. VI, VII, IX, XXI, ref. de BAZIN. *Op. cit.*, São Paulo : Museu de Arte; Paris : Plon, 1956-1958, vol. I, p. 114; Pedro & Bia Corrêa do LAGO. “Os quadros de Frans Post pintados no Brasil” in Paulo HERKENHOFF. *O Brasil e os Holandeses – 1630-1654*. Rio de Janeiro : Sextante Artes, 1999, p. 238 a 270).

<sup>354</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XXXIX, p. 507, §461.

<sup>355</sup> Idem. *Ibidem*, *loc. cit.*; no entanto, Bazin dá data de ocupação do convento dois anos antes (cf. BAZIN. *Op. cit.*, 2.<sup>o</sup> vol. , p. 150).

coro<sup>356</sup> [Fig. 544]. A galilé teria sido derrubada na segunda metade do século XVIII, quando da queda da torre sineira, segundo informa Ulysses Pernambucano.

O que hoje existe do convento evidencia ainda espaços com particularidades arquitectónicas e artísticas de feição erudita; testemunham-no, as modinaturas das fachadas [fig. 544], o claustro [fig. 551, 553, 554], a capela-mor e a nave da igreja [fig. 545-548], e a capela da portaria, havendo uma mais valia artística nos três últimos, emprestada pelos painéis azulejares que revestem parte das suas paredes [fig. 548, 549], aspecto que é relevado por Ulysses Pernambucano e que tem a nossa concordância, ressaltando-se ainda, o trabalho de talha da pedra num harmonioso lavabo de pedra de feição barroca<sup>357</sup> [fig. 550] [doc. 5].

### 13.4 Características arquitectónicas

Os estudiosos das coisas da Arte caracterizaram o edifício “como um dos mais completos representantes da escola franciscana de arquitectura”, estando tombado pelo IPHAN desde 1940. As prospecções arqueológicas efectuadas pelo historiador Ulysses Pernambucano com fim ao restauro, levaram a que este afirmasse ser possível vir a ser entendida a lógica da evolução da arquitectura franciscana – que presume virá a brotar após estudo comparativo a levar-se a cabo –, na conclusão dos trabalhos; o investigador terá posto como hipótese de trabalho existir nesta edificação uma lógica de sintaxe construtiva igual à existente nos congéneres de Igarauçu e do Recife<sup>358</sup>, o que nos parece

<sup>356</sup> Cf. JABOATÃO. *Op. cit.*, pt. 2.<sup>a</sup>, vol. II, cap. XL, p. 509, § 463. Para um conhecimento mais detalhado do interior da igreja, leia-se Jaboaão (*Idem. Ibidem, loc. cit.*).

<sup>357</sup> A partir de 1850, o Convento de São Francisco de Serinhaém passou por uma fase de declínio e abandono, chegando a um estado de quase ruína. No início do século passado, frades alemães que foram para o Brasil para restaurarem a Província de Santo António, iniciaram uma série de melhorias para tornar o espaço habitável e apto para funções evangélicas. O convento tem estado sujeito a obras de restauro desde há cerca de dois anos. Segundo o superintendente do Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, Frederico Almeida, os elementos a serem intervencionados serão, a fachada da igreja, o seu piso, o forro e o acervo azulejar.

<sup>358</sup> Carmen Lucia MURARO (Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional – 5.<sup>a</sup> SR./Recife, Assistente Técnica DAS 102 - Coordenação do Projecto pelo IPHAN), Ulysses Pernambucano de MELLO NETO (arqueólogo - Grupo de Arquitectura e Urbanismo – GRAU, Consultor) [Em linha]. “Azulejaria Convento Franciscano de Santo António do Recife - do objecto construído ao museu em construção” in *XII Congresso da ABRACOR (Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais)*. Recife, 2006 [Consult. em 05-05-2009]. Disponível em

poder ser comprovado, apenas após a conclusão das sondagens, a análise do descoberto e o cotejo com a conformidade daqueles.

No restauro do edifício, as entidades interventoras tiveram como preocupação a forma como o monumento se integra na cidade, tendo em conta os arranjos exteriores [doc. 70] e, igualmente, pretendem que seja uma mais valia para o desenvolvimento da cidade<sup>359</sup>, aspecto que tem vindo a tomar peso nas decisões de trabalhos de recuperação de património cultural e histórico, no Brasil, como fomos verificando ao longo do nosso périplo.

---

<http://www.abracor.com.br/novosite/congresso/resumos%20em%20pdf/Azulejaria%20Convento%20Franciscano%20de%20Santo%20Antonio%20do%20Recife.pdf>.

<sup>359</sup> Com essa finalidade teve-se em conta, a formação e capacitação de mão-de-obra, nas várias especialidades demandadas; serviços de promoção cultural e de eventos, de apoio à conservação ambiental e à produção local e ao turismo. Foi incluído na obra um centro de gastronomia que vai funcionar na ala conventual e a cozinha será adaptada, conforme sugestão dos próprios frades (cf. PASSOS. *Op. cit.* [Em linha]).

## **Anexo 2**

### **Quadros**

**Quadro 1**

**Fundações dos Sítios e dos respectivos Conventos Franciscanos: cronologia  
Brasil - Zona da Mata**

|   | Nasce o povoado                          | Vila                            | Cidade   | Investida holandesa                 | Pedido para entrada de Frades | Entrada de Frades                             | Primeiro local de assento dos frades   | Espaço definitivo / Doação de terreno                    | Funda-se o Convento   | Primeira pedra lançada                   | Igreja Convento conclusão | Saída dos Frades <sup>1</sup> | Reforma da Província Franciscana | Casas de Noviços        |
|---|--|---------------------------------|--|-------------------------------------|-------------------------------|---|--|--|---|--|---------------------------|-------------------------------|----------------------------------|-------------------------|
| <b>Salvador -Ba</b><br><b>Convento de São Francisco</b> | 1536:o Arraial do Pereira <sup>2</sup> . | 1548: Vila Velha <sup>3</sup> . | 1549: São Salvador da Baía de Todos os Santos <sup>4</sup> . | Invasões em 1598, 1624-1625 e 1638. | 1587.                         | 1534 <sup>5</sup> ; 1587 a título definitivo. | Casas pequenas provisórias junto a capela Edificação precária <sup>6</sup> . | 1587: Largo do Pelourinho doação de terreno pela Câmara. | 1587: convento / claustro; 1723: igreja 1708-1782: Reforma. | 1591 1686: Reconstituição; 1707: igreja. | 1713 <sup>7</sup> / 1782  | Nada a assinalar (N. a.)      | 1892 <sup>8</sup>                | Não aplicável (N. apl.) |

**Quadro 1** (continuação)

|  | Nasce o povoado      | Vila  | Cidade   | Investida holandesa           | Pedido para entrada de Frades                        | Entrada de Frades | Primeiro local de assento dos frades | Espaço definitivo / Doação de terreno                         | Funda-se o convento                        | Primeira pedra lançada | Igreja Convento conclusão  | Saída dos Frades                     | Reforma da Província Franciscana        | Casas de Noviços |
|--|----------------------|---|--|-------------------------------|--|-------------------|--------------------------------------|---|--|------------------------|--|--------------------------------------|---|------------------|
| <b>João Pessoa-Pb</b><br><b>Convento de Santo Antônio</b>      | Não definido (N. d.) | 1585 (5 de Ag.): povoação de Nossa Senhora das Neves <sup>2</sup> . | 1585: (Nov.) Filipeia de Nossa Senhora das Neves; 1634 / 1654: Frederikstadt (Cidade Frederica <sup>10</sup> ); 1655: Cidade da Paraíba; 1930: João Pessoa | 1631, 1634-1645 <sup>11</sup> | c. 1588 por parte do cardeal Alberto <sup>12</sup> . | 1588 / 1589       | Local actual casa de taipa 1589      | No centro histórico por doação de terreno pelo poder central. | 1º 1589-1591; 2º 1602-1621; 1655: reforma. | c. 1590                | 1591 1608: reestruturação 1655: restauro; 1734: bênção; 1783: construção da torre. | 1885 na guarda-nia de Fr. V. Willeke | 1939 Fora do espaço do antigo convento. | N. apl.          |
| <b>Penedo-Al</b><br><b>Convento de Nossa Senhora dos Anjos</b> | 1535 / 1565          | 1614 ? 1636 12 de Abril? <sup>13</sup>                              | 1842 <sup>14</sup>   | 1637                          | 1657   | 1659              | Recolhimento                         | Rocheira em 1660  | 1661-1686                                  | 1682                   | Final da igreja em 1689  | 1893                                 | 1820                                    | Noticiada        |

**Quadro 1 (cont.)**

|   | Nasce o povoado                            | Surge a Vila  | Surge a Cidade             | Investida holandesa       | Pedido para entrada de Frades                     | Entrada de Frades                  | Primeiro local de assento dos frades                                 | Espaço definitivo / Doação de terreno                  | Funda-se o convento | Primeira pedra lançada  | Igreja Convento conclusão          | Saída dos Frades           | Reforma da Província Franciscana | Casas de Noviços |
|---|--|---|----------------------------|---------------------------|---|------------------------------------|--|--|---------------------|---|------------------------------------|----------------------------|----------------------------------|------------------|
| <i>Olinda -Pe</i><br><b>Convento de Nossa Senhora das Neves</b> | 1535                                       | 1537  | 1676 <sup>15</sup>         | 1630 <sup>16</sup> -1654  | 1584 instância do governo da capitania            | 1580 <sup>17</sup>                 | Casa particular Recolhimento provisório junto à Misericórdia         | Residência do capela no local actual                   | 1585                | 1585  | Séc. XVII (2. <sup>a</sup> metade) | 1885 <sup>18</sup>         | 1886 <sup>19</sup> 1901          | Até 1855         |
| <i>Recife -Pe</i><br><b>Convento de Santo António</b>           | 1537                                       | 1709: Santo António das Cacimbas do Recife do Porto | 1823: Recife <sup>20</sup> | 1630 <sup>21</sup> a 1654 | 1606 Instância dos moradores e vontade dos frades | 1606 Com terreno doado por morador | Junto do lugar da Barreta, oratório simples <sup>22</sup>            | Ilha dos Navios, no Bairro de Santo António, no centro | c. 1606             | 1606; 1612-1613: finalizado o 1º convento.                    | 1770                               | Nada a assinalar (N. a.) . | 1893 / 1894 <sup>23</sup>        | N. apl.          |
| <i>Cairu-Pe</i><br><b>Convento de Santo António</b>             | 3ª década séc. XVI ? - 1535 pequeno núcleo | 1608-1610 Vila Nº Sª do Rosário de Cairu            | 1938                       | 1650 <sup>24</sup>        | 1650  | 1650 <sup>25</sup>                 | 1654 <sup>26</sup> Terreno no topo de colina c/ vista sobre estuário | 1657-1661  | 1658 55             | Igreja: 25 de Agosto de 1654; Convento: 1661; Sacristia: 1661 | Conclusão: 1854                    | 1894                       | 1896 <sup>27</sup> 1907          | N. apl.          |
| <i>Ipojuca -Pe</i><br><b>Convento de Santo António</b>          | 1561 núcleo de São Miguel de Ipojuca       | Até 1896 <sup>28</sup>                              | 1896 São Miguel de Ipojuca | 1639-1649 <sup>29</sup>   | Não definido (N. d.)                              | 1606                               | N. d.  | N. d.  | 1606                | N. d.   | N. d.                              | 1891 <sup>30</sup>         | 1895-1895 <sup>31</sup>          | N. d.            |

**Quadro 1** (cont.)

|  | Surge o povoado   | Surge a Vila                                     | Surge a Cidade | Investida holandesa                                  | Pedido para entrada de Frades | Entrada de Frades                  | Primeiro local de assento dos frades                        | Espaço definitivo / Doação de terreno                    | Fundação do convento                             | Primeira pedra lançada | Igreja Convento conclusão                    | Saída dos Frades   | Reforma da Província Franciscana | Casas de Noviços |
|--|-------------------|--|----------------|--|-------------------------------|------------------------------------|---|--|--|------------------------|--|--------------------|----------------------------------|------------------|
| <i>São Francisco do Conde -Ba</i><br><b>Convento de São Francisco</b>  | 1552-1618         | 1697: São Francisco da Barra de Sergipe do Conde | N. d.          | 1604 ataques esporádicos                             | N. d.                         | 1618: 1.º convento no lugar Marapé | 1619: residência junto a uma capela de engenho fora da urbe | 1629: terrenos doados por Gaspar Pinto dos Reis e mulher | 1650: 1.º edifício; 1722: reformas.              | N. d.                  | N. d.  | N. d.              | N. d.                            | N. d.            |
| <i>Igaraçu -Pe</i><br><b>Convento de Santo Antônio</b>                 | N. d.             | N. d.  | N. d.          | 1632 <sup>32</sup>                                   | N. d.                         | Séc. XVI (finais)                  | N. d.   | N. d.  | Primitivo: Séc. XVI (finais); 1693-1753: reforma | N. d.                  | N. d.  | N. d.              | N. d.                            | N. d.            |
| <i>São Cristóvão -Se</i><br><b>Convento de São Francisco</b>           | N. d.             | N. d.  | N. d.          | 17 de Nov. de 1637 <sup>33</sup> -1645 <sup>34</sup> | N. d.                         | 1657                               | N. d.   | N. d.  | 1693-XVIII (2.ª metade)                          | N. d.                  | N. d.  | 1883 <sup>35</sup> | N. d.                            | N. d.            |
| <i>Marechal Deodoro -Al</i><br><b>Convento de Santa Maria Madalena</b> | Séc. XVI 1522 (?) | N. d.  | N. d.          | N. d.  | N. d.                         | 1635                               | Retiro precário   | N. d.  | 1.º 1635<br>2.º 1684-1793                        | N. d.                  | - Final da Ig. 1723<br>- Fachada da Ig. 1793 | N. d.              | N. d.                            | N. d.            |



**Quadro 1 (cont.)**

|   | Surge o povoado | Surge a Vila | Surge a Cidade | Investida holandesa | Pedido para entrada de Frades | Entrada de Frades | Primeiro local de assento dos frades | Espaço definitivo / Doação de terreno | Funda-se o convento               | Primeira pedra lançada | Igreja Convento conclusão | Saída dos Frades   | Reforma da Província Franciscana | Casas de Noviços |
|---|-----------------|--------------|----------------|---------------------|-------------------------------|-------------------|--------------------------------------|---------------------------------------|-----------------------------------|------------------------|---------------------------|--------------------|----------------------------------|------------------|
| <i>Paraguçu –Ba</i><br><b>Convento de Santo António</b> | N. d.           | N. d.        | N. d.          | N. d.               | N. d.                         | 1649              | N. d.                                | N. d.                                 | 1649                              | N. d.                  | N. d.                     | N. d.              | 1896 <sup>36</sup>               | N. d.            |
| Serinhaém -Pe<br><b>Convento de São Francisco</b>       | N. d.           | N. d.        | N. d.          | 1635 <sup>37</sup>  | N. d.                         | 1630              | N. d.                                | N. d.                                 | Primitivo: 1630:<br>2.º 1627-1630 | N. d.                  | N. d.                     | 1892 <sup>38</sup> | N. d.                            | N. d.            |

<sup>1</sup> No Capítulo Geral de 1889 (reunido em Roma) as Províncias franciscanas do Brasil já não estão representadas (cf. Matias TEVES. “Ata da Sessão quasi-Capitlar havida neste nosso convento de N. S. P. S. Francisco para tratar-se da Restauração desta Província de Santo António, no dia 2 de Março de 1893” in “A Restauração da província Franciscana de Santo António do Brasil”, *Santo António* – Revista dos Franciscanos do Nordeste – Manuscrito impresso, ano 20, n.º 2. Baía, 1942, p. 88, col. esq.).

<sup>2</sup> Nas imediações da Ladeira da Barra.

<sup>3</sup> No mesmo local do Arraial.

<sup>4</sup> Cidade-fortaleza, fundada num ponto alto; foi a capital, e sede da administração colonial do Brasil até 1763.

<sup>5</sup> Notícia de alguns franciscanos na Baía, onde baptizaram duas filhas naturais de Diogo Álvares Correia (o Caramuru) (cf. Frei Basílio RÖWER. *Páginas de História Franciscana no Brasil*, 2.ª ed. : Vozes, Petrópolis, 1957.

<sup>6</sup> Traço de Frei Francisco dos Santos.

<sup>7</sup> Traço de Francisco Pinheiro.

<sup>8</sup> Cf. Matias TEVES. “Ata da Sessão quasi-Capitlar havida neste nosso convento de N. S. P. S. Francisco para tratar-se da Restauração desta Província de Santo António, no dia 2 de Março de 1893” in “A Restauração da província Franciscana de Santo António do Brasil”, *Santo António* – Revista dos Franciscanos do Nordeste – Manuscrito impresso, ano 20, n.º 2. Baía, 1942, p. 75.

<sup>9</sup> Nasceu nas margens do rio Sanhauá, e estendeu-se para o interior.

<sup>10</sup> Em homenagem ao rei Felipe da Espanha.

---

<sup>11</sup> De acordo com Frei Bonifácio MÜLLER “Os Conventos Franciscanos de Pernambuco na *Invasão Holandesa*”. *Santo António – Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado, 1949, ano 7, n.º 1, p. 186; 24 de Dezembro de 1634, cf. “Os Religiosos Franciscanos na *Invasão Holandesa*: Sorte dos Conventos de Pernambuco”. Revista do Instituto Arqueológico Histórico e geográfico Pernambucano, Brasil – Pernambucano : IAHGP, 1967, vol. XLVI, 1961, p. 299.

<sup>12</sup> Arquiduque da Áustria Governador do Reino de Portugal.

<sup>13</sup> As duas datas constam em Moacir Medeiros de Santana *Introdução e notas. Crónica do Penedo*. Maceió : Reedição D. E. C. José Próspero Jeová da Silva Carota, 1962, p. 16 e 17.

<sup>14</sup> Cf. *Idem. Ibidem*, p. 18.

<sup>15</sup> Cf. José Luiz Mota MENEZES [Em linha]. “História de Olinda – A Cidade” in *Evolução Urbana e Territorial de Olinda: do Descobrimento aos Tempos Atuais - A Vila de Olinda - 1537-1630*, 5 de Junho de 2010. [Consult. em 27-08-2010]. Disponível em <http://www.olinda.pe.gov.br/a-cidade/historia>.

<sup>16</sup> Cf. MÜLLER, Bonifácio, Frei. “Os Conventos Franciscanos de Pernambuco na *Invasão Holandesa*”. *Santo António – Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado, 1949, ano 7, n.º 1, p. 179.

<sup>17</sup> Mueller registou a notícia vinculada nos Anais da Ordem, de 4 de Outubro de 1580, de um martírio de frades Franciscanos ocorrida “em Olinda de Pernambuco” (cf. MUELLER. “Uma data três vezes secular”. *Santo António – Órgão d Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado, 1947, ano 5, n.º 1, p 3, *apud*. Luke WADDING (16 October 1588 – 18 November 1657). *Annales Minorum*. T. XXL. N.º L, p. 269.

<sup>18</sup> Em 1850 existia um único religioso no convento (cf. “O convento de Olinda do Século passado”. *Santo António. Órgão da Província de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado, 1958, ano 16, n.º 1, p. 47). Com a morte daquele religioso (cf. Matias TEVES. “Ata da Sessão quasi-Capitlar havida neste nosso convento de N. S. P. S. Francisco para tratar-se da Restauração desta Província de Santo António, no dia 2 de Março de 1893” in “A Restauração da província Franciscana de Santo António do Brasil”, *Santo António – Revista dos Franciscanos do Nordeste – Manuscrito impresso*, ano 20, n.º 2. Baía, 1942, p. 75, col. dt.<sup>a</sup>).

<sup>19</sup> Deu-se restituição do convento à Província (Cf. Matias TEVES. “Ata da Sessão quasi-Capitlar havida neste nosso convento de N. S. P. S. Francisco para tratar-se da Restauração desta Província de Santo António, no dia 2 de Março de 1893” in “A Restauração da província Franciscana de Santo António do Brasil”, *Santo António – Revista dos Franciscanos do Nordeste – Manuscrito impresso*, ano 20, n.º 2. Baía, 1942, p. 75, col. dt.<sup>a</sup>).

<sup>20</sup> Nasceu em planície aluvial provocada pelas fluviomarés, constituída por ilhas, penínsulas, pântanos e mangues, cercados pelos rios: Beberibe, Capibaribe, Tejipió e braços do Jaboatão e do Pirapama.

<sup>21</sup> De acordo com Sebastião de Vasconcelos GALVÃO, 1865-, org. e estudo, *introd.* Leonardo Dantas Silva, apresent. Marcelo Maciel. *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco*. 2.<sup>a</sup> ed. Recife : Governo de Pernambuco : Comp. Editora de Pernambuco, 2006.

<sup>22</sup> Local onde os Terceiros iniciaram a fundação da sua Ordem, junto ao actual convento.

<sup>23</sup> Cf. Matias TEVES. “Ata da Sessão quasi-Capitlar havida neste nosso convento de N. S. P. S. Francisco para tratar-se da Restauração desta Província de Santo António, no dia 2 de Março de 1893” in “A Restauração da província Franciscana de Santo António do Brasil”, *Santo António – Revista dos Franciscanos do Nordeste – Manuscrito impresso*, ano 20, n.º 2. Baía, 1942, p. 75, col. esq., 78, col. dt.<sup>a</sup>.

<sup>24</sup> Ainda que os holandeses, entre 1624 e 1654 tenham invadido por diversas vezes as ilhas do arquipélago de Tinharé para abastecimento de víveres.

<sup>25</sup> Chegavam franciscanos esporadicamente, sendo acolhidos numa fazenda onde existia uma pequena capela, e aí praticavam culto. Depois de requestada a sua presença pelos residentes, a Congregação Franciscana decidiu a fundação de um convento (cf. ARGOLO. *Op. cit.* p.46); saiu autorização para a construção de convento em Março de 1650, os seus insistentes pedidos, em 21 de Março do mesmo ano, a Congregação Franciscana decidiu pela fundação do convento.

<sup>26</sup> Os terrenos foram doados pelos senhores de engenho, Bento Salvador e sua mulher, Isabel Gomes (cf. ARGOLO. *Op. cit.* p.47). Foi o primeiro grande edifício franciscano a ser fabricado no Estado da Baía, antecedendo o do Salvador.

---

<sup>27</sup> O convento foi ocupado com 19 religiosos entre noviços e leigos (Cf. Matias TEVES. “Ata da Sessão quasi-Capitlar havida neste nosso convento de N. S. P. S. Francisco para tratar-se da Restauração desta Província de Santo António, no dia 2 de Março de 1893” in “A Restauração da província Franciscana de Santo António do Brasil”, *Santo António – Revista dos Franciscanos do Nordeste – Manuscrito impresso*, ano 20, n.º 2. Baía, 1942, p. 82, col. dt.<sup>a</sup>).

<sup>28</sup> De 1846 a 1891, durante 45 anos, a sede do Município oscilou entre São Miguel de Ipojuca e Nossa Senhora do Ó de Ipojuca.

<sup>29</sup> Cf. MÜLLER, Bonifácio, Frei. “Os Conventos Franciscanos de Pernambuco na *Invasão Holandesa*”. Santo António – Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil. Recife : Edição do Provincialado, 1949, ano 7, n.º 1, p. 183.

<sup>30</sup> Em 24 de Junho de 1890, falecia o último religioso do convento de Ipojuca (cf. “Ruínas e vida nova em Ipojuca – 1890-1901”. *Santo António. Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado 1953, ano 11, n.º 1, p. 5.

<sup>31</sup> Cf. Frei Clementino de BOUCHÉ. “Santificarás o ano dquingagésimo (Levit.XXV. 10)”. *Santo António – Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado Franciscano. Recife, 1945, ano 3, n.º 1, p. 2; ainda, “Ruínas e vida nova em Ipojuca – 1890-1901”. *Santo António. Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado 1953, ano 11, n.º 1, p. 7.

<sup>32</sup> Cf. MÜLLER, Bonifácio, Frei. “Os Conventos Franciscanos de Pernambuco na *Invasão Holandesa*”. Santo António – Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil. Recife : Edição do Provincialado, 1949, ano 7, n.º 1, p. 184.

<sup>33</sup> Cf. *Programa das Cidades Históricas – Plano Urbanístico de S. Cristóvão, estudo da evolução urbana*. Recife : GRAU – Grupo de restauração e renovação arquitectónica e urbana da Faculdade de Arquitectura da UFA, 198?, p. 34.

<sup>34</sup> *Idem. Ibidem*, p. 39.

<sup>35</sup> Cf. “Crónicas”. *Santo António – Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado, 1955, ano 13, n.º 2, p. 183.

<sup>36</sup> Onde os religiosos foram encontrar um convento em ruína (cf. Matias TEVES. “Ata da Sessão quasi-Capitlar havida neste nosso convento de N.S.P.S. Francisco para tratar-se da Restauração desta Província de Santo António, no dia 2 de Março de 1893” in “A Restauração da província Franciscana de Santo António do Brasil”, *Santo António – Revista dos Franciscanos do Nordeste – Manuscrito impresso*, ano 20, n.º 2. Baía, 1942, p. 84 col. esq.).

<sup>37</sup> Cf. MÜLLER, Bonifácio, Frei. “Os Conventos Franciscanos de Pernambuco na *Invasão Holandesa*”. Santo António – Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil. Recife : Edição do Provincialado, 1949, ano 7, n.º 1, p. 184.

<sup>38</sup> cf. “Ruínas e vida nova em Ipojuca – 1890-1901”. *Santo António. Órgão da Província Franciscana de Santo António do Brasil*. Recife : Edição do Provincialado 1953, ano 11, n.º 1, p. 5 e 6.

**Quadro 2**

**Dados comparativos das Ordens Terceiras Franciscanas na Província de Santo António do Brasil**

| <b>Locais / Estados</b>                   | <b>Salvador -Ba</b>  | <b>João Pessoa-Pb</b>                                       | <b>Penedo -Al</b>                                   | <b>Olinda -Pe</b>                                   | <b>Recife-Pe</b>                           | <b>Cairu-Pe</b>                           | <b>Ipojuca -Pe</b>                       | <b>São Francisco do Conde-Ba</b>    | <b>Igarauçu -Pe</b>       | <b>São Cristóvão -Se</b>              | <b>Marechal Deodoro-Al</b>                          | <b>Paraguaçu -Ba</b>      | <b>Serinhaém -Pe</b>              |
|---|--|---|---|---|--|---|--|-------------------------------------|---------------------------|---------------------------------------|---|---------------------------|-----------------------------------|
| <b>Convento Nomes</b>                     | Convento de São Francisco  | Convento de Santo António                                   | Convento de N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> dos Anjos | Convento de N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> das Neves | Convento de Santo António                  | Convento de Santo António                 | Convento de Santo António                | Convento de São Francisco           | Convento de Santo António | Convento de São Francisco             | Convento de St <sup>a</sup> M <sup>a</sup> Madalena | Convento de Santo António | Convento de São Francisco         |
| <b>Franciscanos: surgim.<sup>to</sup></b> | 1584   | 1589  | 1659  | 1585  | Séc. XVII (início)                         | 1650                                      | 1606                                     | 1618                                | Séc. XVI (finais)         | 1657                                  | 1635  | 1649                      | 1630                              |
| <b>Convento Fundação / Construção</b>     | 1587: convento, claustro; 1723: igreja 1708-1782: reforma                | 1 <sup>o</sup> 1590; 2 <sup>o</sup> 1602-1621; 1655 reforma | 1660-1686   | 1585:   | - 1606-1612/13 (primitivo) - 1773: reforma | 1650-1661                                 | 1608                                     | Primitivo: 1619; Reforma: 1650-1722 | 1589 1693-1753 reforma    | 1693 - XVIII (2. <sup>a</sup> metade) | 1. <sup>o</sup> 1635 2. <sup>o</sup> 1684-1793      | 1649                      | Primitivo: 1630; Segundo: 1627-30 |
| <b>Terceiros: Surgim.<sup>to</sup></b>    | Séc. XVII  | Séc. XVII   | Séc. XVII, meados                                   | Séc. XVI  | Séc. XVI                                   | Séc. XVII (finais) – Séc. XVIII (início)? | Séc. XVII (finais) – Séc. XVIII (início) | Finais séc. XVII ?                  | Não definido (N. d.)      | Séc. XVII: finais                     | 1720  | N. d.                     | N. d.                             |
| <b>Fundação da Ordem Terceira</b>         | 1635   | N. d.   | Séc. XVII, meados                                   | N. d.   | 1695                                       | Séc. XVIII                                | 1703                                     | Séc. XVIII                          | Séc. XVIII                | Séc. XVIII                            | 1720  | Não aplicável (N. apl.)   | N. apl.                           |
| <b>Orago da Capela dos Terceiros</b>      | Santa Isabel rainha de Portugal  | N. d.   | N. d.   | São Roque   | N. d.                                      | N. d.                                     | S. Roque Montpellier                     | Santa Isabel rainha da Hungria      | Chagas de São Francisco   | N. d.                                 | N. d.   | N. apl.                   | N. apl.                           |
| <b>Capela dos Terceiros provisória</b>    | 1 <sup>o</sup> 1635 2 <sup>o</sup> 1636-1644: no convento 1686: demolida | 1648: licença de construção no convento                     | N. d.   | Capela de São Roque <sup>1</sup> .                  | N. d.                                      | N. apl.                                   | N. apl.                                  | N. apl.                             | N. apl.                   | N. apl.                               | N. apl.   | N. apl.                   | N. apl.                           |

**Quadro 2** (continuação)

| <b>Locais / Estados</b>                 | <b>Baía-Ba</b> | <b>João Pessoa-Pa</b> | <b>Penedo-Al</b>  | <b>Olinda-Pe</b> | <b>Recife-Pe</b>                 | <b>Cairu-Pe</b> | <b>Ipojuca-Pe</b> | <b>São Francisco do Conde-Ba</b>         | <b>Igarapu-Pe</b>       | <b>São Cristóvão-Se</b> | <b>Marechal Deodoro-Al</b> | <b>Paraguaçu-Ba</b> | <b>Serinhaém-Pe</b> |
|---|----------------|-----------------------|-------------------|------------------|----------------------------------|-----------------|-------------------|--|-------------------------|-------------------------|----------------------------|---------------------|---------------------|
| <b>Capela dos Terceiros: construção</b> | 1702-1703      | 1704-1747             | 1689 <sup>2</sup> | 1711             | 1696-1724<br>Última feição: 1804 | Séc. XVIII<br>? | Nada a assinalar  | Séc. XVIII<br>2.ª metade - 1846<br>ruína | 1753<br>(hoje demolida) | Séc. XVIII<br>?         | 1763                       | N. apl              | N. apl.             |

<sup>1</sup> Capela de construção anterior à do Convento, fora da área de implantação deste.

<sup>2</sup> Nesta data já se encontrava edificada a capela (cf. Pedro Paulino da FONSECA. *Memória Histórica da Fundação dos Conventos da Província das Alagoas*. Rio de Janeiro : Typografia de Pinheiro & C., 1874).

Quadro 3

Ordens Terceiras de São Francisco : Implantação e Estruturação na Zona da Mata

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos                             | Eclósão   | Cronologia  | Igreja / Capela   | Relação com a Igreja   | Relação com convento  | Outros espaços   | Partes da capela   | Cobertura da nave  | Sacristia   | Consistório   | Sepulcros  | Inserção no terreno Destaques  |
|--|---|---|---|--|---|--|--|--|---|---|--|--|
| <p><b>Salvador -Ba</b></p> <p><b>Convento de São Francisco</b></p> | <p>1635 (A segunda fundação de Terceiros no Brasil)</p> | <p>1644: Consistório e da Capela, conclusão (em espaço conventual); 1666: Indulgências papais; Séc. XVII (final): Instalações primitivas em ruína; Planta para edificação própria; 1686: Derrube das instalações; 1702: Início de nova capela; 1703: bênção 1800: cobertura da capela-mor com mármore de Lisboa; 1834: nave com ladrilhos pedra local; 1854: nave com corredores em ladrilhos de mármore de Itália; 1835: nova sagração da Igreja</p> | <p>Paralela à igreja dos frades; À esquerda do convento; Fachada para a rua; Entrada independente sem interligação com a igreja dos frades; Adro.</p> | <p>Instalações adossadas ao convento, paredes-meias com ele.</p> | <p>Provisoriamente no convento até finais do séc. XVII; Séc. XVIII: Instalações próprias - Longitudinal</p> | <p>Claustro: pátio interno, adossado à capela, junto à casa dos santos; 1869: colocação de chafariz Casa dos Santos aberta entre o convento e corredor da Ordem Terceira; templo alongado com imagens da procissão de cinza, em tamanho grande, em nichos (talha dourada e pintada): 1 na cabeceira, 25 nos lados; tecto plano de madeira com medalhão central pintura ilusionista; Enfermaria Hospital (1803) fora do complexo, junto a ele; aumentado em 1813; Noviciado; Cárcere; Terraço; Quintal; Museu da Ordem Terceira; Adro exterior gradeado</p> | <p>- Fachada recuada em relação ao convento - Capela-mor com 2 tribunas de cada lado - Arco de triunfo - Nave única com corredores laterais elevados com 3 altares de cada lado - 4 Tribunas - Coro-alto com órgão</p> | <p>Tecto sanqueado com caixotões com pinturas a óleo (1760 e 1831)</p> | <p>Por trás da capela-mor na transversal; - 3 altares retabulares (2.ª metade do séc. XIX); - 2 arcazes - lavabo com aproveitamento de águas pluviais (1.ª metade do séc. XVIII) - Paredes guarnecidas a azulejos com cenas profanas urbanas; - Tecto com 3 medalhões pintados; - Piso ladrilhado a preto e branco.</p> | <p>Consistório aberto por cima da sacristia, precedido pela Secretaria - 5 janelas e 3 portas - tecto em caixotões apainelados com pinturas a óleo iconográfica, cachorros e florões pendentes - quadros com pinturas iconográficas - muros revestidos a silhares azulejares com paisagens de Lisboa (séc. XVIII) - altar retabular de talha dourada - mesa longa rodeada de cadeirões - chão artístico em madeira <b>Secretaria</b> com tipo de decoração do Consistório, simplificado</p> | <p>- No início, exumações no convento mediante pagamento aos frades; - Depois, dentro da sua capela; - 1787: cemitério em carneiro, no subsolo, por baixo da sacristia, com acesso pelo interior; - 1836: em local fora do seu complexo; - 1934: o cemitério antigo foi transformado em ossário:</p> | <p>- Urbano; - Frontispício em talha frondosa (tipologia rara no Brasil); - Interiores com decoração pujante (1827 / 1828); - capela “dourada” (1834); Neoclássico; Paredes do Consistório com silhares azulejares (7 painéis de fabrico português retratam Lisboa antes do terramoto); Claustro: muretes com azulejos (1859); 1919: platibandas em redor da quadra.</p> |

Quadro 3 (cont.)

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos                    | Eclosão   | Cronologia                                       | Igreja / Capela  | Relação com a Igreja  | Relação dos espaços com convento                 | Outros espaços   | Partes da capela                                     | Cobertura da nave  | Sacristia   | Consistório   | Sepulcros  | Inserção no terreno Destaques   |
|---|---|--|--|---|--|--|--|--|---|---|--|---|
| <b>João Pessoa-Pb</b><br><b>Convento de Santo António</b> | Antes de 1648: surgem na Capitania; 1703 ou 1704: início da <i>Capela Dourada</i> em espaço conventual, na nave da igreja dos frades. | 1749: primeira procissão de Cinza dos Terceiros. | - Capela: Em ângulo recto com a igreja dos frades, seguindo o plano dela;<br>- Pequena <i>Capela de S. Benedito</i> , junto àquela, com altar em talha (finais séc. XVIII) | Capela: com comunicação entre os templos por arco com teia. | Capela no lado do Evangelho, planta Longitudinal | Casa de Oração (finda em 1748): em ângulo recto com a capela (paralela à igreja dos frades); ligação com Antessacristia dos Terceiros; (altar-mor; 2 altares laterais) (finais séc. XVII); tecto arqueado em tabuado, com pintura ilusionista a óleo ao centro; Pátio / Claustro: circundado por 3 galerias abertas com arcaria. | Capela profunda com arco e teia de madeira em talha. | Abóbada de gamela com caixotões de molduras policromas e douradas. | Aberta por trás do altar-mor, na transversal;<br>- tem lavabo em mármore. | No piso sobre a capela, com varanda com acesso pelo exterior, por lanço de escada de pedra. | 1748: lançamento da 1.ª pedra da cripta subterrânea sob a Casa de Oração; abertura no chão para a cripta com grade amovível em xadrez; acesso por escada de pedra<br>- Dez sepulturas, cinco de cada lado<br>- Tecto abobadado | Urbano<br>Capela: com espaço amplo; Decoração exuberante em talha e douramento. |

Quadro 3 (cont.)

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos                             | Ecloração                               | Cronologia | Igreja / Capela  | Relação com a Igreja s                | Relação dos espaços com convento                 | Outros espaços  | Partes da capela  | Cobertura da nave  | Sacristia   | Consistório  | Sepulcros   | Inserção no terreno Destaques  |
|--|---|------------|--|---------------------------------------|--|---|---|--|---|--|---|--|
| <b>Penedo-Al</b><br><br><b>Convento de Nossa Senhora dos Anjos</b> | Antes de 1689                           |            | Em ângulo recto com a igreja dos frades                      | Articulação directa por arco com teia | Capela no lado do Evangelho; Espaço longitudinal | Pequeno jardim na frontaria   | - 2 Registos;<br>- Capela-mor com abóbada de berço;<br>- Arco triunfal, com teia;<br>- Nave longa com teia;<br>- 3 tribunas de cada lado;<br>- 1 púlpito;<br>- Coro-alto. | Abóbada de arco abatido com pintura <i>tromp l'oeil</i> com simbólica Franciscana. | Acesso pela ilharga esquerda da igreja; acesso directo a ela;<br>- lavabo<br>- Forro plano de madeira<br>- Janelas para o pátio | No segundo piso;<br>- Altar retabular arquitectural;<br>- 3 tribunas abertas sobre a igreja;<br>- Tecto em vigamento de asnas, de madeira com telha á vista. | - Lápides funerárias na sacristia;<br>- Cemitério em sala no piso térreo. | No cimo de colina;<br>- Meio urbano;<br>- Igreja sumptuosa: rococó cenográfico palaciano;<br>- Jardim próprio                                    |
| <b>Olinda-Pe</b><br><br><b>Convento de Nossa Senhora das Neves</b> | 1711: Construção da Capela de São Roque | -          | Em ângulo recto com a igreja dos frades; Espaço longitudinal | Ligação por arco entre os templos     | Lado do Evangelho                                | - Casa de Oração: paralela à igreja dos frades;<br>- Pátio<br>- Portaria. | - 2 Registos;<br>- Capela-mor mais estreita que a Nave única;<br>- Púlpito;<br>- Tribunas laterais.   | Cobertura em talha em arcosoados com pintura a óleo                                | Adossada à direita da capela: forro em caixotões com pinturas; lavabo em pedra  | Consistório: no andar superior   | Cemitério: no exterior, com acesso pela sacristia                         | Meio urbano, sobre plataforma a meio de colina; Interiores muito decorativos e ornamentais, com tectos de caixotões e pintura figurativa a óleo. |



Quadro 3 (cont.)

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos                   | Eclosão  | Cronologia  | Igreja / Capela   | Relação com a Igreja                                   | Relação dos espaços com convento   | Outros espaços   | Partes da capela   | Cobertura da nave | Sacristia  | Consistório  | Sepulcros                       | Inserção no terreno Destaques   |
|--|--|---|---|--|--|--|--|-------------------|--|--|---------------------------------|---|
| <b>Recife-Pe</b><br><br><b>Convento de Santo Antônio</b> | Sec. XVI: existência de Terceiros, sem datação específica<br>- 1695: instauração canónica, no convento | 1695: hábito para 177 irmãos e 65 irmãs; licença de construção de capela e mais casas;<br>1696: confirmação por escritura; Capela dos Noviços / Capela Dourada;<br>1697: bênção da Capela Dourada;<br>1702 – Construção da Casa de Oração;<br>séc. XVII (final): outros espaços;<br>1720: 1ª Procissão de Cinza;<br>1723: licença para fazer Hospital; bênção da 1ª pedra<br>1724: fim da decoração da Capela Dourada;<br>1804: aquisição de frontispício para a Casa de Oração em pedra de lioz. | - Capela Dourada: Em ângulo recto com a igreja dos frades, do lado do Evangelho;<br>- Planta rectangular. | Ligação entre os templos por arco e portão em ferraria | Instalações: em espaço deixado pelos frades quando reposicionam a sua igreja, dentro de muros do convento. | - Claustro com peitoril em todos os corredores, com dois corredores em registo superior;<br>- Casa de Oração: igreja de grande porte com capela-mor e altares laterais retabular; nichos / armários para imagens de santos da procissão de Cinza;<br>- Capela particular com altar retabular, com acesso pela Casa do Capítulo do convento;<br>- Hospital. | - Dois registos;<br>- Capela-mor rasgada no pano murário em forma de arco triunfal;<br>- 6 Altares laterais;<br>- 6 Tribunas;<br>- Silhar azulejar (fabrico 1703). | Tecto abobadado   | Por detrás da capela, transversal com lavabo em mármore de Estremoz. | Consistório no andar superior com varandas para a rua. | Enterramento na Casa de Oração. | Em meio urbano;<br>Em planície; Profusão de decoração, ornamentos, talha dourada. |

**Quadro 3 (cont.)**

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b>          | <b>Eclosão</b>                | <b>Cronologia</b>   | <b>Igreja / Capela</b>                 | <b>Relação com a Igreja</b> | <b>Relação dos espaços com convento</b>   | <b>Outros espaços</b> | <b>Partes da capela</b>                 | <b>Cobertura da nave</b> | <b>Sacristia</b>   | <b>Consistório</b> | <b>Sepulcros</b> | <b>Inserção no terreno Destaques</b>                |
|--|-------------------------------|---|--|-----------------------------|---|-----------------------|---|--------------------------|--|--------------------|------------------|---|
| <b><i>Cairu-Pe</i><br/>Convento de Santo António</b>   | N. d.                         | Final séc. XVIII: intervenção do dourador José Joaquim da Rocha.  | Isolada; Paralela à igreja dos frades. | Sem ligação directa.        | - Capela profunda aberta na igreja dos frades, do lado da Epístola, Em ângulo recto com a nave;<br>- Capela própria, independente do lado do Evangelho, longitudinal. | N. Apl.               | Dois registos;<br>Capela-mor<br>- Nave. | N. Apl.                  | Aberta do lado do evangelho da capela, com acesso directo. | N. a.              | N. a.            | - No cimo de colina<br>- Meio urbano<br>- Inacabada |
| <b><i>Ipojuca-Pe</i><br/>Convento de Santo António</b> | Antes de 1703 (data incerta). | 1703: Em Congregação de 16 de Junho, escolha do 1º Comissário dos Terceiros;<br>1834: nomeação de Comissário dos Terceiros. | Presumivelmente em espaço conventual.  | N. a.                       | N. a.   | N. a.                 | N. a.                                   | N. a.                    | N. a.  | N. a.              | N. a.            | N. a.   |

Quadro 3 (cont.)

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos  | Ecloração   | Cronologia  | Igreja / Capela                                     | Relação com a Igreja   | Relação dos espaços com convento  | Outros espaços  | Partes da capela   | Cobertura da nave   | Sacristia   | Consistório   | Sepulcros   | Inserção no terreno Destaques   |
|---|---|---|---|--|---|---|--|---|---|---|---|---|
| <p><i>São Francisco do Conde-Ba</i></p> <p><b>Convento de São Francisco</b></p> | Ignorada, sob os auspícios de Santa Isabel, rainha da Hungria; Séc. XVII, finais: (data plausível da fundação). | Entre 1583 e 1866 há infimas alusões à sua história <sup>1</sup> ; 1846: a Ordem Terceira decadente; Séc. XIX, 2ª metade: Instalações degradadas; Séc. XX: espaço dos Terceiros é entregue à Ordem 1.ª; 1908: Emparedado o arco de comunicação com a igreja dos frades; Adaptação do espaço dos 3.ºs a colégio; 2008: Adaptação do espaço para apoio à 3.ª Idade. | Em ângulo recto Igreja dos frades; Lado da Epístola | Ligação inicial com a Igreja dos frades, por arco aberto a meio da nave. | Planta em L, (capela, sacristia / consistório, ossário); Pátio com entrada pelo nártex (porta da direita); Capela Longitudinal. | Pátio aberto rematado pelos muros das edificações da Ordem Terceira, pelailharga da Epístola da igreja dos frades e por muro de vedação da via urbana | Espaço único (hoje desvirtuado) planta longitudinal, marcação do arco de ligação à igreja dos frades; alçado com dois registos, determinados pelas duas fiadas de vãos abertos a dois níveis: portas e janelas no térreo e fenestração no superior: entrada por duas portas laterais abertas para o pátio, e da cerca dos frades; vãos com cornijas de coroamento. | Vigamento em asnas de madeira à vista no piso superior, suporte de um telhado de duas águas | Por trás da capela-mor, transversal a ela; longitudinal | Em ângulo recto com o templo dos Terceiros no segundo piso. | Ossário no corpo do Consistório, no piso térreo, com fiada de óculos elípticos para arejamento. | A Igreja do convento, o Claustro e o espaço da Ordem Terceira aparecem em disposição invertida ao usual dos congéneres da Zona da Mata; Interiores desvirtuados |

**Quadro 3 (cont.)**

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b>          | <b>Eclosão</b>  | <b>Cronologia</b>  | <b>Igreja / Capela</b>                   | <b>Relação com a Igreja</b>               | <b>Relação dos espaços com convento</b> | <b>Outros espaços</b> | <b>Partes da capela</b> | <b>Cobertura da nave</b> | <b>Sacristia</b> | <b>Consistório</b> | <b>Sepulcros</b> | <b>Inserção no terreno Destaques</b>   |
|--|---|--|--|---|---|-----------------------|-------------------------|--------------------------|------------------|--------------------|------------------|--|
| <b><i>Igaraçu-Pe</i><br/>Convento de Santo António</b> | 1753: Início da capela (hoje demolida); Falta de notícia de qualquer outra data que aluda a à existência de Terceiros | 1753: 1. <sup>a</sup> Eleição do 1.º Ministro; Bênção da 1. <sup>a</sup> pedra da capela; 1762: Conclusão da capela<br>Abertura do arco de ligação à igreja dos frades; 1763: Bênção da capela; 1. <sup>a</sup> missa; 1834 (?): abandono das instalações com subsequente início de ruína do edificado; Séc. XIX: Demolição; Hoje restam os vestígios. | Em ângulo recto com a igreja dos frades. | Ligação entre os templos por arco e teia. | Lado do Evangelho.                      | N. apl.               | N. apl                  | N. apl                   | N. apl           | N. apl             | N. apl           | Foi construída em zona aplanada, em outeiro, com arruamento que leva ao mar, com provável visibilidade na povoação, pelo que teria, juntamente com o convento, jogado um papel dominante no equilíbrio das volumetrias do complexo franciscano na envolvente |

Quadro 3 (cont.)

| Ordens ligadas aos Conventos  | Eclosão                                    | Cronologia  | Igreja / Capela  | Relação com a Igreja  | Relação dos espaços com convento  | Outros espaços  | Partes da capela   | Cobertura da nave  | Sacristia   | Consistório                           | Sepulcros  | Inserção no terreno Destaques  |
|---|--|---|--|---|---|---|--|--|---|---------------------------------------|--|--|
| <b>São Cristóvão -Se</b><br><b>Convento de São Francisco / do Bom Jesus</b> | Implantação: antes de 1707                 | 1715: capela em construção; organização da procissão de Cinza; 975: Instalação do Museu de Arte Sacra de Sergipe. | Em ângulo recto com a igreja dos frades; Repete o esquema da igreja dos frades.                    | Ligação directa por arco cortado por varanda para a Igreja do convento e coro-alto no lado da O. 3.ª. | Capela aberta no lado do Evangelho da nave da Igreja do convento, longitudinal<br>- Instalações dos 3.ºs com entrada autónoma, recuada em relação à igreja do convento. | Portaria paralela à capela com acesso para a sacristia; Outros espaços não identificáveis | - Dois registos;<br>- Capela-mor alteada com altar retabular;<br>- Nave com altares adossados ao arco triunfal;<br>- Tribunas para corredores;<br>- Púlpito;<br>- Coro-alto. | Capela-mor:<br>- tecto em falsa abóbada de berço com pintura em <i>tromp l'oeil</i> ;<br>Nave:<br>- tecto em falsa abóbada de berço com pintura ilusionista arquitectural. | Aberta paralela e adossada do lado do Evangelho da Capela dos Terceiros:<br>- janelas com bancos de pedra;<br>- lavabo de espaldar em pedra lavrada<br>- arcaz com entalhes artísticos. | No piso superior (espaço desvirtuado) | Cemitério em cripta, em sala adossada à Capela dos Terceiros.                | Em topo de colina;<br>Meio urbano;<br>Gosto decorativo que anuncia já o neoclássico, em “Estilo Chão”.                                 |
| <b>Marechal Deodoro -Al</b><br><b>Convento de Santa Maria Madalena</b>      | 1720                                       | 1751: responsáveis pela Procissão de Cinza<br>1763: Construção de espaço próprio<br>1987: Restauro geral.         | - Isolada: junto à Igreja dos frades;<br>-Paralela à igreja dos frades;<br>- Frontispício próprio. | - Apartada da igreja dos frades;<br>- Porta para o exterior.  | - Capela em Instalações conventuais;<br>- Capela própria no lado esquerdo da Igreja dos frades / Longitudinal   | Jardim do lado esquerdo da nave   | - Dois registos<br>- Capela-mor alteada;<br>- Arco triunfal;<br>-Tribunas no 2º registo (sem galerias);<br>- Um púlpito.   | Tecto em falsa abóbada de berço (forro de madeira).  | Dá para a antessala de ligação ao templo; Lavabo artístico (recolha de águas pluviais).   | No piso superior.                     | Presumível-ente sob o piso da igreja ou em carneiros sob o piso das capelas. | Em plataforma;<br>Meio urbano;<br>O templo: espaço desvirtuado, transformado em Auditório do Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas. |
| <b>Paraguaçu-Ba</b><br><b>Convento de Santo António</b>                     | Há falta de notícias sobre Ordem Terceira. | Nada a assinalar (N. a.)  | N. a.  | N. a.   | N. a.   | N. a.   | N. a.  | N. a.  | N. a.   | N. a.                                 | N. a.  | N. a.  |

**Quadro 3** (cont.)

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b>            | <b>Eclosão</b>                                     | <b>Cronologia</b> | <b>Igreja / Capela</b> | <b>Relação com a Igreja</b> | <b>Relação dos espaços com convento</b> | <b>Outros espaços</b> | <b>Partes da capela</b> | <b>Cobertura da nave</b> | <b>Sacristia</b> | <b>Consistório</b> | <b>Sepulcros</b> | <b>Inserção no terreno Destaques</b> |
|--|--|-------------------|------------------------|-----------------------------|---|-----------------------|-------------------------|--------------------------|------------------|--------------------|------------------|--------------------------------------|
| <i>Serinhaém -Pe</i><br><b>Convento de Santo António</b> | Falta de notícias sobre Ordem Terceira no convento | N. a.             | N. a.                  | N. a.                       | N. a.                                   | N. a.                 | N. a.                   | N. a.                    | N. a.            | N. a.              | N. a.            | N. a.                                |

---

<sup>1</sup> Jaboatão se refere a ela.

Quadro 4

Disposição dos principais espaços das Ordens Terceiras entre si e em relação aos conventos no Brasil

| SÍTIOS E CONVENTOS             |                                   | RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS    |                                   | Baía-Ba                              | João Pessoa-Pb                      | Penedo-Al                 | Olinda-Pe                 | Recife-Pe                                      | Cairu-Pe                  | Ipojuca-Pe                    | São Francisco do Conde-Ba | Igarauçu-Pe               | São Cristóvão-Se          | Marechal Deodoro-Al     |                              |
|--------------------------------|-----------------------------------|---------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------|---------------------------|--|---------------------------|-------------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|-------------------------|------------------------------|
|                                |                                   | Convento de São Francisco | Convento de Santo António         | Convento de Nossa Senhora dos Anjos  | Convento de Nossa Senhora das Neves | Convento de Santo António | Convento de Santo António | Convento de Santo António                      | Convento de Santo António | Convento de Santo António     | Convento de São Francisco | Convento de São Francisco | Convento de São Francisco | Santa Maria Madalena    |                              |
| ORDEM TERCEIRA COM CONVENTO    | À direita                         |                           |                                   |                                      |                                     |                           |                           |  |                           | Não aplicável (N. apl.).      | Adossada                  |                           |                           |                         |                              |
|                                | À esquerda                        | Adossada                  | Adossada                          | Adossada                             | Adossada                            | Adossada                  | Adossada                  | Adossada                                       | Adossada                  |                               | Adossada                  | Adossada                  | Adossada                  | Isolada                 |                              |
| CAPELA COM A IGREJA DOS FRADES | Engastada na perpendicular à nave | Lado do Evangelho         |                                   | Com arco e teia                      | Com arco e teia                     | Com arco e teia           | Com arco e grade          | 1.ª capela Com arco                            | N. apl.                   |                               | Com arco                  | Com arco                  | Arco tapado por vidro     |                         |                              |
|                                |                                   | Lado da Epístola          |                                   |                                      |                                     |                           |                           |  |                           | Com arco                      |                           |                           |                           |                         |                              |
|                                | Independente adossada ao convento | Lado do Evangelho         |                                   |                                      |                                     |                           |                           |  |                           |                               |                           |                           |                           |                         |                              |
|                                |                                   | Lado da Epístola          | Adossada Paralela Fachada própria |                                      |                                     |                           |                           | Adossada Paralela <sup>1</sup> Fachada própria |                           | 2.ª Isolada Paralela à igreja |                           |                           |                           |                         | Isolada Paralela com fachada |
| SACRISTIA COM A CAPELA         | Adossada á cabeceira              |                           | Duas portas na cabeceira          | Duas portas para corredores laterais |                                     |                           |                           | Com duas portas na cabeceira                   | N. apl.                   | Espaço desvirtuado            | Nada a assinalar (N. a.). |                           |                           |                         |                              |
|                                | Adossada às ilhargas              | Lado do Evangelho         |                                   |                                      | Com acesso directo                  |                           |                           | Com acesso directo                             |                           |                               |                           |                           |                           | Paralela Acesso directo |                              |
|                                |                                   | Lado da Epístola          |                                   |                                      |                                     | Acesso directo            |                           |  |                           |                               |                           |                           |                           |                         |                              |
|                                | Antessala de premeio              |                           |                                   |                                      |                                     |                           |                           |  |                           |                               |                           |                           |                           |                         |                              |

Quadro 4 (cont.)

| SÍTIOS e CONVENTOS |                                    | Baía-Ba<br>Convento<br>de São<br>Francisco                  | João<br>Pessoa-<br>-Pb<br>Convento<br>de Santo<br>Antônio | Penedo-<br>-Al<br>Convento<br>de Nossa<br>Senhora<br>dos Anjos | Olinda-<br>-Pe<br>Convento<br>de N. <sup>a</sup> S. <sup>a</sup><br>das Neves | Recife-<br>-Pe<br>Convento<br>de Santo<br>Antônio | Cairu-Pe<br>Convento<br>de Santo<br>Antônio | Ipojuca-<br>-Pe<br>Convento<br>de Santo<br>Antônio | São<br>Francisco<br>do<br>Conde-<br>-Ba<br>Convento<br>de São<br>Francisco | Igaraçu-<br>-Pe<br>Convento<br>de Santo<br>Antônio | São<br>Cristóvão-<br>-Se<br>Convento<br>de São<br>Francisco | Marechal<br>Deodoro-<br>-Al<br>Convento<br>de Santa<br>Maria<br>Madalena |
|--------------------|------------------------------------|---|---|--|---|---|---|--|--|--|---|--|
| CASA DE<br>ORAÇÃO  | Perpendicular à capela             |   | Ligação à<br>sacristia                                    |  | Paralela à<br>igreja dos<br>frades  |   | N. a.                                       | N. apl.  | N. a.  | N. a.  | N. a.   | Não<br>definido<br>(n. d.).  |
|                    | Independente                       |   |   |  |   | Igreja de<br>grande<br>porte                      |   |  |  |  |   |  |
| CASA DOS SANTOS    |                                    | Indepen-<br>dente com<br>fachada,<br>porta para<br>corredor |   |  |   |   | N. a.                                       | N. apl.  | N. a.  | N. a.  | N. a.   | N. a.  |
| PORTARIA           | Edifício à direita do<br>convento  |   |   |  |   |   |   |  | Acesso<br>pela galilé  |  |   |  |
|                    | Edifício à esquerda do<br>convento | À<br>esquerda<br>da capela                                  | Não<br>identifica-<br>do                                  | Acesso<br>próprio  | Acesso<br>próprio   | Acesso<br>próprio                                 | N. a.                                       | N. apl.  |  | N. a.  | Paralelo á<br>nave<br>Acesso<br>próprio                     | Acesso<br>pela<br>fachada<br>lateral da<br>capela                        |
| CONSISTÓRIO        |                                    | No 2.º<br>piso sobre<br>a sacristia                         | No 2.º<br>piso sobre<br>a capela                          | No 2.º<br>piso   | No 2.º<br>piso sobre<br>a portaria  | No 2.º<br>piso                                    | N. a.                                       | N. apl.  | No 2.º<br>piso sobre<br>o ossário  | N. a.  | No 2.º<br>piso  | No 2.º<br>piso sobre<br>a sacristia                                      |
| SECRETARIA         |                                    | Precede o<br>consistó-<br>rio                               | Não<br>verificado<br>(N. v.)                              |  |   | À direita<br>da Casa<br>de Oração                 | N. a.                                       | N. apl.  | N. d.  | N. a.  |   | N. d.  |



**Quadro 4 (cont.)**

| <b>SÍTIOS e CONVENTOS</b><br><b>RELAÇÕES ENTRE</b><br><b>ESPAÇOS</b> | <b>Baía-Ba</b><br><b>Convento</b><br><b>de São</b><br><b>Francisco</b> | <b>João</b><br><b>Pessoa-</b><br><b>Pb</b><br><b>Convento</b><br><b>de Santo</b><br><b>Antônio</b> | <b>Penedo</b><br><b>-Al</b><br><b>Convento</b><br><b>de N.ª S.ª</b><br><b>dos Anjos</b> | <b>Olinda-</b><br><b>-Pe</b><br><b>Convento</b><br><b>de N.ª S.ª</b><br><b>das Neves</b> | <b>Recife-Pe</b><br><b>Convento</b><br><b>de Santo</b><br><b>Antônio</b> | <b>Cairu-Pe</b><br><b>Convento</b><br><b>de Santo</b><br><b>Antônio</b> | <b>Ipojuca-</b><br><b>-Pe</b><br><b>Convento</b><br><b>de Santo</b><br><b>Antônio</b> | <b>São</b><br><b>Francisco</b><br><b>do</b><br><b>Conde-</b><br><b>-Ba</b><br><b>Convento</b><br><b>de São</b><br><b>Francisco</b> | <b>Igarauçu-</b><br><b>-Pe</b><br><b>Convento</b><br><b>de Santo</b><br><b>Antônio</b> | <b>São</b><br><b>Cristóvão-</b><br><b>-Se</b><br><b>Convento</b><br><b>de São</b><br><b>Francisco</b> | <b>Marechal</b><br><b>Deodoro-</b><br><b>-Al</b><br><b>Convento</b><br><b>de Santa</b><br><b>Maria</b><br><b>Madalena</b> |
|--|--|--|---|--|--|---|---|--|--|---|---|
| <b>LOCAL FUNERÁRIO</b>   | Carneiro /<br>ossário no<br>subsolo<br>sob a<br>sacristia              | Cripta sob<br>a Casa de<br>Oração  | Cripta no<br>piso térreo  | No térreo<br>e exterior<br>acesso<br>pela<br>sacristia                                   | Exéquias<br>na Casa<br>de Oração   | N. a.   | N. apl.   | Ossário<br>perpendi-<br>cular á<br>capela;<br>piso térreo<br>sob o<br>consisto-<br>rio   | N. a.  | Cripta<br>adossada<br>à capela<br>do lado da<br>Epístola  | N. a.   |
| <b>CLAUSTRO</b><br>/<br><b>ESPAÇO ABERTO</b>                         | Adossado<br>à capela<br>com 4<br>galerias                              | Pátio com<br>três<br>galerias  | Jardim<br>cercado   | Jardim<br>interior   | Com<br>galerias  | N. a.   | N. apl.   | Pátio<br>cercado<br>pelas<br>instala-<br>ções e<br>muro  | N. a.  | N. a.   | Jardim  |

<sup>1</sup> Peculiarmente os Terceiros construíram uma igreja, para além da Capela Dourada aberta na igreja conventual.

**Quadro 5**

**Ordens Terceiras de São Francisco : Implantação e Estruturação em Portugal**

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b> | <b>Eclósão</b>  | <b>Cronologia</b>   | <b>Igreja / Capela</b>  | <b>Relação com a Igreja dos frades</b>   | <b>Relação dos espaços com convento</b>   | <b>Outros espaços</b>   | <b>Partes integrantes da capela</b>  | <b>Coberturas</b>   | <b>Sacristia</b>   | <b>Consistório</b>  | <b>Cemitério</b> | <b>Inserção no terreno Destaques</b>  |
|---|---|---|---|--|---|---|--|---|--|---|------------------|---|
| <b>Guimarães<br/>Convento São Francisco</b>   | Séc. XIII: Guimarães dada como 1ª povoação a receber Ordem Terceira de São Francisco. (não congregados)<br>1615: Fundação provável. | Antes de 1606: Confraria das Chagas de São Francisco e Cordão de São Francisco na igreja dos frades<br>1616: estatutos<br>1743: aquisição de terreno para acrescento de instalações; início da capela e da sacristia<br>1750: conclusão das obras<br>1791: substituição de estatutos<br>1834/1852: Assistência prestada por padre Franciscano<br>1852: doação da igreja dos frades à Ordem Terceira;<br>1814: início do Hospital<br>1875: aquisição do resto do convento pela Ordem Terceira. | Igreja de N.ª S.ª das Dores ou dos Terceiros: planta longitudinal | -Perpendicular à igreja dos frades<br>- Porta travessa fronteira à fachada da igreja dos frades; de premeio, um pátio em U;<br>- Implantação fora do comum dos congéneres, com escasso adossamento às instalações conventuais. | -Existência de Terceiros no convento desde o séc. XIII (em espaço desconhecido). -Confraria das Chagas de São Francisco e a do Cordão de São Francisco: sede na igreja dos frades.<br>- Capela Própria edificada junto à portaria dos frades<br>- Ordem Terceira adquiriria o restante da edificação conventual | 4 Corpos articulados à volta de um Claustro: 3 registos; articula-se internamente com espaço conventual por porta Antigo Hospital com fachada no prolongamento da capela. | Espaço unificado: capela-mor curta e estreita, com ligação à nave por arco triunfal, onde se abrem dois altares colaterais em arcos abertos no muro; à entrada, um coro-alto; do lado do Evangelho um púlpito de balcão. | Capela-mor: abóbada de barrete de clérigo: Nave e coro-alto: cobertura é em abóbada de berço em arco de asa de cesto: Claustro: telhado de uma água | Colocada transversal à igreja, com corredor intermédio com à igreja por porta lateral. | No segundo piso com entrada por escada que parte da portaria, à esquerda, ocupa o espaço central da frontaria com janelas de cada a darem sobre o largo.. | Não definido     | Extramuros; Em planura de interior; Urbano;<br><br>Gosto do festivo e cénico, inerentes aos fenómenos estéticos intrínsecos ao barroco. |

**Quadro 5** (cont.)

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos        | Eclosão                                  | Cronologia  | Igreja / Capela     | Relação com a Igreja dos frades                         | Relação dos espaços com convento  | Outros espaços   | Partes integrantes da capela   | Coberturas  | Sacristia  | Consistório  | Cemitério   | Inserção no terreno Destaques   |
|---|--|---|---------------------|---|---|--|--|---|--|--|---|---|
| <b>Porto</b><br><b>Convento São Francisco</b> | 1633: Instituição<br>1792: oficialização | 1660: 1. <sup>os</sup> estatutos<br>1646: consagração da capela própria;<br>1657, 1667, 1673 e 1674: reparações e ornamentação da capela<br>1676: Construção de novo templo<br>1669: Ornamentação da casa da secretaria e do despacho<br>1679: Templo em acabamento<br>1711: acrescimo para lá da capela-mor tomando o da sacristia<br>1749: Bênção solene da Casa do Despacho e do cemitério<br>1778: Novas obras na capela-mor<br>1794: Construção da última feição da capela com terrenos doados pelos frades<br>1799: Conclusão<br>1805: Sagração do último templo<br>1751, 1838, 1883: Reforma dos Estatutos | Planta longitudinal | Perpendicular à Igreja dos frades, sem ligação directa. | 1º até 1640: uso de capela conventual, no claustro<br>2º: 1645: autorização para construção de capela própria no claustro<br>3º: 1676: construção de novo templo. | Vários pisos articulados por lances de escada<br>Vestíbulo em piso superior para onde dão várias salas, de planta rectangular, com cobertura de madeira aconchada, oitavado, com pintura de cores vivas e brasão central; portas em redor com ombreiras e vergas muito ornamentais<br>Capela N.ª S.ª das Dores: tipo capela de casa solarenga; planta longitudinal; altares retabulares em talha adossados aos muros; coro-alto com balaustrada; 2 portas de acesso à sacristia; cobertura em abóbada de arco abatido em estuque relevado com baixos-relevos em medalhões ornamentais<br>Salas administrativas | Capela-mor com 3 altares retabulares<br>Arco triunfal<br>Nave única com 6 altares<br>Capela particular aberta do lado do Evangelho<br>2 Púlpitos<br>Coro-alto. | Abóbada de arco perfeito, de lunetas, com estuque relevado ornamental com medalhões com pintura figurativa em <i>tromp l'oeil</i> . | Abre-se no andar térreo do lado do Evangelho adossada à igreja com planta longitudinal, com abóbada de clérigo em estuque ornamental, com altares retabulares e arcaz. | Sala do Despacho: planta longitudinal; tecto em masseira de madeira, com caixotões de fundo branco debruados a folha de ouro, com delicados elementos entalhados e dourados; aparatoso altar, 14 sanefas em talha. | Até 1641: uso do claustro para exumações dos Irmãos<br>Quando construíram capela própria enterravam os seus mortos<br>1730: espaço no convento próprio para os Terceiros (claustro); construção de catacumbas labirínticas com tectos abobadados. | Extramuros; Urbano<br>Em destaque sobre plataforma; Junto ao rio;<br><br>Decoração rica; espaços com talha frondosa dourada; Peça arquitectural onde primeiro revivesceu o gosto clássico no final do Setecentos em Portugal. |

**Quadro 5 (cont.)**

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos         | Eclosão  | Cronologia   | Igreja / Capela     | Relação com a Igreja dos frades                    | Relação dos espaços com convento   | Outros espaços   | Partes integrantes da capela  | Coberturas  | Sacristia  | Consistório   | Cemitério   | Inserção no terreno Destaques  |
|--|--|--|---------------------|--|--|--|---|---|--|---|---|--|
| <b>Aveiro</b><br><b>Convento Santo António</b> | Entre os anos 1663 e 1670: início da Ordem Terceira. | 1676: Terceiros na Capela do Corpo Santo; 1677: capela lateral a outra na nave da igreja; pedra fundamental da nova capela; 1679: capela própria, adossada à igreja; 1680: existe Via-Sacra; 1681: bênção da capela e concessão para cemitério; Casa do Despacho; 1682: final da construção da capela; 1789: escolha de Comissário fora do convento 1834: igreja dos frades cedida à Ordem Terceira 1811: escolha de Comissário no convento 1872: ampliação da Casa do Despacho; reforma da sacristia; construção de salas junto à casa do Despacho 1879: a Ordem Terceira conseguiu autorização para abrir porta para o exterior. | Planta longitudinal | Adossada à igreja dos frades do lado do Evangelho. | 1ª Fixação: exterior ao convento na Capela do Corpo Santo (por 8 anos); 2ª Fixação: abertura de capela na nave da igreja dos frades, lado do Evangelho, com uso da Casa do Capítulo do convento para reuniões; Fixação definitiva no lado do Evangelho com ligação à igreja dos frades, sem porta para fora. | Vestíbulo com acesso: à sacristia, a escada para a Casa do Despacho, à capela. | Capela-mor pequena com altar retabular em talha integralmente dourada; muros laterais revestidos com talha dourada; Arco cruzeiro; Nave única com dois altares retabulares em arcos rasgados do lado do Evangelho, e 1 do lado oposto; 1 Púlpito, do lado do Evangelho. | Capela-mor: abóbada de arestas, com tramo construído sobre base quadrada, de tijolo, lisa, com fecho de florão circular do séc. XVII Nave: abobada de arestas, assentes em mísulas, de 3 tramos rectangulares com pintura decorativa, de cores vivas e ouro (1736). | Sacristia adossada à capela-mor do lado do Evangelho, com entrada por ela, dá acesso às outras instalações da Ordem Terceira; supra, a Casa do Despacho. | Casa do Despacho: adossada ao flanco esquerdo da capela; com 2 pisos; escadaria, e porta para o exterior; com tecto em gamela até 1898. | 1681: Concessão para construção de cemitério próprio, que não foi efectivada. | Periurbano (extramuros da antiga vila)<br><br>Fachada geminada com a Igreja dos frades (ambas em pedra de Ançã)<br>Igreja de gramática arquitectónica de linhas simples, na traça comum à dos frades mendicantes em Portugal Paredes da capela recobertas por painéis de azulejos, a 2/3 do pé direito, historiados, setecentistas Riqueza decorativa e ornamental Deturpações devidas às obras iniciadas no último quartel do séc. XIX. |

**Quadro 5 (cont.)**

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b> | <b>Eclosão</b>   | <b>Cronologia</b>  | <b>Igreja / Capela</b>                                    | <b>Relação com a Igreja dos frades</b>  | <b>Relação dos espaços com convento</b>  | <b>Outros espaços</b>   | <b>Partes integrantes da capela</b>                      | <b>Coberturas</b>  | <b>Sacristia</b>   | <b>Consistório</b>   | <b>Cemitério</b>   | <b>Inserção no terreno Destaques</b>   |
|---|--|--|---|---|--|---|--|--|--|--|--|--|
| <b>Coimbra<br/>Convento São Francisco</b>     | Entre os anos 1217 e 1286 (?): Emergência: 1659: instituição oficial; Primeiros estatutos. | 1658: primeiros hábitos na igreja conventual<br>1666: capela na igreja dos frades e lugar de enterramento frente a ela<br>1739: foi-lhes cedido por troca com a que tinham, a capela de São Pascoal Bailão;<br>1740: escritura lavrada para prolongamento da capela usada<br>1740: permissão para abertura de capela em espaço próprio sem aberturas para fora;<br>2 meses depois: reunião do 1º Definitório<br>1743: obras terminadas; bênção solene da igreja, com procissão de trasladação das imagens da igreja dos frades para a dos Terceiros<br>1785: abandono das instalações por desentendimento com os frades<br>1816: os Terceiros voltam à sua capela<br>1828: abertura de porta na capela para fora<br>1834: os Terceiros são obrigados a sair. | Igreja de Nossa Senhora da Conceição; Planta longitudinal | Adossada do lado do Evangelho à igreja dos frades, na perpendicular Arco lateral aberto na galilé da igreja dos frades, à esquerda, dá acesso à capela dos Terceiros<br>À entrada da Igreja dos frades, o 1º arco do lado do Evangelho, hoje entaipado, era a ligação com a capela dos Terceiros. | 1º: Ocupado o espaço da capela colateral ao altar-mor, aberta do lado do Evangelho;<br>2º: Ocuparam a capela de São Pascoal Bailão;<br>3º: Construíram espaço próprio. | Corpos em escalonamento: Capela-mor pouco profunda, com altar de tribuna; Nave única Arco cruzeiro Coro-alto. | Capela-mor Arco cruzeiro Nave com 2 púlpitos; Coro-alto. | Capela-mor: abóbada de arestas de 1 tramo Nave: abóbada de arestas, dividida em 2 tramos por arcos torais assentes em mísulas Coro-alto: abóbada de berço. | 1.º: Uso da sacristia do convento; Depois: aberta na banda da Epístola, junto à capela-mor com tecto de madeira em masseira. | Tendo o Hospital construído afastado do Convento, no centro da cidade, foi lá que construíram as suas salas de secretaria. | Os frades cederam o espaço fronteiro à capela que haviam cedido na sua igreja aos Terceiros, para exumações. | Na falda de colina, perto do rio; Periurbano; A capela dos Terceiros mantém inalterável o seu aspecto interior, onde ainda é visível a riqueza artística de outrora, e mantém-se ainda com uso cultural; destaque para o retábulo da capela-mor <sup>1</sup> , o silhar de azulejos da capela, fabrico de Lisboa, os azulejos de da sacristia, fabrico coimbrão <sup>2</sup> . |

**Quadro 5 (cont.)**

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos                                | Eclosão  | Cronologia   | Igreja / Capela   | Relação com a Igreja dos frades   | Relação dos espaços com convento  | Outros espaços   | Partes integrantes da capela                           | Coberturas   | Sacristia  | Consistório   | Cemitério  | Inserção no terreno Destaques  |
|---|--|--|---|---|---|--|--|--|--|---|--|--|
| <b>Merceana</b><br><br><b>Convento Santo António de Charnais</b>      | Final do séc. XVII: fundação com data desconhecida       | 1714: data 1.º documento que refere esta Ordem<br>Séc. XIX: fim da Ordem Terceira; fica o culto do Senhor dos Passos; espaços entregues à administração da Casa de Misericórdia de Aldeia Galega da Merceana<br>1919: restauro da Ordem: autorização dos frades do Varatojo.   | 2 Capelas adossadas: Uma com posta por nave e capela-mor; A Capela do Senhor dos Passos: de espaço único com altar em arco pouco rasgado. | 1ª Capela: aberta no lado esquerdo adossada à igreja dos frades, perpendicular a ela (com entrada pela porta lateral à esquerda da galilé)<br>2ª Capela: paralela à igreja dos frades, adossada à 1ª com ligação entre ambas<br>Sem ligação física com a igreja dos frades. | Espaços dos Terceiros adossados ao convento do lado esquerdo.   | Salas de pequenas dimensões no piso térreo e lance de escada que leva à Casa do Despacho.                                  | Capela com nave e capela-mor<br>Capela de espaço único | 1ª Capela Nave: abóbada de aresta; Capela-mor: abóbada de berço<br>Capela do Sr. dos Passos: abóbada de berço cruzada com 2 de menor dimensão. | Abre-se à esquerda da capela do Senhor dos Passos com lavabo pétreo. | Casa do Despacho no piso superior, por cima da sacristia. | Amplo jazigo adossado a instalações suas, em cota superior, no alto do monte, onde se implantou o convento, com acesso pelo cemitério da vila onde se integra. | Convento rural; Em meia-encosta; Construção da capela em terreno dado<br><br>Azulejaria (finais do séc. XVII-3º quartel do séc. XVIII); frontal de altar (Pombalino); Pintura mural do Rococó. |
| <b>Lisboa</b><br><br><b>Convento São Francisco</b><br><br>[Derrubado] | 1615: lançados os 1ºs hábitos aos Terceiros no convento. | 1616: Ordenações; 1620 e 1686: reimpressão; 1.ªs procissões em Lisboa; 1644: auge em Lisboa<br>1741: fogo arruina a capela;<br>1747: Sermão na capela;<br>1770: terreno para hospital;<br>1779: conclusão dele<br>Após 1755: posse da igreja;<br>1838: Terceiros no Hospício de São João Napomuceno; demolição da igreja | Capela do Bom Jesus de Portugal, na igreja dos frades.  | Do lado da Epístola, no Transepto da igreja dos frades.   | 1º: 2 capelas abertas no claustro da portaria (1666) e ocuparam a Casa do Capítulo como Casa de Oração<br>2.º: Capela própria em data indeterminada | - Claustro da Portaria com 2 capelas de administração da Ordem Terceira - 3 Enfermarias (1671 e 1672, destruídas em 1755). | N. a.  | N. a.  | Abria-se por trás da capela.   | Casa do Despacho (?) por detrás da sacristia.             | Enterramentos num dos claustros cedidos pelos frades (séc. XVIII ?), também no claustro da Portaria.   | Extramuros; Urbano; Construída com o patrocínio de monarcas portugueses.   |

**Quadro 5 (cont.)**

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b> | <b>Eclosão</b>                 | <b>Cronologia</b>   | <b>Igreja / Capela</b>                         | <b>Relação com a Igreja dos frades</b>   | <b>Relação dos espaços com convento</b> | <b>Outros espaços</b>  | <b>Partes integrantes da capela</b> | <b>Coberturas</b>   | <b>Sacristia</b>                        | <b>Consistório</b>                                   | <b>Cemitério</b> | <b>Inserção no terreno Destaques</b>  |
|---|--------------------------------|---|--|--|---|--|-------------------------------------|---|---|--|------------------|---|
| <b>Serpa</b><br><b>Convento Santo António</b> | Fundação em data desconhecida. | Séc. XVII, início: época das construções Séc. XVII: 1 <sup>as</sup> décadas: execução dos azulejos (?). | Capela de espaço único de planta longitudinal. | Capela adossada á igreja dos frades, do lado da Epístola, paralela a ela: articula-se, à esquerda, com a capela-mor conventual por vão de porta; e com a capela de Santo António por outra aberta na parede fundeira Primeiro: a ligação com a capela dos frades era feita por arco amplo rasgado na nave (actualmente entaipado). | Capela de planta longitudinal.          | Outras salas, desenvolvidas em corpo adossado à capela, do lado direito, por porta (que não foi aberta) com lance de escada e 2 pisos. | Capela de espaço único.             | Abóbada de berço com pintura ilusionista, com elementos arquitecturais e figuração. | Possivelmente em sala do lado esquerdo. | Possivelmente no 1º piso do corpo adossado à capela. | N. d.            | Convento rural, de interior; Em baixa;<br><br>Capela riscada com grande lhanza e simplicidade; boa harmonia de membros arquitecturais; Trabalho notável azulejar, com silhares monocromos a cobrir integralmente o pé-direito das paredes<br>Obra sofisticado do barroco. |

**Quadro 5 (cont.)**

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b> | <b>Eclôso</b>                    | <b>Cronologia</b>   | <b>Igreja / Capela</b>   | <b>Relação com a Igreja dos frades</b>  | <b>Relação dos espaços com convento</b> | <b>Outros espaços</b>   | <b>Partes integrantes da capela</b>  | <b>Coberturas</b>  | <b>Sacristia</b>  | <b>Consistório</b>  | <b>Cemitério</b>   | <b>Inserção no terreno Destaques</b>   |
|---|----------------------------------|---|--|---|---|---|--|--|---|---|--|--|
| <b>Faro</b><br><b>Convento São Francisco</b>  | Séc. XVI, final: surgimento (?). | 1597: frades cederam uma de 4 capelas; 1676: licença para capela própria; 1679: início de obras; 1703: bênção da capela; 1714: construção do 1º retábulo da capela-mor 1718: licença para colocar azulejaria 1834: começa decadência; 1722 / 1725: douramento de talhas 1732 e 1733: molduragem de janelas em talha; 1755: igreja, sacristia, claustro, quintal, em ruína 1756: início de reparações 1796: obras; mudança de orientação da igreja; séc. XIX, início: reparações 1834: posse temporal da igreja dos frades; perderam-na, mas utilizaram a cantaria na construção da capela do cemitério. | 1.º: Cape-la na igreja dos frades: à entrada do templo, do lado do Evangelho 2.º: Capela dos Terceiros ou Igreja de São Francisco (à esquerda do edifício conventual). | As instalações da Ordem Terceira surgiram entre muros, em adossamento, do lado esquerda ao antigo convento. | Igreja de planta Longitudinal.          | Portaria aberta no frontispício que dá acesso para pequeno claustro de traça clássica, com arcada de dois registos, com arcadas no térreo (séc. XVIII); dá para logradouro (a N.) com pequena capela funerária; Outras dependências; Campanário de frontão rasgado para 3 sinos (1780); Capela funerária no logradouro. | Frontispício; Capela-mor, arco cruzeiro Vasto cruzeiro de planta octogonal, Nave com coro-alto Púlpito do lado do Evangelho. | Capela-mor: abóbada de berço Cruzeiro: cúpula oitavada Nave. abóbada de berço, de lunetas Galerias do claustro: abóbadas artesoadas. | Sacristia aberta na galeria Sul do claustro com arcas e pequeno lavabo, com acesso para a Igreja dos Terceiros. | 1º: Uso da Casa do Capítulo para reuniões da Mesa; 1742: Casa do Despacho concluída, aberta sobre a sacristia no piso superior. | 1º: Sepulturas sob o pavimento da primitiva capela; 2º: Lápides de covas funerárias no pavimento do claustro (até 1865); 1845: início da construção de um cemitério, adossado às suas instalações (até 1910 quando foram obrigados a exumar no Cemitério Municipal). | Extramuros; Em esplanada, ao nível do mar, junto a água; Juntamente com Tavira foi das 1ªs Ordens Terceiras fundadas no Algarve; Perfeição arquitectónica superior a qualquer outra já construída na Província; Talha delicada de formas sinuosas e marmoreados policromos; Diversidade de manifestações de arte e estilos artísticos que produzem forte impacto visual, singular; A Ordem Terceira guarda acervo interessante de imagens de roca usadas nas procissões de Cinzas e das Dores. |



**Quadro 5 (cont.)**

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b>      | <b>Eclosão</b>   | <b>Cronologia</b>   | <b>Igreja / Capela</b>  | <b>Relação com a Igreja dos frades</b>   | <b>Relação dos espaços com convento</b> | <b>Outros espaços</b>   | <b>Partes integrantes da capela</b>  | <b>Coberturas</b>  | <b>Sacristia</b>  | <b>Consistório</b>                             | <b>Cemitério</b>   | <b>Inserção no terreno Destaques</b>   |
|--|--|---|---|--|---|---|--|--|---|--|--|--|
| <b>Tavira</b><br><br><b>Convento São Francisco</b> | 1328: alvares de Terceiros na povoação<br>1670: erecção canónica pouco posterior a esta data | 1686: Aprovação dos estatutos;<br>1729: Confirmação dos estatutos;<br>1730: Licença para edificar a Casa dos Santos;<br>1743: Casa do Despacho;<br>1834: Convento passou para a Ordem Terceira até ser vendida a um particular;<br>1843: ruiu parte do convento e da capela dos Terceiros / a capela teve obras que lhe mudaram a primitiva orientação;<br>1881: Incêndio obrigou a obras com abertura de novo portal, para o Lg. de São Francisco;<br>1884: bênção solene da Igreja;<br>1903: anulação de licença para enterros em solo próprio. | 1.º: Ocupação de capelas da igreja dos frades (na época, situada no lado do Evangelho (topo do braço esquerdo do transepto) (finais séc. XVII, inícios do XVIII). | Construída no braço direito do transepto | Planta em cruz latina.                  | Casa dos Santos com ligação directa para a igreja dos frades, à entrada da Igreja, do lado do Evangelho; 12 nichos, 6 de cada banda, de madeira talhada e dourada com imagens sacras de roca e de vulto<br>Capela dos Terceiros: no braço do transepto do lado da Epístola. | Frontispício (a N.);<br>Capela-mor: retábulo e teia;<br>Transepto com cruzeiro;<br>Nave única com dois altares laterais;<br>Púlpito;<br>Coro-alto. | Capela-mor: abóbada de berço, arco de volta inteira;<br>Capela dos Terceiros: domo em meia esfera com óculo;<br>Cruzeiro: domo de arco elíptico assente em trompas com óculo;<br>Nave: coro-alto: domo de meia esfera, com tambor e zimbório;<br>Sacristia: abóbada de cruzaria sextapartida<br>Casa do Despacho: tecto de masseira. | Anexa à capela-mor do lado do Evangelho (incêndio em 1881). | Casa do Despacho (1743) com tecto de masseira. | Em solo da Casa dos Santos: consta em 1794<br>1794: cemitério em terreno próprio, junto às instalações: Campo Santo No adro da Igreja (?). | Extramuros;<br>Em plataforma de cerro;<br><br>Gótico na sacristia e em 2 capelas em ruína;<br>Estuque pintado com marmoreado;<br>Talha dourada em ornamentação muito profusa.<br>Primeira Irmandade religiosa laica a assumir-se em funções em Tavira. |

**Quadro 5 (cont.)**

| <b>Ordens Terceiras ligadas aos Conventos</b> | <b>Eclosão</b>                          | <b>Cronologia</b>   | <b>Igreja / Capela</b>  | <b>Relação com a Igreja dos frades</b>          | <b>Relação dos espaços com convento</b> | <b>Outros espaços</b>  | <b>Partes integrantes da capela</b>   | <b>Coberturas</b>  | <b>Sacristia</b>  | <b>Consistório</b>  | <b>Cemitério</b> | <b>Inserção no terreno Destaque artístico</b>  |
|---|---|---|---|---|---|--|---|--|---|---|------------------|--|
| <b>Loulé</b><br><b>Convento São Francisco</b> | 1328: alvares de Terceiros na povoação. | (?): existência de Ordem Terceira no Convento de Santo António dos Capuchos (saída de Loulé) posterior aos da Igreja de São Francisco (na vila, adstritos a Faro); 1518: Terceiros na Capela de São Sebastião (dependentes do Convento de São Francisco, depois de Nossa Senhora da Graça (de Agostinhos); 1738: licença para construção de igreja própria; 1817: pedido dos Terceiros franciscanos ao Papa, de privilégios maiores do que tinham os Capuchos; 1834: ficaram os Terceiros franciscanos; 1890: cedência da Igreja para a Diocese de Loulé. | Capela de São Sebastião (do séc. XVI); no arrabalde de Loulé Igreja de São Francisco em (1738). | Isolada sem ligação física a qualquer convento. | Não aplicável.                          | Vários corpos adossam-se entre si e à Igreja: Casa do Despacho no piso superior; outras salas de apoio à Irmandade (hoje da Igreja paroquial). | Frontispício; Capela-mor: com retábulo e silhares azulejares historiados nas paredes laterais; Cruzeiro; Nave; Coro-alto. | Capela-mor: abóbada de berço em tabuado com pintura Cruzeiro: abóbada de cúpula em meia esfera com penetrações Nave: abóbada de berço. | Adossada à igreja do lado do Evangelho, com passagem directa. | Casa do Despacho no piso superior, em corpo adossado à igreja, à direita. | N. apl.          | Extramuros; Urbano; Em planura de interior; Exterior de estrema lhanza, em “estilo chão” com ornamentação barroca simples Interior: talha dourada pintada sobre branco, marmoreados (rococó); Óculo aberto na sacristia, talvez único vestígio da primitiva capela de São Sebastião. |

**Quadro 5 (cont.)**

| Ordens Terceiras ligadas aos Conventos                         | Eclosão   | Cronologia  | Igreja / Capela  | Relação com a Igreja dos frades                                       | Relação dos espaços com convento  | Outros espaços                             | Partes integrantes da capela   | Coberturas   | Sacristia  | Consistório  | Cemitério  | Inserção no terreno Destaque artístico   |
|--|---|---|--|---|---|--|--|--|--|--|--|--|
| <b>Funchal</b><br><b>Convento São Francisco</b><br>[Derrubado] | Séc. XVII, meados: fundação da Ordem Terceira (?) | 1683: Alusão reportada a um Comissário da Ordem Terceira, do convento 1834: os Terceiros abandonaram o convento juntamente com os frades, e instalaram-se fora 1933: entrada na posse da Capela de São Pedro. | Única menção encontrada: a Ordem Terceira construíra a 1ª capela no lado da Epístola, dedicada a Santa Isabel de Portugal, na igreja dos frades. | N. apl.   | N. apl  | N. apl                                     | N. apl   | N. apl   | N. apl   | N. apl   | Permissão para enterramento na sua Capela de Santa Isabel. | Em planura, não longe do mar;<br><br>Considerada a capela mais ampla das quatro existentes na igreja dos frades, com porta travessa para o adro do convento. |
| <b>Angra do Heroísmo</b><br><b>Convento São Francisco</b>      | 1625: Já organizados                              | 1625: eleição do Discretório e reunião da Mesa na Casa do Capítulo 1706: as reuniões passaram para Capela própria 1910: a Ordem Terceira entrou em decadência.  | 1.º: Ocupação de espaço na igreja dos frades (?); e da Casa do Capítulo para reuniões Depois: Capela própria:                                    | Capela erguida ao lado da Epístola, adossada á capela-mor dos frades. | Casa do Capítulo para reunião da Mesa em edificação adossada ao convento do lado direito. | Pequeno jardim nas traseiras da edificação | Capela-mor dividida do corpo por uma teia em balaustrada de jacarandá de; cabeceira com retábulo neoclássico; altar com camarim de trono piramidal; nichos laterais; porta à direita de acesso às outras instalações dos Terceiros. A entrada é por arco de volta perfeita, com gradeamento de madeira, com portadas | Tecto em arco de berço em tabuado, onde se vislumbra vestígios de pintura antiga, com ramagens vegetalistas e, ao centro, uma cartela com letreiro | É iluminada por janelas horizontais de capialço; tem um discreto lavabo em pedra; o tecto é plano em madeira decorado a artesoadado, com delicada talha lavrada de folhagens com policromia intensa. | Abre-se sobre a sacristia, de dimensões equilibradas; as janelas dão sobre o terreiro de São Francisco; o tecto é de madeira em masseira; num dos topos tem uma forma de capela rasa preenchida por uma pintura a óleo, uma “Descida do Espírito Santo”. | N. a.  | Urbano; Em plataforma na aba de colina;<br><br>Adoptou a denominação: <i>Custódia de Santa Isabel</i> .  |

<sup>1</sup> Talha dourada e marmoreado segundo o modelo do de Santa Cruz de Coimbra, ainda pouco comum na época (Cf. Nelson Correia BORGES (2). “A Ordem Terceira de Coimbra – Estabelecimentos dos Franciscanos em Coimbra”. *Paz e Alegria*. Braga : Editorial Franciscana, 1986, ano X, Maio-Junho, n.º 57, p. 25).

<sup>2</sup> Cf. *Idem. Ibidem, loc. cit.*

**Quadro 6**

**Disposição dos principais espaços das Ordens Terceiras entre si e em relação aos conventos em Portugal**

| CONVENTOS                          |                           | Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa | Convento de São Francisco de Guimarães | Convento de São Francisco de Angra do Heroísmo | Convento de São Francisco do Porto | Convento de São Francisco de Coimbra: | Convento de São Francisco do Funchal | Convento de São Francisco de Tavira:                      | Convento de Santo António de Aveiro | Convento de São Francisco de Faro: | Convento de Santo António de Charnais | Convento de Santo António de Serpa |
|------------------------------------|---------------------------|---|--|--|------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|---|-------------------------------------|------------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------|
| RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS             |                           |   |  |  |                                    |                                       |                                      |   |                                     |                                    |                                       |                                    |
| <b>ORDEM TERCEIRA COM CONVENTO</b> | <b>À direita</b>          |   | Adossada à portaria do convento        | Adossada à igreja                              |                                    |                                       |                                      | Espaços sacros na igreja do lado da epístola <sup>1</sup> |                                     |                                    |                                       | Adossada à igreja                  |
|                                    | <b>À esquerda</b>         |   |  |  | Adossada                           | Adossada à igreja                     |                                      | Edifícios administrativos                                 | Adossada à igreja                   | Independente                       | Adossada à igreja                     |                                    |
|                                    | <b>Sem espaço próprio</b> | 2 capelas num claustro                        |  |  |                                    |                                       | Uma das capelas da nave da igreja    |   |                                     |                                    |                                       |                                    |

Quadro 6 (cont.)

| CONVENTOS                      |                                   | Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa | Convento de São Francisco de Guimarães | Convento de São Francisco de Angra do Heroísmo | Convento de São Francisco do Porto | Convento de São Francisco de Coimbra: | Convento de São Francisco do Funchal           | Convento de São Francisco de Tavira: | Convento de Santo António de Aveiro | Convento de São Francisco de Faro: | Convento de Santo António de Charnais                                  | Convento de Santo António de Serpa  |  |
|--------------------------------|-----------------------------------|---|--|--|------------------------------------|---------------------------------------|--|--------------------------------------|-------------------------------------|------------------------------------|--|---|--|
|                                |                                   | RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS                        |  |  |                                    |                                       |  |                                      |                                     |                                    |  |   |  |
| CAPELA COM A IGREJA DOS FRADES | Engastada na perpendicular à nave | Lado do Evangelho                             |  |  |                                    | À entrada da igreja <sup>2</sup>      |  |                                      |                                     |                                    |  |   |  |
|                                |                                   | Lado da Epístola                              | No cruzeiro                            |  |                                    |                                       | Primeira capela com porta travessa para o adro |                                      |                                     |                                    |  |   |  |
|                                | Paralela                          | Lado do Evangelho                             |  |  |                                    |                                       |  |                                      | Adossada com arco de ligação        | Indpendente                        | Capela do Senhor dos Passos Independente com ligação à 1. <sup>a</sup> |   |  |
|                                |                                   | Lado da Epístola                              |  |  | Adossada à capela-mor <sup>3</sup> |                                       |  |                                      |                                     |                                    |  | Adossada com porta de acesso à nave e outra a capela lateral da igreja <sup>4</sup> |  |
|                                |                                   | No cruzeiro                                   |  |  |                                    |                                       |  |                                      | Acesso pelo cruzeiro                |                                    |  |   |  |
|                                | Independente adossada ao convento | Lado do Evangelho                             |  |  |                                    | Perpendicular Adossada à portaria     |  |                                      |                                     |                                    |  | 1. <sup>a</sup> capela: adossada 90° à igreja                                       |  |
|                                |                                   | Lado da Epístola                              |  |  |                                    |                                       |  |                                      |                                     |                                    |  |   |  |
|                                |                                   | Outro   |  | Fachadas fronteiras                            |                                    |                                       |  |                                      |                                     |                                    |  |   |  |

**Quadro 6** (cont.)

| CONVENTOS              |                        | RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS                        |  |  |                                    |                                       |                                      |   |                                     |                                    |  |                                    |
|------------------------|------------------------|---|--|--|------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|---|-------------------------------------|------------------------------------|--|------------------------------------|
|                        |                        | Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa | Convento de São Francisco de Guimarães | Convento de São Francisco de Angra do Heroísmo | Convento de São Francisco do Porto | Convento de São Francisco de Coimbra: | Convento de São Francisco do Funchal | Convento de São Francisco de Tavira:            | Convento de Santo António de Aveiro | Convento de São Francisco de Faro: | Convento de Santo António de Charnais        | Convento de Santo António de Serpa |
| SACRISTIA COM A CAPELA | Adossada á cabeceira   | Por de trás da capela                         |  |  |                                    |                                       |                                      | Nada a assinalar (N. a.).                       |                                     |                                    |  |                                    |
|                        | Adossada às ilhargas   | Lado do Evangelho                             |  |  |                                    | Com porta de acesso                   |                                      |   | Com porta de acesso à capela-mor    | Com porta de acesso à capela-mor   | Com porta para a Capela do Senhor dos Passos |                                    |
|                        |                        | Lado da Epístola                              |  |  | Com antecrisita, com porta         |                                       | Com porta de acesso                  |   |                                     |                                    |  | Com porta de acesso                |
|                        | Antessala de premeio   |   |  |  |                                    |                                       |                                      |   |                                     |                                    |  |                                    |
|                        | Outro                  |   |  | Separada por corredor, por trás da cabeceira   |                                    |                                       |                                      |   |                                     |                                    |  |                                    |
| CASA DE ORAÇÃO         | Perpendicular à capela |   |  |  |                                    |                                       |                                      | À entrada da igreja na nave do lado da epístola |                                     |                                    |  |                                    |
|                        | Independente           |   |  |  |                                    |                                       |                                      |   |                                     | N. d.                              | N. d.  | N. a.                              |
|                        | Outro                  | Na Casa do Capítulo do convento               | N. a.                                  | N. a.  | N. a.                              | N. a.                                 | N. d.                                |   |                                     |                                    |  |                                    |
| CASA DOS SANTOS        |                        | Adossada à capela lado do Evangelho           | N. a.                                  | N. a.  | N. a.                              | N. a.                                 | N. d.                                |   | Compartilha com a sacristia         | N. d.                              | N. d.  | N. a.                              |

**Quadro 6** (cont.)

| CONVENTOS                       |                                 | Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa | Convento de São Francisco de Guimarães  | Convento de São Francisco de Angra do Heroísmo | Convento de São Francisco do Porto | Convento de São Francisco de Coimbra: | Convento de São Francisco do Funchal | Convento de São Francisco de Tavira:            | Convento de Santo António de Aveiro | Convento de São Francisco de Faro:                               | Convento de Santo António de Charnais                       | Convento de Santo António de Serpa |
|---------------------------------|---------------------------------|---|---|--|------------------------------------|---------------------------------------|--------------------------------------|---|-------------------------------------|--|---|------------------------------------|
| RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS          |                                 |   |   |  |                                    |                                       |                                      |   |                                     |  |   |                                    |
| <b>PORTARIA</b>                 | Edifício à direita do convento  |   | Na ala da capela, à sua direita         | Adossada à ilharga da igreja                   |                                    | N. a.                                 | N. a.                                |   |                                     |  |   | Adossada ao convento               |
|                                 | Edifício à esquerda do convento |   |   |  | Fronteira à igreja                 |                                       |                                      | Adossada á igreja                               | Adossada à capela                   | Adossada à capela do lado do evangelho                           | Adossada à 1.ª capela                                       |                                    |
| <b>CONSISTÓRIO</b>              |                                 |   | Na ala que parte da capela; no 2.º piso | No 2.º piso, sobre a sacristia                 | No 2.º piso sobre a sacristia      | N. a.                                 | N. a.                                | Sobre a portaria no 2.º piso                    | No 2.º piso sobre a portaria        | No 2.º piso  | Sobre a portaria, no 2.º piso                               | No 2.º piso                        |
| <b>SECRETARIA</b>               |                                 |   | No térreo                               | No 2.º piso                                    | No 2.º piso                        | N. a.                                 | N. a.                                | No 2.º piso                                     | No 2.º piso                         | No 2.º piso  | No 2.º piso   | N. a.                              |
| <b>LOCAL FUNERÁRIO</b>          |                                 | Nos claustros do convento                     | N. a.                                   | N. d.  | Cripta sob a capela                | N. d.                                 | Na capela                            | Cemitério privado nas traseiras das instalações | N. a.                               | Cemitério privado à esquerda do claustro com capela; No claustro | Jazigo no cemitério da localidade nas traseiras do complexo | <sup>5</sup> N. a.                 |
| <b>CLAUSTRO / ESPAÇO ABERTO</b> |                                 |   | Galeria em volta de pátio com jardim    | N. a.  | N. a.                              | Quintal                               | N. a.                                | Pequeno pátio                                   | N. a.                               | Claustro adossado à ilharga esquerda da capela                   | N. a.   | Quintal                            |

**Quadro 6 (cont.)**

| CONVENTOS                             |                                   | Convento De São Francisco de Beja | Convento de São Francisco de Évora                   | Convento de São Francisco de Montemor-o-Novo |  |
|---------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|--|--|--|
| RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS                |                                   |                                   |  |  |  |
| <b>ORDEM TERCEIRA COM CONVENTO</b>    | À direita                         |                                   |  | Adossada                                     |  |
|                                       | À esquerda                        | Adossada                          | Adossada   |  |  |
|                                       | Sem espaço próprio                |                                   |  |  |  |
| <b>CAPELA COM A IGREJA DOS FRADES</b> | Engastada na perpendicular à nave | Lado do Evangelho                 | Com arco de ligação                                  |  |  |
|                                       |                                   | Lado da Epístola                  |  | Com arco de ligação                          |  |
|                                       | Paralela                          | Lado do Evangelho                 |  |  |  |
|                                       |                                   | Lado da Epístola                  |  |  |  |
|                                       |                                   | No cruzeiro                       |  | Do lado do evangelho                         |  |
|                                       | Independente adossada ao convento | Lado do Evangelho                 |  |  |  |
|                                       |                                   | Lado da Epístola                  |  |  |  |
|                                       | Outro                             |                                   |  |  |  |
| <b>SACRISTIA COM A CAPELA</b>         | Adossada á cabeceira              |                                   | Não verificado (N. v.)                               |  |  |
|                                       | Adossada às ilhargas              | Lado do Evangelho                 |  | Na perpendicular                             |  |
|                                       |                                   | Lado da Epístola                  |  |  |  |
| <b>CASA DE ORAÇÃO</b>                 | Perpendicular à capela            |                                   | N. v.  | Do lado do evangelho                         |  |
|                                       | Independente                      |                                   |  | N. a.  |  |
|                                       | Outro                             |                                   |  |  |  |
| <b>CASA DOS SANTOS</b>                |                                   | N. a.                             | Adossada à Casa de Oração partilha com o consistório | N. a.  |  |
| <b>PORTARIA</b>                       | Edifício à direita do convento    |                                   |  | Com entrada pelo pátio                       |  |
|                                       | Edifício à esquerda do convento   | Adossada ao convento              | Adossada aos espaços sacros                          |  |  |
| <b>CONSISTÓRIO</b>                    |                                   | N. v.                             | Partilha com a Casa                                  | No 2.º piso                                  |  |



|                                 |       |             |       |
|---------------------------------|-------|-------------|-------|
|                                 |       | dos Santos  |       |
| <b>SECRETARIA</b>               | N. v. | N. a.       | N. a. |
| <b>LOCAL FUNERÁRIO</b>          | N. v. | Nas capelas | N. v. |
| <b>CLAUSTRO / ESPAÇO ABERTO</b> | N. v. | N. d.       | Pátio |

<sup>1</sup> Começou por ocupar uma das capelas da igreja dos frades no lado do Evangelho, no topo do braço esquerdo do transepto (sendo o templo de planta em cruz latina), confinante com o Largo de São Francisco, com construção dos finais do século XVII e o início do Século XVIII. Como deixa adivinhar as palavras "... a capela-mór passou a estabelecer-se na riquíssima capela dos Terceiros..." in VASCONCELO. *Op. cit.*, 1989, p. 210, que refere na continuação da frase, ter essa mesma igreja sido palco de chamas em 1881, ficando completamente destruída. Há notícia de, em 1701, ter sido encomendado ao escultor de Faro, João Baptista um retábulo para a sua decoração e de, em 1717, o dourador Manuel Afonso Guerreiro ter procedido ao respectivo douramento, processo que foi necessário repetir em 1751 (cf. ANICA. *Op. cit.*, vol. II, cap. III, p. 99).

<sup>2</sup> Foi o local definitivo encontrado pelos Terceiros. Teve arco de ligação com a igreja. Primeiramente tiveram assento em uma capela pertencente à igreja dos frades, numa capela colateral ao altar-mor, do lado do Evangelho, juntamente com o espaço que lhe ficava fronteiro no cruzeiro, para enterramento dos confrades defuntos. Esse acordo ficou assente em documento assinado em 4 de Fevereiro de 1666. Em 1739, por troca com aquela, foi-lhes cedida a capela de São Pascoal Bailão e consentido construir os espaços que lhes eram necessários, para além da zona sagrada da pequena capela, sob compromisso de não abrirem porta alguma para fora e de colocarem grades nas janelas que rasgassem para o exterior. Daqui resultaria a igreja que têm modernamente.

<sup>3</sup> Teve arco de ligação com a igreja.

<sup>4</sup> A antiga ligação com a capela dos frades era feita por arco amplo rasgado já na nave e que actualmente se encontra entaipado, com um altar colocado da banda da igreja. O arco foi fechado no ano de 1925, quando das obras de adaptação para instalação do Seminário Diocesano, para emparceirar com o altar que lhe estava fronteiro.

**Quadro 7**

**Ordens Terceiras na alçada espiritual de Conventos Franciscanos em Portugal**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco no Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa<sup>1</sup></b> |  |
|---|--|
| <b>Surgimento / Fundação</b>  | 1615, 12 de Julho <sup>2</sup> - Frei Inácio Garcia, missionário Apostólico da Província espanhola de Maiorca <sup>3</sup> ; organizou na Corte de Lisboa <sup>4</sup> uma associação de Terceiros Franciscanos e lançou os primeiros hábitos no Convento de São Francisco da Cidade <sup>5</sup> .  |
| <b>Dados cronológicos</b>   | 1615 – Formação dos primeiros noviços.<br>1616 – Publicação das “Ordenações da Terceira Ordem” pelo Vigário Geral da Família Franciscana da Observância, Frei António do Trejo; organização das primeiras procissões da Ordem.<br>1616, 13 de Abril – Assinatura das Ordenações em Castela, no Convento de São Francisco de Madrid ( <i>As formas de dar o hábito e as profissões aos Irmãos e Irmãs Terceiras de São Francisco</i> ) <sup>6</sup> .<br>1617 – Eleição para a formação do primeiro Directório para eleição do primeiro Ministro da Ordem, o Licenciado Lourenço de Geris, então Mestre das cerimónias na Sé Patriarcal <sup>7</sup> .<br>1620 - Reimpressão das <i>Ordenações da Ordem Terceira</i> .<br>1644 – Alcance do ponto alto em Lisboa da Irmandade com a ajuda dos comissários, com altas figuras da sociedade civil, militar e religiosa da época, e gente humilde <sup>8</sup> .<br>1671 / 1672 – Construção de três enfermarias para acolhimento de irmãos, irmãs, e estranhos à Ordem necessitados, cada uma com sua capela preparada para officiar missas (instalações destruídas aquando do terramoto) <sup>9</sup> .<br>1686 - Reimpressão da Ordenações da Ordem Terceira.<br>1741 - Incêndio arruína a capela dos Terceiros.<br>1747 - Pregação de Sermão na capela dos Terceiros, recuperada do incêndio que a destruíra.<br>1755 – Pedido dos Terceiros para lhes ser entregue a igreja conventual, após o terramoto, já profanado e desocupado <sup>10</sup> , o que conseguiram por algum tempo.<br>1770 - Adjudicação de terreno próximo à capela para construção de um hospital, concluído em 1779.<br>1838, 11 de Fevereiro – Transferência dos Terceiros para o Real Hospício de São João Napomuceno, devido às poucas condições de uso da igreja.<br>1839 – Demolição da igreja conventual <sup>11</sup> ; No entanto os Terceiros mantiveram a direcção da vida espiritual da sua comunidade por sacerdotes que tinham adquirido o poder que, por direito, pertencia aos religiosos da Primeira Ordem, propostos pela mesa administrativa à confirmação do Núncio Apostólico de Lisboa. |
| <b>Locais de culto e reunião</b>  | - Duas capelas abertas no claustro da portaria: foi o primeiro local ocupado pela Irmandade em espaço conventual <sup>12</sup> .<br>- Casa do Capítulo numa das galerias do claustro (o que ficava mais perto da igreja), ocupando uma grande área, teria sido utilizada pela Irmandade para os “santos exercícios” e principalmente durante a Semana Santa <sup>13</sup> .<br>- Capelas nas galerias do claustro junto à igreja.<br>- Duas das seis capelas, nas galerias do claustro junto à portaria conventual, passaram a pertença dos Irmãos Terceiros, Capela do Santo Cristo, e Capela do Santuário <sup>14</sup> .  |
| <b>Templo próprio</b>   | Capela do Bom Jesus de Portugal onde se instituiu a Ordem, com construção em data desconhecida <sup>15</sup> .   |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>   | Na igreja conventual, do lado Epístola, no cruzeiro, junto a uma capela também pertença de uma Irmandade, dedicada a São Diogo <sup>16</sup> .   |
| <b>Partes integrantes da capela</b>   | Nada a assinalar   |

## Quadro 7 (cont.)

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| <b>Sacristia</b>                  | Há notícia de uma “sacristia grande” por trás da capela <sup>17</sup> .   |
| <b>Santuário</b>                  | Há menção a um “Santuário” aberto do lado do Evangelho fronteiro a uma janela <sup>18</sup> .   |
| <b>Consistório</b>                | Não definido.   |
| <b>Claustro</b>                   | Utilização dos claustros conventuais.   |
| <b>Outras instalações</b>         | Sala : notificada por trás da “sacristia grande” pertença da Ordem Terceira, com mobiliário e alfaias ornamentais de culto, seus pertences <sup>19</sup> .  |
| <b>Exumação de corpos</b>         | - Nos corredores dos vários claustros <sup>20</sup> .<br>- Em capelas abertas para os claustros (Capela do Santo Cristo, onde se enterravam os Padre Comissários e os Irmãos da Ordem de “virtude conhecida”; Capela do Santuário n os funerais dos Irmãos Mesários) <sup>21</sup> .  |
| <b>Implantação no terreno</b>     | O Convento foi fundado em Lisboa no ano de 1217, no Monte Fragoso, no cimo da escarpa conhecida então por Barrocal <sup>22</sup> , hoje, Largo do Corpo Santo, à época, banhado pelo Tejo; o templo e a portaria conventuais virados para o largo do Cruzeiro (actual Largo da Academia de Belas-Artes) dando, as traseiras, para a rua Serpa Pinto. Os terrenos foram escolhidos pelos frades e doados pelo governo da cidade.                 |
| <b>Características artísticas</b> | Há notícia de a capela ser de grande beleza, com tribuna em talha dourada e o tecto pintado, tendo, de cada lado, dependurados, painéis com cenas da Paixão de Cristo, em molduras de talha dourada; do barroco e proto-barroco.<br>As galerias claustrais ao cuidado dos Terceiros, receberam restauros e embelezamento necessários, de que se destaca o revestimento azulejar dos muros, relevante para as procissões que nele se realizavam. |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>      | Nada a assinalar da Ordem Terceira <sup>23</sup> . O franciscano é conjunto considerado Imóvel de Interesse Patrimonial <sup>24</sup> .   |

<sup>1</sup> O Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa foi erguido no século XIII, fundado por Freire Zacarias (este frade tinha chegado ao país três anos antes, parara em Alenquer onde deixaria uma reduzida comunidade religiosa a construir um convento, e partiria para Lisboa para prover à construção do novo convento da cidade, com a ajuda de outros companheiros que para esse fim pediu viessem de Itália) (Cf. Frei Manuel da ESPERANÇA, 1586-1670. *Historia seráfica da ordem dos frades menores de S. Francisco na provincia de Portugal*, Lisboa : Officina de manolo & Joseph Lopes Ferreyra, 1656-1721, 1666, L. II, fl. 186, col. esq.); corria o ano de 1217 (cf. P. M. da S. P. [Presbítero Secular Marcelino da Silva Pimentel], Coruche, 1715-?. *Relação do notável incêndio, e lastimoso estrago, que houve no Real Convento de S. Francisco da Cidade, em quinta feira 30 de Novembro de 1741*. Lisboa : Offic. Alvarense, 1741, p. 5); foi construído fora de portas, num local de explorações agrícolas, frente à antiga Ribeira das Naus. Do enorme conjunto religioso franciscano de Lisboa (a área ocupada no período áureo era tão grande que foi chamado “a cidade de São Francisco” de acordo com P. M. da S. P. *Relação do notável incêndio, e lastimoso estrago, que houve no Real Convento de S. Francisco da Cidade, em quinta feira 30 de Novembro de 1741*. Lisboa : Offic. Alvarense, 1741, p. 5.), após sofrer uma série de vicissitudes, restaram os corpos que ocupam um amplo quarteirão da freguesia dos Mártires, em pleno centro histórico e urbano lisboeta, articulando-se entre as ruas Capelo, Ivens<sup>1</sup>, Serpa Pinto e Victor Córdon, bordejando, por fora, a baixa pombalina.

<sup>2</sup> Poucos anos depois das conclusões saídas do Capítulo Geral de Toledo, realizado no ano de 1606.

<sup>3</sup> Atraíu figuras, como o rei D. João IV, a rainha D. Luísa Francisca de Bragança (1613-1666) e o príncipe D. Teodósio Bragança (1634-1653), escolhido por Frei Marcos de Lisboa para fazer crescer o grupo dos Terceiros que ele próprio fizera renascer em Portugal. O P.º Frei Marcos de Lisboa lançara na Sé de Viseu, os que ficaram considerados como os primeiros hábitos de Terceiros, após a Reforma da Ordem [cf. ESPERANÇA, SOLEDADE, FERREIRA. *Op. cit.*, fl. 167-17. *Historia seráfica da ordem dos frades menores de S. Francisco na provincia de Portugal*. Em Lisboa : na officina Craesbeeckiana, 1656-1721; Frei Manuel da Esperança, 1666, L. II, p. 252, L. XI, p. 538 col. dtª e 539 col. esq]; ainda, Câmara Municipal de Lisboa. *..História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa : na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, Advertência de Durval Pires de LIMA (historiador do início do século passado). Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1948, t. I, Publicação impressa do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, escrito em 1704 e 1708; Lisboa, C.M.L., t. *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa : na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, Advertência de Durval Pires de Lima (historiador do início do século passado). Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, t. I, Cap. II, § IV, p. 75, 1948 (Publicação do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, escrito em 1704 e 1708). O cronista franciscano descrever a existência junto ao convento de um ermitão, frei João da Barroca, que foi muito considerado pela santidade que as gentes viram nele e que poderia ter sido um primeiro foco de Irmãos Terceiros junto ao Convento, e que a sua história,

perdurando por duas centúrias e meia, teria atraído Terceiros que ali se instalaram no Convento da Cidade de Lisboa no início do século XVIII; ainda, o facto de o cronista identificar pedras tumulares, que evidenciam ser de Terceiros no “claustro maior” (ESPERANÇA, SOLEDADE, FERREIRA. *Op. cit.*, L. II, p. 239, 240 e 244, 1666). Antes destes acontecimentos de um modo geral, a Ordem estava quase caída no esquecimento da memória das gentes portuguesas (cf. *Idem. Ibidem*, L. I, fls. 250 e sgs.). Porém, a meio do século XVII fundou-se ainda em Lisboa, entre outras Ordens Terceiras, a de Nossa Senhora de Jesus no Convento dos Terceiros Regulares (actual igreja da paróquia das Mercês), mas, porque eram regulares, organizaram-se em moldes diferentes dos Seculares.

<sup>4</sup> *Idem. Ibidem*, L. II, fl. 252, col. dt<sup>a</sup>.

<sup>5</sup> A estes se foram juntando muitos mais, levados pelos actos e pregações de índole religiosa, que tomaram, entretanto, lugar naquele convento; entre outros referentes à vida do Convento de São Francisco da Cidade (cf. Bartolomeu P.<sup>o</sup> Bartolomeu RIBEIRO, OFM *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular – Esquema Histórico de 1217 a 1834 e Crónica Sucinta da província dos Santos Mártires de Marrocos*. Braga, 1946 *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular – Esquema Histórico de 1217 a 1834 e Crónica Sucinta da província dos Santos Mártires de Marrocos*, p. 54, 56 e 57); há, ainda, informação sobre o cerimonial intitulado “Directório para lançar hábitos, profissões de noviços e outros actos da venerável e Sagrada Ordem Terceira da Penitência [...] no Real Convento de São Francisco da cidade de Lisboa” (cf. “Âmbito Conteúdo” in Direcção Geral de Arquivos : AN/TT [Em linha]. Fundo PT-TT-PP : GFE - OFM Portugal, Província de Portugal, 1536, 1590, 1676-[18--]. [Consult. em 27-01-2010]. Disponível em [http://tonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqDb=Catalog&dsqCmd=Show.tcl&dsqSearch=\(RefNo==PT-TT-PP](http://tonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqDb=Catalog&dsqCmd=Show.tcl&dsqSearch=(RefNo==PT-TT-PP)).

<sup>6</sup> Foram de imediato mandas imprimir as 71 folhas que o constituíam e reimpressas em 1620, sendo que, em Coimbra se imprimiu a mesma versão em 1686, provavelmente para conhecimento e orientação da vasta Irmandade local, o que contribuiu para a expansão da Ordem (, t. Lisboa, C.M.L. *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa : na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, Advertência de Durval Pires de Lima (historiador do início do século passado). Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, t. I, Cap. II, § IV, p. 75, 1948 (Publicação do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, escrito em 1704 e 1708); ainda P.<sup>o</sup> Bartolomeu RIBEIRO. *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular – Esquema Histórico de 1217 a 1834 e Crónica Sucinta da província dos Santos Mártires de Marrocos*, p. 56.

<sup>7</sup> Cf. ESPERANÇA, SOLEDADE, FERREIRA. *Op. cit.*, L. II, fl. 252, col. esq.; também Bartolomeu RIBEIRO., t. *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular – Esquema Histórico de 1217 a 1834 e Crónica Sucinta da província dos Santos Mártires de Marrocos*, p. 55; ainda , Lisboa, C.M.L. *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa : na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, Advertência de Durval Pires de Lima (historiador do início do século passado). Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, t. I, Cap. II, § IV, p. 75, 1948 (Publicação do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, escrito em 1704 e 1708).

<sup>8</sup> Passariam de onze mil os Terceiros e Terceiras em Lisboa e foi incentivo para a fundação de novas irmandades em outros conventos que gravitavam, na época, em redor da capital (cf. . ESPERANÇA, SOLEDADE, FERREIRA. *Op. cit.*, L. II, fls. 252, col. dt<sup>a</sup> - fls 253, cols. esq<sup>a</sup> e dt<sup>a</sup>).

<sup>9</sup> Por decisão do padre Comissário Frei Domingos da Cruz (cf. . t. Lisboa, C.M.L. *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa : na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, Advertência de Durval Pires de Lima (historiador do início do século passado). Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, t. I, Cap. II, § IV, p. 78, 1948 (Publicação do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, escrito em 1704 e 1708).

<sup>10</sup> *Apud*, Arquivo da Ordem Terceira de São Francisco da Cidade : *L. de Termos da Junta Grande*, fl. 169 e sgs. Ref. de RIBEIRO. *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular – Esquema Histórico de 1217 a 1834 e Crónica Sucinta da província dos Santos Mártires de Marrocos*, p. 143 e 244.

<sup>11</sup> Margarida CALADO. *O Convento de S. Francisco da Cidade*. Lisboa : Faculdade de Belas Artes, 2000 Margarida , p. 35.

<sup>12</sup> Cf. . ESPERANÇA, SOLEDADE, FERREIRA. *Op. cit.*, L. II, fl. 254.

<sup>13</sup> Cf. Lisboa, C.M.L. *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa : na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, Advertência de Durval Pires de Lima (historiador do início do século passado). Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, t. I, Cap. II, § III, p. t. I. Cap. II, § III, p. 68, 1948 (Publicação do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, escrito em 1704 e 1708).

<sup>14</sup> Cf. t. I, Cap. II, § III, 1948 (Publicação do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, escrito em 1704 e 1708). Pensamos que esta capela possa ter sido a destinada à guarda das imagens religiosas, geralmente imagens de roca, que eram usadas nas procissões da semana Santa ou outras, pois é a designação que nos foi transmitida pela vice-ministra da Ordem Terceira de São Francisco de Tavira para uma capela mandada construir pelos Terceiros dessa cidade, no Convento Franciscano e que tinha a mesma finalidade.

<sup>15</sup> Cf. RIBEIRO. *Op. cit.*, 1946, p. 141 e 143. Teve o patrocínio de monarcas e de grande número de figuras da alta linhagem da Corte, que assim se podiam fazer-se sepultar no claustro do convento (foi, assim, jazigo dos Monteiros-mores do reino).

---

<sup>16</sup> As capelas da igreja eram patrocinadas por diferentes entidades / confrarias que delas cuidavam e se encarregavam dos actos religiosos que delas eram esperados, em determinados dias seleccionados pelo cânone católico. No entanto, também os próprios frades se encarregaram de benfeitorias como no que respeitou a ajuda dada para ornamentação do espaço da Ordem Terceira de São Francisco (cf. Lisboa, CML. *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa : na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, Advertência de Durval Pires de Lima (historiador do início do século passado). Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, t. I, Cap. II, § I, p. 59, 1948 (Publicação do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, escrito em 1704 e 1708. Esta irmandade, em 1704, contaria com mais de doze mil e quinhentos irmãos (cf. Margarida CALADO . . O Convento de S. Francisco da Cidade. Lisboa : Universidade de Lisboa, Faculdade de belas Artes, 2000, p. 22). Do lado oposto, da banda do Evangelho, reunia-se a Irmandade das Chagas de São Francisco, que tinham autorização para, em dias certos procederem à procissão do Cordão de São Francisco nos claustro do convento.

<sup>17</sup> Pela descrição, parece-nos que esta sacristia seria da própria Ordem Terceira, pois está notificado que a sacristia da igreja fica, saindo dela “(que he ainda a mesma que tinha a igreja antiga, quando a capella-mor della estava aonde agora fica a porta)” que, portanto, ficaria à entrada da igreja Manuelina, com passagem para um dos claustros (cf. ESPERANÇA, SOLEDADE, FERREIRA. *Op. cit.*, L. II, fl. 192, col. dt.<sup>a</sup>; ainda, CML. *Op. cit.*, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 59 e 67).

<sup>18</sup> O Santuário, parece tratar-se de uma pequena capela onde eram guardadas preciosidades místicas da Ordem, que teria um patrocinador com carneiro nela (cf. CML. *Op. cit.*, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 59).

<sup>19</sup> *Idem, ibidem, loc. cit.*

<sup>20</sup> A Ordem Terceira tinham alcançado privilégio de enterramento dos corpos dos Irmãos em determinados lanços do claustro. Primeiro os frades cederam-lhes alguns lances das galerias do claustro junto à igreja. Quando Esperança refere “o cemitério da sua (...) Ordem”, referindo Irmãos Terceiros defuntos, talvez se reporte a este claustro, onde seriam inumados apenas Irmãos da Ordem Terceira (cf. *Idem. Ibidem.*, L. II, p. 257, col. dt.<sup>a</sup> e 260, col. dt.<sup>a</sup>); os frades acabariam por lhes ceder os quatro corredores, ficando os Terceiros a administrá-los, ocupando-se, ainda da sua manutenção, sendo que os enterramentos dos frades era feito no outro claustro.

<sup>21</sup> Cf. CML. *Op. cit.*, 1948, t. I, Cap. II, § III, 1948. Pensamos que esta capela possa ter sido a destinada à guarda das imagens religiosas, geralmente imagens de roca, que eram usadas nas procissões da semana Santa ou outras, pois é a designação que nos foi transmitida pela vice-ministra da Ordem Terceira de São Francisco de Tavira para uma capela mandada construir pelos Terceiros dessa cidade, no Convento Franciscano e que tinha a mesma finalidade.

<sup>22</sup> Cf. ESPERANÇA, SOLEDADE, FERREIRA. *Op. cit.*, L. II, fl. 186, col. dt.<sup>a</sup>.

<sup>23</sup> O que resta do antigo Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, na sua tipologia pombalina, são os corpos paralelepípedicos de plantas quadrangulares em redor de pátios, onde tem grande visibilidade a cantaria de calcário e os silhares de azulejos policromos rococó, com o roxo-manganés, mas muito intervencionados. Do seu antigo templo com suas vinte quatro capelas assinaladas, nada resta (Cf. *Idem. Ibidem. Op. cit.*, fl. 195, col. esq.)

<sup>24</sup> Desde 30 de Novembro, pelo Dec. n.º 45/93, DR 280.

## Quadro 8

| <b>Ordem Terceira de São Francisco no Convento de São Francisco de Guimarães</b> |  |
|--|--|
| <b>Surgimento / Fundação</b>   | Séc. XIII - Guimarães dada como primeira povoação a receber Ordem Terceira de São Francisco (ainda sem congregação) <sup>1</sup> .<br>1615 – Renascimento dos Terceiros em Guimarães <sup>2</sup> , contemporânea da de Lisboa.  |
| <b>Dados cronológicos</b>  | 1615 - Notícia de estar a ser edificada, junto à portaria do convento, adossada a ele, uma capela própria de Terceiros.<br>1630 – Notícia de terem existido, antes desta data, dois comissários-visitadores franciscanos, o P.º Fr. Diogo Escôto e o P.º Fr. Vicente da Conceição para a Ordem Terceira <sup>3</sup> .<br>1743 / 1750 - Documentadas obras para acrescento de novas instalações, em terreno adquirido ao convento.<br>1746, 15 de Maio - Obras de construção da capela e da sacristia <sup>4</sup> .<br>1774, 19 de Maio – Noticiadas alterações da fachada <sup>5</sup><br>1791 – Substituição dos estatutos primitivos <sup>6</sup> .<br>1834 / 1852 – Permanência (um ano após a extinção das ordens religiosas) de um padre franciscano na assistência à Ordem Terceira <sup>7</sup> .<br>1875 – Aquisição pelos Terceiros da restante edificação conventual <sup>8</sup> .<br>1907 – início do funcionamento de uma creche regulamentada no espaço adquirido <sup>9</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>   | Nada a assinalar   |
| <b>Templo próprio</b>  | Capela de evocação à Senhora da Conceição, também conhecida por Capela de Nossa Senhora das Dores <sup>10</sup> .  |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>                        | Espaço ocupado à direita das instalações conventuais na sua continuidade, com adossamento de muros. Capela edificada perpendicular à igreja dos frades, independente dela, com porta principal para a rua <sup>11</sup> .  |
| <b>Partes integrantes do templo</b>  | Orientada a N. Fachada principal de forte impacto visual <sup>12</sup> ; fachada lateral, a E., repete o padrão decorativo do frontispício <sup>13</sup> . Salão <sup>14</sup> em planta longitudinal; capela-mor curta e estreita <sup>15</sup> ; arco triunfal <sup>16</sup> ; nave com dois altares colaterais <sup>17</sup> e um púlpito <sup>18</sup> ; coro-alto com órgão, com anteparo abalastrado, assente em arco abatido <sup>19</sup> ; sub-coro com guarda-vento em madeira e duas portas laterais; cobertura em abóbada de barrete de clérigo, ornamentada a estuque, assente em cornija.  |
| <b>Sacristia</b>   | Aberta por detrás da capela, com um corredor de permeio.   |
| <b>Santuário</b>   | Nada a assinalar.  |
| <b>Consistório</b>   | Aberto a meio da ala do actual asilo, no piso superior, com acesso pela escadaria monumental que parte da portaria.  |
| <b>Claustro</b>  | Determinado por uma planta quadrangular, onde se inserem quatro corpos articulados em quadra, organizados em redor de um pátio aberto e ajardinado, em três registos, com uma galeria claustral aberta no térreo, a que se sobrepõem-se dois pisos com corredores fechados por série de janelas que dão sobre o pátio. Articula-se com o antigo convento através de um vão aberto no topo E. do corpo S., mantendo, assim, uma ligação directa interior.   |
| <b>Outras instalações</b>  | Edifício do antigo Hospital adossado à capela <sup>20</sup> , continuando-se em ala conventual, com entradas principais pela fachada a Norte.  |
| <b>Exumação de corpos</b>  | Não definido.  |
| <b>Implantação no terreno</b>  | O complexo franciscano surgiu em ambiente rural nos seus primórdios, construído num terreiro fora de muros, arrostando resquícios da ruralidade que aí existia, as suas fachadas posteriores, com visibilidade para ruelas estreitas, quintais e diminutos cursos de água <sup>21</sup> ; presentemente, desfruta de meio urbano, com a sua mole e adro virados a uma alameda arborizada que absorveu o cruzeiro que integrou o antigo adro franciscano.   |

## Quadro 8 (cont.)

|  |   |
|--|---|
| <p><b>Características artísticas</b></p> | <p>Presença profusa de características inerentes aos fenómenos estilísticos intrínsecos ao Barroco Tridentino, festivo e céenico. Plástica clássicas do neoclássico presente na fachada a S. do antigo hospital evidenciado: na simetria de elementos compositivos, com eixo central marcado pela abertura do portal; nas pilastras colossais – elementos verticalizantes – que dividem o frontispício em três panos, contrapondo-se à horizontalidade emprestada pela grande largura da fachada plana; no remate superior do portal em frontão triangular; na balaustrada de remata superior dos panos laterais, com urnas sobre plintos no enfiamento das pilastras; nas fiadas de vãos de janelas em sobreposição, com remate em frontões contracurvados</p>   |
| <p><b>Aspectos patrimoniais</b></p>      | <p>O complexo franciscano de Guimarães é um conjunto arquitectónico considerado Monumento Nacional protegido por diplomas legais<sup>22</sup>, é pertença da Venerável Ordem Terceira de São Francisco desta cidade. Para além do seu valor artístico e histórico intrínseco, é detentor de avantajado tesouro artístico, de que são exemplo a igreja, a ante sacristia e a sacristia, com singulares recheios deslumbrantes, o claustro e a Sala do Capítulo conventuais (pertença da Ordem Terceira); ainda, a opulenta Igreja de Nossa Senhora das Dores ou dos Terceiros, igualmente detentora de valor arquitectónico e artístico. Trata-se de um acervo diversificado, contando com objectos de arte sacra de grande valor artístico e material: imaginária religiosa, paramentos bordados, mobiliário e vasta livraria com edições raras, para além de uma diversidade de telas de pinturas executadas entre o século XVIII e o século passado, em caixilhos elas próprias de grande valor artístico. Ressaltamos a particularidade do entrosamento da capela dos Terceiros com o convento e a peculiaridade de ela ter sido construída afastada da igreja conventual, ainda que com porta travessa virada para o seu frontispício<sup>23</sup>.</p> |

<sup>1</sup> Cf RIBEIRO. *Op. cit.*, 1946, p. 233. O historiador Fernando José Teixeira (Fernando José TEIXEIRA; co-autor, Francisco MACHADO, Agostinho GUIMARÃES, rev. de matriz. *Convento de S. Francisco [de] Guimarães*. Porto : - Marca - Artes Gráficas, 2000) remete-a para o ano de 1427 sem indicar contudo os documentos em que se apoia. Exemplo desta actividade secular será o facto de D. Constança de Noronha, Duquesa de Bragança ter tomado o hábito de terceira franciscana e custeado a construção da capela-mor da igreja conventual, no ano de 1461 (cf. Frei Francisco Leite de FARIA. *Revista Paz e Alegria*, n.º 45, Maio-Junho, 1984). No entanto a sua fundação canónica mantém-se desconhecida. Tal como aconteceu por todo o reino, esses Terceiros inorgânicos, quase pereceram, tendo sido recuperados, como Instituição, apenas no século XVII. É consistente com esta afirmação a existência de duas jovens, filhas do abade de São Romão de Mezão Frio, Gonçalo Mendes de Barros, que vestiram o habito de Terceiras de São Francisco, frequentando com assiduidade este Convento: D. Jeronyma que se dedicou a zelar pelos pobres, frequentando “todos os dias o mosteiro de São Francisco”, tendo falecido no ano de 1641, assim como sua irmã D. Anna de Barros, e outras senhoras que pedindo aquele hábito faziam vida em casa de seus familiares cumprindo todo o regulamento da Ordem Terceira (vide, a este respeito, P.º Torcato Peixoto de AZEVEDO. *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, Fac-simile da edição de 1692, Porto : Typographia da Revista, 1845, p. 373-375). As primeiras fraternidades conhecidas com sede na igreja do Convento, foram, a *Confraria das Chagas de São Francisco* ou de *São Francisco das Chagas* e a *do Cordão de São Francisco*, cuja existência seria anterior a 1606; no entanto, nesse ano, as duas fraternidades teriam mudado a sua sede para a Igreja de São Dâmaso, construída com hospital (cf. Bartolomeu RIBEIRO, OFM. *Os Terceiros franciscanos portugueses: Sete séculos da sua história*. Braga, Residência Leixões : Edição e depósito do Comissariado Nacional da OT, 1952, p. 233). A Confraria das Chagas fora instituída em Assis por Xisto V, antes de ser papa, em 1585; juntar-se-á à do Cordão que tinha existência desde os primórdios do franciscanismo; em 1641, existia em formação a Confraria das Chagas e do Cordão. Em 1609 ainda não existia a Ordem, pois nesse ano sabe-se que foram doados bens à Confraria das Chagas de São Francisco e do Cordão, “erecta na igreja do convento Franciscano, sem se aludir à Ordem Terceira” (cf. RIBEIRO. “Congregações Seculares dos Terceiros Franciscanos em Portugal : notas históricas, in *Boletim Mensal das Missões Franciscanas e da Ordem Terceira*. Braga, Ano XXXIV, Outubro de 1941, n.º 10, 1941, p. 279; ainda, *Idem*, 1952, p. 233).

<sup>2</sup> De acordo com documento existente no arquivo da Ordem Terceira de São Francisco de Guimarães, ela terá renascido em 1615, fundada por Frei António de Cristo (Vilar de Maçada, 1575 - Alenquer, 30 de Maio de 1653). [Cristo foi um místico franciscano da corrente espiritual, faleceu com fama de santidade, depois de uma vida de auto-mutilação e masoquismo, tendo sido durante algum tempo guardião do Convento de Guimarães (cf. *Frei António Cristo* [Em linha]. D. Joaquim de AZEVEDO. “História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego”, Porto : Typographia do Jornal do Porto, 1878. [Consult em 12-01-2010]. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio\\_de\\_Cristo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_de_Cristo)). Há conhecimento da existência de dois comissários-visitadores franciscanos, o P.º Fr. Diogo Escoto e o P.º Fr. Vicente da Conceição para a Ordem Terceira, antes de 1630, o que prova a existência de Terceiros (cf. RIBEIRO. *Op. cit.*, 1941, n.º 10, p. 279).

<sup>3</sup> Cf. *Idem. Ibidem., loc. cit.*

<sup>4</sup> Em documentação do inventário do cartório da Ordem, datado de 30 de Maio de 1834; da acta de 25 de Junho de 1752, consta que a obra de pedreiro teve autoria de António da Cunha Correia Valle e indicia a finalização da capela estar em 6 de Julho do ano seguinte, ainda que tenha sofrido alterações posteriores [cf. TEIXEIRA. *Op. cit.*, 2000, p. 61, com ref. a João

---

Gomes de Oliveira GUIMARÃES (Abade de Tagilde). *Guimarães e Santa Maria : Historia do culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*, Porto : Typ. A. J. da Silva Teixeira Herd., 1904, p. 34];

<sup>5</sup> Cf. TEIXEIRA. *Op. cit.* 2000, p. 61, *apud*, ms. de João Lopes FARIA (organista da Colegiada de Guimarães e mestre de capela, foi executante de música, corista, com estudos de canto e música). *Velharias da Irmandade de S. Pedro e das Ordens Terceiras*, Vol. II, fl. 222 (Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento Guimarães)]; ainda referente àquele mestre de pedraria, é conhecida a procuração passada pelo também mestre pedreiro Joze da Silva Matos, em seu nome, para efectuar obras na igreja dos Terceiros em Guimarães, por ele próprio estar ocupado com outros trabalhos, sem especificar obras [cf. Manuel Joaquim Moreira da ROCHA. *Arquitectura civil e religiosa de Braga nos Séculos XVII e XVIII : os Homens e as Obras*. Braga : Centro de Estudos D. Domingos de pinho Brandão, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 1994, p. 128, *apud*, Arquivo Distrital de Braga (ADB), Nota Geral, 1.<sup>a</sup> série, n.º 727, fls. 115-115v.

<sup>6</sup> De acordo com RIBEIRO. *Op. cit.*, 1952, p. 233 e 234.

<sup>7</sup> Nomeado pelo Superior Provincial, tendo, naquela data, sido doada a igreja conventual à Ordem Terceira.

<sup>8</sup> Por Carta de Lei respectivamente de 28 de Fevereiro de 1835 e de 4 de Março de 1875 (esta, do rei D. Luís) (Cf. José Maria Gomes ALVES. *Património Artístico e Cultural de Guimarães*, Guimarães : Comp. Edit. do Minho, 1981, p. 31 e 32; TEIXEIRA. *Op. cit.*, 2000, p. 85. Tinha-se instalado nele, até então, o Regimento de Infantaria n.º 3.

<sup>9</sup> *Idem. Ibidem, loc. cit.*

<sup>10</sup> Primitivamente, esta capela tinha um retábulo de grandes dimensões representando, em pintura do século XIX, a sua padroeira, a guarnecer o altar-mor desta capela; tendo sido retirado faz hoje parte do acervo museológico da Ordem, encontrando-se no coro-alto da que foi a igreja conventual, deixando a descoberto o interessante retábulo que está hoje à vista. A imagem de Nossa Senhora das Dores, foi obra do escultor Soares dos Reis, que fora colocada no século XIX na igreja dos Terceiros foi depois retirada para o lado conventual.

<sup>11</sup> O espaço da Ordem Terceira foi construído arrancando da portaria conventual para Oeste, com porta travessa fronteira à fachada da igreja dos frades, tendo de premeio um pátio em U. A base do U é formada pela fachada do corpo da portaria conventual que se adossa, à torre sineira, a parte conventual da banda Este e, a Oeste, ao primitivo espaço da Ordem Terceira.

<sup>12</sup> De um só pano rematado lateralmente por cunhal apilastrado e pilastra, embebidos no muro; tem um portal de intensa decoração talhada em granito. De grande impacto visual proporcionado pelos adornos joaninos apostos ao muro revestido a azulejaria de padrão, azul e branco, do final do século XIX. O portal é sobrepujado por um brasão em relevo com as armas da Ordem Franciscana, e ladeado por um conjunto de pilastras e colunas fasciculadas, assentes em plintos altos, com urnas de remate sobre o entablamento, coroado por alto frontão interrompido, de curva e contracurva, rasgado ao centro pelo janelão do coro-alto; o primeiro registo é coroado por cornija de remate, continuada, onde assentam pináculos que flanqueiam um frontão aberto, com edícula central, com uma imagem em alto relevo da Rainha Santa Isabel sobre peanha, em granito; no remate evidencia-se uma cruz centralizada, flanqueada por pináculos. [O todo escultórico cria no espectador a ilusão de profundidade. A obra é atribuída a Pedro Lourenço mestre pedreiro natural da Galiza que desenvolveu a sua actividade artística em Guimarães, na segunda metade do século XVIII (vide A. L. de CARVALHO) galego (cf. Manuel Joaquim Moreira da ROCHA [Em linha]. “Pedreiros galegos no nordeste português no século XVIII”, in *Actas del Simpósio Hispano-Portugués de Historia del Arte : Las Relaciones artísticas entre España y Portugal : Artistas mecenas y viajeros, Cárceres, Olivença*, 03/06-11-1993, p. 9. [Consult. em 05-05-2009]. Disponível em <http://209.85.229.132/search?q=cache:WViEGTE01MgJ:repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14033/2/16PEDREIROSGALEGOS000073151.pdf+pedreiro+pedro+louren%C3%A7o&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>].

Primitivamente, esta capela tinha um retábulo de grandes dimensões representando, em pintura do século XIX, a sua padroeira, a guarnecer o altar-mor desta capela; tendo sido retirado faz hoje parte do acervo museológico da Ordem, encontrando-se no coro-alto da que foi a igreja conventual, deixando a descoberto o interessante retábulo que está hoje à vista.

<sup>13</sup> Com excepção para a não existência de revestimento azulejar e para o menor impacto visual criado pela decoração da porta-travessa.

<sup>14</sup> O revestimento das paredes do templo é azulejar, em azul e branco, obra do século XIX, com padrão de elementos emblemáticos; há a repetição de vários elementos relacionados com a Ordem e a veneração à Virgem Maria; foram executados na Fábrica do Vale da Piedade (Vila Nova de Gaia) (cf. TEIXEIRA. *Op. cit.* Porto, 2000, p. 65).

<sup>15</sup> Ocupa a cabeceira da capela-mor, sobre plataforma, um retábulo de madeira de gosto rococó, de planta côncava, com talha pouco relevada finamente lavrada, com dourado sobre fundo branco, de um só eixo, com trono de degraus, colunas de motivos vegetalistas em falsa espiral, e duas mísulas/altares com imagens sagradas, sendo o ático em frontão interrompido com sobreposição de figuras aladas de vulto. A talha, execução de 1782, é da autoria de José António da Cunha (cf. *Idem. Ibidem*, 2000, p. 63).

<sup>16</sup> Arco assente em fortes pilastras de base quadrangular, de capitel foliáceo.

<sup>17</sup> Nas ilhargas destacam-se dois altares laterais retabulares com nichos para imaginária, um de cada lado, inseridos em arcos levemente embebidos no muro, flanqueados por pilastras onde ressaltam pequenas esculturas assentes em mísulas; os arcos de volta inteira, são sobrepostos por frontaleiras em talha de madeira ao gosto rococó, dependurados da cornija de remate; do lado do Evangelho, no registo superior; os muros são rasgadas por dois amplos óculos alongados e duas portas de acesso a corredores laterais ao templo.

<sup>18</sup> Púlpito de balcão de planta quadrangular em madeira ornamentada, obra do século XIX.

<sup>19</sup> A cobertura em abóbada de berço em arco de asa de cesto repete os motivos estucados da capela-mor.



---

<sup>20</sup> Um dos mestres que trabalharam estes espaços foi o pedreiro Silvestre da Grana, natural se São Pedro de Tenório, termo da vila de Pontevedra, na Galiza, que residia em Guimarães em 1743, ano em que se ocupou da obra de pedraria da capela-mor do templo e das ante-sacristia e sacristia, trabalho que seguiu de acordo com quatro plantas e apontamentos executados para o efeito (*Apud.* Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (AMAP) Notarial 795, fls. 135-136v., referido por Lígia Márcia Cardoso Correia de SOUSA. *A Arte e os Artistas em Guimarães no Séc. XVIII (1734-1788)*, policopiado, Porto, Seminário de Licenciatura do Curso de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, 1999, p. 147 e 150 in Manuel Joaquim Moreira da Rocha [Em linha]. “Pedreiros galegos no nordeste português no século XVIII”, *Actas del Simpósio Hispano-Portugués de Historia del Arte : Las Relaciones artísticas entre España y Portugal : Artistas mecenas y viajeros*, Cárceres, Olivença, 03/06-11-1993, p. 10 [Consult. em 05-05-2009]. Disponível em <http://209.85.229.132/search?q=cache:WViEGTE01MgJ:repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14033/2/16PEDREIROSGALEGOS000073151.pdf+pedreiro+pedro+louren%C3%A7o&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>). Deve-se a D. João V, ainda na sua regência, a permissão para a construção do Hospital da Ordem Terceira de São Francisco de Guimarães para a assistência dos Irmãos pobres, no ano de 1814; a obra foi construída por fases, seguindo o projecto do arquitecto José Luís Nogueira (século XIX).

<sup>21</sup> Vem dar crédito a esta afirmação a seguinte passagem “Para dar fim à ruas do arrabalde desta villa me falta a rua de Soalhões, que fica por de traz do mosteiro de S. Francisco,...., a qual vae por entre hortas, e por isso agradável” cf. AZEVEDO. *Op. cit.*, 1845, p. 324.

<sup>22</sup> O convento está classificado Monumento Nacional, protegido pelos diplomas, IIP, Dezembro, N.º 30762, DG 225 de 26-09-1940, Dezembro, N.º 39 175, DG 77, 17-04-1953, e Dezembro N.º 735/74, DG 297 de 21-12-1974; teve a sua classificação faseada: o primeiro que referimos classificou os frescos existentes no convento, em 1953, o segundo referido classificou a parte da igreja constituída pela abside e absidiólos e, só em 1974, com o último que referimos foi classificado, igualmente o claustro e o edifício barroco da Ordem Terceira, incluindo a sacristia de gosto joanino, do séc. 18 (cf. Isabel SERENO, Joaquim GONÇALVES. *IPA PT010308630027 : DGMN* [Em linha]. [Consult. em 07-02-2009]. Disponível em <http://www.monumentos>).

<sup>23</sup> É nosso pensar, que teria assim acontecido, pois o terreno que lhes foi cedido à direita do Convento para O., teria sido pensado para organizar e articular as partes a construir, de acordo com um princípio de urbanismo que já ali colhia alguma visibilidade com a construção das instalações antigas do convento; a fachada do corpo da igreja teria servido como elemento ordenador na abertura de uma alameda que sairia reforçada com a construção das instalações dos Terceiros em época barroca, na continuidade do corpo preexistente da igreja dos frades, criando, ainda, com ela, um recanto atraente, ao proceder a embelezamento do adro franciscano.

## Quadro 9

| <b>Ordem Terceira de São Francisco no Convento de São Francisco de Angra do Heroísmo<sup>1</sup></b> |  |
|--|--|
| <b>Surgimento / Fundação</b>   | Existência assinalada no ano de 1625 <sup>2</sup> .  |
| <b>Dados cronológicos</b>  | 1625 - Eleição do Discretório e reunião da Mesa na Casa do Capítulo.<br>1625 – Reuniões tidas na Casa do Capítulo conventual.<br>1706 – Reuniões passam para a Capela própria.<br>Séc. XIX (início) – Aumento da incorporação de confrades, com grande acréscimo de actividade, entre os Terceiros, que alcançaram ampla importância no meio religioso da cidade <sup>3</sup> .<br>1834 - Após a extinção das ordens religiosas em Portugal, a igreja dos frades ficou a cargo dos Terceiros, havendo, porém, outra Confraria activa no templo, a de Nossa Senhora da Guia; a direcção religiosa daquela irmandade ficou a cargo do pároco da Sé que era então o padre Comissário dos Terceiros.<br>1910 - Entrada em decadência da Ordem Terceira em Angra <sup>4</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>   | - Primeiro ocupação de espaço na igreja dos frades (?) com uso da Casa do Capítulo para as reuniões.   |
| <b>Templo próprio</b>  | Capela própria assinalada em uso a partir do ano 1706, para ofícios religiosos e reuniões.   |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>  | Capela adossada à capela-mor da igreja dos frades, no lado da Epístola <sup>5</sup> , paralela à capela-mor da igreja conventual, com portão aberto para a nave lateral direita da igreja dos frades.<br>Sacristias, casa do despacho, outras salas, em edifício independente, adossado à direita da capela, com acesso por esta e por fora, por porta independente.   |
| <b>Partes integrantes do templo</b>  | Salão de planta quadrangular, eixo longitudinal, com teia em balaustrada de jacarandá a dividir o espaço dos oficiantes; cabeceira com altar retabular <sup>6</sup> ; ilhargas revestidas com lambris azulejares; do lado da Epístola porta para a sacristia <sup>7</sup> ; muro do lado do Evangelho, junto à entrada, com arco raso <sup>8</sup> , tecto em madeira, em falsa abóbada de berço <sup>9</sup> , do lado da Epístola, duas janelas verticais de capialço; chão revestido em lajedo de pedra; acede-se à capela por arco com portadas ornamentais em madeira <sup>10</sup> .   |
| <b>Sacristia</b>   | Antessacristia e sacristia, de plantas quadrangulares e eixo longitudinal, com acesso directo à capela, e também à rua; discreto lavabo em pedra; tecto decorado com um belo trabalho em madeira, artesoadado, com talho de folhagens, em policromia intensa.  |
| <b>Santuário</b>   | Nada a assinalar.  |
| <b>Consistório</b>   | No segundo piso do edifício dos Terceiros, com acesso a partir da rua lateral do convento <sup>11</sup> ; abre-se por sobre a sacristia; o tecto é de madeira em masseira; num dos topos tem uma forma de capela rasa preenchida por uma pintura a óleo, uma “Descida do Espírito Santo”.  |
| <b>Claustro</b>  | Inexistente  |
| <b>Outras instalações</b>  | Salas de arrumos de pequena superfície no edifício administrativo dos Terceiros.   |
| <b>Exumação de corpos</b>  | Nada a assinalar   |
| <b>Implantação no terreno</b>  | A construção do Convento de São Francisco de Angra surgiu no topo de uma ladeira, em terraplano, ficando hoje integrado no Centro Histórico.   |
| <b>Características artísticas</b>  | As instalações dos Terceiros organizam-se em espaços de volumetria pequena mas bem proporcionadas, sendo a Casa do Despacho de maior área que as outras. Capela <sup>12</sup> com decoração e ornamentação rica e profusa, com policromia; marmoreados, douramentos esparsos da talha em sinuosos recortes. As ilhargas são revestidas com lambris azulejares azul e branco neoclássicos, com medalhões com figuração de simbologia sacra, assentes em folhas de palma cruzadas, entre pilastras perspectivadas.   |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>   | A cidade de Angra do Heroísmo, onde se inclui o Convento de São Francisco, manteve até aos nossos dias cunho Renascentista, o que lhe valeu o título de Cidade do Património Mundial, concedido pela UNESCO, em 1983. O Convento de São Francisco de Angra, integrando a capela dos Terceiros, converteu-se em Museu; o edifício administrativo está ocupado pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira. <sup>13</sup> .  |

---

<sup>1</sup> As primeiras referências a franciscanos nos Açores remetem para a fundação de um convento o da Senhora da Guia, no ano de 1452 (cf. RIBEIRO. *Op. cit.*, 1946, p. 78). O convento posterior em Angra tornou-se Casa Capitular da Província franciscana de São João Evangelista, agregando nele toda a comunidade franciscana dos Açores; o seu templo, um dos de maiores dimensões construído no arquipélago, é conhecido por Igreja de São Francisco ou da Senhora da Guia, nome que herdou da primitiva ermida que os primeiros frades ali tinham erguido por volta de 1456, a que catorze anos depois, juntaram as alas conventuais. O complexo arquitectónico primitivo deu lugar a um de maiores dimensões, com o pecúlio auferido de donativos dos moradores da ilha e do Brasil.

<sup>2</sup> Partindo da notícia dessa data, foi considerada a mais antiga fundada na Ilha dos Açores. A data refere-se ao primeiro Discretório aí conhecido. Nos Açores ter-se-ia adoptado o termo Custódia em vez de Fraternidade ou mesmo Congregação, como o P.<sup>e</sup> Bartolomeu teria lido em papéis da Ilha de São Miguel; este historiador acrescenta que, segundo documentos que lera, a congregação era denominada Custódia de Santa Isabel, rainha da Hungria, figura escolhida para padroeira dos Terceiros de Angra (cf. RIBEIRO. *Op. cit.*, 1952, p. 346).

<sup>3</sup> Esta impressão foi deduzida da nossa leitura de documentação avulsa da época, que encontramos em volumosos maços no arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo (*Papéis avulsos* “Confrarias : Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco”, Maços 15 a 21).

<sup>4</sup> Os fervores saídos da República teriam favorecido a laicização pessoal e levado à diminuição do número de confrades.

<sup>5</sup> Teria primitivamente pertencido a uma “mercearia” instituída por um André Gomes (cf. Governo dos Açores, Museu de Angra. *Igreja de Nossa Senhora da Guia do Convento de S. Francisco de Angra* [Em linha]. [Consult. em 12-06-2010]. Disponível em <http://museu-angra.azores.gov.pt/exposicoes/permanentes/igreja-n-s-guia.html>).

<sup>6</sup> Preenchida pelo retábulo neoclássico do altar-mor, em elementos arquitectónico bem demarcados, com camarim central de trono piramidal com a imagem de um *Cristo Preso à Coluna*, e pequenos nichos laterais intercolúnios com as imagens de Santa Isabel de Portugal, à esquerda e, à direita, de São Luís Rei de França.

<sup>7</sup> Dá, igualmente, passagem para as instalações dos Terceiros.

<sup>8</sup> A este propósito, aventamos poder tratar-se de antigo arco de a ligação física com a capela-mor dos frades, uma vez que do lado desta, na mesma posição, existe uma porta de um armário pouco profundo, hoje usado para arrumos, que poderia ter aparecido quando de um possível entaipamento desse hipotético arco.

<sup>9</sup> Com vestígios de pintura antiga, com ramagens vegetalistas e, ao centro, uma cartela com letreiro.

<sup>10</sup> O arco tem coroaamento muito ornamental de gosto Rococó.

<sup>11</sup> A sala do consistório abre-se por sobre a sacristia e antessacristia; é de dimensões equilibradas, tem janelas que dão sobre o terreiro de São Francisco.

<sup>12</sup> Esta capela, é um dos núcleos do Museu de Angra e por isso, mostra mobiliário e peças de arte sacra que não pertenceram ao espaço que ocupam.

<sup>13</sup> “O Museu de Angra do Heroísmo é um museu geo-referenciado, onde os planos local, regional, nacional e mundial se cruzam e completam, pois a localização estratégica e a história inserem as ilhas dos Açores num contexto político global e, dentro deste, a ilha Terceira e a cidade de Angra com as suas centralidades” (vide *Museu de Angra do Heroísmo* [Em Linha], 29 de Agosto de 2009. [Consult. em 07-02-2010]. Disponível em <http://www.guiadacidade.pt/pt/art/museu-de-angra-do-heroismo-19198-43>).

**Quadro 10**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco<sup>1</sup> no Convento de São Francisco de Porto</b> |  |
|--|--|
| <b>Surgimento / Fundação</b>   | Erecção depois da resolução de Toledo <sup>2</sup> e da campanha pró restauração da Ordem na Península Ibérica; primeiros estatutos em 1660 <sup>3</sup> .<br>Fundação canónica ter-se-á dado em 1663.   |
| <b>Dados cronológicos</b>  | 1657 – Tomada de posse de uma capela construída no claustro.<br>1660 – Outorga dos primeiros Estatutos à Ordem Terceira de São Francisco do Porto.<br>1663 – Fundação canónica.<br>1667, 1673 e 1674 – Reparações várias, incluindo ornamentação do interior e pinturas na capela de que tinham posse no claustro <sup>4</sup> .<br>1676 – Edificação de um templo, devido ao aumento do número de Irmãos, que substituiu a pequena capela claustal <sup>5</sup> .<br>1679 – Em final de obras, com revestimento das paredes com azulejos até à altura das janelas <sup>6</sup> ; erguidas, a SE. da capela, as salas da Secretaria e do Consistório.<br>1686 – Fundação do Hospital de Santa Isabel, primeiro organismo assistencial desta comunidade (recolhimento para senhoras, no sítio que serve hoje de secretaria e ao expediente do Museu) <sup>7</sup> .<br>1711- Ajuste da Mesa de acrescento da capela na banda da capela-mor, devido à falta de espaço sentida<br>Século XVIII (meados) - Incêndio iniciado junto à igreja levou a obras de limpeza, rededecoração, reornamentação; decisão da Mesa para aumento do espaço da capela; construção de uma Cripta subterrânea para sepultura dos irmãos falecidos; organização de espaços convenientes para despacho, secretariado, sob a abóbada da cripta <sup>8</sup> .<br>1730 – Cedência de um espaço pelos frades aos Terceiros para enterramentos dos seus prosélitos.<br>1746 – Destruição do recolhimento por incêndio.<br>1749, 2 de Maio - Inauguração do Consistório e bênção solene em 2 de Maio.<br>1778 – Execução de novas obras na capela-mor.<br>1794 – Dádiva dos frades aos Terceiros de nova parcela de terreno para acrescento do templo que seria o definitiva.<br>1795 e 1805 – Construção do novo templo.<br>1805, 19 de Maio - Sagração da nova e definitiva igreja <sup>9</sup> .<br>1845, Novembro – Proibição legal para inumações nas igrejas.<br>1866 – Desactivação do cemitério catacumbal. |
| <b>Locais de culto e reunião</b>   | Capela no claustro conventual – permissão de uso para os ofícios religiosos de 1633 a 1640 .<br>Construção de capela própria nos claustros do convento autorizada em 1645; a sua sagração deu-se no ano seguinte, de invocação a Santa Isabel <sup>10</sup> .  |
| <b>Templo próprio</b>  | Igreja definitiva construída no início do século XIX <sup>11</sup> .   |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>                                | Igreja de Terceiros adossada à antiga portaria conventual, na perpendicular à igreja conventual, independente dela, adossada a espaços conventuais (hoje tomados em parte pela “Bolsa do Porto”), com todo o restante complexo construído para a sua esquerda.   |
| <b>Partes integrantes do templo</b>  | Frontispício orientado a S. de dois registos, três panos <sup>12</sup> ; Interior em salão; capela-mor <sup>13</sup> , arco triunfal <sup>14</sup> , nave <sup>15</sup> ; cobertura em abóbada de lunetas de arco perfeito <sup>16</sup> . Parede do frontispício rasgado por portal protegido por guarda-vento, sobre o qual se abre o coro-alto <sup>17</sup> ; chão é revestido a lajes de granito.   |
| <b>Sacristia</b>   | Planta rectangular, cobertura em abóbada de barrete de clérigo, com o mesmo tipo de ornamentação encontrada na capela de Nossa Senhora das Dores e o mesmo tipo de revestimento do chão; também ornamentada com altares retabulares de madeira <sup>18</sup> e longo arcaz com alçados espelhados e outro mobiliário condizente.   |
| <b>Santuário</b>   | Inexistente.   |
| <b>Consistório</b>   | Aberto a sudoeste da capela <sup>19</sup> .  |
| <b>Claustro</b>  | Inexistente.   |

## Quadro 10 (cont.)

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| <b>Outras instalações</b>         | Edifício administrativo de quatro registos: subsolo com as catacumbas; térreo com o actual vestíbulo /portaria e salas do Museu de Arte Sacra; escadaria de lances opostos de articulação de espaços <sup>20</sup> ; Capela de Nossa Senhora das Dores <sup>21</sup> ; piso superior com a sala de espera/vestíbulo <sup>22</sup> , secretaria, casa do despacho, administração.  |
| <b>Exumação de corpos</b>         | Primeiro os enterros dos irmãos falecidos fizeram-se no claustro conventual.<br>Quando da posse de capela, os Irmãos enterravam os corpos nela.<br>Cripta subterrânea sob a sacristia, que foi sendo aumentada até ao final do século XVIII <sup>23</sup> .   |
| <b>Implantação no terreno</b>     | O complexo franciscano que integra as Instalações da Ordem Terceira, ergue-se nas faldas de um monte, junto à margem do Rio Douro, defrontando-o <sup>24</sup> .<br>Ordem Terceira em plataforma no topo de rocha granítica em plano inferior às edificações conventuais, acedido por escadaria de granito.   |
| <b>Características artísticas</b> | A igreja dos Terceiros do Porto é um dos edifícios religiosos onde primeiro se impôs o reviver do gosto clássico do final do Setecentos em Portugal <sup>25</sup> . O interior converteu-se em expositor das artes da decoração portuguesa, expressão da riqueza económica e da religiosidade particularmente nortenhas; a escadaria interior é pétrea, destacando-se por interessante ornamentação do guarda-corpos em balaustrada e dos elementos de arranque.  |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>      | O século XVIII levou grande desenvolvimento à cidade do Porto do ponto de vista monumental e artístico, adquirindo, então, particular relevância cultural que prosseguiu até aos dias de hoje.<br>Cidade elevada a Património da UNESCO em 1996.<br>O edificado dos Terceiros é parte integrante desse património contribuindo com grande dignidade urbana, arquitectónica e artística <sup>26</sup> .<br>O Museu de São Francisco, na tutela da Ordem Terceira, tem particular relevância cultural <sup>27</sup> . |

<sup>1</sup> Para mais profundo conhecimento da Igreja e das outras dependências dos Terceiros, consulte-se, David FERREIRA. [Em linha]. *Igreja dos Terceiros de São Francisco N.º IPA PT011312130251* : Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), 2004 [Consult. em 08-03-2009]. Disponível em [http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002\\_B1.aspx?CoHa=2\\_B](http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx?CoHa=2_B).

<sup>2</sup> Resolução tomada no Capítulo Geral dos Frades Menores de 1606, reunido em Toledo, onde se decidiu incentivar o mais possível o espírito franciscano.

<sup>3</sup> Entre o ano de fundação da Ordem e a saída dos Estatutos, os Irmãos regeram-se pela bula *Supra montem* de Nicolau IV; os primeiros estatutos foram reformados em 1751, em 1838, e revogados pela *Constituição Misericors Dei Filius* de Leão XIII, publicada a 30 de Maio de 1883 [cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Convento de São Francisco do Porto*, Porto, policopiado [p./ms.], p. 15 (ref. *apud* Conde de SAMODÃES. *Ms. para os Terceiros de S. Francisco da Cidade do Porto*, Porto : Typographia da Real Officina de S. José, 1898, p. 5, 19 [*apud*. Ordem Terceira da Penitência (AOTP) “Termo de 13 de Novembro de 1750”, *Livro de Termos de 1745-1782*, fl. 50 v.]; p. 22 e 23 (com ref. a AOTP, “Termo de 2 de Outubro de 1853”, *Livro de Termos de 1831-1862*, fl. 151; ainda, Conde de SAMODÃES. *Op. cit.*, 1898, p. 7.)].

<sup>4</sup> Segundo notas de pagamento conhecidas, em 1669 para ornamentação da casa da secretaria e do despacho, sem que se saiba qual o espaço a que se referem, nem se aquela capela para além das funções religiosas serviria para reuniões e actos administrativos. Há notícia de enterramentos de irmãos defuntos, nos Estatutos de 1660, Capítulo n.º 14 (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Convento de São Francisco do Porto*, Porto, texto policopiado, [p. ms] p. 17, 92).

<sup>5</sup> O acto foi registado em notário pelo Tabelião António Rodrigues Monteiro em 20 de Abril de 1676 (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Convento de São Francisco do Porto*, Porto, texto policopiado, p. 96 e 97, *apud* AOTP. *Caderno de Relação dos Bens da Ordem de 1770*, fl. 1).

<sup>6</sup> Cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.* Porto, p. 95, *apud*. AOTP. “Termo de 12 de Janeiro de 1746”, *Livro de Termos de 1745-1782*, fls. 5 v e 6. No entanto, o P.º Bartolomeu Ribeiro (RIBEIRO. *Op. cit.*, 1946, p. 258), fala de cinco altares, servidos por várias Irmandades.

<sup>7</sup> Também conhecido por *Hospital Velho* e *Recolhimento das Mantelatas*. Aquando do incêndio, era casa de arrumos. Encontramos referência a este organismo *in* Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.* Porto, p. 95; no entanto, não contamos, até ao momento, com mais informação acerca da existência dele. Localizava-se no sítio onde se vê hoje a secretaria e se procede ao expediente do Museu.

<sup>8</sup> Espaços riscados pelo pintor e arquitecto toscano Nicolau Nasoni (San Giovanni Valdarno, 2 de Junho de 1691 - Porto, 30 de Agosto de 1773) (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.*, p. 95, *apud* AOTP. “Termo de 12 de Janeiro de 1746”, *Livro de Termos de 1745-1782*, fls. 5v. e 6).

<sup>9</sup> Cf. RIBEIRO. *Op. cit.*, 1946, p. 258.

<sup>10</sup> Há notícia de actos litúrgicos efectuados numa Capela de Santa Isabel aberta no claustro, pertença dos Terceiros (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.*, p. ms., p. 109 e 110, *apud* AOTP. *Livro de Recepção de 1633-1650*, fl. 1; ainda, *Idem*. AOTP. *Livro de Despesa de 1657-1712*, fls. 49, 64, 67, 69 e 81).

<sup>11</sup> A capela assentava sobre a abóbada da cripta. Foram, então, substituídas partes da antiga, pois o edifício cedia ou por ter já muitos anos ou talvez por ter igualmente sofrido danos na sequência dos reparos e restauros do convento levadas entretanto a cabo pelos frades. O novo templo foi executado, entre 1795 e 1805, sob risco do arquitecto António Pinto de Miranda (c. 1730-c. 1790); este era arquitecto da Relação do Porto e “riscador de retábulos, com conhecimento de artes e principalmente de tintas para pintura”; era considerado “natural do Brasil” por ter vivido no Arraial de Santo António do Tijuco (*sic*), entre 1740 e 1840; no entanto, a sua genealogia indica a possibilidade de ter sido europeu, talvez espanhol (cf. Biblioteca António Torres – Rua da Quitanda, 48, Diamantina, MG, 39000-000 – Publicação 2.º Ofício, 1837 - maço 175.[Em linha]. [Brasil] : *Inventário de Caetano Luís de Miranda (S40)*, 03-09-2005. [Consult. em 21-02-2010]. Disponível em <http://www.nggenealogia.com.br/tree/individual.php?pid=177&ged=php.ged>). A execução da talha e administração da obra de estuque foi entregue ao italiano Luigi Chiari (1795-1836), tendo os trabalhos sido dados por concluídos, no ano de 1805 (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.* Porto, p. 113, *apud* AOTP. “Termo de 24 de Fevereiro de 1794”, *Livro de Termos de 1782-1810*, fl. 183). A igreja foi sagrada em 19 de Maio de 1805 pelo bispo D. Frei António de S. José e Castro, embora já estivesse praticamente concluída no fim de 1799 e já nela se celebrasse o culto. Em 1796 foram feitas as duas estátuas de pedra que se avistam no frontispício Figurativas da Penitência e Humildade e as armas dos franciscanos, da autoria de Manuel Joaquim Alves de Sousa Alão (cf. Ricardo Pinto de MATOS, comp. *Histórica e Descritiva da Ordem Terceira de S. Francisco no Porto com as Vidas dos Santos cujas imagens costumam ser conduzidas na sua Procissão de Cinza*, Porto : Typographia Occidental, 1880, p. 18). Em 1798 executaram-se os dois lances de escadas para acesso á capela; no ano seguinte concluiu-se o pátio coberto por aboboda sustentada em arcaria, concluindo-se de seguida o subterrâneo que acolheu jazigos, catacumbas e outras sepulturas (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.*, p. 95, *apud* AOTP. “Termo de 16 de Maio de 1798”, *Livro de Termos de 1782-1810*, fls. 247 e 248; ainda, *Idem*, *Livro n.º 2 de Copiador*, fl. 28); a coroar a fachada foram colocadas as representações da Fé, Esperança e Caridade, trabalhos do ceramista João José Bragana e do escultor Bernardo Moreira.

<sup>12</sup> Os panos laterais assinalados por dois pares de colunas sobrepostas nos mesmos eixos, destacadas do muro e assentes em entablamento, sendo de ordem dórica no térreo e jónica no superior, evidenciando elementos decorativos referentes a cada uma das ordens; no registo superior, abrem-se janelas no intercolúnio; no pano central, no piso térreo, abre-se o portal axial, de linhas rectilíneas, encimado por cartela com inscrição, sobrepujado por um janelão aberto no registo superior; no registo inferior, sobressaem duas esculturas de vulto assentes em altos estilóbatos: figurações de dois dos atributos queridos aos Terceiro de São Francisco, a Humildade e a Penitência. Superiormente o frontão angular de lanços, sobre entablamento avoadado, em cujo tímpano está apostado em baixo-relevo o brasão da Ordem sobrepujado pela cora real; sobre o frontão, realçam esculturas de vulto sobre pequenos acrotérios, Representações da Fé ao centro, ladeada pelas da Esperança e da Caridade.

<sup>13</sup> Na capela-mor avulta o altar-mor sobrelevado, retabular; o retábulo é de um só eixo, de planta côncava, com nicho em arco pleno e tribuna de degraus; é flanqueado por colunas compósitas onde assenta entablamento, no qual poisa imaginária de vulto; é tudo sobrepujado por frontão angular ornamentado com estatuária, em talha com dourado sobre branco; lateralmente, rasgam-se duas portadas de cada banda, a que se sobrepoem janelas de sacada; é trabalho de 1795, da autoria de Manuel Moreira da Silva (séculos XVIII/XIX), com risco de António Pinto de Miranda.

<sup>14</sup> Arco triunfal de volta plena assente em pilastras compósitas de três faces sobre alto plinto, com entablamento e ático com tabela decorada com escudos das armas de Portugal e da Ordem de São Francisco

<sup>15</sup> Nave espaçosa animada pelos elementos arquitectónicos dos tramos (três na capela-mor e seis na longa nave); os arcos torais da abóbada de lunetas, assentam em cornija continuada, recortada e avoadada; os arcos continuam-se em pilastras sobre altos plintos, em baixo relevo; nos panos entre as pilastras avultam altares retabulares com nichos abertos na espessura muraria, portadas e dois púlpitos que se afrontam, sobrepujados por janelas de sacada.

<sup>16</sup> A abóbada é revestida com estuque relevado, com elementos vegetalistas e com medalhões moldurados com pintura figurativa em *tromp l’oeil*.

<sup>17</sup> Assente sobre dois arcos em asa de cesto, com balcão de barriga e guarda-corpo em madeira pintado de branco com douramento, assente em pilastras embebidas no muro; do lado da Epístola, destaca-se um órgão de tubos com caixa em talha branca e dourada que foi executado para substituir um já muito velho que a Ordem detinha. O trabalho foi entregue ao mestre organeiro Manuel de Sá Couto, numa encomenda de 20 de Novembro de 1799 (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. Convento de São Francisco do Porto. *Op. cit.* Porto, p. 118, *apud* AOTP. “Termo de 20 de Novembro de 1799”, *Livro de Termos de 1782-1810*, fls. 279 e 280).

<sup>18</sup> Cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.*, p. 95, *apud* AOTP. “Termo de 12 de Janeiro de 1746”, *Livro de Termos de 1745-1782*, fls. 5v.º e 6. A sacristia e o consistório saíram do risco do pintor e arquitecto toscano Nicolau Nasoni (San Giovanni Valdarno, 02-06-1691 - Porto, 30.08-1773).

<sup>19</sup> Cf. *Idem*. *Ibidem*, *loc. cit.* De planta longitudinal, sobressai pelo brilho que ressalta da sua decoração; o tecto é de madeira em masseira, com caixotões pintados de branco e debruados a folha de ouro, com delicados elementos talhados com douramento, o que, no conjunto, compreende uma ornamentação profusa e exuberante; ao centro do tecto existem dois brasões bipartidos, pinturas a óleo com as armas da Ordem Terceira e dos monarcas D. José e D. Mariana Vitória. sobressaem, ainda, um aparatoso altar com fronteira, catorze sanefas que

rematam superiormente o grande número de janelas de sacada e portas que rodeiam o salão, sobrepujadas por elementos decorativos, tudo em frondosa talha dourada. O projecto do salão foi de Nicolau Nasoni, tendo as obras sido iniciadas em Junho de 1725, sob a direcção do mestre pedreiro António da Silva Carvalho e do mestre carpinteiro José Ferreira Pinto; em 1746, foram lavradas as Armas da Ordem e colocadas por sobre o portal de entrada, talvez marcando o final do trabalho de pedreiro; o de carpintaria terminaria no ano seguinte, sabendo-se ainda que a ferraria para as janelas e a clarabóia da escadaria, estavam concluídas em 1748, assim como a decoração do tecto, obra de José Martins Tinoco. O espaço teve inauguração festiva, com bênção solene, em 2 de Maio de 1749 (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.*, p. 96 e 97, *apud* AOTP. *Livro de Lembranças do Secretário de 1745-1746*, fl. 34; *Idem. Livro de Síndico de 1747-1748*, fl. 81 v.; ainda, *Idem. “Termo de 2 de Maio de 1749”*, *Livro de Termos de 1745-1782*, fl. 23). As sanefas são trabalho de José Teixeira Guimarães (cf. [Desdobrável] *Venerável Ordem Terceira de S. Francisco : A Queirós Design / Execução Rocha/artes gráficas Lda.*), assim como a mesa, de pau-santo, com pernas em forma de sereias. O acesso a este cómodo faz-se por escadaria de que se ressaltam os ornatos colocados por cima dos corrimões pétreos, trabalho de Nasoni, a que a historiadora da arte Giuseppina Raggi, ressaltava como exemplo do “barochetto” em pedra (cf. Giuseppina RAGGI. “A formação bolonhesa de Nicolò Nasoni : algumas antecipações”. *In Monumentos*, p. 33-40. Lisboa : Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1997, p. 37 e 38).

<sup>20</sup> Dão acesso à sacristia, à igreja, ao coro-alto dos Terceiros.

<sup>21</sup> Capela / ante-sacristia, de planta longitudinal de feições simplificadas, seguindo a tipologia de capelas solarengas da arquitectura civil, assinalada como lugar sacro pelos retábulos de madeira encerrada encostados aos panos murários, à maneira de oratórios particulares e por um coro-alto com balaustrada em madeira, aberto num dos topos, apoiado num arco abatido, com duas portas de acesso ao patamar do piso intermédio. No topo oposto, vê-se um altar retabular de nicho com imagem de invocação da padroeira da capela, e na lateral com duas portas de acesso à sacristia, um altar de exortação a Santo António. A cobertura é em abóbada de arco-abatido assente em cornija de remate ornamentada com pintura central rectangular com cantos chanfrados e medalhões amendoados nos cantos, baixos-relevos em estuque com motivos vegetalistas. O revestimento do chão é em tábuas compridas envernizadas.

<sup>22</sup> A sala de espera / vestíbulo é de planta rectangular, com cobertura em tecto de madeira aconchado, oitavado, mostrando pintura de cor viva e brasão central; as portas que se abrem a toda a volta apresentam ombreiras muito ornamentadas, e vergas decoradas com frontões abertos com ornamentação em relevo. O chão é de tabuado encerado.

<sup>23</sup> Preocupou sempre os Terceiros o dar cova sagrada aos seus mortos. Até 1641 é desconhecido o lugar usado para tal efeito; os Estatutos de 1660 apontam para o uso de parte do claustro. A construção de capela própria trouxe-lhes o local ideal para enterramento dos seus, ainda que se tenha mostrado insuficiente, pelo que foi regulamentado o seu uso apenas para os confrades; este assunto foi retomado nos estatutos até aos finais do século XIX [Há notícia de as primeiros trinta sepulturas na capela terem sido exclusivamente de Ministros e suas mulheres que fossem também elas professoras na Ordem; ainda de exéquias de Terceiros nos claustros do convento, aludindo-se escassez de lugares (cf. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Op. cit.*, p. 92 e 93). No ano de 1730 os frades anuíram na demarcação de um espaço próprio para os enterramentos dos Terceiros (*Idem. Ibidem.*, p. 93, *apud* AOTP. “Termo de 20 de Maio de 1730” in *Livro de Termos de 1693-1745*, fl. 82)]. Os Terceiros converteram-se em guardiães do claustro franciscano e puderam iniciar obras, pelo que construíram cerca de trezentas sepulturas, pavimentaram o claustro e procederam à sua ornamentação com azulejaria (para se ter uma noção da distribuição pormenorizada das sepulturas, leia-se, *Idem. Ibidem.*, p. 93 e 94, *apud* AOTP. *Livro das Sepulturas de 1737-1772*, fl. 2). Em meados do século XVIII, a cripta foi aumentada, tendo havido festa solene com bênção na sequência da festa solene de inauguração da casa do Despacho. Passados três dias, os Irmãos assistiram à primeira cerimónia de exéquias de um defunto confrade (cf. *Idem. Ibidem.*, p. 97, *apud* AOTP. “Termo de 2 de Maio de 1749” in *Livro de Termos de 1745-1782*, fl. 23). No final da centúria de setecentos, havendo precisão de mais espaço, a Mesa estudou o modo de aproveitar o existente sob o templo dos Terceiros e o respectivo pátio, para alargar o número de carneiros, conseguindo mais 126 sepulturas no pátio e 29 na igreja; foi contemplada, ainda, a segurança das construções que ficaram “fortificadas tanto pelos seus pavimentos haverem de ser de abobada com o fuste que a mesma faz”. *Idem. Ibidem.*, p. 93 e 94, 101 e 102, *apud* AOTP. *Livro Primeiro de Sepulturas de do cemitério Novo*, fl. 2. O cemitério catacumbal foi utilizado pelos membros da irmandade até Novembro de 1845, data da lei que proibiu as inumações nas igrejas, tendo sido desactivado em 1866. A falta de espaço persistiu, pelos tempos, até que foi construído o cemitério exterior de Agramonte (cf. *Higiene Pública : Cemitérios Municipais do Porto - Um Pouco de História* [Em linha]. [Consult. em 21-02-2009]. Disponível em <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?fokey=cmp.stories/2374&op=view&p=stories>).

<sup>24</sup> Em 1841 a Associação Comercial adquiriu as ruínas do convento para, nesse terreno, levantar o Palácio da Bolsa (cf. RIBEIRO. *Op. cit.* 1946, p. 39).

<sup>25</sup> António Pinto de Miranda riscou a fachada, muito modelada, ao gosto clássico com sobreposição de ordens, no caso, a dórica e a jónica, com remate em frontão triangular.

<sup>26</sup> O complexo dos Terceiros franciscanos do Porto conquistou lugar de relevo na História da Arte Portuguesa, pelas excelências e apuro das execuções que já aludimos, apesar de se reportarem a um período de tempo muito alargado que abrange um leque de gostos estéticos que vai do barroco ao neoclássico, não ferindo a imponente mole gótica da igreja conventual.

<sup>27</sup> Actualmente o Museu de São Francisco está dependente da tutela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto; é constituído pela sala de exposições e pela Casa do Despacho, fazendo ainda parte dele o Cemitério Catacumbal e a Igreja Monumento de São Francisco, esta, classificada como Monumento Nacional desde 16-06-1910 pelo DG 136 de 23-06-1910, e com Zona Especial de Protecção pelo DG de 26-01-1960. A Igreja dos Terceiros de São Francisco tem Protecção incluída na Zona Histórica da Cidade do Porto e Centro Histórico da Cidade, incluída na Zona Especial de Protecção da referida Igreja de São Francisco e também, da Casa do Infante.

**Quadro 11**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco<sup>1</sup> no Convento de São Francisco de Coimbra<sup>2</sup></b> |   |
|--|---|
| <b>Surgimento / Fundação</b>   | Antes de 5 de Janeiro de 1659 (eleição do primeiro definitório) <sup>3</sup> .  |
| <b>Dados cronológicos</b>  | 1660, 5 de Fevereiro – Aprovados os primeiros estatutos, pelo Provincial Frei Manuel da Esperança <sup>4</sup><br>1666, 4 de Fevereiro – Acordo entre os Terceiros e os frades para uso de uma capela na igreja dos frades.<br>1739 – Cedência pelos frades de uma nova capela, a de São Pascoal Bailão; permissão para abertura a partir desta, de outros espaços <sup>5</sup> .<br>1740, 4 de Fevereiro - Escritura para prolongamento da capela em uso <sup>6</sup> .<br>1740, 9 de Março – Celebração solene, com colocação da pedra fundamental, de capela própria e definitiva <sup>7</sup> .<br>1741, 11 de Julho – renovação de autorização para a mudança para aquela capela <sup>8</sup><br>1743 – Fim das obras da capela independente, ainda sem coro <sup>9</sup> .<br>1743, 28 de Dezembro – Sacralização da capela. Realização de procissão, com as imagens dos Terceiros e os da Primeira Ordem <sup>10</sup> .<br>1751, 5 de Julho – Contrato lavrado para execução do retábulo-mor <sup>11</sup> .<br>1778, 1782, 1784 – Desinteligências com os frades <sup>12</sup> .<br>1785, 14 de Maio – Abandono pelos Terceiros da sua capela <sup>13</sup> ; acolhimento temporário na Igreja da Colegiada de São Cristóvão e depois na Sé Velha de Coimbra <sup>14</sup> .<br>1815, 15 de Dezembro – Restituição da posse da capela aos Terceiros, por escritura <sup>15</sup> .<br>1816, 6 de Janeiro - Regresso á Capela da Ponte e à obediência ao Convento de São Francisco da Ponte <sup>16</sup> .<br>1827 / 1828, Fevereiro – Autorização para abertura de porta na capela, para o exterior <sup>17</sup> .<br>1829 – colocação de coro-alto <sup>18</sup> .<br>1837, Fevereiro – Com a extinção das Ordens Religiosas, os Terceiros foram para o Colégio do Carmo Calçado de Coimbra, sendo a sua capela junto ao convento cedida para a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição <sup>19</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>   | Capela temporária na igreja conventual com o espaço que fronteiro para enterramentos <sup>20</sup> .<br>Concessão temporária da sacristia dos frades e parte das instalações do convento para despacho, reuniões, e secretariado <sup>21</sup> .<br>Capela temporária (devido ao aumento da comunidade) cedida em 1739 <sup>22</sup> .  |
| <b>Templo próprio</b>  | Em 1740, a partir da capela São Pascoal Bailão os Terceiros construíram a sua capela privada e independente do convento, ainda que ligada a ela por arco <sup>23</sup> , de invocação a Nossa Senhora da Conceição.   |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>  | Capela (temporária), na igreja conventual, no cruzeiro, do lado do Evangelho.<br>Capela de São Pascoal Bailão (temporária), na igreja conventual, do lado do Evangelho, junto à entrada.<br>Capela própria: perpendicular à igreja dos frades, adossada à sua ilharga do Evangelho e junto ao portal.   |
| <b>Partes integrantes da capela</b>  | Capela de volumetria modesta, planta longitudinal, escalonada em três corpos: capela-mor, nave, coro-alto <sup>24</sup> . Frontispício de um pano e dois registos, entre cunhais apilastrados toscanos. A fachada principal desenvolve-se, no pano da direita, Salão com capela-mor mais estreita que a nave, e arco triunfal; coro-alto a Sul, adossado ao muro da nave da igreja dos frades, da banda do Evangelho <sup>25</sup> ; púlpito apostado no arco de apoio do coro-alto, do lado da Epístola. Tecto em abóbadas de arestas <sup>26</sup> .  |
| <b>Sacristia</b>   | Adossada á ilharga da Epístola, junto ao altar-mor.   |
| <b>Santuário</b>   | Inexistente   |
| <b>Consistório</b>   | Inexistente   |
| <b>Claustro</b>  | Inexistente   |
| <b>Outras instalações</b>  | Existência de zona administrativa fora do espaço franciscano.   |
| <b>Exumação dos corpos</b>   | 1666 – os Terceiros acordaram com os frades a posse de uma parte do cruzeiro da sua igreja para exumação de corpos dos Irmãos defuntos.   |



## Quadro 11 (cont.)

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| <b>Implantação no terreno</b>     | Ergue-se sobre embasamento escalonado, em terraplano a meio de uma colina, adaptando-se ao seu declive. Primitivamente situada em ambiente rural, está hoje integrado na paisagem urbana, como espelhado em gravura do século XIX <sup>27</sup> . Desfrutar de extensas vistas panorâmicas sobre a cidade, em harmonia com a envolvente de casario antigo, mediano, entre os complexos franciscanos de Santa Clara-a-Velha e de Santa Clara-a-Nova, edificado na área de protecção do primeiro. |
| <b>Características artísticas</b> | Capela setecentista de arquitectura “chá” com indícios de neo-barroco, decoração e ornamentação do rococó. Em volumetrias escalonadas de arquitectura maneirista “chá”, com interior em salão coberto por abóbada de arestas, de vários tramos.   |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>      | Edificação exemplar de primordial relevância no panorama arquitectónico do Setecentos português, integrante do Convento de São Francisco, ele próprio relevante para a História da Arte e da Arquitectura e do Urbanismo português.   |

<sup>1</sup> Conhecida por Capela da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Coimbra / Capela de Nossa Senhora da Conceição. Para um conhecimento alargado da Igreja e das outras dependências dos Terceiros, consulte-se, David FERREIRA. [Em linha]. *Igreja dos Terceiros de São Francisco N.º IPA PT011312130251* : Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), 2004 [Consult. em 08-03-2009]. Disponível em [http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002\\_B1.aspx?CoHa=2\\_B](http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx?CoHa=2_B).

<sup>2</sup> Os franciscanos chegados a Coimbra em 1217, levantaram um eremitério fora da cidade, na margem esquerda do rio Mondego; estaria concluído em 1247 (Mosteiro de Santo António dos Olivais [dera-se a santificação do franciscano António (Lisboa, cerca de 1191 / 1195 – Pádua, 13 de Junho de 1231), em 1232. Deste restou a igreja de Santo António reconstruída várias vezes até ao século XVIII. Com o incremento das ordens religiosas os franciscanos fundam novo cenóbio (de 1247 para 1248 ?) [foram vários os historiadores da Ordem que se pronunciaram sobre esse facto, como vimos in *O Instituto, Jornal Científico e Literário*, vol. I, 1853 : Imprensa da Universidade, Coimbra, 1854, p. 109 a 112, que os analisa]. Foi edificado nas arribas, junto às águas do Mondego tomando o nome de São Francisco da Ponte – pela aproximação aos arcos da Ponte de Coimbra, ficando a jusante dela [Na altura a ponte teria 24 arcos, desconhecendo-se a data da construção da primeira ponte. Uma reforma de vulto, elevou os arcos, e acrescentou novos, para permitir uma melhor passagem das águas das enchentes do Mondego, junto à portagem do “O”, ficando a entrada do Convento junto ao pórtico da Ponte (cf. *O Instituto, Jornal Científico e Literário. Cit.* 1854, vol. I, p. 358 a 360; vol. II, p. 393). As sucessivas enchentes tornaram o espaço conventual inabitável [Em 1506 D. Manuel I intercedeu junto ao Papa Júlio II para que passasse bula para que o cenóbio dos franciscanos, pudesse ser construído em outro local, devido às cheias (cf. *O Instituto, Jornal Científico e Literário, cit.* 15 de Agosto, 1853, n.º 10 vol. II, 1854, p. 111, col. esq)]. No dealbar do século XVII, os frades decidiram uma construção no sítio Entre Pontes (cf. *Ibidem*, vol. I, p. 393, onde se indica que foi construído um cruzeiro frente ao Convento que ficaria no caminho para o Mosteiro de Santa Clara, talvez mesmo, junto ao “O” da Ponte, que ligava os dois tramos da ponte, o antigo e o novo. Entende-se por “O” da Ponte a parte larga e redonda dela, onde as carruagens cediam passagem às que vinham em direcção oposta). Deu-se o lançamento da pedra fundamental a 2 de Maio de 1602 (cf. *Ibidem*, 15-08-1853, vol. II; 1854, n.º 10, p. 111, col. dtª), e a trasladação em 29 de Novembro de 1609, tendo sido demolido o antigo cenóbio (Cf. ESPERANÇA. *Op. cit.* 1706-1771, t. I, L. 2, cap. 33. Para um maior conhecimento da Igreja e das outras dependências dos Terceiros, consulte-se, David FERREIRA. [Em linha]. *Igreja dos Terceiros de São Francisco N.º IPA PT011312130251* : Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), 2004 [Consult. em 08-03-2009]. Disponível em [http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002\\_B1.aspx?CoHa=2\\_B](http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx?CoHa=2_B).

<sup>3</sup> Um ano antes tinham tomado o hábito na capela da Igreja conventual, 22 indivíduos (cf. Nelson Correia BORGES (2). “A Ordem Terceira de Coimbra – Estabelecimentos dos Franciscanos em Coimbra”. *Paz e Alegria*. Braga : Editorial Franciscana, 1986, ano X, Maio- Junho, n. 57, p. 21 e 22).

<sup>4</sup> Cf. *Idem. Ibidem*, p. 22.

<sup>5</sup> A cedência da nova capela teve lugar a 26 de Setembro de 1739 com a complacência do P.º Guardião do Convento de São Francisco da Ponte, sendo a sua escritura lavrada em 4 de Fevereiro de 1740 (cf. BARRICO. *Op. cit.* 1895, p. 23).

<sup>6</sup> Cf. Nelson Correia BORGES (2). “A Ordem Terceira de Coimbra – Estabelecimentos dos Franciscanos em Coimbra”. *Paz e Alegria*. Braga : Editorial Franciscana, 1986, ano X, Maio-Junho, n. 57, p. 21 e 22.

<sup>7</sup> Cf. *Idem. Ibidem*, p. 22.

<sup>8</sup> Cf. *Idem. Ibidem, loc. cit.*

<sup>9</sup> Cujá construção só aconteceria, no ano de 1829 (BARRICO. *Op. cit.* 1895, p. 25).

<sup>10</sup> Cf. BORGES (2). *Op. cit.*, p. 22.

<sup>11</sup> Execução segundo o traço do arquitecto Gaspar Ferreira e pintura de José de Sousa (*Idem. Ibidem*, p. 25).

<sup>12</sup> Cf. *Idem. Ibidem, loc. cit.*

<sup>13</sup> No ano de 1778 devido a formalidades a tomar no processo de eleição dos irmãos para os cargos administrativo, houve desentendimentos entre as duas Ordens Franciscanas de Coimbra masculinas [Este litígio encontra-se desenvolvido in *Idem. Ibidem*, p. 29 e sgs. (*apud*, doc. n.º 6 do maço n.º 1, doc. n.º 21 do Maço n.º 1, doc. n.º 6 do maço *cit.*; também, L. A 2, fol. 67 v.º, L. A 5 – “Protestos contra as violências do comissário Valença”, fol. 42 v.º e sgs, fol. 58; L. E 2, fols. 188, 188 v.º, 191, 194 v.º, L. A 6 – “Memorias da Venerável Ordem Terceira de Coimbra”, Arquivo da Venerável Ordem terceira de Coimbra); ainda, ref. por RIBEIRO. *Op. cit.* 1946, p. 296 e 306, nota 2].

<sup>14</sup> Cf. BORGES (2). *Op. cit.*, p. 22.

<sup>15</sup> Cf. BARRICO. *Op. cit.*, 1895, p. 47, *apud*, doc. n.º 13, do mç. n.º 5 : Arquivo da Venerável Ordem Terceira de Coimbra, doc. n.º 13, do maço n.º 5.

<sup>16</sup> Cf. BORGES (2). *Op. cit.*, p. 23. Reivindicaram, no entanto, privilégios anteriormente adquiridos, como, podres restringidos para o padre comissário, dependência de obediência superior ao Bispo de Coimbra; Esta trasladação da Ordem Terceira da Sé Velha para a sua capela privada, deu-se nomeio de grande aparato e solenidades que se estenderam ao espaço religiosos conventual, com participação entusiasta dos Irmãos e Frades

<sup>17</sup> Cf. BORGES (2). *Op. cit.*, p. 23. A questão da abertura de porta da sua capela privativa, directamente para o exterior, solicitada pelos Irmãos, dois anos depois da trasladação e sempre recusado pelos religiosos fundamentados no estipulado quando da concessão da Capela de São Pascoal Bailão, só foi alcançada mediante provisão expedida pelo Desembargo do Paço, de Fevereiro de 1828 [cf. *Idem. Ibidem*. 1895, p. 62 e sgs. (*apud*, L. A 2, fol. 217, 219 v.º, 221, . 222 v.º, 223 v.º, 225, L. H 2 \_ “Contas da Ordem Terceira”, fol. 155, L. A 7, fol. 45 v. e 46, Mç. n.º 2, doc. n.º 13, doc. n.º 17 do maço n.º 5 : Arquivo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Coimbra)].

<sup>18</sup> Cf. BORGES (2). *Op. cit.*, p. 25.

<sup>19</sup> Cf. *Idem. Ibidem*, p. 23.

<sup>20</sup> Com permissão dada pelo Ministro Provincial, P.º Fr. António de Nazaré, teve aprovação superior do Secretário da Província Franciscana de Portugal, P.º Fr. Manuel das Chagas. Colhemos estas informações in Barrico (BARRICO. *Op. cit.* 1895, p. 20 e 21) onde o autor apresenta a transcrição de uma carta patente arquivada no L. A 1 do arquivo da Ordem Terceira de Coimbra, sem que haja dada a invocação da dita capela. No entanto, Sandra Dias Lopes. Convento de S. Francisco da Ponte – Valor da Arte Coimbrã, 1998, p. 31, ref. AN/TT – *Convento de São Francisco da Ponte de Coimbra*, L. único, Cx. 1, 1812, Janeiro 18, Lisboa – “Inventário do extinto convento de S. Francisco da Ponte, de Coimbra”, que transcreve (p. 70), onde se lê que havia uma capela a serviço daquela Ordem, igualmente sem denominação patente. No entanto, o item anterior do Inventário reporta-se a uma Capela de Nossa Senhora da Conceição; ainda, *vide*, MONTE OLIVETI. *Op. cit.*, 1686.

<sup>21</sup> Cf. BARRICO. *Op. cit.* 1895, p. 22 e 23.

<sup>22</sup> Cedência de capela com consentimento de reestruturação do espaço, para além da zona sagrada da pequena capela, sob compromisso de não abrirem porta alguma para fora e de colocarem grades nas janelas que rasgassem para o exterior. A cedência da nova capela teve lugar a 26 de Setembro de 1739 com a complacência do P.º Guardião do Convento de São Francisco da Ponte, sendo a sua escritura lavrada em 4 de Fevereiro de 1740 (*Idem. Ibidem*. p. 23).

<sup>23</sup> Com a cedência por parte da Câmara de Coimbra de um terreno baldio anexo ao Convento, os Terceiros obtiveram, finalmente, uma área privada, onde construíram a sua capela independente da Conventual. No ano de 1740, a 4 de Fevereiro, foi lavrada escritura para a obra de prolongamento da capela de que, entretanto, se serviam. Passado um mês, a 9 de Março, celebrou-se solenemente a colocação da pedra fundamental, para a criação do novo espaço, anexo ao convento, que viria a ser o que os Terceiros de Coimbra ocupariam definitivamente, tendo o Definitório reunido, passados cerca de dois meses (*Idem Ibidem*, 1895, p. 24, *apud*, Arquivo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Coimbra, L. E 2, fol. 218)

<sup>24</sup> O térreo é rasgado pelo portal emoldurado a cantaria, sobre patamar de lanço de escadaria; no registo superior abrem-se dois vão de janelas de arco em abóbada de berço, iluminantes; o pano do meio é rasgado por janela da mesma feição das já descritas; um pequeno registo azulejar com a imagem de Nossa Senhora da Conceição; o remate é em frontão de lanços, neo-barroco, com cornija interrompida fortemente relevada no registo térreo; o pano da esquerda é muito estreito e cego.

<sup>25</sup> O coro-alto / sub-coro estão divididos da nave por arco de face côncava.

<sup>26</sup> Abóbada dividida em tramos por arcos torais assentes em mísulas embutidas nos panos murais laterais.

<sup>27</sup> Cf. A. Lemos. “Vista do Rio Mondengo, e dos Conventos de S. Francisco e de S.ª Clara em Coimbra”, Litografia, Largo da Quintela, n.º 1, c. 1838 in *Gravuras Antigas de Coimbra*, Câmara Municipal de Coimbra, s. d.

## Quadro 12

| <b>Ordem Terceira de São Francisco no Convento de São Francisco do Funchal<sup>1</sup></b> |  |
|--|--|
| <b>Surgimento / Fundação</b>   | Remontará ao tempo da construção do Convento, “bem para o meado do século XVII” <sup>2</sup> ,   |
| <b>Dados cronológicos</b>  | Séc. XVII (meados) – Fundação provável.<br>1683 – Notificado com alusão a um Comissário dos Terceiros do convento franciscano da cidade, o P.º Pregador Frei Álvaro da Trindade <sup>3</sup> .<br>1834 – Afastamento dos frades do convento; abandono igualmente dos Terceiros que procuraram acolhimento fora da sua Ordem <sup>4</sup> .<br>1933 – Noticiada a posse da capela de São Pedro pelos Terceiros <sup>5</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>   | Capela na igreja dos frades <sup>6</sup> .   |
| <b>Templo próprio</b>  | Capela construída dentro da igreja conventual, com Santa Isabel de Portugal por orago.   |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>                                  | Capela no interior da igreja conventual.   |
| <b>Partes integrantes da capela</b>  | Há notícia de ter sido caracterizada como sendo a mais ampla do templo, e tendo porta própria, travessa, que dava sobre o adro do templo <sup>7</sup>  |
| <b>Sacristia</b>   | Não definido.  |
| <b>Santuário</b>   | A capela era a primeira do lado da Epístola  |
| <b>Consistório</b>   | Não definido.  |
| <b>Claustro</b>  | Não definido.  |
| <b>Outras instalações</b>  | Não definido   |
| <b>Exumação de corpos</b>  | Na capela que os Terceiros teriam construído na igreja conventual, com permissão para enterramento dos corpos dos Irmãos defuntos da Ordem <sup>8</sup> .<br>Em planície, e envolvimento urbano.   |
| <b>Implantação no terreno</b>  |  |
| <b>Características artísticas</b>  | Nada a assinalar.  |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>   | Nada a assinalar.  |

<sup>1</sup> A igreja inicialmente construída de pequena dimensão, teria sofrido acrescentos e reconstruções ao longo de um século, tendo ocorrido a primeira sagração, em 14 de Março de 1554, dada pelo Bispo das Canárias, D. Sancho de Truxilho, sendo Guardiã Frei Pedro de Trocifal, persistindo trabalhos de acrescentos e reparações até 1578, Quando da Guardiania de Frei Diogo Nabo (cf. ESPERANÇA. *Op. cit.*, 1706-1771, Livro XII, Cap. XII, p. 677). A igreja tornara-se exígua para as exigências devidas à grande frequência de fiéis que tinha e, o terreno para enterramentos, também se tornara escasso para a construção de jazigos requeridos por particulares que a tornariam em verdadeiro panteão. Foi então decidida a demolição da igreja e

---

a construção de uma nova de maiores dimensões no mesmo local, corria o ano de 1780. O Convento franciscano do Funchal, correndo o ano de 1834, ficou devoluto e entregue ao abandono. Em 1865, foi demolida a igreja, estando Convento em ruína; o convento e a sua cerca acabariam por ser totalmente arrasados.

<sup>2</sup> Cf. RIBEIRO. *Op. cit.*, 1952, p. 373.

<sup>3</sup> A data refere-se à sua constituição como Comissário da Custódia de Santiago (cf. ESPERANÇA. *Op. Cit.*, 1706-1771, Parte V, Livro V, Cap. 16, p. 988).

<sup>4</sup> Acolheram-se na igreja do Colégio dos Jesuítas, Igreja de São João Evangelista.

<sup>5</sup> Cf. RIBEIRO. *Op. cit.* Braga, 1952, p. 373.

<sup>6</sup> Apenas se encontrou menção de um espaço ocupado pelos Terceiros na igreja conventual que era constituída por quatro capelas de vulto abertas de cada lado da nave. A capela que é dada com pertença dos Terceiros, teria sido construção sua (cf. Henrique Henriques de NORONHA. *Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese na Ilha da Madeira*, Ms. da Biblioteca do Funchal, 1722. Madeira : Secretaria Regional do Turismo e Cultura : Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, p. 239.

<sup>7</sup> *Idem. Ibidme. Loc. cit.*

<sup>8</sup> *Idem. Ibidem. Loc. cit.*

**Quadro 13**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco<sup>1</sup> no Convento de São Francisco de Tavira<sup>2</sup></b> |  |
|---|--|
| <b>Surgimento / Fundação</b>  | Não há notícia da data da fundação.<br>É aceite pela crítica que teria nascido pouco antes de 1670.  |
| <b>Dados cronológicos</b>   | 1668 – Aprovação de estatutos <sup>3</sup> .<br>1670 – Instituição provável.<br>1715 – Data da Acta mais antiga que é conhecida para esta Irmandade <sup>4</sup> .<br>1729 – Acórdão a confirmar os estatutos.<br>1730 - Os Terceiros conseguiram autorização para construir a Casa dos Santos / Santuário<br>1743 – Construção da Casa do Despacho <sup>5</sup> .<br>1834 – Extinção das Ordens Religiosas <sup>6</sup> .<br>1843 - Juntamente com o convento, ruiu parte do templo <sup>7</sup> .<br>1853 - A igreja possuía já dois zimbórios, um sobre a capela dos Terceiros e outra sobre o cruzeiro, além de uma torre sineira.<br>1881, 31 de Maio - Incêndio, provocado por forte trovoadas arruinou a igreja <sup>8</sup> .<br>1884 - A igreja dos Terceiros abriu de novo ao culto<br>1891 – Acrescento de guarda-vento <sup>9</sup> .<br>1903 – Entrada em declínio da Instituição <sup>10</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>  | Ocupação de uma das capelas da igreja dos frades, situada, na época, no lado do Evangelho, no topo do braço esquerdo do transepto (sendo o templo de planta em cruz latina) <sup>11</sup> .<br>Igreja que fora a conventual.   |
| <b>Templo próprio</b>   | Capela do Senhor dos Passos  |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>   | Capela no braço do transepto do lado da Epístola, paralela à nave da igreja conventual.<br>Santuário, à entrada da igreja conventual do lado do Evangelho, perpendicular à nave.<br>Instalações administrativas, adossadas do lado do Evangelho, em dois andares.  |
| <b>Partes integrantes da capela</b>   | Espaço da congregação e capela-mor separados entre si por arco e, do transepto da igreja conventual, por outro arco.   |
| <b>Sacristia</b>  | Na antiga Sala do Capítulo <sup>12</sup> com lavabo.   |
| <b>Santuário</b>  | Salão localizado à entrada da igreja conventual, de planta longitudinal <sup>13</sup> .  |
| <b>Consistório</b>  | Planta longitudinal, com tecto de masseira <sup>14</sup> .   |
| <b>Claustro</b>   | Não aplicável  |
| <b>Outras instalações</b>   | Nada a assinalar   |
| <b>Exumação de corpos</b>   | Em solo do Santuário <sup>15</sup> .<br>Cemitério privado – o Campo Santo – nas traseiras das suas instalações <sup>16</sup> .   |
| <b>Implantação no terreno</b>   | O antigo Convento de São Francisco foi construído à saída da cidade, contínuo a ela, proeminente sobre uma plataforma <sup>17</sup> .<br>O Convento surgiu na parte “aquém da Ponte” de Tavira; nele teve assento uma Ordem Terceira   |

### Quadro 13 (cont.)

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| <b>Características Artísticas</b> | Construção com aspectos transversais a várias épocas artísticas: do Góticas ao Barroco, ao Neoclássico e ao Novecentos. Capela setecentista, neoclássica, de espaço duplo, nave e capela-mor, em volumes cúbicos escalonados, marcados por arcadas de arco de perfeito, com as respectivas coberturas em abóbada de berço e cúpula (abóbada esferóide sobre plano poligonal, com trompas, com lanternim). Santuário de planta rectangular, alongada, neoclássico, rococó, tecto em cruzaria de ogivas com tramos; talha profusa dourada nos nichos. Sacristia (antiga casa do Capítulo) de feição gótica. |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>      | O complexo dos Terceiros franciscanos nascido em Tavira, constitui-se uma mais valia patrimonial da arquitectura religiosa para a cidade e, particularmente, para a História da Arte Nacional, englobando a época colonial, pelas semelhanças tipológicas que apresenta com congéneres construídas na Zona da Mata Brasileira. Atingiu, no início da segunda metade do século XVIII, uma significativa notoriedade na cidade <sup>18</sup> .  |

<sup>1</sup> Não tivemos acesso ao arquivo particular da Venerável Ordem Terceira de Tavira. Socorremo-nos dos cronistas do século XVII da Ordem de São Francisco, e do Memorando Histórico que Arnaldo Casimiro Anica apresentou à estampa em 2001 [Arnaldo Casimiro ANICA (1926-). *Tavira e o seu Termo : Memorando Histórico*, Vols. I e II. Tavira : Câmara Municipal de Tavira, 1992 e 2001]. Este historiador é considerado um dos grandes estudiosos da história de Tavira e da região do Algarve e teve acesso ao arquivo da Ordem Terceira, segundo notificação sua (*Idem. Ibidem*, p. 101). Não nos sendo dado conferir os documentos a que este historiador alude, tentámos confirmá-los pela nossa observação e cotejámos-os com os cronistas, sempre que possível.

<sup>2</sup> De acordo com o cronista setecentista, P.º Frei Jerónimo de Belém – que tratou particularmente a história da Província Franciscana Observante do Algarve – o Convento de São Francisco de Tavira teria sido a primeira casa católica a ser construída na zona sul do país, logo após a reconquistada desta ao Islão. A sua fundação deu-se em data que, disse Belém, “os nossos não puderam descobrir ao certo” (cf., Jerónimo de BELÉM, padre Fr., 1692-1760?, OFM., Inácio RODRIGUES, 1743 -1752. *Chronica serafica da Santa Província dos Algarves da regular observancia do nosso serafico padre S. Francisco, em que se trata da sua origem, progressos, e fundações de seus convento ....* Lisboa : na Oficina de Ignacio Rodrigues, 1750-1758, 4 vols, Parte I, Livro IV, p. 184). Considerou, todavia, plausível tê-lo sido, entre os anos de 1272 e 1330, tendo depois tido melhoramentos em 1612 (cf. P.º Bartolomeu RIBEIRO. *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular : Esquema Histórico de 1217 a 1834 e Crónica Sucinta da Província dos Santos Mártires de Marrocos*. Braga, 1946, p. 41). A Igreja teve, logo de início, planta em cruz latina, com o portal principal virado a Norte, e o interior organizada com seis capelas no cruzeiro e oito no corpo (todas com senhorio particular, pertencendo umas a irmandades específicas) (cf.. *Idem. Ibidem*, Parte I, Livro IV, Cap. XVII, p. 189, col. esq.). Tinha feição medieva, que permaneceu nas duas capelas que teriam sido construídas no claustro e hoje abrem para o exterior, para o Jardim de São Francisco anexo à igreja dos Terceiros; constituíam as capelas da Senhora da Boa Morte (com resquícios de pinturas murais oitocentistas) e da de Santo António, cujas coberturas são em abóbada de cruzaria de ogivas assente em capitéis decorados com motivos vegetalistas. O que se conservou até hoje do complexo franciscano, testemunha uma existência construtiva atribulada. [Ficou em ruínas como tantas outras edificações com os terramotos sentidos em 1722 e em 1755 (cf. BELÉM. *Op. cit.*, pt. I, L. IV, Cap. XXII, p. 200; ainda, João Baptista da Silva LOPES, “Concelho de Tavira”, *Corografia ou Memória economica, estadística e topográfica do Reino do Algarve*. Lisboa : Typ. da Academia, 1841); sofreu novas calamidades em 1843, quando ocorreu um desabamento de parte da estrutura conventual e, quarenta anos passados, parte do seu recheio seria consumido por um incêndio (cf. Arnaldo Casimiro ANICA. *Tavira e o Seu Termo - Memorando Histórico*. Tavira : Edição da Câmara Municipal de Tavira, 1993; ainda, Ofir Renato das CHAGAS. *Tavira, Memórias de uma Cidade*. Tavira : Edição do Autor, 2004)]. Assim foi alvo de várias intervenções, reparações, reconstruções, acrescentos e modificações estruturais, que transfiguraram o primitivo conjunto. Isso explica o facto de a igreja ter tido a sua primitiva porta de acesso virada a Norte, estando a partir de 1750, virada a Ocidente; e o coro estaria onde hoje se vê a capela-mor (facto atestado por BELÉM. *Op. cit.*, 1750-1758, pt.I, L. IV, Cap. XXII, p. 201). De acordo com documentação que se encontra no Cartório de Tavira acolhido no Arquivo Distrital de Faro, o convento teria recebido muitas dádivas para a sua subsistência e construção [vide, a propósito, J. Fernandes MASCARENHAS. “O Convento de S. Francisco de Tavira na vida espiritual e no período das lutas liberais e miguelistas : (subsídios)”, *Actas das Primeiras Jornadas de História de Tavira*. Tavira : Clube de Tavira, 1992, p. 113].

<sup>3</sup> Aspecto que é confirmado por acórdão de 12 de Fevereiro de 1729. Conhece-se uma petição destes Terceiros ao P.º Provincial da Ordem, sedeados então em Borba (Alto Alentejo) autorização para fazerem enterramentos na sua capela, recentemente construída, segundo averbamento a fls. 16 v do Livro 1.º das escrituras desta Instituição Tavirense (existente no seu arquivo) (cf. *Idem. Ibidem*, vol. II, cap. III, p. 98). Esta Instituição foi mantida até aos dias de hoje em actividade no convento onde nasceu. Foi a primeira Irmandade religiosa laica a assumir-se em funções em Tavira, tendo contado com grande número de Irmãos provenientes de todo o Concelho. Apareceu posteriormente a Ordem Terceira dos Carmelitas, sem que

tivesse conseguido atingir o apogeu da Franciscana (*Idem. Ibidem*, vol. II, cap. III, vol. II, cap. III, p. 110 a 113). Viveu de legados, das receitas auferidas dentro da própria Irmandade – advindas das contribuições calculadas segundo as posses de cada elemento –, das missas encomendadas por diversas intenções e das verbas deixadas pelos irmãos para encomenda das suas almas (cf. *Idem. Ibidem*, vol. II, cap. III, vol. II, cap. III, p. 112 a 116).

<sup>4</sup> Escrita no ano em que foi Ministro da Ordem o P.º Dr. António da Fonseca (*Idem. Ibidem*, vol. II, cap. III, p. 99 e 117).

<sup>5</sup> Acto lavrado por escritura lavrada em 13 de Janeiro. A Casa do Despacho foi implantada simetricamente à Casa dos Santos, como consta de um livro de Tabelaio que se encontra no Arquivo Distrital de Faro (*Idem. Ibidem*, vol. II, cap. III, p. vol. II, cap. III, p. 99).

<sup>6</sup> A extinção das ordens religiosas não afectou a actividade dos Terceiros, apesar das instalações dos frades terem ficado incorporadas nos Próprios da Fazenda Pública (património do Estado) pelo Decreto de 28 de Maio de 1834; foram igualmente, extintos os institutos religiosos de todas as Ordens Regulares e os respectivos bens incorporados naquela instituição e, em Tavira foram vendidas a José Nicolau da Conceição Correia de Melo, então na Presidência da Câmara Municipal de Tavira (*Idem. Ibidem*, vol. II, cap. III, p. 150). Puderam então os Terceiros negociar aquela compra que, concretizada, foi aumentar o património conventual de que eram senhorios, como consta da *Acta de 10 de Dezembro de 1850 da Ordem* (cf. ANICA. *Op. cit.*, 2001, vol. II, cap. III, p. 100).

<sup>7</sup> Segundo officio da Câmara Municipal de 16 de Fevereiro de 1843, registado no livro do copiador da mesma Câmara. A igreja sofreu uma grande reforma que lhe acarretou feição e orientação novas. A antiga nave que tinha porta para Poente foi abandonada, tendo sido aberto um novo portal da Igreja para a Rua Poeta Isidoro Pires (antiga Rua do Aquartelamento), segundo descrição do final do século XVIII (cf. ANICA. *Op. cit.*, 1993, p. 100 e 227, n. 7, *apud*, IAN/TT, vol. 38, n.º 8, doc. 11 – Conventos diversos, Convento de São Francisco de Tavira). . Há notícia de ter sido tentada a cobertura do cruzeiro por uma abóbada em pedra e cal, o que não teria sido conseguido, tendo então sido colocado uma de madeira (cf. *Idem. Ibidem*, p. 100 e 101, *apud*, *Acta de 30 de Julho de 1860 da Ordem*).

<sup>8</sup> A Ordem Terceira decidiu de imediato empreender obras de fundo para recrear o seu espaço. Abriu uma nova porta então a dar sobre o Largo de São Francisco, edificou um altar-mor do lado oposto à antiga Sala do Capítulo conventual, começando a utilizar este espaço como sacristia. As obras foram dirigidas pelo mestre pedreiro António Mansinho, tiveram a intervenção do estucador António da Silva Meira, do mestre-canteiro João Baptista Parreira Faria que executou as cantarias do novo pórtico da igreja.

<sup>9</sup> Cf. *Idem. Ibidem*, p.101.

<sup>10</sup> Devido às leis republicanas de interdição de enterramentos em solo particular, deixou de poder contar com as verbas que era de uso receber, relacionadas com as exumações assim como com o compromisso de missas para a salvação das almas dos que sepultava desde que o deixassem encomendado.

<sup>11</sup> Esta capela, construída entre os finais do século XVII e o início do Século XVIII, mereceu por parte da Irmandade cuidado na decoração, como se depreende das palavras “... a capela-mór passou a estabelecer-se na riquíssima capela dos Terceiros...” (cf. Damião Augusto de Brito VASCONCELOS, Arnaldo Casimiro ANICA. *Notícias Históricas de Tavira : 1240 - 1840*. Tavira : Edição da Câmara Municipal de Tavira, 1989, p. 210). O autor refere, ainda, ter essa igreja sofrido incêndio em 1881, que a destruiu. Em 1701, foi encomendado ao escultor de Faro, João Baptista um retábulo para ela e, em 1717, Manuel Afonso Guerreiro dourou-a; repete-se o douramento em 1751 (cf. ANICA. *Op. cit.*, vol. II, cap. III, p. 99).

<sup>12</sup> Este é um dos compartimentos que escapou ao incêndio de 1881; destaca-se pela sua feição gótica, com cobertura em abóbada de cruzaria sextapartida, com arranque de um fecho central, cujas arestas descarregam em colunelos adossados nos cantos murários, que ostentam capitéis de ornamentação vegetalista; pela janela gótica ogival, e pela pedra tumular aposta numa parede, já vinda de uma outra localização, com inscrição em grafia oncial (cf. *Idem. Ibidem*, p. 211, onde se pode ler a transcrição do autor, onde refere a “ERA MCCCLXXX ANOS”); o lavabo é de cantaria ornado com cornija curva e cruz

<sup>13</sup> O Santuário foi construído com passagem directa para a igreja dos frades, o que consta da *Acta de 28 de Outubro de 1730 da Ordem* (cf. *Idem. Ibidem*, p. 212 e 227, nota 10). Encontra-se à entrada do templo da banda da Epístola, como acesso directo à nave; tem planta rectangular, alongada, perpendicular àquela; como grande destaque; nele avultam doze nichos, seis de cada banda, de madeira talhada e dourada, de ornamentação muito profusa que se salvaram do incêndio de 1881 (cf. VASCONCELOS, ANICA. *Op. cit.*, 1989, p. 212 e 227, nota 10); acolhem antigas esculturas, imagens sacras de roca e de vulto, que incorporaram as procissões que os Terceiros organizavam ou integravam ao longo do ano, em datas específicas, como a tradicional Procissão das Cinzas (ou da Cinza).

<sup>14</sup> A sua fachada (lateral ao frontispício da igreja) dá sobre a Rua do Poeta Isidoro Pires, foi construída em 1743, como dá conta a cartela que se encontra aposta no muro exterior. Foi construída pelo canteiro Francisco Pereira com cinco janelas de sacada em ressalto da parede; dois portais de dez palmos de altura e três frestas sob as sacadas, quinze degraus e um corrimão, era então ministro da Ordem o P.º Henrique Nunes Leal da Gama (de que se encontra uma pedra sepulcral com seu nome que teria instituído o *Morgado Leal da Gama*); daquele ajuste, restam hoje três janelas de sacada e duas frestas, que mantém as ferrarias iniciais (cf. ANICA. *Op. cit.*, 2001, p. 99).

<sup>15</sup> Os irmãos defuntos eram os únicos a ter direito a enterramento, segundo consta da *Acta de 29 de Novembro de 1794*; Em data incerta sabe-se que foram, ainda, permitidos aos Terceiros Franciscanos os enterramentos no adro da igreja. Uma escritura de aforamento de 1572 há referência ao Cemitério do Hospital junto do “adro de S. Francisco” (cf. *Idem. Ibidem*, p. 161, *apud*, *Livro Tombo do Hospital do Espírito Santo* escriturado em 1698).

---

<sup>16</sup> Em 1844, a Câmara Municipal comprou uma parte do terreno da cerca do convento para aí fazer um cemitério, localizado onde hoje é o Jardim da Câmara Municipal, convertido em museu de cantarias esculpidas de várias procedências e tempos, ao lado da Igreja de São Francisco; a partir de 1850, os Terceiros construíram o seu cemitério pegado àquele e junto à torre da Igreja, separado do Municipal por gradeamento (cf. *Idem. Ibidem*, vol. II, cap. III, p. 111 e Cap. V p. 162). A partir de 1918, foram proibidas as exumações em terreno privado conventual, que passaram a ter lugar no Cemitério Municipal de São Pedro, que entretanto fora construído.

<sup>17</sup> Seria fundado primeiramente com o nome Convento da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

<sup>18</sup> Mesmo após a implantação da República com o fervor religioso em grande perda esta irmandade de Tavira manteve-se com estabilidade.



**Quadro 14**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco<sup>1</sup> no Convento de Santo António de Aveiro<sup>2</sup></b> |   |
|---|---|
| <b>Surgimento / Fundação</b>  | Fundação com Frei Luís de São Francisco, em 1670 <sup>3</sup>   |
| <b>Dados cronológicos</b>   | 1631/1682 – Início um grupo de Terceiros em Aveiro com Frei António das Chagas <sup>4</sup> .<br>1670 – Fundação da Ordem Terceira.<br>1675 (final) – Pedido do Ministro da Ordem Terceira ao Comissário Geral (Frei Luís de S. Francisco) para que este se mudasse para Aveiro <sup>5</sup> ; primeira procissão de Cinza a cargo da Ordem.<br>1676 - Autorização para que, em Definitório, a Mesa elegeisse um comissário de entre os religiosos do Convento.<br>1676, 31 de Janeiro – Aprovação do Comissário Geral <sup>6</sup><br>1676, 14 de Novembro – Lavrado documento de autorização para construção de capela própria <sup>7</sup> .<br>1676, Dezembro – Pedido de concessão ao Bispo de Coimbra para a construção de capela própria <sup>8</sup> .<br>1677, 15 de Janeiro – Consentimento para construção de capela própria dada pelo Bispo de Coimbra <sup>9</sup> .<br>1677, 16 de Janeiro – Lançada a pedra fundamental da capela <sup>10</sup> .<br>1678, 13 de Março – Entrada dos Terceiros na área conventual <sup>11</sup> .<br>1680 – Terminada a construção da Via-sacra exterior <sup>12</sup> .<br>1681, 5 de Outubro - Santificação da capela de 1681; concedida a licença para construção de cemitério para os Terceiros defuntos <sup>13</sup> .<br>1688 – Abertura ao público da capela <sup>14</sup> .<br>1688 – Terminada a construção da capela.<br>1789 – Início da nomeação, em Definitório de Terceiros, de um padre comissário não ligado ao Convento nem à Ordem Terceira <sup>15</sup> .<br>1811 – Escolha de comissário entre clérigos que pertencessem à Ordem <sup>16</sup> .<br>1834 – Cedência da Igreja conventual à Ordem Terceira.<br>1872 – Última feição dada á Casa do Despacho <sup>17</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>  | Capela do Corpo Santo <sup>18</sup> .<br>Local dentro do convento, junto à Capela de Nossa Senhora da Graça <sup>19</sup> .<br>Casa do Capítulo, para reuniões.<br>Igreja conventual que, depois da supressão das ordens religiosas, foi afectada à Ordem Terceira franciscana que uniu os dois templos entre si <sup>20</sup> .  |
| <b>Templo próprio</b>   | Capela com São Francisco por orago <sup>21</sup> .  |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>   | Capela independente adossada paralelamente à nave da igreja conventual, com ligação por arco.   |
| <b>Partes integrantes da capela</b>   | Frontispício de traça simples, pano único desenvolvido entre cunhais em pedra calcária, dois registos, edícula com aletas, com nicho com imagem de São Francisco <sup>22</sup> .<br>Planta longitudinal, com capela-mor e nave em salão com coro-alto.  |
| <b>Sacristia</b>  | Anexa à capela (adossada à ilharga do Evangelho) com porta de ligação, de planta quadrangular, longitudinal, com lavabo <sup>23</sup> .   |
| <b>Santuário</b>  | Na sacristia.   |
| <b>Consistório</b>  | Casa do Despacho em edifício adossado à parede do flanco Norte da capela <sup>24</sup> ; planta quadrangular, grande simplicidade no traçado, ampla, pé-direito elevado, com boa iluminação provida da sacada alta de varandim, para poente e, para Norte, duas janelas de peitoril. Frontispício de linhas simples <sup>25</sup>   |
| <b>Claustro</b>   | Inexistente.  |
| <b>Outras instalações</b>   | Salas no piso superior com acesso por pequena escadaria.  |

## Quadro 14 (cont.)

|                                   |  |
|-----------------------------------|--|
| <b>Exumação de corpos</b>         | Falta de concretização da licença dada pelo Bispo de Coimbra para construção de cemitério, havendo terrenos cedidos pelos frades, na cerca para a banda Sul <sup>26</sup> .<br>Na igreja.  |
| <b>Implantação no terreno</b>     | De início o convento foi implantado fora das muralhas, junto à Porta de Vagos <sup>27</sup> , em ambiente periurbano, integrando-se nele de forma aprazível, abrangendo um adro de planta em “U” <sup>28</sup> .   |
| <b>Características artísticas</b> | O Complexo Franciscano de Aveiro mostra exteriormente linhas simples e despojadas de decoração e ornamentação, características gerais verificadas em grande número de conventos mendicantes construídos em Portugal, na mesma época, traduzindo a gramática construtiva nacional do maneirismo em “estilo chão” <sup>29</sup> .<br>Em oposição à simplicidade exterior de ambos os templos, os interiores áulicos distinguem-se do conjunto arquitectónico, numa linha do gosto requintado e festivo do barroco <sup>30</sup> .<br>A capela dos Terceiros tem grande interesse artístico, decorativo e ornamental, emprestado pelas talhas douradas <sup>31</sup> , azulejaria. e pintura do tecto |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>      | O conjunto franciscano integra a lista dos Monumentos Nacionais, desde 2002 <sup>32</sup> . É de grande relevância para a Arte em Portugal, pela abundância de sintaxes que integra a nível da arquitectura, pintura e escultura, contando com a riqueza de arte integrada que detém. Em todo o conjunto e, particularmente no espaço da Ordem Terceira (exemplar da arte da Restauração <sup>33</sup> ) com aspectos da arte portuguesa de épocas diferentes de qualidade.  |

<sup>1</sup> Para o estudo desta Ordem Terceira, utilizámos a análise efectuada à própria peça arquitectónica, e os ensaios históricos do aveirense, José Reinaldo Rangel de Quadros Oudinot (19-03-1842 – 22-07-1918), em parte já desaparecido, editados pela Câmara Municipal de Aveiro (CMA) no ano de 2009. Este historiador teve o acesso ao acervo documental a que não nos foi permitido aceder. Deixou, ainda, anotações do que observou em obras arquitectónicas, algumas já desaparecidas e outras hoje remodeladas. A CMA fez a compilação dos manuscritos *in Idem. Aveiro – Apontamentos Avulsos – Manuscritos de 1911 a 1916*; e compilação de recortes, *in, Aveiro – Apontamentos Históricos*, vols. I, II, III, IV, V, VI, Aveiro : CMA, 19--?; ainda, editou em livro, três dos oito volumes dos recortes que o autor compilara *in QUADROS. Aveiro – Apontamentos Históricos : CMA, 2009.*]

<sup>2</sup> Surgiu fruto da religiosidade dos aveirenses e das suas crenças num milagre de Santo António que teria poupado a região da moléstia da peste no ano de 1524 (cf. Marques GOMES. *Memórias de Aveiro*. Aveiro : Tipografia Comercial – Rua da Fábrica, 1875, p. 148), e da dádiva de um terreno, em 1524, por um comerciante e Cavaleiro da Ordem de Cristo, João Nunes Cardoso e sua mulher Isabel da Costa Corte Real (cf. Manuel de MONFORTE (16 ? -1711) OFM. *Chronica da provincia da Piedade, primeira capucha de toda a ordem... de nosso Seraphico Padre S. Francisco*, 2ª Impressão (1.ª imp. 1696). Lisboa : Offic. de Miguel Manescal da Costa, 1751, p. 254, col. dt.ª; ainda, QUADROS. *Op. cit.* 19--?, vol. V, p. 2; ainda, ARROTEIA. *Op. cit.*, 1998, p. 29, p. 42; ainda, GOMES. *Op. cit.*, 1875, p. 148).

<sup>3</sup> Há notícia de ter sido Frei Luís de São Francisco (Lisboa, ? - São Martinho do Bispo, 1696) o fundador da Ordem Terceira em Aveiro. Este frade deixou obra escrita de relevo (Luís de SÃO FRANCISCO, ?-1696, OFM. *Livro em que se contem tudo o que toca à origem, regra, estatutos, ceremonias, privilegios e progressos da sagrada Ordem Terceira da Penitência de N. Seraphico P. S. Francisco*. [S. l. : s. n.]); foi Desembargador da Relação do Porto; foi comissário da Ordem Terceira no Convento franciscano no Porto (cf. “São Francisco, Frei luís de” *in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa; Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Limitada, [195-], vol. 27, p. 465).

<sup>4</sup> Quando da sua estada que se crê ter ocorrido, entre os anos de 1663 e 1670. Este frade, teria estado em Aveiro em missão, época, em que teria primeiro “plantado” a *Via-sacra duplex* no Campo de Santo António, antes da fundação da Ordem Terceira na região (cf. *Idem. Ibidem*, VII, vol. VI., [s. p] [fl. 1]).

<sup>5</sup> Por fazer falta quem orientasse de perto a fraternidade, ou que nomeasse alguém que o substituísse.

<sup>6</sup> De acordo com as regras saídas da Congregação Geral reunida em Castela, havendo notícia de ter havido procissão das Cinzas, a cargo da Irmandade, já desde o ano 1675 (*vide*, a respeito destes assuntos, QUADROS. *Op. cit.* 19--?, vol. VI, p. 3; ainda, QUADROS. *Op. cit.* 2009, p. 451 a 454).

<sup>7</sup> No Convento Franciscano do Porto, frei Tomé de Vila Real, Provincial da Soledade, lavrou documento de autorização para a construção requerida, cuja situação ficaria dependente da vontade do Guardião de Santo António de Aveiro e dos seus religiosos. A reunião, teve lugar na própria Capela de Nossa Senhora da Graça, na igreja do Convento, estando presentes o guardião do Convento, o Ministro da Ordem Terceira e outros religiosos e, dela foi lavrada uma acta (cf. QUADROS. *Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 10 a 12 ; QUADROS. *Op. cit.* 2009, p. 455, 457 e 458).

<sup>8</sup> A Irmandade era já constituída por mais de quatrocentos indivíduos (cf. QUADROS. 19--?, VII, *in* vol. VI, p. 13; *Idem.* 2009. *Op. cit.* p. 459).

<sup>9</sup> D. Frei António de Braga, só depois de verificada a praticabilidade da construção de uma capela, deu informação favorável para que fosse erguida (cf. *Idem. Ibidem*, p. 460).

<sup>10</sup> Cf. QUADROS. *Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 16.

<sup>11</sup> Esta Irmandade tinha recorrido à Mesa do Definitório Franciscano e pedido um novo comissário, o que foi aceite, sendo nomeado frei Sebastião de Monsanto em substituição do anterior; este conseguiu que se transferisse a Ordem para dentro do Convento (cf. GOMES. *Op. cit.*, p. 147).

<sup>12</sup> Cf. QUADROS. *Op. cit.* 19--?. VII, vol. VI, p. 16; *Idem. Op. cit.* 2009, p. 462 e 463.

<sup>13</sup> Do Convento Franciscano do Porto, veio licença para a abertura do culto aos fiéis da capela que ainda não estava terminada.

<sup>14</sup> Cf. QUADROS. *Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 16.

<sup>15</sup> Para poder exercer o seu cargo com isenção, pelo que seria remunerado, sendo aceite pelo Geral da Ordem Franciscana, Frei Vicente Salgado (1732-1802). Esta acção decorreria de desentendimentos de subordinação. A Ordem tinha estado, desde o início, subordinada a um comissário nomeado pelo Provincial da Província da Soledade e a um dos religiosos do Convento de Santo António, ainda que nem sempre o Comissário tivesse tido boa aceitação por parte da congregação.

<sup>16</sup> O que ficaria menos oneroso para a Instituição, lutando a Ordem com falta de meios de sobrevivência; há notícia de, no início do século XIX, a provisão financeira dos Terceiros de Aveiro ser fraca (*apud*, ATT, *Chancelaria de D. Maria I*, l. 63, fl. 53v, doc. de 19 de Setembro de 1800), onde é referido que o “ministro e definidores da Ordem Terceira da Penitência, de Aveiro, obtiveram uma provisão para pedirem esmolas”; ainda, cf. QUADROS. *Op. cit.* 19--?, vol. VI, p. 4; ainda, *Idem. Op. cit.*, 2009, p. 489 e 490).

<sup>17</sup> Cf. *Idem. Op. cit.* 2009, p. 465.

<sup>18</sup> A primeira sede dos Terceiros foi fora da área conventual, numa capela pertença da Irmandade dos Marítimos, que usaram até 13 de Março 1678 (cf. GOMES. *Op. cit.* 1875, p. 145), com o apoio institucional do P.º Frei Luís de São Francisco do Convento de Santo António.

<sup>19</sup> Esta transferência só foi possível graças à autorização de Matias Soares da Costa Corte Real, morgado do Gafanhão (no Bispado de Viseu) que, possuindo uma capela particular no Convento de Santo António, de invocação à Senhora da Graça, autorizou a abertura de uma capela junto à sua, no corpo da igreja, da parte Norte. Teria vinte palmos de comprimento por dez de largura (cf. QUADROS. *Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 13). Deu, ainda, permissão aos Irmãos para cortarem a parede e abrirem porta de comunicação entre ambas, ficando estes com a responsabilidade de protecção da capela do morgado, a qual não deveria sofrer danos provindos da abertura daquela; disso foi lavrada escritura. A decisão foi tida em 23 de Julho, em reunião havida entre o ministro da Ordem Terceira, P.º Sebastião Soares de Fonseca, o padre comissário Frei Sebastião de Monsanto, pregador da Província da Soledade e aquele cortesão (cf. *Idem. Ibidem*, VII, vol. VI, p. 3; QUADROS *Op. cit.* 2009, p. 455).

<sup>20</sup> A parte conventual está ocupada pela Polícia Judiciária de Aveiro.

<sup>21</sup> O espaço sagrado dos Terceiros era primitivamente apelidada de Gafanhão. A sua fundação decorreu no meio de festividades, com presença dos dignitários da Ordem e os representantes do poder local. Para a sua construção tinham sido levantados óbices, que levou à construção de uma capela mais baixa que a conventual (para que as águas dos seus telhados não prejudicasse aquela); foi-lhes proibido a abertura de porta interior que desse para o templo. Foi lavrada acta nesse sentido, assinada pelo Secretário da Província, frei Domingos de Vila Nova (cf. *Idem. Ibidem*, p. 461 e 462). Em 16 de Janeiro de 1677, seria lançada a primeira pedra para a construção de raiz, dada como pronta para receber a Irmandade, passados dois anos (cf. GOMES. *Op. cit.* 1875, p. 147). A primeira pedra, determinada pelo Ritual Romano de Paulo V seria branca e quadrada

<sup>22</sup> Esta imagem terá vindo da portaria do extinto Convento da Madre de Deus, conhecido por Convento de Sá (cf. QUADROS *Op. cit.* 2009, p. 471).

<sup>23</sup> Desenvolve-se no piso térreo do edifício da Casa do Despacho; acede-se pelo vestíbulo (porta aberta no lado poente); tem uma vasta área, é de baixo pé-direito e iluminação deficiente recebida das frestas rasgadas do lado Norte; avulta o lavatório embutido na parede, em pedra cinzelada com elementos geométricos, de linhas muito simples. Quadros faz considerações sobre a feição da sacristia que conheceu antes da feição actual (cf. QUADROS. *Op. cit.* 19--?, VII in vol. VI, p. 31).

<sup>24</sup> Havia determinação para que aos vãos da casa do Despacho não dessem sobre a cerca conventual. (cf. QUADROS *Op. cit.* 2009, p. 461 e 462), por licença assinada no Porto, pelo Provincial Frei Leonardo de Chaves, em 15 de Setembro de 1681, na continuação da sacristia, tendo sido mandada ampliar em 1872, no mesmo tempo em que a sacristia foi reformada também (Cf. GOMES. *Op. cit.* 1875, p. 147. Segundo Quadros (QUADROS. *Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 20) a casa do Despacho, erguida adossada à capela do lado do Evangelho, remonta a 1682, tendo sofrido posteriormente algumas reformas internas; estas obras seriam pagas com esmolas recolhidas para esse fim. Em 12 de Agosto de 1866, a Mesa ordenou reparações e acomodações para receber nela imagens, paramentos e outros objectos ligados à vida religiosa da Ordem Terceira (cf. *Idem. Op. cit.* 2009, p. 497). O primitivo tecto era em gamela substituído em 1898, pelo tabuado plano que exhibe hoje. O final do século XIX foi de grandes obras neste corpo, pois os madeiramentos apresentavam grande ruína e o espaço precisava de ser ampliado. Em 1872, foi restaurada a sala do despacho; no ano de 1898 foram iniciados novos trabalhos de restauro e recuperações gerais neste edifício que se encontrava de novo em mau estado de conservação; foi removido o revestimento superior em gamela da Sala do despacho e substituído pelo que se vê hoje (cf. *Idem. Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 21, 29 a 31; *Idem. Op. cit.* 2009, p. 472 e 497).

<sup>25</sup> Destacam-se os traços eruditos que avultam nela. De um só pano desenvolvido entre cunhais, de dois andares, com os vãos abertos num mesmo eixo, porta, e janela de sacada com varandim assente em mísulas e guarda em ferraria [Quadros refere que no ano de 1771 teriam sido substituídas as pinhas que eram de madeira pelas de ferro (cf. QUADROS. *Op. cit.*

2009, p. 484)]; aquela é flanqueada por dois cruzeiros de Via-sacra assentes em plinto, embebidos no pano murário, único sinal exterior que nos transporta para uma construção ligada ao sagrado. O remate das fachadas é em cornija de coroamento, continuada, onde assenta um telhado de quatro águas.

<sup>26</sup> Os cadáveres dos Irmãos Terceiros e dos grandes beneméritos que haviam determinado em vida o seu enterramento em solo de Terceiros, passaram a ser enterrados no próprio templo (cf. BMA: Fundo Local. QUADROS. *Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 21; *Idem. Op. cit.* 2009, p. 464 e 465).

<sup>27</sup> Eximindo-se, assim, à alçada do Bispado. A porta estava aberta a Sul no caminho dos comerciantes, que se deslocavam entre povoações. Hoje situa-se num largo na freguesia da Glória (desde o século XIX) (cf. QUADROS. *Op. cit.*, 1911-1916, fls. 167 e 276).

<sup>28</sup> Este foi modelado, por um dos lados, pelas fachadas geminadas da igreja dos frades e da capela dos Terceiros e pela casa do despacho, em sintaxe arquitectónica, que remete para a tipologia residencial, do final de Seiscentos, em construção vernacular nacional; o outro lado do “U” é preenchido pela frontaria do convento e entrada para a cerca; e o outro, pelo do muro desta; este átrio exterior em “U”, remete-nos para a ideia de um “pátio de convite” de arquitectura profana, transporto para um espaço sacro, das gentes de fé que vinham dos caminhos da urbe ou dos arrabaldes, para assistirem nos templos às respectivas cerimónias que buscavam, ou apenas atraídos pela beleza e paz que o lugar inspirava [encostado ao muro da antiga cerca, quase se perde da vista um cruzeiro em pedra, de linhas simples, que ali se apruma com coluna jónica assente em pedestal, do século XVI, entre a vegetação que foi lavrando perto dele (cf. GONÇALVES. *Op. cit.* 1959, vol. VI, p. 137, col. dt.<sup>a</sup>, p. 138, col. esq.)]. Por contrato estabelecido entre a Ordem Terceira e a CMA, em Outubro de 1861, esta ficou com o terreno em alameda do chamado Campo de Santo António, deixando para a Ordem o terreno fronteiro ao Convento, como adro, onde foram colocadas as cruces da Via-sacra (cf. QUADROS. *Op. cit.* 2009, p. 496 e 497).

<sup>29</sup> Que traduzem as dificuldades económicas da Ordem, mas igualmente as que o país atravessou decorrentes das guerras do Prior do Crato e dos partidários de Filipe II, excepção para os momentos de paz alcançada, e de alguma abundância vinda de dádivas dos apoiantes da dinastia Filipina (cf. NEVES, FERREIRA. *Op. cit.* Julho 2009, p. 191). Tem várias épocas de construção: igreja da época Filipina e a Ordem Terceira da Restauração; ainda assim as formas do conjunto são harmoniosas, de proporções discretas e equilibradas. O edificado que hoje observamos tem a contribuição das intervenções levadas a efeito no final do segundo quartel do século XIX, época em que o edifício teria sido restaurado e ampliado, como dá a perceber a placa existente na fachada com a inscrição: *R. / 1872. Refere Quadros* (QUADROS. *Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 30 e 32) que o final do século XIX foi de grandes obras neste corpo, pois os madeiramentos apresentavam grande ruína. Em 1872, foi restaurada a sala do despacho; no ano de 1898 foram iniciados trabalhos de restauro e recuperações gerais neste edifício que se encontrava de novo em mau estado de conservação; foi removido o revestimento superior em gamela da Sala do despacho e substituído pelo que se vê hoje (cf. *Idem. Op. cit.* 19--?, VII, vol. VI, p. 21, 29 a 31; *Idem. Op. cit.* 2009, p. 472 e 49).

<sup>30</sup> Que se impôs pela riqueza decorativa e ornamental, subsidiada pelas pinturas de cores vivas, embora, veladas pelo passar dos tempos, pelo esplendor dos dourados da talha trabalhada com grande apuro, de que se destaca o talho joanino da capela-mor da igreja conventual, trabalho da década de 40 do século XVIII, em douradura total (cf. GONÇALVES. *Op. cit.* 1959, vol. VI, p. 134, col. esq.). Os desenhos do retábulo e do sacrário, desta capela, estão atribuídos ao P.<sup>o</sup> Pantaleão da Rocha de Magalhães, conhecendo-se a data do contrato – 16 Dezembro de 1679; a execução dessas obras deviam ser levadas a cabo pelos imaginários António Gomes e Domingos Nunes, do Porto, tendo, a obra, sido financiada pelo Conde de Vila Verde, da Casa de Angeja (cf. Carlos RUÃO. [Em linha]. *Igreja do Convento de Santo António e seu claustro, Capela da Ordem Terceira de São Francisco e anexos conventuais (Casa do Despacho)*, 1996 [Consult. em 12-01-2008]. Disponível em <http://www.monumentos.pt>). É particularmente interessante o retábulo da capela-mor, pois ele aproxima-se da estrutura bidimensional da pintura, de vocação figurativa, apresentando ao público cenas devocionais, construídas para informação e formação dos fiéis, no caso representa a “Estigmata” de São Francisco de Assis. Para pormenorização sobre os aspectos decoração e ornamentação da capela, remetemos para a leitura de QUADROS. *Op. cit.* 2009, p. 466 a 471.

<sup>31</sup> Os aspectos artísticos decorativos e ornamentais oferecem estilos dos séculos XVII e XVIII, o barroco seiscentista de D. Pedro II (1648-1706) e o italianizante de D. João V (1689-1750). Algumas das talhas douradas foram restauradas nos seus douramentos, no ano de 1775, a par com outras melhorias que os Mesários decidiram fazer no património integrado e no móvel (cf. QUADROS. *Op. cit.* 2009. *Op. cit.* p. 487).

<sup>32</sup> Foi classificado *Monumento Nacional* pelo Dec. n.º 5/2002, DR 42 de 19 de Fevereiro de 2002, e inventariado com n.º do Inventário do Património Arquitectónico (IPA) PT020105060012 : DGEMN, 1996 (cf. Carlos RUÃO. [Em linha]. *Op. cit.* 1996).

<sup>33</sup> Modelo do primeiro Barroco português; constituiu-se como repositório de arte sacra, com peças que se espalham um pouco por todo o lado, sem grande preocupação de organização específica; no entanto, na sacristia foi reunido um pequeno número de imagens [esse pequeno repositório de imagens conta com algumas já datadas, como as de Santo Amaro (século XVII) e as de São Pascoal e São Domingos, os cinco santos Mártires uma Senhora da Conceição (século XVIII), entre outras peças. Nos anexos da Casa do Despacho existe um sacrário tardo-maneirista e várias pinturas da mesma época (cf. RUÃO. [Em linha]. *Op. Cit.*, 1996)].

**Quadro 15**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco no Convento de São Francisco de Faro<sup>1</sup></b> |   |
|---|---|
| <b>Surgimento / Fundação</b>  | Séc. XVI (final) / XVII   |
| <b>Dados cronológicos</b>   | 1597 – Oferta de uma capela da igreja dos frades, para uso dos Terceiros.<br>1672 – Documentada a eleição de uma Mesa de Terceiros <sup>2</sup> .<br>1676 – Notícia da construção da primeira capela <sup>3</sup> .<br>1676, 7 de Março – Notícia de licença para a sua fábrica <sup>4</sup> .<br>1679, 15 de Agosto – Notícia do lançamento da primeira pedra <sup>5</sup> .<br>1703 – Bênção solene da capela <sup>6</sup> .<br>1703, Outubro – Primeira missa.<br>1714 / 1733 – Obras de decoração do templo de maior destaque <sup>7</sup> .<br>1718 / 1719 – Painéis de azulejos da capela-mor <sup>8</sup> .<br>1742 – Conclusão da Casa do Despacho.<br>1755 – Danos sofridos na capela <sup>9</sup> , casa do despacho, sacristia, claustro, quintal, dos Terceiros.<br>1756 / 1796 – Obras de restauro e inovação <sup>10</sup> .<br>1780 – Construção de campanário de vela que alberga três sinos.<br>1832 – data que põe fim à convivência entre Terceira e Primeira Ordem franciscana em Faro, por saída destes <sup>11</sup> .<br>1840 – construção do coro-alto.<br>1865 – Fim das inumações no claustro <sup>12</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>  | Capela dentro da igreja conventual <sup>13</sup> .<br>Casa do Capítulo conventual <sup>14</sup> .   |
| <b>Templo próprio</b>   | Independente <sup>15</sup> .  |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>                               | Capela aberta na nave da igreja dos frades <sup>16</sup> .<br>Igreja orientada a Oeste, independente, adossada paralelamente à antiga igreja conventual.  |
| <b>Partes integrantes do templo</b>   | Planta longitudinal; capela-mor abobadada <sup>17</sup> ; arco cruzeiro <sup>18</sup> ; cruzeiro de planta e cúpula oitavadas <sup>19</sup> ; nave <sup>20</sup> com púlpito <sup>21</sup> e cobertura em abóbada de lunetas <sup>22</sup> ; coro-alto com janelão iluminante <sup>23</sup> ; o piso é de madeira, com exceção do corredor central em lajedo; sub-coro com guarda vento em madeira <sup>24</sup> . , sendo a parede integralmente recoberto por painel azulejar.  |
| <b>Sacristia</b>  | Sacristia aberta na galeria do claustro com porta de ligação ao templo, aberta na ilharga do Evangelho, de planta quadrangular <sup>25</sup> , com pequeno lavabo em pedra, em concha.  |
| <b>Santuário</b>  | Inexistente.  |
| <b>Consistório</b>  | Casa do Despacho construída sobre a sacristia <sup>26</sup> .   |
| <b>Claustro</b>   | Claustro a que se chega a partir da Portaria e de um Vestíbulo de circulação; é de planta quadrangular de dois pisos <sup>27</sup> (construção de 1780). Avista-se, afastando-se um pouco do edifício conventual a cúpula em meia-laranja com pináculo que cobre o cruzeiro da igreja. É também visível o frontão triangular de arcos da que foi a capela funerária do cemitério dos Terceiros.   |
| <b>Outras instalações</b>   | Portaria <sup>28</sup> ; logradouro a Norte <sup>29</sup> ; outras não definidas.   |
| <b>Exumação de corpos</b>   | Sob o pavimento da sua primitiva Capela <sup>30</sup> .<br>Claustro <sup>31</sup> .<br>Cemitério <sup>32</sup> com capela funerária <sup>33</sup> .   |

## Quadro 15 (cont.)

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| <b>Implantação no terreno</b>     | O convento franciscano ergueu-se frente às muralhas da cidade, fora delas, em planície, junto à ria de Faro <sup>34</sup> .   |
| <b>Características artísticas</b> | A arquitectura da Igreja dos Terceiros vai ao encontro dos cânones artísticos portuguesa em vigor nos séculos XVII e XVIII: fidelidade à tradição vernacular da arquitectura “chá”; com um exterior austero em oposição a um interior modelado com opulência e exuberância decorativas e ornamentais, com intervenção de elementos do barroco, do rococó e do neoclássico, em profusão e opulência decorativa, resposta aos requisitos e anseios pós-tridentinos. Importante acervo azulejar. |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>      | Esta igreja dos Terceiros é considerada hoje pelos investigadores da História da Arte um dos edifícios de cariz religiosa de maior destaque construído no Algarve, concorrendo para uma maior riqueza do panorama artístico-histórico-cultural do patrimonial nacional.   |

<sup>1</sup> Em 1529 os frades capuchos da Província da Piedade iniciaram a construção de uma nova casa franciscanos em Faro; embora escolhido Santo António como patrono, em data incerta, o convento passou a ser conhecido com o nome de São Francisco de Faro [cf. Manuel VALENÇA “Presença Franciscana em Faro – Século XVI-XIX”, *Anais do Município de Faro*. Faro : Câmara Municipal de Faro, 1997/1998, Vols. XXVII/XXVIII, *apud* Arquivo Distrital de Faro (ADF), Ms. 515 (antigo) de 1637, p. 39, nota 5]. O local era pouco adequado para edificações, por ser de fácil alagamento, muito húmido e de alto grau de salinidade, aspectos muito negativos para construções elementares de muros simples, mal protegidos, como os que os frades ergueram. Dos vários percalços que vitimaram a construção conventual, destacam-se o saque e o incêndio sofridos em 1596; foi arrasado de novo em 1755, incluindo os espaços dos Irmãos Terceiros<sup>1</sup>. A partir daí, comportou profundas alterações, cujas obras se estenderam até ao início do século XIX.

<sup>2</sup> Mesa que colocou a Ordem sob a protecção do Prelado da Diocese; também é a partir daquela data que há registo de nomes de Irmãos Terceiros, ligados ao convento franciscano de Faro (cf. VALENÇA. *Op. cit.*, 1997/1998, Vols. XXVII/XXVIII, p. 43).

<sup>3</sup> Construída às custas de esmolas da comunidade local, com características arquitectónicas superiores a quaisquer outras já construídas na Província (cf. BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.* 1750-1758, Livro XX, Cap. II, p. 343 col. dtª e 344, col. esqª). Belém rebate esta data por a achar tardia, apresentando uma reflexão a propósito. Notifica que o facto de o ressurgimento da Ordem Terceira ter tido início em Portugal, em 1606, atingindo grande furor em 1621 em todas as Províncias Franciscanas; leva a pensar que, havendo já um convento franciscano em Faro, seria natural, que tal como tinha acontecido noutros congéneres no país, também em Faro, seria natural que tivessem surgido cedo uma Irmandade de Terceiros junto ao convento, tentando fixar-se a ele (cf. BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.* 1750-1758, Livro XX, Cap. II, p. 347; ainda RIBEIRO. *Op. cit.*, 1952, p. 53 a 60).

<sup>4</sup> Cf. Francisco LAMEIRA, 1996; Daniel GIEBELS, 2005. [Em linha]. [Consult. em 19-07-2009]. *Igreja e Convento da Ordem Terceira de São Francisco*. IPA PT050805050076 : DGMN. Disponível em <http://www.monumentos.pt>.

<sup>5</sup> A notícia desta data entra em contradição com a adiantada para o início da construção da capela por Belém. Diz Lameira que foi no tempo do Ministro da Ordem o Deão D. Manuela Guerreiro Camacho (cf. Francisco I. C. LAMEIRA. *Faro : a arte na história da cidade*. Faro : Câmara Municipal, 1999, p. 57), sendo que este autor em outro local nos indicia esse facto em 1674 (cf. *Idem. Ibidem*, p. 71; ainda, *Idem*. [Em linha]. “Convento de São Francisco”, *Edifícios e Monumentos* : RADIX - Ministério da Cultura, p. Inicial e sg. [Consult. em 22-01-2008]. Disponível em <http://radix.culturalg.pt/visualizar.html?id=3043>; ainda, *Idem. Op. cit.*, 1999, p. 57), aspecto que não conseguimos esclarecer.

<sup>6</sup> Subsistiram dúvidas quanto à data de início das obras de construção do templo dos Terceiros, pois Francisco Lameira dá as duas datas, 1674 e 1679. Em Francisco Lameira (LAMEIRA. *Op. cit.*, 1999, p. 57) o autor refere a data de 15 de Agosto 1679, para o lançamento da primeira pedra; o autor indica que o templo foi construído em 1674, o que levanta dúvidas (*Idem. Ibidem*, 1999, p. 65 a 72). Outro aspecto é o facto de este autor indicar o ano de 1679 referindo-se à “recém criada Ordem Terceira” (*Idem. Ibidem*, p. 57) o que pode suscitar confusão pois os terceiros de Faro já tinham uma capela ao seu cuidado na igreja dos frades, no final do século XVI.

<sup>7</sup> A construção do primeiro retábulo da capela-mor é dado em 1714, com autoria do mestre Manuel Francisco; a remodelação teria sido efectuada três anos mais tarde, pela mão de Manuel Martins; em 25 de Maio de 1718 teria havido deliberação da Mesa, para o revestimento da capela com azulejos historiados, execução de Manuel Borges; os trabalhos de douramento da talha existente na capela teria sido realizados entre os anos de 1722 e 1725. Salienta-se a intervenção do dourador genovês que trabalhou em Faro, Angelo Maria Mangino que, tornando-se Irmão Terceiro de São Francisco, executou em 1722 douramentos no retábulo-mor da igreja e depois outras obras; ainda Diogo de Sousa e Sarre que também trabalhou no retábulo-mor da igreja em 1751; ainda Francisco Correia da Silva que encarnou figuras sacras dos nichos, pelos anos de 1735 e 1751, (cf. LAMEIRA. *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*. Faro : Câmara Municipal de Faro, 2000, p. 254; p. 256, *apud*, LAMRIRA, *Elementos para um Dicionário de Artistas que trabalharam a madeira em / para a cidade de Faro nos séculos XVII a XIX*, p. 141, 257).

<sup>8</sup> Da Col. Policarpo de Oliveira Bernardes (cf. João Miguel dos Santos SIMÕES. “O problema dos azulejos da Igreja de S. Francisco de Faro”, *Correio do Sul*, Faro, 18 de Agosto de 1949, p. 1-2; colectânea, p. 159-160; Vitor SERRÃO. “As campanhas artísticas da igreja de Nossa Senhora dos Prazeres”, *O Programa Artístico da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Beja – História, Arte e Restauro*, MC/IPP, 2006.

<sup>9</sup> Das instalações dos Terceiros teria caído a torre sobre a entrada e parte da abóbada da nave; ficaram destruídos a sacristia e o claustro interior, enquanto da parte dos frades ficaria quase tudo destruído; os Terceiros cederam então a sua igreja para uso dos frades, que a ocuparam por um período de quarenta e cinco anos, pois os recursos mostravam-se parcos para reconstrução conventual (cf. VALENÇA. *Op. cit.*, 1997 / 1998, Vols. XXVII/XXVIII, p. 56, 62 e 63).

<sup>10</sup> Dentro das providências tomadas pelos Terceiros para reparação e reconstrução do seu espaço, avulta uma mudança de orientação da igreja, assistindo-se à destruição da primitiva capela-mor e da fachada do templo, à transformação da nave em capela-mor, e à construção de um vasto transepto de planta octogonal, de uma nave e de novo frontispício de traça clássica, agora virado a poente; as obras tiveram início no ano seguinte ao terramoto, sob a direcção do arquitecto local Diogo Tavares (Faro, 1711-1765) e progrediram em três fases que remodelaram profundamente o edifício primitivo. A Irmandade despendeu avultada soma de dinheiro para essa obra que durou até ao ano de 1796; os dinheiros provieram de peditórios, da contribuição do elevado o número de irmãos que constituía a Irmandade de Faro (cerca de mil irmãos no ano de 1758) e de empréstimos com pagamento de juros (cf. *Idem. Ibidem*, p. 64 e 74).

<sup>11</sup> Após a extinção das Ordens Religiosas, os Terceiros tentaram assegurar para si a guarda do espaço conventual; conseguiram apenas, ficar com a igreja ao seu cuidado por alguns poucos, estando ainda em atrasado processo de reconstrução; porém, com a entrega do convento ao Ministério do Exército, os Irmãos apenas se bateram pela cantaria que fora colocada nela, o que conseguiram, tendo-a utilizado na construção de uma capela no novo cemitério da Irmandade (cf. *Idem. Ibidem*, p. 73).

<sup>12</sup> Por ordem da Câmara de Faro.

<sup>13</sup> Segundo o cronista seiscentista Jerónimo de Belém, a igreja tinha quatro capelas, sendo a mais aparatosa a pertencente à Irmandade da Venerável Ordem Terceira de Faro que teve ornamentação rica, com tribuna na capela em faustosa talha dourada, executada às custas de um benemérito (cf. BELÉM. Livro XX, Cap. II, p. 343, col. dt.<sup>a</sup>, Cap. IV, p. 348<sup>o</sup>).

<sup>14</sup> Situada no claustro, para as reuniões da Mesa (cf. VALENÇA. *Op. cit.*, 1997 / 1998, Vols. XXVII/XXVIII, p. 56).

<sup>15</sup> Para um conhecimento pormenorizado da configuração da igreja e dos restantes espaços construídos Pela Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Faro, consulte-se LAMEIRA, 1996, GIEBELS, 2005. [Em linha] *cit.*

<sup>16</sup> Os religiosos destinaram uma das suas quatro capelas abertas na nave única, para uso da Irmandade da Ordem Terceira, que ficava à entrada do templo, do lado do Evangelho (cf. BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.* 1750-1758, Livro XX, Cap. II, p. 343, col. dt.<sup>a</sup> e 344, col. esq.).

<sup>17</sup> A capela-mor tem um retábulo muito ornamental com trono piramidal protegido por elaborado dossel, avultando imagens aladas, trabalho do entalhador João Amado, contratado para essa execução em 1724 (cf. LAMEIRA. *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*. Faro : Câmara Municipal de Faro, 2000, p. 173 e 272); é revestida integralmente por azulejos figurativos que historiam a vida de São Francisco; à esquerda, abre-se uma porta de acesso à sacristia e duas janelas com gradeamento em madeira que serviam para assistências privadas às liturgias; do lado direito abrem-se duas janelas iluminantes.

<sup>18</sup> O arco cruzeiro, com frontão, está envolto por talha delicada de formas sinuosas e marmoreados policromos.

<sup>19</sup> Ocupando a área da primitiva capela-mor; as paredes são revestidas a azulejos azuis e brancos, com apontamentos de restos de azulejaria de padrão, com azuis e amarelos; tem um janelão emoldurado a talha dourada do lado da Epístola e, do oposto, abre-se um porta de acesso ao claustro; tem quatro nichos retabulares colaterais de grande complexidade arquitectónica, onde se abrigam imagens de grande porte (executadas entre 1795 e 1796) (cf. *Idem. Ibidem*, p. 273 a 275); a cúpula está assente sobre trompas rasgadas por óculos, em composição de grande policromia e douramentos, intervenção dos mestres Miguel Nobre e Manuel Francisco Xavier entre os anos de 1766 e 1775 (cf. VALENÇA. *Op. cit.*, 1997 / 1998, Vols. XXVII/XXVIII, p. 64); ainda, *Idem. Op. cit.* 1995, p. 74 e sgs.).

<sup>20</sup> A nave foi acrescentada entre o cruzeiro e a fachada principal (voltada para o Largo de São Francisco); os alçados laterais são revestidos a marmoreados sobre madeira, até ao arranque da abóbada; avultam neles nichos e quatro grandes telas de pintura italiana, enquadradas com a ornamentação de marmoreados. Duas das telas, datadas de 1792, são de Marcello Laopardi (?-1795) – artista italiano que trabalhou no sul de Portugal nos finais do séc. XVIII, encomenda devida ao grande mecenas algarvio que foi o Bispo de Faro D. Francisco Gomes de Avelar, estando. A pintura dos marmoreados que enquadram as telas são trabalho de 1793, da autoria de José Ferreira da Rocha, considerado um dos dois maiores artista a trabalhar então no Algarve (cf. VALENÇA. *Op. cit.* 1997 / 1998, Vols. XXVII/XXVIII, p. 64 e 65; ainda, LAMEIRA. *Op. cit.* 1999, p. 89).

<sup>21</sup> O púlpito construído no lado do Evangelho em talha policroma.

<sup>22</sup> A cobertura é marcada por tramos em marmoreados.

<sup>23</sup> À entrada, destaca-se o coro alto em madeira com balaustrada fingida; a iluminação é dada por janelão aberto no frontispício da igreja sobre o portal, emoldurado por cantaria e enquadrado por ornamentação azulejar.

<sup>24</sup> Com a parede integralmente recoberto por painel azulejar.

<sup>25</sup> Nela avulta um retábulo barroco com nicho para imagem sacra sobre um arcaz de dimensão média; é de paredes e muros planos; acolhe algumas imagens sagradas e uma tela de pintura a óleo em moldura dourada; dá entrada para a capela-mor da igreja.

<sup>26</sup> Não nos foi permitida visita às instalações do piso superior do claustro, pois albergam uma pequena comunidade de padres que dão apoio religiosos à Irmandade e aí vivem e atendem fiéis.

<sup>27</sup> O claustro é constituído por quatro alçados semelhantes; tem dois pisos definidos horizontalmente por friso continuado em cantaria, é rematado superiormente por beirado assente sobre cimalha; no piso térreo cada lanço é composto por três arcos de cantaria assentes em colunas de gosto toscano, que correspondem, no piso superior, a três janelas de sacada de verga curva em cantaria. Na ala Este eleva-se um campanário de frontão rasgado para três sinos. No pavimento das galerias, verifica-se a existência de lápides funerárias epigrafadas; as coberturas das galerias são de abóbadas arzoeadas. A banda Oeste do claustro dá acesso à portaria, cujo portal abre sobre o Largo de São Francisco.

<sup>28</sup> A Ordem Terceira de São Francisco de Faro tem o seu espaço delimitado por muro que é rasgado pelo portal de entrada da que leva à Portaria e ao Vestíbulo (sala de articulação dos vários espaços dos Terceiros); seguindo a linha da fachada principal, rasga-se um portão de acesso a um logradouro descoberto que se alonga pelo comprimento do corpo que substituiu a antiga igreja conventual, desaparecida; é limitada a Sul pelo seu muro e, a Norte pelo muro da igreja dos Terceiros; este espaço desabrigado, depois do terramoto era o usado pelos frades para atravessarem do convento para o templo dos terceiros, onde no seu cruzeiro, entre os quatro altares, iam celebrar a eucaristia, enquanto tentavam reconstruir o espaço conventual, o que só foi conseguido a partir de 1784 (colocação oficial da primeira pedra); surge então a portada da portaria conventual que dá acesso ao espaço da antiga igreja dos frades e caminho para o grande claustro dos frades; continuando-se para Sul, o muro conventual prolonga-se até fazer um cotovelo e seguir em direcção a Este, formando nova fachada (cf. VALENÇA. *Op. cit.*, 1997 / 1998, Vols. XXVII/XXVIII, p. 67 e 68)

<sup>29</sup> Com passagem a partir do claustro, passando uma portal gradeado.

<sup>30</sup> Para enterramentos dos altos dignitários da Ordem.

<sup>31</sup> Numa segunda fase serviram-se do pátio interior, transformado em claustro, para abrirem campas para os Irmãos defuntos, cobertas por lajes tumulares, prática seguida até 1865, ano em que foi encerrado à inumação, por ordem da Câmara de Faro.

<sup>32</sup> Entretanto a Ordem conseguiu um terreno anexo ao claustro, que transformaram em cemitério, cuja construção teria iniciada em 1845, que denominaram Novo Cemitério de São Francisco; este espaço foi utilizado até ao ano de 1910, quando da conclusão da necrópole municipal que, a partir de então, foram obrigados a utilizar O cemitério fora construído com capacidade de cem sepulturas [cf. VALENÇA. *Op. cit.* 1997/1998, Vols. XXVII/XXVIII, p. 82 e 83, *apud*, Arquivo da Ordem Terceira de Faro (AOTF), Ms. 15]. Em 1919 procedeu-se à transladação das ossadas do cemitério para o claustro, para o terreno do cemitério poder ser utilizado pela Câmara para a abertura de um arruamento urbano (cf. *Idem. Ibidem*, p. 83).

<sup>33</sup> Construída no logradouro riscado a Norte.

<sup>34</sup> Por curiosidade deixamos uma resenha dos vários artistas que trabalharam na decoração e ornamentação desta igreja, seleccionados da obra escrita de Francisco Ildefonso Lameira. Entalhadores do período Barroco: Manuel Martins (1719, 1721, 1731) com imagens avulsas para procissão, cornija para a capela-mor para estabelecer uma divisão entre as paredes laterais e a cobertura, na capela-mor, ambas revestidas a painéis azulejares, em 17312 oito nichos para acomodar as imagens processionais (cf. LAMEIRA. *Op. cit.* 2000, p. 228, 243 e 244; Gaspar Martins, irmão daquele, executou em 1742 um acrescento do retábulo-mor e em 1743, imagens de santos (*Idem. Ibidem*, p. 241); António Rodrigues Mendes fez um retábulo em parceria com Gabriel Domingues da Costa (*Idem. Ibidem, loc. cit.*); Manuel Francisco em 1714, trabalhou no retábulo principal (cf. *Idem. Ibidem*, p. 242); Miguel Nobre em 1734 e 1738 executou dois santos e concertou outros (*Idem. Ibidem, loc. cit.*); Francisco Xavier executou imagens (*Idem. Ibidem*, 2000, p. 250); como Douradores: o genovês Angelo Maria Mangino fez o douramento do retábulo principal e outros trabalhos em 1722 e 1724 (cf. *Idem. Ibidem*, p. 254); Clemente Velho Sarre encarnou sete imagens sacras para procissão em 1730 (cf. *Idem. Ibidem*, p. 255); Francisco Correia da Silva nos anos de 1731 e 1751 encarnou sete imagens sacras de nichos cf. *Idem. Ibidem*, 2000, p. 256 *apud, Idem. Elementos para um Dicionário ....*, p. 141); do período Rococó: douradores: Simão Fonseca Franco e Joaquim José da Silva (cf. *Idem. Op. cit* 2000, p. 321; como entalhadores: Miguel Nobre de parceria com Manuel Francisco Xavier, executaram talha da abóbada do cruzeiro entre 1766 e 1768 (cf. *Idem. Ibidem*, p. 324 e 327); Dâmaso Franco inicia a talha do cruzeiro da Igreja em 1753 – 1754, retomando-a e restaurando-a depois do terramoto; da sua oficina são ainda os retábulos colaterais do cruzeiro e o da capela-mor 1760-1761 (cf. *Idem. Op. cit.* 1995, p. 74 e sgs.; ainda, *Op. cit.* 2000, p. 324 e 325); do período Neoclássico: Domingos de Almeida foi o responsável pelo programa decorativo do reazulejamento após o terramoto (cf. *Idem. Op. cit.* 1999, p. 85); nos marmoreados: José Ferreira da Rocha celebrou contrato em 1798, para marmoreiro das paredes laterais da nave (*Idem. Op. cit.* 2000, p. 415).

<sup>34</sup> Documentado por Francisco LAMEIRA *A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco*, opúsculo, Câmara Municipal de Faro, 1992; José MECO. “Azulejos na cidade de Faro”, *Monumentos*, n.º 24, Lisboa, DGEMN, 2006, p. 64-71.



**Quadro 16**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco de Braga<sup>1</sup></b> |  |
|---|--|
| <b>Surgimento / Fundação</b>                                | 1671 <sup>2</sup> aquando da vinda à Sé de Braga de missionários apostólicos franciscanos de Castela.  |
| <b>Dados cronológicos</b>                                   | 1672 - Ereção canónica.<br>1674 / 1698 – Terceiros acolhidos na igreja do antigo hospital do Espírito Santo <sup>3</sup> .<br>1690 – Início da construção da igreja dos Terceiros e anexos <sup>4</sup> ; concedidos Estatutos <sup>5</sup> .<br>1694 – Início da construção do frontispício <sup>6</sup> .<br>1695, 1722, 1742, 1908, 1912, 1953, 1992, 1994 – Renovação de Estatutos <sup>7</sup> .<br>1712, 9 de Fevereiro – Sagração da igreja <sup>8</sup> .<br>1715 / 1723 – Acrescento da igreja e construção do coro-alto <sup>9</sup> .<br>1722 – Compra de casas existentes junto à igreja para acrescento do espaço dos Terceiros <sup>10</sup> .<br>1733 – Terminada a construção do envólucro da igreja, com cornija e torre; iniciada a etapa da decoração do interior <sup>11</sup> .<br>1758 – Construção da sacristia.<br>1768 – Construções da “Casa da Mesa” e da casa do capelão.<br>1777 – Chegada à Ordem de elementos da Confraria do Cordão <sup>12</sup> .<br>1834 – Termina a jurisdição do Superior do Convento de São Francisco de Real.<br>1834 / 1851 – Jurisdição de um padre comissário franciscano <sup>13</sup> .<br>1851 / 1909 – O Definitório recorre a egressos e a sacerdotes seculares.<br>1883 – Promulgação de uma Regra para os Terceiros de Braga por Bula de Leão XIII; na sua sequência, determinação de novos estatutos <sup>14</sup> .<br>1992, 10 de Abril –Nomeação de uma Comissão Provisória de Gestão <sup>15</sup> .<br>1996, Maio – Nomeação de uma Comissão Administrativa <sup>16</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>                            | Salão construído em terreno anexo ao templo para servir ao culto, como sacristia e Casa de Despacho, enquanto era construída a igreja <sup>17</sup> .  |
| <b>Templo próprio</b>                                       | Igreja (orago Senhora da Conceição) <sup>18</sup> , orientada, descaída para Norte.  |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>   | Não aplicável  |
| <b>Partes integrantes do templo</b>                         | Salão de planta longitudinal coberto por abóbada de berço em caixotões: capela-mor <sup>19</sup> , arco de triunfo, <sup>20</sup> nave com dois púlpitos arrostados <sup>21</sup> ; coro-alto <sup>22</sup> , sub-coro r <sup>23</sup> .   |
| <b>Sacristia / Santuário</b>                                | Antessacristia.<br>No ano 1758 edificação da sacristia (definitiva) / Casa dos Santos, de início ainda com serventia vária <sup>24</sup> , do lado do Evangelho com planta alongada, com acesso à capela-mor, através de pequeno átrio, que se lhe adossa em L.  |
| <b>Consistório</b>  | Construção da “casa da mesa” em 1768 no piso térreo <sup>25</sup> .<br>O salão nobre, o antigo Definitório, abre-se no piso superior <sup>26</sup> , com antessala.  |
| <b>Claustro</b>   | Não aplicável.   |
| <b>Outras instalações</b>                                   | Residência do capelão, construída em 1768.   |
| <b>Exumação de corpos</b>                                   | Não aplicável  |

## Quadro 16 (cont.)

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| <b>Implantação no terreno</b>     | O conjunto destaca-se frente a um terreiro entre ruas pedonais, virada para a urbe em zona ajardinada em consonância com o meio. A sua mole verticalizante implanta-se em plena zona de comércio, afrontando amplo largo onde avulta, não longe da antiga torre de menagem do Castelo. Nas suas traseira, contudo, há vestígios da ruralidade de tempos mais antigos, presente nos resquícios de quintal arborizados junto à sua fachada posterior.   |
| <b>Características artísticas</b> | O conjunto é de dimensão discreta e formas harmoniosas dadas pelo traçado das modinaturas maneiristas; no frontispício, justapõe o dinamismo duma decoração barroca à superfície chã, mostrando formas que o tornaram apelativo aos sentidos. É uma arquitectura clássica maneirista que foi palco da metamorfose que o barroco lhe imprimiu exterior e interiormente ao longo dos tempos; no interior a decoração barroca distendeu-lhe o espaço e imprimiu-lhe dinamismo e clima festivo colorido <sup>27</sup> . |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>      | O conjunto dos Terceiros é peça de relevante e integrante da urbe bracarense que, mantendo características medievais, revela uma cidade do Setecentos portugueses <sup>28</sup> , com o barroco a expandir-se pela cidade com novas construções. A cidade actual é expressão das épocas estilísticas que por ela passou, traduzida numa diversificação grande de topologias no seu edificado.   |

<sup>1</sup> A igreja da Ordem Terceira tem a peculiaridade de ter subsistido, do ponto de vista físico, independente de qualquer convento<sup>1</sup>.

<sup>2</sup> Encontram-se precedentes para os Terceiros em Braga, ao longo do Seiscentos, na associação pia surgida anteriormente na sede Arquiepiscopal, que permanecerá para além da instituição daquela Ordem, singularizando-a, no reino, no modo como foi constituída. A Arquiconfraria do Cordão de São Francisco teve início em 1611, nos claustros da Sé de Braga [Fora instituída em Assis no ano de 1585, confirmada pelo papa Xisto V (cf. Arquivo da Ordem Terceira de S. Francisco – Braga, 266 : *Títulos de propriedades – séculos XVII e XVIII*, docs. fl. 2)]; em 1889, o cônego da Sé pediu a Roma bula para concessão de estatutos, reformados em 1680, à já intitulada *Irmandade de S. Francisco*. Estes tinham já sido autorizados a venerar São Francisco na capela de São Sebastião, na nave do templo (cf. Maria José PROENÇA. *A Ordem Terceira Franciscana em Braga e sua igreja*. Braga : VOT de S. Francisco, 1998. p. 90 e 91). Os estatutos reformados em 1722 teriam sido aplicados até à saída da Confraria do Cordão da Sé, no ano de 1777 (cf. Arq. da Ordem Terceira de S. Francisco – Braga, 266 : *Títulos de propriedades – séculos XVII e XVIII*, fls. 2 e 3); ainda, RIBEIRO. *Op. cit.*, 1952, p. 202). A comunidade de Terceiros surgiu, então, com o afastamento da do Cordão.

<sup>3</sup> Onde hoje existe Igreja de São Marcos, usaram um sala para uso administrativo, por cerca de vinte e dois anos, após os quais, saíram para ocupar, finalmente, um espaço próprio; ainda no ano de 1694 os Terceiros de Braga fizeram reuniões no Hospital (cf. PROENÇA. *Op. cit.* 1998, p. 144, 190, *apud*, *Livro de Termos*, n.º 1, p. 58, 144. [Maria José Proença (PROENÇA. *Op. cit.*, 1998, p. 55-71, 99, 126) dá a transcrição de actas dos anos de estada da Ordem Terceira no Hospital].

<sup>4</sup> Como se infere dos Estatutos de 1695, cap. III ( *Idem. Ibidem*, p. 100, 148), perto da Fonte da Carcova (cf. Francisco de SANTIAGO, OFM. *Chronica da santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade da mais estreita, e regular observancia do Serafico Padre S. Francisco do Instituto dos Descalços no Reino de Portugal...*, Lisboa : na officina de Miguel Manescal da Costa, 1762-, Livro 6, cap. 37. [Os documentos referentes a este assunto e a licenças concedidas estão referidos e transcritos in PROENÇA. *Op. cit. Braga*, 1998, p. 126-143]).

<sup>5</sup> Ficaram sujeitos à obediência canónica do Superior do Convento São Francisco de Real ou São Jerónimo de Real (paróquia suburbana de Braga). [Esta subordinação está referenciada, por exemplo, em 1760 (cf. PROENÇA. *Op. cit.* 1998, p. 201, com ref. a *Livro de Termos* n.º 5, p. 186). Real é uma povoação antiga, perto de Braga. O Convento de São Francisco proveio da reconstrução do antigo conjunto monástico de São Frutuoso de 1522 (cf. RIBEIRO. *Op. cit.* 1946, p. 46); as ruínas deste foram incorporados no actual convento já no século XVII, com instalação nele de frades Franciscanos da Província de Soledade, desde o ano de 1669. Em 1728 foi-lhe acrescentado a actual igreja de São Francisco (cf. *História de Real : resumo Histórico* [Em linha] Freguesia de Real, 2004. [Consult. em 07-01-2009]. Disponível em <http://www.jf-real.com/historia.html>).

<sup>6</sup> Construído em várias etapas, com um primeiro ajuste em 1693, e a intervenção dos mestres pedreiros, Pascoal Fernandes, Manuel Fernandes (seu filho), Domingues Moreira e Manuel Nogueira (cf. PROENÇA. *Op. cit.* 1998, p. 59, 148, *apud* *Livros de Termos*, n.º 1, p. 58, 151 e 152, e 155; *Livros de Termos*, n.º 2, p. 49v; 156 e 157; *Ibidem*). A imagem da virgem que foi nele colocada é em granito, trabalho de 1714 (cf. PROENÇA. *Op. cit.*, 1998, p. 157).

<sup>7</sup> Para conhecimento de factos mais marcantes abordados nestes estatutos, vide PROENÇA. 1998, *Op. cit.* 1998, p. 100-122.

<sup>8</sup> Ainda não estava concluída a fachada principal, e não tinham sido executados, o coro, a capela-mor, a tribuna e a torre; para além disso foi apresentada em 1713 uma nova planta para a frontaria que rectificou problemas detectados e que seria executada sob direcção de Miguel Nogueira (cf. PROENÇA. *Op. cit.*, p. 154 e 155, *apud* *Livro de Termos* n.º 2, p. 45 e 49v). Tinham surgido entraves diversos durante a sua fábrica relacionados com a necessidade de angariar fundos e com erro de dimensionamento e questiúnculas à cerca dos termos que tinham sido previamente estabelecidos entre os responsáveis pela execução da obra e os Mesários Terceiros, como provam alguns assentos nos *Livros de Termos*, que Maria José Proença refere (PROENÇA. *Op. cit.* Braga, 1998, p. 148-152, ref. a *Livro de Termos* n.º 1 p. 58, 112, 115 e 117, n.º 2, p.35).

<sup>9</sup> Com uma guarda madeira, segundo desenho com autoria conhecida; o trabalho foi entregue a Luís Correia e estava terminado em Janeiro de 1723. Os desenhos estão editados por Proença (cf. PROENÇA. *Op. cit.*, 1998, p.160-161).

<sup>10</sup> O ajuste desta construção contemplaria, também, a fábrica da torre e da cornija do templo, concluídas em 1733.

<sup>11</sup> Cf. Arquivo da Ordem Terceira de S. Francisco – Braga, 266 : *Títulos de propriedades – séculos XVII e XVIII*, fl. 2v e 3; PROENÇA. *Op. cit.*, p. 172, *apud Livro dos Termos*, n.º 2, p. 178 e 178v. A obra tinha sido entregue a Manuel Ferreira da Silva, autor do seu risco, que posicionou a tribuna a entrar em espaço da torre sineira, tendo a obra tido a intervenção, primeiro, dos mestres pedreiros Domingues Augusto e António Correia e, mais tarde, a de Domingues Gonçalves Saganha; isto porque surgiram problemas com a construção das escadas da torre e da abóbada da capela-mor, decorrendo o ano de 1725 e, mais tarde, houve necessidade de altear a torre sineira (cf. *Idem. Ibidem*, p. 164-173, *apud Livros de Termos*, n.º 2, p. 102, 108,127, 149-150, 178-178v; *Livro de Actas*, p. 99 e 99v). em 1742, com a Ordem finalmente organizada, foi sujeita a estatutos apropriados.

<sup>12</sup> Confrades que haviam abandonado a subjugação ao cônego da Sé e, no ano seguinte, a Irmandade de Santa Apolónia juntou-se-lhes, enriquecendo-se os Terceiros com novas condições materiais e suas experiências (cf. *Idem. Ibidem*, *Op. cit.* 1998, p. 74, (*apud Livro de Termos*, n.º 7), p. 186; ainda, Arquivo da Ordem Terceira de S. Francisco – Braga, 266 : *Títulos de propriedades – séculos XVII e XVIII*, fls. 2v e 3).

<sup>13</sup> Cf. RIBEIRO. *Op. cit.* 1952, p. 202 e 203.

<sup>14</sup> Definindo privilégios civis e outras regras que tinham sido banidas daquelas normas pontifícias.

<sup>15</sup> Que se encarregou da Instituição e redacção de novos Estatutos aprovados em 1994 pelo Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, D. Eurico Dias Nogueira Foram registados na Cúria Arquiepiscopal, na Secção de Associações de Fiéis, sob o n.º 124 M.

<sup>16</sup> Que deixou a assistência religiosa a cargo de um Reitor, padre secular (cf. PROENÇA. *Op. cit.* 1998, p. 120, *apud Estatutos de 1994*).

<sup>17</sup> Esta edificação serviu todas as necessidades estatutárias dos Terceiros em quanto construía a igreja. Com essa finalidade, a Mesa encarregou-se da aquisição de casas que existiam anexas ao seu espaço, tendo as obras sido iniciadas em 1694 (cf. Proença, *Op. cit.*, 1998, p. 144 e 145, *apud Livro de Termos* n.º 1, p. 60 e 61.)

<sup>18</sup> Declarada padroeira dos Terceiros de São Francisco de Braga nos estatutos de 1693 (*apud, Livro dos Termos*, n.º 1, ref. de PROENÇA. *Op. cit.* 1952, p. 77, 190-194).

<sup>19</sup> Executada em 1783, ostenta um retábulo, de planta côncava, de um só eixo, com camarim de trono e predela alta sobre mesa de altar com sacrário, de talha de madeira policromo com douramento e marmoreados; tem as paredes revestidas a azulejos historiados, com cenas da vida de São Francisco relativas à Ordem Terceira, colocados em 1734 (cf. Arquivo da Ordem Terceira de S. Francisco – Braga, 266 *Títulos de propriedades – séculos XVII e XVIII*, fl. 4v); este trabalho está atribuído a Nicolau de Freitas (*vide*, António DINIS [Em linha]. *Igreja dos Terceiros*, São João do Souto IPA PT010303070088 : Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), 2001 [Consult. em 27-01-2009]. Disponível em <http://www.monumentos.pt>). As paredes são rasgadas por duas portas, uma de cada banda e, no segundo registo, por duas janelas de sacada, com guarda em ferraria, dando a do lado do Evangelho, para a sacristia e a fronteira, sobre a rua lateral à igreja.

<sup>20</sup> O arco cruzeiro estava em construção em 1701 juntamente com a abóbada (cf. *Idem. Ibidem*, p. 148, *apud Livros de Termos*, n.º 1, p. 117). Foi retirada a grade de ferro posta no ano de 1848, a servir de mesa de comunhão (cf. Arquivo da Ordem Terceira de S. Francisco – Braga, 266 : *cit.*, fls. 4v.º e 5).

<sup>21</sup> A nave foi concluída em 1722, ao que se seguiram as obras da capela-mor e da torre que ficariam concluídas em 1733. Situada a nível um pouco inferior à da capela-mor, apresenta quatro altares laterais, dois de cada banda, retabulares, com mesa de ara, inclusos nos arcos de pedra de cantaria, na espessura da parede, executados em 1783; do Lado do Evangelho um altar venera a Senhora dos Desamparados, outro Santo Acácio ou Senhora Libertadora das Almas (conforme se encontra emendado no doc. consultado); do lado da Epístola, o de Santo António e o de São João de Deus, todos flanqueados por peanhas onde assentam outras imagens de menores dimensões (Arquivo da Ordem Terceira de S. Francisco – Braga, 266, *cit.*, fls. 5, 5 v.º, 6, 21v.º); as paredes são revestidas por silhar azulejar de padrão em tons de azul, do final do terceiro quartel do século XIX (cf. PROENÇA. *Op. cit.*, 1998, p. 173-175, *apud Livro de Termos* n.º 2, p. 185). Uma porta hoje sem uso, dava acesso à antiga rua da Fonte da Carcova fica fronteira à de acesso pelo átrio, a Sul.

<sup>22</sup> À entrada, o coro-alto assenta sobre arco abatido; do lado do Evangelho, um órgão concertado e limpo em 1872 (cf. *Idem. Ibidem*, fl. 6v).

<sup>23</sup> Vide, nota 17.

<sup>24</sup> Para o que a Mesa promoveu novas expropriações de casas. A sacristia foi usada também como Definitório e arrecadação de alfaías religiosas várias (cf. *Idem. Ibidem*, 1998, p. 181-183, *apud Livro das Juntas Gerais*, p. 70 e 71; *Livro de Termos*, n.º 5, p. 156).

<sup>25</sup> Edificação a SE.; no corpo em L invertido, com fachada principal, levemente recuada em relação ao frontispício da igreja; faz ângulo obtuso com ela, liga ao coro-alto ao nível do segundo piso; o portão dá acesso ao pátio e às instalações dos Terceiros; acima do portal a fachada é revestida a azulejos de padrão azul; nela avultam dois braços da Ordem em cartelas de talha muito ornamental que franqueiam um nicho com imagem de São Francisco; superiormente, abrem-se duas janelas; o remate superior em beiral de telhado de duas águas. O interior é o de uma sala muito simples, de paredes rebocadas a branco e tectos lisos.

---

<sup>26</sup> O pátio dá acesso aos diferentes edifícios; uma escadaria em pedra de lanços divergentes leva à antessala de tecto em abóbada de barrete de clérigo, estucada a azul e branco; segue-se o salão amplo, iluminado por dois janelões; a cobertura repete a tipologia da antessala com planta rectangular; é ornamentada com estuque, de que se evidenciam-se alguns medalhões com brasões; de entre a mobília destacam-se armários que abrigam livros antigos da Ordem, entre outros, e várias imagens sacras.

<sup>27</sup> Empréstada pela construção de retábulos na capela-mor e ao longo da nave, reveladores de épocas estéticas do barroco, também do rococó e do neoclassicismo, presentes igualmente no valioso órgão do coro-alto; iluminou, ainda, o espaço com o brilho cintilante azulejar do revestimento interno.

<sup>28</sup> O arquitecto André Soares teve uma intervenção relevante na transformação desta urbe nortenha, transformando Braga no “Ex-Libris do Barroco em Portugal”. [André Soares (1720-1769) foi o arquitecto de barroco e rococó, de Braga, que foi dado a conhecer através dos estudos do historiador Robert Smith (veja-se, a este propósito, SMITH. *André Soares*, Lisboa : Livros Horizonte, 1993, *passim*)].

**Quadro 17**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco<sup>1</sup> no Convento de Santo António de Charnais da Merceana<sup>2</sup></b> |   |
|---|---|
| <b>Surgimento / Fundação</b>  | Não há certeza da data de fundação  |
| <b>Dados cronológicos</b>   | 1714 – Notícia do mais antigo documento que refere a Ordem Terceira <sup>3</sup> .<br>Séc. XX (início) – Desagregação da Instituição<br>1939 – Restauração da Ordem <sup>4</sup> .  |
| <b>Locais de culto e reunião</b>  | Capela  |
| <b>Templo próprio</b>   | Capela <sup>5</sup> .   |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>   | Edificações dos Terceiros edificadas à esquerda do convento, em adossamento.<br>Capela adossada à igreja dos frades, na ilharga do Evangelho, na sua perpendicular; capela do Senhor dos Passos paralela à igreja dos frades.<br>Capela / Jazigo no cemitério público.  |
| <b>Partes integrantes do templo</b>   | Espaço duplo: primeira capela, com salão de planta quadrada, cobertura em abóbada de aresta; capela-mor retabular <sup>6</sup> (no mesmo eixo da porta de acesso); capela do Senhor dos Passos de planta semelhante, com altar em arco raso; cobertura em abóbada de berço de lunetas cegas <sup>7</sup> .  |
| <b>Sacristia</b>  | Adossada à Capela do Senhor dos Passos do lado esquerdo, com porta de comunicação; pequeno lavabo em pedra.   |
| <b>Santuário</b>  | Nada a assinalar  |
| <b>Consistório</b>  | Construído no piso superior, sobre a sacristia e a portaria   |
| <b>Claustro</b>   | Não aplicável.  |
| <b>Outras instalações</b>   | Portaria adossada à cabeceira da primeira capela com porta para o adro conventual   |
| <b>Exumação de corpos</b>   | Jazigo / capela construído adossado à sacristia e à portaria, com acesso pelo cemitério da vila.  |
| <b>Implantação no terreno</b>   | Erguido em proeminência, entre montes que no sítio de Charnais delinham a paisagem, numa lomba de encosta, em meio rural, de matas, vinhedos e prados.  |
| <b>Características artísticas</b>   | Complexo franciscano de traça equilibrada e harmoniosa, de dimensões bem proporcionadas, característico da arquitectura portuguesa dos pequenos conventos de capuchos erguidos em meio rural, em lugares distantes dos grandes centros urbanos, mas sempre perto de algum pequeno centro populacional.; destaca-se a colecção azulejar de ampla diversidade tipológica, exposta em vasta área de seus muros, que traduzem manufactura portuguesa de entre os finais do século XVII e os do XVIII. A edificação dos Terceiros é de traçado simples, de feição architectónica vernacular; a primeira capela é de traça clássica; destaca-se o frontal azulejar do altar da capela do Senhor dos Passos <sup>8</sup> . |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>  | Complexo franciscano, construído de acordo com a tipologia architectónica primitiva franciscana, em escala pequena, integrando edificações da Ordem Terceira.   |

<sup>1</sup> Pertence à Zona Oriental do Patriarcado de Lisboa, estando dependente da Vigararia de Alenquer.

<sup>2</sup> Um pequeno grupo de franciscanos estabeleceu-se no termo da antiga “villa de Aldea Galega, que por diferença de outra do mesmo nome, se diz de Merciana” com fundação conventual no ano de 1598 (Cf. Frei Apolinário da CONCEIÇÃO, OFM. *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas : expoem-se sua origem, e estado presente. A dos seus conventos, e mosteiros, annos de suas Fundações, numero de Hospícios, Prefecturas, Recolhimentos, Parroquiais, e Missoens, dos quaes se dá individual noticia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas, Terceiros, e Terceiras, que vivem Collegiadamente, tanto em Portugal, como em Suas Conquistas...*, Lisboa : Off. de Antonio Isidoro da Fonseca. ?-1740, p. 47, *apud* AN/TT, Mç. 12 *Convento de Santo António dos Capuchos*; diz aquele autor que, no entanto, em livro

---

manuscrito consultado constava a data de 1600, *apud Cartório de Província de Santo António*, como igualmente consta em João Baptista de CASTRO, 1700-1775, Francisco Luís AMENO, 1713-1793, impr. “Merceana” em *Mappa de Portugal antigo e moderno*, 2.<sup>a</sup> ed. revista e aumentada. Lisboa : na Officina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1762-1763, 5 ts. em 3 vols.)

<sup>3</sup> Trata-se de um documento que consta do seu pequeno arquivo; nele existe ainda o livro de inscrição dos irmãos, cujos assentos iniciam em Agosto de 1789; há referências a outras ocorrências, entre outras, a de uma doação ocorrida em 1788 e, assim até 1855, ano em que se organizaram estatutos exigidos pelo Governo (cf. RIBEIRO. *Op. cit.*, 1946, p. 175 e 185-186).

<sup>4</sup> Em 1939 a Irmandade que se havia desagregado, uniram-se e conseguiram dos frades franciscanos do Convento do Varatojo, autorização para a sua restauração, tendo-lhe sido entregue o cuidado da antiga Capela dos Terceiros e o do culto do Senhor dos Passos (cf. RIBEIRO. *Op. cit.*, 1946, p. 186).

<sup>5</sup> A Capela foi construída com a ampla beneficência dos senhores da Casa da Azambuja que já tinham contribuído para outros espaços sagrados do convento de Charnais, como consta do documento pétreo epigráfico que se encontra à entrada do pequeno templo da Irmandade.

<sup>6</sup> Capela-mor funda e estreita, com retábulo de estilo nacional, de planta côncava, de um só eixo vertical, com vão de e corpo de colunas torsas que se prolongam no ático pelas arquivoltas respectivas; o piso é ladrilhado em enxaquetado, preto e branco.

<sup>7</sup> O altar é flanqueado por duas pequenas edículas vazias, uma de cada banda; assenta em mesa paralelepípedica, toda revestida a azulejos ornamentais de grande interesse; à sua frente, centralizado na área da capela e ocupando a maior parte do seu espaço, avulta uma imagem do Senhor dos Passos em genuflexão, vestido de roxo com uma cruz sobre o dorso, assente em andor de procissão; avultam quatro painéis de azulejos do século XVIII, narrativos de pontos altos da vida de São Francisco. A iluminação é dada pelo vão de duas janelas de capialço, que flanqueiam o altar, e dão para o cemitério da vila.

<sup>8</sup> Composição azulejar em frontal de altar, do período pombalino, do terceiro quartel do século XVIII, que imitam um frontal têxtil, onde o azul e branco jogam com o amarelo e castanho da sanefa e dos galões fingidos, e o roxo de manganés dos esponjados do rodapé (José MECO. *O azulejo em Portugal*, Lisboa : Publicações Alfa, 1989, p. 159).

Quadro 18

| <b>Ordem Terceira de São Francisco na Igreja de São Francisco de Loulé<sup>1</sup></b> |  |
|--|--|
| <b>Surgimento / Fundação</b>   | Séc. XVI (primeiras décadas) – Surgimento provável / existência de uma comunidade de Terceiros sem erecção canónica <sup>2</sup> .<br>Fundação provável em 1738 <sup>3</sup> .   |
| <b>Dados cronológicos</b>  | 1717 – Provável sede dos Terceiros na Capela de São Sebastião, ou em anexo seu <sup>4</sup> .<br>1724 – Construção do pára-vento no sub-coro da Igreja de São Francisco, pelos Terceiros<br>1738 – Nomeação do primeiro padre Comissário em Loulé <sup>5</sup> .<br>1750 – Notícia da origem dos Terceiros de Loulé dada pelo cronista Belém, ainda que professos na Fraternidade de Faro <sup>6</sup> .<br>1817 – Outorga conseguida pelos Terceiros da Ermida de dois breves do Papa Pio VII a conceder privilégios sobre outra Ordem de Terceiros existente em Loulé <sup>7</sup> .<br>1834, Maio – Desfecho da questão entre as duas Ordens Terceiras de Loulé (a afecta aos capuchos e a outra à Ermida de São Sebastião) <sup>8</sup> .<br>Séc. XIX – Notícia da existência da Ordem Terceira na Igreja de São Sebastião / de São Francisco <sup>9</sup> .<br>1890 – Petição do prelado da Diocese de Loulé enviada à Ordem Terceira a solicitar que estes cedessem a sua igreja para matriz de paróquia de uma nova freguesia <sup>10</sup> . |
| <b>Locais de culto e reunião</b>   | Hospício <sup>11</sup> construído adossado à Capela construída a partir da Ermida de São Sebastião extramuros <sup>12</sup> .<br>Capela de São Sebastião <sup>13</sup> .   |
| <b>Templo próprio</b>  | Igreja de São Francisco  |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>                              | Não aplicável.   |
| <b>Partes integrantes do templo</b>  | Igreja de planta em cruz latina, com capela-mor <sup>14</sup> , transepto e cruzeiro coberto por cúpula de meia esfera; nave <sup>15</sup> , coro-alto <sup>16</sup> com pára-vento no sub-coro.   |
| <b>Sacristia</b>   | Construída do lado esquerdo da igreja <sup>17</sup>  |
| <b>Santuário</b>   | Não aplicável.   |
| <b>Consistório</b>   | Casa do Despacho localizada na edificação à direita da igreja em adossamento, com passagem para a igreja por porta aberta no coro-alto.  |
| <b>Claustro</b>  | Não aplicável. (Pátio / jardim)  |
| <b>Outras instalações</b>  | Edifício construído adossado à igreja do lado direito: Portaria; Casa para albergue dos capelães <sup>18</sup> .   |
| <b>Exumação de corpos</b>  | Teria havido permissão para enterramentos dos Irmãos defuntos no interior sagrado <sup>19</sup> .  |
| <b>Implantação no terreno</b>  | Outrora, afastado do centro da vila, hoje em meio urbano, em plataforma, integrado em vasto largo.   |
| <b>Características artísticas</b>  | Conjunto de volumetria irregular, composta por corpos de arquitectura vernacular de extrema lhanza do “estilo chão”, que se adossam em redor da igreja <sup>20</sup> , pequena peça da arquitectura religiosa, exemplar modesto do Setecentos português, avultando, no frontispício, ornamentação barroca simples no contorno dos vãos e na delicadeza do remate rendilhado de um elegante frontão, de segmentos de curva e contra curva um campanário de vela para três sinos. No interior ressalta apenas o retábulo em talha dourada e pintada <sup>21</sup> , ainda, os silhares azulejares do século XVIII.   |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>   | Exemplar tipificador de assento da Ordem Terceira de São Francisco em Portugal, em vila de interior, considerada a principal igreja da Freguesia.  |

<sup>1</sup> O Convento de Loulé teria aparecido mencionado no rol dos conventos que ficaram pertença da Custódia de Évora, quando da criação desta, separada da de Lisboa, no ano de 1330 (cf. ESPERANÇA. *Op. cit.* 1692-1760?, L. VIII, p. 242, col. esq., 243, col. dt; ainda, BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.* 1750-, Parte Primeira, L. IV, Cap. XXI, p. 202, col. esq., *apud* AN/TT L. 1 dos Mist. fol. 175). Não havendo fundamentos seguros sobre a data da sua fundação o início da construção do convento franciscano de Loulé é dado entre finais do século XIII e o

século XIV, em local disponível, no perímetro exterior da povoação, tendo sido dado como finalizado no século seguinte. [“Não há onde descobrir notícias sobre este monumento... O cartório dos franciscanos desapareceu...; o cartório dos agostinhos foi destruído pela guerra civil; o património móvel acabou desbaratado; o arquivo da casa-mãe em Lisboa destruído com o terramoto e com a desamortização; a igreja parcialmente demolida e o corpo conventual convertido em habitação degredada. Hoje pouco resta para ser analisado pelos historiadores.” (cf. João Miguel SIMÕES. *O Convento da Graça : Antigo Mosteiro de São Francisco de Loulé – Monografia histórico-artística*. Loulé : Edições Colibri, Câmara Municipal de Loulé, 2008. p. 7)]. Esperança e Belém dão conta da menção a este convento no ano de 1451, como comunidade franciscana, nos registos da Observância, sabendo-se que lá permaneceram até ao ano de 1517 [Cita o facto de D. Afonso V, consignar uma verba de “quatro centos réis brancos”, como esmola para os franciscanos que aí se haviam implantado (cf. ESPERANÇA. *Op. cit.* 1692-1760?, L. VIII, p. 244, col. dt<sup>a</sup>; ainda BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.*, 1750-, Parte Primeira, L. IV, Cap. XXI, p. 202)].

<sup>2</sup> É possível que esta comunidade de Terceiros tenha tido acolhimento junto do convento de capuchos em Loulé, que foi depois entregue aos Agostinhos (1568) (cf. P.<sup>o</sup> Bartolomeu RIBEIRO, OFM. *Os Terceiros Franciscanos Portugueses : Sete séculos da sua história*. Braga : Tip. Missões Franciscanas, 1952, p. 342 e 343). tendo, então, ficado sem arrimo; teriam recorrido ao convento de Faro, sendo a sua presença atestada por Belém durante as primeiras décadas do século XVI (cf. BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.*, 1750-, Parte Primeira, L. IV, Cap. XXI, p. 203, col. dt<sup>a</sup> e 204, col. esq.). Ao certo, sabe-se que os Irmãos que se acolhiam para os seus “exercícios” a Faro, para além de não terem um espaço próprio em Loulé, não tinham financiamento para o alcançarem sem ajuda exterior ao grupo. Conseguiram da edilidade autorização para erguerem uma capela própria junto à antiga Ermida de São Sebastião construída nos arrabaldes da vila, de que resultaria a Igreja de São Francisco que hoje se ergue no largo do mesmo nome.

<sup>3</sup> O P.<sup>o</sup> Bartolomeu Ribeiro diz que nesta época eram muitos os Irmãos Terceiros professos em Faro, mas residentes em Loulé, que o Convento Franciscano de Faro mostrara interesse e prestara auxílio para que reabrisse uma casa de franciscanos da Província do Algarve em Loulé, o que foi conseguido (RIBEIRO. *Op. cit.* 1952, p. 342 e 343).

<sup>4</sup> Cf. Francisco X. d'Athaide OLIVEIRA. *Monografia do Concelho de Loulé*. Porto : Typ. Universal, 1905, p. 112.

<sup>5</sup> Cf. RIBEIRO. *Op. cit.* 1952, p. 342.

<sup>6</sup> Cf. BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.* 1750-, Parte Primeira, Livro IV, Cap. XXI, p. 203 e 204, *apud* AN/TT, L. 1 dos Mist. fol. 176)

<sup>7</sup> Ordem afecta ao Convento Capucho (mais moderna), que logo contestaram as bulas (cf. *Idem. Ibidem. Loc cit.*).

<sup>8</sup> Sem que o Ministro de ambas as Ordens conseguisse resolver a questão dos privilégios, com a extinção das ordens religiosas masculinas e a nacionalização dos seus bens, em Maio de 1834, viu acabada a questão (cf. *Idem. Ibidem*, p. 113 a 115).

<sup>9</sup> Não havendo mais notícias sobre a que se reunia no convento capucho, levantamos nós a hipótese de talvez se terem juntado pelas afinidades existentes entre ambas e porque tinham vivido sob a alçada de um mesmo Ministro. Hoje em dia, a comunidade dos Terceiros quase se extinguiu de Loulé, tendo nós tido conhecimento que ainda resistem dois ou três Irmãos que se deslocam à Igreja de São Francisco de Faro, para apoio religiosos, como já antes acontecera. Foi encontrada pouca informação sobre a construção da capela que foi acrescentar a de São Sebastião e que se converteu em Igreja de São Francisco, sendo que as alusões àquela ermida têm como referência a actual Igreja de São Francisco, que foi da Ordem Terceira, erguida junto à ermida de São Sebastião, tendo provavelmente ocupado o espaço primitivo desta, hoje, enfrentando o Largo de São Francisco.

<sup>10</sup> A Ordem cedeu, determinando algumas disposições: abdicariam a favor da nova paróquia do templo, das alfaias e de outros objectos sua pertença, e de todos os direitos que lhes haviam sido outorgados por Pontíficos Romanos e por Monarcas, a favor da futura paróquia, restringindo o prazo aos dois anos que lhes foram pedidos, nada cedendo a título definitivo; impuseram a manutenção da Ordem em funcionamento com comissário e a possibilidade de organização das procissões que a Irmandade achasse por bem fazer sair às ruas da vila, não deixando de ter em suas mãos as chaves de acesso à igreja, como sempre tinham tido até então, esperando que futuramente a paróquia erguesse o seu próprio templo. Isso não aconteceu, pelo que a Igreja de São Francisco ficou igreja paroquial da freguesia de São Sebastião, estando desvinculada de qualquer Ordem Terceira.

<sup>11</sup> Frei Jerónimo de Belém informa que em 1738 “sendo Provincial o Padre Mestre Fr. António dos Arcanjos, pretenderam os Terceiros fundar uma nova Ordem naquele sítio sendo-lhe dado para Comissário o P.<sup>o</sup> Pregador Jubilado Fr. José de S. Vicente e com a sua direcção intentaram fundar um Hospício para sua assistência”, o que conseguiram de imediato, mediante dinheiros próprios, verbas de peditórios e a grande ajuda do Cardeal Pereira, então Bispo do Algarve; a construção nasceria adossada à Ermida de São Sebastião, depois de elaborado um “Termo assinado” pelo qual entregaram a protecção da “nova Ordem aos seus Prelados e Provinciais desta Província” (cf. BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.*, 1750-, pt. I, L. IV, Cap. XXI, p. 203, col. dt<sup>a</sup> e 204, col. esq.).

<sup>12</sup> Há notícia da existência de uma Irmandade de Terceiros franciscanos adstrita ao antigo convento de São Francisco (entregue aos Agostinhos em 1568, como foi dito atrás), ainda que a cronologia seja uma incógnita (RIBEIRO. *Op. cit.* 1952, p. 342 e 343).

<sup>13</sup> Estes desígnios foram alcançados sempre enfrentando, os irmãos, várias oposições. Uma delas foi levantada pelo “Reverendo Vigário da Vara daquela Vila” que requereu para que o hospício não tivesse comunicação directa com a Igreja de São Sebastião, apesar de o povo a ter destinado à Irmandade. O problema seria resolvido, segundo Belém, no momento em que a comunidade de Terceiros recebeu um Irmão Andaluz, que inteirado da questão, rasgou o muro numa noite, por sua conta e risco, conseguindo assim entrada directa para o templo (cf. BELÉM, RODRIGUES. *Op. cit.* 1750-, pt. I, L. IV, Cap. XXI, p. 204, col. dt<sup>a</sup>).



---

<sup>14</sup> Teve início no ano de 1724, com o trabalho pago pela Confraria de São Sebastião e pela Ordem Terceira de São Francisco; foi acrescentado cerca de vinte anos depois, com um corpo menor sobreposto àquele; é um retábulo de bom lavor, onde tem destaque o sacrário composto por um pelicano, de grande efeito decorativo, que terá proveniência de uma outra igreja de Loulé (cf. LAMEIRA. *Op. cit.* 2000, p.173). O retábulo é de planta plana, composto por dois corpos sobrepostos, com três tramos; mostra quatro colunas pseudo-salomónicas no primeiro corpo e quatro pilares no segundo, com nichos laterais com imaginárias representando os patronos do templo, abrindo-se ao centro amplo camarim com trono piramidal; teria tido início no ano de 1724, com o trabalho pago pela Confraria de São Sebastião e pela Ordem Terceira de São Francisco; foi acrescentado cerca de vinte anos depois, com um corpo menor sobreposto àquele (cf. *Idem, Ibidem, loc. cit.*).

<sup>15</sup> As paredes laterais são revestidas a silhares de azulejos historiados monocromáticos.

<sup>16</sup> Coro alto com balcão de ferraria, assente sobre arco de asa de cesto.

<sup>17</sup> A sacristia aberta do lado do Evangelho, ocupa um espaço descaracterizado, ressaltando um óculo que dá sobre o largo fronteiro à igreja, vestígio talvez único, de construção antiga.

<sup>18</sup> A casa para os capelães era necessária uma vez que os Terceiros não dependiam de um convento.

<sup>19</sup> Em data desconhecida (cf. RIBEIRO. *Op. cit.* 1952, p. 342, 343).

<sup>20</sup> Estas edificações ocupam presumivelmente o espaço do antigo hospício, de que faz parte um pequeno pátio murado com acesso por portão. Em 1873, há notícia de a igreja estar em muito mau estado de conservação, pelo que a Irmandade teria iniciado obras de restauro e conservação. Novas obras foram levadas a efeito três anos após aquelas, então nas paredes exteriores do templo. Algum tempo depois foi abertas duas pequenas capela na nave.

<sup>21</sup> O retábulo de talha dourada e pintura sobre fundo branco, marmoreados e tribuna de paredes coloridas, do rococó, é o único elemento de destaque, que recorda o espírito da época de criação de impacto nos fiéis, seguindo o programa da Igreja Católica Triunfante do Barroco tardio português. O resto da igreja é de grande simplicidade lembrando as catástrofes por que terá passado.

**Quadro 19**

| <b>Ordem Terceira de São Francisco no Convento de Santo António de Serpa<sup>1</sup></b> |   |
|--|---|
| <b>Surgimento / Fundação</b>   | Não há conhecimento da data certa do aparecimento em Serpa desta Irmandade <sup>2</sup> .   |
| <b>Dados cronológicos</b>  | Séc. XVIII – Data presumível da construção dos espaços dos Terceiros <sup>3</sup> .   |
| <b>Locais de culto e reunião</b>   | Capela própria.   |
| <b>Templo próprio</b>  | Capela construída em espaço conventual.   |
| <b>Localização das instalações em relação ao convento</b>                                | A capela dos Terceiros <sup>4</sup> desenvolve-se paralelamente à igreja dos frades, adossada à capela-mor do lado do Evangelho, articula-se com ela por porta de comunicação <sup>5</sup> ; uma porta aberta na parede oposta á cabeceira, estabelece ligação à capela de Santo António <sup>6</sup> e, por ela á nave. As restantes instalações, a partir da capela, foram edificadas à direita ao convento.  |
| <b>Partes integrantes do templo</b>  | Salão <sup>7</sup> de planta longitudinal, com abóbada de berço de arco abatido <sup>8</sup> .  |
| <b>Sacristia</b>   | Presumivelmente aberta à direita da capela.   |
| <b>Santuário</b>   | Nada a assinalar.   |
| <b>Consistório</b>   | Presumivelmente no segundo piso da edificação construída adossada á capela do seu lado direito.   |
| <b>Claustro</b>  | Inexistente.  |
| <b>Outras instalações</b>  | Dependências com ligação a partir da Capela, por porta aberta do lado do Evangelho <sup>9</sup><br>Quintal que envolve as edificações <sup>10</sup> .   |
| <b>Exumação de corpos</b>  | Nada a assinalar.   |
| <b>Implantação no terreno</b>  | À saída de Serpa, entre a vila e o cemitério, a cerca de meio quilómetro de distância dela, na estrada para Vale de Vargo, na Freguesia de Santa Maria. O Convento de Santo António foi construído em plataforma em uma área algo afundada, num largo.  |
| <b>Características artísticas</b>  | Coincidentes com a época barroca: conjunto de painéis azulejares monocromático que cobre integralmente o pé-direito das paredes, do Setecentos português, narrativos da história da Ordem de São Francisco, que historiam a vida de São Francisco de Assis, desde a sua eclosão até à época em que teve aprovação pontifícia, mostrando a presença assídua da Virgem Maria; pinturas murais de barroco. Pintura do tecto da capela com óleo sobre estuque (c. 1715) <sup>11</sup>   |
| <b>Aspectos patrimoniais</b>   | Interessante conjunto franciscano construído em pequena escala arquitectónica, e mole irregular, segundo a feição dos primitivos conjuntos franciscanos de simplicidade, construídos fora das grandes urbes, fundados em meio rural, extramuros, mas não longe da entrada da vila, junto de vias de ligação dos grandes centros, como vimos em outros que tratámos em Portugal, assumido com espaço de Terceiros <sup>12</sup> . Esta Irmandade construído, igualmente, em moldes simples da arquitectura rural vernacular, no entanto, a sua capela arca com um acervo artístico de grande relevo, em unidade artística e harmonia de traça que é tradução bastante do que foi o barroco clássico setecentista. A capela integra o convento que foi classificado Monumento Nacional <sup>13</sup> , acrescentando, assim, o vasto panorama arquitectónico do património de Serpa <sup>14</sup> . |

<sup>1</sup> Remonta ao Século XV, também seja conhecido por Convento de São Francisco, ainda que com antiga invocação a Santo António (cf. PT/TT/MPRQ/34/137 [Em linha]. “Serpa, Beja : Resposta aos interrogatorios, q’ me foram remetidos ” in *Memórias Paroquiais*, vol. 34, n.º 137, Beja, 1758, fl. 997 [Consult. em 12-01-2009]. (doc. digitalizado do ms. PT-TT-MPRQ-34-137, P.º Luís Cardoso. *Dicionário Geográfico de Portugal*, Tomo 34 S2”). Disponível em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/default.aspx?page=regShow&ID=4241691&searchMode=#a>. Ficou a pertencer à Província dos Algarves. [Foi Casa de Noviços entre os anos de 1608 e 1617 (*Idem. Idem. Loc. cit.*). Tendo havido divisão da Província de Portugal, constituiu-se a

---

Província dos Observantes que daria origem à dos Algarves que abrangeu os conventos franciscanos sitos entre os rios Tejo e o Guadiana, e em todo o reino do Algarve, sendo o mais antigo o de São Francisco de Évora (cf. Frei Apolinário da CONCEIÇÃO. *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas : expoem-se sua origem, e estado presente. A dos seus conventos, e mosteiros, annos de suas Fundações, numero de Hospícios, Prefecturas, Recolhimentos, Parroquiais, e Missoens, dos quaes se dá individual noticia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas, Terceiros, e Terceiras, que vivem Collegiadamente, tanto em Portugal, como em Suas Conquistas...* Lisboa Ocidental. 1740, p. 40 a 42).

<sup>2</sup> Foi salientado em documento do final do século XVIII, que nada tinha sido encontrado “nas Escrituras, e Escriitores daquela Provincia e ainda de outras da mesma Religião, q’ ne’ uhum trata do seu principio...” (cf. PT/TT/MPRQ/34/137 [Em linha]. “Serpa, Beja : Resposta ” *cit.*, vol. 2, 1747).

<sup>3</sup> Data aferida pela análise histórico-artística que dela se fez das características artísticas que encontrámos.

<sup>4</sup> Hoje funciona como sacristia da igreja conventual.

<sup>5</sup> Tendo tido um arco amplo, antiga ligação natural à nave, actualmente entaipado e com altar encostado a ele, da banda da igreja. [O arco foi fechado no ano de 1925, aquando das obras de adaptação para instalação de um Seminário Diocesano, para emparceirar com o altar que lhe estava fronteiro].

<sup>6</sup> Capela rasgada no pano murário da nave da igreja dos frades, do lado do Evangelho.

<sup>7</sup> É um espaço riscado com grande lhaneza.

<sup>8</sup> Que se apoia em cornija continuada. A abóbada é revestida por pinturas murais, com temas do culto mariano e de santos franciscanos – ligados à Ordem Terceira – entre elementos de arquitectura perspectivada; ressalta em painel centralizado, dentro de moldura de lances rectos e curvos, a figuração da Imaculada Conceição e, lateralmente, medalhões com a figura dos santos, Margarida de Cortona e Luís Rei de França. Na cabeceira abre-se um janelão, única iluminação da capela.

<sup>9</sup> Não tivemos acesso a essas dependências que têm acesso por fora, pelo terreno que fez parte da cerca conventual.

<sup>10</sup> Uma janela / fresta capialçada aberta do lado do Evangelho na capela, dá sobre o quintal.

<sup>11</sup> Documentada por Vitor Serrão “As campanhas artísticas da igreja de Nossa Senhora dos Prazeres”, *O Programa Artístico da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Beja – História, Arte e Restauro*, MC/IPPAR, 2006.

<sup>12</sup> De que damos exemplo o Convento de Santo António de Charnais em Meceana.

<sup>13</sup> O Convento foi classificado Monumento Nacional pelo Dec. 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910, integrando as pedras tumulares brasonadas e epigráficas que se encontram nos mais díspares lugares do espaço conventual, dentro e fora dele, já fora dos seus primitivos lugares.

<sup>14</sup> Serpa destaca-se por um vasto património arquitectónico que preenche um amplo leque de épocas estilísticas que caracterizam o Alentejo: da época romana os vestígios na fortificação militar; traças góticas e maneiristas do século XIV; o gótico tardio com maneirismo (início do século XVI) patente em várias igrejas, na Torre do Relógio, e em palácios de que se destaca o dos Condes de Ficalho (de finais do século XVI), monumentos onde tantas vezes a arquitectura manuelina se cruza com a barroca; as linhas simples das arquitecturas manuelina, maneirista e popular em pequenas capelas; maneirismo que coexiste com apontamentos fortes de um barroco sumptuoso e de prazenteiro rococó; do século XVII o gosto “chão” de grande austeridade; evidenciam-se ainda, apontamentos do figurino neoclássico.

## **Anexo 3**

### **Documentos**



### **Critério adoptado na transcrição dos documentos**

Não havendo normas universais de transcrição de documentos, dentro das várias metodologias utilizadas por paleógrafos portugueses, consideraram-se as orientações gerais contidas em Avelino da Costa<sup>1</sup> e algumas das normas aconselhadas por Borges Nunes<sup>2</sup>, levando em conta que as utilizamos em documentos onde predomina o valor histórico e não o valor literário, não se tratando de documentos fundamentais para a história da língua portuguesa<sup>3</sup> (o que implicaria outro tipo de rigor de transcrição paleográfica). Deste modo, seguiram-se as seguintes regras:

No início de cada documento fez-se a datação com elementos cronológicos e com dados topográficos, com ordenação ano, mês dia e lugar, sempre que possível. Quando não foi dado determinar o tempo ou o lugar, colocou-se, *s. d.* ou *s. l.*, respectivamente. Quando algum destes dados foi inferido do texto, foi indicado entre parênteses rectos.

Indicou-se a mudança de folhas com o número entre parênteses curvos em corpo carregado.

Não se assinalaram as indicações de mudança de linhas do original, para simplificação de leitura.

Fez-se a correspondência letra a letra, entre o original e a transcrição.

Na transcrição de sinais de pontuação, conservou-se a pontuação original, mas reduziram-se as várias combinações de traços e pontos do original aos sinais topográficos disponíveis: ponto, traço ou vírgula.

Quanto aos sinais diacríticos, conservou-se apenas os que têm função fonética.

---

<sup>1</sup> Avelino da COSTA. *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993, *passim*.

<sup>2</sup> E. Borges NUNES. *Album de Paleografia Portuguesa*, Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, s. d.

<sup>3</sup> Valores para que Avelino Jesus da Costa chama a atenção (COSTA. *Op. cit.* p. 12-13).

Desdobraram-se as abreviaturas, exceptuando as que são muito frequentes e não oferecem dúvidas, seguindo-se o critério utilizado pelo próprio escriba em formas extensas. Na resolução das abreviaturas não se distinguiu graficamente as letras originais.

Conservou-se o y, mas sem a plica original.

Conservou-se o uso de maiúsculas e de minúsculas originais.

Indicou-se a nasalação com m, n e til.

Não se fez distinção entre o s longo e o s de dupla curva.

Manteve-se o uso do i e do j, do u e do v, do c e do ç conforme o documento.

Mantiveram-se os sublinhados do original.

Ligaram-se e desligaram-se as palavras de acordo com as suas formas correntes.

Separou-se com *hífen* as proclíticas, as enclíticas e os pronomes mesolíticos das palavras de que dependem.

Utilizou-se o *apóstrofo* para separar a preposição de das palavras que a precedem, ligadas no original.

As lacunas do suporte foram indicadas entre parênteses rectos: quando foi possível reconstitui-las indicaram-se entre parênteses rectos [ ]; quando o não foi, colocam-se tantos pontos quantas seriam as letras dentro dos parênteses rectos [.....].

As lacunas deixadas pelo copista ou pelo escriba, foram indicadas entre parênteses angulares < >.

As letras ou palavras adicionadas em *entre linha* transcreveram-se no lugar próprio do texto, entre \ /.

Erros corrigidos no original indicaram-se entre parênteses rectos duplos [[ ]].

Havendo erro manifesto notificou-se com a indicação sic.

As leituras duvidosas assinalaram-se fazendo-as seguir de (?).

Na indicação da chamada para notas nossas, utilizou-se a ordenação numérica; quando a indicação de nota se encontra encostada à palavra anterior, a nota é respeitante a essa

palavra; se a indicação está no intervalo de duas palavras ou de duas linhas, desencostada, refere-se ao que se passa nesse intervalo, no manuscrito.

Usaram-se alíneas alfabéticas entre parêntesis rectos e em negrito [ ], para chamar a atenção das várias datas inclusas em documentos não datados



### **Relação dos documentos**

**Documento 1** - Estabelecimento de franciscanos em Olinda, com frades da Província franciscana de Santo António de Portugal, a pedido de Filipe II ao Governador Jorge de Albuquerque Coelho; acolhimento em casas doadas por D.<sup>a</sup> Maria Rosa.

**Doc. 2** - Dados históricos sobre o convento dos franciscanos de São Cristóvão e a Ordem Terceira nele edificada.

**Doc. 3** – Dados históricos da fundação e reconstrução do convento franciscano de Olinda.

**Doc. 4** – Dados históricos e artísticos do convento franciscano de Olinda.

**Doc. 5** – Ficha de inventário de património arquitectónico com fim ao plano de preservação dos sítios históricos do interior do convento de Serinhaém, monumento tombado sob o n.º 140, Livro de História.

**Doc. 6** – Ordens Terceiras de São Francisco do Brasil nas actas capitulares da província. Celebração do primeiro capítulo custodial no Brasil

**Doc. 7** - Ordens Terceiras de São Francisco do Brasil nas actas capitulares da província. Licença para os terceiros da Baía fazerem capela à rainha Santa Isabel de Portugal.

**Doc. 8** - Carta dos oficiais da câmara da Baía informando o procurador da Coroa do crescendo de gentes e casas na cidade e da violência dos franciscanos do convento contra os que constroem junto à sua cerca. Resposta do procurador da coroa à carta.

**Doc. 9** - Ordens Terceiras de São Francisco do Brasil nas actas capitulares da Província. Cedência de espaço para construção.

**Doc. 10** - Instituição da Ordem Terceira de São Francisco no Recife; despacho favorável à petição dos Terceiros para poderem erigir uma capela, dando os frades terreno incluso nos muros do convento; construção de um cemitério e nova igreja á face da rua.

**Doc. 11** - Registo de carta de sua majestade escrita ao provedor-mor Francisco Lamberto sobre informação que lhe pede acerca da ordinária dos frades de Santo António dos Capuchinhos para a fábrica do convento da vila de Cairu.

**Doc. 12** - Cópia da petição do padre provincial e religiosos da Província de Santo António dos capuchos do estado do Brasil para que sua majestade o rei prolongue por mais tempo a mercê da provisão para sustento do convento franciscano da vila de Cairu.

**Doc. 13** - Ordens Terceiras de São Francisco do Brasil nas actas capitulares da Província. Interferência de comissários em sermões nas festividades de Terceiros.

**Doc. 14** - Carta do rei para o provedor-mor Francisco Lamberto sobre informação acerca da ordinária dos frades de Santo António dos capuchinhos para a fábrica do convento da vila de Cairu.

**Doc. 15** - Construção do consistório da Ordem Terceira de São Francisco de Olinda. Início da Ordem Terceira da Penitência na capela de São Roque na época da fundação da vila de Olinda.

**Doc. 16** - Ordens Terceiras de São Francisco do Brasil nas actas capitulares da província. Instruções para o relacionamento entre comissários e terceiros.

**Doc. 17** - Procissão de cinza da responsabilidade da Ordem Terceira do Recife; solenidade e aparato de que se reveste este culto externo nos primeiros anos do século XVIII; embargos levantados pela Ordem Terceira à congénere de Olinda; composição dos andores.

**Doc. 18** - Aparecimento da Ordem Terceira de São Francisco na vila de Olinda, sendo a primeira que nasceu na colónia do Brasil; primeiro assento foi na capela de São Roque e depois na igreja do convento de Nossa Senhora das Neves.

**Doc. 19** - Aparecimento da custódia de Santo António do Brasil; assento dos franciscanos em Olinda em propriedade doada pela irmã Terceira franciscana, D.<sup>a</sup> Maria da Rosa; formação da custódia do sul, “Imaculada Conceição”; fundação do convento franciscano do Rio de Janeiro com capela da Ordem Terceira de São Francisco.

**Doc. 20** - Ordens Terceiras de São Francisco do Brasil nas actas capitulares da Província. Informação sobre não ter havido fixação de duzentos frades para a custódia do Brasil, como se pensou estar instituído.

**Doc. 21** - Informação do número de religiosos do convento de Santo António de Serinhaém.

**Doc. 22** - Descrição arquitectónica da capela da Ordem Terceira de São Francisco erguida no convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo.

**Doc. 23** - Informação à cerca de um legado deixado à Ordem Terceira de São Francisco do Recife, de terreno situado junto ao da cerca do convento onde os Terceiros mandaram construir casas.

**Doc. 24** - O convento do Bom Jesus e as instalações da Ordem Terceira de São Francisco, representativos das importantes obras de arquitectura religiosa de São Cristóvão-Se.

**Doc. 25** - Capelas que administram o irmão síndico e os mais mesários da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, confirmadas por resolução de D. João VI.

**Doc. 26** - Trabalho do pernambucano Manuel da Silva Amorim como imaginário / santeiro em Pernambuco, para a Ordem Terceira de São Francisco do Recife.

**Doc. 27** - Resumo das receitas e despesas e saldos para cada ano, entre 1825 e 1834.

**Doc. 28** - Inventário das alfaias de ouro, prata, e mais ornamentos pertencentes à Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Baía.

**Doc. 29** - Tábua da congregação do Capítulo intermédio da Província de Santo António do Brasil, com os nomes dos comissários e vice-comissários nomeados para a Ordem Terceira de São Francisco da Baía.

**Doc. 30** - Diploma de ingresso na Ordem Terceira de São Francisco da Baía, passado pelo comissário visitador, assinado pelo ministro e pelo secretário da Ordem.

**Doc. 31** - Tábua da congregação do capítulo provincial da Província de Santo António do Brasil, com os nomes dos comissários nomeados para a Ordem Terceira de São Francisco.

**Doc. 32** - Ordens Terceiras de São Francisco do Brasil nas actas capitulares da Província. Proibição de empréstimo de artefactos pelos guardiães aos Terceiros; licença para os Terceiros da Baía usarem a porta da sua capela para saída e entrada na procissão de cinza.

**Doc. 33** - Recibo de pagamento efectuado por uma irmã Terceira da Ordem de São Francisco da Baía, para remissão de irmãos.

**Doc. 34** - Tábua da congregação ou capítulo intermédio da Província de Santo António do Brasil, com os nomes dos comissários nomeados para a Ordem Terceira de São Francisco.

**Doc. 35** - *Compromisso* da Ordem Terceira de São Francisco do Penedo: regras que respeitam à limpeza de sangue necessária aos noviços; acordos quando da morte de um irmão; posição que os irmãos devem tomar em procissões, funerais e outros actos de culto exterior.

**Doc. 36** - Pedido da mesa da Ordem Terceira de São Francisco ao governo da Província do Brasil, de participação de tropa em traje solene na procissão de cinza na cidade da Baía.

**Doc. 37** - Relação de bens de raiz da Venerável Ordem Terceira de São Francisco e outros das capelas que administra a mesma ordem.

**Doc. 38** - Resposta a assunto sobre o uso devido de mortalha por africanos livres falecidos ao serviço da Ordem Terceira de São Francisco da Baía.

**Doc. 39** - Relação do convento de Santo António de Ipojuca, com referência à existência de Ordem Terceira de São Francisco anexa ao convento.

**Doc. 40** - Resolução n.º 413 de 17 de Março de 1855 com informação da passagem do povoado de Santo António de Aracaju a cidade do Aracaju.

**Doc. 41** - Carta do bispo da diocese de Olinda ao provincial do convento franciscano de Olinda, sobre a existência de irmãos Terceiros pertencentes à Maçonaria.

**Doc. 42** - Decadência da Ordem Terceira com avultado número de confrades pertencentes à Maçonaria; referência à primeira irmã Terceira no Brasil.

**Doc. 43** - Tábua da composição do Capítulo provincial da Província de Santo António do Brasil, com enumeração dos comissários para a Ordem Terceira de São Francisco.

**Doc. 44** - Ordens Terceiras de São Francisco do Brasil nas actas capitulares da Província. Acerto nos honorários pagos pelos Terceiros aos frades nas suas festividades.

**Doc. 45** - Resposta ao pedido da Ordem Terceira de Salvador da Baía para confirmação do novo compromisso apresentado pelos Mesários.

**Doc. 46** - Carta do ministro da Ordem Terceira de São Francisco da Baía ao conselheiro presidente da Província a solicitar concessão de lotarias para benefício de obras da sua igreja.

**Doc. 47** - Carta do ministro da Ordem Terceira de São Francisco da Baía ao conselheiro presidente da Província a solicitar concessão de lotarias para benefício de obras da sua igreja.

**Doc. 48** - Dificuldades levantadas ao ingresso na Ordem Terceira de São Francisco no Penedo de candidatos não descendentes de brancos, com base em legislação.

**Doc. 49** - Sinos levados pelos holandeses para serem fundidos em canhões; o sino da igreja de Nossa Senhora das Neves; a pobreza do convento franciscano; pedido de pagamento pelas dobras e redobras do sino por parte das irmandades da igreja, incluindo a Ordem Terceira.

**Doc. 50** - Decreto da Sagrada Congregação do Concílio de 16 de Agosto de 1894 aos ordinários do Brasil sobre a personalidade jurídica a ser concedido pelo governo civil às associações religiosas, com inclusão dos Terceiros franciscanos.

**Doc. 51** - Ordem do guardião do convento franciscano do Penedo para que se conservasse aberta a grade que isolava a capela da Ordem Terceira.

**Doc. 52** - A primeira trezena de Santo António rezada no convento; entrada de professores Terceiros.

**Doc. 53** - Bênção de imagens fabricadas em Paris.

**Doc. 54** - Os frades acolheram-se à capela da Ordem Terceira enquanto o seu templo esteve em obras.

**Doc. 55** - Circular para provimento de propaganda à Ordem Terceira.

**Doc. 56** - Resumo de acções efectuadas pelos frades do convento em relação aos Terceiros.

**Doc. 57** - Notícia de agradecimento à presença da Ordem Terceira em cerimónias fúnebres de um frade do convento.

**Doc. 58** - Informação sobre o número de Terceiros entrados no convento do Penedo.

**Doc. 59** - Informação sobre a procissão de cinza efectuada no Penedo em 1826, que levou à frente o guião da Ordem Terceira; despesa com a dita procissão de cinza.

**Doc. 60** - Anexação de uma instituição de caridade à Ordem Terceira do convento franciscano do Penedo, a Obra dos Tabernáculos. Regulamento da Obra dos Tabernáculos que a coloca sob a égide da Ordem Terceira do convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo.

**Doc. 61** - A decadência na Ordem Terceira após a morte de frei Camilo no convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo e o esforço empreendido para a revitalizar em moldes novos; número de Terceiros de 1686 a 1918.

**Doc. 62** - Informações constantes do livro de tomo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco no convento Nossa Senhora dos Anjos do Penedo: constituição social da comunidade; procedimentos litúrgicos particulares da irmandade.

**Doc. 63** - Acta de abertura do livro do tomo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco no convento de Nossa Senhora dos Anjos do Penedo.

**Doc. 64** - Ofício enviado pelo engenheiro responsável pelas obras na Ordem Terceira de São Francisco e do convento, para a directoria do IPHAN do Recife.

**Doc. 65** - Carta do ministro da Ordem Terceira de São Francisco do Recife a informar o IPHAN que o claustro da Ordem está danificado pelas chuvas e solicitar autorização para a reparação.

**Doc. 66** - Ofício do chefe do 1.º distrito do DPHAN do Recife para o director geral daquela instituição sobre a comunicação que lhe fora feita pelo guardião do convento de Nossa Senhora das Neves em Olinda, alertando para a necessidade de obras de protecção dos elementos artísticos do complexo, incluindo as instalações da Ordem Terceira.

**Doc. 67** - Carta do ministro da Ordem Terceira de São Francisco do Recife dirigida ao IPHAN a informar que pretende expandir o espaço do ossário, para construção de mais jazigos.

**Doc. 68** - Carta do engenheiro responsável pelas obras de ampliação do ossário da Ordem Terceira de São Francisco do Recife, enviada ao director geral do DPHAN.

**Doc. 69** - Dados históricos, patrimoniais, arquitectónicos e artísticos sobre o convento franciscano de Olinda e capela da Ordem Terceira.

**Doc. 70** - Ofício dirigido à DPHAN – 1.º distrito, sobre beneficiações necessárias na área fronteira ao convento franciscano de Serinhaém.

**Doc. 71** - Relatório de restauro das pinturas da Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco do Recife; relação dos painéis com a designação dos santos pela ordem em que foram tratados.

**Doc. 72** - Relatório do restauro das pinturas do forro da Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco do Recife; descrição geral, tema e técnicas das pinturas.

**Doc. 73** - Ofício–convite do director do 1.º Distrito do IPHAN dirigido a empresas de restauro, com plano para vários trabalhos na Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco do Recife.

**Doc. 74** - Parecer do IPHAN do Recife sobre a reforma necessária no edifício da Ordem Terceira de São Francisco do Recife, para abertura de um acesso externo à Capela Dourada.

**Doc. 75** – Carta do IPHAN para o ministro da Ordem Terceira de São Francisco do Recife; consulta a respeito da pintura da fachada do prédio onde funciona aquela Ordem.

**Doc. 76** - Carta da Ordem Terceira de São Francisco do Recife dirigida ao chefe do 1.º distrito do IPHAN, Recife, a alertar para a necessidade de abertura de uma entrada do exterior, do espaço da Ordem Terceira, para a Capela Dourada.

**Doc. 77** – Carta do IPHAN ao Ministro da Ordem Terceira de São Francisco do Recife a solicitar a abertura de acesso directo à Capela Dourada do lado da Ordem Terceira.

**Doc. 78** – Carta do IPHAN do Recife para o director do IPHAN no Rio de Janeiro, a propósito da abertura de uma entrada para a Capela Dourada, para facilitar as visitas.

**Doc. 79** – Ofício do IPHAN do Recife dirigido ao chefe do 1.º distrito do IPHAN, sobre o projecto de abertura de um acesso directo à Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco do Recife.

**Doc. 80** - Informações sobre o interior e a fachada da Ordem Terceira de São Francisco da cidade de São Cristóvão-Se.

**Doc. 81** - Certidão do tombamento do convento e igreja de Nossa Senhora das Neves, com a respectiva Ordem Terceira, inseridos no polígono de protecção e, como tais, atingidos pelo tombamento da cidade de Olinda.

**Doc. 82** - Projecto básico de serviços de emergência de imunização no Museu de Arte Sacra, da Ordem Terceira de São Francisco da cidade de São Cristóvão-Se.

**Doc. 83** - Certidão do Ministério da Educação e Cultura enviada ao ministro da Ordem Terceira de São Francisco do Recife, sobre a protecção aos bens culturais em resposta a um pedido de alteração do edifício da Ordem Terceira.

**Doc. 84** - Localização e preservação do Conjunto Franciscano se São Cristóvão-Se.

**Doc. 85** - Justificativa do projecto de restauro e adaptação do convento de São Francisco e Ordem Terceira, para centro de treino e cursos curtos da diocese com museu de arte sacra.

**Doc. 86** - Relatório sobre a necessidade de obras na capela da Ordem Terceira de São Francisco do convento de Santo António de São Francisco do Conde.

**Doc. 87** - Parecer técnico sobre ofício do departamento de edificações públicas do estado de Sergipe para análise de modificações propostas dentro do programa das cidades históricas, abrangendo a igreja e o convento de São Cristóvão de São Francisco, no espaço da Ordem Terceira.

**Doc. 88** - Inspeção das obras em execução na igreja, convento e Ordem Terceira de São Cristóvão–Se, e agenciamento da Praça São Francisco.

**Doc. 89** - Obras de agenciamento da Praça São Francisco, local de implantação do complexo franciscano de São Cristóvão que integra Ordem Terceira.

**Doc. 90** - Relatório da secretaria da cultura do IPHAN, 5.<sup>a</sup> Directoria Regional, respeitante à vistoria de que foi alvo o forro da capela da Ordem Terceira de São Francisco do convento de São Francisco do Conde-Ba.

**Doc. 91** - Informação da arquitecta responsável pelas obras de restauro no convento de São Francisco do Conde, sobre o desmonte do forro da nave da capela da Ordem Terceira de São Francisco de São Francisco do Conde.

**Doc. 92** - Informação da equipe de restauro a trabalhar na igreja e convento de Santo António de São Francisco do Conde-Ba, sobre o restauro das tábuas do forro da capela da Ordem Terceira e a necessidade de o acelerar.

**Doc. 93** - Ofício do director da 5.<sup>a</sup> DR da SPHAN/FNPM, ao vigário da igreja e convento de Santo António – São Francisco do Conde-Ba, sobre o restauro das tábuas do forro da capela da Ordem Terceira de São Francisco no convento.

**Doc. 94** - Relatório final das obras especiais de restauro e conservação que se efectuaram na igreja, convento e Ordem Terceira de Santo António, de São Francisco do Conde-Ba.



**Doc. 95** - Ofício do director do IPHAN à Secretaria da Cultura do Ministério de Educação e Cultura, sobre as obras de restauro dos forros da igreja conventual e da capela da Ordem Terceira de São Francisco no convento de São Francisco do Conde-Ba.

**Doc. 96** - Comunicado da chefe do sector de restauro de bens móveis de Salvador-Ba para a coordenadora da preservação de bens culturais e naturais do IPHAN de Salvador, sobre envio de dossier de obras de restauro artístico das tábuas do painel do tecto da Ordem Terceira de São Francisco de São Francisco do Conde

**Doc. 97** - Relatório técnico da chefe do sector de restauro de bens móveis do IPHAN de Salvador-Ba para a coordenadora do sector da preservação dos bens culturais e naturais do IPHAN, sobre as obras de restauro artístico do painel do tecto da Ordem Terceira de São Francisco no convento de Santo António de São Francisco do Conde

**Doc. 98** - Dados históricos sobre o conjunto franciscano de São Cristóvão-Se e a Ordem Terceira.

## Documento 1

1584/1585, Olinda

ESTABELECIMENTO DE FRANCISCANOS EM OLINDA, COM FRADES DA PROVÍNCIA FRANCISCANA DE SANTO ANTÓNIO DE PORTUGAL, A PEDIDO DE FILIPE II AO GOVERNADOR JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO; ACOLHIMENTO EM CASAS DOADAS POR D. MARIA ROSA.

[a]

(p. 295)

“I. — A CUSTODIA DE SANTO ANTÔNIO

Nenhuma das tentativas conseguiu construir bases para estabelecimento e presença definitiva de franciscanos no Brasil. Talvez esta situação continuasse por muito tempo, se o Ministro Geral Frei Francisco Gonzaga não empenhasse a sua autoridade para este fim, depois de ter recebido do governador Jorge de Albuquerque Coelho o pedido formal e endossado pelo rei Filipe II para fundar um convento em Olinda. O próprio Geral escreveu mais tarde, em livro que editou (2).

«Tão grande foi o esforço do Governador Jorge de Albuquerque que o rei católico Filipe II da Espanha, em seu nome me dirigiu por carta, destinasse com a maior brevidade possível, alguns religiosos distintos, insignes em Ciências, à Província de Pernambuco (Capitania chamada) que faz parte do Brasil, administrada por Jorge de Albuquerque, em nome de El-rei Filipe. Portanto escolhi da Província de Santo António de Portugal, seis religiosos mais distintos, juntei mais outro na pessoa de Frei Melchior de Santa Catarina, Definidor da mesma Província, constituindo-o Prelado com o título de Custódio. ... os quais, quanto /

---

(2) — Frei Francisco Gonzaga, O. F. M., *De Origine Seraphicae Religionis ejusque prognessius*. Roma, 1758, p. 1361s. — Frei António de S. Maria Jaboatão O. F. M., *Novo Orbe Seráfico Brasilico*. Rio de Janeiro, 1858-1862, I, 2 p. 119 (citado Jaboatão).

(p. 295) / antes, devem partir. Estas ordens foram dadas no Capítulo da Província celebrado a 13 de março de 1584, presidido pelo próprio Ministro (3).

\*

**[b]**

*O Convento de Olinda.*

Depois de longos e necessários preparativos os sete frades partiram de Lisboa, no dia primeiro de janeiro de 1585, e aportaram no Recife, a doze de abril do mesmo ano ...”

É de estranhar que os frades não encontrassem alojamento próprio, nem sequer um lugar previsto para o convento tão longamente desejado e esperado. Como explicar isto? Devia ser do conhecimento público a existência da casa e da Igreja de Nossa Senhora das Neves, construídas por D.<sup>a</sup> Maria da Rosa, já viúva, e que por várias vezes as colocara à disposição dos Franciscanos para fundarem ali um convento, mas nunca fora atendida. No entanto, a sua esperança era tão profunda e segura, que jamais cedeu-as a outra Ordem. Transformou-as em recolhimento onde,

«em companhia de outras Senhoras, no hábito de Terceira Ordem do Seráfico Padre São Francisco, em que eram professoras, viviam em forma religiosa» (4).

---

(3). — Frei Bonifácio Müller, O. F. M., *Província Franciscana de St.º Antonio do Brasil*. Recife, 1957, p. 47s (citado Müller). — Frei Basílio Roewer, O. F. M., *A Ordem Franciscana no Brasil*. Petrópolis, 1947, p. 23 (citado Roewer-Ordem).

(4). — Vat [Frei Odulfo von der Vat, O. F. M., *Princípios da Igreja no Brasil, Petrópolis*, 1952, pág. 185s.]<sup>4</sup>, p. 111ss. — Jaboatão I, 2 p. 134ss.

...”

Frei Francisco Venâncio Willeke, OFM (presidente do Centro de História Franciscana do Brasil). “Inícios da Província da Imaculada Conceição (comemorando o tricentenário de sua erecção: 1675-1975)”. Prof. Maria Regina da Cunha Rodrigues (org.). *Revista de História*

---

<sup>4</sup> Esclarecimento nosso.

(Número Jubilar). São Paulo – Brasil : Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Volume L, n.º 100, ano XXV, Outubro – Dezembro, 1974, p. 293-314.

Leitura nossa.

**Doc. 2**

1584/1715, Aracaju

DADOS HISTÓRICOS SOBRE O CONVENTO DOS FRANCISCANOS DE SÃO CRISTÓVÃO E A ORDEM TERCEIRA NELE EDIFICADA.

**[a]**

**(fl. 1)**

“Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco

...

Vejam os que se sabe sobre a construção deste Convento e de sua igreja.

Foi no Capítulo de 26 de Agosto de 1657, que os/

**(fl. 2)**

Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco (Santa Cruz)<sup>5</sup>

/Franciscanos resolveram aceitar o pedido dos moradores de São Cristóvão de Sergipe del Rei para aí fundarem um Convento.

Passado o tempo das invasões holandesas, a antiga Capital de Sergipe quiz aceitar, aos poucos, forma parecida com outras cidades novas que se fundaram no Brasil E à maneira portuguesa, em nenhuma cidade podia faltar um ou outro Convento de religiosos, razão por que os moradores se dirigiram aos Franciscanos para fundarem aí um Convento.

Foi para lá mandado o Definidor, Frei Luiz do Rosário acompanhado de um irmão leigo para tratar da/

**(fl. 3)**

Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco

---

<sup>5</sup> Referência manuscrita acrescentada ao texto dactilografado.

/nova fundação a que se deu o nome de Bom Jesus.

**[b]**

Por escritura de 29 de Janeiro de 1659, o sargento-mor Bernardo Correia leitão e sua mulher Vitória de Sousa doaram um terreno em que se devia fazer a nova construção. Mas no mesmo ano já morreu Frei Luiz do Rosário que dera princípio a uma capelinha e um recolhimento. No capítulo de 5 de Novembro de 1659, foi nomeado novo Superior da nova casa na pessoa de frei Sebastião dos mártires. Este, ao que parece, terminou esta obra começada por seu antecessor, de que, porém, nada, a não ser talvez um ou outro pedaço de muro veio até nós, pois a primeira construção somente era provisória/

**(fl. 4)**

Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco

/e demorou muito até se reunirem as esmolas para se poder pensar em obras mais [ ]<sup>6</sup>  
sólidas.

**[c]**

No correr da segunda metade do século XVII, a situação económica dos moradores de São Cristóvão e dos engenhos e das fazendas circunvizinhas, aos poucos, ia melhorando, de sorte que, em 12 de Setembro de 1693, foi lançada a primeira pedra para o novo Convento e a sua Igreja.

**[d]**

Não sabemos se, naquele tempo, os Franciscanos tinham nas suas fileiras alguém entendido em arquitectura, como o tiveram na pessoa de frei Francisco dos Santos, desde 1584 até à metade do séc. XVII e por este/

**(fl. 5)**

Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco

/Frade tinha sido criado o tipo característico dos Conventos e Igrejas dos Franciscanos no nordeste.....”

---

<sup>6</sup> Palavra rasurada ilegível.

“...Na fachada da nova igreja de São Cristóvão igualmente não desapareceram as antigas linhas básicas- /

**(fl. 6)**

Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco

/cas, trazidas por Frei Francisco dos Santos de Portugal, com uma torre apenas ao lado e de pouca altura. Mas aqui só se aplicavam na entrada três arcadas, como o observamos aliás também nas igrejas Franciscanas dos Conventos do Penedo, Olinda e Ipojuca, ao passo que na de Paraguassú, Cairú e vila de São Francisco deparamos com cinco arcos romanos.”

**(fl.7)**

Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco

“... Como nos outros conventos franciscanos, também a /

**(fl. 8)**

Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco

/qui em S. Cristóvão fundaram uma Ordem 3. de São Francisco. Embora não se conheça a data da fundação desta Instituição.... Não se sabe quando começaram a construir a sua capela junto da igreja do Convento; [e] mas é de supor que, ao menos, a sua caixa já estava pronta em 1715, ano em que para cá costumava fazer esta Ordem 3. a sua Procissão de cinza, acto religioso este que nos parece pedir uma igreja própria. O edifício da Ordem 3. apresenta janelas características barrocas, ao passo que no Convento junto ainda observamos as linhas rectas e singelas do renascimento.

**(fl. 9)**

Sergipe - município de São Cristóvão (dados históricos)

Igrejas e Conventos – São Francisco

Foi nesta capela da Ordem 3. de São Francisco que, durante a primeira metade do século passado, José Teófilo de Jesus pintou o tecto em perspectiva (Cfr. Manoel Querino, *Artistas bahianos*, 2.ed., Bahia 1911, 62-63).

---

Estudos feitos até Janeiro de 1953”.

*Dados Históricos.* IPHAN de Sergipe - MES – Serviço do Patrimônio Histórico e Nacional –  
Arquivo de Obras.

Inédito.



**Doc. 3**

[1585/1714], Olinda

DADOS HISTÓRICOS DA FUNDAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO CONVENTO FRANCISCANO DE OLINDA.

**(s. fl.)**

**[a]**

“Em 4. 10. 1585 os frades deixaram a casa que estavam habitando junto à igreja da Misericórdia e passaram-se para o de N. S<sup>a</sup>. Das Neves.

**[b]**

No ano de 1586 empreenderam-se várias obras de ampliação do convento. Para se poderem receber noviços: obras que em Junho de 1590 estavam terminadas.

**[c]**

Na prelatura de frei António dos Anjos, 1627-1630, o edifício tinha o aspecto grandioso como os holandeses invasores referiram em 1630, em que o Convento foi saqueado e danificado.

**[d]**

Em 1654 os frades voltaram a ocupá-lo.

**[e]**

O edifício actual foi todo feito de novo no próprio lugar do primitivo, iniciando-se as obras nos fins do sec.<sup>7</sup> XVII e começo do sec.<sup>8</sup> XVIII.

Na base do cruzeiro da entrada encontra-se esta inscrição:

“Esta S. Estação representa o lugar onde lerão a sentença de Jesus Cristo e lhe puserão a cruz à costas. Anno de 1700.”

Sobre as duas janelas do pavimento terro<sup>9</sup> da portaria le-se<sup>10</sup>, numa a palavra ano e, na outra a data de 1754.

---

<sup>7</sup> *Sic.* Em vez de *séc.*

<sup>8</sup> *Sic.* Em vez de *séc.*

A igreja foi reconstruída tendo-se terminado as obras em 1714.

Do antigo convento resta a pequena capela do capítulo no quadro do claustro.”

IPHAN do Recife – Arquivo de Obras. Pasta *Olinda*.

Inédito.

---

<sup>9</sup> *Sic.* Em vez de *térreo*.

<sup>10</sup> *Sic.* Em vez de *lê-se*.

**Doc. 4**

[1585-1754], [Recife]

DADOS HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS DO CONVENTO FRANCISCANO DE OLINDA.

“CONVENTO E IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES

Localização – Ladeira de São Francisco

Tomabamento<sup>11</sup> - Monumento tombado em 22/7/1938.

Finalidade – Culto católico e noviciado.

HISTÓRICO:

Este monumento é o mais antigo estabelecimento da Ordem Franciscana, do Brasil. O início da construção do convento data de 1585 e o término se situa entre 1627 a 1630.

Frei Jaboatão designa-o como “a cabeça da Santa província do Brasil”.

Com a invasão holandesa o edifício foi seriamente danificado pelo incêndio de Olinda (1631).

A sua reconstrução iniciou-se na 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVII e continuou-se de 1715 a 1755. na fachada está gravada a data de 1754.

Em 1885, com o falecimento de seu último Frade, o imóvel foi abandonado.

Em 1901, a Ordem franciscana restaurou o edifício e instalou ali o seu noviciado.

Como recordação da construção primitiva conserva-se ainda a pequena capelinha do Capítulo, na quadra inferior do claustro.

Exteriormente, a igreja tem um frontispício barroco seguido, do lado da Epístola, do tão característico mirante (a biblioteca) e do lado do Evangelho, da torre sineira (séc. XVII) e das instalações da ordem 3.<sup>a</sup> (1711). A entrada faz-se, ao modo franciscano, por uma galilé.

---

<sup>11</sup> *Sic. Em vez de tombamento*

### Análise Artística

Chama-se a atenção para a enorme riqueza em painéis de azulejos da sala da portaria (antiga capela de Santa Ana, onde se encontra um altar da época de D. João V); para os do claustro, da casa do capítulo (onde existe um notável tecto compartimentado com pinturas com doutores franciscanos) e seus azulejos tipo massaroca; do corredor, da escada da sacristia (a quadra mais notável do convento)/

**(s. fl.)**

/ belo tecto com painéis octogonais enquadrando pinturas de assuntos franciscanos, pelo arcaz e seu esplendor pujante de decoração barroca, lavabo de pedra mármore e repositório, bem como pelos seus azulejos **esplêndidos**, talvez de Oliveira Bernardes) (sic); enfim, pelos painéis da igreja, também do maior interesse.

Santos Simões data estes azulejos do modo seguinte:

1650-70 – Azulejos da casa capitular e escada.

1717-70 – painéis da parte superior da sacristia.

1720-1725 – azulejos do corredor.

1735-45 – azulejos do claustro, nave e parte inferior das paredes da sacristia

1754- – painéis da portaria.

na igreja, há ainda, a notar a capela da ordem 3.<sup>a</sup> (ou de São Roque) notável pelos tectos pintados e pelos retábulos laterais de talha do séc. XVII em que sobressaem bustos e cartelas pintadas (séc. XVIII)

O convento e a igreja possuem um magnífico acervo de imagens, alfaias litúrgicas e mobiliários....”

IPHAN do Recife – Arquivo de Obras – Pasta *Olinda*

Inédito.

**Doc. 5**

1630/1755, Recife

FICHA DE INVENTÁRIO DE PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO COM FIM AO PLANO DE PRESERVAÇÃO DOS SÍTIOS HISTÓRICOS DO INTERIOR DO CONVENTO DE SERINHAÉM, MONUMENTO TOMBADO SOB O N.º 140, LIVRO DE HISTÓRIA.

**(p. 187)**

“Governo do Estado de Pernambuco  
Secretaria de Planeamento  
Fundação do Desenvolvimento Municipal do interior de Pernambuco FIAM

PLANO DE PRESERVAÇÃO DOS SÍTIOS HISTÓRICOS DO INTERIOR – 1.ª PARTE

(Municípios do Litoral e do Circuito de Fazenda Nova)

CONVÉNIO FIAM/SUDENE

Categoria : EDIFÍCIO ISOLADO

Município : SIRINHAÉM

Denominação : CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO

ASPECTOS HISTÓRICOS

“ A fundação do convento franciscano de Sirinhaém (*sic*) remonta a 1630. a 7 de Maio deste ano Dona Madalena Pinheiro, viúva de Filipe de Albuquerque, faz doação com este fim de um terreno situado «na baixa do oiteiro à beira do rio». A 17 de Julho de 1631 Lopo Soares, filho da doadora, desiste de todos os seus direitos sobre o terreno doado e abandona seus direitos senhoriais<sup>12</sup> sobre outras terras, designadas como sendo um “sítio novo”, situado mais alto sobre a colina, onde se projecta construir o Convento. A 20 de Janeiro de 1633 Dona Madalena Pinheiro aumenta a parcela do «sítio velho» e faz doação do «sítio novo», onde será definitivamente construído o Convento.

Quase em seguida, em 1635, o Convento foi abandonado por causa da Invasão holandesa e só reocupado em 1647.

---

<sup>12</sup> *Sic*. Em vez de *senhoriais*.

O Padre Jaboatão diz que não pode encontrar nada concernente à construção do Convento novo, na sua forma actual, mas que tem certeza de que as obras foram empreitadas após 1654, quando os monges, banidos pela Invasão holandesa, retornam e aí se estabelecem.

Isenções e prerrogativas reais foram concedidas ao Convento a 22 de Julho de 1723.

O frontispício da Igreja desabou à cerca de um século»<sup>13</sup>.

- Germain Bazin – L’Architecture Religieuse Baroque au Brésil»<sup>14</sup>

**(p. 188)**

ACESSO

Esse Convento Franciscano situa-se em Sirinhaém (*sic*), pequena cidade do litoral sul do Estado, distante 72 Km da capital. Partindo-se do Recife pela barra Sul percorre-se 38 Km, até à bifurcação desta com a PE-60, na altura do Cabo. Por esta rodovia estadual então chega-se à cidade.

#### SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA

Localizado num extremo da cidade, mas dentro do perímetro urbano, o Convento tem uma implantação física destacada, por situar-se sobre uma elevação, donde se descortina praticamente todo o restante da pequena cidade onde se encontra. Dada a esta posição à ambiência estaria naturalmente salvaguardada não fossem as maléficas interferências lamentavelmente sempre presentes. ....”

“do lado esquerdo, além do muro do adro, estende-se a cana de açúcar - como habitualmente acontece nessa região – em terreno de propriedade do Convento. Coqueiros e fruteiras completam a paisagem.”

“ ...

<sup>13</sup> *Sic*. Faltam as aspas («) antes de *O frontispício...*

<sup>14</sup> *Sic*. Faltam as aspas («) antes de *L’*.

O adro mantém ainda, algumas pedras do seu piso primitivo, embora soltas e entremeadas por grama. O cruzeiro, em pedra, situa-se mais embaixo<sup>15</sup> e está caiado de branco.”

“... segundo descrição do padre Jaboaão, citada por Bazin, ele era parecido como do Convento de Ipojuca: «tem o frontispício sobre três arcos de pedra lavrada, pela parte dianteira e hum por cada lado, ficando sobre estes huma parte do coro».

A sua fachada actual tem visíveis descaracterizações, tanto no fron- (p.189) /tão como num acréscimo existente no segundo pavimento, ao lado direito da Igreja, no qual aparecem venezianas. Existem ainda alguns vão entaipados: dois ao lado esquerdo da mesma e o nicho do frontão.”

“...

#### DESCRIÇÃO

##### 1 – CONVENTO

Seu partido de planta é o tradicional dos Conventos Franciscanos: um quadrilátero que se desenvolve em dois níveis, em torno do claustro. Segundo» Bazin este claustro é de ordem jónica, do século XVIII. Colunas cilíndricas com capitéis, de pedra, tanto umas quanto outros sobre os quais desenvolve-se a arcaria. No pavimento superior entablamento com beiral aparente. O piso do claustro e das galerias é em tijoleira cerâmica quadrada.

No pavimento térreo, logo à direita da entrada principal existe um cómodo - que outrora funcionou como capela com belíssimos painéis de azulejos nas paredes, em bom estado de conservação. O piso é em tijoleira. Neste pavimento estão a sala de visitas, outras salas sem uso, o refeitório, a cozinha, despensa, depósitos, etc.

Existem duas escadas de acesso ao pavimento superior, como habitualmente ocorre nos conventos. Uma situada próxima à fachada principal e outra no extremo oposto, em diagonal, próxima à fachada posterior. Esta última tem a balaustrada de madeira trabalhada, do século XVIII, e na cabeceira uma escultura interessantíssima, simbolizando um dragão, em forma de delfim, engolindo a cabeça de um monge. Apesar dessa escada situar-se nos fundos do convento ela está em linha recta com a entrada principal e próxima à Igreja. No cómodo onde a mesma se localiza existe uma pintura no forro.”

---

<sup>15</sup> Sic. Em vez de *em baixo*.

“ ...

**(p.190)**

A estrutura do Convento é de pedra e alvenaria de tijolos. A cobertura é em telha – canal – em quatro águas no claustro. Sobre as celas é em três águas, com beiral tríplice em alguns trechos e pequenas cornijas noutros.”

“ ...

2 – IGREJA

A Igreja, que se comunica com a galeria esquerda do claustro do Convento, tem um partido de planta rectangular, assim sequenciado: nave, capela-mor, sacristia.

As ilhargas da nave são recobertas, na parte inferior de ambos os lados, por belíssimos painéis de azulejos, portugueses, retratando passagens da vida de São Francisco, em razoável estado de conservação.

Existem quatro tribunas na nave semi-entaipadas (até ao meio do vão), duas em cada uma das ilhargas. No alinhamento das duas primeiras, próximo à coxia, existem duas portas ligeiramente almofadadas e com cercaduras de pedra. A do lado esquerdo não tem uso, a do direito comunica-se com o claustro. Ambas interrompem o já citados painéis de azulejos.

Do lado esquerdo existe uma capela, pouco profunda, que se abre para nave através de um arco-cruzeiro de pedra. O altar e os tocheiros são de madeira pintada de cinza, dourado e branco, de muito mau gosto. A imagem porém é bonita e de grande valor. Sobre este altar existe uma outra imagem num longo mas profundo nicho, cavado na parede do fundo. Segundo Bazin é o Cristo das Necessidades de 1755. o forro desta capela lateral é em madeira, pintada de azul, tipo esteira, recta. O piso é em cimento grosso.

O forro da nave é em madeira pintada de creme, tipo esteira, recta, com o arremate bordejando o arco-cruzeiro da capela-mor. O piso é em cimento grosso com arremates de pedra.

O coro é sustentado por duas colunas cilíndricas de alvenaria de/ (p. 191) /de tijolos. O piso é de assoalho e a balustrada (*sic*) em madeira trabalhada.



Os dois altares laterais são posteriores à igreja, em madeira branca e dourada, bem como os tocheiros. No esquerdo está uma imagem de N. S. da Conceição e no direito, Santo António. Ambas são muito valiosas.

O púlpito situado no lado esquerdo do Evangelho, é em talha do estilo D. João V, pintada de branco, assim como a escada que lhe dá acesso e o dossel. Bazin o classifica de “grosseiro”.

A coxia – grade de comunhão – é em madeira escura trabalhada em cada folha da porta existe uma figura entalhada, em alto relevo: um busto de mulher de influência oriental.

A capela-mor liga-se com a nave pelo arco-cruzeiro, todo em pedra. Existem painéis de azulejos tanto nas ilhargas quanto na base do altar-mor, cujos degraus são em pedra.

Assim como a nave a capela-mor apresenta quatro tribunas semi-entaipadas, duas de cada lado. No mesmo alinhamento das duas primeiras – próximas ao arco-cruzeiro – existem duas portas ligeiramente almofadadas e com cercaduras de pedra. A do lado esquerdo não tem utilidade é elemento de composição. A do direito comunica-se com o Convento, onde existe a escada de acesso ao pavimento superior.

O altar-mor, é semelhante aos laterais e, como esses, em madeira pintada de branco e dourado. Ao centro uma imagem de Cristo e em dois nichos laterais, as imagens de Santo António e de São José.

O forro da capela-mor é em madeira pintada de creme tipo esteira, acompanhando a curvatura do arco-cruzeiro. O piso é em ladrilho hidráulico.

Atrás da capela-mor, comunicando-se através de portas existentes nas extremidades do altar, está a sacristia, que tem piso de tijoleira e um maravilhoso lavabo em pedra de lioz portuguesa.”

“ ...

#### PROTECÇÃO EXISTENTE

Tombamento a nível federal pelo Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

**(p. 191)**

Processo 145-T. Inscrição n.º 140, *Livro História*, fls. 23 – e Inscrição – n.º 286, *Livro Belas Artes*, fls. 49, Data: 8 VII. 1940.”

IPHAN do Recife – Arquivo de Obras – Pernambuco - *Convento de Serinhaém*

Leitura nossa.

**Doc. 6**

1649, Fevereiro, 24, Baía

ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO DO BRASIL NAS ACTAS CAPITULARES DA PROVÍNCIA.  
CELEBRAÇÃO DO PRIMEIRO CAPÍTULO CUSTODIAL NO BRASIL

**(p. 98, col. esq.)**

“1649

Primeiro Capítulo Custodial Independente da Província de Santo António de Portugal, à qual que era sujeita esta Custódia de Santo António do Brazil.

A 24 de Fevereiro de 1649 se celebrou no Convento da Bahia o primeiro Capitulo, ainda como Custodia, porem já independente da Província de Portugal sendo Custodio Fr. João Baptista, Definidores Fr. António de Santa Clara, Fr. Jeronimo de Santa Catharina, Fr. Francisco dos Santos e Fr. Gaspar da Conceição....”.

“Actas capitulares da Província Franciscana de Santo António do Brasil (1649-1893)”.  
Introdução e Notas explicativas de Frei Venâncio Willeke, OFM. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1970, vol. 286, Janeiro-Março, 1970, p. 92 a 222.

Leitura nossa.

**Doc. 7**

1653, Setembro, 14, Baía

ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO DO BRASIL NAS ACTAS CAPITULARES DA PROVÍNCIA. LICENÇA PARA OS TERCEIROS DA BAÍA FAZEREM CAPELA À RAINHA SANTA ISABEL DE PORTUGAL.

“ ...

**(p. 98, col. dt<sup>a</sup>.)**

A 14 de Setembro de 1653 se celebrou na Bahia, Capítulo Custodial em que presidiu o Veneravel P. Fr. Cosme de / **(p. 99, col. esq.)** São Damoão e foi Custodio o Padre Mestre Fr. Daniel de Saõ Francisco. ...”

“ ...

— § 4. Assentou-se que se concedia Licença aos nossos Irmaõs .... [Terceiros ?]<sup>16</sup> para fazerem Capela á Rainha Santa Izabel no lugar dos confessionários pela qual poderaõ entrar por dentro para o seu consistorio. (Crónica de Jaboatão parte segunda folha (182). (12) ...”

“ ...

**(p. 210, col. esq.)**

## NOTAS

**(p. 210, col. dt<sup>a</sup>)**

12. Marieta Alves, *A Historia da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Bhaia*, Salvador, 1948. ...”

“Actas capitulares da Província Franciscana de Santo António do Brasil (1649-1893)”. Introdução e Notas explicativas de Frei Venâncio Willeke, OFM. *Revista do Instituto*

---

<sup>16</sup> Informação do autor.

*Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1970, vol. 286, Janeiro-Março, 1970, p. 98, 210.

Leitura nossa.

**Doc. 8**

1679, Julho, 9, Baía / Novembro, 7, Lisboa

CARTA DOS OFICIAIS DA CÂMARA DA BAÍA INFORMANDO O PROCURADOR DA COROA DO CRESCENDO DE GENTES E CASAS NA CIDADE E DA VIOLÊNCIA DOS FRANCISCANOS DO CONVENTO CONTRA OS QUE CONSTROEM JUNTO À SUA CERCA. RESPOSTA DO PROCURADOR DA COROA À CARTA.

**[a]**

**(p. 165)**

“Os oficiais da Câmara da baía, em cartar de 9 de Julho deste ano, referem que o número de gentes e casas naquela cidade tem crescido de sorte que já dentro dos muros não terreno capaz em que fabriquem seus moradores e tendo para suprir esta falta um largo campo e terreno capacíssimo a que chamam Desterro se não podiam valer dele por lho impedirem os religiosos de São Francisco, estorvando-o com violência e ameaças de quatro anos a esta parte a todos os que naquele sítio quizeram fabricar, derrubando-lhes o já feito, com o pretexto de que lhes devassavam a sua cerca que ficava entre a cidade e o dito terreno ocupando cem braças em quadra, fazendo com esta violência que fique inútil um terreno capaz de mais de mil moradores, com perda excessiva de seus donos,/ **(p. 166)** detrimento da república e diminuição das rendas de Vossa Alteza.

Que aquele Senado o fizera já presente ao guardião do dito convento pelas repetidas queixas dos moradores e escandaloso procedimento que com alguns haviam tido...”

**[b]**

“Da carta referida se deu vista ao procurador da Coroa e respondeu:

Que os religiosos não tinham faculdade coactiva para impedirem com violência que o vassallos edifiquem no seu sito ou no público com licença da Câmara e se dela lhes resultasse algum prejuízo deviam deduzi-lo pelos meios ordinários perante as justiças seculares a quem tocava o conhecimento e que nesta forma se devia escrever ao governador....”

“O Conde. Sá. Teles. Dourado. Cardoso.”

Ministério da Educação e Saúde – “Consultas do Conselho Ultramarino – Baía – 1673 – 1683”, Códice: I-8,4,6, in *Documentos Históricos – Consultas do Concelho Ultramarino, Baía, 1673-1683*, Vol. LXXXVIII, Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1950, p. 165, 166.

Leitura nossa.

**Doc. 9**

1692, Outubro, 18, Baía

ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO DO BRASIL NAS ACTAS CAPITULARES DA PROVÍNCIA.  
CEDÊNCIA DE ESPAÇO PARA CONSTRUÇÃO.

(p. 110, col. esq.)

“1692

Aos 18 de Outubro de 1692 se celebrou no Convento da Bahia o Capitulo em que prezidiu o Padre Fr. Domingos do Loreto Padre mais digno desta província, e foi eleito Provincial Fr. André de s. Boaventura. ...”

“ ...

3. Assentouze em conceder aos Terceiros cazo quizessem fazer nova Capella Consistorio, Claustro, e mais cazas necessárias para os seus exercicios, a terra da banda do Genipapeiro, que graciosamente lhe permitimos, e davamos toda a terra, que necessario lhe fosse para a dita parte do Genipapeiro dos alicerces que estão feitos para convento com condição que em nenhum tempo abriarão sepulturas em o seu Claustro, Capela, e mais cazas sem consentimento do Guardiaõ deste Convento da Bahia, correspondendo com suas esmolos todos os que se enterrarem nas tais sepulturas etc. ...”

“ ...

“Actas capitulares da Província Franciscana de Santo António do Brasil (1649-1893)”.  
Introdução e Notas explicativas de Frei Venâncio Willeke, OFM. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1970, vol. 286, Janeiro-Março, 1970, p. 110.



**Doc. 10**

[1695-1852], Recife

INSTITUIÇÃO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO NO RECIFE; DESPACHO FAVORÁVEL À PETIÇÃO DOS TERCEIROS PARA PODEREM ERIGIR UMA CAPELA, DANDO OS FRADES TERRENO INCLUSO NOS MUROS DO CONVENTO; CONSTRUÇÃO DE UM CEMITÉRIO E NOVA IGREJA Á FACE DA RUA.

**[a]**

**(p. 422)**

“Junho 12 [1695]<sup>17</sup> – Instituição da Ordem Terceira de São Francisco da povoação do Recife. Desejando os moradores da localidade, desde muito, ter também uma Ordem Terceira da religião franciscana e como existissem já então alguns irmãos terceiros que haviam tomado o hábito na da cidade Olinda, ou no próprio convento de Santo António da povoação do Recife das mãos dos seus prelados, fácil foi ao padre visitador da ordem, fr. Jácome da Purificação, a quem dirigiram rogativas a respeito satisfazer os seu pios desejos, e bem assim, pernambucano que era ele, aos pedidos de muitos parentes de estimação e valia que tinha nas duas povoações de Recife e Santo António, como escreve Jaboatão.

Reunidos na igreja do convento, no mencionado dia os irmãos terceiros existentes nas duas povoações, em número de 38 foi solenemente instalada a ordem, que tomou para seu titular as Chagas do Patriarca S. Francisco, recebendo então o hábito 242 irmãos, sendo 177 homens e 65 mulheres. Fez o padre visitador as nomeações dos membros da sua primeira mesa administrativa, recaindo a de ministro no Padre António Álvares Pinto, reeleito no ano seguinte de 1696, e bem assim a do comissário, que foi o religioso fr. Jerónimo da Ressurreição. **[b]** Para o provimento deste cargo alcançou depois a ordem um rescrito da Sagrada Congregação, expedido em 3 de Junho de 1702, pelo qual poderia nomear três religiosos idóneos e destes escolher os padres do capítulo um para seu comissário.

**[c]**

Na junta a Mesa do Definitório, celebrada no convento da Bahia em 28 de Novembro no mesmo ano de 1693, foi confirmada a instituição da ordem, e despachada petição dos

---

<sup>17</sup> Informação nossa.

terceiros do Recife para poderem erigir a sua capela, dando os conventuais de S. Francisco o terreno necessário, incluso nos muros do convento, na mesma povoação, mediante a condição da esmola de 2\$000 por cova e alcatifa que cada um dos seus irmãos que fossem sepultados na capela ou qualquer outro lugar à mesma pertencente, o que aprovado foi reduzido a termo por uma pública escritura lavrada em 9 de Abril de 1696.

Escolhido e demarcado o terreno junto à igreja do convento no dia 13 de Maio naquele mesmo ano de 1696 teve lugar a solenidade do assentamento da pedra fundamental da capela, a qual foi benta pelo padre visitador geral fr. Jàcomo da Purificação, com assistência do governador Caetano de Melo de castro, que a conduziu e lançou nos seus alicerces, em presença de numeroso concurso de assistentes, em que se viam as autoridades e pessoas gradas da capitania.

Foi incumbido das obras de construção do templo um homem prático m tais serviços, o capitão António Fernandes de matos, laborioso, abastado de bens de fortuna, generoso e que pertencendo á ordem foi depois ministro, e por quatro anos sucessivos.

#### [d]

No ano seguinte de 1697, graças ao fervor com que foram executados os trabalhos de construção da capela, teve lugar a 13 de Setembro a solenidade festiva da sua bênção, faltando apenas algumas obras de detalhe; [e] mas em 1721 já tudo estava concluído, inclusive as suas obras externas, como o claustro, a casa de exercícios, o edificio do seu consistório no correr da rua – que vem do palácio do governo – com a sua capela e altar, a sacristia e capela dos noviços, tudo com a perfeição de retábulos, douramentos e mais ornatos, preciosos e ricos, graças ao zelo dos irmãos terceiros e aos recursos / (p. 423) de que dispunham, já então possuindo a ordem um alentado património. Ministrou no acto da bênção o padre visitador, que em seguida celebrou a sua primeira missa festiva no altar-mor do templo.

Todas aquelas obras andaram em 13:014\$323; e algumas, em pormenores, como o púlpito, inclusive o douramento, 78\$160; e as cadeiras ou arquibancadas, lateralmente dispostas, para a assistência dos irmãos nos actos religiosos, de jacarandi (*sic*) com ornamentação de talha, 235\$000.

**[f]**

Em 1773 construiu a ordem um cemitério privativo para a inumação dos seus membros, compreendendo uma espaçosa área, com duas ordens de catacumbas, e uma capela ao fundo, e situado junto á igreja; **[g]** cemitério este que se prestou aos seus fins até 1852, quando os enterramentos passaram a efectuar-se no cemitério público da cidade nas catacumbas da ordem construídas naquele ano.

**[h]**

Resolvendo a ordem construir uma nova igreja, à face da rua com dimensões superiores à antiga, um plano segundo as orientações modernas, e obtendo a necessária licença de consentimento em 18 de Novembro de 1801, deu logo começo ás suas obras, no local da casa dos exercícios religiosos ou capela dos noviços, e destinando para este fim o primeiro templo.

**[i]**

Fazendo a ordem aquisição de toda a cantaria da fachada da igreja, de um bonito traçado architectónico, por 2:000\$000, cedida pela Irmandade do SS. Sacramento da igreja matriz do Corpo Santo, por não se prestar às dimensões do seu novo templo em construção, começaram em 1804 as suas obras de assentamento. **[j]** Interrompidas, porém, e recomeçando em 1814, e tendo-se ainda de atender a vários outros trabalhos, particularmente de decoração, pintura e douramento, só ficou tudo concluído em 1828, tendo lugar o acto da bênção solene da nova igreja no dia 16 de Setembro, e no imediato, a festividade do seu titular, **[j]** cuja solenidade vinha já regularmente celebrada desde 1781, em virtude de particular concessão outorgada em 24 de Julho do mesmo ano.

A despesa de construção do mesmo templo andou em 32:869\$073 réis.”

“ ...

**(p. 424)**

A Ordem Terceira de S. Francisco, de par com o seu carácter religiosos, é também uma corporação beneficente, uma vez que socorre os irmãos pobres em sua invalidez e moléstias, e decentemente faz o seu enterro; recolhendo ainda no seu hospital aqueles que por sua avançada idade não podem mais trabalhar para a sua manutenção, e bem assim os enfermos sem recursos para o seu tratamento menos, porém, os loucos e os que sofram de moléstias

contagiosas, que nestes casos serão recolhidos aos respectivos estabelecimentos públicos, mas como pensionistas da ordem.”

“ ...

A igreja da ordem terceira, se não é de uma grande área, é, porém, belamente decorada e de uma bonita perspectiva / (p. 425) geral pelo seu traçado artístico. Os seus púlpitos são lindíssimos. A igreja da **Ordem Velha**, porém, traçada sobre os moldes da época da sua construção, se não tem nos seus tons gerais um aspecto alegre, impressionante, e , ao contrário, é triste monótona mesmo, tem, porém, muito que admirar pela beleza e primor artístico da suas obras de talha de e de tornearia em todo o templo, sem deixar espaço algum desguarnecido e um douramento igualmente geral, tudo muito bem conservado. O tecto da vetusta igreja é todo apainelado em quadros distintos emoldurados.

Outros painéis figuram ainda na bela capela, bem como no claustro, cuja quadra, com uma arcaria extrema sobre colunas, dá para um grande pátio. Era em volta desse claustro, que em outros tempos, de acentuado espírito religiosos, tinha lugar o exercício da Via-sacra hoje espaços de azulejos, colocados ao correr de suas paredes, mandou vir à sua custa o irmão terceiro Joseph Rodrigues de Santo António, que professou em 1730 e faleceu em 1760, vindo dessa época, portanto o seu assentamento...”.

F. A. Pereira da Costa. *Anais Pernambucanos : 1666-1700*. Recife, 1983, vol. 4, p. 422-425.

Leitura nossa.

**Doc. 11**

1695, Novembro, Baía

REGISTO DE CARTA DE SUA MAJESTADE ESCRITA AO PROVEDOR-MOR FRANCISCO LAMBERTO SOBRE INFORMAÇÃO QUE LHE PEDE ACERCA DA ORDINÁRIA DOS FRADES DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHINHOS PARA A FÁBRICA DO CONVENTO DA VILA DE CAIRU.

**(p. 223)**

“Francisco Lambert. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Por parte do provincial e religiosos Santo António dos Capuchos desse Estado se me fez a petição, cuja cópia se vos envia em que pedem se lhes continue com a ordinária de 30\$000 cada ano de que por Provisão minha do ano de 1673 lhes fez mercê por tempo de cinco para a fábrica do convento da vila do Cairu. E pareceu-me orde/ **(p. 224)** /nar-vos, como por esta o faço, que informeis com vosso parecer neste requerimento declarando até que tempo se pagou esta ordinária e que tempo há que se não paga. Escrita em Lisboa a 14 de Novembro de 1695. Rei. Conde de Alvor, Presidente. 1.<sup>a</sup> via. Para o Provedor-mor da Fazenda do Estado do Brasil.”

Ministério da Educação e Saúde – “Registo de cartas Régias – Livro 2.º, Códice I-19,17,2 (Continuação)” in *Documentos Históricos – Registo das Cartas Régias – 1683-1697*, Vol. LXXXIII, Biblioteca Nacional, 1949, p. 223, 224.

Leitura nossa.

**Doc. 12**

1696, Março, 22, Baía

CÓPIA DA PETIÇÃO DO PADRE PROVINCIAL E RELIGIOSOS DA PROVÍNCIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS DO ESTADO DO BRASIL PARA QUE SUA MAJESTADE O REI PROLONGUE POR MAIS TEMPO A MERCÊ DA PROVISÃO PARA SUSTENTO DO CONVENTO FRANCISCANO DA VILA DE CAIRU.

“Senhor. Diz o Padre Provincial e Religiosos da Província de Santo António dos Capuchos do estado do Brasil que respeitando V. M. a sua pobreza lhes fez mercê de 30\$000, cada ano de ordinária, por tempo de 5 anos para comprarem azeite, vinho e cera para fabricarem o culto divino no seu convento da vila de Cairu como consta da Provisão junta, e porque são acabados os ditos 5 anos, e muitos mais e o Provedor da Fazenda duvida continuar com a dita ordinária sem nova mercê de Vossa Majestade sem embargo de lhe constar da muita pobreza com que os religiosos do dito convento vivem pela limitação dos moradores daquela vila ser tanta que lhes não pode acudir com as esmolas necessárias para o seu sustento, sendo de grande fruto e proveito para as almas dos ditos moradores assim como para o culto divino, ...”  
“Pedem a Vossa Majestade ... lhes faça mercê mandar ao Provedor-mor do Estado faça continuar com a dita ordinária ... para a fábrica do culto divino do dito convento da vila do Cairu. E receberá mercê. André Lopes da Laura. Registe-se com cópia. Bahia, 22 de Março de 1696. Francisco Lamberto. João Correia Seixas a registou em o dito dia e se entregaram as próprias ao mesmo Provedor-mor. Joaquim Antunes Moraes.”

Ministério da Educação e Saúde – “Registo de Cartas Régias – Livro 2.º, códice I-19,17,2 (Continuação)” in *Documentos Históricos – Registo das Cartas Régias – 1683 – 1697*, vol. LXXXIII, Biblioteca Nacional, 1949, p. 224.

Leitura nossa.

**Doc. 13**

1699, Janeiro, 3, Baía

ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO DO BRASIL NAS ACTAS CAPITULARES DA PROVÍNCIA.  
INTERFERÊNCIA DE COMISSÁRIOS EM SERMÕES NAS FESTIVIDADES DE TERCEIROS.

**(p. 111, col. dt.<sup>a</sup>)**

“1699

Aos 3 de Janeiro de 1699 se celebrou no Convento da Bahia o Capitulo em que prezidiu o Irmão Fr. Pantaleão da Purciuncula Excustodio por comissão do Padre Fr. Antonio de Cardona Commisario Geral da Ordem, e / **(p. 112, col. esq.)** sahio eleito Provincial com 17 votos Fr. José de Santa Catharina, o Rodas e nelle se fizeraõ as seguintes determinaçoens :..”

“ ...

5. Que os Commisarios de Terceiros préguem as Festas da dita Ordem um dos sermoens principaes e façaõ as praticas nas sextas feiras da Quaresma aos ditos Terceiros. (36) ...”

“ ...

**(p. 210, col. esq.)**

## NOTAS

**(p. 211, col. dt.<sup>a</sup>)**

36. A Ordem Terceira secular, em séculos passados, tinha vida religiosa bem intensa. ...”

“ ...

“Actas capitulares da Província Franciscana de Santo António do Brasil (1649-1893)”.  
Introdução e Notas explicativas de Frei Venâncio Willeke, OFM. *Revista do Instituto  
Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional,  
1970, Janeiro-Março, 1970, vol. 286, p. 210, 211.

Leitura nossa.



**Doc. 14**

1700, Junho, 20, Baía

CARTA DO REI PARA O PROVEDOR-MOR FRANCISCO LAMBERTO SOBRE INFORMÇÃO ACERCA DA ORDINÁRIA DOS FRADES DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHINHOS PARA A FÁBRICA DO CONVENTO DA VILA DE CAIRU.

“Francisco Lambert. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Por parte dos religiosos e provincial dos capuchos de santo António dos capuchos dessa cidade se me fez aqui petição, cuja cópia se vos envia, em que pedem se lhes continue com a ordinária de 30\$000 cada ano, de que por Provisão minha de 1673 lhe fez mercê por tempo de 5 anos, para a fábrica do convento da vila de Cairu. E pareceu-me ordenar-vos, como por esta faço, que informeis com vosso parecer neste requerimento declarando o tempo que se pagou esta ordinária e quantos anos há que se não paga. Escrita em Lisboa a 20 de Dezembro de 1699. Rei. Conde de Alvor, Presidente. 1.<sup>a</sup> via. Para o Provedor-mor da Fazenda do Estado do Brasil. Registe-se e me informe o escrivão da Fazenda com o que constar dos livros dela sobre este particular. ...”.

Ministério da Educação e Saúde – “Registo de cartas Régias – Livro 3.º, código I-19,17,2 (Continuação)” *in Documentos Históricas : Registo das Cartas Régias - 1697-1705 / Pernambuco e Outras Capitánias do Norte – Cartas e ordens - 1717*, vol. LXXXIV, Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1949, p. 83.

Leitura nossa.

**Doc. 15**

17--, Olinda

CONSTRUÇÃO DO CONSISTÓRIO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DE OLINDA. INÍCIO DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA NA CAPELA DE SÃO ROQUE NA ÉPOCA DA FUNDAÇÃO DA VILA DE OLINDA.

**(p. 230)**

“Neste ano foi construído o edifício do consistório da Ordem Terceira de S. Francisco da cidade de Olinda, em comunicação interna com a sua capela junto à igreja do respectivo convento, e salientemente disposto, cuja data, de 1711, se vê inscrita no frontão da porta de entrada do edifício, cuja fachada fica em ângulo reto com a da referida igreja.”

Sobre a origem da ordem escreve o nosso cronista Jaboatão:

"Em a vila de Olinda, ou Marim de Pernambuco, assistiu muitos anos um religiosos franciscano, de quem não nos deixaram notícias individuais os daqueles tempos, nem de que província era, nem como ali veio ter; mas só fora o instituidor de uma capelinha de S. Roque no lugar em que hoje está fundado o mosteiro do patriarca S. Bento, e que nela dera princípio a uma irmandade de terceiros da ordem da penitência, que foi a primeira que houve no Brasil, onde muitos daqueles moradores vestiram o seu hábito, faziam o exercício e mais obrigações desta venerável ordem, a qual por ausência daquele religioso ficara administrando o vigário de S. Pedro Mártir, por ficar no distrito desta paróquia a referida capelinha, que pela sua muita antiguidade mostrava ter a fundação logo nos princípios ou pouco depois que foi fundada a vila de Olinda, sendo estes (*sic*) religioso também dos primeiros que ali foram, ou logo em companhia do seu donatário, ou alguns anos depois."

Na referida capela de S. Roque, portanto, foi instituída a Ordem Terceira de S. Francisco, e onde permaneceu regularmente funcionando por muitos anos, até que, fundado o convento dos padres da mesma ordem em Olinda em 1585, resolveram os irmãos terceiros transferi-la para a sua igreja, o que logo fizeram, conduzindo consigo a imagem do seu padroeiro e tudo o mais que pertencia à mesma capela, e assim ficando regularmente instalada a corporação...”

F. A. Pereira da Costa. *Anais Pernambucanos : 1701-1730*, 2.<sup>a</sup> ed., Recife, 1983, p. 230.

Leitura nossa.

**Doc. 16**

1707, Dezembro, 31, São Francisco do Conde

ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO DO BRASIL NAS ACTAS CAPITULARES DA PROVÍNCIA.  
INSTRUÇÕES PARA O RELACIONAMENTO ENTRE COMISSÁRIOS E TERCEIROS.

**(p. 114)**

“1707

Aos 31 de Dezembro de 1707 se celebrou no Convento de Saõ Francisco o Capitulo Provincial em que prezidiu Fr. Malchior da Made de deos...., e foi o primeiro Capitulo que se fez no dito Convento da Villa de Saõ Francisco do Conde, por estar o da Bahia com muitas obras....”

“ ...

**(p. 115, col. esq.)**

10. que os Commissarios de Terceiros não recebaõ delles, dinheiro, vestuário, ou outra qualquer coiza, e quando os ditos Irmaons Terceiros queiraõ livremente a esmola para o seu Commissario de vestuário a entregaraõ ao Sindico do Convento que por ordem do Prelado se dé ao Religiozo o dito vestuario, e o Commissario que fizer o contrario será castigado como proprietario, / **(col. dt.<sup>a</sup>)** porem o Guardiaõ do Convento será obrigado a dar ao Commissario dos Terceiros tudo o que lhe for necessario para o seo officio....”

“Actas capitulares da Província Franciscana de Santo António do Brasil (1649-1893)”.  
Introdução e Notas explicativas de Frei Venâncio Willeke, OFM. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1970, vol. 286, Janeiro-Março, 1970, p. 114, 115.

Leitura nossa.

**Doc. 17**

[1708-1831], 14, Recife

PROCISSÃO DE CINZA DA RESPONSABILIDADE DA ORDEM TERCEIRA DO RECIFE; SOLENIDADE E APARATO DE QUE SE REVESTE ESTE CULTO EXTERNO NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XVIII; EMBARGOS LEVANTADOS PELA ORDEM TERCEIRA À CONGÉNERE DE OLINDA; COMPOSIÇÃO DOS ANDORES.

[a]

(p. 309)

“Fevereiro 14 — A Ordem Terceira de S. Francisco da vila do Recife, regularmente inicia neste dia o saimento da sua procissão de cinza, cuja solenidade foi aparatosamente praticada durante o decorrer de século e meio, atraindo sempre a ver um grande concurso de povo, vindo mesmo muita gente de fora, e até de paragens não muito perto.

Resolvendo a ordem praticar aquela solenidade religiosa de culto externo dos primeiros anos do século XVIII, começou logo a cuidar dos seus preparativos e mandou vir de Lisboa as suas respectivas imagens, as quais chegaram em 1708, custando 120\$960, além do frete que andou em 45\$000. as vestimentas das imagens e andores e outros preparos foram feitos aqui mesmo, e atingiram a quantia de 1:050\$530.

Tudo preparado, e quando no ano seguinte ia ter lugar o seguimento da procissão, surgiram embargos da Ordem Terceira congénere de Olinda, alegando em seu favor, entre outras facilidades, que pela vizinhança das praças, e celebrando ela desde muitos anos a mesma procissão, não era lícito nem preciso que fosse também praticada no Recife!

A Ordem Terceira de Olinda, porém, não há dúvida, que era levada por inveja e despeito, vendo que a do Recife, pelos seus recursos, fazia um a procissão apartosa (*sic*), e muito superior à sua, humilde e paupérrima, e da qual, como era feita em fins do século XVII, deixou-nos o poeta satírico Gregório de Matos uma pitoresca descrição o seguinte

(p. 310)

## Sonêto

Um negro magro em sofolié justo,  
De joás azorragues dois pidentes;  
Bárbaro Peres, e outros penitentes;  
De vermelho um mulato, mais robusto:

Com asas seis anjinhos, sem mais custo;  
Uns meninos fradinhos inocentes;  
Dez ou doze bichotes, muitas gentes;  
Vinte ou trinta canelas de ombro onusto:

Debita reverentia, seis andores;  
Um pendão de algodão, tinto em tejuco;  
Em parelha dez pares de menores:

Atrás um negro, um cego, um mameluco;  
Um lote de rapazes gritadores:  
Eis aí a Procissão de Cinza em Pernambuco!

**[b]**

Apesar das referidas ocorrências, e antes mesmo que se decidisse o pleito movido, permitiu o bispo diocesano D. Manuel Álvares da Costa que se fizesse a procissão, o que, efectivamente, teve lugar na tarde da primeira sexta-feira da Quaresma de 1710.

**[c]**

Continuando a questão e tendo a ordem de Olinda a seu favor o cabido da catedral, que ausente o referido prelado governava a diocese, e chegando mesmo a sua parcialidade a baixar uma pastoral em que fulminava a pena de excomunhão – sobre todo aquele que contribuísse por qualquer modo para que a mesma procissão se fizesse no Recife, e que a visse, – ficou assim suspenso o seu saimento por dez anos, na vigência de uma renhidíssima pendência, até que recorrendo a ordem do Recife para os tribunais de Lisboa, em última instância, saiu vencedora por favorável sentença final lavrada em 1719, sendo a de Olinda condenada nas custas do processo, que deveriam avultar pelas suas delongas, **[d]** e assim, logo / **(p. 311)** / no ano seguinte de 1720, como vimos, começou a ter lugar a solenidade em questão, no seu próprio dia, a Quarta-feira de Cinza.

Era solene e aparatosa a procissão de cinza celebrada pela Ordem Terceira de S. Francisco do Recife, e constituía um grande préstito pelo seu avultado número de andores, anjos figuras

alegóricas, grupos diversos, e acompanhamento do clero secular e regular, da Ordem Terceira do Carmo, das irmandades e confrarias da cidade, de cruz alçada e com os seus respectivos capelães, atrás do palio as autoridades civis, eclesiásticas e militares e fechando o cortejo uma guarda de honra.

Segundo uma descrição da procissão que temos presente, lançada no próprio Livro do Tombo da corporação, entre a cruz da penitência e a da comunidade, ladeada de sírios, viam-se diversos anjos representando o juízo final, a justiça divina, o paraíso, a penitência, em memória da morte, e a confissão, contrição, satisfação, oração, pureza, obediência e desprezo do mundo; as figuras da morte. Do inferno, de Adão e Eva, indo esta fiando uma roca e aquele com uma enxada ao ombro, da morte, da confissão e da Fé, Esperança e Caridade; os símbolos das árvores da penitência e do paraíso; e enfim, um grupo representando os doze mártires do Japão a que o povo chamava os santos Inocentes, com a figura do tirano, e três anjos, sendo um deles o defensor, armado de uma lança.

Depois, dispostos em ordem, viam-se os seguintes andores: de N. S. da Conceição; Cristo com a cruz às costas; S. Francisco também com a cruz às costas; do pontífice Honório III, entregando S. Francisco, ajoelhado aos seus pés a bula da confirmação da religião por ele instituída, seguindo-se a este andor uma figura alegórica da Ordem Terceira; S. Lúcio e Santa Bona, Os (*sic*) bem casados, levando a santa um queijo na mão direita e o santo uma faca para partirem no céu o queijo da castidade; S. Vivaldo, o santo do pau oco; Santa Rosa de Viterbo; Santa Ângela de Fulgino; Santa Isabel, rainha da Ungria (*sic*); S. Luís, rei de França (Luís IX); / (p. 312) Santa Margarida de Cortona; S. Roque; santa Isabel rainha de Portugal; S. Ivo Doutor; Cristo dando a S. Francisco três moedas de ouro; S. Francisco recebendo as cinco chagas de Cristo crucificado; e de S. Francisco morto. Do centro dos ornatos da parte da frente de todos estes andores, saíam dois cordões, cujas bolas eram tiradas por anjos. [e] O andor de S. Luís, Rei de França, de vulto natural, vinha de 1835, cuja imagem, de um belo trabalho artístico foi feito pelo nosso habilíssimo escultor Manuel da Silva Amorim.

Após os referidos andores seguiam-se seis figuras com vestimentas apropriadas, conduzindo turíbulos, navetas e lanternas de prata, e em seguida o palio, ladeado por oito lanternas em hastes, também de prata, como igualmente eram as varas do palio.

Em 1803 foram suprimidas todas as figuras compreendidas entre a cruz da penitência e a da comunidade, ficando adotada a condução da cruz e da árvore da penitência por irmãos terceiros da ordem, bem como o das salvas com a cinza e uma caveira.

Posteriormente, porém, foram readmitidas algumas das tais figuras, como as de Adão e Eva, criada uma outra a que o vulgo chamava de **Papa-angu**, figura grotesca, ridícula, trajando uma túnica de pano pardo, tendo a cabeça e a cara cobertas com um branco, vendo-se na parte desta três orifícios correspondentes aos olhos e a boca, e marchando à frente da procissão, armada de um comprido relho, para impor a ordem e o respeito à gentilha aglomerada, que procurasse impedir-lhe o livre trânsito. [f] Esta, e umas tantas das tais figuras desapareceram por fim, graças a uma Postura da Câmara do Recife, de 1831...”.

“ ...

**(p. 313)**

Os irmãos terceiros da ordem eram obrigados, pela sua Regra, a acompanhar a procissão, sob pena de sem justa causa, pagarem 3\$000 de multa em dinheiro e o dobro em cera, sendo em falta de tais pagamentos descontada a sua importância nos sufrágios a que o multado tinha direito no seu falecimento.”

“ ...

**(p. 314)**

Da gente que alcançou e viu a Procissão de Cinza, já bem pouco resta. Entretanto como reminiscência dessa extinta solenidade do culto externo, expões a venerável Ordem Terceira de São Francisco no dia da festividade do seu padroeiro, a 17 de Setembro, na sua primitiva igreja, – a Ordem Velha, – as imagens que figuravam no imponente, aparatoso e extenso préstito processional.”

F. A. Pereira da Costa. *Anais Pernambucanos : 1635-1665*, 2.<sup>a</sup> ed., Recife, 1983, vol. 2, p. 309-314.

Leitura nossa.



**Doc. 18**

[1711], Recife

APARECIMENTO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO NA VILA DE OLINDA, SENDO A PRIMEIRA QUE NASCEU NA COLÔNIA DO BRASIL; PRIMEIRO ASSENTO FOI NA CAPELA DE SÃO ROQUE E DEPOIS NA IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS NEVES.

**(p. 230)**

“Neste ano foi construído o edifício do consistório da Ordem Terceira de S. Francisco da cidade de Olinda, em construção interna, com a sua capela junto à igreja do respectivo convento, e salientemente disposto, cuja data de 1711, se vê inscrita no frontão da porta de entrada do edifício, cuja fachada fica em ângulo recto com a da referida igreja.

Sobre a origem da ordem escreve o nosso cronista Jaboatão:

«Em a vila de Olinda, ou Marim de Pernambuco assistia muitos anos um religiosos franciscano, de quem nos deixaram notícias individuais os daqueles tempos, nem de que província era, nem como ali veio ter; mas só que fora o instituidor de uma capelinha de S: Roque no lugar em que hoje está fundado o mosteiro do patriarca S. Bento e que nela dera princípio a uma irmandade de terceiros da ordem da penitência, que foi a primeira que houve no Brasil onde muitos daqueles moradores vestiram o seu hábito, faziam exercício e mais obrigações desta venerável ordem, a qual por ausência daquele religioso ficara administrando o vigário de S. Pedro Mártir, por ficar no distrito desta paróquia q referida capelinha, que pela sua muita antiguidade mostrava ter a fundação logo nos princípios ou pouco depois que foi fundada d a vila de Olinda, sendo estes religioso também dos que primeiros que ali foram, ou logo em companhia do seu donatário, ou alguns anos depois.»

Na referida capela de S. Roque, portanto, foi instituída a Ordem Terceira e onde permaneceu regularmente funcionado por muitos anos, até que, fundado o convento dos mesmos padres de Olinda, em 1585 resolveram os irmãos terceiros transferi-la para a sua igreja, o que logo fizeram, conduzindo consigo a imagem do seu padroeiro e tudo o mais que pertencia à referida capela, e assim ficando regularmente instalada a corporação.”

F. A. Pereira da Costa. *Anais Pernambucanos : 1740-1794*. Recife, 1983, vol. 6, p. 230.

Leitura nossa.

**Doc. 19**

1730, Lisboa

APARECIMENTO DA CUSTÓDIA DE SANTO ANTÓNIO DO BRASIL; ASSENTO DOS FRANCISCANOS EM OLINDA EM PROPRIEDADE DOADA PELA IRMÃ TERCEIRA FRANCISCANA, D.<sup>a</sup> MARIA DA ROSA; FORMAÇÃO DA CUSTÓDIA DO SUL, “IMACULADA CONCEIÇÃO”; FUNDAÇÃO DO CONVENTO FRANCISCANO DO RIO DE JANEIRO COM CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO.

**(p. 80)**

“(p. 1)

**EPÍTOME<sup>18</sup>**

DO QUE EM SUMA CONTÉM A MUI SANTA PROVÍNCIA DE N. S. DA CONCEIÇÃO  
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO EM O BRASIL

**§ 1**

*Da origem e princípio donde emanou esta santa Província e seus religiosos*

“ ...

**(p. 81)**

Desta santa Província, por súplicas de Jorge de Albuquerque <sup>(11)</sup> e dos moradores da América, saíram sete religiosos, sendo um deles por nome Frei Belchior de Santa Catarina <sup>(12)</sup> o prelado, havidas as licenças do Rev.mo Padre Geral Frei Francisco Gonzaga <sup>(13)</sup> e de Elrei Felipe I <sup>(14)</sup> deste reino, que (p. 3) benignamente concederam; ampliando o Rev.mo Padre Geral o desejo dos pretendentes para a fundação de uma Custódia, com a honrosa patente que passou em treze de março de mil quinhentos oitenta e quatro, <sup>(15)</sup> a qual o mesmo Rei corroborou, ordenando se desse toda ajuda aos ditos religiosos, e as suas Justiças os defendessem e amparassem. <sup>(16)</sup>

---

<sup>18</sup> As notas são da autoria de Frei Gentil Tilton, que informa ter o escrito sido sujeito a correcções. Teria sido produzido a partir de compilações de documentos e informações existentes à época sobre a Província da Imaculada Conceição do Rio de Janeiro, as suas Missões e os seus Conventos. Estes aspectos constam da introdução da publicação do manuscrito na RIHG, em 1972.

Tudo assim sucedeu e se fundou a Custódia com o título de Santo Antônio; e a confirmou o Sumo Pontífice Xisto V por duas bulas passadas ambas no ano de mil quinhentos e oitenta e sete. <sup>(17)</sup> Foi a chegada destes padres à cidade de Pernambuco a doze de Abril do ano de mil quinhentos e oitenta e cinco, onde acharam já essa intitulada N. S. Das Neves, que lhe [s] tinha preparada a exímia piedade e devoção de (p.4) /

---

(11) Jorge de Albuquerque Coelho (1539-1597), terceiro donatário da Capitania de Pernambuco, assumiu o governo da mesma em 1572. ...” Cf. JABOATÃO 1, II, p. 178-198.

(12) Geralmente é chamado Frei Melchior de Santa Catarina (+ 1618). Foi o primeiro superior da Custódia (1585-1594). Cf. JABOATÃO 1, II, p. 223-224; JABOATÃO 2, p. 208-284.

(13) Frei Francisco Gonzaga (1546-1620) foi Ministro Geral de 1579 a 1587. ... *De Origine Seraphicae Religionis* (3 vols., em 4 partes, Roma, 1587).

(14) Filipe II da Espanha (1556-1598). Com a passagem de Portugal para a coroa espanhola, tornou-se Filipe I de Portugal (desde 1580).

(15) É a patente *Cum ex Caritatis Vinculo*, dada em Lisboa, onde o Geral se achava em visita canônica às Províncias franciscanas de Portugal. .... Texto português em JABOATÃO 1, II, p. 121-122.

(16) Texto do Alvará régio de 29 de maio de 1584 em JABOATÃO 1, II, p. 124-125; WADDING, *Annales Minorum* XXI, p. 448-449.

(17) só conhecemos uma confirmação, que é a Bula *Piis Fidelium Votis*, de 27 de novembro de 1586 (não 1587, como traz o A.). Texto em JABOATÃO 1, II, p. 1555-1559. Uma Bula de 1683 refere que Xisto V deu em 1586 o Breve *Ujus Custodiae*, tratando da observância regular na Custódia. Cf. BD II, p. 572.

/ (p. 82) uma virtuosa mulher por nome Maria da Rosa, <sup>(18)</sup> da nossa Terceira Ordem; a qual, tendo-lha pedido outras Religiões, não a dando respondia: que era para filhos do seu Padre São Francisco que algum dia haviam de ir para aquela terra; cujos vaticínios admiram. Tomaram posse dela em dia do Nosso Padre São Francisco, cujo título era N. S. das Neves. Esta foi a primeira casa desta santa Custódia, a que se seguiram outras muitas; e passou de Custódia a Província no ano de mil seiscentos e cinqüenta e sete, por bula do Papa Alexandre VII que começa *Ex commissi nobis*, <sup>(19)</sup> passada a vinte e quatro de agosto do mesmo ano.

Dos conventos já (p. 5) formados desta fizeram os padres da Província, sendo dela principal autor o Irmão Provincial Frei Pantaleão Batista, <sup>(20)</sup> uma Custódia dos conventos do sul e que se chamasse da Imaculada Conceição, atendendo à desmarcada grandeza que ocupava a Província, de que se seguiam muitos inconvenientes. ...”

“ ...

---

(18) Sobre a casa de N. S. das Neves e sobre D. Maria da Rosa, Cf. JABOATÃO 1, II, p. 135-138, 380-386; VAT, *Princípios*, p. 111-120. D. Maria da Rosa provavelmente natural de Portugal, era Irmã Terceira franciscana e vivia com outras Irmãs na Casa N. S. das Neves, por ela fundada. Por esse tempo era viúva. Não constam as datas de seu nascimento e morte. A escritura de doação da casa aos frades está em JABOATÃO 1, II, p. 136-138.

(19) O texto da Bula em JABOATÃO 1, II, p. 420-422; JABOATÃO II, p. 582-594; BD II, p. 566-5667 (este traz *Ex commissis nobis*). Frei Apolinário erroneamente, escreve *Ex commissionibus*.

(20) Frei Pantaleão Batista (+ maio de 1659) fora o último superior da Custódia de Santo Antônio, eleito a 26 de agosto de 1657. Governou até 1659, quando se executou a Bula de elevação da Custódia a Província. ... Cf. ROEWER, *História*, p. 12-13. ...”

“ ...

**(p. 96)**

### § 5

*Descrição do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro e algumas notícias da cidade em que está fundado* <sup>(52)</sup> ...”

---

(52) Sobre o Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, Cf. ROEWER, *O Convento*, 3.<sup>a</sup> ed., Petrópolis 1945; JABOATÃO II, p. 425-438. ...”

“ ...

**(p. 98)**

Em um dos montes (p. 40) que cercam a cidade como havemos dito, a quem serve de peanha a real fonte desta singular povoação, está fundado o seráfico Convento de Santo Antônio. ...”

“ ...

Foi a sua fundação no ano de mil seiscentos e oito, para a qual vieram os religiosos a fundá-lo <sup>(60)</sup> por satisfazer aos desejos, como mostravam nas contínuas súplicas, dos moradores desta cidade. O que bem desempenharam das grandes honras com que (p. 41) os nossos religiosos foram recebidos e tratados, como no grande fervor em que se trabalhou em completar o convento, dando-lhe a terra para ele [MS: ela] e assinando para isso escritura, com as particularidades de que nunca haveria outro convento mendicante nem igreja com o título de Santo Francisco ou de Santo Antônio ao diante. A sua fábrica é demonstrativa da nossa profissão; <sup>(61)</sup> ... /

---

(60) Em 1607 vieram os cinco religiosos fundadores: ... Cf. ROEWER, *O Convento*, p. 19; JABOATÃO II, p. 420. no ano seguinte (1608) começou-se a construção do convento.

(61) O que significa: *é pobre*. O convento que o A. Escreve é o antigo, derrubado em 1750 para a construção do actual. A igreja é a mesma, começada em 1608 e terminada em 1620; apenas os altares são novos. ...”

**(p. 99)** / No corpo da igreja está, no lado da Epístola, a capela da venerável Ordem Terceira e por de trás dela outra, como grandiosa igreja com sete altares, que serve para os santos exercícios dos Irmãos. ...”

“Epítome da Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil”, *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1973, vol. 296, Julho-Setembro, 1972, p. 68-165.

Leitura nossa.

**Doc. 20**

1739, Baía

ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO DO BRASIL NAS ACTAS CAPITULARES DA PROVÍNCIA. INFORMAÇÃO SOBRE NÃO TER HAVIDO FIXAÇÃO DE DUZENTOS FRADES PARA A CUSTÓDIA DO BRASIL, COMO SE PENSOU ESTAR INSTITUÍDO.

**(p. 214, col. dt<sup>a</sup>.)**

## “Apêndice

À falta das Atas Capitulares de 1740, incluímos a seguir três documentos que oferecem uma visão nítida sobre a situação da Província de Santo Antônio, nos anos de 1739 (documentos 2 e 3) ... como também sobre o problema vocacional e a admissão de candidatos em numero suficiente, para Província cumprir os seus compromissos....”

“ ...

**(p. 218, col. esq.)**

## 2.º DOCUMENTO

...”

**(p. 218, col. dt<sup>a</sup>.)**

“A instancias do grande Jorge Coelho de Albuquerque, proprietario de Pernambuco vieram os nosso Frades fundar conventos neste Brasil com Patente do nosso Reverendissimo Padre Geral Fr. Francisco Gonzaga, dada em treze de Março de mil quinhentos e oitenta e quatro, com Provisão do Senhor Filipphe II então Rey de Portugal, passada em vinte e nove de Mayo do mesmo ano, com Breve do Sumo Pntifice Xisto V de cinco de Dezembro de mil e quinhentos e oitenta e seis. E em nenhuma destas ordens se acha numero determinado para os frades que devia conservar a Custodia. Depois quando esta Custodia foi creada Provincia pelo

Summo Pontifice Alexandre VII por Breve de vinte quatro de Agosto de mil seiscentos e cinquenta e sete, tambem se não prefixou numero determinado de frades, o que cons-/ **(p. 219, col. esq.)** /ta tudo das copias das ordens que por mão do meu Procurador aprezeno a Vossa Magestade no que claramente se verifica que não ha tal primitiva instituição de duzentos frades....”

“ ...

**(p. 219, col. dt<sup>a</sup>.)**

Cada hum dos Conventos necessita de ter Guardião, Presidente, Porteiro, / **(p. 220, col. esq.)** Sacristão, Dispenheiro, Comissário dos irmãos Terceiros, Mestre que ensina gramática aos filhos dos moradores, ao menos quatro corista, que com hum ou dois velhos são doze ou treze frades, impedidos ou impossibilitados para o serviço de fora do convento; seis confessores não bastão porque os nossos conventos estão dentro das villas; quatro Pregadores e quatro ou seis esmoleres para os peditorios; isto é nos 3 conventos myores das cidades da Bahia, da cidade de Olinda e da Villa do Recife, oito e dez pregadores são poucos pelos muitos sermoens; e trinta confessores não dão expedição ao grande povo que recorre as igrejas nos dias festivos; só em todas as segundas Domingas dos mezes vem *mais de trezentos Irmãos Terceiros* <sup>(6)</sup> ganhar o seu Jubileu a que chamam Rasoura....”

“ ...

**(p. 221, col. dt<sup>a</sup>.)**

#### NOTAS PARA O APÊNDICE

...”

“...**(p. 222, col. dt<sup>a</sup>.)**

6. A asserção do Provincial quanto à acentuada vida religiosa da Ordem Terceira confirma o que diz na nota 36 acima....”



“Actas capitulares da Província Franciscana de Santo António do Brasil (1649-1893)”.  
Introdução e Notas explicativas de Frei Venâncio Willeke, OFM. *Revista do Instituto  
Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional,  
1970, vol. 286, Janeiro-Março, 1970, p. 214, 218, 219, 221, 222.

Leitura nossa.

**Doc. 21**

1749?, Recife

INFORMAÇÃO DO NÚMERO DE RELIGIOSOS DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE SERINHAÉM.

**(fl. 36)**

“54/RM

O CONVENTO DE S FRANCISCO \St.º António/ DA VILLA DE SERINHAÉM

Pernambuco.

Este Convento tem dezoito Religiosos: não tem  
 mais rendas que as Esmollas, que tirão, e a  
 ocongrua, que Sua Magestade lhe dá, que são.....40\$000

---

 Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Vol. 28.

Informação Geral da Capitania de Pernambuco.

Pag. 418.”

“Separata do Volume 28”, *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro :  
 IPHAN do Recife, 1908.

Inédito.

**Doc. 22**

[1784], Penedo

DESCRIÇÃO ARQUITECTÓNICA DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO ERGUIDA NO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS NO PENEDO.

**(p. 209)**

“ ...

### 2.2.3. – CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO

Ao lado esquerdo de que entra na igreja conventual está o elegante transepto que dá acesso à Capela da Ordem Terceira de São Francisco. É um arco em pedra calcária, tendo no centro a inscrição **ZELO ZELATUS SUM PRO DOMO DEO**. Uma bela grade jacarandá separa as duas igrejas.

Quanto a fundação da Ordem III em Penedo se tem uma data não muito exata. Todavia, no Livro do Tombo conseguimos: «No Livro 1.º das atas de 13 de agosto de 1689, colhe-se a 1.ª notícia da existência da Ordem III, já fundada, ignorando-se a data exata da ereção da mesma ordem».

Em 1692 foi destinada a quantia de 240\$000 para a construção da capela e consistório. A primeira pedra da capela foi lançada em 1694. Em 1707 a mesa por meio judiciário reclamava dos pedreiros a morosidade dos trabalhos, exigindo o prazo de 15 dias para a conclusão da obra. A pintura do altar e retábulo foi feita em 1705 e o douramento em 1784...”.

“ ...

Houve no entanto uma renovação do retábulo da capela-mor, onde foi retirado o trono eucarístico e colocadas as imagens de Cristo crucificado e São Francisco, recebendo as Chagas.

Ainda convém lembrar que no forro apainelado da nave foi aberta uma clarabóia, danificando a qualidade da pintura ilusionista.

Nos altares laterais temos a imagem de Nossa Senhora da Soledade em roca, escultura do penedense Júlio Phidias. Aliás, senhoras idosas informaram que o mestre quando recebeu a encomenda para esculpir essa imagem não tinha modelos, pois, não recebia catálogos vindos da Europa. Como era comum aos escultores brasileiros, procuravam inspiração em alguma pessoa da sua convivência. No caso, o rosto da imagem lembra detalhes muito fortes de uma senhora que era da Ordem Terceira. Conhecida por Dona Pinha.

No lado oposto a expressiva imagem do Senhor dos Passos de autor desconhecido. No retábulo que fora modificado existiam dois nichos com imagens de São Francisco e Santa Rosa de Viterbo. Essas foram trasladadas para nichos do arco cruzeiro.

**(p. 210)**

Na nave existe uma outra imagem de roca de Santa Margarida de Cortona da lavra de Júlio Phidias.

Quatro portas dão acesso aos corredores que levam a sacrista, onde temos um lavabo de pedras calcárias, um arcaz de jacarandá e duas belas esculturas sendo uma Imaculada Conceição de Roca.

Merece um registro especial sobre o espaço que era o **CEMITERIUM FRATRUM**. Aliás, não há nas paredes vestígios de ossário. Todavia tenho uma desconfiança que aquele salão seja a entrada para uma cripta. Deveria ser feita uma pesquisa, uma vez que o piso dá uma sensação de fôfô, tudo indicando a existência de uma escada...”

Biblioteca F. A. Sales – Penedo. Compilação de Documentos Avulso - *Livro do Tombo da Venerável Ordem Terceira do Convento Franciscano do Penedo*, vol. I.

Leitura nossa.

**Doc. 23**

[1785-1786], Recife

INFORMAÇÃO À CERCA DE UM LEGADO DEIXADO À ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE, DE TERRENO SITUADO JUNTO AO DA CERCA DO CONVENTO ONDE OS TERCEIROS MANDARAM CONSTRUIR CASAS.

**(p. 457)**

“A segunda versão, diz que provém do facto da residência ali de uma italiana, filha de Florença. A terceira, enfim, que vem de um indivíduo de nome Francisco da Silva Florentino, que falecendo em 1785, legou à Ordem Terceira de São Francisco um terreno que possuía na localidade, ao correr dos fundos do quintal do convento de S. Francisco, na praias do Palácio Velho, e no qual construiu aquela ordem as primeiras casas do arruamento. Esta versão é, naturalmente, a verdadeira, e de um carácter de prioridade sobre as outras.

O que não resta dúvida é que a denominação de rua e Florentina vinha já de muito longe, como temos encontrado por várias vezes, nomeadamente na Devassa da sedição militar de Fevereiro de 1823, e em o anúncio publicado no Diário de Pernambuco de 12 de Dezembro de 1828.

Recebendo, porém, a Ordem Terceira o legado das referidas terras do florentino, aproveitou-as logo construindo nos anos de 1785-1786 as primeiras casas que se levantaram no traça do arruamento, em número de doze, com que se despendeu a quantia de 4:563\$325 réis o que tudo consta do seu respectivo Livro do Tombo, e cujos prédios, se bem que com as suas frontarias modernamente reformadas, ainda lhe pertencem.”

F. A. Pereira da Costa. *Anais Pernambucanos : 1740-1794*. Recife, 1983, vol. 6, p. 457.

Leitura nossa.

## Doc. 24

[Séc. XVIII (final)/XIX (início)], Salvador-Ba

O CONVENTO DO BOM JESUS E AS INSTALAÇÕES DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO, REPRESENTATIVOS DAS IMPORTANTES OBRAS DE ARQUITECTURA RELIGIOSA DE SÃO CRISTÓVÃO-SE.

### “7.2.2. São Cristovão na Passagem do Século XVIII ao XIX

Devemos as melhores informações sobre São Cristovão, na passagem de setecentos ao oitocentos, ao Presbítero Secular Marcos Antonio de Souza, como veremos em continuação.

#### 7.2.2.1. A Valiosa Contribuição de Marcos António de Souza

A respeito da situação de São Cristóvão na transição do século XVIII <1700> ao XIX <1800>, devemos registrar as notícias contidas na importante obra do Presbítero Secular Marcos Antonio de Souza<sup>19</sup>, ...”

“ ...

#### 7.2.2.2. – As Construções religiosas

As mais significantes obras da Arquitetura Religiosa de São Cristóvão, ou seja, os seus conventos de São Francisco e do Carmo, com as respectivas Ordens Terceiras, estavam praticamente terminadas no fim do século XVIII.

#### 7.2.2.2.1. – Franciscanos

O conjunto de edificações Franciscanas em São Cristóvão, incluindo Convento com sua Igreja e a Ordem Terceira e sua Capela, constituem obra do maior significado em todo o Brasil, tendo sido Concluído na segunda metade de setecentos. Posteriormente, aí compreendendo os séculos XIX e XX, foram efetuadas obras complementares, à exceção da Torre que, como veremos, sofreu profundas modificações nas duas últimas centúrias.

Uma possível datação de sua construção, é a seguinte:

---

<sup>19</sup> Informação nossa : Marcos António de SOUZA, Presbytero Secular. *Memoria sobre a Capitania de Serzipe por. Anno de 1808*. Aracajú : Typ. do Jornal do Commercio, 1878, in 4° (B. N.). *In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 09, t. I, Rio de Janeiro, 1881-1882.

Claustro – Levantamento na primeira metade do Século XVIII, apresenta a particularidade de ser o único dentre todos os seus congêneres do Nordeste, cujos suportes verticais isolados são pilares e não colunas;

Fachada – a fachada do conjunto Franciscano foi terminada no setecentos;

Altars – Os altares são do estilo D. João V, o que os indica como do 18.º século;

Sacristia – Possui um preciosos lavabo, de 1725, sendo o mais da sacristia da mesma época;

\_ – Também dentro da tradição Franciscana, o Convento do Bom Jesus, em São Cristóvão, possui imponente cruzeiro defronte da sua igreja....”

*Programa das Cidades Históricas – Plano Urbanístico de São Cristóvão – vol. 2. “Estudo da evolução Urbana”, GRAU (Grupo de restauração e renovação arquitectónica e urbana), Órgão da Faculdade de Arquitectura da UFBA (Universidade Federal da Bahia-Sa), 198(?).*

Leitura nossa.

**Doc. 25**

1805, Junho, 1, Salvador-Ba

CAPELAS QUE ADMINISTRAM O IRMÃO SÍNDICO E OS MAIS MESÁRIOS DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO, CONFIRMADAS POR RESOLUÇÃO De D. JOÃO VI.

**(fl. ?)**

“Capelas que administram o Irmão Síndico e mais Mesários da Venerável Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco, que as quais se acham confirmadas por imediata Resolução do Senhor D. João 6.<sup>o</sup> de 8 de Julho de 1805 em Consulta Ultramarina do 1.<sup>o</sup> de Junho do mesmo ano.

1.<sup>a</sup>

A Capela instituída por Maria Lopes, por efeito de testamento teve princípio em 27 de Maio de 1676 seu património então consistia na quantia de 600\$000, dados a juro a Manuel Maria Ferraz, com o encargo de uma Capela de Missas anualmente pela sua Alma, depois do que este mesmo património e quantia foi gravado em uma morada de casas térreas na Rua direita de S. Bento no mesmo encargo reduzida a décima parte pelo respectivo rendimento na conformidade do Alvará de 20 de Maio de 1796” 600\$rs

2.<sup>a</sup>

650\$rs “A capela instituída Capitão Sebastião da Silva que tem princípio / (fl. ?) em 18 de Dezembro de 1708 por efeito do testamento; seu património foi a quantia de 650\$000, que serão entregues por Mariana Pereira Viúva do dito Capitão a Ordem Administradora com o encargo de uma missa semanária: este Património se acha gravado presentemente em uma morada de Casas de sobrado e de maior valor cita a Rua do Cano de João de Freitas, e o \seu/ encargo reduzido na formado Alvará já citado.



3.<sup>a</sup>

650\$rs Dita instituída por João Correia Seixas que teve princípio em 20 de Janeiro de 1710 por efeito de testamento com o encargo de uma Missa semanária seu Património, a quantia de 650\$000 estabelecidos hoje em uma morada de Casas térreas citas a Rua de Baixo de S. Bento de maior valor.

4.<sup>a</sup>

2:000\$rs Dita instituída por José Luiz de Lima falecido em 3 de Fevereiro de 1734 ordenando ao seu testamenteiro Martinho Gonsalves de S. Paio entregam-se a Ordem Administradora a quantia de 2:000\$000rs com o encargo de 3 Missas semanárias ditas por sua Alma o que foi verificado pelo dito testamenteiro em /

3:300\$000

(fl ?)

3:300\$000

/ 10 de Março do mesmo ano: este capital se acha hoje gravado em duas moradas de Casas de sobrado cita a Rua do Taboão e outra dita abarracada a Rua que desce da praça para a Capela de N. Senhora de Guadalupe.

5.<sup>a</sup>

Dita instituída por Diogo de Aragão pereira por efeito de testamento, e teve seu princípio em 9 de Junho de 1685 com o encargo de uma Missa semanária pela Alma do Instituidor: seu Património a quantia de 600\$rs que se acham estabelecidos em uma morada de casas térreas a Rua de S. Miguel. 600\$000

6.<sup>a</sup>

Dita instituída por Francisco da Silva Ribeiro que quando vivo entregara a Ordem Administradora em 2 de Novembro de 1712 a quantia de 500\$rs com o encargo de que perpetuamente se mandar dizer uma Missa semanária em sua tenção e pela de sua mulher Ana Rodrigues: esta quantia se acha hoje 5000\$rs

estabelecida em uma morada de Casas térreas cita a Rua de N. Senhora da Saúde.

4:400\$000”

Arquivo Público da Baía (Quinta do Tanque) – Fundo: Governo Geral / Governo da Capitania – Secção de Arquivos Coloniais e Provinciais. Série: *Dossiês sobre Irmandades, Conventos, Igrejas e Pessoal Eclesiástico*. Mç. 614, Cx. 280, caderno 06.

Inédito.

**Doc. 26**

1835-36, Recife

TRABALHO DO PERNAMBUCANO MANUEL DA SILVA AMORIM COMO IMAGINÁRIO / SANTEIRO EM PERNAMBUCO, PARA A ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE.

**(p. 66)**

“Dos nossos escultores em madeira, particularmente o imaginário ou santeiro, em grande número e competência, incontestavelmente Manuel da Silva Amorim foi o mais notável ...; fez ele as imagens...” “em 1835-36 as de S. Luís, rei de França, e de Santa Clara, para a Ordem Terceira de São Francisco do Recife por 96\$400.

Manuel da Silva Amorim nasceu no Recife em 1793 e faleceu a 7 de Julho de 1873.”

F. A. Pereira da Costa. *Anais Pernambucanos : 1740-1794*. Recife, 1983, vol. 6, p. 66.

Leitura nossa.

**Doc. 27**

1836, Baía

RESUMO DAS RECEITAS E DESPESAS E SALDOS PARA CADA ANO, ENTRE 1825 E 1834.

**(fl. ?)**

“Ordem Terceira de S. Francisco

Os bens desta confraria compromisso das Capellas, q'. Administra constantes da Relação appensa, fundadas em moradas de Cazas, terrenos aforados, e capitães a juros, cujos rendim.<sup>tos</sup> com o producto eventual das entradas, profissões, e annuaes dos Irmãos, e joias dos Mezarios / (fl. ?) constituem todo o fundo de sua administração applicando ao cumprim.<sup>to</sup> dos encargos das referidas Capellas, mantença de um seo Hospital, esmolas mensaes a Irmãos necessitados, sufrágios dos seos defuntos, salários de empregados, despezas do Culto Divino reparação de edificios nossos, de que he obrigada a prestar mensalm.<sup>c</sup> conta neste Juízo como a tem feito em seos devidos tempos desde a época marcada de 1825 até 1834, manifestando-se estarem os seos Thezoueiros transactos quites para com o respectivo cofre, pois q.' do seo livro de contas como <tes>consta ter sido.

A receita do anno de 1825 para 1826 de 13:695\$653 reais e a despeza de 13:135\$337 reais, indemnizado Cofre do valor de 560\$316 reais....”

“ ...

**(fl. ?)**

E finalm<sup>c</sup> teve esta Ordem Terceirano anno de 1833 para o de 1834, derradeiro do período marcado, a receita de 17:633\$469 reais e de despeza 17:530\$307 reais, cujo saldo de 133\$162 reais entregou o Thezoueiro ao seo sucessôr.

Arquivo Público da Baía (Quinta do Tanque) – *Presidente da Província. Religião. Informação a respeito de Irmandades e Ordens Terceiras – 1836. Mç. 5271, Cx. 1743.*

Inédito.

**Doc. 28**

[1839-1885 (?)], Salvador da Baía

INVENTÁRIO DAS ALFAIAS DE OURO, PRATA, E MAIS ORNAMENTOS PERTENCENTES À VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA BAÍA.

**(fl. 91)**

“Inventário das Alfaias de ouro, prata, e mais ornamentos pertencentes à Venerável Ordem 3.<sup>a</sup> de Sam Francisco.

Na Igreja

Sete imagens de Santo Christo, em ouro prateadas e douradas, nos sete Altares com diademas de prata cravados.

Cincoenta castiçais prateados de novo pertencentes às Banquetas da Igreja.

Cincoenta ditos prateados e dourados do Trono do maior e do menor.

Huma Imagem de Sam Francisco com Diadema de prata, e uma imagem do Santo Christo nos braços, com uma cruz de pau, e resplendor de prata.

Huma Dita de Sam Domingos com resplendor de prata e cruz de pau dourado.

Huma Dita de Santa Izabel Rainha de Portugal com coroa de prata e regaço de rosas.

Huma Dita de Sam Luiz Rei de França com resplendor de prata Septro e custódia de pau dourados.

Huma dita de Sam Ivo Doutor com resplendor de prata.

Huma imagem de Santa Izabel Rainha da Hungria, com coroa de cobre dourado, ramo na mão e regaço de flores.

Huma Dita do Senhor Menino com coroa de prata.

Huma dita de Sant’Anna sem coroa e o Menino com coroa de prata.”

“ ...

**(fl. 91 v.º)**

Na Sachristia

Hum relógio de parede em mau estado.

Huma sineta de chamar os Irmãos.

Hum Órgão quebrado no corredor do Coro.

Huma campa de chamar para as Missas.

Três confessionários de jacarandá prontos.

Hum globo da Sachristia completo.

Seis taboleiros para conduzir ceras.”

“ ...

Duas cortinas roxas do camarim para tempo de quaresma. Cinco Jarrões para águas. Duas lanternas de acompanhar os Irmãos falecidos.

Huma cruz para acompanhar os Irmãos falecidos.

Huma imagem de Sam Francisco com resplendor de cobre dourado.

Huma Dita de Nossa Senhora das Dores com círculo e espadas de prata.

Huma Dita de Santo Chisto aparelhada de prata e resplendor que servem na Via Sacra.

Huma Dita de Nossa Senhora da Conceição de coroa de prata dourada.”

“ ...

**(fl. 93)**

Na Tribuna da parte do Convento

Quarenta e oito castiçais prateados, e dourados que compõem as banquetas nos dias festivos.

Quatro Evangelistas com círculo e com capas.”

“ ...

Hum caixão com huma cabeleira do Senhor dos Passos, e huma de Nossa Senhora da Soledade.

Huma grade da exposição do Sacramento.

Huma Dita do Throno para o Senhor Ressuscitado.”

“ ...

**(fl. 93 v.º)**

“ ...

#### No Altar do Salão da mesa

Huma imagem do Santo Chisto com resplendor de prata e pedra no meio.

Huma Imagem de Sam João.

Hum Menino Jesus com um palma e capella de penas, vestido de camisa, túnica de cetim azul com renda de prata.

Hum Espírito Santo.

Huma Imagem de S. Francisco de madeira.”

“ ...

Hum arco de rosas que serve no Nincho de Nossa Senhora da Conceição.”

“ ...

**(fl. 95)**

#### No Quarto do Azeite

Huma barrica para depósito do carvão.

Hum garrafão para azeite doce.

Huma botija para azeite de mamossa.

Huma motolia (*sic*) de folha.

#### Nos Carneiros

Quatro tocheiros grandes. Huma urna para a encomendação. Hum caixão que serve para os Irmãos pobres. Hum banco com três degraus da Serventia dos Carneiros. Huma Escada. Huma Imagem de pedra de Nossa Senhora da Piedade com o Senhor nos braços.

Huma cruz de pao e tralha do mesmo.

Quatro castiçais pintados de verde e amarelo.

Huma banca e um martello.”

Arquivo Público da Baía – Fundo: Governo da Província – Secção de Arquivos Colonial e Provincial. N.º 5264. Série: *Religião / Irmandades* : 1839-1885.

Inédito.



**Doc. 29**

1843, Junho, 3, Baía

TÁBUA DA CONGREGAÇÃO DO CAPÍTULO INTERMÉDIO DA PROVÍNCIA DE SANTO ANTÓNIO DO BRASIL, COM OS NOMES DOS COMISSÁRIOS E VICE-COMISSÁRIOS NOMEADOS PARA A ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA BAÍA.

**“TABOA****Da Congregação Capitulo Intermédio**

DA PROVINCIA DE SANTO ANTONIO, PRIMEIRA DE FRANCISCANOS

NO

**IMPERIO DO BRASIL**

Celebrado em a Casa Capitular e Convento de Nosso Seráfico Padre São Francisco da Leal e valorosa Cidade de S. salvador e Bahia de Todos os Santos, na Vigília do Pentecoste, aos 3 de Junho de 1843,

EM O QUAL PRESIDIU O NOSSO CARÍSSIMO IRMÃO FREI JERÓNIMO DE SÃO PEDRO D’ALCANTARA, PREGADOR, EX-CUSTODIO, EX-DEFINIDOR E MINISTRO PROVINCIAL

-----  
MEZA DA DEFINIÇÃO *(sic)*.

CUSTODIO

O Nosso Chantre Ir. Fr. José da Pureza, pregador,

DEFINIDORES.”

“ ....

SECRETARIO DA PROVINCIA.”

“ ...

Guardião do Convento de N. S. P. S. Francisco da Cidade da Baía o N. Chartre Ir. Fr. Francisco de N. Senhora da Penna...”

“Commissário de Terceiros o N. C. Ir. Frei *António do Paraizo*, Pregador e, ex-Definidor.

Vice-Commissario o N. C. Ir. Fr. *Raymundo da Madre de Deus*, ex-Leito.

Guardião do Convento de S. António da Vila de Cayrú o ....”

Commissarios de Terceiros o Presidente

Vice-Commissario o N. C. Ir. Fr. *Manoel de Maria Santíssima*

Guardião do Convento de S. António da Villa de S. Franc.º da Barra de sergipe do Conde o N. C. Ir. Fr. Manoel de s. Rita, Preg.”

“ ...

Commissario de Terceiros o N. C. Ir. Fr. *Paulo do Bom Jesus*, Pregador.

Guardião do Convento de S. António de Paraguassú o N. C. Ir. Fr. *Bernardino de Sena*, Pregador, ex-Custódio e ex-Visitador Geral.”

“ ...

Guardião do Convento do Bom Jesus da Cidade S. Chistovão de Sergipe d’ElRei o N. C. Ir. Fr. Manoel do Patrocínio, Pregador.”

“ ...

Commissario de Terceiros o Presidente.

Guardião do Conv. de S. Maria dos Anjos da Porciuncula da Cidade do Penedo o N. C. Ir. Fr. Estêvão da Soledade, ex-Leitor, e ex-Guardião.”

“ ...

Commissario de Terceiros Presidemte.

Guardião do Convento de S. António da Villa Formosa de Serenharem o N. C. Ir. Fr. João de Capistrano, ex-Leitor.”

“... ”

Commissario de Terceiros o Presidente.

Guardião do Convento de Santo António d’Ipojuca o N. C. Ir. Fr. José de S. Leocadia, Pregador.”

“... ”

Commissario de Terceiros o N. C. Ir. Fr. *Miguel do Espírito Santo*, Pregador.

Guardião do Covento de Santo António da Cidade do Recife de Pernambuco o N. C. Ir. Fr. *Nicoldo do Bomfim*, Pregador, e ex-Guardião.”

“... ”

Commissario de Terceiro (sic) o N. C. Ir. Fr. *Manoel de S. Felipe*, ex-Definidor ex-Ministro Provincial, e Padre Immediato.

Vice-Commissario o N. C. Ir. Fr. *João dos Martyres*, Lente habilitado.

Guardião do Convento de N. Sr.<sup>a</sup> das Neves da Cidade d’Olinda o N. C. Ir. Fr. *Joaquim de Santa Isabel*, Pregador.”

“.. ”

Commissario de Terceiros o Presidente

Guardião do Convento de Santo António da Villa d’Igarassú o N. C. Ir. Fr. José de S. Jerónimo, Pregador.”

“... ”

Commissario de Terceiros o N. C. Ir. Fr. *Marcellino de S. António*, Pregador.

Vice-Commissario o N. C. Ir. Fr. Manoel de S. Joaquim; Confesor.

Guardião do Convento de S. António da Cidade da Parahiba o N. C. Ir. Fr. *António de Sant'Anna*, Pregador.”

“... ”

Commissario de Terceiros o N. C. Ir. Fr. *Luiz da Virgem Maria*, Pregador.

Vice-Commissario o N. C. Ir. Fr. *Luiz dos Cherubins*, Pregador.”

Arquivo Público da Baía. Secção do Arquivo Colonial e Provincial. Governo da Província – *Religião*.  
*Correspondência recebida de religiosos do Convento de São Francisco, 1825-1875*. Mç. 5272.

Inédito.



Frei António do Paraizo

Ignacio Boaventura da (?)

Comissário Visitador

Secretário

Remio-se dos annuáes

Francisco Gomes Mascarenhas

Ministro

Livro de Proffissões a fl. 282”

Arquivo Público da Baía. Secção de Arquivo Colonial e Provincial. *Governo da Província – Religião. Correspondência recebida de religiosos do Convento de São Francisco, 1825-1875.* Mç. 5272.

Leitura nossa.

**Doc. 31**

1844, Novembro, 30, Baía

TÁBUA DA CONGREGAÇÃO DO CAPÍTULO PROVINCIAL DA PROVÍNCIA DE SANTO ANTÓNIO DO BRASIL,  
COM OS NOMES DOS COMISSÁRIOS NOMEADOS PARA A ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO.

“TABOA  
DO  
CAPITULO PROVINCIAL  
DA  
PROVINCIA  
DE  
**SANTO ANTONIO**  
DO  
**IMPERIO DO BRASIL**

CELEBRADO NO COMVENTO (*sic*) DE N. S. P. S. FRANCISCO DA CIDADE DA BHIA NO DIA 30 DE NOVEMBRO  
DE 1844. EM O QUAL PRESIDIO, POR BREVE DO EXCEL. E REVERENDISSIMO SENHOR INTERNÚNCIO  
APOSTOLICO, NA CORTE DO IMPERIO, AMBROSIO CAMPODONIO.

O N. CH. Ir. Fr. MANOEL DE S. FELIPPE. EX-LEITOR, EX-DIFINIDOR, EX-PROVINCIAL, P. IMMEDIATO,  
VISITADOR GERAL, E PRESIDENTE DO CAPITULO.

“...

-----  
COMMISSARIOS DE TERCEIROS

Para o Convento da Cidade da Bahia o N. Ch. Ir. Fr. António do Paraíso, ex-Definidor.

Seo Companheiro o N. Ch. Ir. Fr. Bento de N. S. das Neves, Definidor.

Para o da Villa do Cayrú o N. Ch. Ir. Guardião.

Para o da Villa de São Francisco da Barra de Sergipe do Conde, o N. Ch. Ir. Fr. Paulo do Bom  
Jesus, pregador.

Para o de Paraguassú, o N. Ch. Ir. Fr. Serapião de Santa Clara.

Para o da Cidade de Sergipe d'El-Rei, o N. Ch. Ir. Fr. José da Pureza, ex-Custodio.

Para o da Villa do Penedo, o N. Ch. Ir. Guardião.

Para o da Cidade das Alagoas, o N. Ch. Ir. Presidente.

Para o da Villa Formosa de Serenhaem, o N. Ch. Ir. Presidente.

Para o de Ipojuca, o N. Ch. Ir. Presidente.

Para o da Cidade do Recife de Pernambuco, o N. Ch. Ir. Fr. Manoel de S. Feippe, ex-Provincial.

Seo Companheiro, N. Ch. Ir. Fr. João dos Martyres, Lente.

Para o da Cidade d'Olinda, o N. Ch. Ir. Fr. Manoel de S. Joaquim, Confessor.

Para o da Villa de Iguarassú, o N. Ch. Ir. Fr. Marcellino de Santo António, pregador.

Para o da Cidade da Paraiba, o N. Ch. Ir. Fr. António de Santa Anna, pregador.”

“...  
 \_\_\_\_\_”

BAHIA:

TYPOGRAPHIA DE EPIFANIO JOZE PEDROZA

1844”

Arquivo Público da Baía. Secção do Arquivo Colonial e Provincial. Governo da Província – *Religião*.  
*Correspondência recebida de religiosos do Convento de São Francisco, 1825-1875*. Mç. 5272.

Inédito.



**Doc. 32**

1847, Dezembro, 4, Baía

ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO DO BRASIL NAS ACTAS CAPITULARES DA PROVÍNCIA. PROIBIÇÃO DE EMPRÉSTIMO DE ARTEFACTOS PELOS GUARDIÃES AOS TERCEIROS; LICENÇA PARA OS TERCEIROS DA BAÍA USAREM A PORTA DA SUA CAPELA PARA SAÍDA E ENTRADA NA PROCISSÃO DE CINZA.

**(p. 180, col. esq.)**

“Determinações e Actas Capitulares do Capº celebrado neste Convtº. De N. S. P. S. Francisco da Bhaia aos 4 de Dezembro de 1847 em q presidiu o nosso Charº. Irº. Fr. Fracº. do SS. Salvador, Pregºr., Ex-Diffºr. e visitador geral....”

“ ...

**(p. 180, col. dt.ª)**

Tendo-se em vista as pobrezas dos Conventos, os incommodos de se pedir avultadas-esmolas, e a decência q devemos apresentar no culto publico pohibe-se absolutamente aos Guardiães a emprestarem joias e ornamentos preciosos sem consentimento dos Discretos dos respectivos Conventos o que jamais se deve entender com as Ordens 3<sup>as</sup>.dos mesmos por que se reputaó Igrejas nossas. E ao Guardiaó que infringir essa Lei se lhe imporá a suspensaó de seu officio por espaço de 6 mezes, acescendo mais / **(p. 181, col. esq.)** qe se o factu acontecer no tempo q decorrer de Capº. a Congram. Não poderá ser reeleito....”

“ ...

**(p. 182, col. esq.)**

Concedeu-se a venerável Ordem 3.<sup>a</sup> da Penitencia de N. S. P. S. Francisco do / **(col. dt.ª)** Convtº. de Stº. Antº. da Cidade do Recife a graça de poder sahir e entrar a Procissaó de Cinza pela porta principal da Igreja da Ordem, em segundo, que quando queraó a escolha de Pregadores seja feita em Religiosos desta Provincia mediante a gratificaçáo q for marcada

pela Meza ficando a mesma com o direito, salvo a das escolhas, em terceiro lugar que o acto do Descidimento (*sic*) seja feito na mesma Igreja da Ordem....”

“... ”

Confirma-se a graça concedida na Congregação passada aos nossos Ir<sup>os</sup>. da Veneravel Ordem 3.<sup>a</sup> da Penitencia deste Convento de N. S. P. S. Francisco da Bhaia....”

“Actas capitulares da Província Franciscana de Santo António do Brasil (1649-1893)”. Introdução e Notas explicativas de Frei Venâncio Willeke, OFM. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1970, vol. 286, Janeiro-Março, 1970, p. 180, 182.

Leitura nossa.

**Doc. 33**

1848, Dezembro, 11, Baía

RECIBO DE PAGAMENTO EFECTUADO POR UMA IRMÃ TERCEIRA DA ORDEM DE SÃO FRANCISCO DA BAÍA, PARA REMISSÃO DE IRMÃOS.

“Pagou a Nossa Caríssima Irmã a Ill.<sup>mo</sup> Senhora D. Francisca Joaquina do Sacramento a quantia de Trinta Mil reis [[do < > semestre applicado para remissão dos Irmãos da V. O. Terceira de S. Francisco desta Cidade, ficando obrigado á mais outras < > prestações iguais seis em seis mezes, e tudo no prazo a dois annos á contar do 1.º, de Julho de 1841 em diante, para prefazer (*sic*) a quantia de Rs. 30\$000]]<sup>22</sup> arbitrados por accordão da Meza e Junta sancionada em [ ] de Junho do mesmo anno. Artigo 7[ ], em favor dos Irmãos que se queirão por esta equitativa forma remir, não obstante qualquer débito de annuaes que se achem alcançados para com a Ordem que por esta maneira caduca. Bahia e Secretaria da Ordem aos 11 de Dezembro de 1848.

Reis 30\$000

O Síndico actual,

J. T. Pyinho

O Secretário actual

Joaquim dos Reis definidos (?)”

Arquivo Público da Baía. Secção de Arquivo Colonial e Provincial. *Governo da Província – Religião. Correspondência recebida de religiosos do Convento de São Francisco, 1825-1875.* Mç. 5272.

Leitura nossa.

---

<sup>22</sup> Texto entre parêntesis rectos duplos está anulado por traço apostro.

**Doc. 34**

1849, Junho, 2, Baía

TÁBUA DA CONGREGAÇÃO OU CAPÍTULO INTERMÉDIO DA PROVÍNCIA DE SANTO ANTÓNIO DO BRASIL, COM OS NOMES DOS COMISSÁRIOS NOMEADOS PARA A ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO.

**“Taboa**

DA

CONGREGAÇÃO OU CAPITULO INTERMEDIO

DA

**PROVÍNCIA**

DE

**SANTO ANTONIO**

NO

**IMPERIO DO BRASIL.**

Celebrado no Convento de **N. S. P. S.** Francisco da Cidade da Bahia, no dia 2 de Junho de 1849, em o qual presídio o **N. Ch. Ir. Fr. Luiz do Menino Jesus**, Prgador, ex.difinidor, e **Ministro Provincial.**”

---

“..

**COMISSARIOS DOS TERCEIROS**

Para o Convento da Cidade da Bahia o **N. Ch. Ir. Fr. Manoel de Santa Roza** Pregador, ex Difinidor.

Seo Companheiro o **N. Ch. Ir. Fr. Manoel de Santa Miquelina**, ex Leitor.

Para o da Vila do Cairu o **N. Ch. Ir. Guardiãõ.**

Para o da Vila de S. Francisco da Barra de Segipe do Conde o **N. Ch. Ir. Fr. Eduardo da Conceição**, Pregador.

Para o de Paraguassú o **N. Ch. Ir. Fr. Francisco dos Prazeres** Pregador, ex Guardiãõ.



**Doc. 35**

[185.?], Penedo

*COMPROMISSO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO PENEDO: REGRAS QUE RESPEITAM À LIMPEZA DE SANGUE NECESSÁRIA AOS NOVIÇOS; ACORDOS QUANDO DA MORTE DE UM IRMÃO; POSIÇÃO QUE OS IRMÃOS DEVEM TOMAR EM PROCISSÕES, FUNERAIS E OUTROS ACTOS DE CULTO EXTERIOR.*

**(p. 42)**

“– Da Ordem III de São Francisco da cidade do Penedo:

Art. 2 – ...Fica entendido que é condição essencial a limpeza do sangue tão recomendada no Cap. 2.º da nossa Santa Regra; sem esta formalidade ninguém poderá ser admitido.”

“... ”

**(p. 43)**

Art. 89 – Se o irmão falecido for sepultar-se em outra igreja a Ordem o não acompanhará, nem irá assistir ao seu offício; muito menos consentirá que leve o nosso hábito de terceiro.

Art. 90 – Tanto nos enterros e procissões, como nos mais actos de corporação, logar da ordem será, conforme a praxe usada, junto ao clero secular e regular, sem que alguma irmandade leiga lhe possa tomar a preferência por mais graduada que seja, segundo ordenam as bullas apostólicas do S. S. P. Benedicto XIII, datada de 22/7/1728, e do S. S. P. Benedicto IV em 7/1/1749, e ultimamente confirmadas por despacho do nosso Exmo. Diocesano.”

Ernani Méro. “Compromisso”. *Os Franciscanos em Alagoas*. Sergasa, Maceió, 1982, pt. V, p. 42, 43.

Leitura nossa.

**Doc. 36**

1851, Fevereiro, 26, Baía

PEDIDO DA MESA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO AO GOVERNO DA PROVÍNCIA DO BRASIL,  
PARA PARTICIPAÇÃO DE TROPA EM TRAJO SOLENE NA PROCISSÃO DE CINZA NA CIDADE DA BAÍA.

“Baía

Ofício ao Conselheiro destas Províncias em 28 de Fevereiro de 1851

Respondido em 1.º de Março de 1852

Ilustríssimo Exmo. Sr.

A presente Meza da Ven. Ord. 3.<sup>a</sup> da Penitência do N. S. P. S. Francisco, tendo de praticar o acto da Procissão de Cinza pelas 3 horas da tarde do dia 5 de Março do corrente, e sendo de antiga usança ser encerrado este cortejo solenne com o acompanhamento de Trópa em grande uniforme, e em todo o rigor da disciplina, com o que o governo rende públicas homenagens à Religião Santa, que na marcha edificante dos actos do Culto externo por esta o mais de que fundamento da felicidade Pública, me ordenou rogasse a V. Ex. se digne de conceder-lhe esta graça que de novo lustra enriqueceram o prestígio de funcção tão Santa. Ela confiada nos sentimentos reconhecidos de piedade que ornão á V. Exa. espera ter mais á dever ao Governo desta Província a quem, por multiplicados títulos vota nossos respeitos, e as mais profundas considerações, cujo nome lhe envio para sempre nos factos grandiosos da Bahia agradecida.

O Céu derrama sobre V. Governação copiósas enchentes das mais puras venturas, e assim sobre a Respeitável Família de V. Governação estendendo-lhe a cadeia da vida para felicidade da Pátria, e honra da humanidade.

Secretário da V. O. 3.<sup>a</sup> de S. Francisco Bahia 26 de Fevereiro de 1851 ./.

Ilustríssimo e Exmo. Sr. Conselheiro Francisco Gonçalves Muniz

Digníssimo Presidente desta Província

Joaquim de Matos Telles de Menezes

Secretário”

Arquivo Público da Baía. *Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco*, 1852. Mç. 5271, Cx. 1743.

Leitura nossa.



**Doc. 37**

[1851], Salvador da Baía

RELAÇÃO DE BENS DE RAIZ DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO E OUTROS DAS CAPELAS QUE ADMINISTRA A MESMA ORDEM.

(fl. ?)

“Tombo dos bens de raiz da Venerável Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco e outros das Capelas que administra a mesma Ordem

Huma morada de casa de sobrado de pedra e cal com chão lajeado e armazém com chãos próprios, sita na Rua da Preguiça, pertencente a capela que instituiu Gaspar Joaquim como consta do Livro 3.º do Tombo Registo das capelas da mesma Ordem a fl. 1.

Huma morada de casa térrea de pedra e cal em chão próprio com sua Orta grande, sita na Rua da Fonte Nova ao pé da Ladeira que sobe para o Convento do Desterro, pertencente a capela que instituiu Domingos Correia, como consta do título do Livro fl. 6.

Em 2 de Abril de 1851 em virtude da Ordem do Governo para a continuação da Nova Rua da Vala, foi desapropriada esta Venerável Ordem da parte do terreno pertencente a esta Orta, desmembrando-se d’ela 380 e meia braças quadradas, que foram avaliadas a rasão de milreiros cada huma e na importância de Rs. 380\$500 total, como consta dos Autos de Appellação pelo Cartório do Escrivão José Gustavo de Mello Mattos.

Huma morada de casa de dous sobrados de pedra e cal, em chãos próprios, com armazéns, sita na Rua do Trapixe do Azeite, pertencente a Capela que instituiu Domingos Rodrigues Correia, como consta do dito Livro fl. 6.”

“ ....

(fl. ?)

Huma morada de Casa de dous Sobrados, de pedra e cal, com armazéns por baixo, com vista e servidão para o mar, em chaons próprios, junto ao Trapiche chamado do Azeite Peixe na Rua que vem d'Alfândega para as Portas da Ribeira, pertencente aos patrimónios das Capellas que instituirão Antónia Pereira carvalho, António de Sousa do cais, e sua mulher Maria Ribeiro de lemos, como tudo consta do Livro a fl. 65, a fl. 68 e a fl. 72.”

Arquivo Público da Baía – Fundo: Governo da Província – Secção de Arquivos Colonial e Provincial. N.º 5266. Série: Religião – *Livro do Tombo dos Bens de todas as Ordens Terceiras, Confrarias, Irmandades de Salvador: 1851-1853.*

Inédito.

**Doc. 38**

1852, Janeiro, 2, Baía

RESPOSTA A ASSUNTO SOBRE O USO DEVIDO DE MORTALHA POR AFRICANOS LIVRES FALECIDOS AO SERVIÇO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA BAÍA.

Ill.mo e Exmo. Senhor

Fico certo de cumprir por parte da Venerável Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco a Ordem de V. Ex.<sup>a</sup>. contida em seu officio de 29 de Dezembro findo acerca da mortalha dos Africanos livres ao serviço da mesma Venerável Ordem.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> muito anos Engenho Sobaé 2 de Janeiro de 1852

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Senadôr do

Império, e Presidente da Província

Francisco Gonçalves Martins

Barão de Fiaes

Ministro da \sua/ mui Venerável Ordem 3.<sup>a</sup>”

Arquivo Público da Baía. *Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco*, 1852. Mç. 5271, Cx. 1743.

Leitura nossa.

**Doc. 39**

1852, Ipojuca

RELAÇÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE IPOJUCA, COM REFERÊNCIA À EXISTÊNCIA DE ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO ANEXA AO CONVENTO.

**“DOCUMENTOS HISTÓRICOS**

RELAÇÃO DO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE  
IPOJUCA

**(p. 84)**

...”

“Este convento tem anexo a si a Venerável Ordem Terceirada Penitência que pela sua situação lamosa, distâncias das casas e ocupação brassal dos moradores desta povoação pouco aumento tem adquirido, desde o princípio de sua fundação; costuma ella dar dez tostoens de entrada de cada irmão/

**(p. 85)**

/a esta comunidade para ir assistir e cantar Veni Creator Spiritus e mais uma vela para a sacrisita. Nos seus enterramentos, dão os Terceiros dous mil réis para a comunidade encommendá-los, dando-se-lhes tres dobras de sino.

No dia de São Roque (3), dão os Terceiros a esta commuidade, quando fazem a festa pelo sermão e

missa cantada doze mil réis; e se acaso fazem na Quaresma o Descimento (4), dão à Comunidade pelo sermão e acompanhamento da procissão oito mil réis e huma vela a cada religioso (5).

Fr. Francisco de São Bernardo  
Guard. do Convento

Notas:...”

“3. A festa de São Roque celebrava-se, no dia 2 de janeiro, para aproveitar a presença dos devotos do Sr. Stº. Cristo.

4. A imagem do Crucificado, usada no descimento e munida de braços movediços, é a mesma que hoje fica exposta, na capela dos milagres, como imagem do Senhor morto. Segundo o

inventário do convento (1852) apareciam na procissão do Senhor morto seis profetas com suas túnicas. O descimento e a procissão realizam-se, na Sexta-Feira da Paixão à tarde.

5. Este relatório patenteia a franca decadência em que se achava a nossa Província, em fins do século 18. Pois, o convento de Ipojuca em tempos de florescimento contara vinte religiosos. Relatórios parecidos constam de vários outros conventos.”

Arquivo Histórico Ultramarino / PE — avulsos “Pernambuco avisos – Mç. 1797”, rolo 101, fotos 34/37, ref. em “Documentos Históricos – Relação do Convento de Santo António de Ipojuca”, *Santo António*, Revista Franciscana, Recife : Editora Mensageiro da Fé Ltda. Salvador da Baía, 1968, ano 19 a 22, n.º 1, p. 84 e 85<sup>23</sup>.

Leitura nossa.

---

<sup>23</sup> Documento também transcrito em “III Relação do Convento de S. António de Ipojuca, 8 abril 1797”. *Revista do Instituto do Arquivo de História e Geografia de Pernambuco*. Recife : Imprensa Industrial, 1967, ano 1961, vol. XLVI, p. 408-409.

**Doc. 40**

1855, Sergipe

RESOLUÇÃO N.º 413 DE 17 DE MARÇO DE 1855 COM INFORMAÇÃO DA PASSAGEM DO POVOADO DE SANTO ANTÔNIO DE ARACAJU A CIDADE DO ARACAJU.

“Eleva à categoria de cidade o povoado de Santo Antônio de Aracaju, na Barra da Cotinguiba, com a denominação de – CIDADE DO ARACAJU.

Inácio Joaquim Barbosa, Oficial da Imperial Ordem da Rosa, bacharel formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Academia de São Paulo...”

Art. 1 – Fica elevado à categoria de cidade o Povoado de Santo Antônio do Aracaju, na Barra da Cotinguiba, com a denominação de – Cidade de Aracaju. ...”

“ ...

Art. 4 – Fica transferida desde já da Cidade de São Cristóvão para a do Aracaju a Capital desta Província [Sergipe]<sup>24</sup>. ...”

“ ...

Palácio do Governo de Sergipe, aos 17 de Março de 1855, trigésimo quarto da Independência e do Império.

L.S.

Ignácio Joaquim Barbosa

(Lei votada debaixo de um cajueiro)”

Instituto Histórico Geográfico de Sergipe, Ignez Mariz. *São Cristóvão, ex-capital do Estado de Sergipe*.

Leitura nossa.

---

<sup>24</sup> Informação nossa.

**Doc. 41**

1872, 28 de Dezembro, Olinda

CARTA DO BISPO DA DIOCESE DE OLINDA AO PROVINCIAL DO CONVENTO FRANCISCANO DE OLINDA, SOBRE A EXISTÊNCIA DE IRMÃOS TERCEIROS PERTENCENTES À MÇONARIA.

(p. 147)

“CARTAS INÉDITAS REFEENTES À QUESTÃO RELIGIOSA NA  
DIOCESE DE OLINDA DE 1872-1874, /

publicado por  
Fr. TADEU GLÄSER, O.F.M.

....”

PALÁCIO da Soledade, 28 de Dezembro de 1872

Rmo. Snr.

Constando-nos que alguns membros da Ordem Terceira de N. Glorioso Patriarcha S. Francisco tem a desdita de ser Mç.ns, e pesando sobre elles pena de excumunhão maior lançada por differentes Papas, queira V. Rma. Ordenar em nosso nome ao Revmo. Pr. Commissario que sem perda de tempo exorte com toda a caridade e instancia ditos irmãos á abjurarem a seita condemnada pela igeja.

Se por infelicidade estes não quizerem retractar-se, sejam immediatamente expulsos do grémio das Irmandades; por quanto de semelhantes instituições são excluídos os excommungados.

Aguardamos a communicação de haver sido cumpridos as nossas ordens.

Deus Guarde s V. Paternidade.

† Fr. Vital, Bispo.

Illmo. Revmo. Provincial do Convento desta cidade.

(ACFB, XV, 1)”

“Publicações de Documentos Históricos - Escritos inéditos de Frei António de Santa Maria Jaboatão, publicados por Frei Adriano Hipólito, OFM”. *Santo António*. Revista dos Franciscanos no Brasil setentrional / Manuscrito impresso, Baía, 1940, ano 18, n.º 2, p. 147.

Leitura nossa.



**Doc. 42**

1873, Penedo

DECADÊNCIA DA ORDEM TERCEIRA COM AVULTADO NÚMERO DE CONFRADES PERTENCENTES À MAÇONARIA; REFERÊNCIA À PRIMEIRA IRMÃ TERCEIRA NO BRASIL.

**(fl. 20)**

“Da Venerável Ordem III

Este sodalício religioso de seculares tão intimamente unido à 1.<sup>a</sup> Ordem, por ser ramo do mesmo tronco, jazia na mais lamentável decadência. Consequência natural porque como a árvore de óptima qualidade, plantada em terreno da 1.<sup>a</sup> Ordem, fenece, si (*sic*) lhe faltar a cultura sollícita (*sic*) (de jardineiro assim se esterilizou esta bella (*sic*) planta da Ordem III<sup>a</sup> (*sic*) após a morte natural dos seus cultivadores os religiosos franciscanos da 1.<sup>a</sup> Ordem, perdeu completamente o rumo deslocada totalmente de sua base espiritual, restava-lhe somente e tão somente o hábito e o nome, partilha triste das mais associações religiosas cujo espírito há páginas negras na chama.

Questão religiosa de 1873. o immortal Terceiro o Papa Pio IX no dia (1?) de Maio de 1873 escreve a D. Frei Vital: exacerba «nossa mágoa o que nos pozestes (*sic*) a cerca do vírus maçónico, por ahi de tal sorte derramado que até as próprias irmandades têm invadido e algumas delas completamente corrompido».... – E n’este rol ia também a Ordem III, ferida no recife pelo interdito do Prelado Diocesano....”

“ ...

**(fl 20 v.º)**

Por uma terceira Maria Rosa foi fundado o primeiro convento dos franciscanos no Brasil o de N. Senhora das Neves em Olinda – Lucernas accesas (*sic*) que deixaram sulcos luminosos na corrente dos tempos!

E agora de face denegrada? Como Senhor? Arrancaram-lhe a pedra fundamental: «ser o Terceiro de prova da fé Cathólica, provado respeito à Igreja Romana e à Sé Apostólica». (S.

Regra cap. I § 1) envenenado pela influência maçónica, não offerecendo-se-lhes o preservativo, e a vida seráphica em vez de produzir uvas brotou só espinhos.”

*Crónicas do Penedo – Livro I : 1903-1930.* Convento Franciscano do Penedo

Inédito.

**Doc. 43**

1875, Dezembro, 4, Baía

TÁBUA DA COMPOSIÇÃO DO CAPÍTULO PROVINCIAL DA PROVÍNCIA DE SANTO ANTÓNIO DO BRASIL,  
COM ENUMERAÇÃO DOS COMISSÁRIOS PARA A ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO.

**“TABOA****DO CAPITULO PROVINCIAL**

DA PROVINCIA DE SANTO ANTONIO

DO IMPERIO DO BRASIL,

Celebrado no Convento de N. S. P. S. Francisco da cidade da Bahia no dia 4 de Dezembro de 1875: em o qual prezidio o N. Char. Ir. Fr. António da Virgem Maria, Pregador Imperial, eis Custódio, eis Visitador Geral, e Visitador actual.

-----

**MINISTRO PROVINCIAL”**

“...

**CUSTODIO”**

“..

**DEFINIDOR PERPETUO”**

“...

**DEFINIDORES”**

“...

**SECRETARIO DA PROVINCIA”**

“...

**GUARDIANS”**

“...

**ASSISTENTE DE DO HOSPICIO DA BOA VIAGEM”**

“...

**COMMISSARIOS DE TERCEIROS**

Para a cidade da **Bahia**, o N. Char. Fr. Miguel de S. Carlos, Lente jubilado.

Vice-Commissário, o N. Char. I. (*sic*) Fr. Manuel de S. Agostinho, ex-Definidor.

Para a Villa do **Cayrú**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para a Villa de **Sergipe do Conde**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para a Cidade de **Sergipe d'El-Rei**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para a Cidade do **Penêdo**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para a Cidade de **Alagôas**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para **Ipojuca**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para a Cidade do **Recife**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para a Cidade d'**Ollinda**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para a Cidade da **Parayba**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

Para **Paraguassú**, o N. Char. Ir. Guardiãõ.

**PROCURADORES GERAIS...".**

Arquivo Público da Baía. Secção de Arquivo Colonial e Provincial. *Governo da Província – Religião. Correspondência recebida de religiosos do Convento de São Francisco, 1825-1875.* Mç. 5272.

Leitura nossa.

**Doc. 44**

1881, Novembro, 26, Baía

ORDENS TERCEIRAS DE SÃO FRANCISCO DO BRASIL NAS ACTAS CAPITULARES DA PROVÍNCIA. ACERTO NOS HONORÁRIOS PAGOS PELOS TERCEIROS AOS FRADES NAS SUAS FESTIVIDADES.

**(p. 199, col. esq.)**

“Capitulo Provincial de 26 de Novembro de 1881

Resolução Capitular...”

“ ...

Neste mesmo Capitulo foi acceito o contracto celebrado com a Vel. Ordem Terceira, alterando os honorários que elles offereciam pelas Festas e mais funções de sua Igreja, e damos adeante transladada a copia d'este contracto e mandou que se archivasse o Original....”

“ ...

“Actas capitulares da Província Franciscana de Santo António do Brasil (1649-1893)”. Introdução e Notas explicativas de Frei Venâncio Willeke, OFM. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1970, vol. 286, Janeiro-Março, 1970, p. 199.

Leitura nossa.

**Doc. 45**

1884, Maio, 24, Baía

RESPOSTA AO PEDIDO DA ORDEM TERCEIRA DE SALVADOR DA BAÍA PARA CONFIRMAÇÃO DO NOVO COMPROMISSO APRESENTADO PELOS MESÁRIOS.

**(fl. 193 v.º)**

“Novo Compromisso da venerável Ordem Terceira de S. Francisco.

João Rodrigues Chaves Relator da Relação de S. Salvador e presidente da Província da Baía.

Faço saber aos que esta carta virem que atendendo ao que requer a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco desta capital, tenho resolvido em virtude da autorização / **(fl. 194)** /que me é conferida pela Lei Provincial N.º 93 de 25 de Janeiro de 1839, e depois de ter ouvido o parecer do Comissário Procurador da Coroa Soberania e Fazenda Nacional, constante do ofício de 8 do corrente, confirmar o novo Compromisso da venerável Ordem Terceira escrito em 20 capítulos e 216 artigos, rubricados pelo chefe da 1.ª Secção José Vieira de faria Rocha, servindo de Secretário.

E por haver pago os direitos presenciais na importância de 22\$660 reis, como se vão do conhecimento Nota 10910, ordeno que se cumpra e guarde como nele vá contemplada na cidade da Baía aos 24 dias do Mês de Maio de 1884 o 63.º da independência do Império.

João Rodrigues Chaves.

Carta pela qual foi confirmado o novo Compromisso da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco desta Capital. Para Vossa Excelência ver Nota 3 Pg. 60\$000. Recebida da Baía 24 de Maio de 1884. Moniz Rocha Lima Nota 10920 Pg. 27\$000. Recebido pelo Tesoureiro Correia. O Escrivão Carneiro da Rocha.”

Arquivo Público da Baía – *Fundo: Governo Geral / Governo da Capitania – Secção de Arquivos Colonial e Provincial. Série: Religião / Irmandades – 1839-1885 – n.º 5264. Cópia fl. 193 v.º, fl. 194.*

Inédito.

**Doc. 46**

1885, Agosto, 7, Baía

CARTA DO MINISTRO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA BAÍA AO CONSELHEIRO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA A SOLICITAR CONCESSÃO DE LOTARIAS PARA BENEFÍCIO DE OBRAS DA SUA IGREJA.

“V. O. TERCEIRA DE S. FRANCISCO<sup>25</sup>  
FRANCISCO

BAHIA E SECRETARIA DA V. O. 3.<sup>a</sup> DE S.

BAHIA

7 de Agosto de 1885

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Conselheiro Presidente da Província

Deferido. Palácio da Presidência  
da Bahia, 19 de Agosto de 1885

Adão Couto

Tendo sido inscriptas por despacho de V. Ex.<sup>a</sup> as 10 Loterias concedidas pela illustre Assembleia Provincial a V. O. 3.<sup>a</sup> de S. Francisco para as obras da sua igreja pela lei n.º 2521 de 28 de Julho publicada no Diário Official vem a Meza actual pedir a V. Ex.<sup>a</sup> para que a mesma Meza possa extrahi-las por huma commissão sua para o benefício ser applicado as obras de sua Igreja.

Nomeou-se a Comissão  
20 de Agosto 85

Pede a V. Ex.<sup>a</sup>  
Deferimento  
Espera Receber Mercê

---

<sup>25</sup> Inscricção da filactera do timbre (brasão da Ordem Terceira de São Francisco da Baía) impresso na folha de carta com linhas.

Bahia 7 de Agosto de 1885  
João Guimarães Gonçalves  
Ministro”

Arquivo Público da Baía. *Ordem 3.ª de São Francisco, 1852*. Mç. 5271, Cx 1743.

Leitura nossa.



**Doc. 47**

1885, Setembro, 5, Baía

CARTA DO MINISTRO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA BAÍA AO CONSELHEIRO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA A SOLICITAR CONCESSÃO DE LOTARIAS PARA BENEFÍCIO DE OBRAS DA SUA IGREJA.

“V. O. TERCEIRA DE S. FRANCISCO<sup>26</sup>  
FRANCISCO  
BAHIA

BAHIA E SECRETARIA DA V. O. 3.<sup>a</sup> DE S.

5 de Setembro de 1885

Illm.<sup>o</sup> e Exmo. Sr. Governador Presidente da Província

Concedo, devendo porém proceder à extracção pagamento dos impostos a que por ventura estejam sujeitas as loterias de que trata. Palácio da Província da Bahia, 28 de Outubro de 1885

Theodoro da Silva

Tendo sido inscriptos por despacho de V. Ex.<sup>a</sup> des loterias concedidas a V. O. 3.<sup>a</sup> de s. Francisco para as obras da sua Igreja por a lei n.º 2533 art.º 2.º a 18 de Agosto deste anno publicada no Diário Oficial, requer a V. Ex.<sup>a</sup> permissão para uma extracção por huma Comissão nomeada pela Mesa para dar-se aprovado o benefício das mesmas.

Pede a Vossa Ex.<sup>a</sup>

deferimento

Espera Receber Mercê

Bahia 5 de Setembro de 1885

João Guimarães Gonçalves - Ministro.

Offícios á Thesoureiro da Faznda, da Thesouraria Provincial

---

<sup>26</sup> Inscricção da filactera do timbre (brasão da Ordem Terceira de São Francisco da Baía) impresso na folha de carta com linhas.

e ao Sr. Delegado da Polícia do 1.º districto desta capital em 29 de  
Setembro de 85

Arquivo Público da Baía. *Ordem 3.ª de São Francisco*, 1852. Mç. 5271, Cx. 1743.

Leitura nossa.

**Doc. 48**

[1885], Penedo

DIFICULDADES LEVANTADAS AO INGRESSO NA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO NO PENEDO DE CANDIDATOS NÃO DESCENDENTES DE BRANCOS, COM BASE EM LEGISLAÇÃO.

**(p. 35)**

“Livro de Tombo<sup>27</sup>:

«**P. 5 v.º** – discussão acre causou à pouco a apresentação de um candidato que é de cor e sendo expungida esta cláusula pelo Governo Imperial no ano de 1855 de 30 de Maio, mandando suprimir o art. 2.<sup>a</sup> o seguinte: “fica entendido que é condição essencial a limpeza do sangue tão recomendada no Capítulo segundo da nossa Santa Regra sem estas formalidades ninguém poderá ser admitido” e não havendo base na regra nova, dada por Leão XIII não deu-se lugar para dito qualificativo excluente do nosso regulamento – Art. 1.<sup>a</sup> “**Pág. 8** – O Recém Eleito Frei Damião, entre os dias 29 de Setembro e 6 de Outubro, recebeu em audiência particular os que não deram o seu consentimento ao recebimento d’um candidato de óptimas qualidade morais, inferior como diziam por não ser descendente de pais livres em cujas veias corria não o sangue da raça branca. O Prelado deu apoio ao ingresso do candidato».”

Ernanni Mero. “A discriminação racial”. *Os Franciscanos em Alagoas*. Maceió : Sergasa, 1982, pt. IV, p. 35.

Leitura nossa.

---

<sup>27</sup> Inferido do texto, *Livro do Tombo da Ordem Terceira*.



importância seg. consta de huma acta q' já senão recorda por ser muito antiga e da disposição de numa concordata feita no anno de 1827, da Primeira com a Terceira Ordem <....>»

**[d]**

Como consta das actas da Ordem Terceira, o officio foi apresentado à mesa para solução do caso foi adiado por duas vezes, e não \sabemos/ [[consta]] como o pobre abade liquidou suas contas. Desde os neizados<sup>29</sup> deste século o estado financeiro do convento ara (sic) por demais precário. Por Aviso do Snr. Presidente da Província de 13 de Julho de 1850, todas as entidades religiosas tinham de apresentar um inventário de seus bens. Já naquela época o mencionado signatário Fr. João Baptista do Esp. Stº deixou declarado:

«Este convento nada possui, a excepção de alguns ornamentos para a celebração das missas, e decência do culto público; é paupérrimo; é sua propriedade circumscripita (sic) em seus muros, bastantemente deteriorados; chega a tal extremo de pobreza, que nem hum fâmullo possui para o serviço, tanto interno como externo»”.

**[e]**

“... isto, já não admira o conteúdo de outro officio que o Fr Guard. Loureço da Imaculada Conceição mandou à Mesa da Ordem Terceirano dia de Outubro de 1864, no qual se lê:

«obrigado pela falta de meios vou a Vossas Caridades propor o seguinte:<....>ficando o convento obrigado a dobrar e repicar em todos os actos da ordem, e para paga deste empregado que move os sinos fiquem, 3\$000 mlre (sic) por anno, quantia que nunca quis receber ... e tenho satisfeito gratuitamente, no decurso de dois anos na dobra e redobra que tem precisado essa Ven. Ordem, e porque a nossa pobreza seja de tal força, que não podemos mais pagar empregado; só se formos auxiliados pelas Irmandades existentes neste convento, inda quando já esteja mandado pelo Rev.mº Pe. Provincial que as Irmandades e a orden Terceira devem dar uma quantia mensal para as despesas da torre ou então, a não quererem ficarem pagando por cada vez que precisarem, conforme pagão os de fora, na razão de 1 mlre por cada dobra e duas patacas por cada hum repique <....>»

Este atestado de pobreza verifica-se nas actas da Ordem Terceira de 1 de Novembro de 1885. pelo Pe. Comissário foi lembrado a necessidade de restaurar na igreja quando do Sa.mº Sacramento, pelo que pedia a esta ordem também concorresse com a metade do azeite para a

---

<sup>29</sup> Sic. Em vez de meados.

lâmpada, porque era necessário conservar-la (*sic*) acesa dia e noite pois sendo o convento paupérrimo, não o podia fazer por si só. \ / Concordaram todos aceitando.

IPHAN do Recife – Arquivo de Obras . *Pasta do Convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda.*

Inédito.

**Doc. 50**

1894, Penedo

DECRETO DA SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CONCÍLIO DE 16 DE AGOSTO DE 1894 AOS ORDINÁRIOS DO BRASIL SOBRE A PERSONALIDADE JURÍDICA A SER CONCEDIDO PELO GOVERNO CIVIL ÀS ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS, COM INCLUSÃO DOS TERCEIROS FRANCISCANOS.

**(fl. 45)**

“Decreto da S. Congregação do Concílio do dia 16 de Agosto de 1894 aos Ordinários do Brasil sobre a personalidade jurídica a se conceder pelo governo civil às associações religiosas, a que allude, o número 1300, 6.º da Pastoral Collectiva do Episcopado Sul de 1910

S. Congregação do Concílio aos Ordinários do Brasil

Conquanto a autoridade de civil no Brasil tenha há pouco promulgado uma lei pela qual promete dar personalidade jurídica e certos direitos ás associações que o pedirem, contudo as famílias das Ordens religiosas, os cabidos, os sodalícios, e as outras associações ecclesiásticas de qualquer género que seja, não podem ao seu arbítrio, como é patente, utilizar-se da faculdade concedida por essa lei. Porquanto não sendo esses institutos *sui júris*, mas recebendo da Igreja sua vida e sua norma devem elles absolutamente estar sujeitos àqueles que foram propostos por instituição devida ao governo da mesma igreja subordinados à sua autoridade em assumpto de tão grande importância. – além disso fazendo a mencionada lei muitas concessões, que não seriam lícitas, de conformidade com os sagrados Cânones, aos que fazem parte de associações ecclesiásticas, de nenhum modo podem ser deixadas ao arbítrio deles, concessões que veriam a converter-se em ruína das mesmas associações e em prejuízo da Religião. Pelo que o nosso S.mo Senhor Papa Leão XIII, com a sollicitude que lhe compete sobre todas as Igrejas, querendo prevenir quaisquer abusos e perigos ordenou que pela S. Congregação do Concílio fosse declarado e prescripto o quanto se segue:

1.º A nenhuma das acima mencionadas associações e quaisquer outras que de qualquer modo dependam da autoridade ecclesiástica será lícito fazer cousa alguma para adquirir o seu reconhecimento e personalidade jurídica sem prévia e expressa licença *Ordinaris* e se alguém

for de encontro a este preceito, immediatamente o *Ordinaris* denuncie com protesto à autoridade civil tais actos injustos e irritos e de nenhum valor.

2.º Os que clandestinamente e de má fé procederem contra / (fl.45 v.º) / esta disposição deverão ser pelo *Ordinaris* punidos com proporcionadas penas ecclesiásticas.

3.º em si em algum caso especial julgar o Ordinário conveniente para mais seguramente prover aos direitos a à utilidade da Igreja, conceder a referida licença a alguma associação ou Ordem, faça tudo com a necessária prodência e cautela, tendo o maior cuidado em que a petição nada contenha que seja ou possa parecer menos próprio; e preveja oportuna e efficazmente a conservação dos bens pertencentes à mesma associação ou Ordem.

Se se tratar de alguma associação ou Ordem isenta, o mesmo Ordinário recorra à S. Sé, ou, havendo urgência no caso, ao Internúncio Apostólico para obter as necessárias faculdades.

De todas estas determinações faz sciente a cada um dos Ordinários da Nação Brasileira a S: Congr. Por ordem de S. Santidade e mui da que elas sejam inviolavelmente guardadas e observadas por todos aquelles a quem competir o presente decreto, não obstante quaisquer cousas em contrário.

Dada em Roma no palácio da S. Congr. Do Conc. No dia 16 de Agosto de 1894

(ass.) A . Cardeal di Pietro, Perfeito

L. Salvati, Setret<sup>o</sup>s”

Convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo – *Crônicas do Convento (1918)*.

Inédito.



**Doc. 51**

1910, Outubro ,19, Penedo

ORDEM DO GUARDIÃO DO CONVENTO FRANCISCANO DO PENEDO PARA QUE SE CONSERVASSE ABERTA A GRADE QUE ISOLAVA A CAPELA DA ORDEM TERCEIRA.

**(fl. 25 v.º)**

“Frei Hippolyto, seus auxiliares Frei José e Calos e os irmãos leigos Mariano, cozinheiro, Bernardo, porteiro, Fabião o sacristão formavam a sua grei. Logo no dia após da sua posse (19 Ou.<sup>bro</sup>) ordenou que se conservasse aberta a grade que isolava a capella da Ordem. N’ella de accordo com o irmão ministro José Vieira de Figueiredo collocaram-se os confessionários por falta de lugar na igreja do convento. Pedindo elle (ministro) um lugar para guardar os andores, pertencentes á ordem terceira, no que o superior consentiu.”

“ ...

– no dia 5 de Março a Ordem Terceira fez a procissão de cinza (felizmente a última vez) acontecendo que o que fazia o papel da morte com a fouce feriu ou quis ferir alguém \pelo que/ achou depois o dito franqueada a entrada na cadeia.”

“ ....

*Crônicas de Penedo – Livro I : 1903-1930, fl. 25 v.º Convento de São Francisco.*

Inédito.

**Doc. 52**

1911, Penedo

A PRIMEIRA TREZENA DE SANTO ANTÓNIO REZADA NO CONVENTO; ENTRADA DE PROFESSOS TERCEIROS.

**(fl. 26)**

“Se fez a trezena de Santo António à noite. No dia de Santo António, houve profissão e entrada na Ordem III.”

“ ...

Livro *Crónicas de Penedo – Livro I : 1903-1930*, fl. 26. Convento de São Francisco.

Inédito.

**Doc. 53**

1913, Agosto, 31, Penedo

BÊNÇÃO DE IMAGENS FABRICADAS EM PARIS.

**(fl. 27 v.º)**

“No dia 31 (Agosto 1913) se fez a bênção das imagens S. Luiz e S. Isabel, padroeiros da Ordem III que os desta ordem mandaram vir de Paris.”

“ ...

Livro *Crônicas de Penedo – Livro I : 1903-1930*, fl. 27. Convento de São Francisco.

Inédito.

**Doc. 54**

1915, Penedo

OS FRADES ACOLHERAM-SE À CAPELA DA ORDEM TERCEIRA ENQUANTO O SEU TEMPLO ESTEVE EM OBRAS.

**(fl. 28 v.º)**

“Foi este anno um de notáveis transformações materiais. Veio em 19 de Março da Bahia um leigo fr. José Jost para fazer alguns concertos no telhado da igreja e no interior do convento...entrou em obra a nave da igreja e previsto de 22 de Abril a 20 de Junho refugiámo-nos na da Ordem III...”

Livro *Crónicas de Penedo – Livro I: 1903-1930*, fl. 28 v.º Convento de São Francisco.

Inédito.

**Doc. 55**

1917, Penedo

CIRCULAR PARA PROVIMENTO DE PROPAGANDA À ORDEM TERCEIRA.

**(fl. 34 v.º)**

“ ...

Em obediência à circular do R. P. Provincial de 3 de Abril p. p. para se propagar a Ordem III, iniciou-se para mais consolidar este instituto em Penedo um curso de instrução para os noviços que tem lugar, no 4 domingo de cada mês à 11 horas na igreja do convento. Que já recomendava em 1901 o Rmo. Min. Geral Fr. Luís Lauer e o que ordenam os estatutos gerais e a encycl. *Acerbo nimis* de Pio X o catecismo aos pequenos e em uso na nossa igreja até 1914...”.

Livro *Crônicas do Convento (1917). Convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo.*

Inédito.

**Doc. 56**

1918, Penedo

RESUMO DE ACÇÕES EFECTUADAS PELOS FRADES DO CONVENTO EM RELAÇÃO AOS TERCEIROS.

“ ...

“Instruções para os noviços da Ordem III oito.”

....”

Livro *Crónicas do Convento (1918)*. Convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo.

Inédito.

**Doc. 57**

1918, Penedo

NOTÍCIA DE AGRADECIMENTO À PRESENÇA DA ORDEM TERCEIRA EM CERIMÓNIAS FÚNEBRES DE UM FRADE DO CONVENTO.

**(fl. 36)**

“... Agravou-se o estado de frei Vicente e no 25 foram-lhe administrados os s. Sacramentos que elle já pedira no 23, fallecendo no 28 às 2 ½ da madrugada...”.

Recebemos hontem (*sic*), do virtuoso Frei Peregrino, guardião do Convento de São Francisco, desta cidade, expressiva carta ...” “.. pede-nos tornar extensivo o testemunho de gratidão...”  
“... à Ordem 3.<sup>a</sup> convidando para a missa do 7.<sup>o</sup> dia na igreja do Convento.”

“...”

Livro *Crónicas do Convento (1918). Convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo.*

Inédito.

**Doc. 58**

1918, Outubro, 4, Penedo

INFORMAÇÃO SOBRE O NÚMERO DE TERCEIROS ENTRADOS NO CONVENTO DO PENEDO.

**(fl. 35 v.º)**

“... No dia 4 de Outubro pontificou pela 1ª vez depois do dia da posse na nossa igreja D. Jonas Batinga e ofereceu-se para officiar também a noite no Trânsito e Tedeum. Foi numerosa a entrada na Ordem III (26 pessoas).”

*Livro Crônicas do Convento (1918). Convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo*

Inédito.



**Doc. 59**

1918, Penedo

INFORMAÇÃO SOBRE A PROCISSÃO DE CINZA EFECTUADA NO PENEDO EM 1826, QUE LEVOU À FRENTE O GUIÃO DA ORDEM TERCEIRA; DESPESA COM A DITA PROCISSÃO DE CINZA.

**(fl. 38)**

“Procissão de cinzas (Cfr. Fl. 21 e 25 v)

A Gazeta Local «Penedo» 6 de Março de 1879.”

“ ...

**(fl. 38 v.º)**

«inegável que estava imponente o acto, divisando-se na frente Guião da Ordem III, que dirigia a procissão e sobre o qual estavam gravadas as iniciais S.P.Q.R. – *Salva populum quem redemisti* – Salva povo que remiste. Seguia-se de imediato ao pendão a figura da morte, na forma de esqueleto, com ampulheta, matraca, foce (*sic*) e a legenda *Finis*».

“ ...

... os seguintes andores, sendo o 1.º o de S. Rosa de Viterbo; o Senhor Glorioso dando a São Francisco cinco moedas no Monte Alverne como symbolo (*sic*) das 5 chagas; 3.º em fim S. Luiz, Rei da França, confessor da Ordem III;...”

“ ...

Como em último Plutão e constituindo a derradeira parte da procissão saíram em desfilada..... a corporação da Ordem III ...”

“ ...

**(fl. 39)**

«fim do artº da Gazeta Penedo. – A primeira procissão foi feita pela Ordem III (direito privativo e maior glória e acto mais essencial della) a 6 de Abril de 1789. –

Despesa com a dita procissão de cinza em 1826 tirado, do L.º de receita e despesa da vener. Ord. III fl. 32 v.º

C.<sup>as</sup> de sedas compradas em Pernambuco 74 na dita praça, 20 nesta villa 63\$000.

Idem de mais miudezas vindas da dita praça como da Rt<sup>a</sup> 95\$780

" panos p<sup>a</sup> almofadas dos andores feitio e retroz 6\$400

" pregos e 2 tábuas p.<sup>a</sup> concerto dos andores 3\$680

" 2 milheiros de brocas e 8 cartas de alfinetes 3\$680

" que importa a roupa e galão p.<sup>a</sup> o Tirano 7\$490."

Livro *Crônicas do Convento (1918). Convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo.*

Inédito.

**Doc. 60**

1918/1919, Penedo

ANEXAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE CARIDADE À ORDEM TERCEIRA DO CONVENTO FRANCISCANO DO PENEDO, A OBRA DOS TABERNÁCULOS. REGULAMENTO QUE A COLOCA SOB A ÉGIDE DA ORDEM TERCEIRA.

**“(fl. 36 v.º)”**

Por uns dias estive aqui pelo Natal Fr. Bartholomeu Scheer. Nos dias 29 a 31 de Dezembro fizemos o Tridus Eucharístico (*sic*) bem concorrido em que apresentou-se a fundação da Obra dos Tabernáculos para Igrejas (*sic*) pobres, obra esta a ser anexada (*sic*) à Ordem III.”

“....

**(fl. 46 v.º)**

Regu/ (fl. 47) lamento. – este foi aprovado em 7 de Abril pelo rev. Pe. Comissário, que o apresentou também ao rev. P. Provincial que depois de o ter lido autorizou o mesmo Comissário da Ordem III de o dar por aprovado. Reza o mesmo cap. I art.º 2 que faz parte integrante da Ord. III esta secção da Obra dos Tabernáculos razão de ficar em tudo dependente dos Superiores da mesma Ordem pelo que assiste-lhe o direito do cânon 690 § 2. – conta 97 associados.”

Livro *Crónicas do Convento (1918; 1919). Convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo.*

Inédito.

## Doc. 61

1919, Penedo

A DECADÊNCIA NA ORDEM TERCEIRA APÓS A MORTE DE FREI CAMILO NO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS NO PENEDO E O ESFORÇO EMPREENDIDO PARA A REVITALIZAR EM MOLDES NOVOS; NÚMERO DE TERCEIROS DE 1686 A 1918.

(fl. 47)

“**Ordem III antiga** Muito nos tem preocupado o estado triste, desanimador em que ainda se conservava este instituto seráfico. Depois da morte do R. Frei Camillo (1904 2. XI), quando F. R. Peregrino governava o convento não só quiz restabelecer a vida claustral, mas reformar desejava a Ordem III em mesa convocada propoz suas ideias de reforma, exigindo como era natural que os Irmãos, pertencentes á Mçonaria abjurassem reabandonassem essa seita e diversos, os corypheus na Ordem, no dinheiro e talvez também \nas lojas/ os ven. [III]<sup>30</sup> levantaram-se, declarando que não o podiam / (fl. 47 v.º) atender (*sic*) e preferiram retirara-se da Ordem já que eram considerados eliminados. E foram-se diversos. Sendo \esses/ os mandões, os corypheus (*sic*) foi um choque forte, abalo que fez estremecer o edifício de forma que o sucessor Frei Casimiro (1906) não quiz bulir com esta casa, que julgava, de maribondos e não houve mais meza (*sic*). Até que em Dezembro de 1907 Frei José convocou uma mesa para tratar da reforma (já não havia mais um exemplar da Regra) apresentou-lhes a Regra reformada por Leão XIII para ao menos \se/ saber o que se professava etc. – Frei José esforçou-se para conduzir neste grupo, relíquia de dois séculos, novos membros dotados da melhor vontade para fazer se erguer esta planta cahida no jardim do Seraphim Humanado (*sic*) d’Assis. Esforço igual fizeram os demais superiores. Os elementos antigos \a/ maioria, ia a caminho de sempre, não havia quem conhecesse de veras a missão da Ordem III e assim a Ordem qual planta rasteira, não se podia erguer e tornar uma árvore frondosa para obrigar na sombra benéfica da sua folhagem almas muitas, ardente.<sup>te</sup> (*sic*) desejando a virtude, a felicidade celeste, ....”

“ ...

---

<sup>30</sup> No texto aparecem três pontos em pirâmide para assinalar *terceiros*.

Encontrou-se casualmente só uma collecção (*sic*) de leis do Estado o compromisso da Ordem III aprovado em 1853, cujo original achou-se também no arquivo (*sic*), já entregue ao esquecimento pelo Requicacat in pace que há tempo lhe cantaram. Frei Peregrino neste anno (*sic*) convocou uma mesa conjuncta (*sic*), franqueando o acesso a todos os Irmãos para tratar-se da reforma do tal compromisso mui insufficiente (*sic*) e não conforme com as necessidades e práticas hodiernas, nem concordantes com o modo Direito canónico e da Regra, notificada por Leão XIII para os Seculares em Maio de 1883. houve lugar a mencionada mesa em 23 de Março e bem [alho] acolhida a ideia nomeou-se uma comissão que preparar \devia/ um novo Copromisso, que apresentado em mesa e discutido e appro/ (**fl. 48**) /vado remeter-se-ia ao Rmo. P. Provincial para sancional-o (*sic*) e dar-lhe força de lei....”

“ ...

No dia 14 de Dez.<sup>bro</sup> houve a 1.<sup>a</sup> entrada depois da novíssima reforma .... Accrescento (*sic*) à estatística pessoal da Ordem III desde a fundação até a introdução da reforma (4 de Out.<sup>bro</sup> 1919): Do anno (*sic*)

|             |            |    |        |     |          |                   |
|-------------|------------|----|--------|-----|----------|-------------------|
| 1686 -1786  | Sacerdotes | 73 | Homens | 632 | Mulheres | 311               |
| "           | "          | "  | 10     | "   | 150      | " 104 (agregados) |
| 1787 – 1886 | "          | 24 | "      | 868 | "        | 409               |
| "           | "          | "  | 18     | "   | 47       | " 28 ( " )        |
| 1887 – 1918 | "          | 1  | "      | 30  | "        | 9                 |
| "           | "          | "  | —      | "   | 5        | " 2 ( " )         |
|             |            |    |        |     |          |                   |
|             | Total      | "  | 126    | "   | 1732     | " 863             |

Summa Summarum : **2721** membros (incl. Os agregados)

Existem actualmente:

Homens 20 (residentes na cidade) Mulheres 10 (reside. na cidade)

" 12 " fora " " 6 " fora

**Total** : 48 membros professos”

*Convento de Nossa Senhora dos Anjos no Penedo – Crónicas do Convento (1919).*

Inédito.

**Doc. 62**

[19..], Penedo

INFORMAÇÕES CONSTANTES DO LIVRO DE TOMBO DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO NO CONVENTO NOSSA SENHORA DOS ANJOS DO PENEDO: CONSTITUIÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE; PROCEDIMENTOS LITÚRGICOS PARTICULARES DA IRMANDADE.

**(p. 306)**

## 6.º CAPÍTULO

### VI – ORDENS, IRMANDADES E CONFRARIAS

#### 01. Ordem Terceira de São Francisco

##### 1.1. Livro de Tombo da Venerável Ordem Terceira...

“...

**(p. 314)**

#### ZELO ZELATUS SUM PRO DOMO DEO

Essa fraternidade era constituída de homens e senhoras da elite econômica da comunidade penedense, até o início deste século. Foi uma fraternidade muito atuante, mui embora tenha havido crise, conforme nos é apontado no texto que segue...”

**(p. 315)**

“... Os Atos da Semana Santa eram ali também celebrados com pompa litúrgica. Havia um privilégio secular concedido pela Sé de Olinda que era celebração da missa «privada para os irmãos terceiros na quinta-feira santa às 4 horas da manhã» antes do ato litúrgico oficial da Missa IN CEONA DOMINI que deveria ser às sete horas da manhã. ...O altar onde se celebrava essa missa privada era vedado aos demais fiéis por uma cortina que separava a nave da capela da Ordem III da sua capela-mór onde estava armado o SANTO SEPULCRO. A missa privilegiada era celebrada no altar lateral de Nossa Senhora das Dores e dela somente os terceiros podiam participar, todos vestidos de veste talar. O privilégio dessa missa era para os terceiros; montávamos vigilância para que outras pessoas não levantassem a cortina para

observar o ritual privado dos terceiros. Essa nossa atitude causava uma curiosidade desmedida aos frequentadores da Igreja conventual....”

“... ”

Na capela da ordem III era armado, suntuosamente, o altar do Santo Sepulcro para adoração eucarística que ia das 09 da manhã da quinta-feira até às 07 horas da sexta-feira santa. Antes de ser retirada a cortina que escondia a ornamentação do altar havia um total segredo. Mesmo assim, curiosamente, éramos surpreendidos com «olheiros» vindos da catedral que, furtivamente, espionavam....”. “O importante era apresentar a mais rica ornamentação. Foi o comportamento de uma época, errado, evidentemente, mais estava dentro do espírito da religiosidade que Penedo herdou de outras paragens deste Brasil. A rivalidade entre Ordens III e Irmandades é um fato infungível na História Religiosa Brasileira na fase colonial....”

“... ”

Um outro fato que marca esta fase; era o problema da precedência da Ordem III ante as demais confrarias e irmandades nas procissões. A situação chegou a tal ponto, pois a irmandade do/ (p. 316) SS. Sacramento reclamava para ela o lugar de destaque junto ao palio, que houve a necessidade da interferência do Bispo de Olinda.... **Ser terceiro era uma elite....”**

“... Houve atritos mesmo com a declaração do Bispo de Olinda: «Foi ultimamente decidido pela Santa Sé que as Ordens Terceiras têm precedência sobre qualquer Irmandade ou Confraria....”

Biblioteca F. A. Sales – Penedo. Compilação de Documentos Avulso - *Livro do Tombo da Venerável Ordem Terceira do Convento Franciscano do Penedo*, Volume I.

Leitura nossa.



## Doc. 63

1919, Outubro, 4, Penedo

ACTA DE ABERTURA DO LIVRO DO TOMBO DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO NO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS DO PENEDO.

*“Livro do Tombo  
da venerável Ordem III<sup>31</sup>*

---

Neste livro do Tombo se escreverá o historico da nossa Ordem registrar-se-há n’elle a estatistica pessoal, o inventario, transcrevendo-se os documentos, títulos de renda etc. que por compra, doação ou legado forem adquiridos pela mesma, lançar-se-há o movimento das obras pias promovidas pela Ordem e annualmente o resultado da caixa, copiar-se-hão as portarias e ordens emanadas da autoridade eclesiástica e civil no que interessar possa a Ordem, e provimento das visitas canónicas, o termo da eleição da directoria, necrológios etc. emfim tudo que possa ser de interesse e util para no futuro constar.

Este livro deverá ser apresentado ao Prelado visitador por ocasião da Visita pastoral e toda vez que os Superiores da Ordem o requeiram.

— Vae este livro, de accordo com o arti[go] 20 n.º 12 do nosso Regulamento, ser rubricado pelo Irmão Ministro. —

Penedo [ C]onvento de N. Snra. dos Anjos aos 4 de Outubro de 1919

Frei Peregrino ofm.<sup>32</sup>  
G.ão e Commissário”

---

<sup>31</sup> Damos notícia da leitura deste documento manuscrito, com autoria de Ernani Mero. *Templos Ordens e Confrarias. História Religiosa de Penedo*. Maceió : Sergasa, 1991, p. 308. Nesta leitura o autor pôs em Português corrente palavras de escrita antiga: transcreveu *registrar-se-á* em vez de *registrar-se-há* (linha 3) no original, *lançar-se-á* em vez de *lançar-se-há* (l. 5), *copiar-se-ão* em vez de *copiar-se-hão* (l. 6), *enfim* em vez de *emfim* (l. 6); *Vai* em vez de *Vae* (l. 14); prescindiu do apóstrofo em n’elle (l. 3); não manteve a correspondência letra a letra, não transcrevendo as consoantes duplas de *annualmente*, *ocasião*, *commissário* (linhas 6, 10, 16); colocou sinais diacríticos com função fonética, onde eles não existiam no original, como em *histórico*, *estatística*, *útil* (ll. 3, 9); resolveu duas pequenas lacuna sem referenciar a sua reconstituição (ll. 12, 14); desdobrou a abreviatura *G.ão* em *Guardião* (l. final); suprimiu a frase *pastoral e toda vez que os Superiores da Ordem o requeiram* (ll. 10, 11).

<sup>32</sup> Assinatura.

*Livro de Tombo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Convento de Nossa Senhora dos Anjos do Penedo.* Arquivo do Convento de Nossa Senhora dos Anjos do Penedo.

Leitura nossa.

**Doc. 64**

1943, Agosto, 17, Recife

OFÍCIO ENVIADO PELO ENGENHEIRO RESPONSÁVEL PELAS OBRAS DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO E DO CONVENTO, PARA A DIRECTORIA DO IPHAN DO RECIFE.

“Recife, 17 de Agosto de 1943

Of. 50/43

Snr. Diretor:

1.

No convento de São Francisco os trabalhos de talha da Capela da Ordem III continuam.

2.

Todas as portas das tribunas desta capela já estão completamente assentadas.

3.

A pavimentação de tijolo do claustro foi toda refeita e estão em fase de conclusão.

4.

As cercaduras da cantaria das janelas do antigo refeitório do convento, estão sendo reparadas; já se achando prontas várias [.....].

5.

Os serviços para a instalação da nova cozinha já foram iniciados.

6.

No próximo verão começaremos os trabalhos da cobertura da capela da oração.

7.

Servimos do presente ensejo para apresentarmos a V. Ex.<sup>a</sup> cordiais saudações.

Ayrton Carvalho”

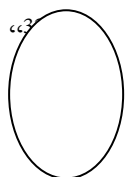
Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.<sup>a</sup> de São Francisco – Obras e Serviços.*  
Pasta 0.3.1.

Inédito.

**Doc. 65**

1947, Maio, 23, Recife

CARTA DO MINISTRO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE A INFORMAR O IPHAN QUE O CLAUSTRO DA ORDEM ESTÁ DANIFICADO PELAS CHUVAS E SOLICITAR AUTORIZAÇÃO PARA REPARAÇÃO.



"Secretaria da Venerável Ordem 3.<sup>a</sup> do Seraphico P. S. Francisco do Recife

Em 23 de Maio de 1947

Ilmo. Snr.

Chefe do 1.º Distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

NESTA

Cordiais saudações.

Prezado Senhor,

Necessitando o Claustro desta venerável da Ordem III.<sup>a</sup> de diversos consêrtos cujas causas são motivadas pelas últimas chuvas caídas nesta cidade, e querendo zelar pela boa conservação do [Edifício] solicito de V. S. a prévia autorização para poder providenciar a execução de ditos consertos.

Aproveitando a oportunidade apresento a V. S. os meus protestos da mais alta estima e distinta consideração firmando-me mui

ATENCIOSAMENTE,

Roberto de [ ] Moreira<sup>34</sup>

Ministro”

<sup>33</sup> Timbre oval com as armas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Recife.

<sup>34</sup> Assinatura.

Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.<sup>a</sup> de São Francisco – Obras e Serviços.*  
Pasta 0.3.1.

Inédito.

**Doc. 66**

1949, Abril, 26, [Recife]

OFÍCIO DO CHEFE DO 1.º DISTRITO DO DPHAN DO RECIFE PARA O DIRECTOR GERAL DAQUELA INSTITUIÇÃO SOBRE A COMUNICAÇÃO QUE LHE FORA FEITA PELO GUARDIÃO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS NEVES EM OLINDA, ALERTANDO PARA A NECESSIDADE DE OBRAS DE PROTECÇÃO DOS ELEMENTOS ARTÍSTICOS DO COMPLEXO, INCLUINDO AS INSTALAÇÕES DA ORDEM TERCEIRA.

“OF. 64/49

26 de Abril de 1949

Snr. Director Geral :

“Comunicamos a Va. Sa. Que, o actual guardião do Convento de N. S. das Neves, esteve na sede deste Distrito, informando-nos que alguns painéis de azulejos, que revestem várias paredes do Convento estão, em certos trechos, se despegando, na iminência de caírem as suas peças, como já aconteceu a um dos existentes nas paredes do Claustro.”

“ ...

Aliás convém aqui ressaltar que o estado de estabilidade do madeiramento do forro e da cobertura da Ordem IIIª não é bom.

Tememos muito que venha a ruir; se tal suceder o prejuízo será incalculável, em se tratando de obra do maior interesse artístico.

Julgamos aconselhável escorá-lo e estamos em entendimento com os dirigentes da Ordem IIIª, para sondar de quanto poderia ela dispor para os trabalhos. De outro lado, juntamente com os irmãos da Ordem IIIª, tentaremos conseguir uma subvenção da Câmara Municipal de Olinda e do Governo do Estado, para ajudar as obras imprescindíveis.

....”

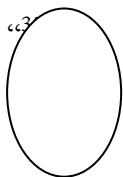
IPHAM – Arquivo de Obras – Pasta *Convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda*.

Inédito.

**Doc. 67**

1949, Junho, 19, Recife

CARTA DO MINISTRO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE DIRIGIDA AO IPHAN A INFORMAR QUE PRETENDE EXPANDIR O ESPAÇO DO OSSÁRIO, PARA CONSTRUÇÃO DE MAIS JAZIGOS.



“Secretaria da Veneravel Ordem 3.<sup>a</sup> do Seraphico P. S. Francisco do Recife

Em 19 de Junho de 1949

Exmo. Ilmo. Snr. Dr. Delegado do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico nacional, neste Estado.

A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE, pretendendo ampliar o número de jazigos do seu ossuário, conforme planta inclusa, vem pedir a aprovação da mesma e, conseqüentemente, autorização para os devidos serviços, por essa delegacia.

Pede deferimento Recife, 19 de Junho de 1949

[Ministro António Coutinho] [assinatura sobre três Selos da Tesouro Nacional]

21-6-49

[...]

8/7/49”

Arquivo de Obras do IPHAN. *Ordem Terceira de São Francisco. Assunto: Projectos Analisados*. N. de Código - Pasta 0.01.1.

Inédito.

<sup>35</sup> Timbre oval com as armas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Recife.



**Doc. 68**

1949, Julho, 8, Recife

CARTA DO ENGENHEIRO RESPONSÁVEL PELAS OBRAS DE AMPLIAÇÃO DO OSSÁRIO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE, ENVIADA AO DIRECTOR GERAL DO DPHAN.

“OF. 98/49

8 de Julho de 1949

Chefe do 1.º Distrito da D.P.H.A.N.

Diretor Geral

Ossuário da Ordem IIIª de S. Francisco

Snr. Diretor Geral:

Estamos remetendo a V.ª S.ª, cópia do projeto apresentado pela venerável Ordem III.ª de S. Francisco do Recife para merecer a devida aprovação dessa Diretoria e referente à ampliação do número de jazigos existentes no seu ossuário.

A ampliação consiste no aproveitamento de certos trechos da área descoberta, que será toda recoberta em plano mais alto, deixando em derredor uma abertura, destinada à iluminação do recinto, à maneira de lanternim.

O ossuário existente é uma dependência mais ou menos recente de grandes dimensões, ligada à galeria da capela dourada e se desenvolvendo no terreno interno da Ordem III.ª.

A sua localização e dimensões podem ser verificadas na prancha do levantamento geral do pavimento térreo do convento de S. Francisco (St.º António) do Recife, existente no arquivo dessa Diretoria.

No nosso modo de ver, pode-se dar a licença solicitada, a título precário, pois o ideal seria a demolição de todos os acréscimos e dependências (*sic*) que desfiguram o partido da planta das construções antigas.

Verdade é que, a cobertura do lanternim, agravará mais ainda o mau aspecto já existente.

Atenciosamente,

Ayrton Carvalho<sup>36</sup>  
Ayrton Carvalho  
Chefe 1.º Distrito da D. P. H. A. N.

Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.ª de São Francisco – Obras e Serviços.*

Pasta 0.3.1.

Inédito.

---

<sup>36</sup> Assinatura.

**Doc. 69**

[195-], [Recife]

DADOS HISTÓRICOS, PATRIMONIAIS, ARQUITECTÓNICOS E ARTÍSTICOS SOBRE O CONVENTO FRANCISCANO DE OLINDA E CAPELA DA ORDEM TERCEIRA.

**(s. fl.)**

“IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DAS NEVES

§§§ O templo, situado em Olinda, é constituído pela Capela, Casa de Oração e Claustro dos Terceiros franciscanos e mais o Adro, o Cruzeiro fronteiro e toda a área da antiga cer<sup>37</sup> conventual.

Localiza-se na Ladeira-de-São-Francisco (*sic*), bem próximo do Alto-da-Sé (*sic*), de onde se descortina uma ampla paisagem de Olinda, com o casario e as Igrejas a surgirem de entre a vegetação, o Recife, mais ao longe.

A construção foi iniciada em 1585, tendo sido autor do projecto Frei Francisco dos Santos.

É inscrita nos livros de Tombo da Secretaria do Património Histórico e Artístico Nacional, sob número [189- Livro Belas Artes, fls. 33 em 22 de Julho de 1938.]

Por ocasião do ataque das [[t]]ropas holandesas a Olinda o Convento foi seriamente danificado e abandonado pelos Frades. Depois da restauração pernambucana, voltou a ser habitado, fazendo-se as necessárias obras para repô-lo em seu aspecto anterior.

Segundo um cronista, “tornou-se no século XVIII um dos mais belos e nobres conjuntos arquitetóticos<sup>38</sup> erguidos no Brasil.”

Há que se destacar a Capela do Capítulo e a Sacristia onde, agora, a 4.<sup>a</sup> Regional da Fundação Nacional Pró-Memória realiza importantes obras de consolidação das fundações.

De 1952 a 1956 a Secretaria do Património Histórico e Artístico Nacional ocupou-se em vários trabalho, ocasião em que foram refixados os painéis de azulejo do claustro, que “é

---

<sup>37</sup> *Sic*. Em vez de *cerca*.

<sup>38</sup> *Sic*. Em vez de *arquitectónicos*.

cercado por galerias com arcadas apoiadas em colunas de pedra da ordem toscana, piso em lajotas e paredes revestidas de azulejos.”

A igreja é em estilo barroco apresentando Nave única<sup>39</sup> e capela lateral com frontispício dividido horizontalmente em três partes.”

“ ...

**(s. fl.)**

Forro em gamela, pintura sobre painéis, azulejos azuis e brancos, do século XVIII, decoram as paredes da Nave.”

IPHAN do Recife – Arquivo de Obras. Pasta *Olinda*.

Inédito.

---

<sup>39</sup> *Sic.* Em vez de única.

**Doc. 70**

1952, Outubro, 13, Recife

OFÍCIO DIRIGIDO À DPHAN – 1.º DISTRITO, SOBRE BENEFICIAÇÕES NECESSÁRIAS NA ÁREA FRONTEIRA AO CONVENTO FRANCISCANO DE SERINHAÉM.

“Directoria do Património Histórico e Artístico Nacional – 1.º Distrito

Of. 208/52

13 de Outubro de 1952

Chefe do 1.º Distrito da D.P.H.A.N.

Director Geral

Pátio fronteiro ao Convtº de S. Francisco – Sirinhaém (*sic*)

Senhor Director Geral:

- 1 Prefeitura de Sirinhaém (*sic*) está interessada em beneficiar a área de terreno fronteiro ao Convento São Francisco, daquela cidade, e somente temos elogios para esse gesto tão oportuno.
- 2 Com esse fim solicitou e obteve da DOFSP., um projecto de claçamento (*sic*) e embelezamento do logradouro.
- 3 O terreno diante do Convento é acidentado, espaçoso e está delimitado em três das suas faces, sendo que, ao fundo, com a fachada da Igreja e lateralmente, por muros.
- 4 A fachada típica da Igreja do Convento Franciscano, como é sabido, desapareceu, o que é por todos os títulos lamentável. Ainda se encontram nas adjacências, peças da sua velha e artística portaria trabalhada.
- 5 Dispunha o Convento de um vasto adro, revestido de lages de pedras à maneira de outros exemplares nacionais, com degraus e rampa de acesso, que se alternavam, e um cruzeiro singelo que hoje ainda se ergue diante da fachada do templo.
- 6 O cruzeiro não está, rigorosamente, sobre o eixo longitudinal da nave da Igreja. Acha-se dele afastado cerca dele 0, 40 cm, diferença pequena e que, no julgar do Distrito, não justificaria deslocamento da peça, como é desejo dos padre fazê-lo.

7 No projecto feito pela DOFSP. Não se cogitou de estudar a solução primitiva do adro, havendo sido feito trabalho meramente técnico, visando a facilitar o acesso de veículos até á porta do Convento, deslocado, também e cruzeiros.

8 Não resta a menor dúvida qu a sugestão do projecto não foi a indicada para o caso, - o que merece estudo, - vendo a solução definitiva procurar preservar a fisionomia tradicional de pátio antigo, afastado qualquer tratamento impróprio.

9 Remetendo, anexo, o projecto elaborado pela DOFSP., - em que duas faixas de calçamento a paralelepídos (*sic*) estão previstas, - esperamos da DGR., o seu judicioso pronunciamento a respeito.

10 Junto à Prefeitura de Sirinhaém, tentaremos e avivamento dos remanescentes da solução primitiva do adro, solicitando-lhe seja colhida documentação fotográfica esclarecedora (*sic*) e abundante, que, remeteremos a essa directoria, buscando facilitar-lhe elementos esclarecedores aos estudos que fará do assunto.

Ayrton Carvalho<sup>40</sup>

Chefe 1.º Distº do D.F.S.P.

AC. / são”

IPHAN do Recife – *Arquivo de Obras : Cx. Serinhaém*

Inédito.

---

<sup>40</sup> Antecede a rubrica

**Doc. 71**

1962, Março, Recife

RELATÓRIO DE RESTAURO DAS PINTURAS DA CAPELA DOURADA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE; RELAÇÃO DOS PAINÉIS COM A DESIGNAÇÃO DOS SANTOS PELA ORDEM EM QUE FORAM TRATADOS.

(s.p.)

“RELATORIO

Quatro meses de trabalho na Capela Dourada da Ordem Terceira de S. Francisco.

21 de novembro de 1961 a 21 de março de 1962

Os quadros ou painéis que ora ornem as paredes laterais da Capela Dourada são em numero de trinta e um (31), distribuídos na seguinte ordem:

- a) – fila inferior, seis (6) quadros sendo três para cada lado;
- b) – fila do meio, treze (13) quadros, sendo seis (6) no lado direito de quem entra e sete (7) no lado esquerdo;
- c) – fila superior (*sic*) doze (12) quadros, sendo cinco (5) para cada lado e dois (2) de frente junto ao altar-mor.

Quanto ao tecto de forma abaulada, dividido em caixotões, contam-se vinte (20) painéis e mais dois (2) frontões, também pintados.

Temas das pinturas: Os trinta e um quadros das paredes, retratam alguns santos, sendo que dois deles encerram o martírio dos Franciscanos. Cada quadro possui uma legenda com o nome do santo. Os vinte painéis do teto são composições com várias figuras encenando passagens da vida de alguns santos, em sua maioria, não foram ainda indentificadas.

Técnica da pintura – Oleo sobre tabuas de cedro, de larguras variadas sendo algumas bem polidas e outras menos. Fundo ou base, em geral, de pigmento vermelho terroso ou ainda

em tonalidades mais claras nas carnações das figuras; alguns quadros todavia, não possuem fundo, sinão nas figuras, e o que acontece nos quadros da fila superior.

As taboas que se fixam nas molduras que são entalhadas e douradas \_ algumas foram justapostas umas ás outras em sentido horizontal e outras verticalmente.

Entre as (*sic*) pinturas das paredes e as do teto deparam-se características distintas: nas primeiras, as pinturas (*sic*) são tecnicamente superiores, à maior acabamento, maior riqueza de detalhes, finura nas tintas e pinceladas, maior polimento dos fundos e da madeira, os elementos ornamentais florísticos constituem uma constante nessas pinturas; mas segundas, as do teto, são mais toscas tanto na representação das cenas como na técnica, a pigmentação da tinta é grossa e irregular, os fundos em geral são vermelhos em película grossa. As figuras (*sic*) não são sempre bem proporcionadas e há uma grande pobreza de detalhes e elementos compositivos. Todos os painéis estão bastante repintados ou retocados. Todavia a recuperação dessas pinturas ainda não constarão desta parte do relatório.

Estado geral das pinturas: Este pode ser considerado relativamente bom, para os quadros das paredes laterais, salvo os vernizes bastante escurecidos ligeiros arranhões, e ou outro retoque. Entretanto dos quadros do teto não se pode afirmar o mesmo, verifica-se que aquelas pinturas foram muito danificadas.

Há uma ausência total de assinaturas nos quadros e também de dados referentes a eles. Segundo Fernando Pio, em 1777, o forro sofreu serios reparos, também o prof. Mario Nunes e o prof. Baltazar da Câmara contam terem eles, feito restaurações no forro a umas três dezenas de anos atrás. – Fato é que entre estas duas datas, muitos outros reparos e limpezas, devem ter sido feitas tal o desgaste que a maioria das pinturas apresentam; é possível que muitas veladuras e glaciés tenham desaparecido.

Em tempos idos, nas «Quaresmas», os quadros eram cobertos com panos, tal como ainda se usa fazer com as imagens, o resultado disso, é que todos eles apresentam uma quantidade apreciável de orifícios “feitos com pregos”, nas partes superiores das pinturas.

O craquelê nas pinturas, é visto muito raramente e quando são encontrados em geral são localizados nos vermelhos e lacas ou então negros e verdes.

Os quadros cujas taboas estão em sentido vertical não apresentam o acumulo de sujidade e poeira que apresentam os de taboas horizontais.



**(s. p.)**

Antes do início do trabalho de recuperação, todos os quadros foram fotografados.

Justificativa – como não estava programada .../”

“ ...

Relação dos painéis pela ordem em que foram tratados...”

“ ...

1.º) – S. Geraldo – (coro, lado esquerdo)...”

“ ...

2.º) - S. HIERONIMO D’ANCORA – (coro – lado direito)...”

“ ...

3.º) - OS MARTIRES FRANCISCANOS – (1.º O da fila inferior – lado esquerdo)...”

“ ... /

**(s.p.)**

4.º) - OS MARTIRES FRANCISCANOS – (1.º da fila inferior, - lado direito)...”

“ ...

5.º) - SANTA GILA – (1.º da fila do meio – lado direito)...”

“ ...

6.º) – SAN BONAVIDA - (3.º da fila do meio – lado direito)...”

“ ...

7.º) – SANTA BENVENUTA – (3.º da fila do meio – lado direito)...”

“ ...

8.º) – SÃO PEDRO CALDENSE – (4.º da fila do meio – lado direito)...”

“ .../

/9.º) – SANAT LUZIA DANURCIA – (1.º da fila do meio – lado esquerdo)...”

“ ...

10.º) – SAN JULIANO – 2.º da filado (*sic*) meio – lado esquerdo)...”

“ ...

11.º) - SANTA VERIDIANA – (3.º da fila do meio – do lado esquerdo)...”

“ ...

12.º) – (4.º da fila do meio – lado esquerdo) S. ROSTANHO...”

“ ...

13.º) – SANTA IZABEL R. DE PORTUGAL – (5.º da fila do meio do lado esquerdo)...”

“ ... /

**(s.p.)**

14.º) - S. PEDRO ROMANO MARTYR – (6.º da fila do meio - lado esquerdo)...”

“ ...

15.º) - S. RICARDO B. [MENTHEO LOGIA] – (8.º da fila do meio – lado esquerdo)...”

“ ...

16.º) - S. GUALTER BISPO – (6.º da fila do meio – lado direito)...”

“ ...

17.º) - S. BRUNO MARTYR – (5.º da fila do meio – lado direito) ...”

“ .../

**(s.p.)**

18.º) - CONSTÂNCIA – (3.<sup>a</sup> da fila inferior – lado esquerdo)...”

“ ...

19.º) - FÉ – (2.º da fila inferior do lado esquerdo)...”

“ ...

20.º) - ESPERANÇA – (2.º da fila inferior – lado direito)...”

“ ...

21.º) - CARIDADE - (3.º da fila inferior – lado direito)...”

“.../

**(s.p.)**

22.º) - S. IVO DOUTOR – (fila superior – lado esquerdo do altar)...”

“ ...

23.º) - S. LUIS REI DE FRANÇA – (5.º da fila superior – lado esquerdo)...”

“ ...

24.º) - S. ADRIANA – (4.º da fila superior – lado esquerdo)...”

“ ...

25.º) - S. PEDRO DEPODO – (5.º da fila superior – lado esquerdo)...”

“ ...

26.º) - S. HUMILIANA – (2.ª da fila superior . lado esquerdo)...”/

**(s.p.)**

27.º) - S. ICANNA DACEUS<sup>41</sup> – (2.ª da fila superior – lado direito)...”

“ ...

28.º) - S. TORRELO – (3.º da fila superior – lado direito)...”

“ ...

29.º) - S. MARGARIDA DE CORTONA – (1.º da fila superior – lado direito9...”

“ ...

30.º) - S. HENRIQUE R. DA DEDASSIA<sup>42</sup> (*sic*) – (5.º da fila superior – do lado direito)...”

“ ...

31.º) - S. GIACOME DELAUDE – (lado direito do altar)...”/

---

<sup>41</sup> *Sic*; parece-nos que, em vez de S. Joanna da Cruz.

<sup>42</sup> *Sic*; em vez de “R. da Decassia”.

(s.p.)

“ ...

C) Responsável: Fernando Barreto Fernando Barreto<sup>43</sup>

Recife , Março de 1962

Visto: Ayrton Carvalho<sup>44</sup>

Ayrton Carvalho

Chefe do 1.º Distrito Dphan”

Arquivo de Obras do IPHAN: DPHAN 1.º Distrito *Obra n.º 144 Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco - Relatório sobre a restauração de pinturas*. Março de 1962.

Inédito.

---

<sup>43</sup> Assinatura.

<sup>44</sup> Assinatura.

**Doc. 72**

1963, Dezembro, 18, Recife

RELATÓRIO DO RESTAURO DAS PINTURAS DO FORRO DA CAPELA DOURADA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE; DESCRIÇÃO GERAL, TEMA E TÉCNICAS DAS PINTURAS.

**(p. 1)**

“RELATÓRIO (2.<sup>a</sup> PARTE)

CAPELA DOURADA DA ORDEM TERCERIRA DE SÃO FRANCISCO

23 de março de 1962 à 18 de dezembro de 1963

(houve interrupções nos trabalhos, durante esse período)

A – Restauração dos quadros ou painéis que ornaram o forro da nave da igreja. São em número de vinte e um sendo os vinte primeiros, pintados em madeira e o último, em vitral.

B. – Dois painéis «frontões» que se situam nas extremidades / da nave, fazendo ligação com o forro. São pintados em madeira...”

“ ...

D – Reparação da estrutura do forro – substituição de peças reajustamento dos painéis...”

“ ...

**(p. 2)**

A – PINTURAS DO FORRO

DESCRIÇÃO GERAL DO FORRO: possuindo forma arqueada, é seccionado em vinte e um caixotões que se ligam uns aos outros, através de ricas molduras entalhadas e douradas. São em número de sete, no sentido longitudinal, e três na largura da nave. Os painéis, aó encrustados medem, numa média geral, 4 m.<sup>2</sup> cada um; são compostos de tábuas largas e envolvidos por molduras assim especificadas: primeiramente um friso liso, outro entalhado em forma de corda, ambos dourados; outro friso mais largo e plano, com fundo azul e pinturas ornamentais douradas com sombreamentos / pretos; o quarto friso é mais largo e apresenta

relêvo bastante acentuado com talhas simétricas, faz ligação com outro friso menor e outro último que completa a moldura, sendo este forma de folhas enfeixadas. Nos cantos, a talha é enriquecida com florões em pleno relevo, apresentando nas terminações a forma de pinha. O destaque destes florões, atinge mais ou menos a setenta centímetros.

Os vãos, nas extremidades, provocados abaulamento do fôrro, são preenchidos por dois frontões pintados em madeira.

Bem no centro do forro, se localiza o vitral, de Moser; foi uma adaptação recente e feito provavelmente para substituir a ausência de um dos painéis e permitir a entrada de mais luz no recinto da igreja.

TEMA DAS PINTURAS: não foram ainda identificados. As pinturas 7 se compõem de figuras (provavelmente de santos, ou irmãos terceiros), localizados a meio de paisagens campestres e interiores arquitetônicos. Os elementos florais, tão frequentes nas pinturas parietais da igreja, aqui, não se repetem.

TÉCNICA DA PINTURA: óleo sobre tábuas largas de cêdro e louro. O fundo ou base é quase sempre vermelho, todavia em certos lugares, não é encontrado.

A tinta usada originalmente, é de pigmentação bastante / granulosa e pouco pastosa (*sic*).

Superficialmente, os suportes são menos regulares e alisados dos que aquêles dos painéis parietais; as juntas das tábuas / e muitas partes estão bastante separadas, porém emassadas.

O tratamento dado a estas pinturas, em contraste com a dos painéis parietais, é sóbrio e irregular, apesar da relação / **(p. 3)** temática que possa existir entre as cenas, não simetria alguma.

A pintura é espontânea, as pinceladas quase sempre, aparentes, quando vistas de perto. Há uma certa rudeza e ingenuidade na maneira de compor e apresentar as figuras, estas, nem sempre são bem proporcionadas e as linhas perspectivas são deficientes. A pintura é bastante cromática, mas com uma certa / predominância dos vermelhos terrosos...”

“ ...

(p. 15)

RESPONSVEL Fernando Barreto<sup>45</sup>

Recife, 13 de Outubro de 1964”

Arquivo de Obras do IPHAN / DPHAN, 1.º Distrito. Obra n.º 144 – *Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco do Recife. Relatório sobre Restauração de pinturas*. Março de 1962.

Inédito.

---

<sup>45</sup> Assinatura.

**Doc. 73**

1963, Recife

OFÍCIO - CONVITE DO DIRECTOR DO 1.º DISTRITO DO IPHAN DIRIGIDO A EMPRESAS DE RESTAURO, COM PLANO PARA VÁRIOS TRABALHOS NA CAPELA DOURADA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE.

(s. p.)



“Ministério da Educação e Cultura  
Diretoria do Patrimônio Histórico Nacional – 1.º Distrito

Recife

ESPECIFICAÇÕES PARA OS SERVIÇOS A SEREM REALIZADOS EM DAVOR DOS SEGUINTE MONUMENTOS, LOCALIZADOS NO MUNICÍPIO DO RECIFE, ESTADO DE PERNAMBUCO: CAPELA DOURADA – ORDEM 3.ª DE S. FRANCISCO ...”, CONFORME OFÍCIO – CONVITE N.º 3/63

CAPELA DOURADA – ORDEM 3.ª DE S.- FRANCISCO

Restauração de pinturas, reparação de esquadrias e recomposição, e instalação elétrica.

1 – Restauração de pinturas:

- a) – Limpeza e restauração de 20 (vinte) painéis, de 2,00 x 2,00 m. aproximadamente a óleo, sobre madeira que compõem o teto em caixotões de arco abatido.
- b) – Limpeza e conserto de 1 (um) vitral, que substituiu, no centro do forro o painel que ali existiu, de 2,00 x 2,00 m.
- c) – Limpeza e restauração de 2 (dois) painéis de grande dimensão, de 7,00 x 1,00 m., situados acima da cimalha real e na cabeceira à entrada da Capela Dourada (painéis de arremate entre o forro de arco abatido e a cimalha).

---

<sup>46</sup> Timbre do Serviço Público Federal.



d) – Limpeza e aplicação, nas imagens, de verniz de cera a saber:

1 – altar principal. Em toda a superfície dourada do grande crucificado (cruz e imagem).

2 – altar do Evangelho. Senhor dos Passos

Cristo na coluna

Santo Ivo (Roca)

3 – altar da Epístola. N. S. da Soledade (Roca)

Santa Izabel

São Roque

4 – Remoção de pintura a óleo existente na superfície plana, de madeira, onde está fixada a cruz, no retábulo principal, e aplicação de decapé, marfim

2 – Remoção de esquadrias e recomposição:

a) – Remoção das portas envidraçadas das tribunas, em número de 10 (dez), com a dimensão de 2,30 x 1,40 m. cada.

b) – Remoção do verniz escuro e das tintas das folhas almofadadas das tribunas e dos vãos da porta do térreo, com aplicação de decape em tonalidade marfim.

c) – Remoção do verniz escuro e das tintas dos guarda-corpos das tribunas e varanda do côro, sendo 8 (oito) guarda-corpos de 1,40 x 1,00 m. e a varanda do côro com 8,00 x 1,40 m.

CONTINUA/

(s. p.)



Ministério da Educação e Cultura  
Diretoria do Patrimônio Histórico Nacional – 1.º Distrito

Recife

CONTINUAÇÃO I

d) – Recomposição das aduelas entalhadas das tribunas nas talhas correspondentes à remoção das esquadrias envidraçadas...”/

---

<sup>47</sup> Timbre do Serviço Público Federal.

(s. p.)



Ministério da Educação e Cultura  
Diretoria do Patrimônio Histórico Nacional – 1.º Distrito

“ ...

Ayrton Carvalho [assinatura]  
Ayrton Carvalho  
Chefe do 1.º Distrito do IPHAN”

Arquivo de Obras do IPHAN. *Ordem Terceira de São Francisco*. Assunto: *Processo, Contratação / Serviços*. N.º de código - Pasta 01.1

Inédito

---

<sup>48</sup> Timbre do Serviço Público Federal.

**Doc. 74**

1971, Julho, 20, Recife

PARECER DO IPHAN DO RECIFE SOBRE A REFORMA NECESSÁRIA NO EDIFÍCIO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE, PARA ABERTURA DE UM ACESSO EXTERNO À CAPELA DOURADA.

“REFORMA NA SECRETARIA DA ORDEM III.º (*sic*) DE SÃO FRANCISCO – ACESSO  
À CAPELA DOURADA

PARECER

A Reforma beneficiará em muito o acesso á Capela Dourada.

O piso elevado a ser acrescentado para o funcionamento da secretaria pode ser em concreto armado, uma vez que se trata de um acréscimo nitidamente distinto criado dentro do espaço antigo.

Quanto aos dois aparelhos do ar condicionado, ficarão segundo o projetista, do lado interno do vão, escapando à percepção visual externa.

A alteração da fachada, essa mudança da porta de entrada, criará uma simetria que se enquadra no estilo arquitetônico.

[.....]<sup>49</sup>

20/7/73”

Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.ª de São Francisco – Projectos Analisados*. Recife. Pasta 0.01.1.

Inédito.

---

<sup>49</sup> Assinatura ilegível.

**Doc. 75**

1972, Fevereiro, 18, Recife

CARTA DO IPHAN PARA O MINISTRO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE; CONSULTA A RESPEITO DA PINTURA DA FACHADA DO PRÉDIO ONDE FUNCIONA AQUELA ORDEM.

“027/72/D

chefe do 1.º Distrito do IPHAN

senhor Ministro da Venerável Ordem IIIª de São Francisco

opina sôbre emprêgo de tintas

18 de Fevereiro de 1972

Senhor Ministro:

Tardiamente, por motivo de acúmulo de trabalho, neste 1.º Distrito, acuso o recebimento do ofício de Vossa Senhoria, datado de 9 de Dezembro do ano recém-findo.

2. Trata-se de uma consulta a respeito da pintura da fachada do prédio onde funciona essa Venerável Ordem, à rua do Imperador.

3. Opina êste Distrito pelo emprego de tinta da côr branca-gêlo e nas paredes cor areia, nas molduras a verde-escuro, nas janelas; as cores a que me reporto têm as suas tonalidades indicadas na Cartalha Coral, podendo, porém, ser usadas tintas de quaisquer outras marcas, desde que apresentem as tonalidades já referidas; a pintura deverá, outrossim estender-se ao oitão do prédio, à rua Siqueira Campos.

4. Aproveito a oportunidade para chamar a atenção de Vossa Senhoria para o fato de terem sido colocados letreiros de cartórios e de outros estabelecimentos, sem a devida audiência deste 1.º Distrito.

Sem outro assunto, no momento, sirvo-me da oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria cordiais saudações.

Ayrton de Almeida Carvalho  
chefe do 1.º Distrito do IPHAN

Ao senhor Ministro da Venerável Ordem III.<sup>a</sup> do Seráfico P. S. Francisco do Recife, Rua do Imperador, Nesta”

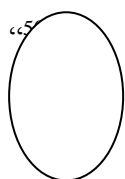
Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.<sup>a</sup> de São Francisco – Projectos Analisados*. Recife. Pasta 0.01.1.

Inédito.

**Doc. 76**

1973, Julho, 9, Recife

CARTA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE DIRIGIDA AO CHEFE DO 1.º DISTRITO DO IPHAN, RECIFE, A ALERTAR PARA A NECESSIDADE DE ABERTURA DE UMA ENTRADA DO EXTERIOR, DO ESPAÇO DA ORDEM TERCEIRA, PARA A CAPELA DOURADA.



Secretaria da Venerável Ordem 3.<sup>a</sup> do Seraphico P. S. Francisco do Recife

Em 09 de Julho de 1973

Ilmo. Senhoras e senhores: Chefe do 1.º Distrito do Instituto Património Histórico Artístico Nacional

Prezado Senhor:

De há muito carecia a Capela Dourada da venerável Ordem III de S. Francisco do Recife de acesso, do exterior condigno à grandeza da sua arte monumental. O acesso atual se faz através da secretaria da Ordem III, completamente desprovida de qualidades arquitectónicas à altura da nossa Capela Dourada.

No momento, encaminho a Vossa Ex.<sup>a</sup>, projecto do arquiteto José Luis Mota Menezes, em que se propõe melhor solução para o problema anteriormente exposto. No projeto que apresentamos se verifica na fachada e nos interiores maiores valorizações da arquitetura do prédio da Secretaria e Consistório e dignidade ao ambiente de entrada para a referida Capela, alcançada pelo claustro da Ordem III.

Na grande sala de entrada pretendemos a permanência de uma mini-exposição de imagens e pinturas inclusive do pre-púlpito removido daquela Capela quando das recentes

---

<sup>50</sup> Timbre oval com as armas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Recife.

obras de restauração. Dessa forma, o visitante terá uma melhor impressão que não a tem atualmente, ao contemplar o primor de arte, e historia que é a Capela Dourada.

Certos da compreensão de V. Ex.<sup>a</sup> das medidas que sugerimos, solicitamos aprovação para o presente projeto.

Cordialmente

VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE

[.....]<sup>51</sup>

Ministro”

Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.<sup>a</sup> de São Francisco – Projectos Analisados*. Recife. Pasta 0.01.1.

Inédito.

---

<sup>51</sup> Assinatura ilegível.

**Doc. 77**

1973, Julho, 24, Recife

CARTA DO IPHAN AO MINISTRO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE A SOLICITAR A ABERTURA DE ACESSO DIRECTO À CAPELA DOURADA DO LADO DA ORDEM TERCEIRA.

“INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTISTICO NACIONAL

1.º Distrito

Ofício n.º 120.73.D

24 de Julho de 1973

Recife, Pernambuco

Chefe do 1.º Distrito do IPHAN

senhor Ministro da Venerável Ordem 3.<sup>a</sup> do Seraphico P. S. Francisco do Recife

abertura do acesso direto á Capela Dourada

Senhor Ministro:

Reporto aos termos do ofício de Vossa Senhoria datado de 9 do mês corrente, a propósito da possibilidade de ser aberto acesso à Capela Dourada da Ordem III.<sup>a</sup> de São Francisco do Recife, evitando-se a passagem por outras dependências da Ordem.

2. Concorde este 1.º distrito com as vantagens decorrentes da abertura de acesso e apresenta as seguintes considerações a respeito:

a) – o piso elevado, a ser acrescentado para o funcionamento da secretaria poderá ser construído, uma vez que se trata de um acréscimo nítidamente distinto, criado dentro do espaço antigo;

b) – os dois aparelhos de ar condicionado ficarão segundo o projectista, do lado interno do vão, escapando, assim, à percepção visual externa;

c) – alteração da fachada decorrente da abertura da mudança da porta da entrada criará uma simetria que se enquadrará no estilo arquitetônico do monumento.



Apraz-me apresentar a Vossa Senhoria cordiais cumprimentos.

Ayrton Carvalho<sup>52</sup>

Ayrton de Almeida Carvalho

chefe do 1.º Distrito do IPHAN

Ao ilustre senhor Ministro da Venerável Ordem III.<sup>a</sup> de São Francisco do Recife,

Nesta

.../...”

Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.<sup>a</sup> de São Francisco – Projectos Analisados*. Recife. Pasta 0.01.1.

Inédito.

---

<sup>52</sup> Assinatura.

**Doc. 78**

1973, Julho, 26, Recife

CARTA DO IPHAN DO RECIFE PARA O DIRECTOR DO IPHAN NO RIO DE JANEIRO, A PROPÓSITO DA ABERTURA DE UMA ENTRADA PARA A CAPELA DOURADA, PARA FACILITAR AS VISITAS.

“INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

1.º Distrito

Ofício n.º 082.73.P

26 de Julho de 1973

Recife, Pernambuco

Chefe do 1.º Distrito do IPHAN

senhor diretor geral do IPHAN

projeto para abertura de uma porta de acesso à Capela Dourada, Re..

Senhor Diretor:

Apraz-me passar às mãos de Vossa Senhoria cópia da carta do Ministro da Venerável Ordem III.<sup>a</sup> de São Francisco do Recife, datada de 9 do corrente e de ofício 120.73.D, deste Distrito datado de 24 do corrente, ambos a propósito da abertura de uma entrada para a Capela Dourada, objeto de constantes visitas por parte de turistas, o que vinha interferindo com o funcionamento da secretaria e de outras dependências daquela Ordem III.<sup>a</sup>.

2. Remeto, outrossim, três (3) plantas referentes do mesmo trabalho, para conhecimento e apreciação de vossa senhoria.
3. Aprovei o projeto, «ad-referendum» dessa direção aguardando, agora, o pronunciamento de Vossa Senhoria, ouvidos os técnicos deste INSTITUTO.

Sem outro assunto, no momento, aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria, cordiais e respeitosos cumprimentos.

Ayrton Carvalho<sup>53</sup>

Ayrton de Almeida Carvalho

Chefe do 1.º Distrito do IPHAN

Ao ilustro Senhoras e senhores: Doutor RENATO DE AZEVEDO DUARTE SOEIRO

Digno. Diretor Geral do IPHAN

Rio de Janeiro

.../...”

Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.ª de São Francisco – Projectos Analisados*. Recife. Pasta 0.01.1.

Inédito.

---

<sup>53</sup> Assinatura.

**Doc. 79**

1973, Outubro, 2, Recife

OFÍCIO DO IPHAN DO RECIFE DIRIGIDO AO CHEFE DO 1.º DISTRITO DO IPHAN, SOBRE O PROJECTO DE ABERTURA DE UM ACESSO DIRECTO À CAPELA DOURADA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE.

“



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Of. n.º 2548

Em 2 de Outubro de 1973

Do Diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ao Chefe do 1.º Distrito do IPHAN

Assunto: Capela Dourada, em Recife – Pe

Senhor Chefe de Distrito:

Com referência ao projeto de abertura de um vão de acesso à Capela Dourada, em Recife encaminhado com seu ofício n.º 082.73.P, comunico-lhe que, ouvido a respeito, o Diretor da Divisão da Conservação e Restauração, manifestou-se favorável à aprovação do mesmo projeto, exceto quanto ao deslocamento do vão de entrada. Sugere, assim, seja mantida a forma original da fachada, por julgar que o problema de funcionamento da Secretaria da Ordem III de São Francisco ficaria solucionado com a simples transferência desse serviço para outro compartimento da edificação.

Na oportunidade, apresento-lhe minhas atenciosas saudações.

Renato Soeiro<sup>55</sup>

Renato Soeiro

---

<sup>54</sup> Timbre do Serviço Público Federal.

<sup>55</sup> Assinatura.

Ao Senhor

Dr. Ayrton Carvalho

Chefe do 1.º Distrito do IPHAN

Rua União n.º 87

[CCC] Recife – Pernambuco

CPS 008.”

Arquivo de Obras do IPHAN. Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.ª de São Francisco – Projectos Analisados*. Recife. Pasta 0.01.1.

Inédito.

**Doc. 80**

1976, São Cristóvão-Se

INFORMAÇÕES SOBRE O INTERIOR E A FACHADA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA CIDADE DE SÃO CRISTÓCÃO-SE

“M. E. S. – Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional

SERGIPE

SÃO CRISTÓVÃO - CONVENTO DE SÃO FRANCISCO”

“ ...

Capela da Ordem 3.<sup>a</sup> – fôrro pintado. Os altares são recentes. ....”

“ ...

À direita da igreja há um corpo de construções onde fica o salão da Ordem 3.<sup>a</sup>, com um bonito portal trabalhado na mesma pedra amarela do claustro. A pedra aí está pintada. Encimando o portal as armas de S. Francisco e a corôa. Todos os vãos dessa ala têm cercadura de pedra. Esta é a parte mais interessante do conjunto...”

IPHAN de Sergipe - Arquivo de Obras – SPPR. SUDOPE - Superintendência de Obras do Estado – Governo do Estado de Sergipe. *Programa integrado de Reconstrução das cidades históricas do nordeste – Museu de Arte Sacra e convento de São Francisco – Praça de São Francisco – São Cristóvão – Sergipe.* Projecto do Arquitecto José Wellington Costa. 03 Abril de 1976.

Inédito.

**Doc. 81**

1976, Março, 9, Recife, Pernambuco

CERTIDÃO DO TOMBAMENTO DO CONVENTO E IGREJA De NOSSA SENHORA DAS NEVES, COM A RESPECTIVA ORDEM TERCEIRA, INSERIDOS NO POLÍGONO DE PROTECÇÃO E, COMO TAIS, ATINGIDOS PELO TOMBAMENTO DA CIDADE DE OLINDA.

“SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
INSTITUTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO NACIONAL

**CERTIDÃO**

Em cumprimento ao despacho do senhor chefe do 1.º Distrito do INSTITUTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL exarado no requerimento do bacharel LUÍS VITAL DE FRANÇA FILHO, Certifico que a” “ e o CONVENTO E IGREJA DA NOSSA SENHORA DAS NEVES estão inseridos no polígono de protecção e como tais atingidos pelo tombamento, constante de Notificação número 1004, de 21 de Março de 1968, a qual foi comunicada ao Perfeito do Município de Olinda. O tombamento de um bem imóvel atinge «os móveis que nele se contém, inclusive as imagens dos santos», conforme foi decidido pelo Egrégio Tribunal Federal de Recursos na Acção Cominatória 21.477, publicada no Diário da Justiça de 20 de Março de 1970, página 950. CERTIFICO mais que idêntico pedido de certidão foi feito à direcção geral do INSTITUTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, no Rio de Janeiro.”

“ ...

...exarado o seguinte despacho: «certifique-se o que consta da notificação número mil e quatro de vinte e um de Março de mil novecentos e sessenta e oito, que abrange a explícita e implicitamente, no conjunto arquitectónico da Cidade de Olinda, Estado de Pernambuco, o convento de Nossa Senhora das neves (franciscano) .... Certifique-se, outrossim, o que consta da notificação número duzentos e um, de vinte e seis de Maio de mil novecentos e trinta e oito, relativamente ao tombamento individuado da igreja e Convento de Nossa Senhora das Neves. Certifique-se o que consta da inscrição número cento e oitenta e nove, da folha

número trinta e três do Livro do Tombo das Belas Artes, relativamente ao Convento de Nossa Senhora das Neves, bem como da inscrição número quarenta e quatro, da folha número/ (fl. ?) / treze do Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, da inscrição número quatrocentos e doze, da folha sessenta e seis do Livro do Tombo Histórico e da inscrição número quatrocentos e oitenta e sete da folha, número oitenta e oito do Livro do Tombo das Belas Artes, referentes ao conjunto arquitectónico da Cidade de Olinda.”

“ ...

Aos nove dias do mês de Março de mil novecentos e setenta e seis, Recife, PERNAMBUCO.

VISTO: José Ferrão Castelo Branco<sup>56</sup>”

IPHAN do Recife – Arquivo de Obras – Pasta *Convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda*.

Inédito.

---

<sup>56</sup> Nome em rubrica.



**Doc. 82**

1976, Abril, São Cristóvão-Se

PROJECTO BÁSICO DE SERVIÇOS DE EMERGÊNCIA DE IMUNIZAÇÃO NO MUSEU DE ARTE SACRA, DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA CIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO-SE.

“Projeto Básico de Serviços Emergenciais de Imunização no Museu de Arte Sacra em São Cristóvão/SE

**A) Objeto:**

Imunização da Ordem Terceira de São Francisco na cidade de São Cristóvão-SE, hoje Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/Se.

**B) Objectivo:**

As colônias de cupins que estão se alastrando pelas dependências do monumento e seu acervo (bens imóveis e integrado).

**C) Justificativa:**

As colônias encontram-se já em expansão, saindo pela fiação elétrica e se alojando nas imagens e telas. Com o extermínio dos térmitas livre as importantes peças museológicas que se encontram nesse monumento que é um dos mais belos e importantes Museus de Arte Sacra do país, desse ataque destruidor.

**D) Resultados esperados:**

Prevenção contra o desgaste e às vezes total perda do monumento e seu acervo.

**E) Produtos / Serviços**

Monumento imunização.

**F) Especificação:**

Imunização de todo o telhado, forro pintado da capela e dos Bens Móveis e Integrados...”

MINISTÉRIO DA CULTURA

ANEXO 1

INSTITUTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

PLANO DE AÇÃO

LEVANTAMENTO DE DEMANDAS....”

“ ...

**3. Descrição do projeto ...”**

“... ”

**3.2. – Identificação do Objeto:**

A construção do conjunto franciscano iniciada no ano de 1693 e é o resultado de uma escola que adotou soluções próprias e marcou um estilo no desenvolvimento da arquitetura religiosa do Brasil. Os elementos arquitetônicos sofrem variações devido à época de construção e disponibilidade dos materiais empregados....”. “... Não se tem registro da data exata de construção das instalações da Ordem Terceira, acredita-se que tenha sido no início do século XVIII, a capela encontra-se disposta transversalmente à igreja conventual...” “ e o salão da Ordem Terceiraera ocupado pela Tesouraria Geral da Província. No início do século XX o convento foi restaurado e a última intervenção data do ano de 1996, através do IPHAN. No ano de 1974 foi inaugurado o Museu de Arte Sacra de Sergipe, instalado nas dependências da Ordem Terceira....”

IPHAN de Sergipe - Arquivo de Obras – SPPR. SUDOPE - Superintendência de Obras do Estado – Governo do Estado de Sergipe. *Programa integrado de Reconstrução das cidades históricas do nordeste – Museu de Arte Sacra e convento de São Francisco – Praça de São Francisco – São Cristóvão – Sergipe.* Projecto do Arquitecto José Wellington Costa, 3 de Abril de 1976.

Inédito

**Doc. 83**

1977, Agosto, 4, Recife

CERTIDÃO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA ENVIADA AO MINISTRO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO RECIFE, SOBRE A PROTECÇÃO AOS BENS CULTURAIS EM RESPOSTA A UM PEDIDO DE ALTERAÇÃO DO EDIFÍCIO DA ORDEM TERCEIRA.

“



**“SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

**À SECRETARIA DA VENERÁVEL ORDEM 3.ª DO SERAPHICO SÃO FRANCISCO, RECIFE.**

Em cumprimento do despacho do Senhor Chefe do 1.º Distrito do **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, CERTIFICO que a Capela Dourada e o Conjunto Igreja e Hospital – situados na Rua do Imperador e na Rua Siqueira campos, pertencentes à Venerável Ordem 3.ª do Seraphico São Francisco do Recife estão sob a proteção do Decreto Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937, Decreto que determina e assegura a proteção aos bens culturais, não podendo sofrer qualquer alteração quer externa, quer internamente; Certifico, ainda, que no prédio designado Hospital, encontra-se instalado Recolhimento de Irmãs Terceiras, que ali recebem assistência física e espiritual. E, por ser verdade, eu, JOSÉ FERRÃO CASRTELO-BRANCO, auxiliar em assuntos culturais, classe C, do primeiro Distrito do INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, lavrei a presente certidão, que vai por mim datada e assinada e visada por Ayrton de Almeida Carvalho, Chefe do Primeiro Distrito do INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

Recife 4 de Agosto de 1977

José Ferrão Castelo-Branco[assinatura]

VISTO: Ayrton Carvalho<sup>58</sup>

Chefe do Primeiro Distrito do INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

<sup>57</sup> Timbre do Serviço Público Federal.

<sup>58</sup> Assinatura.

Recebi o original da presente certidão

Em 4 de Agosto de 1977

Roberto Vilela<sup>59</sup>

Arquivo de Obras do IPHAN do Recife. *Ordem III.ª de São Francisco – Projectos Analisados*. Recife. Pasta 0.01.1.

Inédito.

---

<sup>59</sup> Assinatura.

**Doc. 84**

1978, Fevereiro, 8, Aracaju

LOCALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO CONJUNTO FRANCISCANO DE SÃO CRISTÓVÃO-SE.

“ESTADO DE SERGIPE

SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS PÚBLICAS – SUDOPE

**LOCALIZAÇÃO**

O monumento [o convento]<sup>60</sup>, localiza-se na Praça de São Francisco, em São Cristóvão – Sergipe, dominando o espaço urbano onde está situado, mesmo levando em consideração as demais edificações importantes aí existentes (Antiga Misericórdia, Antiga Assembleia, Antigo Palácio Provincial).

Sua área de localização é a de “Preservação Integral” definida nos Estudos Preliminares do Plano Urbanístico da Cidade, caracterizada como a de maior densidade de bens culturais.”

Como directriz básica, se prevê a preservação integral, de cada uma das estruturas arquitectónicas existentes, além das características ambientais da mesma. Só será permitido construções novas onde houver vestígios de construções primitivas, e, se a sua reconstrução for considerada necessária a recompor o espaço urbano, através de volumes, texturas, e cores de ambientes, mas nunca a cópia do antigo.

Esta área, cujo tratamento é específico encontra-se emoldurada por áreas mais amplas de tratamento menos rígido – a de “Preservação Ambiental”, e, numa situação mais periférica a de “Preservação da Visibilidade e Paisagem....”.

IPHAN de Sergipe - Arquivo de Obras - Arquitecto José Wellington Costa, Coordenador do Núcleo de Estruturação SUDOPE.

Inédito.

---

<sup>60</sup> Informação nossa.

**Doc. 85**

1978, Fevereiro, 8, Aracaju

JUSTIFICATIVA DO PROJECTO DE RESTAURO E ADAPTAÇÃO DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO E ORDEM TERCEIRA, PARA CENTRO DE TREINO E CURSOS CURTOS DA DIOCESE COM MUSEU DE ARTE SACRA.

**(fl. 1)**

“ESTADO DE SERGIPE - SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS PÚBLICAS – SUDOPE

“... é prioritário para 1978 definido na Programação Estadual preestabelecida, e, aprovado o seu enquadramento no Projecto Global do Conjunto Urbano da Praça São Francisco em São Cristóvão – Sergipe, pela Coordenação do Programa de Cidades Históricas do Nordeste...”

“...enquadrado na Programação preestabelecida para o estado de Sergipe, em andamento ao Programa de reconstrução das cidades Históricas do Nordeste.

Os objectivos fundamentais para o desenvolvimento do projecto são os seguintes:

- 1) A importância arquitectónica, histórica e cultural do monumento, como integrante do Conjunto especial da Praça de São Francisco;
- 2) A reutilização do monumento para Centro de Treinamento e cursos da diocese, com flexibilidade de utilização temporária por outras actividades desenvolvidas que não religiosas (Congressos, Seminários, Encontros, etc.), dotando a cidade de um equipamento carente à realizações de tal porte;
- 3) Reorganização dos espaços já utilizados pelo Museu de Arte Sacra, devido a grande riqueza do acervo em disponibilidade, sem condições de ser exposto aos visitantes;

SUDOPE-8048

**(fl. 2)**

“ESTADO DE SERGIPE - SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS PÚBLICAS - SUDOPE

- 4) A perfeita integração das actividades aí desenvolvidas com a área onde está inserido, dinamizando o fluxo natural de visitantes que a cidade já possuía;

- 5) Reanimação do monumento, reorganizando os espaços a fim de melhor abrigar as funções já desempenhadas.

Arquitecto José Wellington Costa – coordenador do Núcleo de restauração SUDOPE

SUDOPE-8048

IRSilva . &”

“ .....

**(fl. 7)**

“ESTADO DE SERGIPE - SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS PÚBLICAS – SUDOPE”

IDENTIFICAÇÃO

“ .....

- 2) TIPOLOGIA: O convento São Francisco de São Cristóvão, possui um partido arquitectónico característico a todos os conventos franciscanos construídos no Nordeste.

É resultado de uma escola, que a partir de sua origem, adoptando soluções próprias marcou um “estilo” no desenvolvimento da arquitectura religiosa do Brasil.

Apenas algumas variações quanto a composição de certos elementos no conjunto quer pela disponibilidade dos materiais empregados, quer pela época de construção os diferenciam um do outro.

O partido em planta se desenvolve em torno de um claustro; sendo de um lado a igreja colocada à esquerda (idêntico ao de Olinda, João Pessoa), e perpendicularmente a ela uma humilde capela da ordem III; nos outros lados se distribuem as demais funções necessárias ao Convento ...”

SUDOPE-8048

**(fl. 9)**

“ESTADO DE SERGIPE - SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS PÚBLICAS – SUDOPE”

“ .....

- 3) USO ACTUAL: Actualmente o conjunto da edificação representado pelo Convento, Igreja e Ordem III, encontra-se em dupla utilização assim distribuída.

O Convento com a Igreja mantém praticamente a função primitiva de culto, e outras actividades religiosas (cursilhos, treinamentos, etc.).

Na Capela da Ordem III, foi instalado em 1974 o Museu de Arte Sacra do Estado.”

“ Por outro lado a instalação do Museu ocupou uma área que se encontrava ociosa no monumento além de dotar a cidade de mais um equipamento cultural. Isso, possibilitou uma dinamização do fluxo natural de visitantes que a cidade já possuía.

**(fl. 10)**

Aracaju, 03 de Fevereiro de 1978

Arqtº José Wellington Costa<sup>61</sup>

COORDENADOR DO NÚCLEO DE RESTAURAÇÃO SUDOPE

IRSilva ./”

IPHAN de Sergipe – Arquivo de Obras : *Documentos diversos*

Inédito.

---

<sup>61</sup> Existe uma rubrica.



**Doc. 86**

1979, Abril, 27, Baía

RELATÓRIO SOBRE A NECESSIDADE DE OBRAS NA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE.

**(p. 1)**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ministério da educação e Cultura

Instituto do Patrimônio Histórico e artístico Nacional

4.ª Diretoria Regional

Relatório sobre Inspeção efetuada à Igreja e Convento de Santo Antônio, Monumento Tombado que localiza-se no Município de São Francisco do Conde, no Estado da Bahia.

Data da Viagem de Inspeção – 27 de Abril de 1979

- Relatório -

Na inspeção efetuada, destacamos os seguintes pontos importantes, dignos de especial registro:

1 – Telhados...”

“ ...

1.3 – Capela da Ordem Terceira

Nas áreas da Nave e Capela da Ordem Terceira, o problema apresenta-se de maior gravidade, em virtude da existência nestes locais, de belas pinturas, em perspectivas ilusionistas, de origem italiana, atribuídas ao Mestre José Joaquim da Rocha, executados provavelmente na segunda metade do século XVIII. Estas pinturas apresentam evidentes sinais de deterioração, causados pelas constantes infiltrações de águas pluviais, em virtude do péssimo estado dos telhados.

Estas áreas devem ter seus telhados restaurados com a máxima urgência, dando-se total proteção e segurança às pinturas, que posteriormente, necessitarão de adequada e especializada restauração....”

**(p. 2)**

“ ...

2 – Forros – Assoalhos – Igreja, Convento e Ordem Terceira–

Os forros ornados com pintura decorativa, já citados anteriormente, carecem de cuidadosa exame das estruturas, para a substituição das peças deterioradas (vigas, cambotas, etc.). As táboas necessitam de profundo e especializado exame. Para completar, deve-se salientar os tipos de forro existentes, a seguir:...”

“ ...

Ordem Terceira– Capela – Forro em gamela

...”

**(p. 4)** “... ”

Para finalizar, nos colocamos à inteira disposição de V. Sa., e da Direção Geral, para qualquer esclarecimento sobre o presente Relatório, e, apresentamos protestos de consideração e apreço.

Salvador, 30 de Abril de 1979  
Eduardo Furtado de Simas  
Eduardo Furtado de Simas  
Arquiteto

Ilm<sup>a</sup>. Sr.  
Prof. Fernando da Rocha Peres  
D. Diretor da 4.<sup>a</sup> Diretoria Regional do IPHAN  
NESTA

/wlb.

IPHAN de Salvador-Ba. Arquivo de Obras – Pasta: São Francisco do Conde.

Leitura nossa.

**Doc. 87**

1979, Julho, 19, Sergipe, Brasil

PARECER TÉCNICO SOBRE OFÍCIO DO DEPARTAMENTO DE EDIFICAÇÕES PÚBLICAS DO ESTADO DE SERGIPE PARA ANÁLISE DE MODIFICAÇÕES PROPOSTAS DENTRO DO PROGRAMA DAS CIDADES HISTÓRICAS, ABRANGENDO A IGREJA E O CONVENTO DE SÃO CRISTÓVÃO DE SÃO FRANCISCO, NO ESPAÇO DA ORDEM TERCEIRA.

**(fl. 2)**

“Serviço PÚBLICO FEDERAL  
Ministério da Educação e Cultura  
Instituto do Património Histórico e artístico nacional  
4º Directoria regional

D. FLS. N.º 02  
E. PROC. 1878 / 79  
P. RUB. [ ]<sup>62</sup>

1 – Assunto -

Emitir Parecer Técnico sobre ofício n.º 240, datado de 19 de Julho de 1979, oriundo do Departamento de Edificações Públicas do Estado de Sergipe, solicitando análise de modificações propostas para Projectos de obras em andamento, pertencentes ao Programa das Cidades Históricas.

2 – Parecer Técnico –

As modificações propostas dizem respeito aos seguintes Projectos, a saber:”

“... A – Igreja e Convento de São Francisco – São Cristóvão

Neste importante Monumento Tombado, são as seguintes as modificações, sugeridas pelos seguintes Órgãos: 4.ª D/R do IPHAN; EMSETUR; Museu de Arte Sacra e Arquidiocese de Aracaju:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

VISTO

continua...”

---

<sup>62</sup> Rubrica ilegível.

**(fl. 3)**

“Serviço PÚBLICO FEDERAL  
 Ministério da Educação e Cultura  
 Instituto do Patrimônio Histórico e artístico nacional  
 4º Directoria regional

D. FLS. N.º 03  
 E. PROC. 1878 / 79  
 P. RUB. [ ]<sup>63</sup>

continuação...

01 – Preservação, sem divisão interna (A área estava prevista para Directoria, Secretaria e arquivo), do espaço único existente, que passará a funcionar como Sala de Estar e exposição.

02 – A área prevista anteriormente para Biblioteca e Sala de Conservação, foi remanejada<sup>64</sup>, para ocupação como Directoria, Secretaria e Arquivo do Museu.

03 – a nova construção que já estava levantada, em estrutura de concreto armado, e que já seria área de apoio ao Museu (Sanitários, Apartamento do Vigia, etc.), situada na área posterior do Monumento será demolida, tendo em vista que a sua volumetria criaria interferência visual prejudicial ao imóvel tombado.”

IPHAN de Sergipe – Arquivo de Obras : *Diversos*.

Inédito.

---

<sup>63</sup> Rubrica ilegível.

<sup>64</sup> *Sic*.

**Doc. 88**

1980, Janeiro, 7, Salvador-Ba

INSPECÇÃO DAS OBRAS EM EXECUÇÃO NA IGREJA, CONVENTO E ORDEM TERCEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO-SE, E AGENCIAMENTO DA PRAÇA SÃO FRANCISCO.

**(fl. 1)**

“SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MEC – SPHAN – 4.<sup>a</sup> D. R.

Ofício n.º 07/80”

“ ...

01 – Nos Telhados da Ordem Terceira, foram efectuados as importantes correcções, solicitadas pela 4.<sup>a</sup> D. R., e referentes á concordância entre as águas dos diversos telhados, com seus respectivos Beirais.”

“ ...

03 – No Forro da nave da Ordem Terceira, os trabalhos de restauração artística da pintura decorativa antiga que orna as tábuas foram suspensos, por irregularidades constatadas no indevido aparafusamento das tábuas.”

**(fl. 2)**

“ ...

Oficiámos também a EMSETUR, orientando a correcta técnica a ser usada, para o aparafusamento das tábuas, de modo não ofender a significativa pintura antiga.”

“ ...

05 – Deve-se observar o máximo cuidado, na aplicação do processo «Jacto de Areia», visando a correcta limpeza dos elementos de cantaria, existentes nas fachadas, e no interior do Monumento, ou seja, a Igreja, Convento e ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco.”

IPHAN de Sergipe – Arquivo de Obras : Diversos.  
Inédito.

**Doc. 89**

1980, Sergipe

OBRAS DE AGENCIAMENTO DA PRAÇA SÃO FRANCISCO, LOCAL DE IMPLANTAÇÃO DO COMPLEXO FRANCISCANO DE SÃO CRISTÓVÃO QUE INTEGRA ORDEM TERCEIRA.

**(fl. 6)**

“SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

D. FLS. N.º 6

E. PROC. 7.59 / 80

P. RUB. Helena

“... 03.2 – Igreja, Convento e Ordem Terceira de São Francisco.

Prosseguem as importantes obras no Monumento Tombado pela PSHAN.

As obras, integrantes de Programa das Cidades Históricas, foram por nós vistoriadas, em companhia do Arquitecto José Wellington Costa, dos DEP, autor do Projecto de Restauração e Adaptação, o fiscal das Obras pelo DEP.

Na inspecção, constatámos os seguintes factos dignos de registo, e que, a seguir, serão relatados:

**(fl. 7)**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

D. FLS. N.º 7

E. PROC. 7.59 / 80

P. RUB. Helena

A – As obras de restauração artística da Pintura Decorativa Antiga, do Forro da Nave da Ordem Terceira, encontram-se paralisadas, desde a nossa recente inspecção (Janeiro de 1980)...”

“...Salientamos ainda, que o SPHAN enviou à EMSETUR, Croquis sobre como deve ser efectuado o correcto aparafusamento das tábuas, pela parte superior, sem ofender a importante pintura antiga.”

IPHAN de Sergipe – Arquivo de Obras : *Diversos*.

Inédito.

**Doc. 90**

1982, Abril, 28, Baía

RELATÓRIO DA SECRETARIA DA CULTURA DO IPHAN, 5.<sup>a</sup> DIRECTORIA REGIONAL, RESPEITANTE À VISTORIA DE QUE FOI ALVO O FORRO DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA.

“Ministério da de Educação e Cultura

Secretaria da Cultura

**Fundação Nacional próMemória**

5.<sup>a</sup> Diretoria Regional

RELATÓRIO

Assunto: vistoria no Convento de São Francisco do Conde

Data: 28.04.82

Procedemos a vistoria no referido Convento e observamos os seguintes problemas:

...”

“...

3 - O forro do Salão da Ordem 3.<sup>a</sup> do Convento (pintura atribuída a José Joaquim da Rocha) medindo 150m<sup>2</sup> total, composto de um medalhão com 40m<sup>2</sup>, necessita ser removido para ser restaurado, igualmente à parte esquerda lateral do medalhão com extensão de 10m<sup>2</sup>, tomando-se as mesmas precauções já mencionadas acima. O friso que contorna o forro, se encontra sobrecarregado de entulhos de resto da restauração anterior ao telhado, causando o seu afastamento, sendo urgente a necessidade de limpeza do mesmo, bem como a remoção do friso central, que se encontra em/ **(s. p.)** péssimo estado, devendo-se, antes de sua retirada, tomar as mesmas precauções do faceamento, numeração das tábuas, desenhos esquemáticos e documentação fotográfica. Como tudo está em péssimo estado, recomendamos a presença de



um técnico do Atelier de Restauração deste Órgão por ocasião dos trabalhos, para que sejam observadas as nossas recomendações.

Salvador, 29 de abril de 1982

Maria Antónia Barreiro López<sup>65</sup>  
MARIA ANTÔNIA BARREIRO LOPES  
Restauradora – 5.<sup>a</sup> DR da SPHAN/FNPM

IPHAN de Salvador-Ba. Arquivo de Obras – Pasta: *São Francisco do Conde*.

Leitura nossa.

---

<sup>65</sup> Assinatura.

**Doc. 91**

1982, Julho, 9, Salvador-Ba

INFORMAÇÃO DA ARQUITECTA RESPONSÁVEL PELAS OBRAS DE RESTAURO NO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE, SOBRE O DESMONTE DO FORRO DA NAVE DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE.

“Ministério da Educação e Cultura

Secretaria da Cultura

Fundação Nacional *pró*Memória

5.<sup>a</sup> Diretoria Regional

Informação n.º 97/82

Salvador - Bahia

Em 09.07.1982

Senhor Diretor,

Conforme conversa mantida com V. S.<sup>a</sup> na quarta feira próxima passada, dirigi-me ontem, juntamente com as restauradoras Maria Antónia Barreiros e Íris Cirne Guimarães, ao município de São Francisco do Conde, para efectuar o desmonte parcial dos forros da caepla – mor da igreja do convento e da Nave da Capela da Ordem Terceira...”

“... conseguimos executar o desmonte do medalhão central do forro da Capela da Ordem terceira, numa área aproximada de 40 m.<sup>2</sup> sendo efectuado o mapeamento das táboas decoradas, assim como a numeração de cada uma delas, para orientar o futuro remonte. O material retirado permaneceu na capela, empilhado e protegido por papéis, aguardando a possibilidade de serem restauradas algumas táboas que se encontram deterioradas quer no suporte, quer na pintura...”

“ ...

Nadir G. Franco Lima Santana<sup>66</sup>

NADIR G. FRANCO LIMA SANTANA

---

<sup>66</sup> Assinatura.

Arquiteta”

Arquivo de Obras da Bahia. IPHAN – Salvador-Ba. *Documentos Vários*.

Inédito.

**Doc. 92**

1982, Julho, 29, Salvador-Ba

INFORMAÇÃO DA EQUIPE DE RESTAURO A TRABALHAR NA IGREJA E CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA, SOBRE O RESTAURO DAS TÁBUAS DO FORRO DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA E A NECESSIDADE DE O ACELEARAR.

“Ministério da de Educação e Cultura

Secretaria da Cultura

**Fundação Nacional próMemória**

Salvador-Bahia

5.<sup>a</sup> DR

Em 29.07.82

Sr. Diretor

Conforme acerto anterior com a direção da firma empreiteira Irmãos Santos, comparecemos na terça-feira passada, ao canteiro das obras do Convento e Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco do Conde, juntamente com as restauradoras Maria Antônia Barreiro e Íris Cirne Guimarães, com a tarefa de orientar e acompanhar o desmonte parcial do forro da Capela MOR do Convento e o desmonte do cadeiral do coro....”

“ ...

Este material da Capela-Môr, juntamente com o que foi retirado da capela da Ordem Terceira, aguardam a assintência da equipe de restauradores de arte desta 5.<sup>a</sup>. PR; para serem restauradas e posteriormente recolocadas em seus devidos lugares....”

“ ...

Consideramos oportuno salientar desde agora a V. S. da urgência de que sejam executados os serviços de restauração das táboas dos forros, afim de que estes estejam prontas em tempo hábil (até o fim dos trabalhos de restauração da estrutura) para serem recolocados.

Sem mais para o momento,

Nadir Gomes F. Lima Santana<sup>67</sup>  
Nadir Gomes F. Lima Santana  
Arquiteta

IPHAN de Salvador-Ba. Arquivo de Obras – Pasta: São Francisco do Conde.

Leitura nossa.

---

<sup>67</sup> Assinatura.

**Doc. 93**

1982, Setembro, 6, Salvador-Ba

OFÍCIO DO DIRECTOR DA 5.<sup>a</sup> DR DA SPHAN/FNPM, AO VIGÁRIO DA IGREJA E CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO – SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA, SOBRE O RESTAURO DAS TÁBUAS DO FORRO DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO NO CONVENTO.

“Ministério da de Educação e Cultura

Secretaria da Cultura

**Fundação Nacional próMemória**

5.<sup>a</sup> Diretoria Regional

Ofício n.º 563/82

Salvador, Bahia

Em 06.09.82

Do Diretor da 5.<sup>a</sup> DR da SPHAN/FNPM

Ao Vigário da Igreja e Convento de Santo António – São Francisco do Conde

Assunto – Restauração da Pintura do Forro da Capela-Mór

Revmo. Sr. Vigário

Em prosseguimento à restauração em execução pela SPHAN/FNPM na Igreja e Convento de santo António – município de São Francisco do Conde, informamos que as táboas ornadas com pintura decorativa dos forros da Capela Mór da Igreja do Convento e da Ordem Terceira, deverão ser transportadas para a sede da 5.<sup>a</sup> DR da SPHAN/FNPM em Salvador, a fim de receberem a adequada restauração artística....”

“ ...

Atenciosamente

Ary Guimarães

Diretor da 5.<sup>a</sup> DR da SPHAN/FNPM

Ao Revmo. Vigário da Igreja e convento de santo António

45.900 – São Francisco do Conde – BA...”

IPHAN de Salvador-Ba. Arquivo de Obras – Pasta: *São Francisco do Conde*.

Leitura nossa.

**Doc. 94**

1982, Outubro, 4, Salvador-Ba

RELATÓRIO FINAL DAS OBRAS ESPECIAIS DE RESTAURO E CONSERVAÇÃO QUE SE EFECTUARAM NA IGREJA, CONVENTO E ORDEM TERCEIRA DE SANTO ANTONIO, DE SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA.

“Ministério da Educação e Cultura

Secretaria da Cultura

Fundação Nacional *pró*Memória

5.<sup>a</sup> Representação Regional da FNPM

Salvador - Bahia

Em 04.10.1982

RELATÓRIO FINAL

Tendo realizado inspeção nas Obras Especiais de Restauração e Conservação que se estão efectuando em beneficio da Igreja Convento e Ordem Terceira de Santo Antonio, localiazada no município de São Francisco do Conde, neste Estado da Bahia, temos a informar que os serviços se encontram concluidos, estando relacionados a seguir:

Ala Lateral da Ordem Terceira– Telhado

- Retirada do telhamento e do madeiramento leve (caibros e ripas)
- Examinado o madeiramento pesado da estrutura, foram substituídos:

Frechais = 60,00 m.

Pernas da Tesoura = 60,00 m.

Tirantes = 45,00 m.

Cumieira = 30,00 m.

Pontaletes = 9,00 m.



- Substituição de todo o madeiramento leve, devidamente imunizados (300,00 m<sup>2</sup>)
- Executado novo telhamento, sendo as telhas todas grampeadas
- Executado cravejamento nos locais necessários (cimalha, cumieira, algerozes)

#### Capela da Ordem Terceira– Forro

- Executada a armação dos andaimes, com peças bem contraventados que permitiram escoramento parcial do forro com pintura decorativa;
- Retirada cuidadosa, com orientação de técnicos da SPHAN – FNPM, das táboas ornadas que compunham o medalhão central do forro da capela, e que se encontravam em mau estado de conservação, necessitando restauração. Foi executado na ocasião a numeração das táboas para posterior recolocação após serem recuperadas:
- Retirada e posterior recolocação do telhamento e estrutura do telhado para facilitar os trabalhos de recuperação da estrutura do forro;
- Substituição das peças estragadas da estrutura do forro, por peças / **(fls. 2)** novas, em madeira de lei (vigas e cambotas)
- Imunização geral da estrutura do forro
- Limpeza e retirada de escombros existentes entre as taboas do forro e paredes externas (regiões das cambotas)..."

" ...

**(fl. 3)**

" ...

#### OBSERVAÇÕES:..."

" ...

- Durante o desmonte do sistema estrutural do telhado da Capela da Ordem Terceira, notou-se a necessidade de substituição da grande/ **(fl. 4)** parte do frachal (*sic*), assim como a substituição de peças das tesouras, serviço este que foi executado pela empreiteira.
- Embora haja sido executado o serviço de cravejamento total das telhas na área vizinha ao consistório, o telhado apresentou vazamentos. Em visita à obra, combinou-se com a

empreiteira a execução de um sistema colector de águas dos telhados vizinhos que sobrecarragavam a pequena área, no intuito de solucionar o problema...”

“ ...

Nadir Gomes Franco Lima Santana [assinatura]

NADIR GOMES FRANCO LIMA SANTANA

- ARQUITETA DA  
SPHAN/FNPM”

Arquivo de Obras da Bahia. IPHAN – Salvador-Ba. *Documentos Vários*.

Inédito.

**Doc. 95**

1983, Agosto, 22, Salvador-Ba

OFÍCIO DO DIRECTOR DO IPHAN À SECRETARIA DA CULTURA DO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, SOBRE AS OBRAS DE RESTAURO DOS FORROS DA IGREJA CONVENTUAL E DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO OO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA.

“Ministério da de Educação e Cultura

Secretaria da Cultura

**Fundação Nacional próMemória**

5.<sup>a</sup> Diretoria Regional

Ofício n.º 564/83

Salvador, Bahia

Em 22.08.83

Do Diretor da 5.<sup>a</sup> DR da SPHAN/FNPM

Ao Secretário de Cultura do MEC

Assunto – Igreja e Convento de Santo António – Município de São Francisco do Conde – Bahia.

Senhor Secretário,

Atendendo á solicitação de V. Sa. Temos a informar o seguinte, referente à Igreja e Convento de santo António, sito no Município de São Francisco do Conde, Estado da Bahia:

01 – A 5.<sup>a</sup> DR. Da SPHAN já efectuou 03 importantes obras de restauração no significativo Monumento Tombado, em etapas sucessivas, destacando-se os seguintes trabalhos:

01.1 – Restauração total dos telhados da nave da Igreja, Capela Mór, Salão da Ordem Terceira e ala lateral do salão.

01.2 – Restauração total das estruturas de madeira dos forros ornados com importante pintura decorativa antiga nas áreas da Nave da Igreja, Capela Mor e Ordem Terceira (Salão).

01.3 - ...”

“ ...

Ilmo. Sr.

Dr. MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

MD. Secretário de Cultura do MEC

Setor Comercial Norte – Quadra 02 – Bloco K

70.710 – Brasília – DF

EFS/rs”

IPHAN de Salvador-Ba. Arquivo de Obras – Pasta: *São Francisco do Conde*.

Leitura nossa.

**Doc. 96**

1987, Novembro, 11, Salvador-Ba

COMUNICADO DA CHEFE DO SECTOR DE RESTAURO DE BENS MÓVEIS DE SALVADOR-BA PARA A COORDENADORA DA PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E NATURAIS DO IPHAN DE SALVADOR, SOBRE ENVIO DE DOSSIER DE OBRAS DE RESTAURO ARTÍSTICO DAS TÁBUAS DO PAINEL DO TECTO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE.

|                           |                           |                  |
|---------------------------|---------------------------|------------------|
| <b><u>“próMemória</u></b> | <b>COMUNICADO INTERNO</b> | DATA<br>11.11.87 |
|                           |                           | FOLHA N.º        |

|   |                     |                                   |
|---|---------------------|-----------------------------------|
| AÇÃO<br>Manutenção e expansão SRBM  | N.º DA C.I.<br>292. | ASSUNTO<br>Restauração das tábuas |
| REMETENTE<br>Íris Ventura Cirne Guimarães                                       |                     |                                   |
| DESTINATÁRIO<br>Nadir G. F. Lima – Coord. Preserv. de Bens Culturais e Naturais |                     |                                   |

Sra. Coordenadora,

Segue em anexo todo o dossier das obras de restauro artístico realizadas sobre as tábuas centrais do painel do tecto da Ordem 3.<sup>a</sup> do Convento de santo António no município de São Francisco do Conde e é com imenso constrangimento que apesar de termos providenciado com grande esforço a restauração, parcial neste ano de 1987 deste magnífico forro, esteve aguardando restauro durante quatro anos nas dependências do Setor de Restauração de Bens Móveis, vemo-nos impossibilitados de darmos prosseguimento por falta de verbas a restauração do restante das tábuas policromadas que ainda encontram-se fixadas ao seu local de origem, algumas já em processo de decomposição e que fazem parte integrante da composição do painel.

Esperamos por em prática a conclusão da segunda parte deste trabalho de restauro artístico no ano de 1988, quando esperamos que seja incluído no plano de ação com a devida prioridade uma vez que o armazenamento das tábuas agora restauradas nas dependências no Setor de Restauração não é o ideal e poderá vir a provocar consequências desastrosa as mesmas caso transcorra muito tempo para a sua recolocação ao local de origem.

Certa de que seremos atendidos em nossas reivindicações sem mais para o momento,

Íris Ventura Cirne Guimarães<sup>68</sup>

Íris V. C. Guimarães

Chefe Setor Rest. Bens Móveis”

IPHAN de Salvador-Ba. Arquivo de Obras – Pasta: *São Francisco do Conde*.

Inédito.

---

<sup>68</sup> Assinatura

**Doc. 97**

1987, Novembro, 11, Salvador-Ba

RELATÓRIO TÉCNICO DA CHEFE DO SECTOR DE RESTAURO DE BENS MÓVEIS DO IPHAN DE SALVADOR-BA PARA A COORDENADORA DO SECTOR DA PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS E NATURAIS DO IPHAN, SOBRE AS OBRAS DE RESTAURO ARTÍSTICO DO PAINEL DO TECTO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO NO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE.

**(p. 1)**

“Ministério da Cultura

Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico  
Nacional

**Fundação Nacional próMemória**

Salvador, 11 de novembro de 1987

DE: Íris V. C. Guimarães – Chefe Setor Rest. Bens Móveis

PARA: Nadir G. F. Lima – Coord. Preserv. Bens Culturais e Naturais

**RELATÓRIO TÉCNICO**

SRA. COORDENADORA

Estamos encaminhando a V. Sa. O Relatório técnico sobre as obras de restauro artístico do painel do teto da Ordem Terceira do Convento de Santo António, da Irmandade franciscana , situado no município de São Francisco do Conde, neste estado da Bahia.

**IDENTIFICAÇÃO DA OBRA**

Tipo: Painel do teto da Ordem 3.<sup>a</sup> do Convento de Santo António.

Matéria-Prima: Óleo sobre madeira.

Tema: Imaculada Conceição subjugando o Dragão

Localização do Monumento: Capela dos Terceiros, perpendicular a nave principal do lado do Evangelho.

Estilo: Barroco

Autor: Possivelmente José Veríssimo de Freitas

Época: 1700-1800\*

Medidas: 12,50m x 3,73m...”

“ ...

**(p. 2)**

“ ...

#### Dados Históricos

O «Convento de Santo António», no município de S. Francisco do Conde é constituído de Igreja, Convento e Ordem Terceira, de elevado valor monumental. Fundado em 1618 e concluído em 1633. é reconstituído por Frei Manuel das neves; os trabalhos duram até o século XVII.

Em 15 de Fevereiro de 1718, lançou-se a pedra fundamental do templo e em 25 de Março de 1722 foi celebrada a primeira missa. O claustro do século XVII foi profundamente remodelado no século seguinte.

Da capela da Ordem dos Terceiros que foi dividida em dois pisos, possui gorro em gamela, com pintura ilusionista atribuída a José Veríssimo de Freitas cujo tema é «Imaculada Conceição Subjugando o Dragão»...”

“ ...

#### Análise Clínica da Obras...

“ ...

A parte pictórica apresentava camada de verniz de proteção oxidada além de sujidades oriundas de excrementos de insetos, respingos de tinta de parede e depósitos de sedimentação de escorrimento de goteiras...”



(p. 4)

“ ...

Íris Ventura Cirne Guimarães<sup>69</sup>

Íris V. C. Guimarães

Téc. Em Rest. E Conserv. 5.<sup>a</sup> RR.”

IPHAN de Salvador-Ba. Arquivo de Obras – Pasta: *São Francisco do Conde*.

Leitura nossa.

---

<sup>69</sup> Assinatura.

**Doc. 98**

S. d., Sergipe

DADOS HISTÓRICOS SOBRE O CONJUNTO FRANCISCANO DE SÃO CRISTÓVÃO-SE E A ORDEM TERCEIRA.

“2. Igreja e Convento de São Francisco”

“... No Convento, quando São Cristóvão era capital, funcionou a assembleia Provincial, por muitos anos, bem como a antiga Tesouraria Geral da província, no grande salão do pavimento superior da Ordem Terceira.”

“... à direita do conjunto arquitectónico<sup>70</sup>, a Ordem Terceira de São Francisco, com bonito portal trabalhado na mesma pedra calcária do claustro [pedra amarelada]<sup>71</sup>, local escolhido, pela Arquidiocese de Aracaju para instalar o Museu de Arte Sacra...”

“... Na ala esquerda, ou na Ordem Terceira, foram substituídas as sacadas de madeira pelas de ferro...”

IPHAN de Sergipe – *Documentos avulsos*.

Inédito.

---

<sup>70</sup> Afirmação estranha, pois as instalações dos Terceiros foram construídas à esquerda da Igreja conventual.

<sup>71</sup> Informação nossa.